GEOFFREY CHAUCER



OS CONTOS DE CANTUÁRIA

(The Canterbury Tales)

Apresentação e tradução de
PAULO VIZIOLI

T. A. QUEIROZ, EDITOR

Os Contos de Cantuária
(*The Canterbury Tales*)
Geoffrey Chaucer

APRESENTAÇÃO

1. *A Época*

Geoffrey Chaucer começou a compor *Os Contos de Cantuária* no ano de 1386, ou seja, há precisamente seiscentos anos atrás. Naquela época, a Inglaterra era um país misto, meio insular e meio continental, e seus reis tinham, às vezes, interesses até maiores no solo francês do que na própria Grã-Bretanha. Tal situação, advinda da conquista normanda levada a efeito por Guilherme-o-Conquistador em 1066, prolongou-se por todo o período Angevino, ou Plantageneta, e terminou apenas em 1453, quando a Guerra dos Cem Anos chegou ao fim.

Nem todas as preocupações dos soberanos ingleses, porém, se prendiam aos seus territórios continentais e à ambição de preservá-los ou ampliá-los. Outros problemas solicitavam igualmente a sua atenção, tanto no conjunto do universo europeu, – como as disputas com a Igreja de Roma, – quanto na parte exclusivamente insular do reino, – como os duros conflitos com o País de Gales e a Escócia, e os atritos com os "barões", os nobres que pretendiam delimitar o poder da coroa a fim de aumentarem o seu próprio. À medida em que a nação rompia esses elos com o mundo exterior (perdendo as possessões francesas e amenizando a sujeição a Roma) e equacionava as suas questões internas, ia adquirindo consciência de sua insularidade e de sua identidade, e preparando-se para os esplendores da era Tudor, que marcaria o início da Inglaterra moderna.

Foi no século XIV, o século de Chaucer, que esse processo evolutivo se acelerou, sobretudo nos aspectos referentes à luta do trono com a aristocracia e ao confronto com a França. A luta dos reis com os "barões", por exemplo, alcançou então seus momentos mais dramáticos, quando não trágicos, pois acarretou a deposição e a morte de dois monarcas, Eduardo II e Ricardo II. E, entre um e outro, reinou Eduardo III (1327-1377), o qual, para granjear a simpatia dos nobres, não só lhes concedeu vários dos privilégios que reivindicavam, não só estimulou seu gosto pela pompa e pelos antigos ideais cavaleirescos, mas também insuflou sua imaginação e seu nacionalismo ao dar início à Guerra dos Cem Anos, que inaugurou com as estrondosas vitórias de Crécy e de Poitiers.

É claro que esse conflito com a França teve diversas outras causas, sendo uma das mais importantes a defesa dos interesses econômicos da Inglaterra no comércio com a Flandres. Graças a isso, e também a outras medidas que tomou, Eduardo III pôde contar igualmente com o apoio da burguesia. E não era para menos, visto que, em seu tempo, cresceram os intercâmbios, aumentaram as exportações (notadamente a da lã, a principal riqueza do país) e desenvolveram-se as cidades (a população de Londres chegou a quase 50.000 habitantes). Foi, portanto, uma fase de otimismo e de confiança. Mas, infelizmente, muitos desses avanços eram ilusórios.

Assim, se o comércio prosperava, as estradas (se bem que melhores que nos dois séculos seguintes) continuavam precárias e perigosas, obrigando as pessoas, – a exemplo dos peregrinos de Chaucer, – a viajarem em grupos para se protegerem dos salteadores. Se as cidades se tornavam mais populosas, também ficavam cada vez mais apertadas dentro de suas velhas muralhas, com ruas estreitas e fétidas, propícias à propagação dos incêndios e das epidemias. A pior dessas epidemias, aliás, verificou-se em 1348, quando a Peste Negra, depois de assolar o continente, aniquilou um terço da população do país, provocando a escassez de braços para o trabalho nos campos e a queda da produção agrícola. A crise econômica, que se originou daí, por um lado acirrou o descontentamento social, e, por outro, levou à falta de recursos para o prosseguimento da guerra com a França.

Esses problemas todos recaíram sobre Ricardo II (1377-1399), neto e sucessor de Eduardo III. Foi no seu reinado que, em 1381, sob a chefia de Wat Tyler, eclodiu a violenta Revolta dos Camponeses, os quais, descontentes com os abusos que lhes eram impostos para que compensassem a falta de mão-de-obra, por pouco não subverteram completamente a ordem

estabelecida. E foi no seu reinado que, pela primeira vez, os ingleses tiveram que recuar na França, perdendo para Duguesclin quase todas as conquistas iniciais. No final do século, portanto, o otimismo cedeu lugar ao desânimo e ao temor. A peste, a miséria, a rebeldia, a derrota, as injustiças, – tudo parecia sugerir um mundo em desagregação. E, para piorar as coisas, a própria Igreja, o grande sustentáculo dos valores tradicionais, estava em franco declínio, desmoralizada pela transferência da sede do Papado para Avignon e, mais tarde, pelo Grande Cisma. O clero, tanto o secular (com os seus párocos absenteístas, sempre à cata de postos mais lucrativos nos grandes centros) quanto o regular (com os seus monges mundanos e frades sem escrúpulos), estava minado pela corrupção. O sentimento anticlerical crescia, levando muitos a ver com bons olhos o movimento reformista de John Wyclif, cujos adeptos, os fanáticos "lollards", chegaram a ameaçar a ordem pública. E todas essas dificuldades, acrescidas de outras (como o recrudescimento dos atritos com os galeses e os escoceses), iriam continuar por muito tempo ainda, até que, finalmente, a Inglaterra encontrasse o seu caminho. A época de Chaucer, portanto, se encerra com uma nota de pessimismo.

Naturalmente, todos esses fatos deixaram reflexos na vida cultural, na literatura e na arte do período. Mas nenhum deles teve tanto peso nesses setores quanto o íntimo relacionamento com a França. De fato, a própria *língua* inglesa se formou sob o influxo do país vizinho, pois, tendo perdido o prestígio de que gozara na era anglo-saxônica ("o inglês antigo") e tendo sido abandonada pela corte e pelos letrados em favor do francês e do latim, respectivamente, ela ressurgiu no tempo dos reis Angevinos com sua sintaxe germânica extremamente simplificada e com um vocabulário predominantemente latino, tornado-se o assim-chamado "inglês médio", que iria transformar-se, a partir do século XVI, no "inglês moderno". Graças aos contactos com a França, também a *métrica* inglesa passou por profundas alterações, substituindo gradativamente o sistema aliterativo herdado dos anglo-saxões pela contagem silábica e pela rima.

Finalmente, foram os modelos franceses que determinaram os *gêneros* e boa parte da *temática* da literatura em inglês médio. É o que se pode constatar, por exemplo, na poesia lírica, com suas "canções" de derivação provençal (como as "reverdies" e as "vilanelles"), seus instrutivos "debates" entre animais (como o debate entre *A Coruja e o Rouxinol*, que contrapõe o pragmatismo racional ao esteticismo emocional), suas encantadoras "visões" (que vieram na esteira do *Roman de la Rose*, traduzido por Chaucer) e suas "baladas" aristocráticas, fiéis aos moldes da corte de Paris. A presença francesa, na verdade, se faz notar em praticamente todas as obras, desde aquelas de caráter popular, como os "fabliaux", maliciosos e às vezes indecentes, até os "romances de cavalaria", com seus dois ciclos principais, o Arturiano (sobre o Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda) e o Antigo (sobre figuras da antiguidade clássica). E nos trabalhos em prosa, quase sempre, não se pode sequer falar em imitação ou adaptação, mas em tradução direta, como se verifica em inúmeros sermões, tratados morais e relatos de viagens (a começar pelo célebre livro das *Viagens de Sir John Mandeville*).

Entretanto, os trágicos acontecimentos, as convulsões sociais e as inquietações que perturbaram a segunda metade do século XIV logo tornaram essa literatura, formalista e artificial, largamente inadequada. É verdade que foi nessa época que a Inglaterra produziu o seu maior "romance de cavalaria", que foi *Sir Galvão e o Cavaleiro Verde*, atribuído a um autor anônimo conhecido como "o Poeta de *Pérola*". Mas, com o rápido desaparecimento dos ideais cavaleirescos, tais "romances" já estavam mais voltados para o passado que para o presente. O que o presente exigia era que as velhas formas fossem retrabalhadas com um enfoque mais realista e firmes tomadas de posição. E foi exatamente isso o que fizeram os maiores escritores do período, como William Langland, com sua indignada condenação dos vícios da sociedade em *A Visão de Pedro-o-Camponês* ("The Vision of Piers Plowman"), e John Gower, que, embora sem a mesma simpatia de Langland pelas classes menos favorecidas, também era um ferrenho moralista.

Se, porém, esses escritores lograram encarnar melhor a sua época, não tiveram talento suficiente para transcendê-la. O único que conseguiu isso, produzindo uma obra que tinha algo a dizer não apenas aos homens de seu tempo mas também às gerações futuras, foi Geoffrey

Chaucer, o primeiro nome da literatura inglesa de grandeza universal.

2. *O Autor*

Pouco se conhece da vida e da personalidade de Chaucer, embora, como já se ressaltou, haja mais dados a seu respeito do que a respeito de Shakespeare, por exemplo, que viveu duzentos anos mais tarde. A parte mais nebulosa de sua biografia é a inicial. Sabe-se que nasceu em Londres, por volta de 1340, e que era filho de John Chaucer, comerciante de vinhos. Seu pai deve ter sido pessoa de certa influência, pois conseguiu colocá-lo como pajem junto ao Príncipe Lionel, terceiro filho do rei Eduardo III, dando-lhe assim a oportunidade de familiarizar-se com o manejo das armas e a etiqueta da corte, de ampliar os seus conhecimentos de latim e francês, e de completar a sua formação com a leitura de autores antigos e contemporâneos. Segundo alguns, Chaucer também teria freqüentado uma das duas escolas de Direito então existentes em Londres. Em 1359, esteve lutando na França. Feito prisioneiro, foi resgatado por Eduardo III, que, mais tarde, faria dele um de seus valetes.

Por seis anos, de 1360 a 1366, Chaucer desaparece de cena. A primeira informação que temos após esse período é a de seu casamento com certa Philippa de Roet, uma dama a serviço da rainha. Tem-se igualmente notícia de que pelo menos dois filhos nasceram desse matrimônio: Thomas, que ainda viria a ocupar importantes cargos públicos, e Lewis, a quem o escritor dedicaria o seu *Tratado do Astrolábio*. É provável também a existência de uma filha. Essa união certamente estreitou as ligações do poeta com a corte, visto que a irmã de Philippa, Katherine, convidada para preceptora dos filhos de John of Gaunt, – quarto filho de Eduardo III e pai do futuro rei Henrique IV, – acabou se tornando amante e, depois, esposa do patrão.

Essa longa associação com a realeza, além de estimular a atividade literária de Chaucer, – tanto assim que todas as suas obras foram obras de ocasião, destinadas à leitura perante a corte, – dava-lhe a oportunidade de aprofundar os seus contactos com os grandes centros culturais e artísticos do continente europeu. E isso porque o rei freqüentemente o incumbia de missões diplomáticas no exterior, enviando-o ora para Navarra, ora para a Flandres e a França, ora para a Itália. Particularmente profícuas foram as suas duas visitas (1372 e 1378) à península italiana, onde não só se encontrou com figuras políticas de relevo, como Bernabò Visconti, o temível tirano de Milão, mas também descobriu uma literatura rica e inovadora nas obras de Dante, Boccaccio e Petrarca, o último dos quais talvez tenha conhecido pessoalmente.

De 1374 a 1386 Chaucer exerceu as funções de Inspetor Alfandegário junto aos mercadores de lã. Foi essa a fase financeiramente mais próspera de sua vida, uma vez que, além de contar com renda anual apreciável e com várias outras vantagens, foi autorizado a residir nos aposentos superiores de Aldgate, uma das portas de Londres, com vista para a cidade e para os campos.

Por coincidência ou não, os tempos difíceis começaram para ele quando o Duque de Gloucester e seus sequazes delimitaram os poderes de Ricardo II, de quem Chaucer era partidário, condenando vários seguidores do rei à morte. Nessa época, o escritor já havia deixado a casa em Aldgate e se mudara para o Kent, onde fora nomeado Juiz de Paz e eleito, mais tarde, Cavaleiro Representante do Condado no Parlamento. Mas, perdido o posto de Inspetor Alfandegário, sua situação econômica se complicou. E, como se isso não bastasse, em 1387 faleceu-lhe a mulher. Apesar de tantos contratempos, foi nesse período que, aproveitando a tranqüilidade de seu confinamento em Greenwich, onde se instalara, começou ele a compor sua obra mais ambiciosa, *Os Contos de Cantuária*.

O livro, contudo, teve que ser levado avante sem o esperado sossego, pois novos afazeres reclamaram sua atenção, e novas atribuições o aguardavam. Tão logo Ricardo II retomou as rédeas do governo em 1389, designou o poeta Fiscal de Obras do Rei, cargo que conservou até o ano seguinte e que lhe custou muito trabalho e esforço, dado que, entre os seus deveres, constavam até a compra de materiais de construção e a contratação de artesãos e operários. Além

disso, era também sua responsabilidade a guarda do dinheiro para as obras, o que lhe trouxe algumas dores de cabeça. De fato, ao transportar tais valores em setembro de 1390, Chaucer foi assaltado duas vezes num mesmo dia, e pelo mesmo bando, tendo que esperar cinco angustiantes meses para ser oficialmente dispensado da obrigação de ressarcir os prejuízos. Depois disso, provavelmente não exerceu outras funções públicas, visto que a sua suposta indicação para o cargo de Couteiro Auxiliar da Floresta de Petherton, no condado de Somerset, não pode ser comprovada. Envelhecido, e com poucos recursos, o poeta chegou a sofrer vários processos por dívidas. Até mesmo o estipêndio anual que recebia da Coroa ele perdeu, quando Ricardo II foi destronado em 1399. Foi nesse momento crítico que, sem perder o bom humor, enviou ao novo soberano a famosa balada "O Lamento de Chaucer para a sua Bolsa Vazia"; e Henrique IV, filho de seu amigo John of Gaunt, o atendeu prontamente, renovando-lhe a pensão. As coisas pareciam melhorar. Chaucer alugou então uma casa junto à Abadia de Westminster, e para lá se mudou. Mas a morte inesperadamente o colheu poucos meses mais tarde, no dia 25 de outubro de 1400. Seu corpo foi sepultado na célebre Abadia, não longe dos monumentos tumulares dos reis de seu país, o primeiro literato a merecer tal honra.

Foram esses, em resumo, os principais acontecimentos que marcaram a vida do homem Chaucer. Quanto a Chaucer, o poeta, – a respeito do qual, até agora, pouco se falou, – sua carreira costuma ser dividida em três grandes períodos. O primeiro deles foi o Período Francês, durante o qual, além de traduzir o *Roman de la Rose*, que tanto o influenciou, produziu: *O Livro da Duquesa* (1369-70), uma "visão" sobre a morte de Blanche, a primeira mulher de John of Gaunt; *O Parlamento das Aves* (1379-82?), em que o autor retrata um debate das aves sobre o tema do amor-cortês; e *A Casa da Fama* (c. 1379), em quê o poeta narra como foi transportado nas garras de uma águia tagarela para as Casas da Fama e do Boato. Esta última obra, inacabada, denuncia a transição para a fase seguinte, o Período Italiano. Com efeito, a importância atribuída a Virgílio e a viagem guiada de nosso poeta a estranhos reinos sugerem a influência de Dante, que iria acentuar-se nas próximas obras, ajudando-o a moldar seus ritmos e a enriquecer sua temática. Muito significativas nessa etapa foram também as contribuições de Petrarca e de Boccaccio. Neste, por exemplo, Chaucer encontrou os modelos para *O Conto do Cavaleiro* e para o grande poema *Tróilo e Criseida* (c. 1385), baseados respectivamente na *Teseida* e no *Filóstrato*. Mas, ao contrário do que muitos supõem, Boccaccio não exerceu qualquer influência direta na elaboração de *Os Contos de Cantuária*. Ao que tudo indica, o autor inglês não chegou a conhecer o *Decameron*, e o único conto deste livro a figurar em sua coletânea, – a história de Griselda, narrada pelo Estudante de Oxford, – foi adaptado de uma versão latina feita por Petrarca. De qualquer forma, a fase propriamente italiana se encerra com *A Legenda das Mulheres Exemplares* (c. 1386), uma seqüência de relatos sobre as fiéis mártires do amor ("as santas de Cupido"), que o poeta escreveu, a pedido da rainha Anne, como uma espécie de penitência por haver retratado a falsidade feminina em *Tróilo e Criseida*. Não chegou, porém, a concluir essa obra, porque outro projeto, muito mais interessante e absorvente, veio ocupar suas atenções: *Os Contos de Cantuária*, a cuja composição se dedicou de 1386 a 1400, o ano de sua morte. E foi esse o seu terceiro e último período, o assim-chamado Período Inglês, de plena maturidade.

Durante essa trajetória, não era hábito de Chaucer abandonar as conquistas de uma fase ao entrar em outra; ele simplesmente somava novos ingredientes aos elementos antigos, tratados, porém, com maior senso crítico. Por isso mesmo, até o fim da vida, as formas básicas de sua poesia sempre foram as que recebera do período francês; mas ele as ampliou com o passar do tempo e, em algumas ocasiões, as inovou, desenvolvendo a estrofe de sete versos ("rhyme royal"), o pentâmetro jâmbico, de tão brilhante futuro, e o poema herói-cômico. Também o emprego dos métodos retóricos, típicos da literatura medieval, permaneceu constante, tanto assim que praticamente todas as suas histórias foram reelaborações de textos existentes, com os cortes, os acréscimos e os embelezamentos de praxe, – como a hipérbole, a invocação, a prosopopéia, a "occupatio" (ou recusa a narrar), o "exemplum" (ou história ilustrativa), a preterição (dizer algo enquanto afirma que não vai dizê-lo) etc; mas, na última fase, esses recursos

foram perdendo o seu caráter artificial para se inserirem cada vez mais no contexto dramático da narração. É o que notamos, por exemplo, em *Os Contos de Cantuária*: se ali, por um lado, as invocações retóricas de Dórigen, no final do "Conto do Proprietário de Terras", quase chegam a arruinar uma bela história, por outro lado, a incontinência oratória da bruxa velha no "Conto da Mulher de Bath", ou as amargas diatribes que retardam o "Conto do Mercador", encontram justificativa nos temperamentos e nos estados de alma dos respectivos narradores, reforçando o efeito dramático do todo.

Quanto aos aspectos novos que Chaucer adquiriu em sua maturidade, poderíamos lembrar, entre outros (já que se tornaram características suas inconfundíveis), a flexibilidade métrica, a freqüente precisão e adequação das imagens, o uso de trocadilhos, a sutil ironia verbal, a eficiente ironia dramática, e, principalmente, a atitude objetiva (que permite vida própria às suas personagens, boas ou ruins), a profundidade da observação psicológica (que lhe consente retratar um indivíduo com apenas alguns traços essenciais), a variedade e o enfoque realista. Se ele deveu as primeiras qualidades ao trato com outros autores, sobretudo os italianos, deveu as últimas exclusivamente à sua genialidade, que o levou a tirar o máximo proveito de tudo o que aprendeu em seu convívio com homens de todas as classes sociais, reis, fidalgos, mercadores e artesãos. Mas falar dessas coisas já é falar de *Os Contos de Cantuária*.

3. *O Livro*

Os Contos de Cantuária tem, como ponto de partida, uma romaria que vinte e nove peregrinos, aos quais se associa o próprio Chaucer, fazem juntos à cidade de Cantuária, para uma visita piedosa ao túmulo de Santo Tomás Beckett. O Albergueiro do "Tabardo", a estalagem ao sul de Londres onde pernoitam, sugere-lhes que, para se distraírem na viagem, cada qual conte duas histórias na ida e duas na volta, prometendo ao melhor narrador um jantar como prêmio. São essas histórias, juntamente com os elos de ligação entre uma e outra, mais o Prólogo Geral em que os romeiros são apresentados um a um, que constituem o livro em sua essência.

Se Chaucer tivesse sido fiel a seu plano, a obra deveria conter nada menos que cento e vinte histórias. O plano, contudo, não era rígido (tanto assim que o Cônego e seu Criado se agregaram à comitiva em plena estrada). Além disso, o próprio autor logo se deu conta de sua impraticabilidade, havendo no texto claros indícios de que ele alterou o ambicioso projeto original a meio caminho, substituindo-o por uma concepção mais modesta, onde a cada peregrino caberia o encargo de apenas um ou dois contos. Mesmo com essa redução, a coletânea ficou incompleta, limitando-se a vinte e quatro histórias, duas das quais inacabadas ("O Conto do Cozinheiro" e "O Conto do Escudeiro"). Ademais, o nível artístico desses contos é bastante desigual, visto que o poeta enxertou na obra vários de seus escritos anteriores, como "O Conto do Cavaleiro", "O Conto da Prioresa", "O Conto de Chaucer sobre Melibeu", "O Conto da Outra Freira" etc, que, com exceção dos dois primeiros, são geralmente imaturos, inadequados, e, portanto, de qualidade inferior. Finalmente, há diversas incongruências, lacunas e repetições, mostrando que o autor não teve tempo de fazer a necessária revisão e disfarçar os remendos.

Entretanto, mesmo incompleto e cheio de defeitos, o texto, graças ao encadeamento lógico e psicológico das partes e ao cuidado de Chaucer em imprimir caráter conclusivo a um dos fragmentos (que culmina com "O Conto do Pároco"), não só apresenta inegável senso de unidade, mas também gratifica o leitor como poucos monumentos literários polidos e acabados conseguem fazê-lo.

O primeiro e mais óbvio mérito do livro é o de expor a nossos olhos um vasto e animado panorama da vida medieval, a começar pelo Prólogo, com sua incomparável galeria de tipos representativos das diferentes camadas da sociedade. Alguns críticos, para os quais a grandeza de um escritor parece ser diretamente proporcional a seu grau de engajamento político, gostam de frisar, a esse respeito, que, de fato, toda a sociedade medieval está presente em Chaucer, – *menos as classes mais altas e as mais humildes*. O que querem sugerir com isso é que, como bom burguês, o

autor, por um lado, temia ofender a aristocracia, e, por outro, não tinha simpatia pelos pobres. Gardiner Stillwell (cf. Schoeck e Taylor, *Chaucer Criticism*, p. 84) chega mesmo a insinuar que, se o Lavrador é uma das quatro únicas figuras idealizadas no Prólogo (ao lado do Cavaleiro, do Estudante de Oxford e do Pároco), é só porque o poeta pretende dá-lo como exemplo para as massas camponesas sublevadas por Wat Tyler (?!). Essas colocações reclamam, sem dúvida, uma análise mais cuidadosa. Evidentemente, Chaucer não era um reformador social, e o próprio fato de ele haver iniciado *Os Contos de Cantuária* com o Cavaleiro, símbolo dos ideais cavaleirescos, e concluído com o Pároco, símbolo do ideal cristão, mostra claramente os seus parâmetros. É preciso, porém, que se levem em consideração outros fatores, tais como: 1º) a inclusão de fidalgos e mendigos na romaria iria ferir os princípios do realismo, porque, como os primeiros dispunham de séquitos próprios e os segundos não dispunham dos mínimos recursos para o custeio da viagem, nenhum representante desses dois grupos extremos jamais se incorporaria à comitiva descrita; 2º) embora ausentes do *Prólogo*, os aristocratas e os pobres são abordados no corpo de vários contos, completando assim o quadro social da época; e 3º) a aceitação das bases ideológicas da sociedade em que vivia e a preferência por uma atitude estética objetiva (em lugar de panfletária) não significam que o escritor fechasse os olhos à realidade de seu tempo. Pelo contrário, somente um leitor obtuso, obcecado por idéias pré-concebidas, deixaria de perceber o quanto Chaucer, em seu livro, é sensível aos problemas e às mazelas sociais de então. Nada escapava à sua observação e à sua sátira. Assim, no *Conto de Chaucer sobre Sir Topázio*, por exemplo, o escritor aponta para a decadência dos ideais cavaleirescos, ridicularizando, na figura do efeminado e pusilânime protagonista, a usurpação das prerrogativas da nobreza pela burguesia mercantil. Como se vê por aí, ele nem defende nem se identifica plenamente com sua própria classe. E, de fato, no *Prólogo*, esboça um Mercador que esconde seus fracassos e falcatruas atrás de uma máscara de dignidade pomposa, um Proprietário de Terras Alodiais fascinado pela "fidalguia" da nobreza a que deseja ascender, um Magistrado que vive comprando terras para satisfazer idêntica ambição, e um Médico mancomunado com os boticários na exploração dos pacientes. Se ele é duro com a burguesia, também não poupa a aristocracia bem nascida, duvidando, no *Conto da Mulher de Bath* e em vários outros, da validade de suas pretensões à superioridade (ainda que repetindo objeções de Boécio). Por outro lado, recusa-se a idealizar as classes baixas, revelando abertamente as trapaças de figuras como o Moleiro, o Feitor e o Provedor. Mas é na exposição dos males da Igreja que o poeta mais se esmera, deixando entrever assim um pouco de sua simpatia pelos "lollards" (confirmada, aliás, por fontes extra-literárias). É o que verificamos no retrato da Prioresa, típica filha de família nobre sem recursos, que, não dispondo de dote para o matrimônio, é destinada ao convento, onde leva vida de dama requintada, compadecendo-se mais dos cachorrinhos que dos pobres; ou nos retratos do Monge amante do luxo e da caça, do Frade libidinoso e corrupto, ou daqueles verdadeiros rebotalhos humanos que são o Beleguim (ou seja, o Oficial de Justiça Eclesiástica) e o Vendedor de Indulgências.

Além da sociedade, também estão presentes no livro a cultura e a literatura medievais, visto que, a exemplo do *Ulysses* de James Joyce, onde cada capítulo tem uma "arte" e um "estilo", cada história de *Os Contos de Cantuária* ilustra um gênero literário diferente (em geral adequado ao narrador), e focaliza com certa minúcia uma ciência ou atividade humana. Dessa forma, podemos dizer que *O Conto do Cavaleiro*, como era de se esperar, é um "romance de cavalaria", pertencente ao Ciclo Antigo; *O Conto de Chaucer sobre Sir Topázio*, que parodia um "romance" independente, é um "poema herói-cômico"; e *O Conto do Proprietário de Terras* é um "lai de Bretagne", um gênero desenvolvido por Marie de France, não claramente definido, cuja ação se passa obrigatoriamente na região da Bretanha. Ainda no âmbito da literatura profana, "O Conto do Padre da Freira" constitui uma "fábula", mais ou menos no estilo dos "debates" entre animais; "O Conto do Magistrado" se enquadra na tradição das então populares "histórias de esposas caluniadas"; "O Conto do Escudeiro" lembra os relatos das *Mil e Uma Noites*; e os Contos do Estudante e do Mercador podem ser classificados como "novelle", uma forma narrativa que Chaucer trouxe da

Itália. Por sua vez, as histórias daquelas personagens desbocadas, – o Moleiro, o Feitor, o Cozinheiro, o Homem-do-Mar, o Frade e o Beleguim, – são típicos "fabliaux". Como amostras da literatura religiosa, temos "O Conto da Prioresa", uma narrativa dentro da tradição dos "milagres de Nossa Senhora"; "O Conto da Outra Freira", uma "legenda" ou vida de santo; "O Conto do Vendedor de Indulgências", que não passa de um "exemplum" dentro de um sermão religioso (assim como "O Conto da Mulher de Bath" se caracteriza como "exemplum" profano); "O Conto de Chaucer sobre Melibeu", que nada mais é que um "tratado moral"; e "O Conto do Pároco", que exemplifica o "sermão". Finalmente, há narrativas de difícil classificação, ou porque devem ter sido criadas pelo próprio Chaucer ("O Conto do Criado do Cônego"), ou porque são meras adaptações de Tito Lívio ("O Conto do Médico") ou de Ovídio ("O Conto do Provedor"), – enquanto "O Conto do Monge", ao oferecer uma seqüência de historietas, reproduz, em ponto menor, as coletâneas medievais, no estilo de *A Legenda das Mulheres Exemplares* ou do próprio livro em que se insere. Nem mesmo a poesia lírica é esquecida, comparecendo aqui e ali sob a forma de "invocações", "baladas" etc. Convém recordar, a propósito, que os versos iniciais da obra constituem uma "reverdie", anunciando o renascer da natureza e o renascer espiritual da humanidade na primavera (e mostrando que, para Chaucer, abril não era "o mês mais cruel"):

"Whan that Aprille with his shoures sote
The droghte of Marche hath perced to the rote,
And bathed every veyne in swich licour,
Of which vertu engendred is the flour...
...Then longen folk to goon on pilgrimages."

Mas, como já foi dito, cada conto não só ilustra gêneros literários diferentes, mas também parece focalizar propositalmente uma ciência ou mais, dando-nos assim uma ampla visão da cultura da época. Conseqüentemente, encontramos extensas referências à medicina ("O Conto do Cavaleiro"), à alquimia ("O Conto do Criado do Cônego"), à teologia ("O Conto do Frade"), à magia ("O Conto do Proprietário de Terras"), ao comércio e às finanças ("O Conto do Homem-do-Mar"), à filosofia, à retórica e assim por diante, para não se falar da astrologia, de que o poeta era estudioso apaixonado e à qual faz alusões em quase todas as narrativas.

Naturalmente, todo esse conteúdo social e cultural não tem apenas valor histórico. Quando rimos das limitações e da carga de superstição da ciência daquele tempo, ou quando nos espantamos diante dos casos de opressão, de espoliação e de corrupção descritos, somos levados a imaginar como hão de ver nossa ciência daqui a seis séculos, ou a indagar-nos se há realmente diferenças sensíveis, para melhor ou para pior, entre as injustiças e os abusos que então se praticavam e os que se praticam agora. Os contos de Chaucer oferecem-nos, portanto, um precioso referencial para a avaliação de nosso progresso e para a compreensão de nossa própria sociedade. Mesmo porque a época retratada pode ser a medieval, mas a humanidade é a de sempre.

Isso acontece devido ao fato de que, ao lado desse primeiro mérito, de interesse essencialmente sociológico, o livro ostenta um outro, não menos importante, de interesse basicamente psicológico, que decorre de sua exploração do ser humano como indivíduo e, num segundo momento, como que a fechar o círculo, de sua análise do relacionamento do indivíduo com a sociedade. Vejamos, inicialmente, o método empregado por Chaucer na caracterização do indivíduo.

Para compreendermos seu método, devemos sempre cotejar a descrição dos peregrinos no Prólogo com o seu desempenho na narração dos contos. Quando assim fazemos, logo notamos que as criações do poeta são mais que meros tipos representativos de uma classe ou grupo, pois parecem pessoas de verdade, feitas de carne e osso. Em outras palavras, não são personagens planas, mas esféricas, – às vezes, até bastante complexas, quando não contraditórias e intrigantes. Tomemos, por exemplo, a gentil Prioresa. A ironia sutil de sua apresentação no

Prólogo, como se disse há pouco, a descreve como uma dama vaidosa e delicada, compelida pelas circunstâncias da vida a tomar o hábito sem ter vocação religiosa; por conseguinte, seu conto a respeito do menino assassinado denuncia (como bem insinua o excesso de diminutivos) uma piedade apenas convencional. Contrastando, porém, com toda a sua aparente suavidade, ela revela, ao mesmo tempo, um ódio anti-semita tão intenso que chega a surpreender-nos, – se bem que não a seus ouvintes, pois (como constatou R. J. Schoeck em *Chaucer Criticism*, pp. 245-58), quando ela termina a história, paradoxalmente pedindo ao Senhor a piedade que recusa aos "malditos judeus", sua platéia fica igualmente comovida, sem se dar conta de suas contradições. Essa reação é muito sugestiva, dado que não só completa a imagem da freira, inserindo-a em seu meio, como também nos informa sobre a natureza de seu contexto social. Trata-se, portanto, de um retrato de corpo inteiro, composto, como num jogo de espelhos, pela superposição da atitude da narradora em relação à sua história, da atitude dos romeiros em relação à história e à narradora, e da atitude do peregrino Chaucer em relação à narradora e aos romeiros.

Mais intrigante ainda é o retrato do Vendedor de Indulgências, que o próprio autor não define se se trata de um homossexual, de um bissexual ou de um eunuco. De qualquer modo, estamos diante de um pervertido, que, ao chegar sua vez de narrar, talvez estimulado pela bebida, se atira sem acanhamento a uma confissão pública, em que, – tal como o Ricardo III de Shakespeare, – parece vangloriar-se de seus vícios e sua desonestidade; depois, faz uma demonstração de sua técnica de ludibriar os incautos com sermões insinceros, ilustrados por um *exemplum* ironicamente moralista (que é o seu conto), chegando finalmente, ou por excesso de empolgação ou por simples troça, ao atrevimento de tentar impingir suas "relíquias" aos próprios companheiros de viagem, como se a realidade e a ficção se misturassem. Também aqui temos o hábil jogo de espelhos, com o ominoso conto a refletir o sermão, o sermão a iluminar a confissão, e a confissão a desnudar a personagem, em meio à usual superposição de impressões do autor, do narrador e da platéia.

Foi com esse processo básico, fundamentado no princípio da união indissolúvel do narrador com a narrativa, – que Chaucer foi o primeiro a aplicar na literatura inglesa (e quiçá européia), – que ele pôde criar uma caracterização não apenas complexa e convincente, mas também de inigualável variedade.

Se a análise dos contos individuais nos fornece a psicologia dos protagonistas, dando-nos uma visão bastante realista da natureza humana, o estudo comparativo de certas histórias, reunidas em grupos, nos permite descobrir a existência de grandes linhas temáticas que, além de garantirem a unidade da obra, nos esclarecem sobre o pensamento de Chaucer a respeito, sobretudo, de questões atinentes ao relacionamento do indivíduo com outros indivíduos e com a sociedade em geral. E é bom que se acentue que essas linhas, que formam às vezes verdadeiras tramas, não dependem apenas dos encadeamentos mais óbvios, como os determinados pelas rixas entre o Moleiro e o Feitor, ou entre o Frade e o Beleguim. Além desses elos fortemente dramáticos, há também elos mais sutis e profundos, freqüentemente psicológicos e de fundo irônico. É através destes que o autor trata de alguns problemas que até hoje são palpitantes, como a natureza do amor, a mulher perante o sexo, e a vida conjugal.

O primeiro tema citado, por exemplo é amplamente discutido em "O Conto do Cavaleiro", com seu tom dignificado e sua colorida e pomposa parada medieval de rigorosa simetria. Ali, o narrador, por força de sua condição, deve admitir a viabilidade do amor como sentimento platônico e como incondicional devoção à mulher idealizada. Reconhece, entretanto, que, no mundo real, essa sublimidade dificilmente subsiste, ora descambando para a brutalidade das paixões carnais (como quando, por causa de Emília, Palamon e Arcita se esquecem do próprio código de honra da cavalaria), ora se expondo ao ridículo (como no momento em que Teseu lembra que Emília sabia do ardor dos dois rivais "tanto quanto os cucos e as lebres"). Foi só a muito custo, após sacrifícios e tragédias, que a dignidade cavaleiresca, no final, foi reconquistada, e o "amor-cortês" reafirmado. Logo em seguida, porém, vem "O Conto do Moleiro", que, ironicamente, também discorre sobre dois rivais, Absalon e Nicholas, em luta pelo

"amor" de Alison, a bela camponesa. Essa história, das mais divertidas e obscenas da literatura inglesa, sendo narrada pelo Moleiro bêbado expressamente com o intuito de "pagar" o conto do Cavaleiro, lança nova luz sobre este, envolvendo-o numa atmosfera de irrealidade. E o que o contraste de ambos sugere é que, pelo menos na vida real, o sexo pode dispensar o amor, mas o amor raramente pode se dissociar do sexo.

Se as coisas são assim, por que a sociedade reprime a vida sexual da mulher e estimula a do homem? É exatamente essa questão da posição da mulher perante o sexo que dá vida a uma outra linha temática do livro. Alguns contos, como o do Moleiro, o do Feitor e o do Homem-do-Mar, nos apresentam mulheres que aceitam ou espontaneamente procuram a atividade sexual, mas, de uma forma ou de outra, deixam implícito que elas não merecem muito respeito; outros, como os contos do Cavaleiro, do Magistrado e do Médico, – para não se falar da história de Zenóbia, em "O Conto do Monge", – procuram inculcar-nos a velha idéia de que a única mulher digna do nome é a virgem. Em todos eles, portanto, parece que à mulher só cabe optar por esses dois pólos extremos, e ou se torna prostituta, ou santa. A reconciliação de tais opostos, a síntese dessa tese e dessa antítese, finalmente é alcançada no Prólogo de "O Conto da Mulher de Bath", onde a narradora, uma das maiores figuras femininas de toda a literatura universal, mesmo sem contestar abertamente os conceitos morais predominantes, demonstra, com abundância de argumentos, que os prazeres do sexo não devem ser prerrogativa exclusiva dos homens.

Ao mesmo tempo em que atinge tal síntese, entretanto, "O Conto da Mulher de Bath" inaugura nova linha temática, visto que os pontos de vista daquela personagem sobre o casamento provocam a reação dos demais peregrinos, surgindo daí os contos que George L. Kittredge chamou de "grupo conjugai". A tese da mulher de Bath, muito bem ilustrada por sua história, é que o matrimônio só pode ser feliz quando quem manda é a mulher. A antítese vem desenvolvida em "O Conto do Estudante", que descreve a dócil submissão de Griselda, – a "esposa ideal", – aos mais absurdos caprichos do marido. O Estudante, no entanto, sentindo que sua história é falha como contra-argumento, por se afastar demais da realidade, timidamente invoca como justificativa o seu caráter simbólico (a submissão de Griselda ao marido é como deve ser a submissão do cristão a Deus); e então, num "envoi" irônico, finge apoiar a mulher de Bath e defende o direito que tem a esposa de tornar o homem miserável. Suas palavras tocam fundo na ferida de outro romeiro, que, lembrando-se de quanto era infeliz na vida conjugal, resolve desabafar o seu rancor contando a história mais impiedosamente cínica de toda a coletânea. Com efeito, em "O Conto do Mercador" não é só a mulher, a jovem Maio, com seu espírito mercenário, que é condenada; mais que ela merece desprezo o marido egoísta, o velho Janeiro, que mais cego se torna ainda depois que recupera a visão. Para o mercador, portanto, as mulheres são inescrupulosas e os homens são tolos; e o matrimônio é ilusão. Finalmente, "O Conto do Proprietário de Terras" retoma o debate e oferece a síntese, demonstrando que o casamento feliz é possível, mas somente quando há confiança mútua entre os cônjuges e nenhum manda no outro: "Quando surge a imposição, o deus do Amor bate asas, e então, adeus! vai-se embora."

Finalizando estes comentários a respeito de *Os Contos de Cantuária*, lembramos que, ao lado desse nível naturalista, onde a temática prevalecente concerne a sociedade, o indivíduo e o relacionamento do indivíduo com outros e com a sociedade, o livro encerra também um nível simbólico, geralmente de fundo religioso. Esse nível pode ser detectado não apenas nos contos individuais, mas também na própria estrutura da obra como um todo. No primeiro caso, infelizmente, a exegese ainda tem se mostrado incerta e vaga. "O Conto do Padre da Freira", por exemplo, que é a deliciosa fábula do galo Chantecler, da galinha Pertelote e de Dona Russela, a raposa, – narrada por um dos Padres que acompanham a Prioresa, – tem sido, quanto às suas implicações simbólicas, interpretado das mais diversas maneiras: para alguns, a história ilustra a necessidade que tem o cristão (o galo) de se manter em guarda contra o demônio (a raposa); para outros, que compararam as cores dos animais do enredo com as cores heráldicas do rei e dos "barões", trata-se de uma sátira política; para outros, enfim, a obra contém uma crítica às

dissenções internas do clero (abertamente mencionadas por Chaucer no início de "O Conto de Beleguim"), de modo que a viúva, dona de Chantecler, representaria a Igreja, o galo, os padres seculares, e a raposa, os frades. E não falta quem veja na narrativa um relato simbólico da Queda do Homem. Entretanto, suposições como essas, – ou como aquela que insiste em descobrir no autor a intenção de dramatizar nos diferentes contos as quatro virtudes profanas, as três virtudes teologais e os sete pecados capitais, – na verdade não ajudam muito, pois são genéricas e, em parte, subjetivas. Melhor fundamentada, porque corroborada pelo próprio Pároco no Prólogo de sua "história", é a visão da romaria para a cidade de Cantuária como uma alegoria da peregrinação da humanidade rumo à Jerusalém Celestial. Nesse ponto, o nível simbólico se funde com o nível naturalista e o justifica, visto que, em última análise, o que a obra retrata é toda a humanidade, com seus esplendores e misérias, suas desilusões e seus temores, sempre impelida avante pela esperança, e pelo sonho supremo da perfeição espiritual e da vida eterna. E de tal sonho não se exclui o autor, que, significativamente, termina o livro com sua *Retratação*, curioso ato de contrição.

Mas isso não é tudo. Outros aspectos de Chaucer, talvez menos explícitos que os já focalizados, mas não menos relevantes, estão a reclamar nossa atenção. Um deles, pelo menos, merece ser aqui sublinhado: sua atitude sempre equilibrada perante a arte e a vida, sem a qual jamais teria criado tão vivo e pujante quadro da "comédia humana". De fato, vivendo, como vimos, numa época atormentada por pestes e guerras, convulsões sociais e dissenções religiosas, superstições e fanatismos, espoliações e injustiças, soube ele preservar o bom humor e a tolerância, aceitando indulgentemente a sociedade enquanto condenava o arbítrio e a corrupção, rejeitando o pecado e o vício enquanto acolhia como irmão o pecador. Por trás de tudo, naturalmente, estava o seu interesse pelo ser humano, e, principalmente, o seu amor à vida, um amor tão intenso que até mesmo a sua obscenidade, que para alguns talvez pareça bestial ou grotesca, não passa de manifestação da alegria de viver e a expressão de salutar vitalidade. Para nós, em nosso mundo de ansiedade e neurose, de incompreensões e extremismos, é provável que a mais rica dádiva do bonachão Geoffrey Chaucer seja, exatamente, esse recado de sanidade.

4.A Tradução

Esta edição inclui a tradução do texto integral de *Os Contos de Cantuária*, exceto pelos cortes nos dois únicos trechos que, no original, se acham escritos em prosa, ou seja, "O Conto de Chaucer sobre Melibeu" e "O Conto do Pároco". Essas secções, de inferior qualidade ("a pior poesia de Chaucer é melhor que sua melhor prosa") e de pouquíssimo interesse para a grande maioria dos leitores modernos, fogem completamente ao conceito vigente de "literatura de ficção". De fato, não são "contos"", mas "tratados morais". Por esses motivos, são geralmente suprimidos nas versões da obra para o inglês moderno e, às vezes, até em suas edições no inglês medieval (como ocorre, por exemplo, em *Chaucer's Major Poetry*, de Albert C. Baugh). Esta tradução, portanto, oferece mais que os trabalhos congêneres publicados nos países anglo-saxônicos, visto que, em vez de simplesmente suprimi-los, apresenta excertos daqueles "contos", ligados por pequenas sinopses. Assim sendo, pode, com toda justiça, ser considerada completa. Aliás, é a primeira tradução completa do livro de Chaucer para o português, porque a outra versão existente, realizada em Portugal pelo Professor Olívio Caeiro, consta apenas do prólogo geral e mais dois contos.

Ao empreender este trabalho, resisti, apesar das dificuldades do texto em inglês médio, à tentação de tomar como base uma de suas adaptações para o inglês moderno. A não ser excepcionalmente, o tradutor responsável, em meu entender, deve sempre partir do original. Mesmo que assim não pensasse, as alternativas possíveis no presente caso não se mostravam muito promissoras, visto que nenhuma das versões disponíveis, para o inglês atual, me parece plenamente satisfatória. A tradução em prosa de Tatlock e MacKaye, por exemplo, além de vazada em linguagem arcaizante, é puritana demais para o meu gosto, chegando a mutilar

impiedosamente vários contos com a eliminação das passagens que considera pornográficas. Por outro lado, a versão poética de Morrison em *The Portable Chaucer*, cuja melhor qualidade talvez seja a sua fluência, é não só fragmentária, mas também sintética ao extremo (no prefácio, o tradutor se gaba de haver reduzido "O Conto do Cavaleiro" à metade). Já a tradução de Nevill Coghill, sem dúvida a melhor de todas, tem o inconveniente (à parte algumas interpretações discutíveis) de exagerar o vezo do poeta pelas rimas canhestras, constantemente justapondo expressões dignificadas e triviais, e reduzindo o humor de Chaucer, muitas vezes, a um subproduto do "cômico involuntário". Em vista disso, a presente tradução foi feita, como convinha, diretamente do inglês médio, tomando como base as consagradas edições de Skeat e Robinson. Esta última, com sua profusão de notas explicativas, mostrou-se particularmente útil no esclarecimento das dúvidas.

Um dos grandes problemas que enfrentei, na preparação desta edição, foi o da fixação da ordem dos contos. Como se sabe, o livro se compõe de nove fragmentos ou grupos de histórias, e, com exceção do inicial e do final, sua seqüência tem sido objeto de acesa discussão. Acabei optando pela ordem adotada por Skeat e Coghill, – que é também a que parece ter sido dada pelo poeta ou por seus herdeiros, – porque é a que melhor corresponde, de acordo com as poucas indicações fornecidas pelo texto, à passagem do tempo e à sucessão dos lugarejos ao longo do trajeto para Cantuária. A única alteração que admiti, nessa disposição tradicional, foi o deslocamento do fragmento C (que contém "O Conto do Médico" e "O Conto do Vendedor de Indulgências") para depois do "grupo conjugal", dado que a aparente ingenuidade do Vendedor de Indulgências na troca de palavras com a Mulher de Bath não seria dramaticamente concebível após o desnudamento de sua personalidade no prólogo de seu conto. Do mesmo parecer são G.G. Sedgewick, – no artigo "The Progress of Chaucer's Pardoner" (em *Chaucer Criticism*, p. 190-220), – Albert C. Baugh, Theodore Morrison e outros.

Igualmente problemática foi a escolha da forma literária a ser empregada na tradução. O texto original, salvo nos mencionados "contos" do Pároco e do próprio Chaucer sobre Melibeu, é em versos, o que, em princípio, demandaria uma tradução também em versos. A verdade, porém, é que boa parte do livro se compõe de relatos apenas metrificados, se bem que entremeados de momentos de poesia. Numa época em que até crônicas históricas e tratados filosóficos costumavam ser em versos, era natural que o autor escolhesse tal meio para uma obra de ficção. Se escrevesse hoje em dia, porém, é mais do que provável que teria preferido a prosa, que já aprendemos a associar com o gênero do conto. Em vista disso, pareceu-me que uma tradução integralmente versificada, mas desprovida da esperada intensidade poética, além de nada acrescentar ao texto, prejudicaria a fluência da leitura. Portanto, nesta tradução, foi a prosa que resolvi adotar. Naturalmente, ao fazê-lo, não me descuidei do citado elemento poético, presente em muitas páginas. Afinal, Chaucer também foi poeta, – o "Pai da Poesia Inglesa", – e desprezar esse aspecto seria desfigurar sua obra. Assim, busquei preservar a natureza e a qualidade das imagens do autor, as nuanças das diferentes atmosferas, a sutileza e a variedade dos tons, e, inclusive, a musicalidade das palavras. Para isso, servi-me da prosa ritmada em várias passagens (nos contos do Cavaleiro, do Monge, do Proprietário de Terras etc.); em outros momentos, como nas "invocações" e nas "baladas", utilizei abertamente o verso; e, finalmente, em "O Conto de Chaucer sobre Sir Topázio", reproduzi fielmente a forma estrófica original, pois, com qualquer outra roupagem, esse conto perderia inteiramente a sua razão de ser. Acredito que, desse modo, fui fiel ao narrador sem trair o poeta.

Outros problemas também merecem ser lembrados. Por exemplo, este: toda tradução, ao transpor um texto de uma cultura para outra, é uma viagem no espaço; a tradução de Chaucer, trazendo a Idade Média até os nossos dias, é, além disso, uma viagem no tempo. Conseqüentemente, as dificuldades se ampliam. Muitos termos, designando profissões, peças de vestuário, instituições ou costumes desaparecidos ou não encontram mais correspondentes, ou se tornaram fósseis lingüísticos; outros mudaram os seus sentidos (como a palavra *jantar*, que equivale hoje ao *almoço*), ou adquiriram novas conotações. Além do vocabulário, também a

sintaxe chauceriana era diferente, com predominância da coordenação sobre a subordinação, o abuso de anacolutos e repetições, e nenhuma preocupação com a seqüência dos tempos verbais. A manutenção fiel de todas essas características sintáticas e léxicas (num texto despojado, repleto de frases truncadas e referências a *garvaias*, *aljubas*, *berzeguins*, *balegões*, *bragais*, *mudbages*, *gomis*, *alfagemes ou magarefes*) iria imprimir ao estilo um ar primitivo e arcaico, e tornaria a obra ilegível. Uma adaptação radical, por outro lado, o privaria de seu colorido medieval; e o resultado, por melhor que fosse, não seria Chaucer. Minha preocupação, portanto, foi encontrar o meio-termo, seja aparando as arestas mais ásperas da tosca sintaxe original, sobretudo no concernente às repetições e aos tempos verbais (mas sem mudar a essência de seu caráter simples e direto), seja atualizando, sempre que possível, o vocabulário (mas sem eliminar de vez as expressões arcaicas, conservadas aqui e ali para sugestão da atmosfera da época). Essa procura do meio-termo afetou inclusive as formas de tratamento: normalmente são *você* e *senhor*, mas, nos contos de tom mais elevado ou de sabor antigo, comparecem o *tu* ou o mais respeitoso *vós*. Como se pode ver, minha preocupação foi, em resumo, a de recriar *Os Contos de Cantuária* como obra permanente e viva, mas sem esquecer que também é medieval.

Para encerrar estas observações, gostaria, por fim, de advertir o leitor de que, com o intuito de economizar espaço, usei propositadamente, na transcrição dos diálogos, o sistema anglo-saxônico de *aspas*, em lugar do nosso sistema de *travessões*. Também gostaria de lembrá-lo que as expressões acompanhadas no texto por um asterisco (*), recebem explicações adicionais no final do volume, em *notas* que têm os mesmos números das páginas em que tais expressões aparecem.

Com tantos cuidados, grandes e pequenos, espero ter levado a bom termo esta empreitada, cujo propósito único é o de garantir aos leitores de língua portuguesa acesso a esta que é uma das maiores obras da literatura universal. Não foi, certamente, uma tarefa fácil. E, se tive ânimo para concluí-la, devo-o não só a meu grande amor pela produção literária de Chaucer e ao estímulo de vários amigos, mas também, e principalmente, ao apoio constante de minha mulher, Sophia, a quem, por isso mesmo, dedico este trabalho.

São Paulo, 1986-1987.

PAULO VIZIOLI

OS CONTOS DE CANTUÁRIA
(The Canterbury Tales)

PRÓLOGO

Aqui começa o livro dos Contos de Cantuária

Quando abril, com as suas doces chuvas, cortou pela raiz toda a aridez de março, banhando os veios com o liquido que pode gerar a flor; quando Zéfiro também, com seu sopro perfumado, instilou vida em tenros brotos, pelos bosques e campinas; quando o sol na juventude percorreu metade de seu curso em Áries; e os passarinhos, ficando a noite inteira de olho aberto, gorjeiam melodiosamente, com os corações espicaçados pela Natureza, – então sentem as pessoas vontade de peregrinar; e os palmeirins, o desejo de buscar plagas estranhas, com santuários distantes, famosos em vários países. E rumam principalmente, de todos os condados da Inglaterra, para a cidade de Cantuária, à procura do bendito e santo mártir* que os auxiliara na doença.

Naquela época, aconteceu que um dia, achando-me eu em Southwark, no “Tabardo”, pronto a partir em peregrinação a Cantuária com o coração cheio de fé, chegou de tardezinha àquela hospedaria uma comitiva de bem vinte e nove pessoas diferentes, que haviam se reunido por acaso. E todos os seus membros eram peregrinos que cavalgavam para Cantuária. Como os quartos e os estábulos tinham muito espaço, acomodamo-nos todos sem dificuldade. E, logo que o sol se pôs, eu já havia conversado com cada um deles, agregando-me à sua comitiva. E o grupo todo concordou em levantar-se bem cedo a fim de pôr-se a caminho, conforme vou relatar.

Entretanto, enquanto tenho tempo e espaço, e antes que avance ainda mais em minha história, creio de bom alvitre descrever a condição de cada qual (de acordo com o que me foi dado perceber), quem era e qual a sua posição, bem como a sua maneira de vestir-se. E vou começar por um Cavaleiro.

Estava lá um CAVALEIRO, um homem muito digno, que, desde que principiara a montar, amava a Cavalaria, a lealdade e a honra, a cortesia e a generosidade. Valente nas guerras de seu suserano, embrenhara-se mais do que ninguém pela Cristandade e pelas terras dos pagãos, sempre reverenciado pelo seu valor.

Esteve presente na conquista de Alexandria*; muitas vezes, na Prússia, coube-lhe a cabeceira da mesa, à frente de todas as nações; fez campanhas na Lituânia e na Rússia, mais que qualquer outro cristão de sua categoria; também esteve em Granada, no cerco de Algeciras; no reino de Ben-Marin; em Aias e Atalia, quando ambas foram tomadas; e presenciou o desembarque de nobres armadas às margens do Grande Mar.

Quinze vezes participou de torneios mortais, e três vezes travou justas por nossa fé em Tramissena, sempre matando o inimigo.

Este digno Cavaleiro também acompanhara o senhor de Palatia contra um outro pagão em terras turcas, aumentando ainda mais o seu renome. E, apesar de toda essa bravura, ele era prudente, e modesto na conduta como uma donzela. De fato, jamais em sua vida dirigiu palavras rudes a quem quer que fosse. Era um legítimo Cavaleiro, perfeito e gentil. Quanto aos bens que ostentava, tinha excelentes cavalos, mas o traje era discreto: o gibão que vestia era de fustão, manchado aqui e ali pela ferrugem da cota de malha. Regressara, havia pouco, de mais uma campanha, partindo em peregrinação logo em seguida.

Fazia-se acompanhar do filho, um jovem ESCUDEIRO, um aspirante à Cavalaria, galante e fogoso, de cabelos com tantos caracóis que pareciam frisados. Calculo que devia ter uns vinte anos. Era de altura mediana, aparentando possuir notável agilidade e grande força. Já havia servido em combates na Flandres, no Artois e na Picardia, e, não obstante o pouco tempo, dera provas de coragem, tentando conquistar as graças de sua dama. Recoberto de bordados, parecia um prado cheio de lindas flores, brancas e vermelhas. Passava os dias a cantar e a tocar flauta, e tinha o frescor do mês de maio. Envergava um saio curto, com mangas longas e bufantes. Montava e cavalgava com destreza, compunha versos e com arte os declamava, sabia justar e dançar e desenhar e escrever. Amava com tal ardor que, à noite, dormia menos do que um rouxinol. Era cortês, humilde e prestativo; e à mesa trinchava para o pai.

O Cavaleiro também tinha consigo um CRIADO, e mais nenhum outro serviçal nessa ocasião, pois assim preferia cavalgar. Vestia este um brial e um capuz de cor verde. Na mão trazia um arco possante e, à cinta, um feixe bem atado de flechas com plumas de pavão, luzentes e pontiagudas (cuidava bem de seu equipamento, não deixando setas soltas, caindo com as penas baixas). Com sua cabeça raspada e o rosto queimado de sol, era perito nas artes do caçador. Protegia o pulso com uma braçadeira colorida; pendiam-lhe do flanco uma espada e um broquel; e no outro lado se via um belo punhal, de bom acabamento, aguçado como ponta de lança. No peito, uma medalha de São Cristóvão, de prata reluzente. Trazia, enfim, um corno de caça, preso a um verde boldrié. Na verdade, tudo indicava que era um couteiro.

Lá estava igualmente uma Freira, uma PRIORESA, com um sorriso todo simplicidade e modéstia. A maior praga que rogava era “por Santo Elói!” Chamava-se Senhora Eglantine. Cantava graciosamente o serviço divino, com um perfeito tom fanhoso; e falava francês bonito e

bem, segundo a escola de Stratford-at-Bow, pois que desconhecia o francês de Paris. Além disso, era muito educada à mesa: jamais deixava cair pedaços de comida da boca, nem mergulhava demais os dedos no molho, mas segurava sempre os alimentos com cuidado, sem que uma gota sequer lhe pingasse no peito. Nos hábitos corteses achava a sua maior satisfação. Limpava tanto o lábio superior que, quando acabava de beber, não se via em seu copo nenhum sinal de gordura. E com que graça estendia a mão para apanhar as iguarias! Sem dúvida, era uma pessoa de ânimo alegre, agradável e sempre gentil na conduta, esforçando-se por imitar as etiquetas da corte a fim de adquirir boas maneiras e merecer a consideração de todos. Falando agora de sua consciência, era tão caritativa e piedosa que seria capaz de chorar se visse um rato morto ou a sangrar na ratoeira. Costumava alimentar os seus cãezinhos com carne assada ou com pão branquinho e leite; mas desfazia-se em pranto se um deles morresse ou levasse uma paulada. Era toda compaixão e ternura! Um amplo véu, com muitas dobras, envolvia-lhe a cabeça; seu nariz era reto, seus olhos, cinza-azulados como o vidro; a boca era pequena, vermelha e macia; e tinha uma bela testa, com quase um palmo de largura, eu creio (pois ela, certamente, não era um tipo miúdo). Pude notar também que se trajava de modo apropriado; e que, em volta do braço, trazia um rosário de delicado coral, com as contas maiores, – as contas do Padre-Nosso, – de cor verde. Dele pendia um medalhão brilhante de ouro, onde se distinguiam um *A*, debaixo de uma coroa, e a escrita *Amor vincit omnia*.*

Estava acompanhada de outra FREIRA (que era a sua secretária) e mais três PADRES.

E havia um MONGE, verdadeiramente modelar, inspetor das propriedades do mosteiro e apaixonado pela caça, um homem másculo, que daria um bom Abade. No estábulo mantinha soberbos cavalos; e, quando cavalgava, os guizos de seus arreios tilintavam claro e forte no sussurrar da brisa, lembrando o sino da capela onde ele era Prior. Considerando antiquadas e algo rigorosas as regras de São Mauro ou de São Bento, esse Monge deixava de lado as velharias e seguia o modo de vida dos novos tempos. Para ele valia menos que uma galinha depenada o tal texto que diz que os caçadores não são homens santos; ou o que compara a um peixe fora da água o monge que vive fora do claustro. Por um texto desses não daria uma ostra. E eu disse que concordava com sua opinião: afinal, para que estudar no mosteiro e ficar louco em cima de algum livro, ou trabalhar com as próprias mãos e mourejar de sol a sol, como ordenou Santo Agostinho? Se fosse assim, quem iria servir ao mundo? Santo Agostinho que vá ele próprio trabalhar! Pensando dessa forma, constantemente praticava ele a montaria*; seus galgos eram velozes como o vôo das aves; e seu maior prazer, para o qual não poupava despesas, era perseguir a lebre com o seu cavalo. Observei que os punhos de suas mangas orlavam-se de penas gris, as melhores peles desta terra; e que prendia o capuz sob o queixo com uma fivela de ouro artisticamente cinzelada, tendo na extremidade mais larga um nó cego, símbolo do amor. Sua cabeça calva reluzia como espelho; e assim também seu rosto, que até parecia untado. Era um senhor gordo, de muito boa presença. Seus olhos arregalados não paravam de mover-se, iguais às chamas da fornalha debaixo do caldeirão. Os seus sapatos macios, o seu cavalo de raça... tudo mostrava que ele era um grande prelado. De fato, não tinha nada da palidez das almas atormentadas. Um bom cisne gordo era o assado de sua preferência. Seu palafrém era escuro como a framboesa madura.

E também vinha conosco, folgazão e alegre, um FRADE mendicante, desses que têm o direito de esmolar em circunscrição própria, um homem bem apessoado. Em todas as quatro ordens* não havia ninguém que conhecesse melhor as artes do galanteio e da linguagem florida; e para as mocinhas que seduzia ele arranjava casamento às próprias custas. Era um nobre pilar de sua irmandade! Conquistara a estima e a intimidade de todos os proprietários de terras de sua região, assim como de respeitáveis damas da cidade, – pois, conforme ele mesmo fazia questão de proclamar, por licença especial de sua ordem tinha poder de confissão maior que o do próprio cura. Ouvia sempre com grande afabilidade os pecadores; e agradável era a sua absolvição. Toda vez que esperava polpudas doações, eram leves as penitências que impunha, porque, do seu ponto de vista, nada melhor para o perdão de um homem que a sua generosidade para com as

ordens mendicantes: quando alguém dava, costumava jactar-se, sabia logo que o arrependimento era sincero. A tristeza só não basta, pois muita gente tem o coração tão duro que, mesmo sofrendo muito intimamente, não é capaz de chorar. Por isso, em vez de preces e prantos, é prata o que se deve ofertar aos pobres frades.

Sua manta andava recheada de faquinhas e fivelas para as mulheres bonitas; e, sem dúvida, melodiosa era a sua voz. Sabia cantar e dedilhar as cordas de uma rota, distinguindo-se principalmente na balada. Tinha o pescoço branco como a flor-de-lis; e era robusto como um campeão. Conhecia as tavernas de todas as cidades, e tinha mais familiaridade com taverneiros e garçonetes que com lazarentos e mendigas. Não ficava bem para um homem respeitável de sua posição privar com leprosos doentes: lidar com esse rebotalho não trazia nem bom-nome nem proveito; por isso, preferia o contacto com os abonados e os negociantes de mantimentos. Onde alguma vantagem pudesse vislumbrar, mostrava-se cortês e prestativo. Não existia no mundo, alguém mais capaz: era o melhor pedinte de seu convento! Pagava uma taxa para garantir seu território, e nenhum de seus irmãos ousava invadi-lo. Até mesmo as viúvas que não tinham sequer um par de sapatos acabavam por dar-lhe um dinheirinho antes que se fosse, tão mavioso era o seu *In principio*. O que apurava com tais práticas era muito mais que a sua renda normal. E como parecia um cachorrinho novo em suas estripulias! Além disso, nos "dias do amor"*, ele ajudava a arbitrar muitos casos, graças ao respeito que incutia, pois não lembrava um frade enclausurado, – com as roupas andrajosas de algum pobre clérigo, – mas sim um Mestre, ou mesmo um Papa. Seu hábito curto era de lã de fio duplo, redondo com um sino saído da fundição. Como era afetado, ciciava um pouquinho ao falar, para tornar mais doce o seu inglês; e ao tocar harpa, nos intervalos do canto, seus olhos cintilavam como estrelas numa noite fria. Esse distinto mendicante se chamava Huberd.

Fazia parte da comitiva um MERCADOR, de barba bifurcada e roupa de várias cores. Vinha montado numa sela alta, e trazia na cabeça um chapéu flamengo feito de pele de castor. As fivelas de suas botas eram finas e elegantes. Manifestava as suas opiniões em tom solene, dando sempre a impressão de que só tinha lucros. Achava que o trecho de mar entre Middelburg, na Holanda, e Orwell, na Inglaterra, devia ser protegido contra a pirataria a qualquer custo. Dava-lhe bons retornos o câmbio ilegal de seus escudos. Esse respeitável senhor, de fato, tinha tino comercial: conduzia os seus negócios com tamanha dignidade, com as suas vendas e os seus empréstimos, que ninguém diria que estava cheio de dívidas. Apesar de tudo, no entanto, era uma excelente pessoa. Só que, para dizer a verdade, não sei como se chamava.

E havia um ESTUDANTE de Oxford, que por muitos anos vinha se dedicando à Lógica. Montava um cavalo magro como um ancinho; e ele próprio, asseguro-lhes, não era nada gordo, com aqueles olhos encovados e seu jeito taciturno. Vestia um guarda-pó todo puído, pois ainda não se tornara clérigo para merecer as vantagens de uma prebenda, e já não se achava tão ligado ao mundo para exercer ofícios seculares. Preferia ter à cabeceira de sua cama vinte livros de Aristóteles e sua filosofia, encadernados em preto ou em vermelho, a possuir ricos mantos, ou rabecas, ou um alegre saltério. Mas, não dispondo da pedra filosofal, apesar de ser filósofo, continuava com o cofre quase vazio. Tudo o que os amigos lhe emprestavam gastava em livros e aprendizagem, rezando constantemente pelas almas dos que contribuíam para a sua formação. Seus esforços e cuidados concentravam-se todos no estudo. Não dizia uma palavra mais que o necessário, e sua fala, serena e ponderada, era breve e precisa e cheia de pensamentos elevados, sempre voltados para a virtude moral. E aprendia com prazer, e com prazer ensinava.

Um MAGISTRADO, sábio e cauteloso, que no passado freqüentara muito o pórtico da igreja de São Paulo,* também vinha conosco, um jurista de reconhecida competência. Da sensatez de suas palavras podia-se inferir que se tratava de um homem ponderado e digno de todo respeito. Por diversas vezes exercera a função de juiz itinerante, com carta-patente do Rei e com plena comissão. Graças à sua erudição e ao seu renome, era constantemente presenteado com gratificações e finos mantos. Em parte alguma haveria maior comprador de terras. E tudo negociado sem problemas de hipotecas ou quaisquer vícios legais. Nem havia em parte alguma

homem mais ocupado, – se bem que menos ocupado do que fazia crer. Guardava os registros de todos os casos e sentenças, desde os tempos de Guilherme-o-Conquistador; e, conhecendo os precedentes, instruía muito bem os seus processos, e ninguém lhe criticava os pareceres. Sabia todos os estatutos de cor. Envergava um saio despretensioso, de fazenda de cor mista, preso por uma cinta de seda com listinhas enviesadas. E quanto à sua indumentária é o suficiente.

Integrava igualmente a comitiva um PROPRIETÁRIO DE TERRAS ALODIAIS*, de barba branca como a margarida e compleição sangüínea. De manhã seu alimento favorito era pão embebido em vinho. Aliás, sua maior preocupação era agradar aos sentidos, pois era um legítimo filho de Epicuro, para quem a felicidade perfeita e verdadeira se encontra apenas nos prazeres. Era um anfitrião extraordinário, o São Julião de sua terra. Seu pão e sua cerveja não podiam ser melhores, e ninguém tinha adega tão fornida como a sua. Em sua casa não faltavam assados de peixe e de carne, e em tais quantidades, que ali parecia nevar comidas e bebidas e todas as delícias imagináveis. O cardápio do jantar e da ceia mudava de acordo com as diferentes estações do ano. Conservava, em gaiolas, bandos de perdizes gordas; e, nos seus tanques, cardumes de carpas e de lúcios. Ai de seu cozinheiro se o molho não fosse picante e saboroso! E ai dele se não estivesse a postos com os seus utensílios! Mantinha a mesa sempre armada na sala, com a toalha posta o dia inteiro. Era ele quem presidia às reuniões dos juizes de paz; e mais de uma vez fora representante do condado no Parlamento. Pendentes do cinto, branco como o leite da manhã, trazia um punhal e uma bolsa toda de seda. Também tinha ocupado os cargos de xerife e de auditor. Não se poderia achar valvassor mais respeitável.

Tínhamos em seguida um ARMARINHEIRO, um CARPINTEIRO, um TECELÃO, um TINTUREIRO e um TAPECEIRO, todos vestidos com a mesma libré de uma importante e grande confraria. Suas ferramentas polidas eram novas em folha; os engastes de suas facas não eram de bronze, mas inteiramente de prata; e seus cintos e bolsas eram trabalhados com arte até nos pormenores. Cada um deles parecia um bom burguês, digno de tomar assento no estrado da sala de sua corporação ou de tornar-se, com sua perspicácia, membro da câmara de sua cidade. Todos dispunham de posses e rendas para tanto. E suas esposas bem que concordariam com isso (a menos que fossem tolas), pois não há mulher que não goste de ser chamada de "Madame" e de encabeçar as procissões, nas vigílias dos dias santos, com um manto às costas igual a uma rainha.

Naquela ocasião, traziam consigo um COZINHEIRO, para que não lhes faltasse o seu cozido de galinha com ossos de tutano, temperado com pimenta moída e ciperácea. Esse Mestre Cuca era profundo conhecedor da cerveja londrina. Sabia assar e cozer e grelhar e fritar, assim como preparar terrinas apetitosas e belas tortas. Mas me deu muita pena ver que tinha uma úlcera na canela da perna... A carne com molho branco que fazia era das melhores.

Também nos acompanhava um HOMEM DO MAR, um capitão de navio, originário do oeste do país... Pelo que sei, era de Dartmouth. Não tendo prática de cavalgar, montava o seu rocim do jeito que podia, metido num saio grosseiro de frisa, comprido até os joelhos. Seu punhal estava preso a uma correia que dava a volta ao pescoço e descia depois por sob um dos braços. O sol de verão tornara-lhe a pele morena. Era, sem dúvida, um bom sujeito. Toda vez que voltava de Bordéus, aproveitava as ocasiões em que o mercador dormia para surripiar-lhe parte de seu vinho. Na verdade, não tinha muitos escrúpulos de consciência: sempre que travava uma batalha, se fosse vencedor, soltava os prisioneiros jogando-os no alto mar. Mas é preciso reconhecer que era um profissional muito competente, e não havia ninguém, de Hull a Cartagena, que calculasse melhor as marés, as correntes e os imprevistos que o cercavam, ou entendesse tão bem de atracação, luas e pilotagem. Era audacioso e astuto em suas decisões, pois muitas tempestades já tinham sacudido sua barba. Conhecia como a palma de sua mão todos os portos, desde Gotland no mar Báltico ao cabo de Finisterra, bem como cada reentrância nas costas espanholas e bretãs. Seu barco era o "Madalena".

Outro que fazia parte de nosso grupo era um MÉDICO. Não havia no mundo maior especialista em cirurgia e medicina, tudo com boa base na astrologia, para poder orientar os seus pacientes sobre as horas mais propícias à cura por magia natural. Assim sendo, indicava-lhes com

precisão os amuletos que deveriam usar, de acordo com os seus ascendentes.* Sabia a causa de todas as doenças, – de natureza quente ou fria ou seca ou úmida*, – e como se manifestava, e qual o seu fluxo humoral. Era um doutor irrepreensível, um médico de verdade. Descoberta a origem da enfermidade e a raiz do mal, receitava imediatamente as suas mezinhas. Seus boticários, que estavam de prontidão, logo lhe mandavam drogas e remédios os mais diversos, porque essas duas classes sempre se ajudaram mutuamente, numa amizade muito antiga e proveitosa. Conhecia ele perfeitamente o seu Esculápio*, assim como Dioscórides e Rufus, o velho Hipócrates, Ali, Galeno, Serapião, Razis, Avicena, Averróis, Damasceno, Constantino e, por fim, Bernardo e Gilbertino e Gatesden. Seguia um regime alimentar bastante moderado, evitando os excessos e comendo apenas o que fosse nutriente e de fácil digestão. Quase nunca lia a Bíblia. O seu traje azul e vermelho cor de sangue era todo guarnecido de cendal e tafetá. Isso não quer dizer que fosse perdulário, pois soube economizar muito bem o que ganhara durante a epidemia de peste. Como na medicina o pó de ouro é tido como remédio, demonstrava pelo ouro particular devoção.

E havia lá uma MULHER da cidade de BATH. Só que era meio surda, coitada. Tinha tanta experiência como fabricante de tecidos que seus panos superavam os produzidos em Ypres e Gant. Nenhuma paroquiana ousava passar-lhe à frente na fila dos devotos que levavam ofertas à relíquia na igreja, pois, se o fizesse, ela certamente ficaria furiosa, perdendo por completo as estribeiras. O capeirote, que aos domingos colocava na cabeça, era da melhor fazenda; e tão cheio de dobras, que eu juraria que pesava umas dez libras. De belo escarlate eram suas calças, bem justas; e seus sapatos eram de couro macio e ainda úmido de tão novo. Tinha um rosto atrevido, bonito e avermelhado. Havia sido em toda a vida uma mulher de respeito: tivera cinco maridos à porta da igreja, – além de alguns casos em sua juventude (mas disso não é preciso falar agora). Em suas peregrinações já estiver a três vezes em Jerusalém, atravessando muitos rios estrangeiros; também visitara Roma, Boulogne-sur-Mer, Colônia e Santiago de Compostela. Aprendeu muito nessas andanças. Para dizer a verdade, tinha uma janela entre os dentes. Confortavelmente montada num cavalo esquipado, trazia na cabeça, protegida por amplo lenço, um chapéu largo como um broquel ou um escudo. Escondia os avantajados quadris com uma sobressaia, e nos seus pés se via um par de esporas pontiagudas. Em companhia, ria e tagarelava sem parar. Tinha remédios para todos os males de amor, pois dessa arte conhecia a velha dança.

Também vinha conosco um religioso, PÁROCO de uma pequena cidade, um bom homem, pobre de dinheiro mas rico de santidade nos pensamentos e ações. Ademais, era um clérigo culto, pregando com fidelidade o evangelho de Cristo e devotamente ensinando os seus fiéis. Bondoso, e extraordinariamente dedicado, era paciente na adversidade, – como o demonstrou em várias ocasiões. Insurgia-se à idéia de arrancar os seus dízimos com ameaças de excomunhão, preferindo mil vezes repartir as coletas da igreja e os próprios bens pessoais com os pobres do seu rebanho, pois com pouco se contentava. Sua paróquia era enorme, com casas muito apartadas. Nem por isso deixava ele, chovesse ou trovejasse, de visitar na doença e na desgraça seus mais distantes paroquianos, grandes e pequenos, deslocando-se a pé e apoiando-se num bastão. O nobre exemplo que dava era que primeiro se deve praticar, para depois ensinar. A essas palavras, tiradas do Evangelho, acrescentava esta figura: se o ouro enferrujar, o que será do ferro? Quando um padre, em cujo preparo confiamos, se corrompe, como hão de resistir os homens ignorantes? E que grande vergonha, – se os padres atentarem bem, – ver o pastor na imundície e as ovelhas imaculadas. Por isso, é com sua própria pureza que o sacerdote deve mostrar ao rebanho como se vive. Assim pensando, esse Pároco nunca foi absenteísta, nunca alugou a sua paróquia, deixando suas ovelhas atoladas na lama, a fim de correr à igreja de São Paulo em Londres, à cata de alguma rica dotação com que pudesse lucrar rezando missas pelas almas, ou de um bom cargo de capelão em alguma confraria. Em vez disso, permanecia em seu posto, cuidando bem de seu rebanho e impedindo que o lobo o desviasse para o mau caminho. Ele era um pastor, não um mercenário. E, embora fosse santo e virtuoso, jamais desprezou os pecadores ou falou com empáfia e arrogância, mas ensinava com humildade e amor, para atrair as

pessoas ao Céu apenas com a força de seu bom exemplo. Era esta a sua tarefa. É claro que no caso de transgressores reincidentes, fossem de condição modesta ou elevada, também era capaz de severas reprimendas. Creio que nunca no mundo houve sacerdote melhor: não exigia pompa ou reverência, nem era um moralista intransigente; apenas ensinava as palavras de Cristo e dos seus doze Apóstolos, antes seguindo ele próprio o que ensinava.

Acompanhava-o seu irmão, um LAVRADOR, que já carregara muito esterco em sua vida. Era um trabalhador honesto e bom, vivendo em paz e praticando a caridade. Acima de tudo amava a Deus de todo o coração, na alegria e na tristeza; e, depois, amava o próximo como a si mesmo. Por amor a Jesus, ajudava aos mais pobres sempre que possível, joeirando, abrindo valas e cavando para eles, sem nada receber em troca. Pagava à Igreja todos os dízimos na íntegra, seja com seu trabalho, seja com os seus bens. Vinha montado numa égua, envolto por um tabardo.

Também faziam parte da comitiva um Feitor, um Moleiro, um Oficial de Justiça Eclesiástica, um Vendedor de Indulgências, um Provedor, eu próprio... e ninguém mais.

O MOLEIRO era um gigante. Enorme de músculos e de ossos, mostrava muito bem sua força nas lutas que disputava, sempre ganhando o carneiro oferecido como prêmio. Era entroncado e taludo, um colosso de encrenqueiro. Não havia porta que não pudesse arrancar do batente, ou, numa investida, quebrar com a cabeça. A barba, com a largura de uma pá, era arruivada como os pelos da porca ou da raposa. Tinha uma verruga bem no espigão do nariz, encimada por um tufo de cabelos vermelhos como as cerdas nas orelhas de uma porca. As narinas eram antros de negrura; e a boca, grande como uma grande fornalha. Prendia na cinta uma espada e um broquel. Sendo tagarela e boca-suja, vivia contando histórias de pecado e sacanagem. Roubava trigo, tirando para si três vezes mais farinha do que permitia a lei; e o fazia desviando-a com seu "polegar de ouro"*, que todo Moleiro tem. Vestia um saio branco e um gorro azul. Tocava a gaita de foles com entusiasmo; e foi assim que, à frente da comitiva, guiou-nos para fora da cidade.

E lá estava um gentil PROVEDOR de uma escola de direito em Londres, um homem que todos os intendentes deveriam imitar se quisessem aprender como se compram mantimentos. De fato, pagando à vista ou a prazo, ele observava tudo com muita atenção, e sempre passava a perna nos outros e levava vantagem.

Será que não é por alguma graça de Deus que homens sem cultura, como ele, conseguem com a astúcia sobrepor-se à sabedoria de tantos homens instruídos? Afinal, seus patrões, na corporação de advogados onde trabalhava, eram mais de trinta, todos profundos e hábeis conhecedores da lei. Além disso, pelo menos uma dúzia deles saberia muito bem exercer o cargo de senescal de renda e terras para qualquer senhor do país, que assim poderia, sem dívidas (a menos que não tivesse juízo), viver folgado com os seus próprios recursos, ou, se preferisse, viver com frugalidade. E mais, eles tinham competência até para colaborar na administração de um condado, prontos para o que desse e viesse. No entanto, o nosso Provedor ludibriava a todos!

O FEITOR era um homem extremamente magro, de humor colérico. Andava sempre bem barbeado; e seu cabelo, cortado sobre as orelhas em toda a volta, era raspado no topo da cabeça como o dos frades na frente. Longos e finos como varas eram seus membros inferiores, sem sinal de barriga da perna. Cuidava tão bem dos caixotes e dos celeiros, que nenhum auditor era capaz de incriminá-lo. Previa, conforme fosse tempo de chuva ou de seca, qual a produção das messes e dos pomares. Seu patrão, desde a idade dos vinte anos, confiara-lhe a administração de todas as suas posses, – ovelhas, gado, laticínios, porcos, cavalos, cereais e aves; e de tudo o Feitor prestava contas, cumprindo a sua parte no contrato. Como foi dito, ninguém conseguia acusá-lo da falta de coisa alguma. Não havia bailio, pastor ou colono de quem ele não conhecesse as malandragens e manhas, e, por isso, todos o temiam como à peste. A casa que o seu senhor lhe concedera ficava num lindo prado, à sombra de verdes árvores. Como entendia de negócios mais que o seu empregador, amealhara muitos bens secretamente, e ainda fazia gentilezas ao patrão, astutamente cedendo-lhe ou emprestando-lhe aquilo que era dele mesmo. Em troca, além dos agradecimentos, recebia de presente um belo saio e capuz. Na juventude havia aprendido um bom ofício: tornara-

se, dessa forma, eficiente carpinteiro. Montava um belo garanhão, de nome Scot, manchado de cinzento. Envergava longa sobressaia azul, e na cinta levava uma adaga enferrujada. O Feitor de quem estou falando era de Norfolk, de uma cidadezinha chamada Bawdswell. Trazia, como um frade, a orla das vestes dobrada para cima, presa à cintura. E sempre cavalgava atrás de todo o grupo.

Ali conosco estava um oficial de justiça eclesiástica, um BELEGUIM, cujo rosto afogueado de querubim*, com os olhos bem juntos, estava coberto de pústulas. Quente e lascivo como um pardal, tinha negras pestanas escabiosas e barba muito rala. As crianças morriam de medo da cara dele. Não havia mercúrio, litargírio, enxofre, bórax, alvaiade ou cremor de tártaro que pudesse limpá-lo e curá-lo, livrando-o das manchas esbranquiçadas e das bexigas nas faces. Ele gostava muito de cebola e de alho, tanto comum quanto porro; e mais ainda de vinho forte, tinto como o sangue. Depois de beber, desatava a pairar e a gritar como louco; além disso, quando bêbado, só falava latim, – se bem que poucas palavras, duas ou três, que aprendera de algum decreto. E não era para menos, pois não ouvia outra coisa o dia inteiro; e vocês sabem como um gaio é capaz de dizer "louro" tão bem quanto o Papa. Mas se alguém o inquirisse mais a fundo, veria que sua sabedoria não passava disso. *Questio quid juris** era o que vivia dizendo.

Era um sujeito canalha, mas bonzinho, – melhor não se poderia achar: em troca de um quarto de galão de vinho, permitia que um camarada ficasse com a amásia por doze meses a fio, sem denunciá-lo ao tribunal eclesiástico; e, o que é mais, ele próprio fazia das suas às escondidas. Quando apanhava um pecador em flagrante, aconselhava-o a não recear a excomunhão do arcediago, – a menos que tivesse a alma em sua bolsa, pois era na bolsa que recaía o castigo. E dizia: "A bolsa é o inferno do arcediago".

Neste ponto, porém, sei bem que estava errado: quem tem culpa deve acautelar-se contra o *significavit** que entrega o pecador ao braço secular; e deve temer a excomunhão, pois esta mata as almas tanto quanto a absolvição as salva.

Graças à intimidação, ele tinha a seu dispor os garotos e as meninas da diocese, conhecendo-lhes os segredos e dando-lhes conselhos. Pusera sobre a cabeça uma grinalda, grande como as que se vêem nos mastros às portas das tavernas; e levava um pão redondo, que, por brincadeira, fingia ser um escudo.

Com ele cavalgava um gentil VENDEDOR DE INDULGÊNCIAS do Hospital de Roncesvalles*, seu amigo e compadre, recém-chegado da Santa Sé de Roma. Vinha cantando bem alto: "Meu amor, venha comigo"; e o Oficial Eclesiástico o acompanhava modulando o baixo. Seu canto era duas vezes mais agudo que o som de qualquer trombeta.

Esse Vendedor de Indulgências tinha cabelos amarelados cor de cera, que caíam sobre os ombros lisos como feixes de fios de linho, espalhando-se em madeixas finas e bem separadas umas das outras. Por troça, não usava o capuz, preferindo trazê-lo enrolado na sacola enquanto colocava na cabeça apenas um gorrinho, sobre os cabelos soltos. Imaginava assim estar na última moda. Seus olhos arregalados lembravam os de um coelho. Com uma "verônica" costurada no tal gorrinho, trazia à frente, sobre a sela, uma sacola de viagem, recheada de perdões papais ainda quentes do forno. Falava com a voz fina de uma cabra; e não tinha (nem nunca teria) barba no rosto, que era liso como se tivesse sido escanhoado aquele instante. Desconfio que era um castrado, ou um veado. Mas em sua atividade, de Berwick a Ware, não havia Vendedor de Indulgências que se igualasse a ele. Levava em seu malote uma fronha de travesseiro que garantia ser o véu de Nossa Senhora; e afirmava possuir também um pedaço da vela do barco de São Pedro no dia em que ele resolveu andar sobre as águas e teve que ser amparado por Jesus; e tinha uma cruz de latão cravejada de pedras falsas, assim como uma caixa de vidro contendo ossinhos de porco. No entanto, com essas relíquias, quando calhava de topar com algum pobre pároco do campo, coletava mais dinheiro num só dia do que o outro durante um ano inteiro. E assim, com falsos elogios e engodos, fazia o pároco e os seus fiéis de bobos. Entretanto, para fazer-lhe justiça, é preciso não esquecer que, na igreja, era um clérigo dos mais dignos: lia muito bem o versículo do dia e a narrativa litúrgica, e, melhor que tudo, sabia cantar o ofertório. Afinal, não

ignorava que, encerrada essa parte da missa, chegava a hora de pregar e de afiar a língua para arrecadar tanto dinheiro quanto lhe fosse possível. Não é à toa que cantava com tal vigor e alegria.

Agora que fielmente lhes descrevi em resumo a condição, os trajes, o número dos peregrinos e também o motivo porque essa comitiva se reuniu em Southwark, nesta simpática hospedaria conhecida como "O Tabardo", encostada à taverna do "Sino", chegou a hora de contar-lhes como se passaram as coisas na noite em que apeamos naquela pousada. E depois descreverei nossa viagem e todo o resto da peregrinação. Antes, porém, peço-lhes, por gentileza, que não debitem à imoralidade o fato de eu falar com franqueza ao abordar minha matéria, reproduzindo as palavras e as ações dos companheiros exatamente como foram. Vocês sabem tão bem quanto eu que quem conta o conto de outro, se tiver senso de responsabilidade, tem a obrigação de repetir tão fielmente quanto possível todas as suas palavras, ainda que sejam grosseiras e indecentes. Caso contrário, o seu relato não corresponderá à realidade, perdendo-se em ficções e circunlóquios. O autor não deve poupar ninguém, nem mesmo seu irmão; e deve empregar, sem discriminação, todos os termos. O próprio Cristo usou de linguagem franca nas Santas Escrituras; e não me consta que haja ali qualquer imoralidade. Também Platão afirmou, para os que podem lê-lo, que as palavras devem ser gêmeas do ato. Peço-lhes igualmente que me perdoem se, aqui nesta história, nem sempre selecionei pessoas à altura da posição que ocupam. Vocês já devem ter percebido que não sou muito inteligente.

Nosso ALBERGUEIRO recebeu festivamente a cada um de nós, acomodando-nos sem demora para a ceia e servindo-nos do melhor que tinha. O seu vinho era forte, e bebemos à vontade. O homem tinha jeito para mestre de cerimônias nos banquetes. Era corpulento e de olhar brilhante. Melhor burguês não havia em Cheapside: apesar de sempre dizer o que realmente pensava, procurava expressar-se com equilíbrio e tato. Ademais, estava sempre alegre. E, por isso, após a ceia, – e depois de termos acertado as nossas contas, – começou, entre outras coisas, a fazer brincadeiras e a planejar divertimentos. Foi então que nos disse: "Agora, meus senhores, sinceramente, quero dar-lhes as boas-vindas de todo o coração; pois asseguro-lhes, sem mentira, que este ano ainda não tinha visto reunida neste albergue tanta gente simpática como agora. Gostaria de descobrir um modo de entretê-los, e acho que já sei como fazê-lo: acaba de ocorrer-me a idéia de uma boa distração, que nada vai lhes custar.

"Todos vocês estão indo para Cantuária... Ótimo, Deus os ajude, e que possam receber do bendito mártir a devida recompensa! Mas sei muito bem que, no caminho, irão com certeza conversar e fazer pilhérias, pois ninguém acha graça em cavalgar o tempo todo calado como uma pedra. Assim sendo, o que pretendo, como eu disse, é ajudar a comitiva a divertir-se, tornando mais agradável o trajeto. E se todos aceitarem a minha orientação, fazendo tudo como eu disser, amanhã, quando tomarem a estrada, juro-lhes, pela alma de meu pai que já morreu, que se não gostarem do que vou propor podem cortar-me o pescoço! Aí está: quem concordar levante a mão."

Nossa resposta veio logo. Como a todos pareceu que não valia a pena discutir, acedemos de imediato ao que queria, rogando-lhe que fizesse o favor de anunciar o seu veredicto.

"Senhores", respondeu, "ouçam agora a melhor parte. E espero que não tratem esta minha sugestão com pouco caso. Este é o ponto (serei rápido e direto): para encurtar a longa estrada, proponho que cada um de vocês conte dois contos na viagem de ida a Cantuária (é o que tenho em mente); e que mais tarde, na volta, cada um conte mais dois, sempre a respeito de casos antigos do passado; e quem se sair melhor, isto é, quem narrar a história mais rica de conteúdo e de mais graça, ao regressarmos receberá de prêmio uma bela ceia, oferecida por todos nós, aqui mesmo na estalagem, sentado junto a este pilar. E, para que haja mais animação, estou disposto a reunir-me a vocês às minhas próprias custas, para ser seu guia. E quem contradisser meu julgamento terá que pagar as despesas de viagem de nós todos. Se estiverem de acordo, digam-me logo, sem mais conversa; e amanhã bem cedinho estarei pronto."

Prometemos-lhe que sim, jurando atender a ele com muito prazer e solicitando-lhe que

cumprisse a sua parte, ou seja, que assumisse a chefia de nossa comitiva, fosse o juiz e o marcador das histórias, e fixasse um preço para a ceia a ser servida. Em troca, seguiríamos suas determinações em todos os assuntos, grandes e pequenos, submetendo-nos unanimemente ao que resolvesse. Dito isso, buscou-se o vinho e, após bebermos, fomos todos sem tardança para a cama.

Na manhã seguinte, assim que o dia começou a raiar, lá veio despertar-nos o Albergueiro, o nosso galo madrugador; e, reunido o grupo todo, pusemo-nos a caminho, trotando mansamente até o regato de Santo Tomás. Após atravessá-lo, nosso Albergueiro puxou as rédeas do cavalo e disse:

"Senhores, escutem-me, por favor:

"Vocês conhecem nosso trato e, se é que para vocês o dia se afina com a noite, devem estar lembrados dele. Vejamos, então, quem vai contar a primeira história. E não se esqueçam de que, assim como espero beber vinho e cerveja o resto de meus dias, também espero ser o juiz; e aquele que se rebelar terá que pagar todos os gastos desta viagem. Agora, antes de prosseguirmos, vamos tirar a sorte: quem ficar com o pedaço da palha mais curto é quem começa."

"Senhor Cavaleiro", chamou ele, "meu patrão e meu senhor, queira tirar um, cumprindo o que decidi." E continuou: "Aproxime-se, Senhora Prioresa; e o senhor também, Senhor Estudante. Deixe de lado a modéstia, e nada de estudos agora. E os outros... venham todos!"

Os peregrinos prontamente obedeceram e, para abreviar a história, fosse por acaso ou ventura, o fato é que o sorteado foi o Cavaleiro, – o que alegrou e satisfez a todos. Em vista disso, como já sabem, devia ele, por direito e por dever, submeter-se às regras, apresentando a sua narrativa. Que mais é preciso que se diga? Compreendendo o bom homem que assim tinha que ser, tratando-se de pessoa sensata e fiel a seus empenhos, acedeu de boa vontade, e disse à comitiva: "Já que me coube dar início ao jogo, ora, em nome do Senhor, louvado seja o destino! Mas continuemos a viagem; e ouçam o que tenho a dizer." E, com tais palavras, retomamos a marcha, enquanto ele, com o semblante risonho, principiava o seu conto, narrando o que se segue.

Aqui termina o prólogo deste livro; e aqui tem início o primeiro conto, que é o Conto do Cavaleiro.

O CONTO DO CAVALEIRO

Iamque domos patrias, Scithicas post aspera gentis
Praelia, laurigero, & C (Statius, Theb. xii. 519.)

Antigamente, como narram velhas crônicas, havia um duque chamado Teseu, que era senhor e governante de Atenas. Era tão grande conquistador que outro maior, naquele tempo, não existia sob o sol. Muitas nações opulentas subjugara. E, com sua habilidade e seu valor, dominara também o reino das amazonas, que então era conhecido por Cítia, casando-se com Hipólita, a sua soberana. Depois, cercado de pompa e glória, trouxe-a consigo para a sua terra, juntamente com Emília, a jovem irmã da rainha. E assim, ao som de instrumentos de júbilo, eu deixo o nobre duque vitorioso em sua cavalgada em direção a Atenas, com seu exército em armas.

Não fosse uma longa história, eu também descreveria como Teseu derrotou o reino das amazonas com seus bravos cavaleiros; e a grande batalha entre as guerreiras e os atenienses; e como estes assediaram a corajosa Hipólita, a bela rainha da Cítia; e a esplêndida festa de núpcias; e a tempestade na volta... Mas tenho que renunciar a tudo isso. Por Deus, é vasto demais o meu campo, e os touros de meu arado não são muito vigorosos. O resto deste meu conto é já bastante extenso, e não quero atrapalhar meu companheiros: que cada peregrino possa contar a sua história; e vamos ver quem ganhará a tal ceia. Vou retomar, portanto, o meu relato.

Quando, orgulhoso e feliz, o referido duque estava próximo de sua cidade, eis que, lançando os olhos para o lado, deparou com um grupo de senhoras, todas vestidas de negro e ajoelhadas aos pares à beira do caminho. Erguiam tal alarido e tal clamor como nunca se ouviu igual em nosso mundo; e só pararam a lamentação no instante em que conseguiram segurar as rédeas de seu corcel.

"Quem sois vós," bradou ele, "que, em meu regresso, perturbais minha alegria com o pranto? Tendes tamanha inveja das honras que conquistei, que o demonstrais com queixumes e com gritos? Ou quem vos insultou ou ofendeu? Dizei-me... se for mal que se possa reparar. Por que motivo estais todas de luto?"

Tornando a si de um desfalecimento, a mais idosa das damas, pálida como a morte, de tal forma dirigiu-se ao duque que dava pena só de vê-la e ouvi-la: "Senhor, a quem a Fortuna fez vitorioso e permite viver como conquistador, não nos entristecem vossa glória e vossa fama; nós só queremos compaixão e ajuda. Tende piedade de nossa dor e nossa angústia; que vossa fidalguia derrame ao menos uma lágrima por estas míseras mulheres. Pois, senhor, não há entre nós nenhuma que não tenha sido duquesa ou rainha. Hoje, no entanto, graças à Fortuna e à sua roda inconstante, que não deixam que perdure a sorte, caímos todas na desgraça, como podeis constatar. Senhor, faz quinze dias que estamos aqui, no templo da deusa Clemência, a aguardar vossa chegada. Socorrei-nos, nobre duque, pois está a vosso alcance.

"Eu, infeliz, que choro e imploro assim, fui mulher de Capaneu, o rei que morreu em Tebas naquele dia fatal! Todas nós, que erguemos nossos lamentos envoltas por negros trajes, perdemos nossos esposos no cerco de tal cidade. E agora, – oh mágoa! – o velho Creonte, que se tornou senhor de Tebas, desejando, cheio de ira e rancor, infamar os corpos dos maridos nossos, que lá foram trucidados, a fim de satisfazer sua sede de vingança e tirania, mandou empilhar os cadáveres para repasto dos cães, não permitindo, de maneira alguma, o seu sepultamento ou cremação." Depois dessas palavras, todas jogaram-se de bruços sobre o solo, chorando amargamente: "Tende piedade de nós, pobres mulheres, deixando a nossa agonia penetrar em vosso peito."

Ouvindo-as falar assim, comovido, o gentil duque apeou de seu cavalo. Partia-lhe o coração ver todas aquelas damas, que outrora foram ditosas, em semelhante estado de abatimento e miséria. Estendeu-lhes as mãos a fim de soerguê-las e generosamente as consolou, jurando, por sua honra de cavaleiro, que empenharia todas as suas forças para punir o despótico Creonte, – de tal forma que, por muito tempo ainda, recordaria a Grécia a vingança de Teseu, aquele que deu morte a quem fez por merecê-la. Em seguida, sem mais delongas, desfraldou seu estandarte, e marchou contra Tebas com todo o seu exército. Embora às portas de sua terra, não quis deter-se ali nem para repousar por meio dia; pôs-se a caminho aquela mesma noite, ordenando que a rainha Hipólita e sua irmã mais nova, a bela Emília, prosseguissem na direção de Atenas. Ele próprio, porém, saiu em busca do inimigo, – e isso foi tudo.

A rubra figura de Marte, armada de lança e de escudo, brilhava tanto no seu lábaro grande e cândido, que iluminava todos os campos; e junto ao lábaro tremulava o seu pendão, de ouro riquíssimo, onde se distinguia a imagem do Minotauro, que Teseu vencera em Creta. Assim avançava o duque, assim avançava esse bravo, acompanhado da nata de toda a cavalaria, até que chegou a Tebas e apeou num prado formoso, pois lá travaria a batalha. E, para ser breve, ali enfrentou Creonte, o rei de Tebas; e ali o justiçou em campo aberto, como viril paladino, e pôs em debandada os inimigos. Depois, tomou de assalto a cidade, e fez tudo vir abaixo, paredes e vigas e traves. Finalmente, restituiu às damas os ossos de seus maridos para os ritos fúnebres de praxe. Longo seria descrever, porém, o clamor e o lamento das mulheres durante a cremação dos corpos, e as homenagens que Teseu, nobre conquistador, prestou-lhes quando delas se apartou. Tornemos, pois, à nossa narrativa.

Após a morte de Creonte e a tomada de Tebas, Teseu, o ilustre duque, pernoitou no campo, já que o reino inteiro estava à sua mercê. Enquanto isso, os saqueadores aproveitaram a ocasião para pilhar os mortos que a batalha e a derrota haviam amontoado, apoderando-se de

suas roupas e armaduras. E aconteceu então que, em meio aos corpos, encontraram dois jovens cavaleiros, cobertos de sangrentas e profundas chagas, que, deitados lado a lado, usavam o mesmo brasão, ornado de lavores minuciosos. Um deles era Arcita; o outro se chamava Palamon. Estavam ambos entre a vida e a morte; assim mesmo, por suas armaduras e seus outros apetrechos, os arautos descobriram que eram do sangue real de Tebas, nascidos de duas irmãs. Os saqueadores os tiraram então da pilha de cadáveres e os levaram para a tenda de Teseu, que prontamente os mandou para Atenas, condenados à prisão perpétua, sem qualquer possibilidade de resgate. Depois desses eventos, o nobre duque reuniu seu exército e cavalgou de volta à sua cidade, coroado de louros como um conquistador; e lá viveu respeitado e feliz o resto de seus dias. Que mais posso dizer? Enquanto isso, naturalmente, Arcita e Palamon, em meio a dores e angústias, permaneciam enclausurados numa torre, de onde nenhum ouro do mundo poderia libertá-los.

E assim se passaram os dias e assim se passaram os anos, até que uma vez, em uma manhã de maio, Emília, mais bela que o lírio no seu verde talo e mais viçosa que os botões da primavera (o seu rubor rivalizava com a rosa, pois não sei qual dos dois era mais lindo...), antes que o sol raiasse, como soía fazer se levantou da cama e se vestiu. Aquele é mês que não tolera ociosos; a suave estação desperta o coração gentil e o faz deixar o sono, conclamando-o: "Acorda, vem honrar-me com teus ritos!" Foi esse o apelo secreto que tirou do leito Emília, lembrando-lhe as cerimônias em louvor de maio. Formosas eram suas vestes; e os louros cabelos, atados em longa trança, pendiam-lhe sobre as costas pela extensão de uma jarda. E, assim que o sol despontou, foi passear no jardim, andando sem rumo certo, a colher flores brancas e vermelhas, – com as quais teceria uma grinalda para sua cabeça, – e a cantar celestialmente como um anjo.

A grande torre, tão maciça e forte, e que era a principal masmorra do castelo (onde os cavaleiros de que falei, e vou falar, estavam presos), fazia limite com o muro do jardim em que folgava Emília. O sol brilhava, e claro estava o céu. Palamon, o prisioneiro infeliz, como era hábito seu, havia subido, com a devida permissão do carcereiro, a um aposento mais alto, do qual se avistava inteira aquela nobre cidade, bem como o belo jardim, com seus ramos verdejantes, onde perambulava a jovem encantadora. O triste prisioneiro Palamon, medindo a referida cela com as suas passadas, a queixar-se de seus padecimentos e a maldizer o dia em que nascera, de repente, por sorte ou por acaso, deu com os olhos na formosa Emília, através das grades de ferro, grossas e quadradas como vigas, de uma pequena janela. Então, pálido, – "ai!" – soltou um grito lancinante, como se lhe tivessem varado o coração.

O grito despertou Arcita, que disse: "Meu primo, o que te dói? E por que essa palidez mortal? Por que o clamor? O que foi que te feriu? Pelo amor de Deus, aceita com paciência a vida de prisioneiro, pois nada podemos fazer contra a adversidade que a Fortuna nos reservou. Isso nos foi dado por algum aspecto ou posição de Saturno, nalguma configuração astral, e não temos como nos opor a isso; assim estavam os céus no dia em que nascemos, e assim nos cabe sofrer. E isso é tudo."

Palamon, no entanto, retorquiu: "Oh não, meu primo, enganaste muito no que estás imaginando. Não foi esta prisão o motivo de meu grito; fui, através dos olhos, ferido no coração, – e isto há de ser meu fim! O encanto daquela dama que no jardim posso ver, a caminhar sem destino, foi a causa de meu grito e de todo o meu sofrer. Não sei se é mulher ou deusa... Oh não, só pode ser Vênus!" E, dizendo tais palavras, ele se pôs de joelhos, e orou: "Oh Vênus, se é vossa vontade transfigurar-vos assim naquele horto perante a minha pessoa, tão pobre e infeliz, ajudai-me a escapar desta masmorra. E, se por decreto eterno, for minha sina morrer neste cárcere, compadecei-vos de nossa estirpe que a tirania vilipendiou."

Ao ouvir isso, correu Arcita a espiar a dama no seu passeio, e essa visão de beleza de tal maneira o abalou, que, se profundamente ferido se achava Palamon, mais profundamente ainda ficou ferido Arcita. Por isso, com um suspiro de fazer piedade, exclamou: "Vai me matar a fresca formosura daquela que ali embaixo perambula! Se não me conceder sua mercê e sua graça,

permitindo-me ao menos que a reveja, bem sei que vou morrer. Não posso dizer mais!"

A essas palavras, Palamon voltou-se despeitado: "Tu dizes isso a sério ou só por troça?"

"Não," retrucou-lhe Arcita, "a sério, por minha fé! Livre-me Deus, que nunca fui homem de troças."

Palamon fechou o sobrecenho: "Nada honroso te seria mostrar-te falso e desleal comigo, que sou teu primo e teu irmão de sangue. Lembra-te do solene juramento que nós dois fizemos, comprometendo-nos, mesmo sob tortura e até que a morte nos separasse, a não prejudicar-nos mutuamente, nem no amor nem em coisa alguma. Prometeste, caro irmão, tudo fazer para ajudar-me em tudo, assim como em tudo eu também vou te ajudar. Foram esses nossos votos, e não consigo imaginar que agora queiras cometer perjúrio. Eu te confiei meu segredo, e, em troca, me dizes ser tua intenção amar a dama que eu amo e sirvo, e que sempre hei de servir enquanto vida tiver. Oh não, falso Arcita, isso não! Fui eu o primeiro a amá-la, e, se te contei minhas penas, foi porque eu acreditava que, sendo meu irmão jurado, irias lutar por meu bem, como algo que te impuseste. Estás, como cavaleiro, na obrigação de ajudar-me naquilo que for possível, e, se assim não agires, te digo, não passas de vil traidor!"

Cheio de desdém, respondeu-lhe Arcita: "Se alguém aqui for traidor, há de ser tu e não eu, visto que fui o primeiro a querê-la como amante. Que me dizes? Ainda há pouco não sabias se era mulher ou deusa! Teu sentimento é de santa devoção; o meu, pelo contrário, é amor por criatura de carne e osso. Foi por isso que te contei o que se passava em minha alma, como meu primo e como irmão de sangue. Posso até admitir que tu a amaste primeiro. Mas, e daí? Desconheces porventura o adágio do antigo sábio, que diz: 'Quem pode dar leis a quem ama?' A lei maior para qualquer habitante desta terra é o próprio amor. Não é à toa que, por sua causa, o direito positivo e os seus decretos são infringidos todo dia, em todos os escalões. Um homem ama quando tem que amar, malgrado os ditames da razão. Mesmo arriscando a vida, não pode fugir a isso, não importa se a mulher é virgem, viúva ou casada. Além do mais, convenhamos, é pouco provável que caias alguma vez nas graças daquela dama; tampouco é provável que eu caia, pois fomos ambos condenados à prisão perpétua e resgate algum nos salva. Somos iguais aos dois cães que o dia todo brigaram por um osso, e, no mais aceso da porfia, apareceu um milhafre e levou embora a ambicionada presa. É assim mesmo, caro irmão; como diz o ditado, na corte é cada um por si! Podes amá-la à vontade, se for esse o teu desejo; mas eu também vou amá-la, e para todo o sempre. A verdade, meu caro, é que temos ambos que apodrecer no calabouço; deixemos cada qual ter suas próprias ilusões."

Longa e acirrada foi a contenda entre os dois... Entretanto, urge o tempo; e, por isso, vamos logo ao ponto. Aconteceu um dia, – para abreviar a história, – que um nobre duque, chamado Pirítoo, amigo de Teseu desde a mais tenra infância, veio visitar seu companheiro e passar algum tempo com ele, como era seu costume. E isso porque o queria muito, e o sentimento era recíproco. Aliás, de acordo com os velhos textos, tão grande era a estima de um pelo outro que, quando um morreu, o outro foi procurá-lo nas profundezas do inferno... Mas esse é um fato que agora não vem ao caso. Esse duque Pirítoo gostava muito de Arcita, a quem conhecera em Tebas havia muitos anos. Por isso, tanto rogou e insistiu, que o duque Teseu decidiu libertá-lo, sem reclamar nenhum resgate, deixando-o partir para onde bem entendesse... dentro da condição que agora vou mencionar. A exigência de Teseu foi, em resumo, que Arcita nunca mais voltasse ali, pois, se a qualquer momento, de dia ou de noite, fosse encontrado em território ateniense, seria imediatamente preso e decapitado. Foi essa a promessa que teve que fazer. Assim sendo, não havia remédio ou jeito: tudo o que lhe restava era dizer adeus e retornar mais que depressa à sua terra. E que ficasse atento, pois grande era a ameaça a lhe pairar sobre a cabeça.

Oh, que profunda foi a dor de Arcita! Sentia a morte atravessar-lhe o coração; chorava, gritava, clamava que dava pena; cogitava até mesmo o suicídio. Dizia: "Maldito o dia em que nasci! Minha prisão agora piorou; e agora é minha sina viver eternamente não mais no purgatório, porém, no próprio inferno. Ai! Por que um dia conheci Pirítoo? Não fosse isso, eu ainda estaria

com Teseu, acorrentado para sempre em seus grilhões. Mas, em compensação, provaria a ventura em vez da dor. Para mim já seria suficiente apenas a visão de quem eu sirvo, se bem que nunca tenha a sua mercê. Oh, foste tu, meu caro primo Palamon, o grande vencedor desta aventura, pois que, ditoso, ficaste na prisão... Na prisão?! Oh não, jamais – no paraíso! Teu o lance de dados da Fortuna: coube a ti a visão daquela fada, e a mim a sua ausência. Perto dela, não te será impossível, – já que és um cavaleiro valoroso e digno, e já que a sorte muda tanto, – por um acaso feliz conseguir o teu intento. Mas a mim, exilado e desprovido de todos os favores, em desespero tal que não há terra ou água ou fogo ou ar, nem criatura formada por esses quatro elementos, que possam consolar-me ou socorrer-me, ah! só resta morrer de angústia e de tristeza. Adeus vida, e desejo, e alegria!

"Ai, por que tantas vezes as pessoas culpam a Providência ou a Fortuna, quando, de fato, são mais generosas do que elas mesmas podem perceber? Este quer a riqueza, que vai ser a causa de sua morte ou sua doença; aquele quer livrar-se da prisão, e tomba vítima de sua criadagem quando retorna à casa. Há males infinitos neste mundo, e não sabemos bem o que pedimos: vamos às cegas como os pobres ratos. Se um ébrio sabe que possui um lar, ele não sabe como chegar lá, e acha escorregadio o seu caminho. Assim andamos nós em nossas vidas: perseguimos nós todos a ventura, tomando quase sempre o rumo errado. É o que se dá com todos... e comigo, que, se antes esperava piamente ter de volta a alegria e o bem-estar se me livrasse da prisão, vejo agora, apartado de meu bem, – pois não te posso ver, oh doce Emília, – que de fato estou morto, e para sempre."

Palamon, por sua vez, assim que soube da partida de Arcita, pôs-se a lamentar de tal maneira que a grande torre ressoava com seus gemidos e clamores; até mesmo os grilhões em torno de seus tornozelos molharam-se de lágrimas amargas. "Ai," chorava ele, "Arcita, meu primo, foste tu, por Deus, quem colheu o fruto de nossa rivalidade. Agora estás livre em Tebas e pouco te importas com o meu sofrer. Agora, com teu valor e tua habilidade, podes muito bem reunir os homens de nossa linhagem, mover guerra implacável contra esta cidade e, com a ajuda do destino, ou por algum tratado, obter a mão daquela pela qual devo morrer. Sim, na escala das possibilidades, como és livre e és um grande comandante, tens muito mais vantagens que eu, que estou aqui a definhar nesta gaiola. Minha sina é viver com os lamentos e as lamúrias, entre as angústias que a prisão me traz e em meio às penas que me traz o amor, dobrando a minha mágoa e o meu tormento." Então o fogo do ciúme se acendeu em seu peito, e com tal fúria se alastrou no coração, que ele ficou pálido como o lenho do buxeiro ou como a fria cinza morta.

E ele bradou: "Deuses cruéis, que governais o mundo com o poder de vosso verbo eterno, em tábuas de diamante registrando vosso desígnio e vossas concessões, bem sei que para vós a humanidade é só um rebanho trêmulo no aprisco! Pois o homem morre como os outros animais, também conhece o cativeiro e a servidão, e também sofre a enfermidade e o contratempo, – muitas vezes, por Deus! sem culpa alguma. Que presciência é esta, que castiga a inocência imaculada? E o que mais me condói é ver que o homem, por amor ao divino, está obrigado a renunciar à sua vontade, enquanto o animal satisfaz os seus desejos. Além do mais, os seres inferiores, quando morrem, não são jamais punidos; o homem, pelo contrário, chora e geme, depois de tudo o que já padeceu. Infelizmente, é assim que as coisas são! Os sacerdotes talvez saibam o motivo; tudo o que sei é que o mundo é sofrimento. Ai! Quanto traidor não vi, quanto ladrão, que depois de fazer o mal aos justos ficou livre para ir aonde quisesse! Eu, porém, permaneço aqui cativo, por causa de Saturno e também Juno, – que, enlouquecida de despeito, destruiu quase toda a nobre estirpe de Tebas e arrasou suas muralhas; e, se isso não bastasse, eis do outro lado a figura de Vênus, a atacar-me por meu ciúme e meu temor de Arcita."

Agora, contudo, deixarei Palamon em paz alguns instantes, lá dentro da prisão onde se encontra, e sobre Arcita novamente vou falar.

O verão ia passando, e as noites longas redobravam a intensa angústia do amante livre e do cativo. Não sei dos dois qual o destino mais cruel. Palamon, em suma, não podia deixar sua masmorra, estando fadado a uma morte entre grades e cadeias; Arcita, sob pena de ser

decapitado, achava-se proscrito para sempre, impedido de rever a sua dama.

Aos amantes apresento esta questão: quem o mais desditoso, Arcita ou Palamon? Este avistava a amada todo dia, mas não podia abandonar o cárcere; aquele tinha toda a liberdade, mas nunca mais veria o seu amor. Julgai como quiserdes, porque agora vou prosseguir com minha narrativa.

II

De volta a Tebas, Arcita enlanguescia, sempre suspirando "ai de mim!" por não poder mais avistar a sua amada. Para dar uma idéia da intensidade de seu sofrimento, eu diria que ninguém neste mundo passou, ou irá passar, por tantas aflições. Não dormia mais, não comia, não bebia; ficara magro e seco como uma vara; seus olhos encovados assustavam; sua tez perdera a cor, tornando-se pálida como a cinza fria; estava sempre sozinho, gemendo solitário a noite inteira, a se queixar da sorte; e, se por acaso ouvisse o som de canto ou de instrumento, entregava-se a um choro convulsivo e nada o fazia parar. Seu espírito andava debilitado e abatido, e ele mudara tanto que ninguém, mesmo que ouvisse suas inflexões e sua voz, seria capaz de reconhecê-lo. Em tal estado de alma, ele, aos olhos de todo mundo, não apenas sofria do mal de Eros, a doença dos apaixonados, mas também de uma obsessão que o humor melancólico gerara na parte anterior do cérebro, onde está a célula da fantasia*. Em suma, tudo se achava alterado no triste amante Arcita, seu caráter e sua aparência.

Mas por que devo discorrer o dia inteiro a respeito de suas penas? Depois de sofrer um ano ou dois aquele cruel tormento e aquelas dores e angústias, uma noite, em Tebas (que, como eu disse, era a sua pátria), pareceu-lhe no sono que à sua frente se postara o alado deus Mercúrio, convidando-o a alegrar-se. Trazia na mão a verga sonífera, o caduceu, e, sobre os cabelos brilhantes, o pétaso, o seu chapéu de viagem. Notou o jovem que o deus estava vestido exatamente como no dia em que fez Argo adormecer. E dizia: "Deves ir para Atenas pois lá teus sofrimentos terão fim." Com isso, Arcita despertou sobressaltado: "Vou para Atenas agora mesmo, custe-me o que custar," bradou ele; "nem o medo da morte me impedirá de ver a mulher que eu amo e sirvo, pois não me importo de morrer em sua presença."

E, assim dizendo, tomou de um grande espelho, e observou quão mudada estava a sua cor e quão diferentes estavam os seus traços. Ocorreu-lhe então que, com uma fisionomia tão modificada pelo mal de que estivera padecendo, poderia muito bem, – desde que adotasse a identidade de uma pessoa humilde, – viver incógnito em Atenas e ver diariamente a sua amada.

Sem perda de tempo mudou as suas vestes, disfarçando-se de simples trabalhador. E, sem levar ninguém consigo, exceto um fiel escudeiro, que conhecia sua história e seu segredo e se trajava tão pobremente quanto ele, dirigiu-se na manhã seguinte à cidade de Teseu. Lá, um belo dia, foi até à corte, oferecendo-se ao portão como serviçal, ou aguadeiro, ou para o que quisessem. Ele então, para encurtar a narrativa, foi posto a trabalhar com um camareiro-mór que, por ser esperto e saber vigiar muito bem o serviço dos demais criados, estava diretamente subordinado a Emília. Sendo jovem e forte, dotado de grande ossatura, Arcita podia rachar lenha, buscar água e fazer tudo o que lhe mandassem.

Por um ano ou dois ficou nesse trabalho, como pajem de câmara da formosa Emília, dizendo chamar-se Filóstrato. Jamais houve na corte homem de sua condição que fosse tão estimado; graças à sua conduta sempre gentil, sua fama se espalhara por toda parte. Diziam mesmo que seria um ato de justiça se Teseu o promovesse, designando-o para tarefas mais honrosas, onde pudesse evidenciar o seu valor. E de fato, não demorou muito, o duque, tendo em conta o bom nome que o jovem conquistara por suas ações e suas palavras, trouxe-o para junto de si, fazendo-o seu escudeiro pessoal e oferecendo-lhe pagamento condigno. Além do ouro que recebia de seu amo, ele também contava com suas próprias rendas, que, ano após ano, lhe eram secretamente enviadas de sua cidade. Nas despesas, contudo, era sempre cuidadoso e comedido, a fim de não levantar suspeitas. E assim viveu ele três anos, comportando-se de tal

forma, na paz e na guerra, que cada vez mais se tornava merecedor da estima de Teseu. Nessa ventura deixo agora Arcita, para falar um pouco sobre Palamon.

Durante esses sete anos, na escuridão do forte e horrível cárcere, definhou Palamon, atormentado pela dor e o desespero. Quem, senão ele, quase enlouquecido, sentia a dupla angústia e a dupla mágoa da opressão do amor e de saber-se prisioneiro não por um ano, porém por toda a vida? Que poeta poderia pintar, em nossa língua, toda a extensão de seu martírio? Eu certamente é que não! Por isso mesmo, ligeiro vou passar por este assunto.

Aconteceu no sétimo ano, na terceira noite de maio (como o atestam velhos livros, que contam com mais minúcias a história), ou por obra do acaso ou do destino, – pois o que está escrito tem mesmo que acontecer, – que, logo após a meia-noite, Palamon escapou da prisão com a ajuda de um amigo, e fugiu da cidade o mais rápido que pôde. Para tanto, dera ele a beber ao carcereiro um vinho com especiarias, misturado com narcóticos e o fino ópio da cidade egípcia de Tebas, o que o fez dormir a noite inteira. Por mais que o sacudissem, o infeliz não despertava. E, assim, Palamon se viu em liberdade.

A noite, entretanto, era breve, e o dia estava para raiar. Precisava esconder-se. Por isso, com passos temerosos, dirigiu-se o fugitivo para um bosque naquelas cercanias, onde pretendia ocultar-se o dia todo; e, quando caísse a noite, tomaria o rumo de Tebas, e lá solicitaria o auxílio dos amigos para mover guerra a Teseu, quando então ou perderia a vida, ou finalmente conquistaria a mão de Emília. Eram esses seus propósitos e suas pretensões.

Voltar-me-ei agora novamente para Arcita, que mal podia imaginar quão próxima estava a sua desventura, até cair no laço que a Fortuna lhe preparara.

A irrequieta cotovia, a mensageira do sol, saudara a manhã cinzenta com sua alegre canção; e tão fúlgido se erguera o flamejante Febo, que o oriente todo sorria com sua luz, enquanto seus raios secavam as argênteas gotinhas que pendiam das folhas. Arcita, que, na condição de escudeiro principal, se encontrava na corte de Teseu, levantou-se, viu que o dia estava maravilhoso, e, lembrando-se do objeto de seu amor, montou um fogoso ginete e, desejando obsequiar o mês de maio, cavalgou para os campos onde pretendia folgar, a uma distância de uma ou duas milhas do palácio. E aprouve ao destino que ele se encaminhasse exatamente para o bosque de que falei há pouco, buscando ramos de madressilva ou de roseira silvestre, para tecer uma grinalda, e cantando à luz do sol: "Maio, sê benvindo, oh doce e formoso maio! Que de todas as tuas flores e todo o teu verdor, algum verde reserves para mim!" E apeando do cavalo, com o coração palpitante, entrou depressa no bosque; logo trilhava uma senda nas vizinhanças do local onde Palamon, temendo ser morto, se escondera atrás de uma moita. Este não só não sabia que se tratava de Arcita, como sequer imaginava que pudesse ser ele. O outro, por sua vez, havia se esquecido por completo da velha verdade segundo a qual "o campo tem olhos e o bosque tem ouvidos". É bom que o homem permaneça sempre atento, pois todo dia o aguardam situações inesperadas. Arcita jamais iria prever que seu antigo companheiro, oculto em silêncio entre a folhagem, se achava tão perto que podia ouvir todas as suas palavras.

Depois de perambular à vontade e de cantar com alegria o seu rondo, o jovem, de repente, caiu em profundo estado de melancolia, – o que, aliás, sucede freqüentemente aos apaixonados, com seus ânimos mutáveis, ora acima das mais altas copas, ora perdido entre os arbustos rasteiros, ora no alto, ora no fundo, tal como o balde na cisterna. Com efeito, assim como na sexta-feira (que raramente é igual aos outros dias da semana) ora faz sol, ora chove, assim também a volúvel Vênus perturba os corações dos que a seguem, pois ela é imprevisível como o seu próprio dia. Arcita, portanto, depois de cantar, começou a suspirar profundamente, e, tendo se sentado, assim falou: "Ai, o dia em que nasci! Juno, por quanto tempo ainda, com tua crueldade, moverás guerra à cidade de Tebas? Oh desgraça, na ruína se encontra agora o sangue real de Cadmo e de Anfião. Eu, que descendo de Cadmo, o fundador de Tebas, aquele que a construiu e que foi coroado o seu primeiro rei, eu, que por linha direta pertenço à sua nobre estirpe, vejo-me agora cativo e escravo de meu inimigo mortal, a quem sirvo humildemente na condição de escudeiro. Entretanto, a maior vergonha que Juno me impôs foi não poder usar meu

próprio nome, visto que, em lugar de Arcita, devo anunciar-me aqui como Filóstrato, que nada significa. Ai, fero Marte! Ai, Juno! Vossa ira destruiu nossa linhagem, com exceção de mim e do pobre Palamon, que Teseu faz definhar no cativeiro. E, como se tudo isso não fosse suficiente, como golpe final o Amor, com seu dardo incendiado, tão devastadoramente atravessou meu coração sincero e desditoso, que minha morte parece desenhar-se com rapidez maior do que se moldou minha camisa. Emília, tu me matas com teus olhos; tu és a causa de meu fim. Todos os meus outros sofrimentos, juntos, não teriam para mim importância alguma, se eu ao menos pudesse fazer algo para te agradar!" Assim dizendo, desmaiou; e só voltou a si depois de muito tempo.

Palamon, sentindo-se naquele instante como se a lâmina fria de uma espada lhe transpassasse o coração, trêmulo de raiva, não pôde mais conter-se. Mal ouvira os queixumes de Arcita e, como um louco, já saltava para fora de seu esconderijo, gritando: "Oh falso Arcita, oh traidor impiedoso, que amas aquela pela qual sofro e definho, oh tu que tens meu sangue e me juraste lealdade, – como já te lembrei anteriormente, – agora te apanhei, oh pérfido que ludibriaste o duque Teseu, alterando o próprio nome! Um de nós irá morrer. Não mais hás de amar minha Emília; somente eu irei amá-la, somente eu e ninguém mais, pois sou Palamon, o teu mortal inimigo. E se bem que aqui me encontre desarmado, porque foi com a ajuda de outros que me evadi do cárcere, eu te asseguro que, se não desistires da senhora Emília, irás pagar por isso com a tua vida. Faze agora a escolha, pois não me escaparás!"

Arcita, com o coração cheio de desdém ao reconhecê-lo e ouvi-lo, laçou da espada qual leão furioso, e bradou: "Por Deus do Céu, se não te houvera o amor debilitado e ensandecido, e se aqui à minha frente não te visse inerme, nunca mais deixarias este bosque, pois morrerias pelas minhas mãos! Eu denuncio o juramento e os votos que dizes que te fiz. Oh grande tolo, ainda não sabes que o sentimento é livre? Não importa o que faças, eu sempre irei amá-la! Todavia, já que és um digno cavaleiro e desejas em duelo disputar a nobre dama, dou-te minha palavra de que amanhã sem falta, sem o testemunho de quem quer que seja, poderás enfrentar-me como um bravo. Trarei as armas de que necessitas; permitirei que escolhas as melhores e deixes as piores para mim. E esta noite hei de prover-te de alimentos e água, bem como de agasalhos para o teu repouso. Se me venceres no combate e neste bosque me matares, hás de ficar então com minha dama!"

Respondeu Palamon: "Assim será!" Depois disso, os dois se separaram, devendo reencontrar-se no dia seguinte, conforme a palavra empenhada.

Oh Cupido, que não conheces piedade! Oh reinado que não admite companhia! Bem dizem que nem o amor nem o poder repartem de bom grado as suas dádivas. Foi o que constataram Palamon e Arcita.

Este último cavalgou de volta à cidade e, de manhã, tão logo despontou o sol, tomou às ocultas de duas armaduras com todos os seus respectivos apetrechos, suficientes e adequados à justa que ambos deveriam travar na clareira. E, sozinho como ao nascer, levou os arneses diante de si, no dorso de seu cavalo; e no bosque, na hora e no lugar fixados, encontrou-se com o primo. Ambos então sentiram fugir-lhes a cor do rosto, como acontece ao caçador no reino da Trácia quando, postado com sua lança junto a uma fenda nas rochas, à espera do leão ou do urso, escuta a arremetida da fera entre os arbustos, partindo galhos e folhas, e pensa consigo mesmo: "Aí vem meu mortal inimigo! Sem dúvida, um de nós agora há de morrer; ou o abato nesta fenda, ou ele me dilacera, se for esta a minha sina..." Assim também empalideceram os rivais, na medida em que cada qual conhecia o valor do outro.

Nenhum bom-dia se ouviu, nenhuma outra saudação. Em silêncio, sem qualquer preâmbulo, gentis como dois irmãos, um ajudou o outro a se armar. Depois, erguendo as fortes lanças pontiagudas, por tempo surpreendentemente longo investiram um contra o outro. Se alguém os visse no embate, julgaria Palamon um leão furioso e Arcita um tigre cruel; feriam como javalis selvagens, cobertos de branca espuma em sua cólera louca. Lutavam sobre o sangue derramado, imersos até o tornozelo. E nesse encontro eu os deixo para falar de Teseu.

O destino, ministro-geral que executa na terra inteira a providência determinada por Deus, é tão poderoso que, embora o mundo, pelo sim ou pelo não, tenha jurado o contrário de uma coisa, ela assim mesmo se concretiza, acontecendo às vezes em um dia o que depois não acontece em mil anos. De fato, os nossos desejos aqui, sejam eles de guerra, ou de paz, ou de ódio, ou de amor, são todos governados pela visão lá de cima. É o que demonstra agora o caso do potente Teseu, que tanto ardia no desejo de sair para a caça, atrás do enorme cervo de maio, que o dia nem raiara em seu leito e ele já se achava vestido e pronto para cavalgar com os seus couteiros e cornos e cães. Com efeito, tanto lhe agradava a prática da montaria, que seu maior gozo e prazer era ser a morte do grande gamo, pois, além de servir a Marte, servia a Diana.

Era um dia claro, com já disse, e Teseu, contente e feliz, partiu para a caçada em cavalgada majestosa, juntamente com Hipólita, a bela rainha, e Emília, vestida toda de verde. E, como lhe haviam dito que havia um gamo no bosque ali perto, o duque foi direto para lá, buscando logo a clareira onde o animal costumava refugiar-se. Pretendia, atravessando um arroio e vencendo outros obstáculos em seu caminho, alcançá-lo após uma ou duas corridas, precedido, como gostava, por toda a matilha.

Quando, porém, o duque chegou ao local e lançou ao redor os olhos, protegidos por uma das mãos contra o sol, imediatamente se deu conta da presença de Arcita e Palamon, lutando ferozmente como dois javalis. Para frente e para trás moviam-se as espadas luzentes, tão assustadoras que o menor golpe parecia capaz de derrubar um carvalho. Ninguém da comitiva, entretanto, percebera ainda quem eram os combatentes. Esporeando o corcel, o duque se pôs de um salto entre os dois, desembainhou a espada e bradou: "Alto! Parai agora mesmo, ou morrereis decapitados! Em nome do potente Marte, aquele que vibrar mais um golpe há de pagar a audácia com a vida. Dizei-me quem sois vós, que aqui lutais com tamanha valentia, sem fiscais ou juizes, como se estivésseis na liça real."

Palamon respondeu prontamente, dizendo: "Senhor, para que mais palavras? Ambos merecemos morrer. Somos dois pobres infelizes, dois desgraçados, cansados da vida; e, como sois um governante justo e um juiz imparcial, não concedais a nós mercê nem proteção. Pela santa caridade, dai morte primeiro a mim, e, em seguida, a este meu companheiro! Ou matai antes a ele, pois, embora pouco o saibais, é vosso inimigo mortal, é Arcita, que, proibido de voltar a vosso reino sob pena de morte, – devendo, portanto, perder a cabeça, – apresentou-se diante de vossa porta dizendo chamar-se Filóstrato, e enganou por muitos anos a vós, que dele fizestes o vosso escudeiro-mór. É ele que ousa amar Emília! Quanto a mim, já que chegou o dia em que devo expirar, confesso-vos abertamente que sou o mísero Palamon, que de modo condenável fugiu de vossa prisão. Sou também vosso inimigo mortal, e também amo ardentemente a encantadora Emília, tanto que quero morrer em sua presença. Eis porque vos suplico o julgamento e a morte. Mas fazei o mesmo com meu companheiro, porque ambos merecemos morrer!"

No mesmo instante retrucou o ilustre duque: "O veredicto é rápido! Vós próprios, de vossa boca e por vossa confissão, vos condenastes; e eu confirmo a sentença. Não será necessária a tortura com a corda. Pelo potente Marte rubicundo, sereis executados!"

A essas palavras, a rainha, com verdadeiro sentimento feminino, pôs-se a chorar, secundada por Emília e todas as outras damas. Achavam uma pena que acontecesse tal desgraça, pois eram ambos fidalgos de alta estirpe, e a causa da contenda era somente o amor. E, vendo os grandes e profundos ferimentos ensangüentados dos dois rivais, gritaram todas juntas, da mais nobre à mais humilde: "De nós mulheres, senhor, tende piedade!" Caíram então de joelhos, procurando beijar seus pés. Diante disso, após algum tempo a sua ira aplacou-se, pois flui fácil a piedade nos corações gentis. Embora, a princípio, sua cólera o tivesse feito tremer, ele refletiu alguns instantes sobre as faltas que ambos haviam cometido e sobre as suas causas. E, mesmo que sua indignação os tivesse condenado, sua razão acabou por perdoá-los, porque ele concluiu que ninguém mede seus atos quando movido pelo amor; todos fazem o que podem por seu bem, e até se evadem da prisão se necessário. Além disso, seu coração se condoeu das mulheres, que

ainda continuavam a chorar; e seu espírito nobre pensou consigo mesmo: "Como é desprezível o governante incapaz de piedade, que se mostra um leão, nas ações e nas palavras, tanto para os que o temem e se arrependem quanto para os orgulhosos e arrogantes, que não voltam atrás no que iniciaram! Pouca sensatez tem o senhor que não faz distinções em casos tais, pesando da mesma forma o atrevimento e a humildade."

Assim, passado o momento de ira, ergueu os olhos brilhantes e disse em voz alta: "Bendito seja! Como é grande e potente o deus do amor! Seu poder prevalece contra todos os empecilhos. Seus prodígios lealmente comprovam a sua divindade, pois ele faz com os corações aquilo que bem entende. Vede o caso de Arcita e Palamon: haviam conseguido livrar-se de meu cárcere, e, sabendo que sou seu figadal inimigo e pronto a dar-lhes morte, poderiam muito bem ter ficado em Tebas, vivendo como reis; em vez disso, mesmo com os olhos abertos, o amor os trouxe aqui para morrerem. Dizei-me: não é mesmo uma grande loucura? Existe alguém que endoidece não estando apaixonado? Pelo amor de Deus lá no alto, olhai! Vede como sangram! Não estão uma beleza? Essa é a recompensa e a paga com que o senhor deles, o deus do amor, premia os seus serviços! No entanto, os vassalos de Cupido, apesar de tudo o que lhes acontece, ainda se julgam muito sábios. E o mais engraçado de tudo é que aquela, pela qual andam sentindo toda essa paixão, deve ter por eles a mesma gratidão que eu. Por Deus, ela sabe tanto desse ardor quanto os cucos ou as lebres! Mas é assim mesmo: na vida o homem tem que provar de tudo, do quente e do frio; e tem que fazer alguma espécie de bobagem, ou na juventude ou na velhice... Descobri isso há muito tempo, pois eu também já fui um servo daquele deus. Portanto, como conheço as penas do amor e sei quão duramente ele castiga as suas vítimas, – tendo caído muitas vezes no seu laço, – acolho o pedido da rainha, ajoelhada à minha frente, e de Emília, sua querida irmã, e vos perdôo plenamente a vossa ofensa. Quero apenas que me jureis que nunca mais atacareis o meu país: que nunca mais, nem de dia nem de noite, fareis guerra contra mim, mostrando-vos meus amigos em tudo o que fizerdes. Jurai isso, e eu vos concedo a absolvição total."

Eles então juraram atender seu justo pedido, e lhe imploraram proteção e mercê. E o duque, ao estender-lhes sua graça, assim falou:

"Quanto à riqueza e à linhagem, não há dúvida de que ambos, no momento azado de casar-vos, sois dignos de qualquer dama, seja ela rainha ou princesa. Mas, falando por minha cunhada Emília, que provocou todo esse atrito e ciúme, quero lembrar-vos de que, como sabeis, não poderá se unir aos dois ao mesmo tempo, nem que luteis por ela a vida inteira. Um de vós, queira ou não queira, terá que ficar assobiando em uma folha de hera, porque ela não poderá desposar a ambos, por maiores que sejam vosso desdém e vossa cólera. Por isso mesmo, proponho-vos um modo de sabermos que destino a cada qual foi reservado. Quereis que vos diga aquilo que tenho em mente? Ouvi com atenção; eis o meu plano.

"Minha vontade é simplesmente, sem qualquer contestação... aceitai-a sem rodeios, se ela for de vosso agrado... minha vontade é que partais agora para onde bem entenderdes, livremente, sem riscos e sem resgates; e que, daqui a cinqüenta semanas mais ou menos, retorneis, trazendo cada qual cem cavaleiros, inteiramente armados para a luta, a fim de disputá-la num torneio. E eu vos prometo sem falta, por minha honra de cavaleiro, que àquele que souber se impor... ou, em outras palavras, àquele que, com os cem acompanhantes de que falei há pouco, matar seu oponente ou expulsá-lo da liça, a ele, a quem vai sorrir a sorte, eu hei de dar Emília por esposa. Aqui mesmo pretendo erguer a liça; e, assim como confio na salvação de minha alma, assim espero ser um juiz justo e imparcial. É o que vos posso ofertar, e nada mais: um de vós tem que morrer ou ser feito prisioneiro. Se achais sensata a minha sugestão, aceitai-a e dai-vos por contentes. Esse há de ser o pacto e a decisão final."

Quem, senão Palamon, mostra um olhar risonho? Quem, senão Arcita, dá pulos de alegria? Quem pode descrever, ou quem sabe pintar o júbilo que a todos invadiu, quando anunciou Teseu a graça generosa? Caíram todos de joelhos e agradeceram lhe de todo o coração, – sobretudo os tebanos, repetidas vezes. E assim os dois, esperançosos e felizes, apresentando as

suas despedidas, cavalgaram de volta para Tebas, com seus muros antigos e grandiosos.

III

Eu, com certeza, seria julgado negligente se deixasse de falar dos gastos sem medida de Teseu, que se dedicou à construção da majestosa liça com tanto afinco, que neste mundo, ouso dizer, jamais houve tão nobre anfiteatro. O circuito, com cerca de uma milha, era murado em pedra e rodeado por um fosso; a forma era redonda, na linha do compasso, e a arquibancada se erguia por sessenta jardas, de modo que um homem sentado num dos degraus nunca obstruía a visão dos companheiros.

Uma porta de mármore branco abria-se a leste, à qual se opunha a oeste uma outra igual. Outro local assim, com tantos portentos em tão pouco espaço, não existia na terra, pois não havia perito em aritmética ou geometria, nem retratista, nem escultor, a quem Teseu não desse sustento e salário para erguer e adornar o anfiteatro. Para os seus ritos e seus sacrifícios, a oriente, sobre a porta mencionada, em honra de Vênus, a deusa do amor, mandara ele erguer um altar e oratório; e na porta a ocidente, em memória de Marte, outro templo ordenou que erigissem, que também lhe custou carradas de ouro. E ao norte, numa torre da muralha, quis Teseu que surgisse, dignamente, um oratório muito elaborado, de alvo alabastro e de coral vermelho, dedicado a Diana e à castidade.

Quase esquecia-me de descrever as pinturas e os finíssimos entalhes, a forma, o aspecto e todas as figuras que se viam naqueles oratórios.

Primeiro, as cenas comoventes que mostrava nas paredes o templo erguido a Vênus, o sono interrompido, o frio suspiro, as lágrimas sagradas e as lamentações, os ataques ardentes do desejo, que afligem os escravos da paixão, as juras que reforçam os seus pactos, a Esperança e o Prazer, a Luxúria e a Loucura, a Graça e a Juventude, os Risos e a Riqueza, o Encanto e a Força, a Falsidade e a Adulação, o Desperdício, a Agitação e o Ciúme, – trazendo uma grinalda de fulvos malmequeres, com um cuco pousado em sua mão, – e festas, instrumentos, cantos, bailes, pompa e alegria, tudo o que segue o amor, tudo o que já citei e vou citar, estava em ordem pintado nas paredes, além de muito mais, que agora não recordo. Na verdade, todo o monte de Citéron, onde Vênus possui a principal morada, estava lá reproduzido, com seu jardim e suas maravilhas. Nem o Ócio, o seu porteiro, se olvidou, nem Narciso, o formoso de outros tempos, nem a loucura do rei Salomão, nem a tremenda força de Hércules, nem as magias de Medéia e Circe, nem Turno, com seu bravo e altivo peito, nem o opulento Creso, feito prisioneiro. Tudo mostrava que nem sabedoria nem riqueza, beleza e astúcia, força e valentia conseguem competir com Vênus, que sempre guia o mundo como quer. Presa em seu laço, ai! como aquela gente não deve ter chorado com freqüência! E lembro aqui somente esses exemplos, embora possa dar milhares de outros.

Lá a estátua de Vênus, em visão gloriosa, estava nua flutuando no mar largo, recoberta do umbigo para baixo por ondas verdes e brilhantes como o vidro. Tinha uma citara na mão direita, e, nos cabelos, lindos de se verem, a grinalda de rosas fresca e aulente. Sobre a cabeça lhe adejavam pombas; e, à frente, estava o filho seu, Cupido, com o parzinho de asas sobre os ombros, o seu arco, as suas flechas pontiagudas, e cego, como sempre o representam.

E por que agora não falar também das pinturas que se viam nas paredes do templo do potente e rubro Marte? Cobriam todo o muro, ao longo e ao largo, como na parte superior do tétrico edifício que era o grande santuário do deus na Trácia, a região fria e gelada onde Marte vivia soberano.

Primeiro, haviam pintado na parede uma floresta, sem sinal de homens ou de feras, com velhas árvores, nodosas, carcomidas, e com tocos pontudos e medonhos; um reboar estranho a percorria, qual tempestade a lhe partir os galhos. Num declive relvoso, ao pé de um monte, surgia o templo do deus Marte, o armipotente, feito de aço polido, cujo ingresso era profundo e estreito e assustador. E soprava de lá furioso vento, fazendo a porta trepidar. Só na entrada brilhava a luz do norte, pois nenhuma janela fora aberta a fim de iluminar seu interior. A porta era de eterno

diamante, com chapas verticais e horizontais de duro ferro; e, para reforçá-lo, cada pilar que sustentava o templo, grosso como um tonel, também era desse mesmo metal, polido e faiscante.

Lá avistei o negro elucubrar da Vilania e suas intenções; a Ira cruel, acesa como brasa; o ladrão sorrateiro e o pálido Temor; o sorridente com a faca sob o manto; o aprisco a arder entre a fumaça escura; a traição que no leito vem matar; a guerra aberta, com vermelhos ferimentos; a disputa, com lâminas sangrentas e acerbas ameaças. Estridente era o lúgubre lugar. Lá também avistei o suicida, com o sangue a empastar-lhe a cabeleira; o prego atravessando o crânio à noite; a morte fria com a boca escancarada. Bem no meio do templo se assentava o Infortúnio, desconsolado e triste. Também vi a Loucura a gargalhar no seu furor; a Revolta, o Clamor e o fero Ultraje; o cadáver na moita degolado; mil mortos, e não mortos pela peste; o tirano e o butim que rapinara; a cidade em ruínas arrasada. E avistei os navios dançando em chamas; o caçador trucidado pelos ursos; a porca que ao bebê comeu no berço; o pobre cozinheiro, que, apesar de sua longa concha, se escaldara. Não se esqueceu desgraça alguma de Mavorte, – nem mesmo o carroceiro que é esmagado sob a roda do carro quando tomba. Também havia as profissões de Marte, como o barbeiro, o magarefe ou o ferreiro, que forja na bigorna as lâminas cortantes. E, dominando a tudo, numa torre, vi a Conquista toda engalanada, com a cabeça sob a ponta de uma espada pendurada por um delgado fio. Vi também retratado o assassinato de Júlio César, Marco Antônio e o grande Nero. Embora nesse tempo eles ainda não tivessem nascido, suas mortes ali foram previstas por indícios de Marte, em configurações. As pinturas, assim, reproduziam o que estava pintado nas estrelas: as mortes por amor e os assassínios. Tais episódios bastam como exemplo; nem seria possível lembrar todos.

Sobre um carro de guerra aparecia a estátua do deus Marte, todo armado; no olhar feroz mostrava o seu rancor; e fulgiam-lhe em cima da cabeça dois emblemas, formados por estrelas, que são na geomancia conhecidos pelos nomes de Rúbeus e Puella...* Assim se apresentava o deus das armas. Um lobo de olhos rubros se postava à sua frente, a devorar um homem... Delicado pincel traçara o quadro para o louvor de Marte e sua glória!

Ora me apresso, sem maior delonga, ao templo de Diana, a casta deusa, para fazer a sua descrição. Cobriam-lhe as paredes, de alto a baixo, cenas de caça e de pudica castidade. Ali vi como a mísera Calisto, após haver enfurecido Diana, foi transformada de mulher em ursa, e na estrela polar logo em seguida. Assim era a pintura... É o que vos digo! Também seu filho, como podem ver, foi mudado em estrela. Com forma de árvore também vi Dafne, que por Dana era às vezes conhecida... Não me refiro à deusa Diana, e sim à filha de Peneu, chamada Dana. Lá avistei Actéon, transmudado em cervo por haver surpreendido a deusa nua; e vi como os seus cães o perseguiram e o devoraram, sem reconhecê-lo. Mais adiante observei como Atalanta corria atrás do javali selvagem; e notei Meleagro e vários outros, que sofreram por causa de Diana. Muitos prodígios avistei, que agora não me sinto inclinado a recordar.

Montada num veado, a deusa estava rodeada por pequenos cães de caça; descansava seus pés sobre uma lua... crescente, mas que logo minguaria. De verde-fulvo se vestia a estátua, com um arco na mão, flechas na aljava; e, abaixados, seus olhos procuravam o tenebroso reino de Plutão. À sua frente estava uma mulher nos labores do parto, dirigindo a Lucina* apelo comovente: "Socorrei-me, que sois a que mais pode!" Para cobrir de tinta tão vivaz imagem, muitos florins terá gastado o artista.

Construída a liça, Teseu, que tanto ouro despendera para adornar em todos os pormenores o anfiteatro e os templos, ficou muito satisfeito com o resultado. Agora, porém, vou deixá-lo por alguns momentos e retornar a Palamon e Arcita.

O dia de seu regresso se aproxima, no qual, como já disse, cada um deveria, com um grupo de cem cavaleiros a seu lado, disputar o torneio. Dirigem-se, pois, para Atenas, fiéis ao compromisso, trazendo cada qual sua centena de homens, armados a rigor. Muitos não vacilavam em dizer que, desde que o mundo é mundo, jamais, pelos mares e terras de Deus, se vira companhia tão seleta no que concerne aos feitos e à cavalaria. Afinal, todos os que amavam o ideal cavaleiresco e aspiravam conquistar nome glorioso haviam solicitado inclusão naquele

prélio. E felizes eram os escolhidos! De fato, se amanhã novamente se desse um caso igual, não há dúvida: todos os valentes que amam com fervor e possuem algum mérito, seja na Inglaterra, seja em outras partes, fariam de tudo para estarem lá... A disputa de uma dama! Deus do Céu, que coisa mais bonita de se ver!

Com esse espírito avançavam os de Palamon. Vinham com ele numerosos cavaleiros; uns estavam protegidos por uma cota de malha, outros vestiam couraça sobre um leve gibão, outros uma armadura que guardava a frente e o dorso; uns portavam escudos prussianos ou broquéis, outros tinham as pernas revestidas, trazendo uma acha ou uma clava de aço... Nada se usa de novo que não seja antigo! Como se vê, portanto, cada qual estava armado como bem queria.

Via-se na companhia de Palamon o próprio Licurgo, o grande rei da Trácia. Tinha barba negra e rosto másculo, onde os globos oculares refulgiam entre o amarelo e o rubro. Como um grifo, olhava tudo a seu redor, por baixo dos pelos retorcidos de suas grossas sobrancelhas. Seus membros eram enormes, seus músculos rijos e fortes, seus ombros largos e seus braços longos e roliços. Como era hábito no seu país, vinha de pé sobre um carro de ouro, atrelado a quatro touros brancos. Em vez de cota brasonada, cobria-lhe a armadura uma pele de urso, preta como carvão de tão velha, com as unhas do animal tintas de ouro rutilante. Penteada sobre as costas, a cabeleira comprida, de tão negra, brilhava como a plumagem do corvo. Sobre a cabeça, áurea coroa, – larga como um braço, de notável peso, com ofuscantes engastes de delicados rubis e diamantes. Corriam a saltar em torno de seu carro vinte ou mais alães, grandes como novilhos, bons cães de fila para a caça do cervo e do leão; e traziam focinheiras, coleiras de ouro e argolas para as correias. Cem fidalgos havia no seu séquito, todos eles bem armados, corações firmes e fortes.

Com Arcita, como se lê nas crônicas, cavalgava o grande Emétrio, o rei das Índias, igual a Marte, o deus das armas, sobre um cavalo baio com arreios de aço e manta de brocado recoberta de desenhos. Sua cota brasonada era seda da Társia, recamada de grandes pérolas, redondas e alvas; a sela, recém-forjada, era toda de ouro fino; e dos ombros lhe pendia um manto curto, crivado de rubis vermelhos, faiscantes como o fogo. Seus cabelos ondulados rolavam em anéis, louros e cintilantes como o sol; seus lábios eram cheios; seu nariz, de alto espigão; seus brilhantes olhos, acitrinados; e sua cor, sangüínea; salpicavam-lhe o rosto algumas sardas, umas escuras e outras amarelas; e seu modo de olhar lembrava o do leão. Calculo que tivesse uns vinte e cinco anos, pois fazia tempo que a barba lhe despontara e sua voz era uma trompa a trovejar. Trazia na cabeça grinalda de verde louro, bela e viçosa; e na mão, a fim de distrair-se, uma águia domesticada, tão branca quanto o lírio. Vinham com ele cem fidalgos, todos, a não ser pelas cabeças descobertas, armados a rigor, ricamente, com todo tipo de apetrecho. Nessa nobre comitiva, sem qualquer dúvida, duques, condes e reis haviam-se unido pela causa do amor e da cavalaria. Em torno daquele monarca, por toda parte, corriam soltos muitos leões e leopardos mansos.

E foi assim que, por volta da hora prima, todos esses cavaleiros vieram à cidade e lá apearam.

Teseu, o duque, o nobre cavaleiro, após trazê-los a seu reino e alojá-los segundo a condição de cada qual, ofereceu a todos um banquete, esforçando-se para dar-lhes o maior conforto e prestar-lhes as devidas homenagens. E o fez de modo que, na opinião de todos, ninguém seria capaz de aperfeiçoar sua hospitalidade.

O canto dos menestréis, o serviço do banquete, os caríssimos presentes para grandes e pequenos, a rica decoração do palácio de Teseu, as precedências nos assentos sobre o estrado, as damas mais bonitas ou graciosas, quem mais se distinguiu nas danças e nos cantos, quem mostrou mais sentimento ao discorrer sobre o amor, que falcões se empoleiravam no alto, que cães deitavam-se no pavimento embaixo... de tudo isso não faço qualquer menção. Parece-me que o que interessa é o desfecho; e, por isso, vou direto ao ponto, para quem quiser me ouvir.

Finda a noite de domingo, bem antes que o sol raiasse, assim que Palamon escutou a cotovia cantar (que já gorjeava duas horas apenas depois de se iniciar o novo dia), ele saltou da

cama e, com coração devoto e ânimo esperançoso, foi visitar em romaria a sua bendita e generosa Citeréia, – ou seja, Vênus, digna e venerável. Na exata hora da deusa*, ele se encaminhou para o seu templo na liça, ajoelhou-se lá dentro e, em tom submisso e angustiado, dirigiu-lhe estas palavras:

"Oh mais bela dentre as belas, Vênus, senhora minha, filha de Jove e esposa de Vulcano, a quem o monte Citéron se tornou mais grato por causa do amor de Adônis, tende piedade destas lágrimas amargas e acolhei em vosso peito a minha humilde prece. Ai de mim, sem língua para narrar os efeitos e os tormentos deste meu inferno! Não pode meu coração revelar-vos os seus males; e tão confuso me sinto que tudo o que sei dizer é apenas: 'Mercê, preclara senhora, que conheceis meu pensamento e as dores que me torturam!' Se refletirdes sobre isso e tiverdes compaixão de meu sofrer, prometo-vos que hei de ser para sempre o vosso escravo, em tudo o que puder, e, sem tréguas, farei guerra à castidade. Será esse o meu voto, se me derdes vossa ajuda! Não é por fanfarronice que procuro as armas, nem suplico a vitória no encontro de amanhã, nem desejo a vangloria da fama de meus feitos soprada acima e abaixo; minha ambição é conquistar Emília, e como vosso servidor morrer. O modo de fazê-lo deixo a vós. Nada me importa! Vós é que sabeis se convém que eu vença ou não, para que possa ter a dama nos meus braços; pois, se Marte é o deus das armas, vosso poder também é grande lá no Céu, e, se aprouver a vós, a amada será minha. Hei de sempre adorar o vosso templo; e sobre o vosso altar, esteja onde estiver, acenderei o fogo e farei meus sacrifícios. Não sendo essa, porém, vossa vontade, oh doce senhora minha, então vos rogo que amanhã, com uma lança, Arcita me atravesse o coração. Depois de morto, pouco me importará se ele a tiver por esposa. É esse, pois, em resumo, o intuito de minha prece: oh, dai-me o meu amor, bondosa e adorável senhora!"

Feita a oração, Palamon logo em seguida sacrificou à deusa com devoção comovente, observando fielmente todo o ritual, que aqui não posso descrever. Ao terminar, viu que a estátua de Vênus estremeceu, numa espécie de sinal, o que o fez acreditar que sua prece fora aceita. Apesar da demora do indício, ele tinha certeza de que seu rogo seria atendido, e voltou para casa com o coração exultante.

Na terceira hora desigual*, depois de Palamon haver saído em direção ao templo de Vênus, o sol se levantou; e levantou-se Emília, que correu para o templo de Diana. As donzelas que a acompanhavam levaram o fogo, o incenso, os panos e tudo mais que o sacrifício requeria, de modo que nada faltava, – nem mesmo, como era o costume, os cornos transbordantes de hidromel. Fumegando o templo, ornamentado com os panos, Emília, graciosamente, lavou o corpo na água de uma fonte. Não me atrevo, porém, a dizer como cumpriu os seus ritos, a não ser em linhas muito gerais. Sei que seria um prazer ouvir os pormenores, e que para os bem-intencionados não há culpa; mas é bom para um homem ficar em liberdade. Soltaram e pentearam seus brilhantes cabelos, e sobre a cabeça colocaram-lhe uma bela e apropriada coroa de verde carvalho cérrio. Dois fogos cuidou ela de acender sobre o altar, realizando as suas ações como vêm descritas na *Tebaida* de Estácio e em outros livros antigos. Acesos os fogos, dirigiu ela as seguintes palavras a Diana, com uma expressão no olhar que dava pena:

"Oh casta deusa dos bosques verdejantes, que podeis visitar o céu, a terra e o mar, rainha do escuro e baixo reino de Plutão, deusa das puras donzelas, que há muitos anos conheceis meu coração e sabeis o que desejo, guardai-me de vossa vingança e vossa cólera, pelas quais Actéon pagou um preço tão cruel. Casta deusa, bem sabeis que o que mais quero é ser virgem toda a vida, e nunca tornar-me esposa nem amante. Como não ignorais, ainda integro o vosso séquito, ainda sou donzela, e amo a caça, a montaria, e errar pelos bosques selvagens. Não pretendo casar-me e ter filhos, nem conhecer a companhia do homem. Ajudai-me, senhora, pois bem podeis e bem sabeis fazê-lo, pelas três formas* que tendes. Quanto a Palamon, que tanto amor sente por mim, e quanto a Arcita, que me ama com tal fervor, para eles rogo apenas esta graça: trazei de novo a paz e a estima entre ambos, e afastai seus corações de mim, de modo que todo o seu amor ardente e seus desejos, o seu tormento constante e suas chamas ou se apaguem, ou se voltem para outra parte. Se, contudo, não quiserdes conceder-me essa mercê, ou se o destino meu está

traçado de tal forma que eu serei mesmo obrigada a receber um dos dois, enviai-me aquele que por mim tem mais afeto. Olhai, deusa da imaculada castidade, estas lágrimas amargas em meu rosto! Como sois também donzela e guardiã de todas nós, guardai-me e preservai-me a virgindade; e virgem vos servirei por toda a vida."

Durante a prece de Emília, as chamas ardiam tranqüilamente sobre o altar. De repente, porém, presenciou ela algo estranho, pois um dos fogos se extinguiu e se acendeu novamente. Logo a seguir, o outro fogo também se extinguiu, mas não voltou; e, ao se apagar, soltou um chiado semelhante ao da brasa molhada enquanto queima; e da extremidade do tição escorreram gotas que pareciam de sangue. Assustada, deu Emília um grito como que ensandecida, pois não sabia o que significava aquilo; e, tendo gritado de pavor, desfez-se num pranto que despertava compaixão. Foi então que Diana apareceu diante dela, com o arco na mão e as vestes de caçadora, e lhe falou: "Filha, põe de lado essa tristeza! Entre os deuses supremos está decidido e pela palavra eterna confirmado que deveras desposar um dos dois jovens que sofrem e se afligem por tua causa; mas qual dos dois não posso te dizer. Adeus, não devo demorar-me. Antes que te vás, as chamas que ardem sobre o meu altar irão te revelar a tua sina no amor." A essas palavras, as flechas na aljava da deusa se agitaram e tiniram; e ela foi-se e esvaneceu-se no ar. Atônita, disse ainda Emília: "Ai de mim, o que isto vem a ser? Coloco-me, Diana, sob a vossa proteção e a vosso inteiro dispor." E, pelo caminho mais curto, voltou logo para casa. Isso é tudo; nem há mais o que dizer.

Na hora seguinte, hora de Marte, Arcita foi ao templo do fero deus fazer seus sacrifícios, com todo o ritual da religião paga. Com coração piedoso e profunda devoção, dirigiu a Marte esta súplica:

"Oh deus potente, que nos frios reinos da Trácia sois venerado e tido por senhor, e que, em todas as terras e nações, segurais nas mãos as rédeas da batalha, favorecendo a quem for de vosso agrado, aceitai o meu pio sacrifício. Se minha juventude merecê-lo e se minha força for digna de servir a vossa divindade, para que eu seja um dos vossos, peço-vos que vos apiedeis de minhas penas. Pelo sofrimento e pelo fogo vivo em que ardestes outrora de desejo, quando gozastes a beleza da linda, jovem e graciosa Vênus e a tivestes toda vossa em vossos braços (se bem que uma vez falhou a sorte, e Vulcano apanhou-vos em seu laço, surpreendendo-vos no leito com a esposa, ai!)... pelas angústias que também sentistes, tende piedade de minhas duras penas. Como sabeis, sou jovem e inexperiente, e, quero crer, mais maltratado pelo amor que qualquer outra criatura viva, pois aquela, por quem sofro, pouco se importa em saber se flutuo ou vou ao fundo. E bem sei que, antes que ela me conceda a sua mercê, devo na liça conquistá-la pela força; e bem sei que sem a vossa graça e a vossa ajuda minha força nada vale. Por isso, senhor, amanhã socorrei-me no torneio, pois o fogo que outrora vos queimou é o mesmo que agora me queima; e fazei que amanhã eu seja vitorioso. Que o esforço seja meu, e seja vossa a glória! Vosso templo soberano é o local que mais hei de venerar, lutando sempre por vossa satisfação e vossas artes viris; e em vosso santuário vou expor meu estandarte e as armas todas de minha companhia; e sempre, até que eu morra, eterno fogo hei de manter em vosso altar. Também vos faço esta promessa: serão vossos minha barba e meus cabelos, longos por não terem sentido jamais o fio de navalha ou tesoura; e serei vosso servo a vida inteira. Apiedai-vos, senhor, de minhas duras mágoas: dai-me a vitória; é tudo o que vos peço."

Terminada a oração, as aldravas da porta e as próprias portas reboaram com fragor, o que assustou um pouco Arcita. Os fogos sobre o altar brilhante se avivaram, iluminando todo o templo. E um doce odor se desprendeu do pavimento, levando o jovem a estender a mão e a lançar mais incenso sobre as chamas, com outros ritos mais. Finalmente, a estátua de Marte estremeceu em sua armadura, e ouviu-se um tácito murmúrio, que dizia: "Vitória!" Com isso, Arcita deu honra e glória a Marte e, contente e esperançoso, retornou a seu alojamento, alegre como o pássaro ao despontar do sol.

Essa promessa logo provocou no Céu uma contenda tão violenta entre Vênus, a deusa do amor, e Marte, o deus grave e armipotente, que o próprio Júpiter não logrou apaziguá-la, até que

o frio e pálido Saturno, que conhecera muitos casos no passado, descobriu um modo, com sua larga experiência, de contentar todas as partes. Afinal, como se diz, a velhice leva muita vantagem, por ter sabedoria e vivência; pode-se vencer o velho na corrida, não porém na sagacidade. Saturno, portanto, para pôr fim aos atritos e temores, embora agindo contrariamente à sua natureza, tratou de achar remédio para tal discórdia:

"Minha cara filha Vênus," disse ele, "minha órbita, que segue um curso tão longo, tem mais poder do que se imagina. Vem de mim o afogamento no mar pálido; vem de mim a prisão nas hórridas masmorras; vêm de mim o estrangulamento e a morte pela forca, os murmúrios e a revolta dos campônios, os descontentamentos e os venenos escondidos. Minha vingança e meu castigo são maiores quando passo pelo signo de Leão. De mim vem a ruína das altas mansões, vem a queda das torres e dos muros sobre o mineiro ou sobre o carpinteiro. Fui eu quem matou Sansão, sacudindo o seu pilar; são minhas as doenças que provêm do frio, as negras traições e as velhas intrigas; meu aspecto é o do próprio pai da peste. Não chores mais; eu hei de fazer tudo para que Palamon, teu paladino, conquiste a sua dama, como lhe prometeste. Embora Marte apóie o cavaleiro seu, entre vós deve haver paz, em que pese a diferença de vossos temperamentos, causadora de toda a divergência. Sou teu avô, sempre pronto a te ajudar; não chores mais, vou atender o teu desejo."

Agora vou deixar os deuses lá na altura, – Marte e Vênus, a deusa do amor, – e vou contar, da maneira mais simples que puder, o desfecho dos fatos que narrei.

IV

Grande foi a festa em Atenas nesse dia. A alegre estação de maio incutiu em todos tal animação que eles passaram a segunda-feira em justas, bailes e nos altos rituais de Vênus. Mas, devendo levantar-se cedo para assistirem ao grande combate, todos se recolheram quando veio a noite. Na manhã seguinte, assim que o dia raiou, em toda parte nas hospedarias começaram os rumores e os ruídos de cavalos e de arneses; e bandos de fidalgos, montados em corcéis e palafréns, cavalgavam rumo ao palácio. Podia-se observar a preparação de armaduras raras e ricas, com minuciosos lavores de ourivesaria, com bordados e com aço; de escudos reluzentes, viseiras, mantas para os ginetes, capacetes de ouro, couraças e cotas brasonadas. Havia senhores paramentados sobre as suas montadas, cavaleiros de escolta, e escudeiros, fixando as pontas dos chuços com pregos, afivelando os elmos, prendendo as correias dos escudos... Ninguém estava à toa. Os corcéis espumejantes de suor mordiam os bridões de ouro; os armeiros esporeavam para cá e para lá, martelo e lima em punho; criados a pé e aldeões com varas curtas aglomeravam-se nas ruas; ouviam-se flautas, trompas, trombetas e clarins, que sopram sons sangrentos nas batalhas. O palácio estava apinhado de gente indo e vindo, duas pessoas aqui, três ali, debatendo, tentando prever a sorte dos dois cavaleiros tebanos. Uns diziam isto, outros aquilo; uns davam razão ao homem de barba negra, outros ao calvo, outros ao hirsuto; alguns apostavam no lidador de olhar feroz e que sabia lutar, outros naquele com um machado de guerra que pesava vinte libras. Assim ressoava o salão com as adivinhações, muito tempo depois que o sol nascera.

O grande Teseu, despertado pela música e pela azáfama, permaneceu na câmara de seu palácio até que fossem trazidos ali os dois cavaleiros tebanos, ambos tratados com as mesmas honrarias. Depois o duque se postou a uma janela, vestido como um deus no trono, enquanto o povo se comprimia lá fora para vê-lo, homenageá-lo e ouvir suas ordens e proclamações. Um arauto, em cima de um palanque, gritou "Silêncio!" para calar a multidão; e quando o rumor se extinguiu, anunciou ele o decreto do poderoso governante:

"O senhor nosso, do alto de sua sabedoria, concluiu que o presente torneio, disputado até à morte, nada mais seria que inútil derramamento de sangue nobre. Portanto, para evitar perdas desnecessárias, resolve aqui alterar sua idéia original. Assim sendo, ninguém, sob pena de morte, deverá mandar ou trazer para a liça armas de arremesso, achas de guerra ou punhais; ninguém deverá sacar, ou portar à cintura, espadas curtas, que podem matar com as pontas fendentes; e

ninguém deverá fazer, com a aguda lança em riste, mais que uma investida a cavalo contra o adversário, – podendo, porém, desmontado, arremeter contra ele quantas vezes quiser, com vistas a defender-se. Outrossim, quem for derrotado não será morto, mas feito prisioneiro e levado para junto de uma das duas estacas que serão levantadas nas extremidades da liça, e lá deverá permanecer. E se, por acaso, um dos dois capitães aprisionar ou matar seu oponente, o torneio estará encerrado. Deus vos proteja! Ide, – e lutai com denodo! Clavas e montantes podeis usar livremente. Avante! É o que o senhor determina."

A voz do povo tocou os céus, tão alto foi o grito geral de alegria: "Deus salve tal senhor, tão generoso! Não quer que se derrame o sangue." Irrompe a seguir a música das trompas; e a companhia inteira cavalga para a liça, em cortejo pelas ruas da cidade, ornamentadas não com sarjas, mas brocados.

Com ar senhoril avançava o nobre duque, ladeado pelos dois tebanos; seguiam-no a rainha com Emília, e as comitivas de um e de outro, conforme a hierarquia. E assim atravessaram Atenas e em tempo chegaram à liça. Ainda não soara a hora prima quando Teseu toma assento na arquibancada, em lugar alto e suntuoso, acompanhado da rainha Hipólita, de Emília e das outras damas. A multidão também acorre a seus postos. E então, pela porta ocidental, dedicada a Marte, entra Arcita, com os cem bravos de seu séquito, trazendo um pendão vermelho; e, no mesmo instante, Palamon, sob a proteção de Vênus, a aparentar coragem no ânimo e no rosto, assoma à porta oriental, com bandeira de cor branca. Por mais que se procurasse, no mundo não se achariam outras companhias como aquelas duas, tão semelhantes em tudo; de fato, haviam sido selecionadas com tal cuidado que ninguém, em seu juízo perfeito, poderia afirmar que uma superasse a outra em valor, em fidalguia ou em idade. Ambas então se alinharam na arena, formando duas fileiras, e procedeu-se à leitura dos nomes, para que não houvesse qualquer fraude. Feita a chamada, fecharam-se os portões e ouviu-se a conclamação: "Agora, jovens bravos, cumpri vosso dever!"

Os arautos param de cavalgar para cima e para baixo; vibra o clangor das trompas e clarins; a leste e a oeste prendem-se as lanças em riste sob os braços; ferem os flancos as esporas pontiagudas. Então é que se vê quem luta e quem cavalga, enquanto o chuço se espedaça contra o espesso escudo. Um aqui sente o pontaço debaixo do coração, acolá saltam as hastes à altura de vinte pés; sacam aqui espadas fulgurantes como prata, que aos elmos logo talham e estraçalham; além escorre o sangue em horrendos rios vermelhos, e os ossos quebram-se aos golpes das grossas clavas. Este se atira onde o combate é mais aceso, os fortes corcéis tropeçam e tudo vem abaixo; aquele rola como bola sob os pés. Desmontado, este arremete com o coto de uma lança; aquele é derrubado do cavalo. Este é ferido, feito prisioneiro, levado junto à estaca contra a sua vontade, e lá deve ficar, segundo o acordo; aquele é conduzido à estaca do outro lado. Teseu ordena às vezes uma pausa, para que possam restaurar-se, se quiserem, e beber.

Mais de uma vez naquele dia os dois tebanos se viram frente a frente, atacando-se um ao outro, e um ao outro desmontando. Jamais fêmea de tigre no vale de Gargáfia, depois que lhe roubaram as crias pequeninas, foi tão cruel no ataque ao caçador quanto Arcita, no seu ciúme, contra o rival Palamon; nenhum leão feroz em Ben-marin, enlouquecido pela fome ou acuado, deseja tanto o sangue de sua presa quanto quer Palamon matar Arcita. Seus elmos são mordidos pelos golpes enciumados; vermelho brota o sangue de seus corpos.

Tudo, porém, tem fim. O sol ainda não fora repousar, quando o forte rei Emétrio surpreende Palamon a bater-se contra Arcita. Na carne crava-lhe bem fundo a espada. Pela força de vinte, embora a resistir, o jovem é arrastado para a estaca. O gigantesco rei Licurgo acode em seu socorro, mas logo é desmontado. E o próprio rei Emétrio, malgrado a sua força, também é derribado de sua sela, à ponta de uma espada, pelo golpe que, ao ser preso, Palamon lhe desferiu. Mas tudo foi inútil... Ele foi vencido; sua audácia de nada lhe adiantou; e, prisioneiro, foi obrigado a ficar perto da estaca pela força dos braços e do acordo.

Quem, a não ser o pobre Palamon, agora está chorando por não poder mais retornar à luta? Ao ver isso, Teseu bradou aos que ainda combatiam: "Alto! Agora basta; tudo está

terminado! Vou mostrar-me juiz justo e imparcial: é Arcita de Tebas quem terá Emília, pois, graças à Fortuna, a conquistou em luta honesta." Imediatamente a multidão alçou um grito de alegria, tão alto que parecia que a liça vinha abaixo.

Agora o que se espera de Vênus lá na altura? Que diz agora? Que pode fazer a rainha do amor, a não ser chorar de despeito até que suas lágrimas tombem sobre a liça? Gritava ela: "Isto é, sem dúvida, um vexame!" Saturno a confortou: "Acalma-te, minha filha! Marte venceu; seu cavaleiro obteve a graça que pedira; mas, prometo-te, tua satisfação logo há de vir."

Os trombeteiros, com os ruidosos menestréis, os arautos, com seus altos brados e clamores, regozijavam-se em sua alegria com Dom Arcita. Ouvi, no entanto, – deixando por alguns instantes o alarido, – que prodígio aconteceu então.

O bravo Arcita, que removera o elmo para mostrar-se ao povo, fazia a volta da arena montado num cavalo, olhando fixo para cima, na direção de Emília; esta, por sua vez, devolvia-lhe o olhar afetuoso (pois as mulheres, em geral, seguem os favores da Fortuna), e era tudo para ele, pelo que o coração sentia e o semblante demonstrava. De repente, elevou-se do chão uma fúria infernal, mandada por Plutão a pedido de Saturno, que assustou o corcel e o fez girar, saltar para o lado, e tropeçar durante o salto. Apanhado desprevenido, Arcita foi atirado ao solo de cabeça, ferindo o peito no arção: e onde caiu ficou, como se estivesse morto. O sangue afluiu-lhe ao rosto, que enegreceu como carvão ou como as penas do corvo. Logo o transportaram, na maior tristeza, para o palácio de Teseu, onde o desembaraçaram da armadura e, rápida e carinhosamente, o colocaram numa cama, visto que ainda vivia e estava consciente, clamando sem parar por Emília.

O duque Teseu, enquanto isso, retornou com todo o seu séquito para Atenas, em meio a gritos de júbilo e grandes pompas. Apesar do acidente, não queria ele ver ninguém aborrecido, – mesmo porque, dizia-se, Arcita provavelmente iria se salvar, devendo recuperar-se logo. Além disso, muitos viam razão para contentamento no fato de ninguém haver morrido no torneio, ainda que todos estivessem bastante machucados, – principalmente um, cujo externo fora atingido por um chuço. Quanto aos braços partidos e aos demais ferimentos, alguns os tratavam com pomadas, outros com simpatias, e outros com poções e ervas medicinais, buscando assim a saúde para os membros. O duque, de sua parte, fazia o possível para consolar e homenagear a todos, oferecendo aos fidalgos estrangeiros, como era praxe, uma festa que atravessou a noite. Nem havia quem visse no encontro de armas algo mais que simples justa ou torneio; a rigor, ninguém se considerava derrotado. Com efeito, cair do cavalo fora azar; e ser conduzido à força, um lutador sozinho, sem ninguém para ajudá-lo, arrastado por vinte cavaleiros, e empurrado por mãos e pés e pernas, enquanto o seu cavalo era corrido a pauladas por lacaios e couteiros e valetes... não podia ser julgado uma desonra, e muito menos um ato de covardia. Por isso mesmo, para pôr fim a quaisquer rancores ou despeitos, o duque Teseu ordenou que se proclamasse o igual valor das duas companhias, e que todos os competidores se vissem como irmãos. A seguir, presenteou a todos segundo o seu grau hierárquico e decretou três dias de festejos. Depois, quando os reis visitantes deixaram sua cidade, acompanhou-os por toda uma jornada. Finalmente, só restava dizer "adeus, e passar bem"; e todos regressaram sem problemas para as suas terras. Do combate não pretendo mais falar, voltando agora a Palamon e Arcita.

Inchara muito o peito de Arcita, e a chaga sobre o coração estava cada vez pior. Apesar do tratamento, o sangue coagulado apodrecia e a gangrena se espalhava por seu tronco, de modo que nem sangrias, nem ventosas, nem remédios de ervas podiam ajudar. A virtude expulsiva*, ou animal, não conseguia anular ou expelir o veneno que debilitava a virtude chamada natural. Os brônquios dos pulmões estavam inflamados, e os músculos, a partir do peito, achavam-se contaminados e em deterioração. De nada adiantavam, para salvar-lhe a vida, vomitórios para cima ou laxativos para baixo. Toda a região tinha sido atacada, e a natureza não lograva reagir. E, é claro, quando a natureza não atua... Adeus, medicina! O homem já pode ser levado para a igreja! Arcita, portanto, estava à morte. Sentindo isso, mandou chamar Emília e seu querido primo Palamon; e falou-lhes assim, como se segue:

"O espírito acabrunhado dentro de meu coração não pode revelar-vos sequer uma parcela de minha dor profunda, oh senhora minha, que eu amo mais que tudo; mas, tendo minha vida chegado ao fim, ofereço-vos agora o serviço de minha alma, acima de todas as criaturas. Ai, que desgraça! Ai, as duras penas, tão longas, que por vós sofri! Ai, a morte, minha Emília! Ai, separar-me de vós, minha rainha, minha noiva, senhora de meu coração, término de minha existência! O que é este mundo? Por que tantas ilusões? Ora o homem está com o seu amor, ora na tumba fria, sozinho, sem a companhia de ninguém. Adeus, minha doce inimiga, minha Emília! Tomai-me suavemente em vossos braços, pelo amor de Deus, e ouvi o que tenho para dizer-vos.

"Por muito tempo no passado lutei aqui com o meu primo Palamon e o odiei, por amor a vós e por meu ciúme. Agora Júpiter guie minha alma para que eu possa falar corretamente, como um servo do amor, com todas as qualidades apropriadas, – como a verdade, a humildade, a posição, a alta linhagem, a generosidade e tudo o mais que ele requer, – a fim de declarar-vos, pela esperança que tenho de que Júpiter me acolha, que neste mundo agora não conheço ninguém que mereça ser amado mais que Palamon, que vos serve e há de servir a vida inteira. Se alguma vez tiverdes que casar-vos, não vos esqueçais de Palamon, o gentil homem."

Ditas essas palavras, sua voz emudeceu, pois dos pés para o peito já subira o frio da morte, que se alastrava, alcançando ademais os dois braços, onde a força vital se perdera e se extinguira. E quando a morte chegou ao coração triste e doente, também atingiu o intelecto que ali morava, e que sozinho resistia. Sua vista escureceu, o ar faltou-lhe, e ele, voltando os olhos para a sua amada, disse ainda estas palavras: "Piedade, Emília!" Depois, seu espírito mudou de casa, indo para onde não sei dizer, porque nunca estive lá. E, como não sou teólogo, prefiro calar-me. Assim, neste relato não há nada sobre almas, – mesmo porque não vejo razão para reproduzir aqui as opiniões dos que escreveram sobre as suas moradas. Arcita está frio; guie Marte o seu espírito! E agora passo a falar de Emília.

Emília gritava, e Palamon gemia. Teseu, ao ver sua cunhada a desmaiar, cuidou logo de afastá-la do corpo. Que utilidade teria agora gastar o dia todo para descrever o pranto que ela derramou, de tarde e de manhã? Todos sabem que as mulheres, quando perdem os maridos, geralmente se lamentam assim; ou então ficam doentes e também acabam morrendo.

Infinitos eram os prantos e as dores de velhos e de jovens, em toda a cidade, por causa da morte daquele tebano; por ele choravam adultos e crianças. Não houve lamentações tão grandes nem quando Heitor foi trazido para Tróia logo depois de morto. Ai, que triste espetáculo, as pessoas arranhando suas faces e arrancando seus cabelos! "Por que tivestes que morrer?" clamavam as carpideiras; "não possuíeis ouro suficiente e a bela Emília?"

Ninguém podia consolar o duque, salvo Egeu, seu velho pai, que, conhecendo as transmutações deste mundo e tendo presenciado muitas ascensões e muitas quedas, muita alegria depois da tristeza e muita tristeza depois da alegria, estava em condições de apontar-lhe exemplos e semelhanças. "Assim como ninguém jamais morreu," disse ele, "sem antes ter vivido na terra algum tempo, assim também ninguém viveu neste mundo sem algum dia morrer. Este mundo é apenas uma passagem, cheia de sofrimento, onde nós todos, indo e vindo, somos peregrinos. A morte é o fim dos males da vida." Disse, a seguir, várias outras coisas do mesmo jaez, de modo a sabiamente levar conforto às pessoas que dele necessitavam.

O duque Teseu, com diligentes cuidados, passou então a refletir sobre o melhor lugar para o sepultamento do bom Arcita, um lugar apropriado à sua condição. Concluiu, por fim, que deveria ser o local em que, pela primeira vez, Arcita e Palamon travaram um duelo pela sua dama. No mesmo bosque, verde e ameno, onde o jovem havia demonstrado seus desejos amorosos, suas mágoas e a ardente fogueira de sua paixão, faria ele acender-se a fogueira para a realização das exéquias. Ordenou, portanto, que se cortassem e abatessem os anosos carvalhos, e que se arrumassem as toras em pilhas para o fogo. Seus oficiais, com pés ligeiros ou a galope, apressaram-se a atendê-lo. Depois Teseu encomendou um esquife, todo recoberto de brocado, o mais custoso que havia. E com o mesmo tecido chapado a ouro foi vestido Arcita, que trazia na cabeça uma verde coroa de louros, e nas mãos, metidas em luvas brancas, uma espada afiada e

reluzente. Assim foi ele, com o rosto descoberto, colocado sobre o esquife, enquanto o duque se desfazia em prantos comoventes. E, na manhã seguinte, para que o povo todo pudesse vê-lo, o corpo foi exposto, tão logo clareou o dia, no salão nobre do palácio, onde ecoaram gritos e lamentos.

Lá compareceu o triste tebano Palamon, com a barba ondulada em desalinho, cabelos cobertos de cinza, e vestes pretas salpicadas de lágrimas; e, superando em aflição a todos, lá veio Emília, a mais desconsolada de toda a companhia. Para que o sepultamento, em seu nível, fosse mais nobre e rico, o duque Teseu mandou que se trouxessem três cavalos, com arreios reforçados por aços cintilantes e recobertos por mantas com o brasão de Dom Arcita. Montadas nesses animais, que eram grandes e brancos, vinham as pessoas que a tradição determina; uma segurava o escudo do morto, outra a sua lança, e a terceira o seu arco turco (a aljava e os demais apetrechos eram de ouro puro). Cavalgavam com ar tristonho e passo cadenciado, em direção ao bosque, como ouvireis. Os gregos mais nobres, caminhando lentamente, com os olhos vermelhos e úmidos, carregavam o esquife nos ombros pela rua principal da cidade, toda atapetada de panos negros, que também revestiam as casas, pendendo do alto. À direita, vinha o velho Egeu e, do outro lado, o duque, ambos sustendo nas mãos vasilhas de finíssimo ouro, cheias de mel, leite, sangue e vinho; atrás vinha Palamon, acompanhado de grande séquito; e, a seguir, a chorosa Emília, trazendo o fogo que, segundo o costume da época, seria usado no ofício fúnebre.

Duro foi o trabalho e grande a preparação para o serviço solene e a construção da pira, que atingia o céu com o seu verde topo e se estendia com os seus braços a uma distância de vinte toesas, – ou seja, era essa a largura dos galhos empilhados. Em torno da base, primeiro, colocaram muita palha... Mas como acenderam o fogo no alto, os nomes das árvores que usaram (como carvalho, abeto, bétula, álamo, amieiro, azevinho, choupo, salgueiro, olmo, plátano, freixo, buxo, castanheiro, tília, loureiro, ácer, espinheiro, faia, aveleira, teixo, corniso) ou como foram derrubadas... nada disso vou contar; nem como os deuses, – ninfas, faunos e hamadríadas, – correram para cima e para baixo, privados das habitações em que viviam em paz e no sossego; nem como todos os animais e pássaros fugiram assustados quando o bosque foi cortado; nem como o solo, que nunca vira o sol brilhante, recebeu pasmado a luz; nem como o fogo foi primeiro alimentado com a palha, depois com varas secas partidas em três, depois com ramos verdes e com especiarias, depois com pedrarias e brocados, com grinaldas de que pendiam muitas flores, com mirra e incenso odorosos; nem vou dizer como Arcita jazia no meio de tudo isso, nem as riquezas em torno de seu corpo; nem como Emília, como era o costume, acendeu o fogo para a cerimônia fúnebre; nem como desmaiou quando atiçaram as chamas; nem o que falou ou pensou; nem as jóias que lançaram à fogueira depois que ela cresceu, crepitando com fragor; nem como alguns atiraram seus escudos, outros suas lanças, e outros as vestes que usavam (juntamente com taças cheias de vinho e leite e sangue) ao fogo, que ardia furiosamente; nem como os gregos, formando enorme bando, cavalgaram três vezes pela esquerda ao redor da pira, bradando a plenos pulmões e batendo três vezes as lanças, enquanto as mulheres três vezes gritavam; nem como Emília foi levada embora; nem como Arcita foi cremado até se reduzir a cinza fria; nem como foi o velório aquela noite; nem como se desenrolaram os jogos fúnebres, quem melhor lutou nu, untado de óleo, quem melhor se conduziu em qualquer situação; nem vou dizer, finalmente, como voltaram todos para Atenas quando os jogos terminaram. Desejo apenas ir direto ao ponto e concluir a minha longa história.

Com a evolução dos tempos e o passar dos anos, todos os gregos, de comum acordo, acabaram por deixar o luto e as lágrimas. Parece-me que houve então, em Atenas, um encontro para a discussão de certas questões e problemas, entre os quais a necessidade de firmarem alianças entre os estados a fim de garantirem plenamente a docilidade dos tebanos. Com vistas a isso, o nobre Teseu logo mandou chamar o gentil Palamon, sem revelar-lhe, porém, a causa ou o motivo da convocação; assim mesmo, vestido de preto e com ar abatido, ele a atendeu prontamente. À sua chegada, o duque também chamou Emília. Quando todos se sentaram e se fez silêncio, Teseu, antes que viesse qualquer palavra de seu sábio peito, aguardou alguns

instantes, passando os olhos com vagar pelo recinto. Depois, com o semblante sério, deu um leve suspiro e manifestou sua vontade:

"Quando o Primeiro Motor da Causa Suprema criou a bela cadeia do amor, grande foi a conseqüência e elevado o seu intento. Bem sabia ele o porquê e o quê visava, pois com a bela cadeia do amor prendeu o fogo, o ar, a água e a terra dentro de limites que não podiam exceder. Da mesma forma, aquele Príncipe e Motor Primeiro estabeleceu aqui embaixo, em nosso mundo miserável, para tudo o que nele é gerado, dias e prazos certos, que podem ser diminuídos, mas jamais ultrapassados. Não precisamos aqui invocar autoridades; basta-nos a experiência para a comprovação desse fatos, que estou lembrando para explicar meu pensamento.

"Por essa ordem estabelecida pode-se perceber que aquele Motor Primeiro é estável e eterno; por conseguinte, apenas um tolo deixará de ver que todas as partes derivam desse todo, uma vez que a natureza jamais poderia provir de um pedaço ou porção de uma coisa, e sim de algo perfeito e estável, descendo daí para o corruptível. Com sua sábia providência, portanto, ele determinou a disposição de tudo de tal maneira que todas as espécies de coisas e suas progressões devem, em verdade, existir sucessivamente, mas não eternamente. É algo que se entende sem dificuldade, algo que salta aos olhos.

"Vede, por exemplo, o carvalho, que, depois que começa a brotar, passa por um período tão longo de crescimento e tem uma vida tão longa; no entanto, um dia essa árvore também definha.

"Observa como a pedra dura sob os nossos pés, sobre a qual nós pisamos e passamos, vai se desgastando à margem do caminho; como o rio largo às vezes fica seco; como as grandes cidades decaem e se vão. Como vedes, tudo tem um fim.

"Assim sendo, também os seres humanos, homens e mulheres, em uma destas duas idades, – na juventude ou na velhice, – devem necessariamente morrer, não importa se reis ou pajens; alguns na cama, outros no mar profundo, outros em campo aberto, como bem sabeis. Nada pode impedir isso; todos têm que trilhar a mesma estrada. Posso, portanto, afirmar que tudo o que existe morre.

"Quem faz que as coisas sejam assim, senão o próprio Júpiter, o Rei Supremo, o Príncipe e a Causa de tudo? É ele quem compele tudo a reverter à fonte da qual tudo proveio. E nenhum ser vivente, seja qual for a sua condição, consegue lutar contra isso.

"Eu acho, pois, prudente passar a ver como um bem o inevitável, aceitando-se o que não se pode recusar, notadamente o destino de que todos compartilham. Grande loucura é resmungar ou rebelar-se contra quem pode tudo conduzir. Depois, maior é a glória de um homem quando se vai no auge da fama e na flor de sua idade, quando consolidado se acha o seu renome, pois jamais fará algo que envergonhe ou a si próprio ou seus amigos. E estes devem sentir-se mais felizes vendo que exala o último suspiro quando honrado, do que vê-lo enfraquecido pela idade, com todos os seus feitos esquecidos. Não, é bem melhor para a própria dignidade morrer quando é maior nosso renome!

"A atitude contrária é teimosia. Por que vamos resmungar, por que vamos ficar tristes, ao ver o bom Arcita, a flor da cavalaria, partir com honra e glória desta prisão horrível da existência? Por que agora seu primo e sua noiva choram o bem-estar daquele que tanto os quis? Será que ele por isso vai sentir-se grato? Não, por Deus, de forma alguma! Assim agindo, não só não recuperam sua felicidade, como também ofendem a alma dele e a si próprios.

"Que conclusão tirar de tantos argumentos? Somente esta: após a desventura devemos alegrar-nos, agradecendo a Júpiter por todas as suas graças. Portanto, antes que nós daqui nos vamos, acho melhor fazer de duas tristezas uma alegria, perfeita e duradoura. Devemos sempre começar a trabalhar onde a aflição é mais intensa.

"Irmã," disse ele, "é meu pensar, apoiado por todo este conselho, que deves te apiedar do gentil Palamon, teu nobre paladino, que te serve com sua vontade, seu coração e suas forças desde o primeiro dia em que te viu, tomando-o por esposo e por senhor. Dá-me tua mão, pois este é o nosso acordo. Mostra agora a tua compaixão feminina. Por Deus, ele é filho do irmão de

um rei! E mesmo que fosse um simples aspirante a cavaleiro, penso que ele, após servir a ti por tantos anos, e passar tantas agruras por tua causa, merece alguma consideração. A graça é maior do que o direito!"

Voltou-se ele em seguida para Palamon, o cavaleiro: "Creio que não preciso argumentar para te convencer a aceitar minha proposta. Aproxima-te, e toma a mão de tua senhora."

Logo foi feito o enlace, a que chamam de casamento ou matrimônio, na presença do conselho e dos barões. E assim, em meio a júbilos e melodias, Palamon desposou a sua Emília. E Deus, o criador do vasto mundo, mandou-lhe enfim o amor que tanto lhe custou. Agora Palamon está contente, vivendo na ventura, na riqueza e na saúde, amado ternamente por Emília. E ele a serve com tanta gentileza, que jamais houve entre ambos sequer uma palavra de ciúme ou de agressão. Assim termina o conto de Palamon e Emília; e Deus salve esta bela companhia! Amém.

Aqui se encerra o Conto do Cavaleiro.

O CONTO DO MOLEIRO

Seguem-se aqui as palavras entre o Albergueiro e o Moleiro.

Quando o Cavaleiro acabou de contar a sua história, não havia jovem ou velho, em toda a comitiva, que não a proclamasse uma narrativa nobre e digna de ser conservada na memória, do agrado principalmente das pessoas requintadas. Nosso Albergueiro riu e praguejou: "Que eu me dane, mas a coisa está indo que é uma beleza! E agora que abriram a fivela da mala, vamos ver quem vai contar a história seguinte; pois não há dúvida de que a brincadeira começou muito bem. Senhor Monge, conte-nos agora, se puder, algo para pagar a história do Cavaleiro."

O Moleiro, que estava pálido de bêbado e mal conseguia equilibrar-se em cima do cavalo, não se mostrava disposto a tirar o chapéu, ou o capuz, para fazer cortesia a quem quer que fosse. Assim, com voz de Pilatos no teatro, pôs-se a gritar, jurando pelos braços, pelo sangue e pelos ossos de Jesus: "Eu conheço uma história que vem a calhar para a ocasião, e é com ela que vou pagar o conto do Cavaleiro."

Nosso Albergueiro, percebendo que ele tomara uma bebedeira de cerveja, disse: "Devagar aí, Robin, meu querido irmão. Alguém melhor que você é quem vai contar primeiro. Calma! Vamos fazer as coisas direito."

"Por Deus", berrou o outro, "isso é que não! Ou falo agora mesmo, ou vou-me embora." Respondeu o Albergueiro: "Diabos, pois que fale! Você não passa de um tolo; não está certo da cabeça."

"Muito bem", disse o Moleiro, "agora escutem todos! Mas antes devo declarar que estou bêbado... Sei disso pelo som de minha voz. Portanto, peço-lhes que, se por acaso eu falar ou disser qualquer coisa imprópria, deixem isso por conta da cerveja de Southwark. Vou narrar-lhes a história e a vida de um carpinteiro e de sua mulher, e como um estudante fez aquele artesão de bobo."

Nesse ponto, o Feitor o interrompeu: "Feche essa matraca, esqueça as suas obscenidades de bêbado libertino! Além de grande besteira, é pecado ofender ou difamar um homem e manchar a reputação das mulheres. Há muitas outras coisas sobre o que falar."

Imediatamente, o bêbado do Moleiro retrucou: "Oswald, meu caro irmão, só quem não tem mulher não pode ficar cornudo. Não estou dizendo com isso que você seja um, mesmo porque há muitas mulheres boas, – umas mil para cada uma que não presta. A menos que esteja louco, até você sabe disso. Então, por que ficar tão furioso com minha história? Por Deus, assim como você, eu também tenho mulher; mas, pelos touros do meu arado, eu é que não vou ficar imaginando mais coisas do que convém e achar que tenho cornos. Pelo contrário, prefiro

acreditar que não. Um marido não deve querer saber nem os segredos de Deus, nem os de sua mulher. Basta que tenha a seu dispor aquilo de que precisa; quanto ao resto, é melhor não indagar."

Tudo o que posso acrescentar é que esse Moleiro não se calou em consideração por ninguém, contando a sua história indecente como bem entendeu. Lamento ter que reproduzi-la aqui. Por isso, peço às pessoas mais refinadas que, pelo amor de Deus, não atribuam qualquer propósito maldoso a meu relato; apenas repito os contos de todos eles, bons ou ruins, porque senão estaria falseando uma parte de minha matéria. Assim sendo, quem não desejar ouvi-la, tudo o que tem a fazer é virar a página e escolher alguma outra narrativa. Há de encontrar diversas, longas e breves, de assuntos históricos concernentes à fidalguia, bem como à moral e à santidade. Se vocês escolherem mal, a culpa não será minha. O Moleiro é um crápula, e isso ninguém ignora. O mesmo se pode dizer do Feitor, – entre muitos outros mais, – e ambos só sabiam falar de coisas obscenas. Estejam de sobreaviso; depois, não culpem a mim. Além disso, para que levar a sério uma simples brincadeira?

Aqui termina o prólogo.

Aqui inicia o Moleiro o seu Conto.

Vivia antigamente em Oxford um camarada rico, carpinteiro de profissão, que aceitava pensionistas em casa. Com ele morava um estudante pobre, que fizera o curso de artes, mas cuja inclinação era toda para a astrologia; tanto assim que, quando perguntado em certas horas, era capaz, por meio de cálculos, de fazer prognósticos para saber quando iria chover ou fazer seca, ou o que iria acontecer com referência a muitas coisas, – eu nem poderia dizer todas.

Esse estudante era conhecido como o "belo Nicholas". Vivia à cata de prazeres e aventuras amorosas, e agia sempre com esperteza e discrição, escondendo-se atrás de uma aparência delicada de moça. Tinha na hospedaria um quarto só para si, sem companhia alguma, graciosamente enfeitado com plantinhas aromáticas; aliás, ele próprio tinha o perfume da raiz do alcaçuz ou da zedoária. Seu *Almagesto* e os seus demais livros, grandes e pequenos, o astrolábio, necessário ao exercício de sua arte, e as pedras de seu ábaco jaziam espalhados em prateleiras junto à cabeceira de sua cama. O armário para as roupas era revestido de frisa escarlate, e sobre ele descansava um alegre saltério, instrumento que tocava todas as noites tão docemente que o quarto inteiro ressoava com sua música. Cantava o *Angelus ad Virginem* e depois o Hino do Rei, e quem o ouvia, freqüentemente abençoava sua garganta melodiosa. E assim passava o seu tempo esse gentil estudante, graças à ajuda dos amigos e ao que ele próprio conseguia apurar.

Quanto ao carpinteiro, casara-se, não fazia muito, com uma mulher que ele amava mais que a própria vida, e que tinha dezoito anos de idade. Era ciumento, mantendo-a sob sete chaves, pois, como era velho, e ela fogosa e jovem, tinha medo de ser corneado. Não sendo instruído, desconhecia Dionísio Catão*, que recomendava o casamento entre iguais. Os homens devem procurar sempre alguém nas mesmas condições, dado que a juventude e a idade muitas vezes entram em atrito. Mas, tendo caído na armadilha, tinha, como tantos outros, que conviver com essa preocupação.

A jovem esposa era encantadora, com seu corpo pequeno e esbelto de doninha. Usava um cinto com debruns de seda, e, preso em torno dos quadris, um avental branquinho como o leite da manhã, todo cheio de babados. Branca também era a camisa, com uma gola bordada, na frente e atrás, de seda preta como carvão, tanto dentro quanto fora. As trenas da touca branca combinavam com a gola, e a fita larga nos cabelos, atada no alto, também era de seda. E, sem dúvida, seus olhos eram maliciosos, sob duas sobrancelhas depiladas, arqueadas e negras como o abrunho. Ela era mais bonita de se ver do que a pereira nova, e mais suave do que a lã do cordeirinho. Pendia-lhe da cintura uma bolsa de couro, com borlas de seda e contas de latão. Por mais sábio que seja, não há homem neste mundo, – mesmo que o tenha percorrido de alto a

baixo, – capaz de imaginar tão graciosa bonequinha, ou moça igual. Sua tez luzia mais que o "nobre" recém-cunhado na Torre de Londres. Quanto a seu canto, era forte e vivo como o da andorinha quando pousa num celeiro. Saltava e brincava como o cabritinho ou o bezerro atrás da mãe. Sua boca era gostosa como cerveja doce ou hidromel, ou como pilha de maçãs por sobre o feno ou urze. Era irrequieta como um potro brincalhão, comprida como um mastro e reta como uma flecha. Fechava-lhe o decote um broche grande como a protuberância no centro dos escudos. Subiam-lhe pelas pernas as tiras com que atava os seus sapatos. Era uma primavera ou cardamina, digna de ser levada para a cama por um fidalgo ou desposada por um rico lavrador.

Então, meu senhor, e meu senhor ali, deu-se o caso que um dia o belo Nicholas começou a rir e a brincar com a jovem esposa, aproveitando-se de que o marido estava fora, em Oseney (os estudantes são muito espertos e sabidos); e nisso, furtivamente, apanhou-a pela boceta, dizendo: "Meu amor, se você não me der o que desejo, esta minha paixão vai me matar." Em seguida, agarrando-a firme pelos quadris, sussurrou: "Meu bem, venha comigo agora mesmo, senão, – que Deus me ajude, – vou morrer!" Ela, porém, saltou como o potro que está no cercadinho para ser ferrado, e, desviando rapidamente a cabeça, respondeu: "Eu é que não vou beijar você! Ora, deixe disso, Nicholas; deixe disso, ou começo a gritar *socorro, acudam*. Faça-me o favor de não pôr mais as mãos em mim!"

Nicholas passou então a implorar piedade. E falou tão bonito e fez tantas promessas que ela afinal acabou cedendo, jurando-lhe por Santo Tomás de Kent que estaria a seu dispor assim que surgisse a primeira oportunidade. "Meu marido", explicou ela, "é tão ciumento que, se você não tiver muita paciência e muita discrição, tenho certeza de que será o meu fim. É preciso agir com o máximo cuidado neste caso."

"Ora, pode deixar", retorquiu Nicholas; "por certo teria desperdiçado o seu tempo o estudante que não fosse capaz de enganar a um carpinteiro." E assim, como eu já disse, eles combinaram e prometeram aguardar a ocasião apropriada. E Nicholas, tendo jurado isso, após afagar muitas vezes as coxas da jovem e após beijá-la com ardor, apanhou o seu saltério e se pôs a tocá-lo e a cantar alegremente.

Pouco depois aconteceu que, tendo chegado um dia santo, a boa mulher foi à igreja da paróquia cumprir os seus deveres cristãos. Luzia-lhe a testa como o próprio dia, de tanto que a lavara ao terminar o seu trabalho. Ora, havia nessa igreja um sacristão de nome Absalon. Seu cabelo encaracolado, repartido ao meio numa linha direita e igual, tinha o brilho do ouro, esparramando-se atrás como um leque grande e largo. Sua pele era rosada; seus olhos, cinzentos como o ganso. Seus sapatos estavam cheios de aberturas rendilhadas, que lembravam as janelas da igreja de São Paulo. Com belas calças de cor escarlate, andava sempre bem arrumadinho, dentro de uma túnica azul-claro muito bonita, inteiramente recoberta de rendas aplicadas. Sobre ela vestia alegre sobrepeliz, alva como um ramo em. plena florescência. Era, de fato, um rapaz muito jovial, ouça-me Deus! Além de tudo, sabia fazer sangrias, barbear, cortar cabelo, e redigir escrituras de terras e recibos; sapateava e dançava de vinte modos diferentes, como era prática naquele tempo em Oxford, atirando as pernas para a frente e para trás; também tocava canções num pequeno alaúde, e, às vezes, cantava com voz aguda e poderosa, acompanhando-se com a guitarra. Não havia na cidade cervejaria ou taverna, com alegres garçonetes, que ele não visitasse em suas estripulias. Mas, para dizer a verdade, era um pouco implicante em matéria de peidos, e tinha uma língua perigosa.

Esse Absalon, tão divertido e brincalhão, foi quem naquele dia santo carregou o turíbulo, jogando incenso nas mulheres da paróquia. E, ao mesmo tempo, atirava sobre elas muitos olhares amorosos, – principalmente sobre a mulher do carpinteiro. Pareceu-lhe que só de olhar para ela já gozava o paraíso, de tanto que era formosa e doce e provocante. Eu até diria que, se ela fosse um ratinho e ele um gato, pularia em cima dela ali mesmo. Este sacristão, este alegre Absalon tinha tal espírito de galanteador, que recusava os donativos das senhoras para não ferir (dizia) o cavalheirismo.

Naquela noite a lua brilhava esplendorosa, e Absalon tomou de sua guitarra com a

intenção de despertar suas amadas. E lá se foi, feliz e enamorado, até que chegou à casa do carpinteiro logo após cantar o galo; e, postando-se sob o peitoril de uma janela, entoou com voz doce e gentil, bem afinada ao som de sua guitarra:

"Se teu querer, oh dama, for assim,
Volta o teu pensamento para mim."

O carpinteiro acordou, escutou a música, e logo se virou para a mulher: "Quê? Alison, você não está ouvindo o Absalon, a cantar sob a janela de nosso quarto?" Respondeu ela ao marido: "Sim, por Deus, John; estou ouvindo, sim."

E assim caminham as coisas. Afinal, o que se pode desejar melhor que o ótimo? Dia após dia, o alegre Absalon vem cortejá-la com insistência, a tal ponto que já começa a desesperar-se. Já não dorme noite e dia; penteia a cabeleira esparramada e se enfeita; solicita-a por intermediários e por procuração; jura tornar-se o seu criado; canta e gorjeia como um rouxinol; manda-lhe vinho temperado com especiarias, hidromel, cerveja aromatizada, e bolos chiando de quentes; e, como ela era da cidade, chega a ofertar-lhe dinheiro*. Pois há quem se deixe conquistar por riquezas, quem por pancadas, quem por afagos.

Uma vez, para mostrar sua agilidade e seu talento, representa Herodes no palco levantado. Entretanto, de nada lhe serve tudo isso: ela ama tanto o belo Nicholas que, não importa o que o outro faça, a paga para os seus esforços sempre há de ser o desprezo. É como se ela visse em Absalon apenas um macaquinho, transformando em zombaria o que ele faz com seriedade. Com efeito, é muito certo o provérbio que diz: "Longe dos olhos, longe do coração". Pois, por mais que Absalon delire ou se enfureça, estando longe de sua vista, perde o lugar para Nicholas, que está sempre ao redor dela.

Por isso, vá adiante, belo Nicholas; e esqueça Absalon, com seus lamentos e seus cantos cheios de "ais"! E foi o que se deu num sábado, quando, tendo outra vez o carpinteiro viajado para Oseney, o belo Nicholas e Alison acertaram que poriam em prática um estratagema para enganar aquele marido ciumento e simplório; e que, se tudo corresse bem, ela dormiria a noite inteira em seus braços, como era desejo dele e também dela. Logo em seguida, sem dizer outras palavras, Nicholas, não pretendendo perder mais tempo, sorrateiramente levou para o seu quarto comida e bebida para um dia ou dois, pedindo à jovem que dissesse a seu marido, caso perguntasse por ele, que não sabia onde estava, pois não pusera os olhos nele o dia todo; que achava que devia estar doente, porque a criada o chamara aos gritos, e ele, apesar de tudo, não dera resposta alguma.

Assim se passaram as coisas naquele sábado. E Nicholas permaneceu quietinho em seu quarto, comendo, bebendo ou distraindo-se como julgou melhor, até domingo, quando o sol se recolheu. O tolo do carpinteiro ficou muito preocupado com Nicholas, imaginando o que estaria acontecendo, e disse: "Por Santo Tomás, receio que Nicholas não esteja passando bem. Queira Deus que ele não morra de repente! Na verdade, este mundo é tão imprevisível! Hoje mesmo vi levarem para a igreja um cadáver que ainda na última segunda-feira estava trabalhando!"

"Vá até lá", ordenou ele a um criado. "Chame à porta, ou bata com uma pedra; olhe como estão as coisas e venha correndo contar-me tudo!"

O criado subiu as escadas resolutamente, deteve-se diante da porta do quarto, chamou e bateu como louco: "Ei! Que se passa? Que faz aí, senhor Nicholas? Como pode dormir o dia inteiro?"

Foi tudo inútil: não ouviu sequer uma palavra. Descobriu então um buraco, numa tábua mais embaixo, que o gato usava para entrar e sair; espiou por ali, e finalmente conseguiu vislumbrá-lo. Nicholas, parado, estava com o olhar fixo no alto, como se perscrutasse a lua nova. O criado desceu a escada aos pulos, e logo contou ao patrão em que estado havia encontrado o homem.

O carpinteiro começou a persignar-se e foi dizendo: "Que Santa Fridesvida nos proteja!

Uma pessoa nunca sabe o que o futuro lhe reserva. Este homem deve estar sofrendo de algum tipo de loucura ou angústia, tudo por causa de sua 'astromia'. Sempre achei que essa história tinha que acabar assim! A gente não pode querer saber os desígnios de Deus. Sim, abençoado é o ignorante, que só conhece o próprio credo! Houve um outro estudante de astromia que teve o mesmo destino: saiu pelo campo para olhar as estrelas e ver o que estava para acontecer, quando caiu num buraco margoso. Isso ele não viu. Apesar de tudo, por Santo Tomás, eu tenho muita pena do belo Nicholas. Ele vai levar um bom pito por causa destes seus estudos; e sou eu que vou dá-lo, juro por Cristo-Rei! Robin, arranje-me uma vara para eu forçar a porta por baixo enquanto você a levanta. Aposto que desta vez nós o arrancamos dos tais estudos." E foi postar-se diante da entrada do quarto. Seu criado, que era um rapaz forte como exigia a ocasião, agarrou sem demora o ferrolho, e logo pôs abaixo a porta. Nicholas continuou imóvel como uma pedra, sempre com o olhar perdido no alto. O carpinteiro, julgando-o fora de si, segurou-o com força pelos ombros e o sacudiu violentamente, ao mesmo tempo em que berrava: "Que é isso, Nicholas? Que é isso agora? Vamos! Olhe para mim! Acorde, e pense na paixão de Cristo! Eu vou benzer você contra duendes e maus espíritos." E imediatamente rezou o esconjuro noturno* nos quatro cantos da casa e no batente da porta que dava para a rua:

"Jesus Cristo e também São Benedito,
Guardai-nos contra o espírito maldito!
Que o Padre-Nosso Branco nos dê paz.
Oh, irmã de São Pedro, onde estarás?"

Depois de longo tempo, o belo Nicholas começou a suspirar profundamente, exclamando: "Ai, outra vez o mundo todo terá que ser destruído?"

Atalhou o carpinteiro: "O que você está dizendo? Ora, pense em Deus, como nós que trabalhamos."

Respondeu Nicholas: "Traga-me algo para beber. Depois, quero falar-lhe em particular de uma coisa que interessa a você e a mim. É algo que não pretendo contar para mais ninguém."

O carpinteiro desceu, e voltou trazendo uma jarra grande, com um quarto de galão de cerveja das mais fortes; e, depois de cada qual haver bebido a sua parte, Nicholas fechou bem a porta, fez o carpinteiro sentar-se a seu lado, e disse: "John, meu caro e estimado hospedeiro, você vai jurar-me aqui, por sua honra, que não há de revelar este segredo para pessoa alguma, – pois é um segredo de Cristo o que lhe vou contar. E se você não guardá-lo para si, você estará perdido, porque, se trair-me, o castigo que vai sofrer será a loucura."

"Não, Deus me livre, pelo sagrado sangue de Jesus", exclamou o simplório. "Não costumo dar com a língua nos dentes e, ainda que eu mesmo o diga, nunca fui mexeriqueiro. Pode falar o que quiser, não vou contar nada para nenhuma mulher ou criança... Juro por aquele contra quem o inferno não pôde prevalecer."

"Nesse caso, John", continuou Nicholas, "não vou mentir para você. Descobri, por meio de minha astrologia, enquanto examinava a lua nova, que agora, na próxima segunda-feira, um pouco antes do amanhecer, vai cair uma chuva tão pesada e violenta que, comparado com ela, o dilúvio de Noé não chegou nem à metade. O Mundo", prosseguiu ele, "em menos de uma hora ficará inundado, tão terrível será a tempestade; e a humanidade inteira vai se afogar e morrer."

O carpinteiro apavorou-se: "Oh, minha mulher! Ela também vai se afogar? Oh, minha Alison!" E quase desmaiou de dor. Depois perguntou: "Não há nenhum remédio para essa desgraça?"

"Claro que sim, por Deus", replicou o belo Nicholas. "Basta orientar-se pela ciência e por conselhos... O que você não deve é seguir a própria cabeça, pois, como dizia Salomão, que falava sempre a verdade: 'Siga os conselhos e nunca se arrependerá'. Por isso, se você se deixar guiar por bons conselhos, garanto-lhe que, mesmo sem velas ou mastros, hei de salvar a ela, a você e a mim. Nunca ouviu falar de como Noé se salvou, ao ser avisado por Nosso Senhor de que o mundo inteiro se perderia sob as águas?"

"Sim", murmurou o carpinteiro, "há muito tempo atrás."

"E também não ouviu falar das dificuldades de Noé com os que o acompanhavam?" insistiu Nicholas. "Teve tanto trabalho em levar sua mulher* para dentro da arca que aposto como teria dado todas as suas ovelhas negras para que ela pudesse ter um barco só para si. Então você já sabe o que convém fazer, não sabe? A situação exige rapidez; e, num assunto urgente, não se deve perder tempo com palavreado e com demoras. Traga depressa a esta casa dornas ou tinas de madeira para cada um de nós... Mas que sejam grandes. Elas nos servirão de barcos. Dentro delas coloque alimentos para um dia, um dia apenas... Não se preocupe com o resto! As águas irão baixar e desaparecer no meio da manhã do dia seguinte. Robin, porém, não deverá saber disso, o seu criado; nem sua criada Gill. Não poderei salvá-los. Nem me pergunte por que, pois, ainda que insista, não vou contar os segredos do Senhor. Se estiver bom do juízo, há de bastar-lhe o ter recebido uma graça tão grande quanto a de Noé. Quanto a sua mulher, não tenha receio, que vou salvá-la. Agora vá, não perca tempo. E quando tiver arranjado aquelas três tinas (para ela, para você e para mim), pendure-as bem alto no teto, para que ninguém descubra os nossos preparativos. Depois de ter feito tudo como eu disse, depois de ter arrumado dentro delas os alimentos, – e também machadinhas, para partimos as cordas e libertarmos as tinas quando as águas subirem, – depois de ter feito um buraco no alto da cumeeira, – para que possamos passar livremente por sobre o estábulo em direção ao jardim, – e depois de ter cessado a grande chuva, então aposto como você há de flutuar feliz como a patinha branca atrás do pato. Aí eu vou chamá-lo: 'Ei, Alison! Ei, John! Podem sorrir, o dilúvio está passando'. E você vai responder-me: 'Olá, Nicholas! Bom dia. Já posso vê-lo, amanheceu!' Então seremos donos de nossas vidas e de todo o mundo, como Noé e sua mulher. Mas tenho que preveni-lo de uma coisa: cuidado para que, na noite em que subirmos a bordo, não mais se diga uma palavra, nem apelos nem gritos; apenas se deve rezar, pois esta é a preciosa determinação de Deus. Outra coisa: pendure a sua tina e a de sua mulher bem afastadas uma da outra, para que não haja pecado entre vocês dois... se não por atos, por simples trocas de olhares. São essas as recomendações. Vá! Deus o proteja. Amanhã à noite, quando todos estiverem dormindo, subiremos até as nossas tinas e, sentados dentro delas, aguardaremos a graça do Senhor. Agora vá fazer o que é preciso... Não tenho tempo para alongar este sermão. Dizem que para bom entendedor meia palavra basta. Você é bom entendedor: não preciso dizer mais nada. Vá, e salve as nossas vidas... é o que lhe peço."

O otário do carpinteiro foi então cuidar de suas tarefas, murmurando a todo instante "ai de mim!" e "que desgraça!" Também confidenciou a história a sua mulher. Embora ela estivesse a par de tudo e soubesse melhor do que ele todo o propósito da artimanha, comportou-se como se fosse morrer, exclamando: "Ai, então corra. Ajude-nos a escapar, senão morremos todos. Sou sua fiel, legítima esposa; vá logo, meu maridinho adorado, e ajude a nos salvar."

Oh, que coisa poderosa é o sentimento! Há quem morre por causa da imaginação, tão profundas podem ser as impressões. O carpinteiro ingênuo começa a tremer: parece ter ante os olhos o dilúvio de Noé, rolando como os vagalhões do oceano para afogar Alison, a sua queridinha. Chora, geme, desespera-se; grunhe e suspira sem parar. Depois vai, arranja uma tina em forma de amassadeira, e mais uma dorna e mais outra, e as despacha secretamente para casa, onde as pendura no teto.. Com as próprias mãos fez três escadas, com os degraus e as laterais, para o acesso até as tinas presas às vigas. Em seguida, abasteceu a tina e as dornas com pão, queijo e uma jarra de boa cerveja, o suficiente para um dia. Antes, porém, de se entregar a esses arranjos, enviou seu criado e sua criada para Londres, com uma incumbência qualquer. E na segunda-feira, quando a noite se aproximava, trancou a porta da rua sem acender luz de vela, arrumou tudo como devia, e lá se foram os três pelas escadas acima. Ficaram sentados quietos um bom pedaço.

Nicholas quebrou o silêncio: "Agora, um Padre-Nosso e... psiu!" E "psiu!" disse John, e "psiu!" disse Alison. O carpinteiro fez as suas orações e então calou-se; depois rezou mais um pouco e novamente se calou, à espera da chuva e atento para ouvi-la.

Contudo, na hora do toque de cobrir o fogo, ou talvez um pouco mais tarde, cansado de tanto trabalho, caiu num sono profundo. Sentindo-se ainda oprimido, deu alguns gemidos

agoniados; depois, devido à má posição da cabeça, passou a roncar.

Logo Nicholas deslizou escada abaixo, seguido silenciosamente por Alison; sem dizer palavra, foram ambos para a cama, a cama do carpinteiro. E lá houve diversão e melodia. E lá ficaram Alison e Nicholas nos labores da alegria e do prazer, até que o sino dos laudes tocou e os frades na capela começaram a cantar.

Enquanto esses fatos todos se passavam, aquele sacristão galanteador, Absalon, que vivia atormentado pela paixão, na segunda-feira também fora com alguns amigos a Oseney para espairecer e divertir-se. E lá, por mero acaso, encontrou-se com um membro da abadia local, a quem perguntou discretamente a respeito de John, o carpinteiro. Saindo com ele da igreja, respondeu-lhe o outro: "Não sei. Desde sábado que não vem aqui trabalhar. Acho que nosso abade o mandou buscar madeira, pois ele costumava ir buscar madeira e demorar-se um ou dois dias na granja. Ou talvez esteja em casa. O fato é que não sei dizer com certeza onde se encontra."

Absalon, todo aceso e feliz, pensou: "Esta noite tenho que ficar acordado, pois a verdade é que hoje não o vi passar pela porta de sua casa desde que o dia raiou. Por minha alma, assim que o galo cantar vou bater de leve àquela janela baixa de seu quarto. Então vou dizer a Alison toda a minha paixão, e tenho certeza de que pelo menos conseguirei beijá-la. Por minha fé, algum consolo acho que vou obter. Afinal, minha boca coçou o dia inteiro, e isso no mínimo é sinal de beijos. Além de tudo, também sonhei que estava numa festa. Por isso, agora vou tratar de dormir uma hora ou duas, e depois passarei acordado o resto da noite e vou me divertir."

Ao canto do primeiro galo, Absalon, o alegre conquistador, já estava de pé, todo atarefado em se vestir com elegância. Antes de tudo, porém, – antes mesmo de pentear a cabeleira, – mastigou um grão de cardamomo e alcaçuz para perfumar o hálito. E, a fim de se tornar mais atraente ainda, colocou sob a língua o raminho de uma planta que dava sorte no amor. Em seguida, caminhou até a casa do carpinteiro, dirigiu-se à janela do quarto (que, de tão baixa, lhe tocava o peito) e deu alguns tossidos abafados: "O que você está fazendo, meu favo de mel, minha doce Alison, meu lindo passarinho, minha canela perfumada? Acorde, meu amor, e venha falar comigo. Você nem se preocupa com meu sofrimento, nem pensa em mim, que por você estou sempre a derramar o meu suor. E não é de se admirar que eu chore e sue por você, pois ando balindo como o cordeirinho atrás da teta. É tão grande, meu bem, minha paixão, que meu lamento é igual ao da fiel pombinha. Estou comendo tão pouco quanto uma donzela."

"Saia daí, grande idiota", respondeu a jovem. "Que Deus me ajude, não quero saber de beijoquinhas. Por Jesus, Absalon, amo um outro bem melhor do que você... Boba de mim se não amasse. Por isso, caia fora, ou jogo-lhe uma pedra. E deixe-me dormir em paz, – com vinte diabos!"

"Ai, pobre de mim", resmungou Absalon, "como o amor sincero é maltratado. Então, já que não posso ter coisa melhor, me dê pelo menos um beijo, pelo amor de Jesus e por amor a mim."

"Mas depois você vai-se embora?" perguntou ela.

"Claro, meu bem", garantiu o sacristão.

"Então prepare-se", disse ela, "que eu já vou." E cochichou para Nicholas: "Agora preste atenção, que você vai morrer de rir."

Lá fora Absalon ajoelhou-se e murmurou: "Tudo está indo às mil 'Maravilhas, pois depois disso espero que muito mais há de vir. Sua graça, meu amor; e sua mercê, oh meu gentil passarinho!"

Ela abriu a janela sem tardança, dizendo: "Vamos, acabe logo com isso, antes que os vizinhos vejam."

Absalon enxugou os lábios. A noite estava escura como carvão, ou como breu; e ela pôs a bunda para fora da janela. Absalon, que não enxergava nada, deu-lhe, antes que percebesse, um ardoroso beijo bem no cu. Logo pulou para trás, achando que alguma coisa estava errada. Sabia que as mulheres não têm barba; no entanto, sentira uma coisa áspera e cabeluda. Gritou então:

"Oh, meu Deus, o que é que eu fiz:?"

"Ah ah ah", foi a resposta de Alison, batendo-lhe com força a janela na cara. E Absalon foi-se afastando com passos melancólicos.

"Uma barba, uma barba!" gargalhava o belo Nicholas. "Pelo santo corpo de Deus, essa foi ótima."

O ingênuo Absalon, que ainda teve tempo de ouvir tudo, começou a morder os lábios de raiva e a dizer consigo mesmo: "Você vai me pagar!"

Quem agora esfrega, quem limpa a boca, com pó, com areia, com palha, com pano, com lascas, senão Absalon, a gritar a todo instante "ai de mim"? "Mesmo que eu tenha que entregar minha alma a Satanás", rosnou ele, "prefiro vingar tal afronta a ser dono de toda esta cidade." E prosseguiu: "Ai, por que naquela hora não virei o rosto?" Seu amor ardente arrefecera e se apagara; e, a partir daquele beijo no cu, estava curado de sua doença, achando que todas as amantes do mundo não valiam juntas um pé de agrião. E chorava como criança que apanhou. Com passos ligeiros foi-se pela rua até a oficina de ferreiro de Mestre Gervase, que, especialista em forjar peças de arado, estava, naquele instante, ocupado em afiar relhas e segas. Absalon bateu de leve: "Abra, Gervase, depressa."

"Quem está aí?"

"Sou eu, Absalon."

"O quê? Absalon? Pela cruz de Cristo, acordado tão cedo?! Bendito seja Deus, o que está acontecendo? Aposto como alguma bela rapariga é quem anda lhe roubando o sossego. Por São Neot, você sabe muito bem aonde quero chegar."

O outro fez-se de surdo diante dessas caçoadas. Não respondeu palavra, pois outras coisas, de que Gervase sequer suspeitava, lhe andavam pela cabeça. Apenas disse: "Meu caro amigo, será que poderia emprestar-me esta sega em brasa aqui no fogo? Preciso dela para um servicinho; prometo que logo a devolvo."

Gervase lhe respondeu: "Claro, nem que fosse ouro ou uma sacola com moedas sem conta, asseguro-lhe, assim como sou um bom ferreiro, que haveria de emprestar-lha. Mas, pelo inimigo de Cristo, o que vai fazer com ela?"

Absalon replicou: "Quanto a isso, deixe estar. Conto-lhe tudo outra vez." E apanhando a barra de ferro pela ponta que estava fria, passou porta afora de mansinho e foi direto à janela do carpinteiro. Primeiro tossiu, depois bateu, como fizera anteriormente.

Logo ouviu a voz de Alison: "Quem está batendo aí? Aposto como é um ladrão."

"Oh não, por Deus, meu doce amor", disse ele; "é o seu Absalon, minha adorada. Vim lhe trazer um anel de ouro... Pela salvação de minha alma, quem o deu para mim foi minha própria mãe. É de grande valor, e todo trabalhado. Será seu, se você me der um beijo."

Nicholas, que tinha se levantado para ir mijar, ouviu essa conversa ao passar por ali, e achou que poderia pregar-lhe uma peça ainda maior: desta vez faria Absalon beijar seu próprio cu. Assim, abriu sem perda de tempo a janela e logo pôs todo o traseiro para fora, das nádegas até às coxas.

Absalon, o sacristão, sussurrou: "Fale, meu gentil passarinho; não consigo ver onde você está." Em resposta, Nicholas soltou um peido forte como o trovão, uma lufada que quase o deixou cego. Mas Absalon estava pronto com o ferro quente em riste, e atingiu Nicholas em pleno olho do cu. E lá se foi bem um palmo de pele em toda a volta. A sega em brasa queimou tanto o seu traseiro, que ele pensou que fosse morrer de dor naquele instante. Então pôs-se a gritar como louco: "Socorro! Água! Água! Socorro, pelo amor de Deus!"

Nisso o carpinteiro despertou, e, ao ouvir que alguém gritava "água" desesperadamente, imaginou: "Ai de mim, aí vem o dilúvio de Noel!" Ato contínuo, sentou-se na tina com o tronco ereto, cortou a corda com a machadinha, e despencou. Não parou para vender nem o pão nem a cerveja até estatelar-se no chão. E lá ficou desmaiado.

Alison e Nicholas saíram em disparada, gritando "ai" e "socorro" pela rua. Os vizinhos acorreram todos, grandes e pequenos, postando-se em torno do homem que jazia sem sentidos,

branco e pálido, porque na queda havia quebrado um braço. Mas assim mesmo teve que engolir suas misérias, pois logo que começou a falar foi prontamente desmentido por Alison e pelo belo Nicholas: contaram os dois a todos que ele havia enlouquecido; e que ficara tão obcecado pelo dilúvio de "Noel" que, em seu delírio fantasioso, comprara três tinas e as pendurara no teto, pedindo a eles, pelo amor de Deus, que também subissem lá e lhe fizessem companhia.

O povo então começou a rir de sua extravagância. As pessoas olhavam e examinavam o teto, e tratavam o seu infortúnio como se fosse piada. As palavras do carpinteiro não faziam diferença: tudo era inútil, ninguém lhe dava ouvidos. Pelo contrário, repeliam-no com maldições e grandes pragas, e a cidade inteira o considerou louco varrido. Mesmo os mais esclarecidos, quando conversavam entre si, diziam: "É, irmão! O homem ficou doido." E todo o mundo ria daquele grande rebuliço.

Dessa forma, apesar de toda a vigilância e todo o ciúme, comeram a mulher do carpinteiro; e Absalon lhe beijou o olho de baixo; e Nicholas queimou a bunda. E assim chega ao fim esta história, e Deus nos abençoe a todos!

Aqui o Moleiro termina o seu conto.

O CONTO DO FEITOR

Prólogo do Conto do Feitor

Depois de ouvirem esse caso engraçado de Absalon e do belo Nicholas, pessoas diferentes manifestaram diferentes opiniões; mas quase todos riram e divertiram-se. Não vi ninguém levar a história a mal, a não ser Oswald, o Feitor, que, por ser carpinteiro de profissão, ficou um pouco ofendido, e deu de queixar-se e resmungar:

"Valha-me Deus", disse ele, "se eu também gostasse de libertinagem, poderia melhor ainda dar-lhe o troco que pretendo. Pois vou contar como passaram a perna num moleiro metido. Mas já estou velho, e há prazeres que a idade não permite mais. Foi-se o tempo de comer grama no pasto; agora tenho que ficar no estábulo e contentar-me com forragem. Os anos que vivi estão escritos nestes cabelos brancos... E meu coração está ressecado como estes cabelos. Até parece que sou uma nêspera, que, quanto mais passa o tempo, mais fica ruim, acabando por apodrecer no lixo ou na palha. Temo que assim somos os velhos: em vez de maduros, ficamos podres. Seja lá como for, enquanto o mundo tocar para nós, nós dançaremos, pois existe um prego atravessado em nossa ilusão: o de termos a cabeça branca e o rabo verde, – como um alho-porro. A potência pode ter chegado ao fim, mas o gosto pelas mulheres continua o mesmo. E, como não mais podemos fazer sexo, divertimo-nos falando dele, como que a revolver as cinzas em busca do fogo antigo.

"Os idosos guardam acesas pelo menos quatro brasas: a presunção, a mentira, a cólera e a cobiça. Essas quatro brasas jamais se apagam. Nossos velhos membros podem estar entrevados, mas os desejos lá dentro não fraquejam nunca, – essa é a verdade! Eu, por exemplo, durante esses anos todos, desde que a minha torrente da vida começou a correr, sempre fui muito sôfrego e fogoso. E assim continuei sendo, até que a torneira deixou passar quase todo o liquido e o barril ficou praticamente enxuto. A minha torrente da vida agora é uma goteira! E quando se chega a esse ponto, por mais que a língua tola se ponha a tagarelar sobre as façanhas de outrora, tudo o que resta é a caduquice... nada mais!"

Nosso Albergueiro interrompeu esse longo sermão com o tom autoritário de um rei: "Onde vamos parar com toda essa conversa? Será que teremos que ficar o dia inteiro discutindo as Santas Escrituras? Acho que foi aquele diabo que fez do sapateiro um médico ou um marujo*, quem resolveu transformar um feitor em pregador. Conte logo a sua história, homem; chega de perder tempo! Olhe ali a cidade de Deptford! E já é quase a hora prima. Olhe ali Greenwich,

aquela terra de velhacos! Já está mais do que na hora de começar o seu conto.”

“Bem, senhores”, retomou Oswald, o Feitor, “espero que ninguém se zangue se eu retribuir as caçoadas de ainda há pouco, mesmo porque é com a brutalidade que se repele a brutalidade.

“Este Moleiro bêbado acaba de nos contar como um carpinteiro foi corneado. E provavelmente fez isso para mofar de mim, porque sabe muito bem que eu exerci aquele ofício. Agora, com a sua permissão, vou devolver o que lhe devo, e nos mesmos termos chulos que ele usou. Oxalá um dia ele ainda quebre o pescoço! Quer a todo custo ver um cisco em meu olho, mas não enxerga a trave no olho dele.”

Aqui tem início o Conto do Feitor.

Em Trumpington, não longe de Cambridge, corre sob uma ponte um regato que passa ao lado de um moinho. E é a pura verdade isso que estou dizendo. Ali vivia, já por muito tempo, um moleiro exibicionista e vaidoso como um pavão. Sabia tocar gaita de fole, pescar, remendar redes, tornear vasos, lutar e atirar flechas. À cinta, trazia sempre uma faca respeitável, afiada como a lâmina de uma espada, e, dentro da bolsa, um enorme punhal, – para não se falar da adaga de Sheffield que escondia nas calças. Naturalmente, ninguém tinha a coragem de mexer com ele. Com aquela cara redonda, o nariz achatado e a cabeça pelada como a de um macaco, era um verdadeiro valentão de feira, desses que vivem jurando que vão ajustar contas com quem tiver a audácia de desafiá-los. Além de tudo isso, era também um sorrateiro ladrão de trigo e de farinha, useiro e vezeiro em lesar o seus fregueses. Seu apelido era Simkin-o-Brigão.

Era casado com uma mulher de família nobre: o pai dela era nada menos que o pároco da cidade. No dia em que uniu seu sangue ao de Simkin, trouxe como dote uma grande coleção de panelas de cobre. Como ela fora criada num convento, Simkin costumava dizer para todo mundo que ele nunca teria se casado com uma mulher que não tivesse tido boa formação e que não fosse virgem, ou seja, que não fosse digna de sua condição de plebeu. E ela, toda empertigada como uma pega, não lhe ficava atrás em matéria de orgulho. Era um espetáculo e tanto ver os dois passeando juntos nos dias de festa: ele vinha na frente, com o capuz atado sob o queixo e as calças de vermelho vivo; e ela atrás, metida numa cota da mesma cor. Intimidados, todos a chamavam de “madame”, e, cruzando-se com ela, ninguém lhe dirigia gracejos ou brincadeiras, – a não ser que quisesse ver Simkin cair-lhe em cima com punhal e faca e adaga. Como sabem, os homens ciumentos são perigosíssimos (ou, pelo menos, querem que as esposas assim pensem); e, no caso do moleiro, isso se tornava um pouco mais sério por causa da origem ligeiramente duvidosa da mulher, limpa como água de fossa, o que a enchia de desdém e de insolência. De fato, ela achava que todas as damas deveriam mostrar-lhe o maior respeito, tanto pelos laços de família quanto pela educação que recebera no convento.

O casal tinha uma filha de vinte anos e nenhum filho mais, – exceto uma criança de seis meses, um bebê gorducho que ainda não saíra do berço. A moça era rechonchuda e crescidinha, de nariz chato, olhos cinza-azulados como o vidro, quadris largos e seios firmes e redondos. Os cabelos eram muito bonitos, não vou mentir.

Tendo ela os seus encantos, o pároco da cidade havia decidido deixar-lhe todos os seus bens, terras e casarão, e, por isso, sempre fazia muitas restrições aos seus pretendentes. Já que as riquezas da Santa Madre Igreja deveriam ser gastas em benefício da descendência do sangue da Santa Madre Igreja, esperava o cura que pelo menos ela se casasse com algum sangue ilustre da aristocracia. Assim ele estaria honrando o seu santo sangue, mesmo que, para fazê-lo, tivesse que devorar a Santa Igreja.

O moleiro, sem dúvida, auferia bons lucros da moagem do trigo e do malte de toda aquela região. Um de seus melhores fregueses era uma grande escola da Universidade de Cambridge, conhecida como “Solar Hall”. Um dia, porém, aconteceu que o provedor, encarregado de levar o trigo e o malte daquela escola para a moedura, caiu doente de uma hora

para outra, e todo mundo achava que ele estava nas últimas. Em vista disso, o moleiro passou a roubar trigo e farinha cem vezes mais que antes, porque, se antes roubava com certa discrição, depois perdeu completamente as estribeiras. O diretor da escola protestou e ficou bravo. Mas de nada adiantou: o moleiro não fez o menor caso de suas queixas, gritou mais alto ainda e jurou que era mentira.

Foi então que dois pobres estudantes da escola de que falei, dois jovens turrões, que gostavam de aventuras e queriam distrair-se e divertir-se, pediram insistentemente ao diretor que lhes desse autorização, pelo menos uma vez, para irem ao moinho e supervisionarem a moagem do trigo. Garantiram que dariam seus pescoços se o moleiro, à força ou por astúcia, ficasse com meio punhado de trigo a mais do que permitia a taxa de serviço. E tanto imploraram e tanto fizeram que o diretor enfim lhes deu licença. Um deles chamava-se John, o outro, Alan; eram ambos da mesma cidade, Strother, que fica lá no norte, não sei bem onde.

Alan aprontou depressa os seus apetrechos e ajeitou o saco de trigo no dorso do cavalo; depois, juntamente com John, pôs-se a caminho, levando à cinta uma boa espada e um broquel. Não precisava de guia, porque John conhecia a estrada; e assim chegou ao moinho, onde logo descarregou o saco. Alan foi o primeiro a falar, com o seu forte sotaque do norte da Inglaterra: "Bom dia, Simon. Como vai? E como estão sua linda filha e sua patroa?"

"Alan! Benvindo", respondeu Simkin, "por minha vida! E John também? Que novidade é essa? Que fazem por aqui?"

"Por Deus, Simon", disse John, com o mesmo sotaque do companheiro," a necessidade não tem amigos. Como dizem os sábios, quem não tem quem o sirva deve ser o seu próprio criado, – se é que tem alguma coisa na cabeça. Nosso provedor, coitado, pelo jeito como range os molares está mais morto que vivo. Por isso é que eu e o Alan nos encarregamos de trazer o trigo e levar a farinha. Será que você poderia apressar o serviço? Não queremos nos atrasar."

"É claro que sim", retrucou Simkin; "podem contar comigo. Mas o que vão ficar fazendo enquanto trabalho?"

"Por Deus, acho que vou ficar aqui mesmo, grudado à tremonha, olhando o trigo escorrer lá para dentro", disse John. "Juro por meu pai que nunca vi uma tremonha funcionando, com seu balanço para cá e para lá."

"É o que vai fazer, John?" indagou Alan. "Então eu vou ficar mais embaixo, vendo a farinha cair na gamela. Esse vai ser o meu passatempo. Palavra, John, nesse ponto somos iguais: eu também nunca vi como é que um moleiro trabalha."

O moleiro sorriu da ingenuidade deles. E pensou: "Estão querendo bancar os espertinhos! Pensam que ninguém é capaz de tapeá-los, mas vão ver. Apesar das sutilezas de sua filosofia, ainda vou lhes passar a perna. Quanto mais artimanhas arquitetarem, mais farinha vou roubar deles. Como disse a égua para o lobo*, os homens mais sabidos não são os mais estudados. Estou pouco me importando com a sua cultura!"

Assim que se apresentou a ocasião, esgueirou-se ele até a porta e saiu despercebido. Uma vez fora, olhou bem para todos os lados, e descobriu o cavalo dos estudantes atado a uma árvore frondosa atrás do moinho. Encaminhou-se para lá, pé ante pé, e, num gesto rápido, tirou o cabresto do animal. Vendo-se livre, o cavalo galopou imediatamente para o brejo, ao encontro das éguas selvagens, correndo para cima e para baixo e dando relinchos de alegria.

Feito isso, o moleiro voltou para dentro, sem dizer palavra. Retomou o seu trabalho, rindo e brincando com os estudantes até que o trigo todo estivesse moído. Depois de ensacada a farinha e amarrada a boca do saco, John foi buscar o cavalo. E foi então que deu por sua falta. Desesperado, pôs-se a gritar: "Socorro! Oh, que azar! Nosso cavalo fugiu. Alan, pelos ossos de Cristo, mexa-se, homem, corra até aqui! Ai de nós, perdemos o palafrém do diretor!" Alan esqueceu-se de tudo, – do trigo, da farinha, da vigilância, da economia. E veio berrando: "O quê? Para que lado ele foi?"

A mulher do moleiro veio aos pulos lá de dentro: "Que pena! O cavalo de vocês correu a todo galope para o brejo, atrás das éguas selvagens. Maldita a mão que o prendeu! Devia aprender

como se amarra uma rédea."

"Oh," exclamou John, "pelo amor de Deus, Alan, tire a espada da cinta, como estou fazendo, para que não atrapalhe a corrida. Pode acreditar: sou rápido como um cabrito montês. De nós dois juntos aposto como ele não há de escapar! Por que você não deixou o animal no estábulo? Ora, bolas! Por Deus, Alan, você é mesmo um burro!"

E lá se foram os dois ingênuos estudantes, Alan e John, em louca disparada em direção ao brejo.

Tão logo se afastaram, o moleiro tirou meio alqueire da farinha deles e o entregou à mulher para que fizesse um bolo. E disse: "Os estudantes estavam muito desconfiados; mesmo assim, foram tapeados por um moleiro, apesar de toda a sua leitura. Bem feito! Olhe, lá vão eles. Divirtam-se, crianças! Palavra, não vai ser fácil pegar aquele bicho."

Os coitados dos estudantes corriam para cima e para baixo, e gritavam: "Ô, ô, devagar! Pare! Pare! Venha cá! Cuidado, atrás! Assobie de lá que eu cerco por aqui!" Mas, para não encompridar a história, por mais que fizessem não conseguiram deter o animal antes que fosse noite fechada, porque ele era fogoso demais. Finalmente o apanharam, dentro de uma valeta.

Alan e John voltaram exaustos e encharcados como gado debaixo de chuva: "Maldito o dia em que nasci!" resmungava John. "Depois desse fracasso, tudo o que nos espera é o pouco-caso e o desprezo. Nosso trigo foi roubado. Todo mundo vai rir de nós, o diretor, os colegas... e principalmente o moleiro. Oh, que desgraça!"

Com tais lamúrias percorreu John o caminho da volta, segurando firmemente as rédeas de Bayard. Chegando ao moinho, encontraram o moleiro sentado ao pé do fogo, pois era noite. Sendo impossível seguir viagem àquela hora, imploraram-lhe pelo amor de Deus que lhes desse abrigo e alojamento em troca de seu rico dinheirinho.

Respondeu o moleiro: "O que tenho é pouco; se não fizerem questão, está às suas ordens. A casa é pequena, mas, como vocês estudaram filosofia, devem estar acostumados, com seus argumentos sutis, a transformar lugarzinhos de vinte pés em recintos com uma milha de largura. Se o que ofereço não bastar, criem espaço com o palavreado, como de hábito."

"Simon", disse John, "foi uma boa resposta. Gosto de gente brincalhona. É como dizem: 'não há muito o que escolher; ou se toma o que se traz, ou se toma o que se encontra'. Mas o que eu gostaria mesmo de pedir-lhe, caro hospedeiro, é que nos arranjasse alguma coisa para comer e para beber. Temos que retemperar as nossas forças. Pode estar certo de que pagaremos tudo direitinho; afinal, ninguém atrai um falcão com as mãos vazias. Veja, dê uma olhada em nosso dinheiro. Temos tudo isto para gastar!"

O moleiro mandou a filha a Trumpington buscar pão e cerveja, assou um ganso para os hóspedes, e amarrou o cavalo de modo que não mais pudesse fugir. No único quarto que havia na casa arrumou para eles uma cama com lençóis e cobertores bem estendidos, distante apenas dez ou doze pés de seu próprio leito. A filha iria dormir em cama separada, mas ali juntinho no mesmo aposento. Era o que se podia fazer, em vista da falta de espaço. Todos então cearam, conversaram, riram... e beberam cerveja forte da melhor. E, por volta da meia-noite, foram todos para a cama.

O moleiro tinha mesmo enchido a cara: bebera tanto que, em vez de vermelho, estava pálido; soluçava e falava pelo nariz, como se estivesse com rouquidão ou resfriado. Foi o primeiro a ir deitar-se. Seguiu-o a mulher, que, de tanto que molhara o bico, estava alegre e faladeira como um papagaio. Antes de acomodar-se, ajeitou o bercinho ao pé da cama, para embalar o bebê e dar-lhe de mamar. Finalmente, quando o fundo da jarra ficou seco, a filha do moleiro foi para a sua cama e John e Alan foram para a deles. E isso é tudo. Ninguém precisava de calmante.

O moleiro, todavia, após tanta cerveja, roncava no sono como um cavalo, pouco se importando também com o comportamento do traseiro. A esposa o acompanhava com entusiasmo, fazendo o baixo-contínuo. Até a moça roncava, *par compagnie.*

O estudante AJan, ao ouvir essa música toda, cutucou John e cochichou: "Você está

dormindo? Já ouviu alguma vez um coral como esse? Escute só! Acho que estão rezando as orações da noite. Tomara que a erisipela tome conta deles! É possível uma coisa dessas? Oh, a nata da desgraça é pouco para essa família! Sei que esta noite não vou conseguir pregar olho. Mas não faz mal. Pelo contrário, isso até poderá ser muito bom, pois, por minha alma, John," confidenciou ele, "se eu puder, vou dar uma trepada na moçoila. John, é a própria justiça que nos dá direito à desforra, porque há uma lei que diz:

'Quando alguém em um ponto é agravado,
Em outro ele será recompensado.'

Roubaram nosso trigo, não há como negar; também tivemos que passar maus bocados neste dia. Ora, já que não pretendem indenizar-me pelos danos, eu tenho mesmo é que tirar minha desforra. Por Deus, é assim que vai ser!"

John aconselhou: "Alan, cuidado! O moleiro é um homem perigoso e, se de repente ele acordar, vai ser o fim do mundo para nós!"

Mas Alan não lhe deu ouvidos: "Estou pouco me importando!" E levantou-se e esgueirou-se para junto da jovem, que, deitada de costas, dormia profundamente. Quando chegou bem perto, foi para cima dela antes que ela desse pela coisa e pudesse gritar. E, para encurtar o caso, logo estavam trabalhando. Deixemos, pois, que Alan se divirta, e vamos falar de John.

Uma ou duas braças ali perto, John continuava deitado, meditando e torturando-se em silêncio. Pensava: "Ai de mim, que enrascada! Agora ficou bem claro que eu sou mesmo um idiota. Meu companheiro, pelo menos, obteve uma compensação pelo mal que lhe fizeram: está com a filha do moleiro em seus braços. Não sendo um palerma, pode agora satisfazer os seus desejos, enquanto eu continuo jogado nesta cama como um saco de merda. Um dia, quando souberem desta história, todos vão chamar-me de bobo, de maricas! Por Deus, eu também tenho que sair e tentar a sorte. Como dizem, quem não arrisca, não petisca." E levantou-se então, foi de mansinho até o berço do bebê, apanhou-o e, sempre de mansinho, o trouxe para o pé de sua cama.

Pouco tempo depois a mulher do moleiro parou o ronco, despertou, e foi lá fora mijar. Quando voltou, deu pela falta do berço, tateou aqui e ali, mas nada de achá-lo. "Nossa," pensou ela, "que engano eu ia fazendo! Quase que fui parar na cama dos estudantes! Deus me livre! Aí sim é que a coisa iria ficar preta." E, voltando-se para o outro lado, avançou até encontrar o berço, e, sempre apalpando, topou com a cama. Sem saber onde estava por causa da escuridão, mas muito confiante devido à presença do berço, enfiou-se ela sob os lençóis ao lado do estudante. E, quietinha, ajeitou-se para dormir.

John aguardou um pouco. Depois, deu um salto e foi rijo para cima da boa mulher. Fazia muito tempo que ela não experimentava uma trepada tão vigorosa, pois o rapaz ia fundo e arremetia como doido. E assim ficaram os dois estudantes gozando essas delícias, até ouvirem o canto do terceiro galo.

Após labutar a noite inteira, de madrugada Alan estava exausto. Disse então: "Adeus, Molly, minha doçura! Logo o dia vai raiar, não posso mais ficar aqui. Mas quero que você saiba, – pela salvação de minha alma, – que, não importa onde eu estiver, sempre vou ser o seu fiel estudante!"

"Então vá, meu amor," disse ela. "Adeus! Antes, porém, preciso dizer-lhe uma coisa: quando você se for, ao passar pelo moinho, lembre-se de que, atrás da porta dos fundos, irá encontrar um bolo de meio alqueire, feito com a farinha que, com minha ajuda, meu pai roubou de vocês. Meu amorzinho, que Deus o acompanhe e proteja!" E, ao dizer isso, quase se desmanchou em lágrimas.

Alan levantou-se e pensou: "Antes que amanheça, vou voltar para junto de meu companheiro." Mas, de repente, sua mão esbarrou no berço: "Por Deus, errei o caminho! Acho que o exercício desta noite me deixou com a cabeça atordoada. Foi isso que me fez perder o rumo. Ainda bem que o bercinho me alertou; aqui estão o moleiro e a mulher." E, com mil demônios, não só foi direto para a cama do moleiro como também se deitou ao lado dele,

imaginando tratar-se do seu colega John. Então, apertou de leve a garganta de outro e sussurrou: "Oh cabeça de porco, acorde, John. Pela alma de Cristo! Escute só a história que tenho para lhe contar. Juro por São Tiago que nesta curta noite consegui dar nada menos que três belas trepadas na filha do moleiro, enquanto você ficou aqui tremendo de medo como um patife."

"O quê? Você fez isso, vagabundo?" berrou o moleiro. "Ah, traidor! Estudante de uma figa! Pela honra de Cristo, vou matá-lo! Como teve a coragem de conspurcar minha filha, uma moça de boa família?" E agarrou pelo gogó o pobre Alan, que, por sua vez, se atracou furiosamente com ele e lhe deu um violento soco no nariz. Um rio de sangue escorreu-lhe pelo peito e, com boca e nariz quebrados, rolou com o rapaz pelo chão. Contorciam-se como dois leitões dentro de um saco. Ora se levantavam, ora caíam, e assim continuaram até que o moleiro tropeçou numa pedra e estatelou-se de costas sobre a sua mulher, que até então nem se apercebera dessa briga louca porque ferrara no sono na companhia de John, após uma noitada sem dormir. Com a queda, acordou muito assustada: "Socorro! Santa cruz de Bromeholm!* *In manus tuas*. Senhor, eu te suplico! Acorde, Simon! O diabo quer me levar. Ai, meu coração! Socorro, estou quase morta! Tem um em cima de minha barriga e outro em minha cabeça. Socorro, Simkin. Ah, são os malditos estudantes que estão brigando!"

John pulou da cama o mais rápido que pôde e se pôs a tatear aqui e ali pelas paredes à procura de um cajado. A mulher fez o mesmo, e, como conhecia melhor o interior da casa, foi a primeira a encontrá-lo. Nesse instante, ela notou que o clarão da lua cheia entrava no aposento por um orifício, lançando um pequeno raio de luz; e, a essa luz, vislumbrou os dois homens engalfinhados, embora não tivesse modo de saber quem era quem. Uma coisa branca, no entanto, chamou-lhe a atenção, e, seguindo os movimentos dessa coisa branca, achou que fosse o gorro de dormir de Alan; levantou então o cajado e aproximou-se aos poucos. Finalmente, julgando atingir o estudante em cheio, desferiu violento golpe na careca do moleiro. E lá desabou ele, gritando: "Socorro! Estou morrendo!" Os estudantes mais que depressa aproveitaram a oportunidade para lhe dar uma boa surra, e o deixaram estendido. Depois, vestiram suas roupas, apanharam seu cavalo, pegaram sua farinha, e lá se foram. E, ainda por cima, ao passar pelo moinho, levaram aquele bolo de meio alqueire, assado com tanto capricho.

Dessa forma, o moleiro orgulhoso levou uma boa tunda, além de ter moído a farinha de graça e arcado com as despesas da ceia de Alan e John. E, o que é pior, comeram a mulher dele, e a filha dele também. Eis aí no que dá ser um moleiro desonesto! Por isso, é uma grande verdade o provérbio que diz: "Quem semeia ventos, colhe tempestades". Muitas vezes o enganado é o próprio enganador. Que Deus agora, do alto de sua majestade, abençoe todos os membros desta companhia, grandes e humildes! E aí está o troco ao conto do Moleiro.

Aqui termina o Conto do Feitor.

O CONTO DO COZINHEIRO

Prólogo do Conto do Cozinheiro.

Enquanto o Feitor falava, o Cozinheiro de Londres lhe dava tapinhas nas costas de tanta satisfação. "Ah! Ah!" gargalhava ele. "Pela paixão de Cristo, o moleiro levou mesmo uma bela lição nesse negócio de hospedagem! Bem que Salomão já dizia: 'Não deixe entrar qualquer um em sua casa!' É um perigo dar pernoite a desconhecidos; temos antes que ver muito bem quem é que recebemos em nossa intimidade. Assim como Roger de Ware é meu nome, peço a Deus que nos traga muitas dores e desgraças se não for verdade que nunca ouvi falar de um moleiro que tivesse sido tão judiado. Quanta malvadeza lhe fizeram naquela escuridão! Mas, pelo amor de Deus, não vamos deixar a coisa parar por aqui: se quiserem ouvir a mim, que sou um pobre coitado, eu também gostaria de contar a história de uma pequena peça que pregaram em nossa

cidade."

Disse o Albergueiro em resposta: "Está bem, Roger, pode contar... desde que seja boa. Veja lá, porque você já serviu muito pastelão a sangrar de cru e já vendeu muita torta requentada, dessas que já estiveram duas vezes quentes e duas vezes frias. Muitos peregrinos já lhe lançaram a maldição de Cristo pelo mal que lhes fez a salsinha de seu ganso gordo, porque na sua cozinha há muita mosca voando solta. Vá em frente, gentil Roger. Só espero que não fique bravo com essas minhas brincadeiras; às vezes, é brincando que se dizem as verdades."

"Por minha fé", exclamou Roger, "você tem toda a razão. Mas, como dizem os flamengos, 'brincadeira séria é brincadeira ruim'. Por isso, Henry Bailey, peço que não se zangue se, antes de nos separarmos, eu contar uma história de estalajadeiro. Mas não vou contá-la agora; espere um pouco ainda, que antes do fim desta viagem garanto que lhe dou o troco." Em seguida, riu e fez troça, e depois contou a história que agora vão ouvir.

Aqui termina o Prólogo do Conto do Cozinheiro.

Aqui tem início o Conto do Cozinheiro.

Havia antigamente em nossa cidade um aprendiz que trabalhava em uma mercearia. Jovial como um pintassilgo no bosque, era ele um sujeito baixo, moreno qual amora madura, e com os cabelos negros bem repartidos e encaracolados. Sabia dançar com tanto jeito e com tamanha graça que todos o chamavam de Perkin-o-Farrista. Assim como a colmeia está cheia de mel, assim andava ele cheio de amor e desejo: feliz da garota que tinha encontro com ele! Nas festas de casamento ele cantava e pulava sem parar. Gostava mais da taverna que do trabalho. Nos dias de procissão em Cheapside, saia correndo para a rua, só voltando depois de assistir à passagem do cortejo inteiro e de dançar quanto queria. Também costumava reunir à sua volta um bando da mesma laia, que só pensava em pular e cantar e divertir-se, marcando encontro nas ruas para os seus jogos de dados. E a verdade é que não havia na cidade quem soubesse lançar um par de dados melhor que Perkin. Além disso, às escondidas, gastava dinheiro a rodo. Foi o que o patrão descobriu em seu negócio, ao deparar tantas vezes com a gaveta vazia. De fato, o patrão tinha que arcar com muitas despesas para sustentar o tal aprendiz farrista, que vivia atrás de dados, festas e mulheres. E o pior é que ele pagava sem ouvir a música. E isso, porque frequentemente o furto e a folia se confundem e se transmudam em guitarra ou em rabeca. Como dizem, no seio da arraia miúda a farra e a honestidade nunca entram em acordo.

Esse alegre rapaz ficou com o patrão até quase o fim do aprendizado, apesar das constantes repreensões e das vezes em que foi levado à prisão de Newgate, com os menestréis à frente abrindo alas. Finalmente, um dia, ao examinar a documentação de seu serviçal, lembrou-se o patrão daquele ditado que diz: 'Jogue fora a maçã podre antes que contamine toda a pilha'. O mesmo se aplicava ao criado relapso: era melhor livrar-se dele que deixá-lo influenciar todos os outros. Assim, o seu patrão o despediu, e o mandou para a rua da amargura. E o alegre aprendiz se viu desempregado. Vá agora farrear a noite inteira! Ou tome jeito!

Entretanto, como não há ladrão sem cúmplices que o ajudem a gastar ou a sugar aquilo que ele rouba ou surrupia, logo enviou ele sua cama e sua trouxa a um compadre do mesmo tipo, que também apreciava os dados, as arruaças e as estripulias, e que tinha uma mulher que, mantendo uma loja apenas como fachada, ganhava a vida como prostituta...

....

Do Conto do Cozinheiro Chaucer não escreveu mais nada.

O CONTO DO MAGISTRADO

As palavras do Albergueiro para a companhia.

Observou nosso Albergueiro que o sol brilhante percorrera um quarto do arco do dia artificial*, e mais cerca de meia hora. Embora não fosse um homem versado em ciências, ele pôde chegar a essa conclusão, primeiro, porque sabia que era o dia dezoito de abril, o mês arauto da primavera; depois, porque notou que as sombras das árvores tinham os mesmos comprimentos que os corpos eretos que as projetavam, o que indicava que Febo, a luzir claro e radiante, subira no céu quarenta e cinco graus; e, finalmente, porque essa posição, naquele dia e naquela latitude, só podia significar que eram dez horas da manhã. Assim sendo, fez virar o seu cavalo, e disse:

"Senhores, quero avisar a toda a companhia que a quarta parte deste dia já se foi. Agora, pelo amor de Deus e de São João, eu lhes suplico, não vamos mais perder tempo! O tempo, meus senhores, consome os dias e as noites; e, seja por nossas fugas no sono, seja por nossos descuidos na vigília, passa por nós como a torrente que nunca mais retorna, a descer da montanha para o vale. Não é à toa que Sêneca e muitos outros filósofos lamentam mais a perda de tempo que a do ouro no cofre. Os bens que se vão podem ser recuperados; mas o tempo que se gasta atinge a nós bem no fundo, pois não volta nunca mais, assim como não volta a virgindade que Malkin perdeu por sua luxúria. Por isso, não vamos ficar mofando no ócio.

"Senhor Magistrado", chamou ele, "Deus o proteja! Conte-nos uma história, conforme foi acertado. Por seu livre assentimento, o senhor concordou em aceitar o meu juízo neste caso. Quite agora o seu compromisso, cumprindo assim, pelo menos, a sua obrigação."

"Depardieux, Albergueiro, só posso anuir plenamente", respondeu o Magistrado. "Jamais me passou pela cabeça quebrar minha palavra. Promessa é dívida! E eu lhe asseguro que é com o maior prazer que pretendo desincumbir-me desse encargo. Afinal, pelo direito, quem dita leis aos outros deve igualmente submeter-se a elas. É o que determina o texto de nosso código.

"O único problema é que não consigo pensar em alguma história aproveitável que Chaucer, com muita esperteza, já não tenha contado no inglês que ele sabe, com aquelas suas métricas e rimas canhestras, – como ninguém ignora. Pois é, caro irmão! E as histórias que ele não contou em um livro, contou em outro. Na verdade, ele escreveu, aqui e acolá, sobre mais amantes do que o próprio Ovídio menciona em suas *Epístolas*, que são tão antigas. Como é que agora eu posso contá-las, se todas já foram contadas?

"Na juventude, escreveu ele sobre Ceix e Alcíone*; depois, falou sobre todas as demais, – nobres esposas, mulheres enamoradas. Quem consultar seu grosso volume sobre as mártires de Cupido, *A Legenda das Mulheres Exemplares*, verá as largas e profundas feridas de Lucrécia e da babilônica Tisbe, a espada fatal de Dido por causa do falso Enéias, a árvore em que Fílide se mudou pelo seu Demofoonte, os prantos de Dejanira bem como os de Hermíone, as lágrimas de Hipsípile e as de Ariadne, na ilha deserta em meio ao mar, Leandro a se afogar por sua Hero, as angústias de Helena, os sofrimentos de Briseida e Laodamia, e a crueldade de Medéia ao enforcar os próprios filhos por causa de Jasão, falso no amor! Oh Hipermnestra, Penélope, Alceste, também os seus louvores por ele foram lembrados!

"Mas, – que a verdade seja dita! – jamais ele escreveu uma palavra sequer sobre o mau exemplo de Cânace, que amou pecaminosamente seu irmão (uma vergonha, digo eu, são os contos desse tipo); também jamais narrou, com base em Apolônio de Tiro*, como o maldito rei Antíoco deflorou a própria filha (uma história horrível, impossível de se ler)... E quando ela se pôs a chorar, ele a jogou ao chão! Muito consciencioso, portanto, ele nunca relatou em seus escritos essas abominações antinaturais. E, se puder evitá-las, eu é que não vou aqui reproduzi-las.

"Que história, porém, eu poderei contar? Como não tenho, podem crer, a pretensão de ser comparado às Musas, conhecidas por Piérides *(As Metamorfoses* de Ovídio sabem o que quero dizer); e como, por outro lado, não me importo nem um pouco em ter que vir atrás de Chaucer com uma mísera tigela de pelancas, vou narrar alguma coisa em prosa e deixar as rimas para ele."

E, assim dizendo, franziu a testa, e começou a história que ouvirão a seguir.

Prólogo do Conto do Magistrado

Pobreza odiosa, oh triste condição!
É fome e frio e sede misturados!
Pedir auxílio é grande humilhação;
Não pedir, é sentir nos teus costados
A chaga exposta dos necessitados!
Quem vive na indigência que desola
Toma emprestado, ou rouba, ou pede esmola!

Condenas Cristo amarguradamente,
Vendo que há gente bem aquinhoada;
Acusas teu vizinho injustamente,
Porque tem tudo enquanto não tens nada;
"A conta", dizes tu, "será ajustada
Quando em brasas teu rabo for cozido,
Porque nunca ajudaste ao desvalido."

As palavras do sábio ouve e sopesa:
"Melhor morrer que à fome estar sujeito";
"O teu próprio vizinho te despreza".
Se fores pobre, adeus todo respeito!
Por isso é que há também este preceito:
"Aos pobres todo dia é um desaponto".
Cuidado, pois! Não chegues a esse ponto!

Se acaso és pobre, teu irmão te odeia,
Evitam-te os amigos... Ai, coitado!
Oh mercadores, com a bolsa cheia,
Nobres e hábeis, bem outro é vosso fado!
Não tirais só um ponto em cada dado,
Mas cinco e seis, ganhando sempre mais.
Por isso, alegres, no Natal dançais!

Por terra e mar buscais vossas divícias;
Os reinos conheceis, ponto por ponto;
Vós sois os portadores de notícias
E de histórias de paz e de confronto.
Eu mesmo não teria agora um conto,
Se um mercador, nem sei de que lugar,
Não me houvesse ensinado o que contar.

Aqui inicia o Magistrado seu Conto.

Vivia outrora na Síria um grupo de ricos mercantes, sérios e honestos, que mandavam para todas as partes do mundo as suas especiarias, os seus panos de ouro e os seus cetins de belas cores. Suas mercadorias costumavam ser tão úteis e tão novas que, comprando ou vendendo, era sempre um prazer negociar com eles.

Aconteceu então que os chefes daquela confraternidade resolveram ir a Roma, não sei se para negócios ou para recreio. Não enviaram intermediários; foram lá pessoalmente. E, lá chegando, hospedaram-se num lugar que julgaram conveniente a seus propósitos. Demorando-se algum tempo naquela cidade, como pretendiam, acabou chegando ao conhecimento desses mercadores sírios a excelente fama da filha do Imperador, a senhora Constância*, de quem todo dia ouviam falar um pouco. Eis o que, a uma só voz, todos diziam:

"Nosso Imperador de Roma, – Deus o guarde! – tem uma filha que, pela sua formosura e sua bondade, não encontra rival no mundo. Pedimos a Deus que proteja a sua honra, e que um dia ela possa ser rainha de toda a Europa. Possui beleza sem orgulho; juventude, sem estouvamento ou imaturidade; em tudo o que faz, guia-se pela virtude; nela, a humildade matou a prepotência. É o verdadeiro espelho da gentileza; seu coração é a morada dos sentimentos santos; sua mão é o agente da caridade." E verdadeiro era tudo isso, como Deus é verdadeiro.

Mas voltemos à história. Depois que os mercadores carregaram de novo os seus navios, e depois que viram a abençoada donzela, retornaram felizes para a Síria, onde, pelo que sei dizer, fizeram os negócios de costume e viveram, como sempre, na riqueza.

Acontece, porém, que eles se achavam nas boas graças do Sultão daquele país, o qual, toda vez que regressavam de uma viagem ao estrangeiro, costumava, com sua generosa cortesia, recebê-los alegremente, inquirindo-os curioso a respeito dos diversos reinos, a fim de saber das maravilhas que haviam visto e ouvido. Entre outras coisas, os comerciantes falaram-lhe especialmente da senhora Constância, elogiando tanto a sua grande nobreza, e com tantos pormenores, que o soberano, perdido em devaneios, ficou a imaginar os seus encantos, nada mais desejando ou pretendendo que amá-la pelo resto de seus dias.

Infelizmente, porém, naquele grande livro que os homens chamam de céu, os astros, na hora em que o Sultão nascera, haviam escrito, – oh desgraça! – que para ele o amor seria a morte. Pois é nas estrelas, por Deus, que sem dúvida está gravada, mais transparente que o vidro (para o homem que sabe lê-las), a morte de todos nós. Antes de muitos invernos, antes mesmo que nascessem, estava já previsto o fim de Heitor, de Aquiles, de Pompeu, de Júlio César; lá estava a guerra de Tebas; lá as mortes de Hércules, de Sansão, de Sócrates e de Turno... Mas a mente do homem é muito embotada para decifrá-las por completo.

O Sultão reuniu em seguida o Conselho e, para não nos alongarmos neste assunto, expôs os seus propósitos, declarando que, se ele não pudesse ter a graça de logo desposar Constância, por certo morreria. Pediu-lhes então que encontrassem depressa um modo de salvar-lhe a vida. Pessoas diferentes disseram coisas diferentes; trocaram argumentos, a favor e contra; desenvolveram sutilmente diversos raciocínios; falaram de magia e encantamento. Por fim, chegaram à conclusão de que nenhum remédio havia, a não ser o matrimônio. Entretanto, para se falar com clareza, viram também que, do ponto de vista prático, uma grande dificuldade surgia na diferença das duas religiões, pois acreditavam "que nenhum príncipe cristão aceitaria casar sua filha sob as doces leis que nos foram ensinadas por Maomé, nosso profeta". Disse então o soberano: "Para não perder Constância, prefiro ser batizado. Tenho que ser dela; não posso escolher outra. Por favor, ponde de lado os argumentos; salvai a minha vida, cuidando de trazer-me aquela que será a minha cura, pois não suporto mais esta dor."

Para que deter-me neste ponto? Direi apenas que, através de embaixadores e tratados, e pela mediação do Papa, – com o apoio da Igreja e da Cavalaria, ambas interessadas na destruição da idolatria e na propagação da santa lei de Cristo, – chegaram finalmente a um acordo. Pelos seus termos, o Sultão, os seus barões e todos os seus demais súditos seriam batizados; depois disso, receberia ele a mão de Constância, juntamente com certa quantia em ouro (não sei precisar o montante), julgada suficiente garantia. Ambos os lados juraram o acordo. E agora, bela Constância, que Deus todo-poderoso te guie!

Creio que alguns esperam que eu descreva agora todas as provisões que o Imperador, em sua nobreza, fez para sua filha, a senhora Constância. Pode-se bem imaginar, contudo, que uma preparação dessa ordem, com vistas a tão elevada causa, não pode ser relatada em poucas

palavras. Limitar-me-ei, portanto, a dizer que muitos bispos, fidalgos, damas, cavaleiros de renome e várias outras pessoas foram designados para acompanharem a noiva; e que se proclamou pela cidade que todos os cidadãos deveriam orar devotamente, pedindo a Cristo que abençoasse o casamento e favorecesse a viagem.

Por fim, chegou o dia da partida; por fim, digo, chegou o negro dia fatal, em que, sem mais delongas, todos deviam pôr-se a caminho. Constância, vencida pela tristeza, levantou-se pálida, e, como não havia outro jeito, aprontou-se para as despedidas.

Ai, não é de se admirar que ela chorasse! Afinal, não estava para ser mandada a uma nação estranha, longe das amigas que a tratavam com ternura, a fim de submeter-se ao jugo de um homem cujo caráter desconhecia? Os maridos são tão bons, e sempre o foram... As mulheres que o digam. Quanto a mim, não digo nada!

"Pai", disse ela, "que com tanto carinho criaste tua jovem filha, tua infeliz criança; e tu, minha mãe, meu maior consolo em todas as coisas, com exceção de Jesus na altura; Constância recomenda a si própria à vossa graça, pois devo ir para a Síria e nunca mais voltar a pôr os olhos em vós. Ai, por vossa vontade, devo viver numa nação bárbara... Que Cristo, que morreu por nossa redenção, me dê forças para seguir os mandamentos seus! Pobre de mim, se eu morresse, quem iria se importar com isso? As mulheres nascem para a servidão e o sofrimento, tendo que curvar-se aos desejos dos homens."

Penso que nem mesmo em Tróia, quando Pirro irrompeu pela muralha ou quando Ílio ardeu em chamas, nem mesmo em Tebas, nem mesmo em Roma, ameaçada por Aníbal, que havia imposto três derrotas aos romanos, se ouviu pranto tão triste e comovente como em seu quarto, por esta separação. Mas, chorando ou cantando, ela tinha que partir.

Oh Motor Primeiro*, oh cruel firmamento, que, com teu movimento diurno, empurras e compeles do oriente para o oeste tudo o que, naturalmente, se inclina para a direção oposta, foi tua força que dispôs no céu, no início desta árdua viagem, o fero Marte, para arruinar tal matrimônio. Infortunada ascensão tortuosa dos signos, foste tu que levaste o planeta regente de Áries, – ai! – a cair desamparado de seu ângulo para a sua outra casa mais escura, sob o signo de Escorpião! Oh Marte, oh atazir, oh configuração maléfica! Oh Lua debilitada, em posição infeliz! Entraste em conjunção com Marte onde não és recebida, e foste expulsa de onde estarias bem! Ah, imprudente Imperador de Roma! Não havia astrólogos em tua cidade? Será mesmo que todas as épocas são igualmente favoráveis? Será que não há como verificar a hora propícia para uma viagem, principalmente para as de pessoas de alta condição? A hora natal da jovem não era conhecida? Ai, como somos atrasados ou morosos!

Para o navio foi levada a triste e formosa donzela, em meio a solenes pompas. "Que Jesus fique convosco", disse ela; ao que responderam todos: "Adeus, bela Constância!" Era-lhe impossível esconder sua amargura. E a navegar eu a deixo, para de novo tomar o fio de minha meada.

A mãe do Sultão, que era um poço de maldade, sabendo do claro intuito do filho de abandonar os velhos sacrifícios, convocou imediatamente o seu Conselho, que logo se apresentou para saber o que queria. Assim que viu sua gente reunida, ela sentou-se e disse o que se segue: "Senhores, todos vós sabeis que meu filho está prestes a renunciar as santas leis do nosso *Corão*, transmitidas a nós por Maomé, o mensageiro de Deus. Faço, porém, ao grande Alá este voto: será mais fácil a vida deixar este meu corpo, que a fé islâmica deixar meu coração! Com efeito, que podemos nós esperar da nova crença, a não ser a escravidão e a penitência para os nossos corpos e, depois, a punição do inferno por havermos renegado a nossa fé? Senhores, se prometerdes agir segundo a minha orientação, garanto a todos a salvação eterna!"

Todos então anuíram e juraram viver e morrer com ela, ficando sempre a seu lado, e tudo fazendo para o crescimento de sua força pela adesão de todos os seus amigos. E ela aí tomou nas mãos a empresa que ora passo a descrever, conforme o que explicou a seus sequazes: "Primeiro fingiremos aceitar o cristianismo... A água fria não vai nos fazer tanto mal! Depois, prepararei um banquete e uma festa a fim de, espero, poder enganar o Sultão. E lá, mesmo que sua esposa esteja

branca e imaculada pela graça do batismo, não terá água bastante para lavar o vermelho, ainda que traga consigo uma fonte a transbordar."

Oh Sultana, raiz da iniqüidade! Megera, Semíramis segunda! Oh víbora de rosto feminino, como a serpente que está presa lá no inferno! Oh mulher falsa, tudo o que, pela força do mal, destrói virtude e inocência, foi em ti que se gerou, ninho de todos os vícios! Oh Satã, despeitado desde o dia em que te expulsaram de nossa herança, conheces o velho caminho para chegar à mulher! Foste tu quem fez Eva nos transformar em escravos; e agora és tu quem almeja destruir aquelas núpcias cristãs. E como sempre, – oh miséria! – quando pretendes trair, teu instrumento é a mulher.

A Sultana, que aqui condeno e maldigo, dispensou a seguir o seu Conselho. Mas por que devo demorar-me nesta história? Cavalgou ela um dia ao encontro do Sultão. Declarou-lhe que queria deixar a sua fé e receber o cristianismo das mãos de um sacerdote, arrependendo-se de ter sido paga por tanto tempo; depois, solicitou ao soberano a honra de permitir-lhe dar uma festa aos cristãos, pois, assegurou, "tudo quero fazer para agradá-los". Respondeu-lhe o Sultão: "Assim será!" E ajoelhou-se diante dela para agradecer-lhe; nem sabia o que dizer, de tanto contentamento. Ela então beijou o filho, e voltou para a sua casa.

II

Quando os cristãos lançaram âncoras na Síria, com toda a sua ilustre comitiva, o Sultão enviou mensageiros para anunciar a todo o país a chegada da esposa, e, primeiramente, à sua mãe, rogando-lhe que fosse saudar a rainha e recebê-la com honras, em nome de seu reino. A multidão no porto era enorme, e tanto os sírios quanto os romanos envergavam trajes esplendorosos. A mãe do Sultão, demonstrando regozijo e ostentando opulência, recepcionou a donzela com o sorriso de uma mãe quando revê a filha amada. Depois, a passo cadenciado, em solene cavalgada, foram todos à cidade, que não ficava longe.

Duvido que o triunfo de César, tão decantado por Lucano, tenha sido mais nobre e majestoso que o cortejo formado pela ditosa companhia... Pena que a Sultana, esse escorpião, esse espírito maligno, estivesse preparando, sob a capa da afabilidade, aquele golpe mortal!

Logo em seguia, o próprio Sultão apareceu, – vestido com tal riqueza que sua simples descrição já causaria assombro; – e, feliz e jubiloso, deu as boas-vindas à noiva. Assim eu os deixo, no riso e na ventura, pois quero apenas o fruto, a essência desta história. E, quando acharam que era hora de encerrarem os festejos, foram todos descansar.

Chegado o dia em que a velha Sultana ia dar o banquete de que falei, para lá acorreram todos os cristãos, jovens e idosos. Podia-se ver ali magnificência e júbilo, e iguarias requintadas que nem posso descrever. Mas pagaram muito caro por tudo isso!

Oh dor inesperada, salpicada de amargura, sempre a suceder os prazeres deste mundo! Oh término da alegria das nossas lides terrenas! É sempre o sofrimento o fim dos regozijos. Para a tua segurança, atenta a este conselho: no teu dia feliz, lembra o mal e o infortúnio repentino que atrás dele hão de seguir.

Pois, para ser conciso, direi, numa palavra, que o Sultão e todos os cristãos foram apunhalados e trucidados à mesa, com exceção da senhora Constância. E tudo por obra da velha Sultana, aquela maldita bruxa, – juntamente com os seus comparsas, – para satisfazer a ambição de governar sozinha o país. Não houve na Síria um convertido sequer, um seguidor das idéias do Sultão, que não tivesse sido retalhado antes que pudesse fugir. Quanto a Constância, colocaram-na, mais que depressa, num barco sem remos e, por Deus, disseram-lhe que encontrasse um jeito de velejar de volta para a Itália, A bem da verdade, devolveram-lhe uma parte do tesouro que trouxera, e também forneceram-lhe boa provisão de alimentos. Com isso, e com as roupas que tinha, lá se foi ela à deriva pelo mar salgado... Oh minha Constância, cheia de bondade, oh jovem e amada filha do Imperador, que o Senhor da Fortuna seja o teu piloto!

Naquela situação, ela persignou-se e, com voz emocionada, rezou a seguinte oração à cruz

de Cristo: "Oh claro e bendito altar, oh santa cruz, rubra do precioso sangue do Cordeiro, que lavou o nosso mundo da velha iniquidade! Protege-me do demônio e de suas garras no dia em que eu tiver que me afogar nas profundezas. Árvore vitoriosa, escudo dos fiéis, tu que, sozinha, foste digna de suster o Rei do Céu com suas novas chagas, o cândido Cordeiro ferido por uma lança, tu que expulsas o demônio dos homens e das mulheres sobre os quais estendes fielmente os braços, vem proteger-me, vem dar-me forças para me emendar!"

Por dias e anos flutuou essa criatura pelo Mar da Grécia até o Estreito de Marrocos, sempre ao sabor do acaso. Com muito magras refeições teve que contentar-se, esperando a morte a todo instante, antes que as ondas selvagens a impelissem para o lugar onde iria chegar.

Talvez se pergunte: por que também ela não foi morta na festa? Quem a teria salvado?

É com outra pergunta que respondo a essas perguntas: quem salvou Daniel na horrenda caverna, onde todos, senhores e servos, foram devorados pelo leão sem qualquer possibilidade de fuga? Não foi Deus, que estava em seu coração? Também no caso de Constância Deus quis mostrar sua graça miraculosa, para que víssemos, através dela, o poder de suas obras. Como sabem os doutos, Cristo, que é o bálsamo de nossos males, muitas vezes usa suas forças para fazer coisas cujos propósitos são totalmente obscuros à razão humana, visto que, devido à nossa ignorância, não podemos conhecer sua sábia providência.

Não tendo ela sido sacrificada na festa, quem impediu que se afogasse no mar? Ora, quem impediu que Jonas morresse no ventre do peixe, até que fosse cuspido fora em Nínive? Pode-se logo perceber que não foi outro senão Aquele que não deixou o povo hebreu se afogar, quando atravessou o mar com pés enxutos.

Quem ordenou que os quatro espíritos da tempestade, que podem flagelar a terra e o mar, – no sul, no norte, no oriente e no ocidente, – não perturbassem nem as águas nem as árvores? Em verdade, essa ordem partiu d'Aquele que, no sono e na vigília, protegeu sempre da tormenta essa mulher.

E onde conseguia ela o que comer e o que beber por mais de três anos no barco? Como suas provisões duravam tanto? Mas quem, na gruta ou no deserto, alimentou Santa Maria do Egito? Só podia ser Cristo, que fez o grande milagre de dar de comer a cinco mil pessoas com apenas dois peixes e cinco pães. Foi Deus, portanto, quem nas agruras lhe mandou sua abundância.

E assim foi ela navegando pelo oceano até chegar ao nosso mar bravio da Inglaterra, quando, finalmente, as ondas a lançaram às costas da Nortúmbria, ao pé de um castelo cujo nome desconheço. Seu barco encalhou de tal forma na areia, que nem a maré alta conseguia libertá-lo. Era vontade de Jesus que ela ali permanecesse.

O condestável do castelo desceu para investigar o naufrágio; examinou toda a embarcação, e, em seu interior, encontrou a pobre mulher, assustada e exausta. Também achou o tesouro que ela trazia. Enquanto isso, a jovem lhe suplicava, em sua língua, que lhe tirasse a vida, para que assim se libertasse de seus terríveis temores. Falava ela uma espécie de latim corrompido; mas, assim mesmo, fazia-se entender. Terminadas as buscas, o condestável a levou à terra firme, onde ela se ajoelhou e agradeceu àquele enviado de Deus. Mas, para seu bem ou seu mal, resolveu, mesmo que isso lhe custasse a vida, não confiar a ninguém a sua verdadeira identidade. Disse que, perturbada pelo mar, ela perdera a memória. O condestável, e também sua mulher, ficaram tão comovidos que choraram de piedade. A partir de então, Constância se desdobrou no esforço de servir e agradar a todos; e todos os que ali moravam gostavam dela tão logo a conheciam.

O guardião do castelo e sua esposa, a senhora Hermenegilda, eram ambos pagãos, assim como o resto do país. Apesar disso, Hermenegilda passou a amar a jovem como a própria vida. E Constância tanto orou por ela e tanto derramou lágrimas amargas que Jesus intercedeu com sua graça e a converteu ao cristianismo.

Os cristãos, naquele reino, não ousavam reunir-se. Outrora, os bretões cristianizados da ilha, diante da invasão dos pagãos, que por terra e por mar, conquistavam todas as plagas do

norte, tiveram que abandonar o país e fugir para Gales, refugiando-se ali por algum tempo. Isso não significou, porém, que todos eles tivessem se exilado. Havia ainda no lugar alguns bretões que, enganando os dominadores pagãos, adoravam Cristo secretamente. Três deles moravam perto do castelo, um dos quais era cego. Não podendo enxergar, via apenas com os olhos da mente, que iluminam os que não vêem.

Num belo dia de verão, quando brilhante raiara o sol, o condestável e sua mulher, acompanhados por Constância, resolveram passear à beira-mar para se entreter em um pouco e se distraírem. E, no caminho, encontraram-se com aquele cego, encarquilhado e velho, com os olhos bem cerrados.

"Em nome de Cristo", gritou o coitado, "senhora Hermenegilda, devolve-me a visão!"

A essas palavras, a senhora apavorou-se, temendo que seu marido fosse matá-la por seu amor a Jesus. Constância, entretanto, a encorajou, suplicando-lhe que fizesse a vontade de Cristo, como filha de sua Igreja.

Espantou-se o condestável ao presenciar o milagre: "O que isso quer dizer?!"

Respondeu-lhe a jovem: "Senhor, é o poder de Cristo que nos livra das ciladas do demônio." E tão clara foi ela ao expor sua fé que, antes do anoitecer, já havia convertido o condestável à religião de Jesus.

Esse condestável não era, de fato, o senhor do castelo em cujas proximidades encontrara a jovem. Era apenas o seu defensor, função que por muitos invernos exercera valentemente, em nome de Aella, o rei da Nortúmbria, um sábio monarca que, como não se ignora, combatia os escotos com mão de ferro. Mas é melhor voltar à minha história.

Satã, que está sempre à espreita para nos apanhar, vendo a perfeição de Constância, tratou logo de imaginar um modo de castigá-la por suas obras. Para isso, fez que um jovem cavaleiro, que vivia no mesmo local, sentisse por ela um amor tão ardente, uma paixão tão voluptuosa, que lhe pareceu que ia morrer se não satisfizesse imediatamente o seu desejo. Ele a cortejou, mas sem qualquer proveito; de modo algum ela aceitava pecar. Despeitado, resolveu vingar-se, levando-a a uma morte ignóbil. Aguardou uma ocasião em que o condestável estivesse ausente e, sem ser percebido, penetrou uma noite no quarto de Hermenegilda, onde ela e Constância dormiam após suas longas orações. Tentado por Satanás, o cavaleiro aproximou-se da cama mansamente, degolou Hermenegilda, e colocou a lâmina ensangüentada ao lado de Constância. Depois, retirou-se... Que Deus o amaldiçoe!

Logo em seguida retornou o condestável, juntamente com Aella, o rei daquele país; e, vendo a esposa barbaramente assassinada, pôs-se a gritar e a retorcer as mãos. Não tardou muito a descobrir no leito a arma sangrenta junto de Constância. Ai! Que podia ela dizer, fora de si de tanta dor?

Contaram então toda a desgraça ao rei Aella, assim como a data, o local e as circunstâncias em que Constância fora encontrada num barco, – como aqui já narrei. Ao ver tão bondosa criatura cair na aflição e no infortúnio, o coração do soberano estremeceu de piedade. Assim como o cordeiro é arrastado ao sacrifício, assim foi trazida a inocente à presença do monarca. E o falso cavaleiro, que forjara toda a trama, veio e acusou-a do crime. Mesmo assim, grandes lamentos se ouviam na multidão, que não podia admitir ser ela capaz de tamanha crueldade, pois todos conheciam sua virtude e sabiam que amava Hermenegilda como a própria vida. Era o que todos confirmavam no recinto, – salvo o que trucidara a nobre dama com a sua lâmina. E o gentil rei, estimulado por esse testemunho, decidiu que convinha investigar mais a fundo a questão, a fim de descobrir toda a verdade.

Ai, Constância! Não tens nenhum paladino; e sozinha não podes, – oh desventura, – defender-te na batalha! No entanto, Aquele que morreu pela nossa redenção e aprisionou Satã (e ele ainda jaz onde jazia) deverá ser hoje o teu campeão! Porque, se Cristo não fizer perante todos um milagre, sem culpa tu serás executada.

Ajoelhando-se, assim rezou ela: "Deus imortal, que salvaste Susana da falsa acusação, e tu, virgem misericordiosa, Maria, filha de Santa Ana, diante de cujo filho os anjos cantam *hosana*,

se não tenho culpa desse crime, socorre-me... senão irei morrer!"

Quem nunca viu na multidão o rosto daquele que é levado para a morte sem esperança de graça, e, vendo-o, não percebe de imediato, pela sua palidez, que, de todas as faces que divisa, aquela é a face do condenado? Assim estava Constância, a olhar a seu redor.

Oh rainhas, que vivem na prosperidade! Oh duquesas, e vós todas, damas! Chorais por ela em sua adversidade! É filha do Imperador... e está sozinha! Não tem ninguém a quem possa recorrer. Oh real sangue, em tal perigo; teus amigos estão longe no dia da provação!

Porque os corações gentis andam cheios de piedade, o rei sentiu por ela tamanha compaixão que o pranto lhe escorreu dos olhos. "Trazei depressa um livro", ordenou ele; "e, se o cavaleiro jurar que foi mesmo a jovem quem matou essa mulher, no mesmo instante indicaremos o carrasco." Trouxeram um livro bretão, com os textos evangélicos; e sobre esse volume jurou o acusador que ela era a culpada. Imediatamente, à vista de todos, uma mão o golpeou no pescoço e ele veio ao chão pesado como uma pedra, com os dois olhos fora das órbitas. E então se ouviu no recinto uma voz que dizia: "Na presença do rei caluniaste a filha inocente da Igreja. Fizeste isso, e eu me calei!"

Todos se espantaram diante desse prodígio; e, com exceção de Constância, todos, atônitos, temeram o castigo. Grande foi o pavor e grande o arrependimento daqueles que, injustamente, haviam suspeitado daquela moça tão pura. E, graças a esse milagre e à mediação de Constância, o rei e muitos dos presentes (louvado seja Cristo!) se converteram à sua fé. Sem perda de tempo, Aella julgou o cavaleiro, que foi executado por sua falsidade (embora a jovem se apiedasse de sua morte). E, em seguida, Jesus, por sua mercê, fez o monarca desposar solenemente a santa virgem, tão cândida e luminosa. E, dessa maneira, Cristo a fez rainha.

A única pessoa que, por certo, não gostou do casamento foi Donegilda, a mãe do soberano, cheia de prepotência. Sentia que o coração ia estourar-lhe no peito. Achava um ultraje à sua nobreza a escolha de seu filho, tomando por companheira uma criatura completamente estranha.

Não quero rechear a minha história com o joio ou com a palha, mas somente com o trigo. Por isso, por que deveria eu agora narrar o esplendor das núpcias, pintar os cerimoniais que as precederam, ou dizer quem soprou o corno ou a trombeta? O que interessa num conto é a sua essência: eles comeram, beberam, dançaram, cantaram e riram. Depois, como é certo e apropriado, os noivos foram para a cama, – pois, ainda quando as mulheres vivem na castidade, à noite elas precisam aceitar com paciência as coisas necessárias à satisfação daqueles que as desposaram com alianças, deixando de lado, por algum tempo, a sua santidade (mesmo porque não há outro jeito). E assim o rei concebeu em Constância um menino. Depois, devendo partir para a Escócia em busca de seus inimigos, confiou a esposa aos cuidados de um bispo e do condestável. E lá ficou sozinha a bela Constância, tão meiga e tão humilde, sempre quieta em seu quarto, a acompanhar o avanço da gravidez e a esperar a vontade de Cristo. Chegado o dia, deu à luz um menino, que, na pia batismal, recebeu o nome de Maurício.

O condestável chamou então um mensageiro e escreveu para o rei, que se chamava Aella, transmitindo-lhe a boa nova, além de outras notícias pertinentes. E o mensageiro, apanhando a carta, pôs-se a caminho. Primeiro, cavalgou para a corte da mãe do soberano, na esperança de ganhar alguma coisa. Após saudá-la respeitosamente em seu idioma, disse-lhe: "Senhora, rejubila-te e sorri, e dá cem mil graças ao Senhor! Minha senhora, a rainha, deu à luz um filho que, sem dúvida, será a alegria e a felicidade de todo o reino. Eis a carta lacrada, contendo a novidade, que deverei levar a toda pressa. Se tens algo para teu filho o rei, sou um criado sempre a teu dispor." Donegilda respondeu-lhe: "Agora não. Todavia, passa a noite aqui, e amanhã cedo te direi o que desejo." O mensageiro então tomou cerveja e vinho até embebedar-se, e dormiu como um porco. Enquanto isso, a carta que levava foi surrupiada de sua caixa e substituída por outra, habilmente forjada, que, vazada em termos maldosos, era dirigida ao rei como se viesse da parte do condestável. Dizia que a rainha dera à luz uma criatura diabólica tão horrível que ninguém tinha coragem de ficar com ela no castelo; dizia também que ela era um espírito maligno, que viera ter

ali à custa de feitiçarias e encantos, e que, por isso mesmo, todos detestavam a sua companhia.

Como sofreu o rei ao ler aquela carta! Entretanto, não revelou a ninguém a sua angústia, escrevendo em resposta o que se segue: "Agora que me inteirei de sua doutrina, o que Cristo manda sempre será benvindo! Senhor, seja feita a tua vontade e cumprida a tua ordem, pois submeto meu desejo a teu querer. Amigos, feia ou bonita, protegei essa criança... e também minha esposa, até que eu volte. Quando Cristo quiser, há de dar-me um herdeiro mais de acordo com meu gosto." Então, chorando intimamente, lacrou a carta com o seu selo e a entregou ao mensageiro, que se foi. Nada mais podia fazer.

Oh mensageiro, sucumbindo à embriaguez, com teu hálito forte e teus membros vacilantes, nenhum segredo contigo está seguro! Tua mente é irresponsável, pairas como um gaio, e tua face se mostra transfigurada. Quando reina a bebida numa companhia, não há por certo confidencias que resistam. Oh Donegilda, não encontro em nossa língua palavras à altura de tua maldade e prepotência! Por isso, eu passo o encargo ao demônio, deixando que ele mesmo descreva a tua traição! Fora, mulher masculinizada... Oh não, por Deus, isso é pouco! Fora, espírito diabólico! Pois tenho plena certeza de que, embora teu corpo esteja na terra, tua alma já se acha no inferno!

O mensageiro, de volta de sua missão, apeou de novo na corte da mãe do rei, que, contente em revê-lo, fez o que pôde para agradá-lo. Ele aproveitou para beber até estourar o cinto; depois, dormiu e roncou a noite inteira, como de hábito, até raiar o sol. Novamente, sua carta foi roubada e trocada por outra que era falsa, onde se lia: "Em nome da alta justiça, o rei ordena a seu condestável, sob pena de enforcamento, que de forma alguma permita que Constância permaneça em seu reino mais que três dias e um quarto. Deverá ele colocá-la de volta no barco onde foi encontrada, juntamente com sua criança e suas tralhas, impeli-la para longe da praia e intimá-la a que não volte nunca mais." Oh minha Constância, bem pode agora teu espírito tremer e ser atormentado por pesadelos no sono, pois é Donegilda que urde a trama contra ti!

Na manhã seguinte, quando despertou, o mensageiro tomou o caminho mais curto para o castelo, onde entregou a carta ao condestável. Este, ao ler as tristes palavras, pôs-se a repetir: "Ai, que desgraça! Que desgraça! Cristo Nosso Senhor, por que este mundo não se acaba, se há tanto pecado em suas criaturas?! Oh Deus poderoso, será essa a tua vontade? Sendo um juiz reto, como podes permitir que os inocentes sejam destruídos, enquanto os ímpios reinam na prosperidade? Oh bondosa Constância, como me aflige ser o teu carrasco ou então ter que morrer de modo infame! Não, não tenho escolha!" Todos os que ali viviam, jovens e velhos, puseram-se a chorar quando souberam da carta amaldiçoada. E Constância, com mortal palidez no rosto, no quarto dia encaminhou-se para o barco. Sem nenhuma revolta contra a vontade de Cristo, ajoelhou-se na praia e disse: "Senhor, tudo o que mandas é benvindo! Amigos, Aquele que me salvou da calúnia, quando eu estava convosco em terra, pode igualmente salvar-me do mal e da desgraça no meio do mar salgado, – embora eu não saiba como. Se Ele então era forte, agora também o é. Nele confio, e em sua mãe querida, que é a vela e os remos para mim."

A criancinha em seus braços chorava, e ela, sempre de joelhos, lhe disse compadecida: "Quieto, filhinho, não vou te fazer mal." Assim falando, tirou o lenço de sua cabeça e protegeu com ele os olhinhos do bebê. Depois, ninando-o continuamente, ergueu os olhos para o céu: "Maria, mãe e cândida virgem, cujo filho foi torturado na cruz por amor à humanidade, que, por instigação da mulher, se viu na perdição e condenada a morrer! Teus olhos benditos assistiram a todo o seu tormento; não há comparação entre a tua dor e a dor que nós sentimos. Viste teu filho ser morto, enquanto, por Deus, vive ainda meu filhinho! Senhora de luz, a quem todos os sofredores recorrem, glória das mulheres, formosa virgem, porto seguro, estrela matutina, tem piedade de meu filho, tu que, em tua misericórdia, sempre tens comiseração pelos miseráveis infelizes." Finda a prece, continuou ela: "Ai, pobre criancinha! Qual a tua culpa, se jamais pecaste? Por que teu pai desumano quer eliminar-te? Oh mercê, meu caro condestável! Permite que meu filho fique aqui contigo. Se, porém, receias salvá-lo, dá-lhe ao menos um beijo em nome de seu pai!" Finalmente, voltando-se para a terra e fixando o olhar no horizonte, exclamou:

Adeus, marido impiedoso!" Depois, erguendo-se, desceu a praia em direção ao barco, sempre buscando acalmar o pranto do filhinho, enquanto era seguida pelo povo todo. Fez então um aceno de despedida, persignou-se santamente, e entrou na embarcação.

Naturalmente, o barco havia sido bem provido de alimentos para a longa viagem, assim como, com fartura, de outras coisas necessárias (louvado seja o Senhor!). Cabia agora a Deus todo-poderoso propiciar bom tempo e ventos favoráveis, levando-a de volta à sua terra! É tudo o que posso dizer. E lá se foi ela, a abrir caminho em meio às ondas.

III

Pouco tempo depois, o rei Aella voltou para casa e, ao chegar ao castelo de que falei, perguntou por sua mulher e seu filhinho. O condestável sentiu um frio no coração; e contou-lhe tudo o que acontecera, – conforme já narrei da melhor forma que pude, – mostrando-lhe inclusive a carta com o seu lacre. E justificou-se: "Senhor, como me ordenaste isso sob pena de morte, eu tive que obedecer."

O mensageiro foi então torturado até que confessasse e dissesse, sem rodeios e floreios, onde havia pousado em cada noite. E assim, graças à hábil inquirição e à dedução, pôde-se concluir de onde partira toda a trama. Não sei dizer como, mas a verdade é que logo descobriram qual a mão que forjara as cartas e todo o veneno daquelas ações malditas. Por conseguinte, Aella, sem vacilações, matou sua mãe pela traição que cometera (como se pode ler com todas as letras). E assim morreu a velha Donegilda, – maldita seja!

Não há língua que possa descrever o sofrimento de Aella, a chorar noite e dia por sua esposa e seu filho...

Mas voltemos a Constância, a flutuar sozinha no mar, na dor e na aflição. Mais de cinco anos viveu ela assim, por desígnio de Cristo, antes que seu barco tocasse a terra. Finalmente, a mãe e o filhinho foram dar numa praia ao pé de um castelo pagão, cujo nome não consta em meu texto. Oh Deus todo-poderoso, que ajuda toda a humanidade, socorre Constância e seu filho, novamente (como logo vereis) em sério perigo nas mãos dos pagãos!

Muita gente, por curiosidade, descia do castelo para olhar o barco e sua tripulante. Uma noite, porém, o camareiro-mór do castelão, um ladrão que renegara nossa crença, veio ali sozinho, – que Deus o castigue! – e disse que, por bem ou por mal, Constância teria que dormir com ele. A infeliz, em seu desespero, pôs-se a gritar; também seu filhinho gritava. Mas a Virgem Maria a salvou, pois, quando o malvado se atracou com ela, que resistia com todas as suas forças, ele escorregou e caiu no mar, e lá morreu afogado, como merecia. Assim Cristo manteve Constância imaculada!

Feio desejo da luxúria, eis aí teu fim! Não apenas debilitas a mente do homem, mas também destróis seu corpo. O resultado de tuas obras, ou de teus ardores cegos, é a dor e o sofrimento. Quantos não se perderam ou morreram por causa desse pecado, às vezes nem sequer pelo ato, mas só pelo pensamento!

Onde essa fraca mulher encontrou forças para defender-se contra aquele renegado? Oh Golias, de estatura desmedida, como Davi, tão jovem e sem armadura, conseguiu vencer-te? Como ousou encarar teu semblante assustador? É fácil de ver-se aí a graça de Deus! E quem deu a Judite audácia e coragem para matar Holofernes em sua tenda, libertando da escravidão o povo do Senhor? Afirmo, portanto, que, assim como Deus mandou a eles o espírito do vigor para que se livrassem do infortúnio, assim também deu força e vigor a Constância.

Depois disso, o barco prosseguiu em seu caminho, pela estreita passagem entre Ceuta e Gibraltar, sempre à deriva, tomando às vezes a direção do oeste, às vezes a do norte ou a do sul, às vezes a do leste, até que a mãe de Cristo, em sua infinita bondade (bendita seja!), resolveu pôr fim a tanta provação. Para mostrar como o fez, vou deixar Constância por alguns momentos, voltando a falar do Imperador Romano.

Depois de muito tempo, recebeu este mensagens da Síria, dando conta do massacre dos

cristãos e do ultraje à sua filha por obra daquela traidora, a malvada e maldita Sultana, que na festa não poupara grandes nem pequenos. O Imperador convocou então um de seus senadores para que, à testa de muitos outros nobres, conduzisse uma expedição de represália aos sírios. Chegando àquele país, os romanos, por vários dias, queimaram, trucidaram, destruíram; depois, para não nos alongarmos, deram-se por satisfeitos e decidiram voltar. Foi então que o vitorioso senador, velejando garbosamente de retorno a Roma, – conforme diz a história, – cruzou com o barco à deriva onde, em deplorável estado, se achava a pobre Constância. Nada pôde o salvador descobrir a seu respeito, nem quem era nem por que se via ali; e ela, terminantemente, recusou-se a revelar sua linhagem. Ele então a levou para Roma, entregando-a, juntamente com a criança, aos cuidados de sua esposa. E, dessa forma, Constância passou a viver com a família do senador. Eis aí como Nossa Senhora a livrou de suas aflições, – assim como tem livrado a muitas outras pessoas.

Longo tempo morou a infeliz naquela casa, dedicando-se a obras santas, como era de seu feitio. A mulher do senador, na verdade, era sua tia. Contudo, após tantos anos, não a reconheceu... Mas vamos deixar a desditosa sob a sua proteção e voltemos a falar do rei Aella, que, soluçando, ainda chorava a perda de sua esposa.

Aquele monarca começou a sentir tanto remorso por haver matado sua mãe, que um dia resolveu ir a Roma para fazer penitência, submetendo-se completamente às determinações do Papa e procurando assim obter o perdão de Jesus Cristo pelos pecados que cometera. Graças à comitiva que o precedera, logo se espalhou pela cidade a notícia de que o rei da Nortúmbria estava para chegar em peregrinação; e, como era praxe, o senador, juntamente com outros de sua linhagem, cavalgou ao seu encontro, seja para ostentar a sua magnificência, seja para prestar-lhe as devidas honrarias. Grande foi a satisfação do romano em recebê-lo, e grande a alegria do visitante, com mútua troca de gentilezas.

Um ou dois dias mais tarde, o senador compareceu a um banquete oferecido pelo rei Aella, e, se não me engano, o filho de Constância o acompanhou. Acham alguns que foi a mãe quem insistiu junto a seu tutor para que o levasse... Eu, porém, não sei dizer, porque desconheço os pormenores; seja lá como for, ele foi à festa. E o fato é que, instruído pela mãe, o rapazinho, a certa altura, postou-se diante de Aella, olhando-o fixamente no rosto. Grande foi a surpresa do rei, que perguntou ao senador: "Quem é aquele belo menino?" "Não sei", respondeu o outro, "por Deus e por São João! Ele tem mãe, mas pai nenhum que se conheça..." E, em poucas palavras, contou-lhe como o encontrara com a mãe, a respeito de quem comentou: "Por Deus, nunca em minha vida eu soube de uma pessoa tão virtuosa quanto ela; jamais vi nem ouvi falar de outra mulher assim, solteira ou casada. É uma mulher que, certamente, prefere um punhal no peito a praticar o mal. Não, ninguém seria capaz de induzi-la a pecar."

Os traços do rapazinho, tanto quanto possível, eram parecidos com os de Constância. E como o rei ainda se lembrava muito bem do rosto de sua esposa, começou a imaginar se não seria ela a sua mãe. Suspirando discretamente, tratou de deixar a mesa o mais depressa que pôde. "Por Deus", pensava ele, "por certo estou delirando! A própria razão me obriga a acreditar que minha esposa morreu no mar salgado." Depois, no entanto, fez outro raciocínio: "Mas quem sabe se Cristo não a trouxe a salvo até aqui, assim como antes a levara a salvo até o meu país?"

À tarde, a fim de constatar essa miraculosa possibilidade, ele foi com o senador à casa deste. O romano o recebeu com todas as honras, e logo mandou chamar Constância. Ela, porém, ao saber quem a procurava, não sentiu absolutamente ímpetos de dançar; pelo contrário, não tinha vontade nem de levantar-se. Quando, por fim, Aella viu sua mulher, saudou-a afetuosamente, chorando que dava pena; ele a reconheceu assim que pôs os olhos nela. Mas ela, ressentida, ficou muda como uma árvore, com o coração trancado na amargura, a recordar-se de sua crueldade.

Duas vezes desmaiou ela na presença do marido, que, sem cessar o pranto, buscava desculpar-se: "Que Deus e todos os santos resplendentes tenham piedade de minha alma! Juro que não tenho culpa dos males por que passaste com Maurício, meu filho, que tanto se parece

contigo. Pode levar-me o diabo, se isso não for verdade!" E foi longo o soluçar e a amarga pena dos corações tristonhos antes que se acalmassem; profundamente comoviam seus lamentos, que em novo lamentar se desdobravam. Peço-vos, porém, que me dispensem da tarefa de descrever seu sofrimento, pois eu não poderia fazer isso nem mesmo até amanhã. Estou cansado de falar de coisas tristes!

Por fim, quando ficou comprovado que Aella era inocente, os dois se beijaram pelo menos cem vezes; e, com exceção da eterna bem-aventurança, jamais existiu, ou poderá existir, maior felicidade que a deles.

Então ela rogou humildemente ao marido, como recompensa para a sua longa e dura provação, que convidasse seu pai para jantar com ele um dia, deixando de lado, por alguns instantes, sua imperial majestade. Ao fazê-lo, contudo, não deveria dizer-lhe palavra alguma a respeito dela. De acordo com alguns autores, foi Maurício quem teria levado a mensagem ao Imperador... Acho, porém, que Aella não seria tolo a ponto de enviar uma simples criança ao supremo dignitário e flor da cristandade. Em meu entender, quem cumpriu essa missão foi ele próprio (se bem que acompanhado do pequeno). O Imperador gentilmente aceitou o convite, examinando atentamente, durante a audiência, aquele menino que lembrava sua filha. Depois disso, Aella voltou para a sua hospedaria, onde cuidou de preparar o banquete da melhor forma possível.

Na manhã seguinte, o rei e sua esposa aprontaram-se para recepcionar o Imperador, cavalgando ao seu encontro alegres e felizes. Assim que viu o pai, ela apeou e, em plena rua, ajoelhou-se a seus pés: "Pai, tua jovem filha por certo já se apagou de tua memória! Eu sou a pobre Constância, que outrora mandaste à Síria. Sou eu aquela que abandonaram num barco para morrer no mar salgado. Agora, meu pai tão generoso, suplico-te mercê! Não mais me envies para junto dos pagãos. E agradece ao senhor meu esposo, aqui presente, por sua grande bondade." Quem poderia retratar a alegria e a emoção dos três naquele encontro?

Mas preciso terminar a minha história; o dia passa rápido, não posso me alongar... Todos, muito felizes, foram então banquetear-se. E à mesa os deixo, mil vezes mais ditosos do que posso sugerir.

O menino Maurício foi, mais tarde, sagrado Imperador pelo Papa, vivendo sempre cristãmente e honrando a santa Igreja... Mas vou deixar de lado a sua vida, porque meu conto trata especificamente de Constância. Quem quiser saber mais sobre Maurício deve ler a antiga história de Roma, – mesmo porque de muita coisa não me lembro.

Quanto ao rei Aella, no momento oportuno, acompanhado de sua Constância, sua santa e doce esposa, voltou diretamente para a Inglaterra, e lá viveu em paz e na ventura. Mas, – posso assegurar-vos, – essa felicidade não durou muito, pois as alegrias deste mundo são efêmeras, mudando, como as marés, da noite para o dia. Quem jamais viveu um dia sequer em júbilo perfeito, sem remorsos de consciência, sem os tormentos da ira, do desejo ou do temor, sem inveja, paixão, orgulho, ofensa? E essa opinião é reforçada pela brevidade da ventura que Aella conheceu com sua Constância! De fato, a morte, que exige o seu tributo de grandes e de humildes, levou embora o rei, nem bem se passara um ano, deixando a infeliz esposa na tristeza mais profunda. Que Deus proteja sua alma!

Pari concluir, direi que, logo depois, a senhora Constância retornou a Roma, onde a santa criatura reencontrou com saúde suas velhas amizades. Finalmente, haviam terminado as suas aventuras... Ao rever o pai, caiu de joelhos; e, com o coração enternecido, chorou de alegria, e cem mil vezes deu graças ao Senhor! Depois, praticando a virtude e a caridade, viveu com ele até que a morte os separasse.

Aqui me despeço: meu conto chegou ao fim. Que Jesus Cristo, que tem o poder de mudar a dor em alegria, nos conduza à sua graça, guardando a todos os que aqui se encontram! Amém.

Aqui termina o Conto do Magistrado.

O CONTO DO HOMEM-DO-MAR

Concluído o Conto do Magistrado, segue-se o Prólogo do Homem-do-Mar.

Nosso Albergueiro ficou de pé nos estribos e exclamou: "Boa gente, escutem todos! Foi mesmo um conto edificante, próprio para a ocasião!" E depois, apontando um de nós, disse: "Senhor Pároco, pelos ossos de Cristo, conte-nos agora uma história, conforme prometeu. Estou vendo que esses homens estudados sabem um monte de coisas boas, pela grandeza de Deus!"

Respondeu o Pároco: "*Benedicite*! Que bicho mordeu o homem, para usar assim o santo nome de Deus em vão?"

O Albergueiro retrucou: "Oi, Jankin! É você que está aí, padreco? Sinto o cheiro de um fanático no ar." E, voltando-se para os outros: "Atenção, boa gente! Prestem todos atenção! Pela santa paixão de Cristo, esperem, porque agora vamos ouvir uma prédica. Este *lollard* aqui quer nos fazer um sermão."

"Não, pela alma de meu pai, de jeito nenhum!" interveio o Homem-do-Mar. "Pregar aqui é que não vai. Ele não tem nada que ficar aí a ensinar-nos ou a explicar-nos o Evangelho! Todos nós aqui acreditamos em Deus. Ele só iria semear dúvidas e sujar de joio o nosso trigo. Por isso, Albergueiro, estou lhe avisando: quem agora vai lhes contar uma história é a minha alegre pessoa. E o sino que pretendo tocar é tão animado, que há de acordar a comitiva inteira. Só que meu conto não tem nada de filosofia, nem de ciência fílsica, nem daqueles termos arrevesados dos juristas. Tenho pouco latim no papo!"

Aqui termina o Prólogo do Homem-do-Mar.

Neste ponto, o Homem-do-Mar inicia a sua história.

Vivia outrora em Saint Dénis um mercador que, por ser rico, era considerado esperto. Estava casado com uma mulher de extraordinária beleza, e, ademais, apreciadora da vida social e dos prazeres mundanos, – ainda que o dinheiro que se gasta nas festas e nos bailes valha muito mais que os sorrisos e os cumprimentos que se ganham. Os olhares e os galanteios passam como sombras na parede... E azar daquele que tem que pagar a conta!

As mulheres, porém, não se importam com isso*: "Ora, quem deve pagar é o idiota do marido. É ele quem deve nos vestir, quem deve nos cobrir de jóias... Afinal, quando exibimos nossos ricos trajes, dançando alegremente, é ele quem faz boa figura aos olhos da sociedade. E munido ele não paga, – ou porque não pode, ou porque julga tais despesas uma tolice e um desperdício, – então outro homem é quem vai ter que assumir o encargo ou emprestar-nos o dinheiro, o que não deixa de ser perigoso."

Esse nobre mercador possuía uma bela casa; e era espantoso o número de visitas que recebia ali, seja por sua hospitalidade, seja pelos encantos da mulher. Mas ouçam minha história. Entre os hóspedes habituais, importantes ou humildes, figurava um monge, – atrevido, bem feito de feições, com uns trinta anos de idade, – que, virava e mexia, estava aparecendo por lá. Esse jovem monge de bela aparência, chamado Dom John, buscou entrar na intimidade do bom homem tão logo o conheceu, de modo que, em pouco tempo, era tratado com tal familiaridade que parecia um velho amigo da casa. Ainda mais que, como o comerciante e o monge de quem falo haviam ambos nascido na mesma aldeia, este insistia em afirmar que eram primos. A idéia agradava ao mercador, entusiasmando-o como o dia ao passarinho, pois no fundo achava uma honra aquele parentesco. Cimentaram assim sua amizade eterna, com mútuas garantias de fraternidade enquanto durassem suas vidas.

Naquela casa Dom John sempre se mostrava generoso, principalmente com o seu dinheiro, não poupando gastos para agradar a todos. Não se esquecia de presentear nem mesmo o pajem mais humilde. E, quando chegava, trazia sempre uma coisa boa para cada um, a começar pelo patrão, e depois para toda a criadagem. Naturalmente, todo mundo se alegrava com sua vinda, tal como a ave se alegra com o raiar do sol. Mas, sobre isso, acho que já falei o suficiente.

Então, um belo dia, aconteceu que o mercador resolveu aprontar sua bagagem a fim de viajar para a cidade de Bruges, onde pretendia comprar algumas mercadorias. Diante disso, mandou a Paris um mensageiro, convidando Dom John a passar um ou dois dias com ele e sua mulher em Saint Dénis, para que se distraíssem um pouco antes de sua viagem a Bruges.

O nobre monge, sendo um homem de alta responsabilidade e um administrador, tinha licença permanente do abade para sair quando quisesse, pois estava sempre precisando cavalgar por toda parte para vistoriar as quintas e os celeiros da abadia. Por isso, veio sem demora a Saint Dénis. Quem teria ali recepção mais calorosa que Dom John, nosso querido primo, um homem tão gentil? Como de hábito, trouxe ele consigo duas barricas de vinho, uma cheia de Malvasia e outra do melhor Vernaccia, além de muita caça. E, por dois dias, lá ficaram eles a comer, a beber e a rir, o mercador e o monge.

No terceiro dia, contudo, assim que se levantou, o mercador pôs-se a pensar seriamente nos negócios. Subiu então para o seu escritório a fim de, isolado do mundo, fazer um balanço de como estavam as coisas para ele aquele ano, e como havia investido o seu dinheiro, e se havia tido lucro ou prejuízo. Espalhou à sua frente, sobre a mesa, todos os seus livros e sacos de moedas. E, como o seu butim e o seu tesouro não eram pouca coisa, trancou muito bem a porta, – ainda mais que não queria ser importunado enquanto fazia os seus cálculos. E lá se deixou ficar até depois da hora prima.

Também Dom John se levantou cedinho e procurou o jardim, onde escrupulosamente foi dizer as suas rezas, andando para cá e para lá.

A esse mesmo jardim, onde ele sem pressa passeava, veio às ocultas, com passinhos leves, a boa mulher. Fez-lhe a saudação costumeira. Vinha acompanhada de uma menina que, por ser menor de idade, ainda estava sujeita às suas repreensões e vergastadas. "Oh Dom John, meu caro primo," exclamou ela, "por que está de pé tão cedo?"

"Filha," respondeu ele, "cinco horas de sono por noite são mais que suficientes, – a não ser para um velho doente, ou para um desses maridos que ficam atordoados e zonzos como uma lebre exausta na toca, amedrontada por cães de todos os tamanhos. Mas, minha filha, por que está tão pálida? Será que o nosso bom homem daquele seu marido a obrigou a trabalhar a noite inteira, deixando-a esgotada?" E riu ao dizer isso, corando com seu próprio pensamento.

A bela mulher sacudiu a cabeça e deu um suspiro: "Ai, quisera Deus!" E prosseguiu: "Não, primo, as coisas comigo não se passam bem assim, pois, por aquele Deus que me deu alma e vida, não há em todo o reino da França mulher que ache menos graça naquele jogo infeliz. Só que, mesmo que eu morra de vontade de sair por aí cantando *oh, que miséria!* e *ai, por que nasci?*, não tenho coragem de contar para ninguém como as coisas de fato estão para o meu lado. De tanto medo e tanta preocupação, eu às vezes até penso em fugir deste lugar... ou então pôr um fim na vida!"

O monge olhou-a fixamente e disse: "Não fale assim, minha filha! Deus nos livre de uma desgraça dessas, você se matar de medo ou de tristeza... Mas conte-me o que a aflige tanto. Quem sabe se não poderei aconselhá-la ou ajudá-la em sua infelicidade? Diga-me o que a incomoda, que eu sei guardar segredo. Juro, com a mão em meu breviário, que jamais trairei sua confiança, aconteça o que acontecer."

"O mesmo lhe prometo eu," disse ela, "por Deus e pelo seu breviário! Mesmo que me façam em pedaços ou tenha que ir para o inferno, juro-lhe que nunca hei de delatar uma palavrinha que seja do que me disser. E juro isso não porque somos primos ou aliados, mas, na verdade, pela confiança e pelo amor que sinto." E eles então fizeram o juramento, selaram-no com um beijo, e disseram um ao outro tudo o que desejavam.

"Primo," continuou ela, "se eu tivesse tempo, – coisa que não tenho, ainda mais neste lugar, – eu lhe contaria a tragédia que tem sido a minha vida, e o que tenho passado desde que me casei com esse meu marido... mesmo sabendo que ele é seu primo."

"Meu primo?!" protestou o monge. "Por Deus e São Martinho, ele é tão meu primo quanto esta folha pendurada nesta árvore! Por São Dionísio de França, eu só o chamo assim para poder chegar até você, por quem tenho uma afeição toda especial, uma afeição como nunca senti por nenhuma outra mulher. Juro por meus votos sacerdotais! Agora, conte-me logo o seu problema, antes que ele desça; e então poderá ir-se embora."

"Meu querido," começou ela, "oh meu Dom John, como eu gostaria de guardar para sempre este segredo! Mas tenho que pô-lo para fora; não agüento mais. Meu marido é o pior homem que já existiu neste mundo. Sendo sua mulher, sei que não me fica bem ficar comentando por aí o que se passa em nossa intimidade, seja na cama, seja nas outras coisas. Deus me livre! Entendo que uma esposa só deve falar bem do marido. Por isso, só vou dizer uma coisa... e apenas para você: em nome dos Céus, ele é para mim mais desprezível que uma mosca! E o que mais me irrita nele é a sua avareza. Como você sabe, há seis coisas que todas nós mulheres desejamos: que os nossos maridos sejam corajosos, espertos, ricos, – e, por conseguinte, – generosos, bonzinhos conosco e quentes na cama. Mas, por Cristo que derramou seu sangue por nós, no domingo que vem, por causa de uma dívida que fiz para poder vestir-me de modo apresentável e melhorar a imagem dele perante a sociedade, estarei perdida se não arranjar cem francos. Oh, eu preferiria não ter nascido a me tornar objeto de escândalo e de mexericos... Coitada de mim se meu marido vier a saber disso! É por isso que lhe imploro: empreste-me aquela soma, senão ele me mata! Por favor, Dom John, empreste-me os cem francos. Se me fizer isso, juro por Deus como não serei ingrata; não só lhe devolverei o dinheiro no prazo, como estarei a seu dispor para prestar-lhe os favores e serviços que puder, no que for de seu agrado. Se eu não cumprir minha palavra, que Deus me castigue com o mesmo rigor com que puniu o traiçoeiro Ganelon de França."*

Assim respondeu o gentil monge: "Em verdade, oh dona de meus sentimentos, tão condoído fiquei de sua situação, que lhe juro, com o penhor de minha palavra, que, assim que seu marido viajar para Flandres, vou livrá-la de suas preocupações; vou lhe trazer os cem francos." E, ao dizer isso, agarrou-a pelos quadris, apertou-a com força contra si, e deu-lhe vários beijos. "Agora vá," disse ele, "com cuidado e sem fazer barulho. E mande servir o jantar assim que puder, pois, de acordo com meu cilindro*, já estamos na hora prima. Vá. Cumpra a sua parte como vou cumprir a minha."

"Oh não, não tenha dúvida, por Deus!" assegurou a mulher. E lá se foi, contente como uma pega, e ordenou aos cozinheiros que se apressassem e aprontassem o jantar. Depois, subiu as escadas à procura do marido, batendo com vigor à porta do escritório.

"Qui là?" perguntou ele. "Peter! Sou eu," respondeu ela. "Ora, até quando você quer jejuar? Quanto tempo ainda vai ficar aí, examinando e repassando as suas somas e os seus livros e as suas coisas? Que vão para o diabo todos esses cálculos! Pelos Céus, você já tem bens de Deus em quantidade suficiente; saia daí, e deixe os sacos de dinheiro em paz. Você não tem vergonha de fazer Dom John jejuar o dia inteiro? Chega, vamos ouvir uma missa e depois vamos comer."

"Mulher," disse o marido, "você nem imagina como o nosso trabalho é complicado. Por Deus e por Santo Ivo, de cada doze mercadores apenas dois conseguem atingir a nossa idade progredindo sem tropeços. E, quando as coisas vão mal, ou nós fazemos cara alegre e vamos levando o mundo do modo como podemos, escondendo até à morte a nossa situação real, ou então dizemos aos credores que vamos a uma romaria, e desaparecemos. Por isso é que preciso estar bem preparado para enfrentar as armadilhas deste nosso mundo; no comércio, os maiores perigos são os azares e os golpes inesperados da Fortuna.

"Parto amanhã cedo para Flandres, e volto assim que puder. Portanto, minha querida, eu lhe peço que, na minha ausência, seja atenciosa e gentil com todos, cuidando muito bem de tudo o que é nosso e dirigindo a casa da maneira apropriada. Você tem tudo o de que um lar frugal

necessita, e não lhe faltam víveres nem agasalhos. Além disso, encontrará alguma prata em sua bolsa para as emergências."

Tendo dito essas palavras, trancou a porta do escritório por fora e, sem mais tardança, desceu com ela as escadas. Rapidamente rezou-se uma missa, prontamente arrumou-se a mesa, e mais do que depressa sentaram-se todos para a lauta refeição que o mercador serviu ao monge.

Findo o repasto, Dom John discretamente chamou o mercador de lado e falou-lhe em particular: "Então, primo, você vai mesmo para Bruges! Que Deus e Santo Agostinho o guiem e guardem! Assim mesmo, peço-lhe que tome muito cuidado na estrada. E não se esqueça do regime alimentar; é bom comer com moderação, principalmente neste calor. Falo-lhe assim porque acho que não precisamos ser formais um com o outro. Adeus, primo; Deus o proteja! E se você, a qualquer momento, precisar de alguma coisa que esteja em meu poder e meu alcance, é só me avisar que será atendido prontamente.

"Há algo, porém, que, se possível, eu gostaria de pedir-lhe antes que se vá: será que não poderia emprestar-me cem francos, por uma ou duas semanas? Há uns animais que preciso comprar para formar o rebanho de um sítio que temos. Por Deus, seria bom se fosse seu! Prometo-lhe não atrasar a devolução nem pelo tempo que se leva para andar uma milha. Oh não, nem por mil francos! Só que isso tem que ficar em segredo, por favor; tenho medo de que me tomem o negócio! Vou comprar esse gado ainda esta noite. Adeus, meu caro primo. E obrigado por suas atenções e sua hospitalidade."

O nobre mercador gentilmente respondeu: "Oh primo, oh Dom John, o que me pede é uma ninharia! Quando precisar, meu ouro é seu; e não só meu ouro, mas todas as mercadorias que tenho. Por Deus, leve o que quiser, não se faça de rogado. Mas tem uma coisa: como você sabe, o dinheiro é o arado do mercador. Enquanto ele o tem, possui bom nome e tem crédito; se o ouro se acaba, a coisa não é brincadeira. Portanto, devolva-me os francos assim que puder; mas saiba que, dentro de minhas possibilidades, é sempre um prazer ajudá-lo."

Foi então buscar os cem francos, que, às escondidas de todos, entregou a Dom John. Fora os dois, ninguém mais ficou sabendo desse empréstimo. Em seguida, ambos beberam, conversaram, passearam e riram até que o monge montou em seu cavalo e retornou à abadia.

Na manhã seguinte o mercador partiu para Flandres, levando seu aprendiz como guia, e chegou a Bruges sem qualquer incidente. Uma vez lá, foi logo tratar de seus negócios, comprando e fazendo empréstimos. Não jogou dados, não dançou nos bailes; apenas, como bom mercador, cuidou de seus interesses. E lá o deixo por enquanto.

No domingo seguinte à partida do mercador, eis que Dom John retorna a Saint Dénis, com a tonsura e a barba perfumadas e aparadas. Na casa não havia criadinho, nem qualquer outra pessoa, que não se mostrasse satisfeitíssimo com o regresso de meu senhor Dom John. E, para imos direto ao ponto, a bela mulher novamente lhe assegurou que, em troca daqueles cem francos, passaria a noite em seus braços, a disposição. E foi o que, de fato, ela fez. Foi uma agitada noite de alegria, até que finalmente o dia raiou e o monge foi-se embora, dizendo *adeus* e *passar bem* à criadagem (pois ninguém ali, nem na cidade, desconfiava dele). E assim cavalgou para a abadia, ou para outro lugar qualquer, – o que não nos interessa.

O mercador, terminada a grande feira de Bruges, tratou de voltar a Saint Dénis, onde foi festiva e alegremente recebido pela esposa, a quem contou que, devido aos altos preços das mercadorias, fora obrigado a assinar uma promissória, no valor de vinte mil escudos, que estava para vencer. Portanto, para resgatá-la, pretendia ir imediatamente a Paris, pensando em completar a parcela que levava consigo com os francos que seus amigos ali lhe emprestariam.

Tendo chegado à cidade, a primeira coisa que fez, movido pela afeição e pela estima, foi visitar Dom John; e o fez pelo prazer do reencontro, e não para cobrar sua dívida ou pedir dinheiro emprestado. Só queria ver como ele estava e, ao mesmo tempo, contar-lhe como foram seus negócios, como fazem os amigos quando se reúnem. Dom John, muito contente, deu-lhe as boas-vindas; e ele, outra vez, relatou como suas compras foram um sucesso, e como, graças a Deus, trouxe mercadorias de ótima qualidade, – só que, devido às circunstâncias, teve que fazer

um empréstimo, da melhor forma que pôde, mas que estava para liquidá-lo, podendo então descansar feliz.

Respondeu-lhe Dom John: "Naturalmente, folgo em vê-lo de regresso e com saúde. E, por minha alma, asseguro-lhe que, se eu fosse rico, você não iria passar sem aqueles vinte mil escudos, – ainda mais que, há poucos dias, demonstrou tanta generosidade para comigo, cedendo-me seu dinheiro. Sendo pobre, porém, agradeço-lhe como sei e como posso, por Deus e por São Tiago! A propósito, já que estamos falando nisso, eu já devolvi à senhora nossa, sua estimada esposa, a soma que me emprestou, entregando-a pessoalmente em sua casa e sobre a sua escrivaninha. Ela certamente irá confirmar isso; e eu próprio tenho meios para comprová-lo. Agora, com sua licença, preciso ir. Nosso abade pretende sair da cidade daqui a pouco, e eu devo acompanhá-lo na viagem. Dê lembranças à nossa filha querida, sua adorável esposa. E adeus, prezado primo; até a próxima!"

Após esse encontro, o mercador, que era hábil e jeitoso, conseguiu com os amigos os empréstimos necessários, e em Paris mesmo, tendo entregado o total devido a alguns banqueiros lombardos, resgatou a sua promissória com dinheiro vivo. Voltou então para casa alegre como um papagaio, pois, pelos seus cálculos, os negócios tinham ido tão bem que, quando vendesse a sua mercadoria, com certeza iria obter um lucro de mil francos sobre o montante que investira.

Sua mulher correu ao portão para recebê-lo, como era seu velho costume. E ele, despreocupado, – por estar rico e sem dívidas, – passou com ela uma noite de alegria. Quando amanheceu, o mercador pôs-se a abraçá-la outra vez, e tanto a apertou contra si e a beijou no rosto, que ele subiu de novo e ficou bem duro. "Oh não", riu ela, "você já teve o suficiente!" E brincava com ele de modo provocante.

Finalmente, o mercador lhe disse: "Por Deus, mulher, embora me aborreça dizê-lo, estou um pouco zangado com você! E sabe por que motivo? É porque você criou uma situação um pouco constrangedora entre mim e meu primo Dom John. Antes que eu partisse, você devia ter-me dito que ele havia devolvido os cem francos que eu lhe emprestara, e com comprovantes e tudo. Pela cara dele, vi que ele não gostou nada quando lhe falei de empréstimos, muito embora, – por Deus, nosso Senhor do Céu, – eu não tivesse a mínima intenção de lhe pedir coisa alguma. Por isso é que lhe imploro, mulher: não faça mais isso. Sempre que algum devedor saldar a dívida em minha ausência, conte isso para mim antes que eu saia, para que, por causa de seu descuido, eu não volte a cobrar o que está pago."

A mulher não se assustou nem sentiu medo, respondendo com o maior atrevimento: "Virgem Maria! Detesto esse falso monge, esse Dom John! E pouco me importam os seus comprovantes. Ele me trouxe o dinheiro, é verdade... Ah, maldito seja aquele seu focinho de monge! Juro por Deus como pensei que ele estava me dando aquele dinheiro para que o gastasse comigo mesma, em consideração por você, numa espécie de reconhecimento pelo nosso parentesco e pela hospitalidade com que foi tantas vezes acolhido aqui. Numa situação como esta, sem pé nem cabeça, só posso responder-lhe o seguinte, para não gastar muitas palavras: você tem devedores mais caloteiros que eu! Sim. porque eu, pelo menos, vou pagando um pouco a cada dia; e, se deixo de pagar... Você não tem aquela vara* onde marca com talhos o total do que lhe devem? Pois bem, sou sua mulher; debite tudo em minha conta, pondo o meu talho em sua vara. Pouco a pouco irei pagando tudo. Afinal, não joguei fora aqueles francos; gastei-os com roupas, para apresentar-me dignamente, em honra de meu marido. Assim sendo, não fique zangado, pelo amor de Deus! Vamos rir e brincar. Meu belo corpo é meu único penhor, e, por isso, só posso lhe pagar na cama! Oh maridinho querido, pedoe-me; vire-se para cá, e vamos fazer as pazes!"

O mercador viu que não havia remédio, e que seria tolice ficar bravo, pois não tinha como alterar a situação. "Mulher," disse ele, "você está perdoada. Mas, por minha vida, de agora em diante não seja tão liberal assim. Procure cuidar melhor daquilo que me pertence."

Desse modo, chega ao fim a minha história; e que Deus nos mande muitos talhos para as nossas varas. Amém.

Aqui termina o Conto do Homem-do-Mar.

O CONTO DA PRIORESA

Eis as alegres palavras que o Albergueiro dirigiu ao Hornem-do-Mar e à senhora Prioresa.

"*Corpus dominus**, que bela história!" exclamou nosso Albergueiro. "Tomara que ainda possa fazer muitas viagens por essas costas, gentil senhor capitão, gentil homem-do-mar! Que Deus traga mil carradas de anos de azar para aquele monge! Ah, Ah, amigos. Todos devem estar sempre de olhos abertos para essas tapeações! Por Santo Agostinho, o monge não só fez o homem de bobo, mas à mulher dele também! É melhor não trazer monges para casa.

"Mas agora vamos mudar de assunto e ver quem vai se encarregar do próximo conto." Dito isso, deu de falar com tanta delicadeza que parecia uma moça: "Com sua permissão, minha senhora Prioresa, eu diria, não desejando incomodá-la, que chegou a sua vez de brindar-nos com uma história, desde que a senhora não se oponha. Será que a prezada dama poderia dignar-se a atender-nos?"

"Com prazer", respondeu ela. E narrou o que agora vão ouvir.

Explicit.

Prólogo do Conto da Prioresa

"Domine, dominus noster"

Senhor, Senhor, o som maravilhoso
Do nome teu o mundo todo invade,
Pois não provém o teu louvor precioso
Somente de homens de alta dignidade:
Muitas vezes, por tua caridade,
Da criança que está a mamar no peito
É que recebes o elogio perfeito.

Por isso, se eu puder, quero narrar,
Honrando a ti e ao branco lírio em flor
(A virgem a quem coube te gerar),
Uma história, – se bem que meu labor
À tua glória não fará maior,
Pois és a glória e, após o filho, a luz
Que para o bem e a salvação conduz.

Oh virgem mãe! Oh mãe de virgindade!
Sem arderes, tu és a sarça ardente!
Humilde, tu tomaste à divindade
O espírito de luz em ti presente,
E, com tua virtude, o Onipotente
Pôde enfim conceber sua sapiência.
Ajuda-me a mostrar-te reverência!

Não há língua que expresse, nem ciência,
Tanta virtude, oh Virgem, e humildade,
Nem tal bondade e tal magnificência,
Pois muitas vezes tua caridade
Atende antes da prece. Na verdade,
Na tua intercessão vemos o brilho
Que nos conduz a teu querido filho.

Cantarei teu valor, mas a destreza
Ainda me falta, oh celestial Rainha:
É enorme o peso desta grande empresa!
Eu sou como uma pobre criancinha
Que mal pode se exprimir sozinha;
Por isso, o teu socorro imploro aqui
Para guiar-me no louvor a ti.

Explicit.

Aqui tem início o Conto da Prioresa.

Havia uma vez na Ásia, numa grande cidade habitada por cristãos, um bairro judeu, que era mantido por um senhor daquele país apenas por causa do lucro sujo e da repugnante usura, coisas odiosas para Cristo e seus verdadeiros seguidores. E as pessoas tinham permissão para passarem a pé ou a cavalo pelas ruas desse gueto, porque ele era franco, e aberto dos dois lados.

Lá embaixo, na outra ponta do bairro, havia uma escolinha de cristãos, onde, todos os anos, uma porção de criancinhas de famílias cristãs vinha aprender aquelas coisas que normalmente se ensinam nas escolas, – ou seja, aprendiam a ler e a cantar, como todas as criancinhas aprendem na infância.

Uma dessas crianças era o filhinho de uma viúva, um pequeno coroinha, de apenas sete anos de idade, que costumava ir todos os dias sem falta à escola. Além disso, toda vez que ele via a imagem da mãe de Cristo, tinha por hábito parar, ajoelhar-se e rezar a *Ave Maria*.

Foi assim que aquela viúva ensinara seu filhinho a venerar nossa senhora do Céu, a amada mãe de Cristo; e ele jamais se esqueceu disso, porque, como sabem, as criancinhas inocentes aprendem com muita facilidade. Aliás, toda vez que toco neste assunto, sempre me vem à lembrança a história de São Nicolau, que também reverenciava Cristo quando era pequeno.

Voltando, porém, àquele menino, uma vez, quando ele estava na escola lendo a cartilha para aprender direitinho as suas lições, ele ouviu o hino *Alma redemptoris*, cantado por um grupo de crianças que estudava o antifonário. Então, devagarinho, foi chegando cada vez mais perto, para escutar melhor a música e a letra. E, dessa forma, acabou aprendendo de cor o primeiro verso.

Mas ele não sabia o que queriam dizer aquelas palavras em latim, porque o coitadinho ainda era muito criança e muito novo. Por isso, pediu a um coleguinha que traduzisse o hino para a sua língua ou, pelo menos, que lhe explicasse para que tipo de serviço religioso ele servia. E insistiu muito para que o amigo o atendesse, chegando muitas vezes a suplicar-lhe de joelhos tal favor.

O outro, que era um pouco mais velho, respondeu: "Pelo que ouvi dizer, esse hino foi feito para louvar nossa querida mãe do céu e, ao mesmo tempo, rogar a ela que nos socorra na hora de nossa morte. E isso é tudo o que posso lhe dizer. Eu aprendo canto; de gramática* não sei quase nada."

"Quer dizer então que esse hino foi feito em louvor da mãe de Cristo?" perguntou o

inocentinho. "Nesse caso, vou fazer de tudo para aprendê-lo antes que chegue o Natal. Para honrar a nossa mãe do Céu, não vou deixar de fazer isso nem que tenha que ouvir pitos por descuidar-me da cartilha e levar três surras por hora."

Daí em diante, todos os dias, no caminho de volta para casa, o coleguinha lhe ensinava aquele hino, até que ele o aprendeu inteirinho de cor, tornando-se capaz de cantá-lo corretamente e em voz alta, palavra por palavra, sempre de acordo com a música. Duas vezes por dia aquelas notas vibravam em sua gargantinha, quando ia e quando voltava da escola, pois estava sempre com a atenção posta na mãe de Deus.

Como eu disse, todo dia o menininho atravessava o bairro judeu, indo e vindo, sempre cantando com alegria e em voz cada vez mais alta o *Alma redemptoris*. Como a doçura da mãe de Cristo lhe atravessara o coração, era-lhe impossível, ao elevar a ela as suas orações, deixar de cantar pelo caminho.

Nosso primeiro inimigo, a serpente Satanás, que tem seu ninho de vespas no coração dos judeus, ergueu-se e disse: "Oh povo hebreu, que desgraça! Vocês acham certo deixar que esse garoto ande por aí à vontade, menosprezando a todos e cantando palavras contrárias às suas leis?"

Desde então os judeus se puseram a conspirar para tirar a vida daquele inocentinho. Contrataram para isso um assassino malvado, que ficou escondido num beco. E quando o menino passou por ali, aquele maldito judeu saltou sobre ele, agarrou-o com força, cortou-lhe a garganta e o jogou dentro de um poço. Na verdade, ele foi atirado numa fossa negra, onde os judeus esvaziavam suas entranhas.

Oh raça amaldiçoada de Herodes redivivo, de que lhe servirá essa crueldade? Não tenham dúvida, o crime sempre vem à tona; e, quando é para a maior glória de Deus, o sangue clama contra o seu ato maldito.

Oh pequeno mártir, confirmado na virgindade! Agora você pode cantar para todo o sempre, seguindo o cândido cordeiro celestial, a cujo respeito escreveu o grande evangelista São João quando estava em Patmos, dizendo que perante ele só pode comparecer, para festejá-lo com seus hinos, aquele que na carne jamais conheceu mulher.

Sua mãe, a pobre viúva, não dormiu a noite inteira, a esperar pelo filhinho; mas nada de ele voltar. Por isso, assim que o dia clareou, com o rosto pálido de temor e preocupação, foi procurá-lo na escola e em toda parte, até que enfim lhe disseram que ele fora visto pela última vez no bairro judeu. E lá foi ela, como que desvairada, com todo aquele amor maternal reprimido no peito, a investigar todos os recantos onde houvesse a menor possibilidade de encontrar seu filhinho, sempre a suplicar a ajuda da santa e misericordiosa mãe de Cristo. E, assim fazendo, foi dar naquele bairro dos malditos judeus.

Uma vez ali, com lágrimas nos olhos, perguntou e implorou a todos os judeus que lá moravam, se não tinham visto passar sua criança. E a resposta era sempre "não". Mas não demorou muito e Jesus, na sua piedade, levou-a a chamar por seu filhinho exatamente no lugar onde seu corpo havia sido atirado no poço.

Oh grande Deus, que da boca dos inocentes recebe o maior louvor, eis aí uma prova de seu poder! Aquela gema de castidade, aquela esmeralda, aquele cintilante rubi do martírio, de lá onde jazia escondido, com a garganta seccionada pelo talho profundo, pôs-se então a cantar *Alma redemptoris* tão alto que as notas ecoavam por toda a região.

Os cristãos que por ali passavam acorreram de pronto, admirando-se do que viam; e, imediatamente, mandaram chamar o chefe da milícia. Quando este chegou, o que não levou muito tempo, bendisse Cristo, o nosso rei do Céu, e sua santa mãe, honra da humanidade. Em seguida, fez prender todos os judeus.

Os cristãos, com lamentos comovedores, retiraram do poço a criança, sempre a entoar o seu hino, e, numa solene procissão, a levaram até a abadia mais próxima. A todo instante sua mãe desmaiava ao lado do esquife, mas ninguém conseguia afastar dali aquela nova Raquel.

Enquanto isso, o chefe da milícia condenou às piores torturas e à morte infame todos os

judeus que participaram do crime, determinando a sua imediata execução. Não podia tolerar tanta maldade: quem com ferro fere, com ferro será ferido. Assim sendo, ordenou que fossem arrastados por cavalos selvagens e depois pendurados numa forca, conforme manda a lei.

Na abadia, depuseram o esquife do pobre inocentinho na frente do altar-mor, e foi rezada a missa. Em seguida, o abade e todos os religiosos decidiram que se procedesse ao sepultamento. Mas, ao borrifarem seu corpo com água benta, a criança outra vez começou a falar e a cantar o *Alma redemptoris mater*!

O abade, sendo um santo homem, – como são os monges (ou deveriam ser), – conjurou então o menino, dizendo: "Oh amada criança, eu a conjuro em nome da Santíssima Trindade! Diga-me: como pode cantar, se, pelo que se vê, está com a gargantinha cortada?"

"Minha garganta foi cortada até o osso", respondeu o menininho, "e, pelas leis da natureza, eu deveria estar morto há muito tempo. Mas Jesus Cristo, como podem ler nos livros, quer que sua glória perdure e seja sempre lembrada; por isso, permitiu a mim que, cantando o *Alma* com voz alta e clara, venerasse a santa sua mãe. Sempre amei, com todas as minhas forças, essa fonte de misericórdia, que é a suave mãe de Deus. E ela me retribuiu o afeto, pois, quando eu estava para morrer, apareceu à minha frente e pediu-me que cantasse, com toda a sinceridade, o hino que ouviram; e, quando terminei, colocou um grão sobre minha língua. Desde esse momento tenho cantado e continuarei a cantar em louvor da Virgem bendita e generosa, enquanto não me tirarem da língua aquele grão. E ela me assegurou: – Filhinho meu, virei buscá-lo assim que o grão for retirado. Não tenha medo: não vou abandonar você."

Então o santo monge, ou seja, o abade, tocou-lhe a língua e retirou-lhe o grão; e ele, mansamente, entregou sua alma. Ao presenciar esse milagre, o abade derramou verdadeira chuva de lágrimas salgadas, e caiu estendido no chão, imóvel como que pregado ali. O resto da abadia também se prostrou no pavimento, chorando e louvando a santa mãe de Deus. Depois, todos se levantaram, saíram, e transportaram o pequeno mártir para uma tumba de mármore bem claro, e ali encerraram seu doce corpinho. E lá ficou! Queira Deus que um dia possamos encontrá-lo.

Oh jovem Hugo de Lincoln, que, como todos sabem (porque faz pouco tempo), também foi assassinado pelos malditos judeus, ore por nós, trôpegos pecadores, para que Deus misericordioso, em sua infinita mercê, multiplique suas graças sobre nós, pela veneração que temos por sua mãe Maria. Amém.

Aqui termina o Conto da Prioresa.

O CONTO DE CHAUCER SOBRE SIR TOPÁZIO

Eis as alegres palavras do Albergueiro a Chaucer.

Terminada a história do milagre, todos ficaram estranhamente calados, até que o Albergueiro rompeu o silêncio e se pôs novamente a pairar. Então, pela primeira vez, voltou-se a mim e disse: "Quem é você afinal?" E ajuntou: "Por que está sempre com os olhos pregados no chão, como se procurasse uma lebre? Venha até aqui. Levante a cabeça, ânimo! Atenção, senhores, dêem passagem ao homem. Vejam só a cintura dele: é grande como a minha. Aí está um boneco que qualquer mulherzinha bonita gostaria de abraçar! Como é estranho o jeito dele: nunca fala com ninguém. Vamos, faça como os outros e narre alguma coisa. Conte-nos logo uma história engraçada!"

"Senhor Albergueiro", respondi-lhe, "não me leve a mal, mas a única história que conheço são uns versos que aprendi de cor há muito tempo."

"Ótimo", disse ele. E, dirigindo-se aos outros: "Pela cara dele, parece que aí vem coisa boa."

Explicit.

Chaucer começa aqui a contar a história de Sir Topázio.

CANTO I

Vinde ouvir atentamente,
Pois eu trago a toda gente
    De alegrias um copázio:
Vou falar sinceramente
De um cavaleiro valente
    Que se chamava Topázio.

Nasceu longe, no além-mar
Na Flandres (esse o lugar),
    Na aldeia de Poperingue;
Seu pai foi homem sem par,
Senhor daquele lugar,
    Que a graça de Deus distingue.

Ficou logo um rapagão,
Branco, branco como o pão,
    Faces de róseo matiz;
A boca, flor em botão,
E juro de coração
    Que perfeito era o nariz.

A barba cor de açafrão
Descia até o cinturão;
    Calças de Bruges vestia
E botas de cordovão;
De brocado era o gibão,
    Que uma fortuna valia.

Vencia o cervo ligeiro,
Caçava junto ao ribeiro
    Com um milhafre adestrado*;
Também era bom arqueiro,
E nas lutas o primeiro,
    Sempre invicto e premiado.

Muita jovem, com ardor,
Por causa de seu amor
    Dia e noite suspirava;
Mas ele, no seu candor,
Era casto como a flor
    Que dá na roseira-brava.

Eis que um belo dia então
Sir Topázio, o bom varão,
    Foi à cata de aventura

Montado em seu alazão,
Com a zagaia na mão
E longa espada à cintura.

Passou por bela floresta
Com muitas feras infesta,
Como a lebre ou o veado;
Para o norte desembesta,
E a sorte quase o molesta
Com um golpe inesperado.

Quanta planta ali viceja:
Zedoária benfazeja,
Cravo, alcaçuz, noz moscada
Para se pôr na cerveja,
Velha ou nova que ela seja,
Ou pôr no cofre e mais nada.

As aves em harmonia
Gorjeavam com alegria,
Papagaio e gavião;
O tordo também se ouvia,
Enquanto a pomba expedia
Alto e claro sua canção.

Sir Topázio, em tal lugar
Sentindo o amor inundar
E lhe invadir todo o ser,
Seu corcel deu de esporear,
E o fez sangrar e suar
Que dava para torcer.

Ele próprio, então cansado
De cavalgar no relvado,
Achou melhor apear;
E assim este herói ousado
Deu uma pausa ao coitado
Para deixá-lo pastar.

"Santa Maria adorada,
Por que sinto a alma angustiada,"
Disse ele, "por este amor?
Sonhei a noite passada
Que há de querer-me uma fada
E usar o meu cobertor."

"Só a ela minh'alma quer,
Pois não existe mulher
Que possa ser, eu vos juro,
Minha amada;
Por isso, as outras abjuro,

E minha fada procuro
    Pelo vale e na baixada!"

    Logo retoma o vaivém
Entre a pedra e o pó também,
    Buscando-a por todo lado;
Até que, para seu bem,
Num recesso muito além,
    O reino encantado
                                        Alcança,
Tão agreste que ninguém
Até lá cavalga ou vem,
    Nem senhora nem criança.

    Barrou-lhe o passo um gigante
Chamado Sir Olifante,
    Um homem muito cruel.
Disse ele: "Por Termagante,
Se não foges neste instante,
    Eu vou teu corcel
                                    Matar.
    A rainha da magia,
Com harpa e flauta e harmonia,
    Mora aqui neste lugar."

    Disse o Infante ao inimigo:
"Pois vou medir-me contigo
    Amanhã, com a armadura;
E *par ma foi* eu te digo
Que esta zagaia é um perigo
    Que não se esconjura.
                                    Assim,
Bem cedo a trarei comigo
Para furar teu umbigo
    E te dar ignóbil fim."
Com sua funda o gigante
Atirou pedras no Infante,
    Que, no entanto, já fugia,
Escapando do furor
Pela graça do Senhor
    E por sua valentia.

Ergo meu canto insuspeito,
Tal qual rouxinol perfeito,
    Para falar a verdade:
Sir Topázio, de ombro estreito,
Espora a torto e a direito
    E assim retorna à cidade.

E o grande herói, ao voltar,
Com os seus quer festejar,

Pois irá com um gigante
De três cabeças lutar
Pelo amor e o bem-estar
De sua amada brilhante.

“Vinde”, ordenou, “meus jograis
E menestréis e outros mais...
Vinde cantar no salão
Os grandes feitos reais
De papas e de cardeais
E os tormentos da paixão.”

Trouxeram-lhe o doce vinho,
Hidromel num canequinho,
Pão de gengibre cheiroso
Com bastante temperinho,
Como o alcaçuz e o cominho,
Além de açúcar gostoso.

Depois, com camisa cara,
De cambraia fina e rara,
Sua alva pele agasalha;
Sobre ela veste o gibão
E, para mais proteção,
Também a cota de malha;

Põe sobre esta outra couraça,
Obra robusta e sem jaça
Por mestre judeu forjada;
Veste enfim sua armadura,
Que do lírio tem a alvura,
Para a batalha esperada.

No escudo de ouro lampeja,
Com gemas que dão inveja,
A cara de um javali.
O herói jurou na peleja,
Pelo pão, pela cerveja,
Matar o malvado ali.

Perneiras de couro usava,
A espada em marfim guardava,
Seu elmo, um só rebrilhar;
De baleia o osso da sela,
E luzia a rédea bela
Como o sol ou o luar.

De cipreste um chuço traz,
Sinal de guerra, não paz,
Bem aguçado na ponta;
De cinza todo manchado

E com o trote esquipado
    Um corcel monta
                    Macio.
Foi este o Primeiro Canto!
Se desejais outro tanto
    Nova parte principio.

CANTO II

Calai-vos todos agora,
Nobre fidalgo e senhora,
    Atentos a meu cantar!
De cavaleiros valentes
E de mulheres ardentes
    Ora pretendo falar.

A Sir Horn, Sir Ipotis*,
Sir Libeus e Sir Bevis
    Muito poeta elogia,
E a Sir Guy e a Pleindamour..
Mas Sir Topázio era a flor
    Da real cavalaria!

Saiu ele em disparada
E cavalgou pela estrada
    Como centelha de chama;
A flor do lírio altaneira
Levava presa à cimeira...
    Deus zele por sua fama!

Herói audacioso e inquieto,
Não dormia sob um teto,
    Mas no chão duro e ruim,
Com o elmo por travesseiro,
Enquanto o corcel lampeiro
    Comia do bom capim.

Curvava a formosa fronte
E bebia água da fonte
    Tal como Sir Percival,
Até que um dia...

Neste ponto o Albergueiro interrompe Chaucer.

O CONTO DE CHAUCER SOBRE MELIBEU

(Excertos)

"Chega!" gritou o Albergueiro. "Pelo amor de Deus, não agüento mais tanta ignorância. Abençoe-me Cristo em sua sabedoria, porque meus ouvidos já estão doendo com essa lenga-lenga. Que vão para o diabo as poesias desse tipo! Acho que é isso o que chamam de versos de

pé quebrado.”

“Como assim?” disse eu. “Por que todo mundo aqui tem o direito de contar a sua história e eu não? Afinal, essa é a poesia mais bonita que conheço.”

“Por Deus”, respondeu ele, “se você quer mesmo saber a verdade, essa versalhada fedida não vale uma merda. Só serve para fazer a gente perder tempo. É por isso, meu senhor, que não quero mais saber de suas rimas. Por que não nos conta uma história verdadeira... ou alguma coisa em prosa, alguma coisa que nos divirta ou nos traga algum ensinamento?”

“Pois muito bem”, concordei. “Pela bendita cruz de Cristo, vou contar-lhes uma historinha que, a menos que sejam muito exigentes, irá com certeza agradar a todos. Trata-se de um conto moral e virtuoso, abordado por diversos autores, – se bem que de maneiras diferentes. Mas isso é compreensível, como bem o demonstra o caso dos evangelistas que escreveram sobre os sofrimentos de Jesus Cristo. Nenhum deles, como sabem, diz sempre exatamente o mesmo que o outro, o que não impede que todos falem a verdade, pois, se há discrepâncias em pontos menores, todos estão de acordo quanto ao sentido geral. Assim, ao descreverem os lances comoventes da paixão do Senhor, um diz mais, outro diz menos; mas em todos, – ou seja, em Marcos, Mateus, Lucas e João, – não se pode negar que o fundamental esteja presente. Por isso, senhores, se acharem que eu, da mesma forma, introduzo variações em minha narrativa, apresentando, a fim de reforçar o efeito do tema, um número maior de provérbios do que encontraram antes neste pequeno tratado, ou usando palavras que antes não ouviram, peço-lhes que não me condenem por isso, visto que, na essência, pouca diferença irão constatar entre o texto original e o movimentado conto que aqui narro. Portanto, ouçam com atenção o que agora vou dizer; e desta vez, por favor, deixem-me terminar.”

Explicit.

Chaucer inicia aqui o Conto de Melibeu.

§ 1. Um jovem chamado Melibeu, rico e poderoso, concebera em sua mulher, que se chamava Prudência, uma filha que se chamava Sofia.

§ 2. Aconteceu um dia que ele foi para o campo em busca de entretenimento. Deixou a mulher e a filha em casa, com as portas bem fechadas. Três de seus velhos inimigos, que estavam à espreita, colocaram então escadas junto aos muros da casa e entraram pelas janelas. Em seguida, bateram em sua mulher, e feriram sua filha com cinco feridas mortais, em cinco lugares diferentes, – a saber, nos pés, nas mãos, nas orelhas, no nariz e na boca. Deixaram-na como morta, e depois foram-se embora.

§ 3. Quando Melibeu voltou para casa e viu toda essa maldade, pôs-se a chorar e a gritar como louco, rasgando as próprias vestes.

§ 4. Prudência, sua mulher, até onde podia ousar, suplicou-lhe que se acalmasse; em vez disso, mais copiosos se tornaram seus lamentos e suas lágrimas.

§ 5. Lembrou-se então a nobre senhora Prudência de uma frase de Ovídio, em sua obra chamada *Os Remédios do Amor*, que dizia: “É tolice tentar impedir a uma mãe de chorar a morte do filho enquanto ela não chorar livremente pelo tempo necessário; somente então deve-se buscar consolá-la com palavras amigas e convencê-la a estancar o pranto.” Por essa razão, a nobre senhora Prudência permitiu que seu marido chorasse e gritasse durante certo tempo; mas, assim que viu a ocasião oportuna, falou-lhe desta maneira: “Ai, meu senhor, por que te comportas como um tolo? Em verdade, não é próprio do sábio entregar-se a tais lamentos. Tua filha, com a graça de Deus, irá salvar-se e viver. Mas, ainda que agora estivesse morta, não deverias destruir-te por causa de sua morte. Diz Sêneca: ‘O sábio não deve desesperar-se pela morte de seus filhos, mas deve suportá-la com a mesma paciência com que aguarda a morte de sua própria pessoa’.”

§ 6. Imediatamente Melibeu retrucou e disse: “Quem pode parar de chorar com tão grande motivo para chorar? O próprio Jesus Cristo, nosso Senhor, chorou pela morte de Lázaro,

seu amigo." Respondeu Prudência: "Sei muito bem que o pranto moderado não é, de modo algum, vetado aos que sofrem; pelo contrário, é um direito que lhes é concedido. O apóstolo Paulo, na epístola aos Romanos, escreve: 'Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram'. Mas, se o pranto moderado é permitido, o pranto excessivo é certamente condenado. Não devemos no pranto desprezar o comedimento, de acordo com o que Sêneca nos ensina: 'Na morte de teu amigo, não permitas que teus olhos fiquem muito úmidos de pranto, nem muito secos; se as lágrimas te vierem aos olhos, não deixes que rolem'. Se perdes um amigo, esforça-te para arranjares outro; é uma atitude mais sábia que chorar pelo amigo que se foi, pois isso nada aproveita. Por isso, se desejas guiar-te pela sabedoria, afasta a tristeza de teu coração. Lembra-te do que dizia Jesus Siraque: 'O coração alegre e feliz conserva a juventude, mas o espírito abatido faz secar os ossos'. Também dizia assim: 'A tristeza no coração é a morte de muitos homens'. Salomão afirma que 'assim como as traças na lã das ovelhas fazem mal às vestes, e os pequenos vermes às árvores, assim a tristeza faz mal ao coração'. Por tudo isso, seja na morte dos filhos, seja na perda de nossos bens materiais, precisamos ter paciência."

§ 7. "Recorda-te do paciente Jó, que, depois de haver perdido os filhos e as posses temporais, e depois de conhecer e suportar em seu corpo muitas enfermidades dolorosas, assim mesmo dizia: 'o Senhor os deu para mim, o Senhor os tirou de mim; assim como quis o Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor'." A essas palavras, acima referidas, respondeu Melibeu a sua mulher Prudência: "Tudo o que disseste é verdade e, portanto, de muito proveito; meu coração, porém, acha-se tão profundamente perturbado por essa dor, que não sei o que fazer." "Convoca", disse Prudência, "todos os teus amigos verdadeiros e teus parentes mais sábios, conta-lhes o teu infortúnio, e ouve o que têm para te aconselhar, seguindo então a sua orientação. Diz Salomão: 'Pede conselho em tudo o que fizeres, e nunca te arrependerás'."

§ 8. Aceitando a sugestão de sua mulher Prudência, Melibeu convocou uma grande congregação de pessoas, como cirurgiões, médicos, anciãos e jovens, além de alguns de seus velhos inimigos, aparentemente reconciliados com ele e reconduzidos à sua estima e ao ser favor. Também compareceram alguns de seus vizinhos, que o respeitavam, como acontece muitas vezes, mais por medo que por afeto. Vieram igualmente muitos aduladores astuciosos, e sábios advogados versados na lei.

§ 9. E quando todas essas pessoas se reuniram, Melibeu, com o semblante entristecido, deu-lhes a conhecer sua história, deixando a impressão, por sua maneira de falar, de que trazia no peito uma ira cruel, estando pronto a vingar-se de seus inimigos e ansioso para iniciar imediatamente a guerra. Apesar disso, pediu a todos que o aconselhassem sobre o que fazer.

[Se o Albergueiro censurou Chaucer pelo conto de Sir Topázio, quase todos os tradutores o censuram pela história de Melibeu, abreviando-a ou eliminando-a de vez. Trata-se, de fato, de uma das partes menos atraentes de *Os Contos de Cantuária*, estendendo a sua monotonia por cerca de cinqüenta páginas compactas e esmagando o pobre Melibeu, – e os leitores, – com uma gigantesca massa de citações morais, extraídas de Jó, Salomão, Catão, Cícero, Ovídio, Sêneca, São Paulo, Santo Agostinho e inúmeros outros. Por esse motivo, também nós damos aqui apenas o início e a conclusão do "Conto", ligando os dois excertos por um breve resumo da parte intermediária.

Na tentativa de dissuadir Melibeu de vingar-se dos agressores da filha, Dona Prudência lhe sugerira, como foi visto, que ouvisse as opiniões das mais diversas pessoas. Os mais sábios aconselharam o perdão; os aduladores e interesseiros, a desforra. Dona Prudência, após insistir para que ele afastasse a ira, a cobiça e a impulsividade de seu coração, advertiu-o da necessidade de distinguir os verdadeiros amigos dos falsos. Ficou óbvio para Melibeu que a pessoa que mais desejava o seu bem era a própria esposa. Relutava, entretanto, em aceitar os seus conselhos por se tratar de uma mulher. Isso gerou amplo debate, durante o qual, com base em vários exemplos, Dona Prudência defendeu convincentemente a sabedoria das mulheres e demonstrou que os maridos só têm a ganhar quando se deixam guiar por elas.

Entra-se, a seguir, no próprio cerne da questão: seria a vingança conveniente, moralmente justificável, segura? Durante a discussão, levantou-se também, de passagem, o problema do mal, uma vez que sua causa imediata (ou "causa propínqua") somente pode atuar com a permissão de

Deus, que assim se torna a sua causa longínqua. Mas por que Deus permite o mal? Reconhecendo a insolubilidade do problema, volta Dona Prudência à questão da justiça pelas próprias mãos, e convence o marido de que, como a vingança pertence exclusivamente a Deus, quem a pratica usurpa um direito divino e se torna inimigo do Criador. Assim, o melhor caminho é o perdão e a reconciliação.

Tranqüilizados os temores de Melibeu quanto à perda de prestígio pessoal que uma decisão dessa espécie poderia acarretar, convoca ele os inimigos para a celebração de um acordo de paz. Os agressores, que viviam no pavor de um revide violento de sua parte, ficaram aliviados e felizes, comparecendo todos ao encontro. Ainda assim, sentia Melibeu a necessidade de impor-lhes algum castigo. Novamente interfere Dona Prudência, levando-o a conceder o perdão total. É o que lemos na conclusão.]

§ 75. E quando Dona Prudência viu a ocasião oportuna, perguntou e indagou a seu senhor Melibeu como pretendia vingar-se de seus adversários.

§ 76. Ao que Melibeu respondeu e disse: "Na verdade, penso e tenciono confiscar tudo o que possuem e exilá-los para sempre."

§ 77. "Sem dúvida," observou Dona Prudência, "é uma sentença cruel e inteiramente contrária à razão. Pois és bastante rico, e não tens necessidade alguma dos bens de outros homens; e, dessa forma, poderás facilmente adquirir a pecha de ambicioso, o que é coisa vergonhosa, ganhando por conseguinte o desprezo de todos os homens de bem. Pois, segundo o que ensina a palavra do Apóstolo, 'a cobiça é a raiz de todos os males'. É melhor, portanto, renunciar à maior parte daquilo que possuis que tomar o que é deles desse modo. Pois é melhor perder as posses com boa fé, que enriquecer-se através da felonia e da vergonha. E todo homem deve cuidar e diligenciar para que tenha um bom nome. E não só deve fazer de tudo para preservar esse bom nome, mas também esforçar-se constantemente para praticar atos que renovem seu bom nome; pois está escrito que 'a boa reputação antiga ou o bom nome de um homem passam e se acabam num instante, se não forem reforçados e renovados'. Quanto à tua pretensão de exilar os teus adversários, parece-me contrária à razão e fora de propósito, em vista do poder que te confiaram ao se entregarem em tuas mãos. E está escrito que 'merece perder seus privilégios o que abusa da força e do poder que lhe são dados'. E, admitindo-se que possas, por direito e pela lei, impor-lhes aquela pena, – apesar de eu não acreditar em tal coisa, – afirmo-te que não poderás aplicá-la na prática, pois isso apenas nos levaria de volta ao estado de guerra que existia anteriormente. Portanto, se desejas conquistar o respeito dos homens, deves julgar com mais brandura, ou seja, deves amenizar teus julgamentos e tuas sentenças. Pois está escrito que 'recebe maior obediência quem comanda com mais brandura'. Rogo-te, portanto, que, neste transe e nesta contingência, procures dominar teu coração. Pois Sêneca diz: 'Aquele que domina o próprio coração, vence duas vezes'. E Túlio* afirma: 'Nada é tão elogiável num grande senhor quanto um espírito benigno e compreensivo, que se deixa facilmente apaziguar'. Peço-te que renuncies agora à vingança, para que teu bom nome possa ser mantido e preservado; e para que os homens tenham motivo e razão para louvar-te a piedade e a misericórdia; e para que não te arrependas dos teus atos. Pois Sêneca diz: 'Vence mal quem se arrepende de sua vitória'. Por isso é que te imploro: deixa a misericórdia dominar-te a mente e o coração, para que Deus todo poderoso também tenha piedade de ti no dia do juízo. Pois São Tiago afirma em sua Epístola: 'O juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia'."

§ 78. Depois que Melibeu ouviu os argumentos e as razões de Dona Prudência, e seus sábios ensinamentos e instruções, seu coração, refletindo sobre o verdadeiro significado do que fora dito, se inclinou para as opiniões de sua mulher; e ele então se sujeitou a ela, aceitando plenamente os seus conselhos; e agradeceu a Deus, de quem procede toda virtude e toda bondade, o ter-lhe dado uma esposa tão sensata. E quando chegou o dia em que os seus adversários deveriam comparecer à sua presença, falou-lhes com bondade, assim dizendo: "Embora em vosso orgulho e presunção e loucura, por vossa negligência e ignorância, tenhais vos conduzido muito mal e ofendido a mim, sou levado a conceder-vos graça e perdão em vista

da grande humildade, da contrição e do arrependimento que agora demonstrais. Por isso, recebo-vos agora em meu favor e vos perdôo plenamente as ofensas, injúrias e males que cometestes contra mim e contra os meus, para que também Deus, em sua infinita misericórdia, nos perdoe, na hora de nossa morte, os pecados que cometemos contra Ele neste vale de lágrimas. Pois Deus nosso Senhor é tão bom e misericordioso que, se nos arrependermos dos pecados e faltas que em sua presença cometemos, Ele certamente perdoará as nossas dívidas e nos conduzirá à eterna bem-aventurança. Amém."

Aqui termina o Conto de Chaucer sobre Melibeu e Dona Prudência.

O CONTO DO MONGE

Prólogo do Conto do Monge.

Quando acabei de narrar o meu conto sobre Melibeu e a generosidade de Prudência, disse o nosso Albergueiro: "Por minha fé e pelo precioso corpo de São Madriano, eu daria um barril de cerveja para que Godelief, minha patroa, tivesse ouvido essa história! Ela não tem nem um pingo da paciência da mulher de Melibeu. Pelos ossos do Senhor! Quando digo que vou bater em meus criados, ela vai correndo buscar os porretes mais grossos; e grita: 'Mate todos esses cachorros, arrebente-lhes as costas e quebre seus ossos um por um!' E se algum dos vizinhos deixa de cumprimentá-la na igreja com uma reverência ou tem a audácia de ofendê-la, ela se torna uma fúria quando volta para casa, berrando em meus ouvidos: 'Ah, traidor covarde! Por que não vinga sua mulher? Pelos ossos de Cristo, dê-me o seu punhal e fique com minha roca de fiar'. É assim que ela me trata o dia inteiro: 'Ai! Por que quis o destino que eu me casasse com um maricas, com um macaco medroso, a quem todo mundo faz de bobo? Você não tem coragem nem para defender os direitos de sua mulher!'

"É essa a minha vida. Se me recuso a brigar, não tenho outro jeito senão sair de casa; ou me comporto como um enfurecido leão selvagem, ou estou perdido. Sei que ela ainda vai me fazer matar algum vizinho... e então ali vou eu, – porque fico muito perigoso com uma faca na mão. Palavra de honra, a única pessoa que tenho medo de enfrentar é essa minha patroa, com aqueles seus braçções enormes! Quem já lhe pregou alguma, sabe muito bem como ela é... Mas vamos mudar de assunto.

"Meu caro senhor Monge," chamou ele, "alegre-se, que agora chegou a sua vez de nos contar uma história. Olhe, já estamos perto de Rochester! Em frente, meu senhor, não vá estragar o nosso passatempo. Na verdade, porém, ainda não sei o seu nome, – se devo chamá-lo de Dom John ou Dom Thomas ou Dom Alban! Por meu pai, também não sei de que mosteiro o senhor vem! Mas juro por Deus que o senhor tem uma pele que é uma beleza. Por aí já se vê que não costuma passar mal, pois não tem nada daquele ar espectral dos penitentes. Aposto como o senhor é algum administrador, algum sacristão ou despenseiro, alguém em posição de mando lá onde vive. Um enclaustrado ou um noviço é que não é; deve ser um superior, prudente e prático, que, além de tudo, com esses músculos e ossatura, pode vencer qualquer parada. Que Deus castigue quem o encaminhou para a religião! O senhor daria um bom galo reprodutor. Se tivesse permissão para gastar todo esse vigor gerando filhos, que multidão de criaturas poderia conceber! Ai, por que teve que se enfiar dentro desse hábito largo? Que eu me dane se estiver mentindo, mas, se eu fosse papa, pode estar certo de que não somente o senhor, mas todos os homens robustos, teriam autorização para se casar, mesmo com uma tonsura em cima da cachola. É por isso que este mundo está perdido! A religião ficou com a nata dos reprodutores, e nós, da arraia miúda, somos apenas o rebotalho. É por isso que os nossos descendentes são tão fracos e tão mirrados que mal conseguem procriar; e é por isso também que o nosso mulherio é louco por essa gente do clero. Não é à toa, pois eles podem fazer os pagamentos de Vênus muito mais

generosamente do que nós, em moeda bem mais forte que os nossos míseros 'luxemburgueses'! Mas, meu senhor, peço-lhe que não se zangue com as minhas brincadeiras; muitas vezes, é brincando que dizem as verdades."

O honrado Monge ouviu tudo com paciência. Depois disse: "Farei o possível, dentro do que for condizente com a virtude, para narrar-lhes um, ou dois, ou mesmo três contos. Se preferirem, poderei contar-lhes a vida de Santo Eduardo; antes, porém, vou apresentar-lhes algumas 'tragédias', de que tenho uma centena na cabeça. Uma tragédia, segundo se pode ler em antigos livros, é a história de alguém que, tendo conhecido grande prosperidade, cai de sua alta posição para a miséria, acabando os seus dias no infortúnio. Vem geralmente escrita em versos de seis pés, chamados *hexâmetros*, se bem que possa ser composta em prosa... ou em outros metros, dos tipos mais variados. Bem, creio que a explicação é suficiente.

"Ouçam-me agora os que quiserem me ouvir. Mas, primeiro, rogo-lhes que me perdoem se eu não contar estas histórias de papas, imperadores ou reis pela ordem cronológica, tal como foi fixada nos textos, pois algumas virão antes e outras depois, conforme me acudirem à memória. Desculpem-me a imperfeição."

Explicit.

Aqui tem início o Conto do Monge: "De Casibus Virorum Illustrium".

Vou lamentar, em forma de tragédia, a desventura dos que estiveram em posições elevadas e, em seguida, tombaram das alturas para atribulações inexoráveis. Se a Fortuna resolve se afastar, não há maneira alguma de impedi-la; por isso, que ninguém tenha confiança na cega prosperidade! Sirvam de alerta estes exemplos que aqui seguem, antigos e reais.

Lúcifer

Por Lúcifer pretendo começar, embora fosse um anjo e não um homem; mas, mesmo que a tais seres não atinjam os golpes da Fortuna, foi lançado, por causa de seu crime, da condição sublime para o inferno, onde ele ainda se acha. Oh Lúcifer! Oh, mais luminoso dos anjos, és agora Satanás; e não podes mais fugir à miséria em que tombaste.

Adão

Eis Adão, no campo damasceno, moldado pela própria mão de Deus, e não gerado pelo esperma impuro do homem! Tinha ele a seu dispor o Paraíso inteiro, com exceção de uma árvore. Nenhum mortal viveu em tão excelso estado; mas um dia, por sua insensatez, acabou sendo expulso de seu Éden para o trabalho, e para o inferno, e para a angústia.

Sansão

Eis Sansão, cujo nascimento foi anunciado pelo anjo, e cuja vida foi consagrada ao Senhor Onipotente! Enquanto pôde enxergar, conservou a dignidade; jamais existiu outro igual, na força e na valentia. Tendo às mulheres, porém, revelado os seus segredos, provocou a própria morte para fugir à desgraça.

Esse nobre guerreiro valoroso, lutando desarmado, estrangulou, só com as mãos limpas, o leão que cruzara o seu caminho quando ia se casar, e lhe arrancou a pele. Sua falsa mulher, de tanto acariciá-lo e importuná-lo, obteve dele a solução de seu enigma; e contou tudo aos inimigos do marido, que abandonou e que trocou por outro. Sansão, num acesso de ira, tomou trezentas raposas, amarrou as suas caudas e em todas prendeu tochas, que a seguir incendiou. Dessa

maneira, fez que ardessem todas as searas da região, e todos os seus vinhedos, e todas as oliveiras.

Também trucidou mil homens sem ter nas mãos qualquer arma, a não ser uma queixada de jumento. Feito isso, foi tão grande a sua sede que temeu por sua vida; suplicou a Deus piedade de seu sofrimento, pois, caso não tivesse o que beber, por certo morreria. Brotou então uma fonte de um molar daquela queixada seca, e ele enfim pôde saciar-se. Assim o Senhor o ajudou, como se lê em *Juizes*.

E uma noite em Gaza, com a simples força bruta, arrancou os portões da cidade, apesar dos filisteus que ali viviam, e os carregou para o alto de uma montanha, onde todos pudessem vê-los.

Oh nobre o potente Sansão, amado e caro! Se não tivesses confiado os teus segredos a mulheres, tu não terias par em todo o mundo. Nunca Sansão tomou sícera ou vinho; nem permitiu, por ordem do divino mensageiro, que a navalha tocasse ou talhasse seus cabelos, visto serem a origem de sua força; e ano após ano, durante vinte invernos, foi ele o governante de Israel. Mas logo muitas lágrimas iria derramar, levado ao infortúnio por obra das mulheres!

De fato, confessou à sua amante Dalila que a cabeleira era a raiz de sua força; e ela, perfidamente, passou a informação aos inimigos. E um dia, enquanto em seu regaço o bravo descansava a cabeça adormecida, ela fez que lhe cortassem os cabelos; e os inimigos, que de longe observavam a traição, surpreenderam-no nesse estado, amarraram-no fortemente, e vazaram seus dois olhos.

Antes, quando tinha a cabeleira, ninguém podia atá-lo; agora, no entanto, acha-se aprisionado por cadeias e forçado a girar no cárcere um moinho. Oh nobre Sansão, o homem mais forte do mundo! Oh antigo Juiz, que tinha a glória e a riqueza! Podes chorar agora por teus olhos cegos, pois passaste da sorte ao infortúnio.

E agora o fim do pobre prisioneiro: uma festa prepararam certa vez seus inimigos, num templo de grande esplendor, e o trouxeram à sua presença para o seu divertimento; ele, porém, causou tremenda comoção, pois sacudiu dois pilares até derrubá-los, e o templo inteiro veio abaixo, sepultando Sansão e todos os seus inimigos. Morreram ali os príncipes e mais três mil pessoas, esmagados pela queda do enorme edifício de pedra.

Sobre Sansão agora vou calar-me. Que os homens, contudo, aprendam, com seu claro e antigo exemplo, que jamais devem confiar às mulheres os segredos que lhes convém guardar para a própria integridade e a proteção de suas vidas.

Hércules

De Hércules, supremo guerreiro, os seus doze trabalhos cantam o louvor alto e sublime, dado que, no seu tempo, foi a flor da força humana. Estrangulou o leão de Neméia e lhe arrancou a pele; humilhou a soberba dos Centauros; derrubou as Harpias, as sangrentas e ferozes aves; roubou as maçãs de ouro do dragão; foi buscar Cérbero, o mastim do inferno; matou Busíris, o cruel tirano, deixando os seus cavalos devorarem a carne toda e os ossos do cadáver; trucidou a flamante e venenosa hidra de Lerna; também quebrou um chifre de Aqueloo; numa gruta de pedra matou Caco; aniquilou Anteu, forte gigante; caçou o javali terrível de Erimanto; e sustentou os céus com o pescoço.

Ninguém, desde que o mundo começou, eliminou mais monstros que ele; o renome de sua força e suas virtudes depressa se espalhou por toda a Terra, e então todos os reinos vinham vê-lo. Ninguém era capaz de resistir-lhe. E ergueu, diz-nos Troféu*, duas colunas, demarcando os extremos deste mundo.

Tinha uma amante o nobre lutador, Dejanira, viçosa como maio; e, segundo os entendidos, deu-lhe ela de presente uma camisa, bonita e colorida. Mas ai! essa camisa, – ai! quanta desgraça! – havia sido de tal modo envenenada, que ele não pôde usá-la meio dia e já suas carnes despregavam-se dos ossos. Assim mesmo, alguns autores a desculpam, declarando culpado um certo Nesso. Seja lá como for, não serei eu a acusá-la. As costas de Hércules, porém, em

contacto com o pano, enegreceram por causa da peçonha. E ele então preferiu, não tendo o antídoto, arder num leito de carvões em brasa a padecer aquela morte indigna.

Assim morreu o grande e poderoso herói. Ah, quem pode confiar na vã Fortuna? O homem que segue a azáfama do mundo acorda um belo dia e, antes que se dê conta, já se vê lá embaixo. Sábios são aqueles que a si mesmos se conhecem! Portanto, cuidado, – pois quando a Fortuna resolve nos lograr, costuma dar seu golpe arrasador da maneira que menos é esperada.

Nabucodonosor

O potente trono, o tesouro de alto preço, o cetro glorioso e a majestade real do grande rei Nabucodonosor língua nenhuma pode descrever. Duas vezes tomou Jerusalém, e consigo levou do templo o vasilhame. Babilônia era a sua capital esplendorosa, a sede de sua glória e também de seus prazeres.

Mandou castrar os mais belos filhos da estirpe real de Israel, e de todos os demais fez seus escravos. Entre estes se encontrava Daniel, o mais inteligente desses jovens; interpretava os sonhos do monarca, cujo sentido nenhum sábio da Caldéia podia desvendar.

Esse rei orgulhoso ergueu uma estátua de ouro, com sessenta cúbitos de altura e sete de largura, ordenando a todos, jovens e anciãos, que se curvassem diante dela e lhe mostrassem reverência; e quem desobedecesse seria queimado vivo em fornalha de rubras chamas. Contra isso rebelou-se Daniel, com os dois jovens companheiros seus.

Era soberbo e arrogante aquele rei dos reis; pensava que o Senhor, sentado em majestade, não poderia arrebatar-lhe o reino. Mas, num instante, ele perdeu os seus poderes e passou a viver como animal, a comer feno com um touro e a dormir fora na chuva. E assim entre animais ele viveu, até que certo tempo se cumprisse. Além disso, os cabelos se tornaram iguais a penas de águia, e as unhas pareciam garras de uma ave de rapina. Passados alguns anos, entretanto, o Senhor Deus livrou-o da loucura; e então, após chorar copioso pranto e agradecer aos Céus, passou a vida no temor do pecado e dos excessos. Desde aí, até ser levado à tumba, jamais negou a graça ou o poder de Deus.

Belsazar

Depois dele quem reinou foi seu filho Belsazar, que nada aproveitou do exemplo paterno, visto que também era soberbo no coração e na pompa, e também praticava a idolatria. Foi através do orgulho que procurou firmar-se no alto posto; mas a Fortuna o derrubou, e ele nunca mais se reergueu, e seu reino foi logo dividido.

Certa vez ofereceu uma grande festa a todos os cortesãos, querendo vê-los felizes. E convocou ali seus oficiais: "Ide, trazei os vasos que meu pai, no seu tempo de ventura, confiscou ao templo de Jerusalém; e com eles brindaremos aos deuses supremos pelas honrarias que herdamos de nossos ancestrais." E assim, até que se fartassem, sua mulher e seus vassalos e suas concubinas beberam dos mais variados vinhos naqueles vasos sagrados. Foi então que, ao voltar os olhos para uma parede, viu o rei uma mão sem braço a escrever rapidamente. Belsazar estremeceu e suspirou. E tudo o que escreveu aquela mão aterradora foram as palavras *mane, techel, phares.*

Não havia mágico em toda aquela terra que pudesse explicar o seu sentido; mas Daniel as decifrou, e disse: "Oh rei, o Senhor deu a teu pai glórias, honras, terras, ouros e riquezas; mas ele era orgulhoso e não temia a Deus. Por isso, o Todo-Poderoso se vingou dele e arrebatou-lhe o reino. E ele foi expulso da companhia dos homens para viver entre jumentos, e, exposto às intempéries, foi comer feno com os animais. Assim ficou, até que, pela razão e pela graça, compreendeu que o Senhor do Céu é o verdadeiro soberano de todos os reinos e todas as criaturas. Somente então Deus teve piedade dele, e devolveu-lhe o trono e a forma humana. Tu, que és seu filho, és igualmente soberbo, e, mesmo sabendo de todas essas coisas, te rebelaste

contra Deus, tornando-te seu inimigo. Tiveste a audácia de levar aos lábios os vasos do templo; também tua mulher e tuas amantes beberam neles os mais variados vinhos; e vós todos adorais a falsos deuses. Por tudo isso, teu castigo implacável é iminente! Podes crer-me: essa mão que escreveu na parede *mane, techel, phares* foi enviada por Deus para dizer-te que teu reino se acabou e tu não vales mais nada; teu reino será dividido e entregue aos medas e persas."

E naquela mesma noite o rei foi morto; e Dario, que pela lei não tinha esse direito, veio ocupar o seu lugar.

Por aí vêem os senhores como o poder não garante a segurança. Quando a Fortuna decide abandonar alguém, leva embora os reinos, as riquezas, e até mesmo os amigos, grandes e pequenos, pois, sem dúvida, o infortúnio transforma em inimigos os amigos que o homem fez pela fortuna. Esse fato é não somente verdadeiro, mas também muito comum.

Zenóbia

Zenóbia, rainha de Palmira, – segundo o que os persas escrevem de suas virtudes, – era tão valente e audaz nas armas, que ninguém a sobrepujava na coragem, nem na linhagem, nem nas outras qualidades. Descendia do sangue real da Pérsia. Não digo que tenha sido a mais simpática das mulheres, mas não havia o que corrigir em sua beleza.

Desde a infância, esquivava-se das tarefas femininas e refugiava-se no bosque, onde as longas flechas que atirava derramaram o sangue de numerosas corças. Era tão veloz que as alcançava na corrida. Quando ficou mais velha, passou também a matar leões e leopardos e ursos, e a todos espedaçava, já que seus braços faziam com eles o que queriam. Não tinha medo de procurar as feras nos seus covis, nem de passar as noites a correr pelas montanhas, nem de dormir na selva; com seu vigor e energia, lutava com qualquer jovem, por mais robusto que fosse; e ninguém conseguia derrotá-la.

Por muito tempo conservou-se virgem, pois não julgava homem algum digno de unir-se a ela pelo matrimônio. Finalmente, contudo, seus amigos a convenceram a se casar com Odenato, príncipe daquela terra; e ela concordou, após procrastinar o evento o mais que pôde. É fácil compreender que ele tinha as mesmas inclinações e os mesmos gostos que ela. Depois que se esposaram, viveram na alegria e na felicidade, pois se admiravam e se amavam mutuamente. Mesmo assim, ela jamais consentia que ele dormisse com ela. Apenas concordou com isso uma vez, porque tinha a intenção de gerar filhos para ter sua descendência; e, quando viu que só aquele ato não fora suficiente para deixá-la grávida, tolerou que ele satisfizesse a sua fantasia uma vez mais, e não mais do que uma vez. Tendo certeza de que concebera, ela não mais lhe permitia aquele jogo, – a não ser depois de quarenta semanas, quando novamente poderia engravidar-se. Aí sim, deixava que ele repetisse aquilo. Fora esses casos, irado ou paciente, Odenato nada mais conseguia da esposa, que costumava dizer: "Não tem decência e vergonha a mulher que deixa o marido se divertir com ela sem o propósito de procriar." Dois filhos teve de Odenato, os quais educou na virtude e na leitura...

Mas voltemos ao nosso conto. Asseguro-vos que, por mais que se procurasse, não se acharia neste mundo pessoa mais respeitável que ela, mais prudente e comedida, mais nobre e mais dedicada no combate, e melhor capaz de suportar as fadigas da guerra. Também suas riquezas não podem ser descritas, seja em escudelas, seja em roupas, sempre recobertas de ouro e de pedras preciosas. E, apesar de todas as suas atividades, aproveitava os momentos de lazer para aprender línguas, mesmo que para isso tivesse que perder uma caçada; e assim fazia porque se comprazia em estudar nos livros e conhecer como se vive na virtude. Enfim, para tornar sucinta a história, direi que ela e o marido eram tão destemidos, que conquistaram no oriente vários grandes reinos, além de muitas belas cidades pertencentes ao império de Roma. Zenóbia as dominava com mão de ferro, e, enquanto Odenato viveu, seus inimigos não lograram retomá-las.

Quem desejar ler mais sobre suas batalhas contra Chapur, o rei da Pérsia, e contra muitos outros; e sobre como os eventos realmente se passaram, as razões de suas conquistas e os direitos

que avocava; e, depois, sobre a sua derrota e sua desgraça, e como foi assediada e feita prisioneira... deve buscar meu mestre Petrarca, que, pelo que sei, muito escreveu a seu respeito.

Depois da morte de Odenato, fez ela o possível para conservar os seus domínios, lutando ferozmente com os inimigos, ainda que sozinha; e não havia rei ou príncipe em toda aquela região que não ficasse feliz se pudesse ter a graça de viver em paz com ela. Por isso, de bom grado celebravam com ela tratados de aliança, deixando-a livre para agir como quisesse. Diante dela intimidavam-se até imperadores romanos, como Cláudio e seu antecessor Galieno; também os armênios, os egípcios, os sírios e os árabes não ousavam enfrentá-la, para não morrerem por suas mãos ou serem dispersados pelo seu exército. E estavam com ela, vestidos como reis, os dois filhos, os herdeiros dos reinos de seu pai, que, de acordo com os persas, se chamavam Hereniano e Timoleão.

Ah, mas a Fortuna sempre mistura mel com fel, decretando o fim da potente rainha, que acabou caindo na desventura e na miséria! Quando Aureliano tomou o império de Roma em ambas as suas mãos, quis vingar-se daquela soberana. E marchou contra ela com suas legiões, e, em poucas palavras, perseguiu-a, alcançou-a, prendeu-a com os dois filhos, conquistou-lhe o reino e retornou a Roma. E esse grande romano, Aureliano, tomou, entre outras coisas, o carro de combate da rainha, forjado em ouro e coberto de brilhantes, levando-o consigo para mostrá-lo ao povo. E ela própria foi exibida no triunfo do imperador, atada por correntes de ouro que lhe pendiam do pescoço, e levando ainda a coroa da nobreza e as vestes recamadas de pedrarias.

Ai, Fortuna! Aquela que antes amedrontava reis e imperadores serve agora de diversão à ralé! Aquela que outrora, nos duros embates, vestia um elmo fulgente, e devastava praça forte e torre, tem agora que usar um barrete de bufão! E aquela que antigamente sustinha nas mãos o cetro com flores, tem que fiar na roca se quiser sobreviver!

*Pedro, Rei de Castela e de Leão**

Oh nobre, oh ilustre Pedro, glória de Espanha! A Fortuna te elevou tão alto em majestade, que só nos cabe chorar tua morte comovente. Teu irmão te expulsou de teus domínios, e, mais tarde, num cerco, atraiu-te com perfídia à sua tenda e com as próprias mãos te trucidou, tomando assim teu reino e tuas riquezas.

Águia negra em campo argênteo*, cortado por banda rubra (lembrando um poleiro coberto de visco), é o brasão de quem urdiu esse crime e esse pecado. O instrumento da violência foi Mauny, o "mau ninho", cujo prenome é Olivério. Mas não o Olivério do imperador Carlos Magno, que sempre respeitou a honra e a verdade, e sim o Olivério da Armórica, esse traidor Ganelon, corrompido por subornos. Foi ele quem conduziu esse digno soberano para a armadilha fatal.

Pedro de Lusignan, rei de Chipre

Oh, tu também, ilustre Pedro, rei de Chipre, que com tática perfeita conquistaste Alexandria, e a pagãos sem conta castigaste com dureza! Esses feitos despertaram a inveja de teus vassalos, que, sem outro motivo a não ser o teu valor, te assassinaram no leito uma manhã. É assim que a Fortuna guia e governa a sua roda, levando os homens da alegria ao infortúnio.

*Bernabò Visconti**

Grande Bernabò Visconti, senhor de Milão, deus das delícias e açoite da Lombardia! Por que omitiria a tua desgraça, se também tu galgaras a um posto de relevo? O filho de teu irmão, – ligado a ti duplamente, como sobrinho e teu genro, – te encerrou em sua masmorra e lá te deixou morrer. Mas como e por que te matou são coisas que desconheço.

*Ugolino, conde de Pisa**

Não há língua que narre indiferente o terrível martírio de Ugolino. Perto de Pisa eleva-se uma torre, e nessa torre foi encarcerado na companhia de seus três filhinhos. O mais velho não tinha ainda cinco anos. Ai, Fortuna! Que grande crueldade prender tais pássaros em tal gaiola!

Condenaram-no a morrer ali porque Ruggero, o bispo da cidade, preparou-lhe uma falsa acusação que fez o povo se insurgir contra ele e encerrá-lo na prisão, como descrito.

A água e a comida que lhe davam não eram suficientes; e os alimentos eram pobres e ruins. E um dia aconteceu, na hora em que usualmente lhes serviam o repasto, que o conde ouviu o carcereiro trancar todas as portas. Não disse nada aos filhos; seu coração, porém, já pressentia que era de fome que queriam matá-los. "Ai!" suspirou ele; "ai, ai, por que nasci?" E seus olhos encheram-se de lágrimas.

Disse-lhe então o filho mais novo, que tinha apenas três anos: "Por que chorais, meu pai? Quando é que o carcereiro vai trazer nossa comida? Não tendes aí um pedaço de pão? A minha fome é tanta que não consigo dormir. Quisera Deus que eu dormisse para sempre! Então nunca mais a fome iria arranhar-me o estômago. Pão! É tudo o que agora desejo." E dia após dia chorava essa criança, até que se deitou no colo de seu pai, e murmurou: "Adeus, papai, vou morrer!" E então lhe deu um beijo, e nesse dia expirou.

Ao vê-lo morto, o pai desesperado pôs-se a morder os próprios braços, clamando: "Ai, Fortuna, que desgraça! Vejo agora com clareza toda a miséria que me trouxe a tua roda traiçoeira!" Os outros filhos, no entanto, pensaram que era de fome que ele se mordia; e lhe disseram: "Não, pai, não façais isso! Se o desejardes, podeis comer nossos corpos. A nossa carne nos destes, vinde a carne retomar. Ela é vossa..." Foi tudo o que eles falaram. E, depois de um ou dois dias, deitaram-se no seu colo, e ali morreram.

Pouco tempo depois, alucinado de fome, também o conde expirava. Foi esse o fim do forte senhor de Pisa, arremessado do alto pela vã Fortuna... Mas não quero alongar esta tragédia. Quem quiser saber mais a seu respeito, leia um poeta célebre da Itália, o grande Dante, e nele há de encontrar, ponto por ponto, a história toda e sem nenhuma falha.

Nero

Embora Nero fosse tão malvado quanto qualquer demônio lá das profundezas, pôde assim mesmo, de acordo com Suetônio, ter o governo deste vasto mundo, leste, oeste, sul e norte.

Suas vestes eram inteiramente recamadas de rubis, safiras e brancas pérolas, pois ele tinha verdadeira paixão por pedrarias. Nunca houve imperador mais exigente, mais ostentador e mais soberbo que ele. Basta dizer que, depois de usar uma roupa uma vez, nunca mais queria saber dela; e, para pescar no rio Tibre em seus momentos de lazer, possuía uma porção de redes, todas trançadas com fios do mais puro ouro. A única lei no seu código era a sua vontade, visto que a Fortuna o servia como uma amiga fiel.

Incendiou Roma somente para se divertir; um dia trucidou os senadores só para ouvir como é que os homens choram e lamentam-se; matou seu irmão, e dormiu com sua irmã. Mas pior foi o que fez com a mãe: despiu-a e estripou-a para ver o lugar onde fora concebido. Oh maldade, tratar a mãe com tanta indiferença! Nenhuma lágrima lhe subiu aos olhos; apenas disse: "Era uma bela mulher!" (É espantoso que ainda tivesse o desplante de julgar sua beleza morta.) Ordenou então que lhe trouxessem vinho, e se pôs a beber... Não demonstrou qualquer tristeza. Ai, quando se juntam o poder e a crueldade, o veneno vai fundo no organismo!

Em sua juventude, esse monarca teve um preceptor que lhe ensinava leitura e boa conduta. Se os livros não mentem, esse homem era, na época, a flor da moralidade. E, enquanto foi mestre do imperador, fez dele uma pessoa instruída e tolerante, de modo que muito tempo se passou antes que ele demonstrasse sinais de vício ou tirania. Mas, na verdade, Sêneca, o preceptor

de quem falo, era temido por Nero, pois, embora discretamente, – e sempre através de palavras, e não de castigos, – costumava recriminar-lhe os erros. "Senhor," dizia ele, "um imperador deve cultivar a virtude e detestar a tirania..." Por isso, seu discípulo o condenou um dia a cortar os dois pulsos numa sala de banho, onde sangrou até morrer. Ademais, Nero, que, quando mais moço tinha o hábito de levantar-se na presença do filósofo, passou a ver nesse gesto uma grande humilhação. E esse foi mais um motivo por que o fez morrer... Sêneca, em verdade, podia escolher sua morte; mas preferiu cortar os pulsos no banheiro, a expirar entre torturas. E assim Nero matou o amado mestre!

Deu-se então que a Fortuna cansou-se de acalentar sua arrogância, pois, se ele era poderoso, mais poderosa ainda era ela. E pensou: "Por Deus! Sou mesmo tola em permitir que um homem tão carregado de vícios ocupe um posto tão honroso e tenha o título de imperador. Tenho que derrubá-lo de seu trono; e ele, quando menos esperar, irá cair."

E, uma noite, o povo se insurgiu contra ele por causa de seus crimes. Ao ver isso, Nero fugiu sozinho de seu palácio, e foi buscar a proteção dos amigos. Bateu de casa em casa; mas quanto mais batia e mais gritava, mais fechadas mantinham-se as portas. Percebeu aí que havia sido a causa de sua própria perdição; tomou o seu caminho, e não chamou ninguém mais.

Enquanto isso, o povo fazia alaridos e tumultos em toda parte; e seus clamores chegavam aos ouvidos dele: "Onde está o tirano, o falso Nero"? Alucinado de pavor, no seu desespero, suplicava aos deuses um socorro que jamais iria chegar. Então, meio morto de medo, refugiou-se num jardim, onde encontrou dois homens sentados ao pé de uma enorme e brilhante fogueira. Rogou-lhes de pronto que o matassem e em seguida o degolassem, porque assim, não sendo reconhecido, ninguém infamaria seu cadáver. Mas ele mesmo, sem outra saída, teve que se matar. E a Fortuna gargalhava e divertia-se.

Holofernes

Nunca houve sob as ordens de um rei um capitão que, no seu tempo, mais reinos tivesse subjugado, que fosse mais forte em tudo no campo de batalha, que tivesse mais renome ou arrogância maior, em sua alta presunção, do que Holofernes, que a Fortuna beijava com volúpia e guiava para cima e para baixo, antes que fosse degolado sem que nada percebesse.

Não somente mantinha o mundo no pavor de perder a riqueza e a liberdade, mas forçava toda gente a negar sua fé. "Nabucodonosor é deus," dizia ele, "e nenhum outro deus merece ser adorado." E não havia que ousasse desrespeitar duas ordens, – a não ser em Betúlia, cidade bem armada, e que tinha Eliaquim por sacerdote.

Mas atentai para a morte de Holofernes: certa noite, em meio a seu exército, dormia embriagado em sua tenda, enorme como um celeiro; e, não obstante seu poder e sua soberba, Judite, uma mulher, vendo-o a dormir de costas, tratou de decapitá-lo, e esgueirou-se em silêncio de sua tenda, e voltou com a cabeça à sua cidade.

Antíoco

Que necessidade tenho de recordar a alta e real majestade do rei Antíoco, seu soberano orgulho, suas obras peçonhentas? Jamais houve outro igual! Lede a seu respeito no livro dos *Macabeus*, lede as palavras soberbas que proferia, e por que razão caiu de tanta prosperidade para uma morte horrível na montanha.

Tanto a Fortuna o exaltara em seu orgulho que ela julgava poder tocar os astros, pesar os montes na balança e deter até mesmo as ondas do mar. Mas o que ele mais odiava era o povo do Senhor, que pretendia exterminar com dores e tormentos, sem prever que Deus abateria sua empáfia.

Tão logo soube que Nicanor e Timóteo haviam sido derrotados pelos judeus, foi tão grande sua cólera contra estes, que mandou que lhe preparassem sem tardança o seu carro de

combate, jurando, com despeito, que logo estaria em Jerusalém a fim de cruelmente castigá-la em sua ira.

Foi, contudo, impedido de levar avante o plano. Por causa dessa ameaça, Deus o puniu de tal forma com feridas invisíveis e sem cura, que lhe cortavam e mordiam as entranhas, que seu padecimento tornou-se insuportável. E foi por certo um castigo merecido, pois muitos e muitos homens ferira também nas entranhas.

Mas, apesar de todos esses sofrimentos, não havia quem o demovesse de seus propósitos malditos e execrados. Pôs logo o exército de prontidão. Contudo, num relance, antes que desse pela coisa, o Senhor humilhou sua soberba e sua vanglória, jogando-o fora de seu carro com tamanha violência, que rompeu membros e pele. Depois disso, sem poder cavalgar ou caminhar, era levado por seus homens em liteira, recoberto de pústulas nas costas e nos lados. Por obra da implacável cólera de Deus, vermes nojentos saíam de seu corpo, que exalava um mau cheiro tão violento, estivesse ele dormindo ou acordado, que os servidores que cuidavam dele não suportavam mais o seu fedor. E, em tal suplício, lamentava-se e chorava, reconhecendo em Deus o senhor das criaturas. Não só para seu exército, mas para o próprio rei, era nauseante o fedor de sua carcaça; e ninguém mais queria transportá-lo. E assim, entre malcheiros e aflições, morreu ele, abandonado na montanha. E o salteador e homicida, que a tantos fez gritar e fez gemer, recebeu o galardão que à soberba se destina.

Alexandre Magno

Tão conhecida é a história de Alexandre, que toda gente que chegou à idade adulta já deve, pelo menos em parte, ter ouvido falar a seu respeito. Ele, em resumo, pela força das armas conquistou o vasto mundo; e todos se apressavam a pedir-lhe paz, pelo respeito que seu nome impunha. Onde quer que estivesse, até os confins da Terra, soube humilhar a arrogância dos homens e das feras. Os outros conquistadores a ele não se comparam, pois todos os países tremiam de medo diante dessa flor da cavalaria e da nobreza. A Fortuna fizera dele o herdeiro de sua honra. Com exceção do vinho e das mulheres, nada o desviava do seu interesse pelas armas e aventuras, tanto era leonino o coração em seu peito.

Em que lhe aumentaria a fama se eu agora falasse de Dario e de mais uns cem mil reis, príncipes, duques e condes audaciosos, que ele venceu e conduziu à amargura? Eu apenas lembrarei que, quanto era grande o mundo, o mundo lhe pertencia! Que mais se pode dizer? Nem que eu ficasse aqui para sempre, a escrever ou a falar de seu valor, poderia relatar tudo o que fez.

Ele reinou doze anos, segundo afirma o livro dos *Macabeus*. E era filho de Filipe o Macedônio, o primeiro rei da Grécia.

Ai, ilustre e gentil Alexandre, por que teve que acontecer esse infortúnio? Ah, foste envenenado por tua própria gente. A Fortuna virou os dados, e, em vez das faces com seis, mostrou as de um ponto apenas, sem derramar por ti nenhuma lágrima. Quem vai agora dar-me o pranto para chorar a morte da fidalguia e da nobreza, daquele que teve o mundo em suas mãos e, assim mesmo, não estava satisfeito, por ter repleto o coração de altos desígnios? Ai, quem vai agora ajudar-me a acusar a vã Fortuna e a condenar o veneno, as duas causas de toda essa desgraça?

Júlio César

Graças à astúcia, à bravura e à grande dedicação, Júlio, o audaz conquistador, que por mar e por terra dominou todo o Ocidente, e fez dele, pela força das armas ou por meio de alianças, tributário dos romanos, subiu de um berço humilde à majestade do trono. E assim foi imperador de Roma, até que a Fortuna se tornou sua inimiga.

Oh poderoso César, que lutaste na Tessália com Pompeu, teu sogro, a cujo lado estava a

cavalaria do Oriente (até às distantes terras onde nasce o sol); assim mesmo, com teu valor, a debandaste e trucidaste, – com exceção de poucos homens, que fugiram com Pompeu, – fazendo estremecer todo o Levante. Ah, louvemos a Fortuna, que então te protegeu!

Concedei-me, porém, que eu chore alguns instantes aquele ilustre Pompeu, o governante de Roma, que fugira da batalha. Um de seus seguidores, um traidor, cortou sua cabeça e levou-a para César, pensando assim entrar em suas graças. Ai, Pompeu, conquistador do Oriente, como pôde a Fortuna te reservar tal fim?!

Depois da vitória, coroado de louros, voltou César triunfante a Roma. Entretanto, um certo Bruto Cássio*, que invejava sua glória e seu poder, secretamente e com astúcia, urdiu contra ele uma conspiração, tramando o modo e o lugar em que seria apunhalado, conforme vou descrever. Um dia, foi César ao Capitólio, como era hábito seu, e lá se viu cercado por esse falso Bruto e seus comparsas, que o crivaram de golpes e o deixaram no chão semidespido e coberto de feridas.

Tão corajoso era ele e tinha em tão alta conta a dignidade do estadista, que, não obstante as dores de seus mortais ferimentos, lançou o manto sobre seus quadris para evitar que vissem a sua intimidade. Portanto, mesmo na atroz agonia e sabendo-se homem morto, não esqueceu a decência!

Esta história, Lucano, devo a ti; e devo a vós também, Suetônio e Valério Máximo, que descrevestes do começo ao fim as vidas desses dois conquistadores, – Alexandre e César, – mostrando como a Fortuna no princípio os ajudou, para depois se tornar sua inimiga. Que ninguém confie em seus favores, e fiquem todos sempre atentos! Basta ver o que ela fez aos dois bravos guerreiros.

Creso

O rico Creso, outrora rei da Lídia, que incutia respeito ao próprio Ciro, foi uma vez aprisionado em sua soberba, e arrastado à fogueira para ser queimado vivo. Eis, porém, que uma chuva muito forte caiu das nuvens e matou o fogo, e ele pôde safar-se. Mas não recebeu a graça de aprender sua lição, até que a Fortuna o fez pender de boca aberta de uma forca. De fato, assim que foi salvo, tratou de dar início a nova guerra, pensando que a Fortuna, por tê-lo ajudado uma vez com chuva, o havia tornado imune aos inimigos. Teve também um sonho uma noite, que fez crescer em seu peito a arrogância e o desejo de desforra.

Sonhou que estava numa árvore, onde Júpiter lhe lavava o dorso e os flancos; em seguida veio Apolo, trazendo uma bela toalha, com a qual enxugou o seu corpo.

Todo orgulhoso, pediu à filha a seu lado, que era muito perspicaz, que lhe explicasse este sonho. E ela assim lhe respondeu: "Representa aquela árvore uma forca, enquanto Júpiter é a neve e a chuva; Apolo, com a tal toalha limpa, nada mais é do que o calor do sol. Tu serás enforcado, – sim, meu pai! – e a chuva irá lavar-te, e o sol te secará."

Dessa forma o advertiu, com franqueza e claramente, sua filha, cujo nome era Fania. E Creso, o rei soberbo, foi na verdade enforcado, e de nada adiantou o seu poder real.

As tragédias não podem, nos seus cantos, nada mais lamentar e deplorar que o ataque inesperado da Fortuna, golpeando os reinos que eram orgulhosos. Dando as costas aos que confiam nela, com uma nuvem cobre o rosto fúlgido.

Neste ponto o Cavaleiro interrompe a narrativa do Monge.

O CONTO DO PADRE DA FREIRA

Prólogo do Conto do Padre da Freira

"Não!" bradou o Cavaleiro. "Basta, meu bom senhor! Tudo o que disse é verdade, não há dúvida... e mais do que verdade. Mas creio que, para a maioria das pessoas, um pouco de tristeza é suficiente. Digo-o por mim. Acho muito desagradável ficar ouvindo sobre a queda inesperada dos que antes possuíam riquezas e felicidade! O contrário sim, me conforta e alegra; ou seja, quando alguém, previamente na miséria, é bafejado pela sorte, ascende a posições mais elevadas e permanece na prosperidade. É isso, parece-me, o que nos dá prazer. Então por que não discorrer sobre isso?"

"Sim," interveio o nosso Albergueiro, "pelos sinos da igreja de São Paulo! O Cavaleiro tem toda a razão. Esse Monge fala demais, sempre resmungando porque a Fortuna cobriu com uma nuvem não sei lá o quê. E quanto a esse negócio de Tragédia, – vocês ouviram, – por Deus, que adianta ficar aí lamentando e chorando o que já aconteceu? Como disse o Cavaleiro, é muito aborrecido ouvir falar de tristezas.

"Senhor Monge, Deus o abençoe... mas basta, por favor! A comitiva inteira já não suporta mais sua história. É um assunto que não interessa a ninguém, pois não tem nada de engraçado e divertido. Por isso, senhor Monge, – ou Senhor Peter, para tratá-lo pelo nome, – peço-lhe de todo o coração que nos conte alguma outra coisa. Pelo Rei dos Céus que morreu por nós, confesso que, se não fosse o tilintar desses sininhos nas rédeas de seu cavalo, eu já teria caído no sono há muito tempo e, – quem sabe? – rolado para o lamaçal da estrada. Nesse caso, seu conto teria sido narrado em vão, porque, como dizem os sábios, 'É inútil demonstrar a sua idéia, Se você não dispõe de uma platéia.' Ainda mais que é a mim que cabe o julgamento de tudo o que é relatado aqui. Que tal, senhor, contar-nos uma história de caça?"

"Não", respondeu o Monge. "Não estou com vontade. Chame outro; já fiz a minha parte."

Diante disso, o Albergueiro, com modos rudes e atrevidos, voltou-se para um padre que acompanhava a Prioresa, e disse: "Aproxime-se, senhor; venha até aqui, Padre John! Conte-nos algo divertido. Vamos, anime-se... Esqueça-se de que está montado num rocim. Que importa que o seu cavalo seja magro e feio? Se ele lhe serve bem, o resto que se dane! O que vale é ter o coração alegre."

"É verdade, senhor", ajuntou o outro. "Deixe comigo, senhor Albergueiro. Pode me condenar, se minha história não for engraçada." E o gentil Padre, o bondoso Senhor John, atacou imediatamente o seu conto, relatando à comitiva o que se segue.

Explicit.

Aqui tem início o Conto do Padre da Freira, a respeito do Galo Chantecler e da Galinha Pertelote.

Uma pobre viúva, de idade avançada, morava uma vez numa pequena cabana, junto a um bosque no meio de um vale. E essa viúva de quem falo, desde o dia em que perdeu o marido, viveu sempre, sem se queixar, na maior simplicidade, pois seus bens e sua renda eram modestos. De fato, ela e suas duas filhas se sustentavam economizando muito bem o pouco que Deus mandava. Além de três vacas e de uma ovelhinha chamada Molly, possuía três grandes porcas e mais nada. A fuligem enegrecera as paredes do quarto e da sala, onde tomava as suas refeições frugais. Ela não precisava de molhos picantes, visto que não procurava agradar ao paladar com requintes: sua dieta estava de acordo com a pobreza da choupana. Em compensação, jamais adoecera por causa dos excessos; seus remédios eram a moderação, o exercício e um coração satisfeito. A gota nunca a impediu de dançar, nem jamais foi vítima de derrame. Não bebia vinho de espécie alguma, nem branco nem tinto, e somente punha à mesa o branco e o preto, ou seja, leite e pão de centeio, que tinha com fartura (porque devia ser uma leiteira), acompanhados de torresmos e, de vez em quando, um ou dois ovos.

Sua casinha tinha um quintal todo cercado por ripas e rodeado por um rego seco, onde criava um galo, chamado Chantecler, que cantava melhor que qualquer outro da região. Sua voz era mais alegre que os alegres órgãos nos dias de missa; e seu canto merecia mais confiança que os relógios ou os sinos da abadia. Sabia, por instinto, as ascensões do equinocial* em todas as cidades, e, a cada quinze graus que ele subia, cantava de maneira irrepreensível. Sua crista era mais rubra que o coral mais fino, e com ameias como os muros de um castelo; preto era o bico, luzente como o breu; nos pés e nas pernas tinha o azul celeste; as unhas eram brancas como a flor do lírio; e as penas cintilavam como puro ouro polido. Esse galo cortês era senhor de sete galinhas, todas ali para servi-lo; eram suas irmãs e suas amantes, exatamente iguais a ele em suas cores. A de mais belos matizes no pescoço era a formosa Demoiselle Pertelote. Era tão nobre, discreta, garbosa e afável, e se conduzia com tamanha graça, que, desde os seus sete dias de idade, firmemente aprisionara o coração de Chantecler, atando a seu serviço todos os membros de seu corpo. E ele tanto a queria, que suportava com prazer a servidão. Quando fúlgido raiava o sol, que alegria era ouvi-los cantar juntos, em doce harmonia, *Meu amor partiu para outras terras*. Sim, porque me disseram que, naquele tempo, os animais e as aves falavam e cantavam.

E aconteceu então que, numa madrugada, enquanto Chantecler dormia no poleiro, na sala da viúva, rodeado por todas as esposas e tendo ao lado a bela Pertelote, começou a gemer pela garganta como alguém perturbado por um pesadelo. Ao ouvir tais grunhidos, Pertelote indagou-lhe assustada: "Oh coração! O que te dói, que gemes dessa forma? E enquanto profundamente adormecido! Oh, que vergonha!"

E, em resposta, explicou ele: "Não me leves a mal, Madame, eu te suplico. Por Deus, sonhei ser vítima de tal desventura que ainda agora meu coração sente pavor. Queira Deus salvar-me desse pesadelo e livrar-me da cruel escravidão! Sonhei que perambulava pelo nosso quintal, quando súbito surgiu-me à frente uma fera parecida com um cão, querendo abocanhar-me e trucidar-me. Sua cor era uma mescla de amarelo e de vermelho, com a cauda e as orelhas manchadas de negro; tinha focinho alongado e olhos cintilantes. Só de vê-la, por pouco não desfaleci de horror. E foi essa, sem dúvida, a razão porque gemi."

"Vai-te", exclamou ela, "vai-te daqui, oh covarde! Pelo Senhor do Céu, acabaste de perder meu coração e meu afeto! Ai, por minha fé, como poderei amar um poltrão? Como dizem as mulheres, nós todas anelamos, sempre que possível, desposar homens bravos, inteligentes, generosos e discretos, não mesquinhos e tolos, que tremem à vista de uma lâmina... e muito menos fanfarrões, por Deus do Céu! Oh, que vexame! Como ousas confessar a mim, a tua amada, que qualquer coisa pode te assustar? Será que tu não tens barba na cara? Ai, como podes ter medo de sonhos? Os sonhos, sabe Deus, não passam de ilusões. Em geral, são provocados pelo excesso de comida e, muitas vezes, pela abundância de gases ou de certos humores do corpo. Por Deus, estou certa de que o sonho desta noite proveio de uma superfluidade de bílis vermelha, que faz as pessoas sonharem com flechas, fogo de rubras labaredas, feras vermelhas que querem morder, contendas e cães, tanto filhotes quanto adultos; enquanto o humor da melancolia frequentemente leva os que dormem a gritar de medo de ursos negros, touros negros, ou negros diabos que vêm para buscá-los. E eu poderia falar ainda de outros humores que também causam desconfortos, mas prefiro apenas mencioná-los de passagem. Não foi Catão, um grande sábio, quem recomendou: 'Não vos importeis com os sonhos'? Pois bem, senhor, assim que nós descermos do poleiro, toma um laxante, pelo amor de Deus. Asseguro-te, por minha vida e minha alma, que esta é a melhor maneira de purgar a cólera e a melancolia. Portanto, não percas tempo. Embora não tenhamos boticários na cidade, eu mesma posso orientar-te muito bem na busca de ervas apropriadas para o teu bem-estar e tua saúde. Em nosso próprio quintal encontraremos as plantinhas que têm, por natureza, a propriedade de purgar-te, em cima e embaixo. Mas, pelo amor de Deus, o que não podes esquecer é que tua compleição é colérica. Se ficares exposto ao sol em ascensão, quando repleto de humores quentes, aposto um bom dinheiro como hás de apanhar febre terça, ou qualquer outra doença que poderá ser-te fatal. Durante um dia ou dois, comerás vermes digestivos. Então estarás pronto para os teus laxantes,

como a lauréola, a centáurea e a fumária; ou mesmo o heléboro, que cresce por ali, a alcaparra, o cornisolo e a hera, que prefere os lugares mais fresquinhos. Basta bicar as folhas e ingeri-las. Ânimo, caro esposo, – por teu pai! Não tenhas medo de sonhos. É tudo o que posso dizer-te.”

“Grato, Madame”, retorquiu Chantecler, “pelos conselhos eruditos. Mas, por Deus, quanto a Dom Catão, que nos recomendou que não temêssemos os sonhos, devo dizer que, não obstante o seu grande renome como sábio, podemos ler em várias obras antigas, escritas por homens de muito mais autoridade que ele, – por minha alma! – que todos os que sonham mantêm a opinião, fundamentada na própria experiência, de que os sonhos são prenúncios das alegrias e das atribulações por que passamos nesta vida. E aqui nem preciso argumentar, visto que os próprios fatos o comprovam.

“Um dos maiores autores conhecidos narra que dois companheiros partiram uma vez em romaria, com sincera devoção. E aconteceu então que, numa das cidades a que chegaram, era tão grande o afluxo de forasteiros que havia escassez de alojamento, e os dois não conseguiram encontrar pousada onde pudessem ficar juntos. Assim, foram obrigados a separar-se aquela noite, e cada qual foi para a sua própria estalagem, aceitando as acomodações que a Fortuna lhe reservara. Um deles teve que instalar-se num estábulo, no fundo de um pátio, junto com touros de arado; o outro, fosse pelo acaso ou pela sorte que rege os destinos de todos, achou um abrigo mais decente. E deu-se então que este homem, bem antes que clareasse o dia, sonhou, no aconchego de seu leito, que o amigo chamava por ele, dizendo: ‘Ai de mim! Esta noite vou ser assassinado num estábulo, enquanto adormecido em meio aos bois! Acorre, meu irmão, para salvar-me! Vem para cá, depressa!’ O outro acordou assustado, mas, vendo que se tratava de um sonho, virou-se para o outro lado e tornou a dormir. Também ele achava que os sonhos não passam de ilusões. Eis, porém, que, por duas vezes ainda, lhe apareceu a imagem do companheiro no sono. E, na terceira, gritou ele: ‘Agora estou morto! Olha o sangue dos meus ferimentos largos e profundos. Levanta-te bem cedinho’, pediu então, ‘e na porta ocidental da cidade verás uma carroça cheia de esterco: meu corpo estará escondido lá dentro. Detém essa carroça sem hesitação. Na verdade, o ouro que eu levava causou a minha morte...’ E, em seguida, com olhar comovente e rosto pálido, contou-lhe, ponto por ponto, como o mataram. E podes acreditar, o sonho se cumpriu. Na manhã seguinte, tão logo despontou o dia, lá foi ele à pousada do colega; e, tendo chegado ao estábulo, pôs-se a chamar por ele. O albergueiro correu a atendê-lo: ‘Senhor, o homem que procuras já se foi. Deixou a cidade assim que amanheceu.’”

“‘Tomado de suspeita por causa dos sonhos que tivera, sem tardança dirigiu-se então à porta ocidental, e lá avistou, aparentemente pronta para ir adubar a terra, uma carroça de esterco exatamente igual à que o morto descrevera. Destemido, bradou: ‘Vingança e justiça para este crime! Meu companheiro foi assassinado esta noite, e seu corpo está jogado sob a carga daquela carroça! Apelo aos homens do governo e da guarda da cidade. Ai, socorro! Meu amigo está morto ali dentro!’

“Que mais posso acrescentar? As pessoas se aglomeraram em torno da carroça e a tombaram; e, lá no meio do estéreo, apareceu o cadáver do homem recentemente assassinado.

“Oh Deus bendito, equânime e verdadeiro, como denuncias sem falta os homicídios! O crime sempre aparece, – é o que vemos todo dia. O crime é tão repugnante e abominável aos olhos do Senhor da justiça e da razão, que ele jamais permite que permaneça oculto, mesmo após dois ou três anos, O crime sempre aparece, – essa é minha conclusão. Com efeito, logo as autoridades da cidade prenderam o carroceiro e o dono da estalagem, que, duramente torturados e submetidos ao suplício da roda, não demoraram a confessar sua maldade, e foram enforcados. Podemos ver por aí como os sonhos devem ser temidos!

“De fato, no mesmo livro onde li essa história, logo no capítulo seguinte, – não é mentira, juro por minha alma, – dois homens, que pretendiam atravessar o mar para um negócio qualquer em países distantes, foram obrigados a aguardar a mudança do vento num grande porto... Finalmente, um belo dia de tardezinha, o vento começou a mudar, soprando em direção favorável. Os dois se recolheram alegres e felizes, pensando em zarpar assim que raiasse a aurora.

"A um deles, entretanto, aconteceu algo muito estranho, pois, enquanto dormia, teve um sonho espantoso a respeito da manhã seguinte: pareceu-lhe que um homem, postado ao lado da cama, lhe ordenava que retardasse a partida: 'Se navegares amanhã, morrerás afogado. Guarda bem estas palavras!'

"Assim que despertou, acordou o companheiro para contar-lhe o sonho, implorando-lhe que adiasse a viagem por um dia, conforme fora aconselhado.

"Mas o outro, deitado tranqüilamente a seu lado, pôs-se a rir e a tratá-lo com o maior desprezo. E disse: 'Nenhum sonho pode assustar meu coração a ponto de dissuadir-me de realizar os meus negócios. Não dou a mínima importância aos teus sonhos; os sonhos são apenas ilusões e enganos. Todo mundo sonha todo dia com corujas, com macacos e com bobagens sem fim... Sonha-se com o que nunca existiu e com o que nunca vai existir. Mas, já que desejas ficar e perder o teu tempo, só posso te dizer que sinto muito. E tenhas um bom dia!'

"E assim se despediu e seguiu o seu caminho. Antes, porém, que chegasse ao meio do percurso, – não sei por que motivo ou qual defeito, – o casco de sua nave se partiu, e barco e tripulação foram ao fundo à vista dos outros navios que a seu lado velejavam. Portanto, minha bela Pertelote tão querida, podes ver, por esses casos antigos, que não devemos tratar os sonhos com indiferença, pois te garanto que há muitos pesadelos de temer-se.

"Por exemplo, li, na vida de São Cenelmo, – filho de Cenulfo, o nobre rei da Mércia, – que ele, um pouco antes de ser assassinado, teve um sonho que lhe mostrou a própria morte. Sua ama explicou-lhe o significado e pediu-lhe que se acautelasse contra as traições; mas ele, com apenas sete anos, pouco valor dava aos sonhos, tão puro era seu coração. Por Deus, eu teria dado a própria camisa do corpo para que tivesses lido, como eu, a sua biografia!

"Senhora Pertelote, asseguro-te em verdade que Macróbio, que escreveu sobre o *Sonho* do nobre Cipião na África, confirma a importância dos sonhos e declara que são avisos das coisas que vão se dar.

"Peço-te, ademais, que medites sobre a história de Daniel, no Velho Testamento. Será que para ele os sonhos também eram ilusões?

"Lê igualmente a respeito de José, e verás como os sonhos, às vezes (não digo sempre), são premonições do que depois virá.

"Olha o caso de Dom Faraó, o rei do Egito, – e também de seu padeiro e seu mordomo, – e depois dize se os sonhos têm ou não suas conseqüências. Quem se interessa por coisas surpreendentes vai neles encontrar muitos assombros.

"Pensa igualmente em Creso, rei da Lídia: sonhou estar sentado no alto de uma árvore; e não é que depois foi enforcado?

"Ai, olha Andrômaca, a mulher de Heitor! Na noite que antecedeu a morte do marido, sonhou que ele haveria de perder a vida se entrasse na batalha aquele dia. Ela o avisou, porém, inutilmente: sem se preocupar com coisa alguma, ele partiu para o combate, e foi morto por Aquiles. Esta, contudo, é uma história muito longa, e o dia está clareando. Não posso continuar. Direi apenas, para concluir, que estou certo de que meu sonho é prenuncio de desgraça. Quanto aos laxantes, não quero saber deles: em minha opinião, não passam de venenos. Já sofri muito por sua causa, e hoje os detesto.

"Mas deixemos esse assunto e falemos de outros mais agradáveis. Por minha alma, senhora Pertelote, em uma coisa pelo menos o Criador me concedeu sua graça, pois, quando contemplo a beleza de teu rosto, com esse lindo escarlate a contornar-te os olhinhos, todos os meus temores se esvanecem. Bem diz o ditado: *In principio, mulier est hominis confusio.** Madame, essas palavras em latim querem dizer: 'A mulher é a alegria do homem e toda a sua ventura'. E, de fato, à noite, quando sinto o calor de teus flancos macios (ainda que não seja possível montar-te, porque, infelizmente, o nosso poleiro é muito estreito), tenho tanta satisfação e tal prazer, que desafio sonho e pesadelo."

E, assim dizendo, voou do poleiro para o chão seguido por todas as galinhas, pois já amanhecera. E, tendo achado um grãozinho no terreno, chamou a todas com um "có". Sem mais

temores, seu porte era real. Vinte vezes trepou em Pertelote; e, antes da hora prima, deu vinte trepadas mais. Parecia um leão feroz, percorrendo o terreiro nas pontas dos pés, sem dignar-se a pousar no chão os calcanhares. Sempre cacarejava ao avistar uma semente, e suas esposas acorriam todas. E assim, altivo como um príncipe em sua corte, deixo agora Chantecler na refeição, para depois narrar sua aventura.

Quando o mês em que o mundo começou, o mês de março*, em que Deus criou o homem, havia terminado, e quando haviam se passado, desde março, trinta dias e mais dois, sucedeu que Chantecler, ao caminhar todo orgulhoso ao lado das sete esposas, erguendo os olhos para o sol brilhante, que no signo de Touro superara os vinte e um graus, percebeu, por mero instinto e por nenhum outro meio, que era chegada a hora prima. E então cantou com voz sublime. "O sol", declarou ele, "em sua subida pelo céu, seguramente ultrapassou os quarenta e um graus. Senhora Pertelote, meu paraíso na terra, ouve como ditosos gorjeiam os pássaros, e vê como os botões das flores desabrocham: meu coração está cheio de júbilo e de ventura." Subitamente, porém, um triste caso aconteceu, pois o fim da alegria é o sofrimento... Deus sabe como fogem os prazeres deste mundo! Se aqui comparecesse um luminar da retórica, bem poderia compor uma crônica em torno desta suprema verdade! E podeis crer, oh sábios: tendes a minha palavra de que esta história é tão verdadeira quanto o livro de *Lancelote do Lago*, tido em tão alta conta por todas as damas. Mas retornemos ao nosso tema.

Por determinação de alto desígnio, uma raposa, salpicada de negro, que por três anos vivera lá no bosque repleta de astuciosa iniqüidade, pela sebe irrompeu aquela noite no terreiro onde o garboso Chantecler soía refugiar-se com as esposas. Oculta num canteiro de repolhos, com o prazer que os criminosos sentem ao preparar suas emboscadas, aguardava ela a chegada da hora terceira, ficando à espreita do momento azado para atacar o nobre Chantecler. Oh assassina traidora, escondida no teu antro! Oh novo Iscariotes! Novo Ganelon! Oh hipócrita! Oh grego Sínon, que levaste Tróia à sua total ruína! Oh Chantecler, maldita a manhã em que voaste do poleiro para o chão! Bem que os sonhos te avisaram dos perigos desse dia!

Mas, de acordo com a opinião de certos entendidos, o que Deus prevê forçosamente acontece, se bem que, como podem testemunhar os que lêem filosofia, esse problema tenha gerado prolongados debates e profundas controvérsias nas escolas, envolvendo cem mil participantes. Eu não seria capaz, – a exemplo do grande doutor Santo Agostinho, ou de Boécio, ou do Bispo Bradwardine*, – de destrinçar essa questão e dizer se a perfeita onisciência do Senhor necessariamente me compele a fazer determinada coisa (e na palavra *necessariamente* vai implícito o conceito de "necessidade simples"), ou se o livre arbítrio deixa a meu critério realizar ou não aquela mesma coisa (mesmo que o ato perfeito tenha sido previsto pelo Altíssimo). Eu também não poderia esclarecer se a providência divina me garante a contingência nos limites da "necessidade condicional"... Não, não quero me meter nesses assuntos! Como sabem, meu conto trata apenas de um galo que, para seu azar, seguiu o conselho da mulher e foi passear no terreiro logo depois do sonho que relatei. Os conselhos das mulheres quase sempre são fatais. Foi o conselho da mulher que nos trouxe o sofrimento, fazendo Adão perder o Paraíso, onde vivia contente e muito bem. Mas, se alguém ficar aborrecido por ouvir-me criticar os conselhos das mulheres, esqueça-se do que eu disse, pois foi tudo brincadeira... Quem quiser que folheie os autores que abordam o tema, e veja o que eles falam das mulheres... O que eu disse há pouco foram as conclusões do galo, não as minhas. Eu nunca iria julgar mal mulher alguma.

Feliz, deitada ao sol com todas as irmãs, achava-se Pertelote em seu banho de areia, enquanto o nobre Chantecler cantava mais alegre que as sereias lá no mar... Pois Fisiólogo* nos assegura que elas cantam com graça e com vivacidade.

E foi então que, seguindo com o olhar o vôo de uma borboleta entre os repolhos, descobriu ele a raposa abaixadinha. Perdeu então toda a vontade de cantar; gritou "có có" como alguém apavorado... E isso porque os bichos evitam por instinto os inimigos naturais, mesmo quando os vêem pela primeira vez. Assim também Chantecler, ao vislumbrar a raposa, fez menção de fugir. Mas ela o acalmou, dizendo: "Ai, onde pensais ir, senhor gentil? Temeis a mim,

que sou amiga vossa? Sem dúvida eu seria pior do que um demônio, se cometesse contra vós qualquer maldade ou vileza. Não vim espionar vossos segredos; na verdade, a razão de minha vinda foi para ouvir-vos cantar, pois tendes uma voz maravilhosa, como a dos anjos nos corais do Céu. Que sensibilidade musical! Supera a de Boécio* e a de qualquer cantor. Meu senhor vosso pai (que Deus o tenha) e vossa mãe, com sua fidalguia, vinham visitar-me com freqüência, dando-me assim grande satisfação. Também a vós receberia com prazer.

"Mas, por falar em canto, juro-vos, pela luz de meus olhos, que, além de vós, jamais ouvi alguém cantar qual vosso pai pela manhã. Cantava mesmo com o coração! E tanto se esforçava ao dar os seus agudos, que tinha que fechar ambos os olhos, devido à altura de sua voz. – ao mesmo tempo em que esticava os pés e espichava o pescoço longo e fino. E como era sensato! Tanto assim, que não tinha rival em todo o mundo, nem no canto nem na sabedoria. Entre os versos de *Dom Brunelo, o burro**, li que o filho de um padre machucara a perna de um galinho quando novo; de raiva, nunca mais o galo cantou para acordar-lhe o pai na hora da missa, e assim o fez perder a sua prebenda. Nada disso, entretanto, é comparável à sabedoria, à discrição e à sutileza de vosso genitor. Mas cantai, meu senhor, por caridade! Ou não sereis igual a vosso pai?"

Deslumbrado pela bajulação, Chantecler começou a bater as asas, sem desconfiar da perfídia.

Ai, fidalgos, em vossa corte há muitos mentirosos lisonjeiros e muitos impostores que vos agradam mais, por minha fé, que os que vos dizem a verdade nua e crua! O *Eclesiástico* vos adverte a esse respeito. Atentos, meus senhores, à traição!

Pondo-se nas pontas dos pés, Chantecler esticou o pescoço, cerrou os olhos, e começou a cantar o mais alto que podia. Dona Russela, a raposa, saltou sobre ele, abocanhou-o pela garganta e o levou para o bosque em suas costas, sem que ninguém a seguisse.

Oh destino cruel, como és inexorável! Ai, por que Chantecler deixara o seu poleiro? Ai, por que sua esposa desprezava os sonhos? E numa sexta-feira essa desgraça?!

Oh Vênus, tu que és deusa do prazer, como pudeste permitir que o teu fiel Chantecler, que te servia tão devotamente, – mais por gozo do que procriação, – morresse no teu dia?

Oh Gofredo*, meu caro mestre supremo, que, quando o nobre rei Ricardo foi morto por um projétil, choraste o seu fim em tocante elegia! Por que não tenho agora o teu estro e o teu saber para exprobrar a sexta-feira como tu? Também ele morreu em uma sexta-feira... Somente assim eu poderia lamentar condignamente a desventura e a dor de Chantecler!

Ah, quando Tróia caiu, e Pirro, – como narra a *Eneida*, – arrastou o Rei Príamo pela barba e depois o atravessou com lâmina implacável, a grita e o clamor das mulheres não foram mais altos que o alarido das galinhas no terreiro, ao verem a aflição de Chantecler. A soberana voz de Dona Pertelote se fez ouvir com mais vigor que o pranto da mulher de Asdrúbal, quando o marido seu perdeu a vida e os romanos incendiaram sua Cartago... Ela, que, no tormento e na revolta, achou que era melhor lançar-se às chamas, sem recuar ante essa morte horrível!

Oh míseras galinhas, gritastes tanto quanto as esposas dos senadores, ceifados inocentemente pela sanha cruel de Nero, no dia em que Roma ardeu! Mas agora vou retomar o fio de minha história.

A boa viúva e suas duas filhas, ao escutar a gritaria e a agitação das galinhas, acorreram imediatamente à porta e avistaram a raposa, que fugia para o bosque levando o galo às costas. No mesmo instante, puseram-se a clamar: "Depressa, socorro! Meu Deus, olha, olha lá a raposa!" E correram em seu encalço, seguidas por alguns vizinhos armados de bastões. Correram Talbot, Gerland e Coll, o nosso cão; correu Malkin, a brandir o seu cajado; correram a vaca e o bezerro, juntamente com as porcas, assustadas com os latidos dos cachorros e os berros dos homens e das mulheres. Todos corriam tanto, que seus corações estavam para estourar; gritavam mais que os demônios no inferno. Os patos grasnavam como se os quisessem matar; os gansos apavorados voavam por sobre as árvores; o enxame das abelhas saiu da colmeia a zumbir. Foi um tremendo rebuliço, um verdadeiro deus-nos-acuda! Nem Jack Straw* e seu bando, no dia em que pretendiam matar os flamengos em Londres, fizeram tal arruaça como a que se armou por causa

da raposa: tocavam e sopravam pífaros de metal, de madeira, de chifre, de osso; ao mesmo tempo, urravam e apupavam... Parecia que o céu ia cair.

Eis, porém, minha boa gente, como a Fortuna muita vez inverte as esperanças e a soberba dos malvados! O galo, preso ao dorso da raposa, ainda teve ânimo de dizer a ela, não obstante todo o seu terror: "Por Deus, se eu estivesse em vosso lugar, bradaria aos que nos perseguem: 'Voltai, oh vilões presunçosos! Oxalá vos leve a peste! Agora que alcancei o bosque, o galo será meu, não importa o que façais. Prometo-vos: vou devorá-lo num instante!'"

E a raposa respondeu: "Muito bem, assim será." Mas, nem bem proferira essas palavras, quando o galo agilmente escapou de sua boca, voando para o mais alto galho de uma árvore.

Vendo a raposa que a presa lhe fugira, exclamou: "Ai, Chantecler, meu caro! Reconheço que não agi com correção, e vos dei um grande susto quando vos agarrei e vos tirei à força do quintal. Mas, meu senhor, não foi má minha intenção. Vinde aqui, e eu vos juro por Deus que hei de explicar-vos tudo, contando toda a verdade."

"Oh não!" retrucou o galo. "Maldição para nós dois, e maldição maior para mim, em minha própria pele, se eu me deixar cair em alguma outra esparrela. Nunca mais a bajulação vai me induzir a cantar de olhos fechados. Quem fecha os olhos quando tem que ver, jamais merece a proteção de Deus."

"O meu caso é pior", disse a raposa, "porque merece a punição de Deus quem é tão desajeitado na conduta, que paira quando deve se calar."

Eis aí o que acontece aos descuidados e aos negligentes, que põem fé na adulação.

Os que acham que este conto é uma tolice, porque fala da raposa, de um galo e uma galinha, reparem na moral que ele contém. São Paulo diz que tudo o que está escrito tem sempre como fim nossa instrução. Comei o fruto e rejeitai a casca.

E agora, meu bom Deus, se for tua vontade (que sempre seja feita), livra-nos do mal e concede a nós todos a salvação. Amém.

Aqui termina o Conto do Padre da Freira.

Epílogo do Padre da Freira

"Senhor Padre da Freira", exclamou nosso Albergueiro, "benditas sejam suas bragas e suas pedras preciosas! Foi mesmo engraçada a história de Chantecler. Mas, palavra, se o senhor não fosse padre, também daria um belo galo montador. Se for ardente como é forte, acho que sete galinhas não lhe bastariam. Talvez precisasse de sete vezes dezessete! Vejam só que músculos tem o gentil padre! Que pescoço grosso e que peito largo! O olhar é vivo como o do gavião. E ele é tão corado, que dispensa tinturas de pau-brasil ou cochonilha de Portugal. Deus o recompense, senhor, pelo seu belo conto!"

Depois disso, voltou-se todo alvoroçado para uma outra pessoa, a quem ouvirão a seguir.

O CONTO DA MULHER DE BATH

Prólogo do Conto da Mulher de Bath

Ainda que neste mundo não existissem os ensinamentos da autoridade, a mim bastaria a experiência para falar dos males do matrimônio: e isso, cavalheiros, porque desde os meus doze anos de idade (louvado seja Deus, que tem a vida eterna, por ter-me permitido casar-me tantas vezes) tive já cinco maridos à porta da igreja, – e todos homens de bem, à sua maneira.

Não faz muito, entretanto, disseram-me que, como Cristo só compareceu uma vez a um casamento, – às bodas de Cana da Galiléia, – quis ensinar-me com essa atitude que eu só deveria casar-me uma vez. Pensem também nas palavras duras que a esse propósito proferiu junto da

fonte Jesus, homem e Deus, ao repreender a mulher samaritana: "Tiveste cinco maridos", disse ele, "e o homem com quem vives não é teu marido". Foram essas as suas palavras. Mas não faço a menor ideia do que querem dizer, pois não entendo por que motivo o quinto homem não era marido da samaritana. Quantos, afinal, ela podia desposar? Até hoje, pelo que eu saiba, ninguém definiu esse número. Por isso, deixo que os outros façam as suas suposições e as suas interpretações; quanto a mim, o que sei é que Deus, expressamente e sem mentira, ordenou-nos claramente isto: "Crescei e multiplicai-vos!" E esse texto gentil entendo muito bem.

Também sei que Ele mandou que meu marido deixasse pai e mãe para unir-se a mim. Mas não fez qualquer alusão a números, se podiam ser dois casamentos ou oito. Sendo assim, por que é que todo mundo critica quem se casa muitas vezes?

Vejam, por exemplo, o caso daquele sábio rei, Dom Salomão: teve tantas esposas que oxalá me fosse concedida metade das alegrias que ele conheceu! Que dádiva de Deus possuir todas aquelas mulheres! Nenhum homem neste mundo teve a mesma sorte. Como sei das coisas, posso bem imaginar as alegres investidas que o nobre soberano, naquela boa vida, deve ter feito em suas noivas em cada noite de núpcias. Dou graças a Deus que tive cinco maridos; e benvindo seja o sexto, venha lá quando vier! Como não pretendo fechar-me numa vida de castidade só porque meu marido deixou este mundo, é natural que venha logo outro cristão e me despose, pois, como afirma o Apóstolo*, sou livre para casar-me, em nome de Deus, quantas vezes me aprouver. E foi ele também quem nos garantiu que o casamento não é pecado: é melhor casar que arder. Que me importa que as pessoas falem mal do infeliz Lameque e de sua bigamia? Abraão, assim como Jacó, eram homens santos; no entanto, pelo que me é dado saber, ambos tiveram mais que duas mulheres. E não foram os únicos.

Eu gostaria que me mostrassem onde e quando Deus altíssimo condenou expressamente o matrimônio. Digam-me, por favor. E onde ordenou Ele a virgindade? Sem dúvida, sei tão bem quanto vocês que, quando o Apóstolo Paulo falou da virgindade, reconheceu não ter qualquer preceito sobre o assunto: pode-se aconselhá-la às mulheres. Mas aconselhar não é o mesmo que ordenar. Na verdade, ele a deixou a nosso critério. Mesmo porque, se Deus tivesse imposto a castidade, teria com isso automaticamente proibido o casamento; e se a semente não pudesse ser plantada, como é que a virgindade iria crescer? De modo algum o Apóstolo ousaria exigir uma coisa que não tivesse sido determinada pelo seu Senhor. Na corrida da vida o prêmio está reservado à castidade: irá recebê-lo quem melhor souber competir. Nem todos, porém, estão preparados para isso; somente o estão os eleitos pela vontade de Deus. Lembro-me bem de que o próprio Apóstolo escolheu o celibato; mas, apesar de haver dito e escrito que gostaria que todos seguissem o seu exemplo, tudo o que fez foi aconselhar a castidade. Portanto, já que a sua tolerância consentiu que eu me casasse, não vejo nada de reprovável em contrair núpcias toda vez que me morre um companheiro, – sem qualquer restrição quanto ao número de vezes. Embora o Apóstolo tenha dito que é melhor para um homem não tocar em mulher (ele quis dizer no catre ou na cama, porque é perigoso aproximar fogo de estopa... e vocês sabem a que essa imagem se refere), toda a questão se resume nisto: ele achava o celibato superior ao casamento por fraqueza (e só não é fraqueza quando o casal resolve passar a vida inteira sem contactos carnais). De minha parte, posso garantir-lhes que, ainda que eu reconheça que o celibato seja realmente superior ao casamento, não tenho inveja alguma da virgindade: quem quiser ser puro de corpo e alma que o seja. Por outro lado, também não costumo gabar-me de minha posição. Afinal, nem todas as vasilhas na casa de um fidalgo são de ouro; algumas são de madeira, e, nem por isso, deixam de ser úteis. Deus tem muitos caminhos para chamar-nos a Si, concedendo a cada um uma dádiva diferente, a um isto e a outro aquilo, conforme a sua vontade. A virgindade, ligada à devoção e à abstinência, pode significar a perfeição; mas Cristo, que é a própria fonte da perfeição, não exigiu, por exemplo, que todos os homens vendessem o que têm, dessem tudo para os pobres e seguissem as suas pegadas: Ele apenas recomendou isso aos que desejam viver na perfeição... e, com a devida licença, cavalheiros, eu não desejo. Prefiro ver a flor da minha existência frutificar nos atos do matrimônio.

Além disso, gostaria que me dissessem: qual a finalidade dos órgãos de reprodução? E por que foram formados desse modo tão engenhoso? Acreditem-me, se foram feitos, é lógico que foram feitos para alguma coisa! Digam o que quiserem, – como dizem mesmo por aí, – que servem para a excreção da urina, ou então para distinguir fêmea do macho e nada mais... não é o que dizem? A experiência, contudo, prova que não é bem assim. Espero que os doutos não se zanguem comigo, mas, na minha opinião, eles foram feitos para as duas coisas, isto é, para o serviço e para o prazer da procriação (dentro do que a lei de Deus estabelece). Se não fosse assim, por que está escrito nos livros que o marido tem a obrigação de pagar seu débito à mulher? E como poderia ele pagar o seu débito, a não ser usando aquele seu instrumentinho engraçado? Por isso, a conclusão só pode ser uma: eles existem tanto para a purgação da urina quanto para a concepção.

É claro que não estou afirmando que todo mundo, só porque está dotado do equipamento de que falei, tem que sair por aí a gerar filhos: nesse caso, ninguém se importaria com a castidade. Cristo era virgem, em forma de homem; e muitos outros santos, desde que o mundo começou, sempre viveram em perfeita pureza. Eu mesma, porém, como disse, não invejo a virgindade: eles podem continuar sendo o pão de trigo refinado; mas deixem que nós, mulheres, sejamos o pão de cevada... E não foi com pão de cevada, como narra São Marcos, que Nosso Senhor Jesus alimentou a multidão? Aceito a condição que Deus me destinou; não sou exigente. Por isso, no casamento sempre hei de usar o meu aparelhinho com a mesma generosidade com que ele me foi dado pelo Criador. Que Deus me castigue, se um dia eu me tornar difícil: ele estará noite e dia à disposição de meu marido, sempre que sentir vontade de vir pagar seu débito. Podem estar certos de que não vou criar problemas se ainda tiver outro marido, pois ele será meu devedor e meu escravo, devendo descontar na carne as suas atribulações, enquanto eu for sua esposa. Seu corpo pertencerá a mim, e não a ele, durante toda a vida, porque foi assim que o Apóstolo nos ensinou, ordenando a nossos maridos que nos dessem seu amor. Eis aí uma sentença que me agrada muito.

Nesse ponto, o Vendedor de Indulgências a interrompeu: "Por Deus e por São João! Que grande pregadora a senhora está se revelando a respeito desse tema! Eu mesmo estava para casar-me; mas então pensei, – ai! por que pagar tão alto preço, com meu próprio corpo? E decidi assim ficar solteiro."

Um momento, disse ela; ainda nem comecei a minha história. Não, se não esperar que eu continue, provavelmente irá beber de outro barril, mais amargo que a cerveja escura. Só quando eu concluir o meu relato de como o matrimônio é um flagelo (e disso posso falar de cátedra, porque o flagelo tenho sido eu mesma), é que você saberá se convém ou não provar do barril de que ora estou tratando. De qualquer forma, tome cuidado antes de chegar perto, pois vou dar mais de uma dezena de exemplos. "Quem não aprende com os outros, com ele os outros aprenderão": são essas as sábias palavras que Ptolomeu escreveu em seu *Almagesto*, onde poderá encontrá-las.

"Senhora", prosseguiu o Vendedor de Indulgências, "se não fizer objeções, rogo-lhe que continue a narração de seus casos, sem poupar a quem quer que seja, instruindo a nós, jovens inexperientes, com sua prática."

Com prazer, respondeu ela, se for de seu agrado. Antes, porém, peço a todos os companheiros que, como sempre falo o que me vem à cabeça, não levem a mal minhas palavras. Mesmo porque meu único propósito é diverti-los.

Muito bem, senhor; creio que agora posso prosseguir com minha história. E que eu nunca mais beba vinho nem cerveja, se o que eu disser for mentira: dos maridos que tive, três eram bons, e dois, ruins. Os três bons eram ricos e velhos; e era só com muito sacrifício que conseguiam manter de pé o Artigo que, segundo a lei, nos unia (vocês sabem o que quero dizer com isso). Deus me perdoe, mas ainda rio quando me recordo de como os fazia trabalhar à noite sem piedade! E juro como fazia isso desinteressadamente: sim, porque eles já haviam passado em meu nome todos os seus bens e terras, de modo que eu não tinha necessidade alguma de agradá-

los ou de esforçar-me para conquistar o seu afeto. Deus do Céu, já que tinham tanto amor por mim, eu não tinha porque lutar por seu amor. A mulher prudente, quando precisa do marido, deve fazer de tudo para cativá-lo; mas eu, que tinha a todos na palma da mão e já era dona das suas propriedades, por que razão iria satisfazê-los, se não fosse também por minha conveniência e meu prazer? É esse o motivo, palavra, porque os punha a trabalhar à noite e os fazia gemer "Ai, ai de mim!" Eles nunca poderiam ser contemplados com a manta de toicinho que em Dunmow, no Essex, se oferece anualmente como prêmio ao casal perfeito. Eu os dominava de tal forma, que eles ficavam alegres e felizes só de me trazerem coisas de presente do mercado. E também se davam por satisfeitos quando eu os tratava bem, pois normalmente, sabe Deus, eu ralhava com eles sem parar.

Vejam como eu trazia tudo nos eixos: as esposas inteligentes, que entendem das coisas, sabem que o melhor é manter os maridos sempre na defensiva... pois os homens não conseguem jurar e mentir nem a metade do que as mulheres costumam. É claro que não estou dizendo isso para as mulheres experientes, e sim para aquelas que precisam de uma boa orientação. A experiente, que tem as armas para defender-se, não só é capaz de convencer o marido enganado de que a gralha linguaruda que a denuncia está maluca, mas também chama a própria criada como testemunha de sua inocência. Mas ouçam o que eu costumava dizer:

"Escute aqui, oh velho preguiçoso, então é assim que se faz? Sabe por que a mulher do vizinho está sempre contente? É porque todos lhe dão atenção quando sai à rua! Ao contrário de mim, que nem posso sair de casa porque não tenho sequer um vestido decente para usar. E o que você vive fazendo na casa dela? Você a acha tão bonita? Está apaixonado? Valha-me Deus, pensa que não o vejo a cochichar com a criada? Bode velho, não percebe que o tempo de farras já passou? Mas eu, se tenho um confidente ou um amigo e dou um pulo à casa dele para distrair-me, você me cai em cima como um demônio, acusando-me de coisas que nunca fiz. Chega da rua bêbado como um gambá, e lá do seu banquinho, – ele que leve a breca, – põe-se a me fazer sermões, falando da desgraça que é casar-se com uma pobretona, por causa da despesa. Quando a mulher é rica e de alta classe, você diz que é um tormento suportar o seu orgulho e a sua melancolia; quando é bonita, canalha, diz que cede ao primeiro conquistador que surge à sua frente, pois, com tantas investidas, não há castidade que resista.

"Você diz que um nos quer por nossas riquezas, outro por nosso talhe, outro por nossa formosura, outro porque sabemos cantar ou dançar, outro porque somos graciosas ou provocantes, outro por causa dos braços e das mãos pequenas... na sua opinião, vamos todas para o diabo! Diz você que ninguém defende os muros do castelo quando o cerco é geral e demorado. E, quando a mulher é feia, você acha que se entrega ao primeiro em que puser os olhos, saltando sobre ele como um cachorrinho doido para encontrar alguém que o compre. De acordo com você, não há gansa no lago, por mais cinzenta que seja, que dispense um companheiro; mas, por outro lado, é difícil para um homem manter uma coisa que ninguém faz questão de possuir. É o que você diz, vagabundo, quando vai para a cama. E mais: que um homem inteligente não tem necessidade de casar-se, principalmente se pretende entrar no Céu... Que o raio enfurecido e o relâmpago de fogo lhe partam o pescoço murcho! Você diz que a goteira, a fumaça e a mulher rabugenta são as três coisas que espantam o homem de sua casa Ah, ouça-me Deus! Que bicho o mordeu, para o velho resmungar assim? E, como se não bastasse, você diz que nós mulheres escondemos os nossos defeitos até casarmos, mas depois nos mostramos como realmente somos... Um ditado desses só podia mesmo vir da boca de um asno! E ainda você diz que bois, burros, cavalos e cachorros são experimentados várias vezes antes da compra, e o mesmo se faz com tigelas, bacias, colheres, banquinhos e outras tralhas, assim como panelas, roupas e adereços... mas que ninguém experimenta as mulheres antes do casamento, – velho caduco e ignorante! – e, por isso, os seus defeitos só aparecem depois. Também diz que me aborreço quando você não elogia minha beleza, não fica de olhar pregado em meu rosto nem me chama de "minha senhora" em toda parte, não me presenteia quando faço aniversário nem me compra roupas bonitas, não trata bem minha criada, nem minha camareira em meu quarto, nem os

parentes de meu pai e seus amigos... não é o que diz, velho tonel de mentiras? E, no entanto, fica aí injustamente desconfiado de Janekin, o nosso aprendiz, só porque tem cabelos cacheados, que brilham como o ouro fino, e é gentil comigo sempre que me vê. Pois saiba que não o quero, nem que amanhã você morra!

"Mas agora diga-me uma coisa, desgraçado: por que você escondeu as chaves do baú? Pelos Céus, ele é tanto meu quanto seu. O que é isso, quer me fazer de boba? E não adianta ficar bravo, pois juro por São Tiago que você vai ter que escolher entre meu corpo e meu dinheiro; de um deles terá que abrir mão; pode até se arrebentar.

"E o que significa essa história de andar me investigando e espionando? O que você gostaria mesmo era de me ver trancada em seu baú. Mas isto é o que você deveria dizer-me: 'Meu bem, pode ir aonde quiser, distraia-se, não acredito em boatos. Sei que você é fiel, dona Alice.' Nós não amamos os homens que estão sempre querendo saber aonde vamos; gostamos de liberdade. Entre todos os homens, bendito seja o sábio astrólogo Dom Ptolomeu, que escreveu este provérbio no *Almagesto*: 'O homem mais inteligente é aquele que não se preocupa em saber quem tem o governo do mundo.' Por esse adágio se deve entender que aquele que tem o suficiente não precisa ficar reparando na felicidade dos outros. Com licença, mas aí está, velho caduco: por que tanta preocupação, se você sabe que à noite não vai passar sem a sua boceta? Deve ser muito avaro o homem que não permite que um outro acenda uma vela em seu candeeiro; não é por causa disso que ele vai ter luz de menos. Se você tem o suficiente, por que vive a se queixar?

"Você diz, além disso, que quando nos vestimos bem, com trajes e jóias de valor, colocamos em perigo a nossa castidade, reforçando essa afirmação infeliz com a citação destas palavras do Apóstolo: 'Da mesma sorte que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso.' Dou menos importância que um mosquito a este seu texto e às suas ordens. Na sua opinião sou como o gato: quando o dono lhe chamusca o pelo ele não quer saber de rua; mas, quando está macio e lustroso, ele não pára em casa meio dia, e, antes que o sol desponte, já sai para mostrar-se e dar miados por aí. Naturalmente, o que você quer dizer com isso, – não é, burro? – é que, se me visto bem, é só para exibir a minha roupa. Velho tonto, que adianta espionar-me? Nem que você contratasse Argo dos cem olhos para ser meu guarda-costas (e melhor que ele não há), poderia impedir-me de fazer o que quisesse: eu haveria de enganá-lo em suas próprias barbas!

"Você falou também que 'sob três coisas estremece a terra*, e sob uma quarta ninguém pode subsistir'. Meu ilustre ignorante (que Jesus lhe encurte os dias!), como você tem coragem de apregoar que a 'odiosa' mulher é tida como uma dessas desgraças? Será que é tão grande assim a falta de idéias apropriadas para as suas parábolas que você tem que incluir nelas a coitada da mulher?

"Além disso, você adora comparar o amor da mulher com o inferno, com a terra árida onde a água não mora, e também com o fogo sem controle, que quanto mais queima mais deseja consumir tudo o que é inflamável. E depois afirma que assim como o verme aniquila uma árvore, assim também a mulher destrói o marido... como bem sabem todos os que estão presos aos vínculos do matrimônio."

Cavalheiros, como vêem, era assim, sem tréguas, que eu acusava maridos velhos de dizerem essas coisas quando estavam bêbados... Era tudo mentira, é claro, mas eu chamava Janekin como testemunha, e também minha sobrinha. Oh Senhor, pela santa paixão de Cristo, que dores e sofrimentos os fiz passar sem culpa! De fato, eu mordia e rinchava como uma égua e punha a boca no mundo quando estava errada, mesmo porque, se não fizesse isso, em belas enrascadas me veria. Quem chega primeiro ao moinho é quem mói primeiro a farinha; como era a primeira a me queixar, ganhava todas as paradas. Eles ficavam felizes em se desculparem, mais que depressa, das culpas que não tinham. Acusava-os de aventuras com mulheres até quando mal se agüentavam em pé por causa da doença; e, ainda por cima, sentiam-se lisonjeados, tomando

isso como prova de minha grande paixão por eles. Também jurava que minhas saídas à noite eram para espionar os seus encontros amorosos; e, graças a essa desculpa, pude ter muitas alegrias. Pois esses talentos já nasceram conosco: Deus quis que as mentiras, as lágrimas e as intrigas fizessem parte da natureza da mulher, em todas as idades. Por isso, há uma coisa de que me orgulho muito: no fim das contas, eu sempre levava a melhor em tudo, de um Jeito ou de outro, por esperteza ou à força, e sempre com resmungos e queixumes. Era na cama, principalmente, que eu judiava deles, xingando-os, evitando as suas carícias e ameaçando levantar-me quando tentavam me abraçar; e só depois que me pagavam o resgate é que eu, finalmente, consentia que fizessem o seu trabalhinho. É por isso que sempre digo a todos os homens: compre quem for capaz, porque tudo está à venda; ninguém consegue atrair um falcão com as mãos vazias. Era por causa do lucro que eu suportava a luxúria dos três primeiros maridos, e até demonstrava um apetite fingido, – pois nunca tive predileção por carne seca. E era por isso também que eu os repreendia tanto, não os poupando à própria mesa, nem que, ao lado deles, estivesse sentado o Papa. Podem crer, eu não deixava palavra alguma sem troco; e, se agora mesmo tivesse que fazer meu testamento, juro, pelo Deus verdadeiro e onipotente, que não encontraria um desaforo que eu não tivesse saldado. Eu agia sempre com tal habilidade que eles achavam melhor desistir, pois, caso contrário, não teriam paz; e, embora parecessem leões furiosos, não sabiam dar o bote.

E então eu vinha e dizia: "Querido, repare como é doce o nosso carneirinho Willikin! Venha para perto de meu marido, deixe-me dar-lhe um beijinho... É manso e paciente assim que você precisa ser, com muita delicadeza de consciência, já que você vive elogiando a paciência de Jó; e como sabe pregar bem, pratique o que prega, senão prometo que vamos ensiná-lo como é bom estar em paz com a mulher. Um de nós dois tem que baixar a cabeça, quanto a isso não resta dúvida; e como o homem é mais ajuizado que a mulher, é você quem deve se conformar. De que adiantam bufos e resmungos? É porque você não quer repartir minha boceta com ninguém? Ora, não seja por isso... ela é toda sua! Por São Pedro, eu só não o amaldiçôo porque você gosta mesmo dela. Se eu quisesse vender a minha *belle chose*, aposto como andaria por aí bonita como uma rosa. Mas vou guardá-la só para o seu bico. Ah danadinho, juro por Deus que é verdade!" Eu sempre tinha essas palavras de prontidão para contornar as dificuldades. E agora vou falar de meu quarto marido.

Meu quarto marido era um farrista... ou seja, tinha uma amante. E eu ainda jovem, cheia de vida, teimosa, forte, e alegre como uma pega! Como eu dançava ao som de uma pequena harpa! E como cantava igual a um rouxinol, depois de tomar um gole de vinho doce! Metélio,* aquele cafajeste sujo, aquele porco, que matou a mulher a pauladas só porque gostava de vinho, se fosse meu marido não seria capaz de separar-me da bebida. E, depois do vinho, o que mais me agrada é Vênus, pois, assim como o frio traz o granizo, uma boca sequiosa traz um rabo quente. Qualquer conquistador barato sabe, por experiência, que a mulher que bebeu fica indefesa.

Senhor meu Jesus, quando me lembro dos tempos em que era jovem e bonita, meu coração até bate mais depressa... ainda hoje sinto lá dentro uma satisfação enorme só de pensar como aproveitei bem a vida enquanto pude. Mas depois veio a idade, que envenena tudo, e me roubou a beleza e o pique... Não faz mal. Adeuzinho! Vão para o diabo! Acabou-se a farinha, não há o que discutir: agora faço o que posso para vender o farelo, sem perder a alegria de viver. Mas deixem-me falar de meu quarto marido.

Confesso que, no íntimo, fiquei muito despeitada por ele ter ido procurar outra. E paguei-o na mesma moeda, por Deus e por São Judoco: armei-lhe uma cruz do mesmo lenho – não com meu corpo, de modo pecaminoso (é claro); simplesmente fui tão coquete com os outros homens, que ele, de raiva e de ciúme, acabou frito na própria gordura. Por Deus, creio que sua alma agora deve estar no Paraíso, porque aqui na terra eu já fui seu Purgatório. Deus é quem pode dizer as vezes em que ele se sentava e gemia quando os sapatos lhe apertavam sem piedade os pés! Mesmo porque só Deus e ele sabem as terríveis agruras que, de um jeito ou de outro, o fiz passar. Ele morreu quando voltei de Jerusalém, e foi enterrado no transepto da igreja – embora num

sepulcro bem menos trabalhado que aquele que Apeles teria esculpido para Dario. Sepultá-lo com luxo seria desperdício. Deus o guarde e lhe dê a paz eterna; finalmente descansa no seu túmulo e no seu caixão.

E agora quero contar-lhes a respeito de meu quinto marido... não permita Deus que sua alma se dane, apesar de ter sido o mais duro de todos. Acho que até o dia de minha morte vou sentir as pancadas que me deu em cada uma das costelas. Mas era tão animado e fogoso na cama, e sabia ser tão atraente quando desejava a minha *belle chose*, que, ainda que tivesse acabado de quebrar-me os ossos um a um, imediatamente reconquistava o meu amor. Acho que eu gostava mais dele porque era o que me tratava com maior desdém. Se não minto, nessa questão nós mulheres nos guiamos por uma fantasia caprichosa: ficamos o dia inteiro a implorar e a cobiçar tudo aquilo que não está facilmente a nosso alcance. Proíbam-nos uma coisa, e nós choramos por ela; fugimos dela, no entanto, quando nos é ofertada. É com pouco caso que expomos nossa mercadoria: os preços altos estimulam a procura, e ninguém dá valor ao que é barato. Toda mulher inteligente sabe disso.

Meu quinto marido, – Deus o guarde, – com quem me casei por amor e não por interesse, tinha sido estudante em Oxford; depois, tendo deixado a escola, veio morar em nossa cidade, onde se tornou pensionista de uma minha comadre, de nome Alison, – Deus a tenha em bom lugar! Nem o cura da paróquia conhecia meu coração e minha vida tão bem quanto ela, pois todos os segredos meus e os que meu quarto marido me confiava, – desde a mijada que dera num muro até um erro que poderia custar-lhe a vida, – eu revelava a ela somente, – além de a uma outra senhora de respeito, e a minha sobrinha, por quem eu tinha muita estima. E fazia isso com tanta freqüência que, sabe Deus, – muitas vezes ele corava de vergonha, arrependido de me haver contado coisas tão pessoais.

E aconteceu então que, numa quaresma... eu costumava muito visitar minha comadre, pois sempre gostei de movimento, de andar de casa em casa, março, abril e maio, para ouvir os mexericos... e então aconteceu que Janekin, o estudante, dona Alison, minha comadre, e eu própria fomos juntos passear pelos campos. Como meu marido devia passar toda a quaresma em Londres, isso me deixava com mais liberdade para divertir-me, para ver pessoas interessantes e para ser vista por elas... pois como eu podia saber o que o destino me reservava de bom, e em que lugar? Por isso, eu estava sempre participando de procissões e vigílias, pregações e romarias, peças de milagres e casamentos, e sempre com minhas alegres roupas vermelhas... Nenhum bichinho, verme ou traça, – juro como é verdade, – jamais pôde atacá-las. E sabem por quê? Porque eu não as tirava do corpo.

Mas deixem-me contar o que aconteceu então. Como eu dizia, estávamos a passear pelos campos, quando comecei a tirar linha com esse estudante; e, por precaução, cheguei-me a ele e disse-lhe que, se ficasse viúva, era com ele que eu queria casar-me. De fato, sou muito prevenida, – tanto nessa questão de casamento como em outras coisas, – pois sempre achei que o rato que só tem um buraco para esconder-se está perdido: se falha aquele, acabou-se a brincadeira. Eu o fiz acreditar então que estava caidinha por ele (foi minha mãe quem me ensinou esse truque), contando-lhe que havia sonhado com ele a noite inteira: eu estava deitada de costas e ele queria me estripar, e minha cama ficou toda coberta de sangue... "Mas espero que seja um bom sinal, porque me disseram que o sangue significa ouro." É claro que era tudo mentira, eu não tinha sonhado com ele coisa nenhuma; era só que, nisso e em outras coisas mais, eu gostava de seguir os conselhos de minha mãe. E foi então, cavalheiros... vejamos, o que é mesmo que eu ia dizer? Ah sim, por Deus, já tenho o fio da meada.

No dia do velório de meu quarto marido, eu me lamentava e chorava o tempo todo, como costumam fazer as viúvas, cobrindo o rosto com um véu. Posso assegurar-lhes, porém, que as lágrimas de verdade eram poucas, mesmo porque eu já estava com o próximo casamento em vista.

Na manhã seguinte meu finado marido foi levado para a igreja, em meio às demonstrações de luto dos vizinhos. E entre eles se achava Janekin. Meu Deus, quando o vi atrás

do féretro e bati os olhos naquele par de pernas tão bonitas e bem-feitas, senti que daquela hora em diante meu coração lhe pertencia. Calculo que ele devia ter uns vinte anos; e eu quarenta, se não minto... Mas meu apetite sempre foi de jovem. Não é à toa que tenho esta janela entre os dentes, que é considerada a marca e o selo da Sagrada Vênus. Deus me valha, que sempre fui muito sensual... além de bonita, rica, jovem, bem situada, e (como não se cansavam de dizer os meus maridos) dona da melhor cônia que existe. A realidade é que, no sentimento, sou toda venusina, enquanto meu coração é marciano; Vênus me deu o desejo, a lascívia; e Marte, a teimosa persistência. Meu ascendente no horóscopo estava em Touro, com a presença do planeta Marte... Ai, ai, por que o amor tinha que ser pecado? Sempre segui a inclinação imposta por meu signo: por conseguinte, nunca fui capaz de negar minha câmara de vênus a um rapaz atraente. Por outro lado, trago o sinal de Marte impresso em minhas faces, – e também em outra parte mais íntima. O resultado, Deus me perdoe, é que nunca amei com moderação, entregando-me completamente a meus impulsos, fosse o homem baixo ou alto, escuro ou claro. Também nunca procurei saber qual a sua fortuna ou posição social; tudo o que importava era que gostasse de mim.

Depois disso, o que posso dizer é que, ao cabo de um mês, o alegre Janekin, que era tão encantador, já havia me desposado, em meio a grande pompa. E a ele confiei todos os meus bens e minhas terras, tudo o que amealhara em meus casamentos anteriores... Coisa de que logo me arrependi amargamente, porque ele então resolveu não mais deixar-me fazer nada do meu jeito. Por Deus, uma vez, só porque eu rasgara uma folha de seu livro, ele chegou a bater-me na cabeça com tanta força que eu acabei ficando surda de um ouvido. Eu, porém, era teimosa como uma leoa e tinha um língua que era uma matraca, de modo que, apesar da proibição dele, continuei a proceder como sempre, andando de casa em casa. E ele, para domar-me, punha-se a pregar e a contar histórias de Roma antiga, lembrando como um tal de Simplício Galo deixou a esposa e a abandonou pelo resto da vida só porque um dia a viu espiar porta afora com a cabeça descoberta.

Também falava de outro romano, cujo nome me escapa, que, porque sua mulher comparecera a um festival de verão sem o seu conhecimento, igualmente a repudiou; e depois procurava na Bíblia aquele provérbio do *Eclesiástico* que reza e ordena estritamente que o homem não deve permitir à mulher que zanze pelas ruas; e, para terminar, vinha sem falta este adágio:

“Quem sob um teto de salgueiro mora,
E num cavalo cego aplica a espora,
E deixa a esposa ir longe rezar fora,
Deve ser enforcado sem demora.”

Mas tudo inutilmente. Para mim não passavam de bagatelas ridículas todos esses provérbios e citações antigas, e eu não me corrigia. Odeio quem critica os meus defeitos, – e Deus sabe que assim faz a maioria das mulheres, e até mais. E como não houvesse modo de submeter-me, meu marido ficava cada vez mais louco da vida comigo.

Mas agora, por Santo Tomás, vou contar-lhes a verdade por que rasguei aquela folha do livro dele e levei a bofetada que me deixou surda. Tinha ele uma obra que noite e dia estava sempre lendo com gozo e satisfação; dizia chamar-se *Valério e Teofrasto**, e suas páginas lhe provocavam boas gargalhadas. Além disso, havia outrora em Roma um clérigo, um cardeal, de nome São Jerônimo, que escrevera um livro contra Joviniano, que ele também possuía; e mais Tertuliano, Crisipo, Trótula, Heloísa, que era abadessa perto de Paris, os *Provérbios* de Salomão, *a. Arte do Amor* de Ovídio, e muitos outros... e todas essas obras estavam encadernadas num só volume. E, como eu disse, noite e dia, sempre que dispusesse de um momento de lazer ou folga em suas ocupações, era seu costume tomar desse calhamaço e ficar lendo a respeito de mulheres pérfidas. Sabia mais lendas e casos sobre elas que sobre as mulheres virtuosas da Bíblia. Porque, podem crer, é impossível encontrar um letrado que fale bem das mulheres (a não ser nas biografias das santas; fora isso, nunca). É a velha fábula de Esopo: “Quem pintou o leão?* Vamos, digam-me!” Por Deus, se, em vez dos doutos nos claustros, fossem as mulheres que

escrevessem as histórias, veríamos mais maldade entre os homens do que todos os representantes do sexo de Adão poderiam redimir. Os filhos de Mercúrio e Vênus sempre operam em sentidos contrários: Mercúrio ama a sabedoria e a ciência, enquanto Vênus prefere as festas e o esbanjamento. Devido a essas posições opostas, cada planeta tem sua queda na exaltação do outro; conseqüentemente, – sabe Deus, – Mercúrio se enfraquece em Peixes, signo em que Vênus se eleva, e Vênus cai onde Mercúrio está exaltado. Eis aí porque nenhuma mulher recebe elogios de um douto. E o douto, por sua vez, quando fica velho e não consegue mais prestar serviço a Vênus, mais inútil que um par de botinas rotas, tudo o que faz é ficar sentado o tempo todo, escrevendo, em sua caduquice, que as mulheres são infiéis no matrimônio.

Mas agora, por Deus, vou, como prometi, contar-lhes porque apanhei por causa de um livro. Uma noite Janekin, nosso esposo, estava sentado junto ao fogo, lendo aquele seu volume. Leu primeiro a respeito de Eva, cuja transgressão atirou na miséria toda a humanidade, levando Jesus Cristo a morrer por nós e a redimir-nos com o sangue de seu coração... Sim, por aí já se podia ver claramente como foi a mulher a causa da perdição do ser humano.

Depois, leu ele para mim a história de Sansão, que teve a cabeleira cortada com uma tesoura durante o sono, por obra de sua amante, e, devido a essa traição, ficou com ambos os olhos vazados.

Depois, se não minto, leu-me a respeito de Hércules e Dejanira, a qual provocou a morte do amado, levando-o a atear fogo em si mesmo.

Também não se esqueceu da dor e do sofrimento de Sócrates com suas duas mulheres, narrando como Xantipa, a ralhar com ele, despejou-lhe na cabeça um penico cheio de urina; o coitado, imóvel como um defunto, só se animou a dizer, enquanto limpava a sujeira: “Nem bem cessa o trovão, desaba a chuva”.

Achava ele particularmente picante, por causa da perversão, a história de Parsífaa*, rainha de Creta... Irra, melhor nem falar dela: que coisa repugnante sua horrível devassidão e sua falta de gosto.

Leu também com muito interesse a respeito de Clitemnestra, cuja lascívia foi a traiçoeira causa da morte do esposo.

Depois meu marido me contou como Anfiarau perdeu a vida em Tebas, reproduzindo a história de sua esposa Erifile, que, a troco de uma pequena jóia de ouro, revelou aos gregos o lugar de seu esconderijo secreto, o que determinou sua desgraça. Falou-me igualmente de Lívia e de Lucília: foram ambas responsáveis pelas mortes de seus respectivos maridos, aquela por ódio, esta por amor. Lívia, que detestava o consorte, uma noite o envenenou; Lucília, que amava perdidamente o esposo, e que tanto desejava ocupar-lhe sozinha os pensamentos, ministrou-lhe uma espécie de filtro de amor, que veio a matá-lo antes do romper da aurora. E assim (demonstrava ele), de um jeito ou de outro, os maridos sempre se dão mal.

Em seguida, narrou-me ele o caso de certo Latúmio, que se queixava ao amigo Árrio de uma árvore que lhe crescia no jardim, pois nela suas três esposas haviam-se enforcado de desgosto. “Oh meu caro irmão”, disse-lhe Árrio, “arranje-me logo uma muda dessa árvore bendita para eu plantar no meu jardim”.

Leu-me depois sobre mulheres mais recentes, como a que havia matado o marido na própria cama e, a seguir, teve relações com o amante a noite inteira, sem se importar com o cadáver deitado de costas no chão; ou como aquela que dera cabo do esposo enquanto dormia, martelando-lhe um prego nos miolos; ou como aquela outra, que misturava veneno na bebida. Falava mais mal das mulheres do que a nossa mente pode imaginar, e conhecia mais provérbios a respeito delas do que há fios de relva neste mundo: “É melhor”, dizia, “viver com um leão ou com um dragão horrendo do que com uma mulher que ralha o tempo todo”; ou então: “É melhor morar sozinho em cima do telhado do que debaixo dele com uma mulher rabugenta, pois elas são tão perversas e contraditórias que odeiam tudo o que os maridos apreciam”; ou então: “A mulher se livra da vergonha assim que se livra das roupas”; ou ainda: “A beleza em mulher pecadora é como uma argola de ouro no focinho de uma porca”. Ninguém sabe, ou sequer

imagina, quanto isso me machucava o coração e me fazia sofrer!

Por isso, quando percebi que ele pretendia passar a noite inteira lendo aquele maldito volume, num impulso repentino arranquei-lhe três folhas do livro, enquanto ele ainda lia, e desferi-lhe tal soco no rosto que ele perdeu o equilíbrio e caiu de costas no fogo. Levantou-se então de um salto, como um leão endoidecido, e, com o punho, bateu-me com tanta violência na cabeça que vim ao chão desfalecida. Ao ver que eu não me mexia, ficou horrorizado, julgando-me morta; e teria fugido dali se eu, finalmente, não tivesse recobrado os sentidos: 'Oh, você me matou, ladrão traiçoeiro?" gemi; "foi por causa de minhas terras que você me assassinou? Assim mesmo, antes que eu morra, quero dar-lhe um beijo". Ao ouvir isso, ele se aproximou e se ajoelhou junto a mim, dizendo: "Alice, minha querida, Deus me ajude, nunca mais vou bater em você. Se fiz isso, foi por sua culpa. Perdoe-me, eu lhe suplico!" Aproveitei-me de sua proximidade e dei-lhe outro soco no rosto, gritando: "Bandido, estou vingada. Agora posso morrer; não preciso dizer mais nada."

Mais tarde, porém, após lamentos e queixas, finalmente nos reconciliamos. Ele entregou o cabresto em minhas mãos, confiando-me a direção da casa e das terras, bem como o controle de sua pessoa, – palavras, atos, tudo. E eu, sem perda de tempo, o fiz queimar o tal livro. E a partir do momento em que, graças à minha habilidade, recuperei o comando, e desde o instante em que me disse: "Minha fiel mulherzinha, você é livre para fazer o que quiser; guarde a sua honra e proteja a minha dignidade", nunca mais houve briga entre nós dois. Por Deus, fui tão compreensiva e tão fiel a ele, que da Dinamarca à Índia não se encontraria esposa igual. E assim também era ele comigo. Por isso, peço a Deus, em sua majestade, que lhe abençoe a alma com sua graça infinita. E agora, se estiverem de acordo, vou dar início a meu conto.

Eis o Diálogo entre o Oficial de Justiça Eclesiástica e o Frade.

Riu-se o Frade ao ouvir isso: "Minha senhora", disse ele, "guarde-me Deus, mas que longo preâmbulo para um conto!" O comentário não agradou ao Oficial de Justiça Eclesiástica, que exclamou: "Ora, ora, pelos dois braços de Cristo! Por que é que os frades têm que se intrometer em tudo? Aí está, boa gente: em cada prato e em cada conversa sempre caem uma mosca e um frade! Que entende você de preambulação? Vá com calma, vá no trote, vá mijar, vá sentar-se, faça qualquer coisa, mas não venha perturbar a nossa diversão."

"Ah, é o que quer, senhor Beleguim?" retorquiu o Frade. "Pode deixar, que nesta viagem ainda hei de contar uma ou duas histórias de beleguins, que vão fazer todo mundo aqui morrer de rir."

"E eu, Frade," ajuntou o Oficial de Justiça Eclesiástica, "vou lhe amaldiçoar a face, e a mim mesmo, se, antes de chegarmos a Sittingbourne, eu não narrar dois ou três casos de frades, que vão fazer seu coração gemer... Ainda mais que está enfezado desde já."

"Silêncio agora mesmo!" gritou nosso Albergueiro. "Deixem que a senhora conte a sua história. Até parece que vocês tomaram uma bebedeira de cerveja! Por favor, senhora, inicie seu conto, que é melhor."

"Pois não, senhor", respondeu ela, "como queira... Com a devida licença do ilustre Frade."

"Concedida, minha senhora," respondeu ele; "pode começar, que sou todo ouvidos."

Aqui a Mulher de Bath conclui o seu Prólogo.

Aqui tem início o Conto da Mulher de Bath.

Nos velhos tempos do Rei Artur, de quem os bretões narram os feitos gloriosos, em toda esta terra pululavam os duendes; e a rainha das fadas, com seu alegre séquito, frequentemente

dançava em muitos dos verdes prados... era essa, pelo que posso ler, a antiga crença, pois falo de muitos séculos atrás. Hoje em dia, porém, ninguém mais pode ver esses duendes, e isso por causa da grande caridade e das orações dos mendicantes e dos outros santos frades, que, numerosos como as partículas de pó num raio de sol, esquadrinham todas as terras e torrentes, benzendo salões, câmaras, cozinhas, alcovas, cidades, burgos, castelos, torres elevadas, aldeias, celeiros, estábulos, leiterias... e dando sumiço às fadas. Por conseguinte, no lugar onde antes passava o gnomo, hoje quem passa é o próprio frade, a rezar as suas matinas e as suas coisas santas de tarde e de manhã, enquanto percorre a sua zona de esmolar. Agora as mulheres podem andar tranqüilas por toda parte, pois o único incubo que encontram, sob as árvores ou atrás das moitas, é o bom frade. E ele por certo não lhes fará nenhum mal, – exceto deflorá-las.

E deu-se então que o Rei Artur tinha em sua corte um ardoroso jovem solteiro, que um dia, praticando a cetraria às margens de um rio, sozinho como ao nascer, avistou uma donzela que caminhava à sua frente. Sem perder tempo, não obstante tudo o que ela fez para resistir, ele arrebatou-lhe a virgindade. Essa violência fez chegar ao Rei Artur tais clamores e tantos apelos, que aquele cavaleiro foi condenado à morte pela justiça do reino. E teria sido imediatamente decapitado (ao que parece, era o que a lei então determinava), se a rainha e outras damas não tivessem interferido junto ao soberano, suplicando-lhe com insistência a graça. O rei por fim houve por bem atendê-las, entregando o culpado à esposa para que ela própria, a seu critério, decidisse se deveria viver ou morrer. A rainha agradeceu de modo efusivo ao marido, e um dia, quando a ocasião lhe pareceu oportuna, assim se dirigiu ao cavaleiro: “A sua situação ainda não lhe dá qualquer certeza de que tem salva a vida. Prometo-lhe, no entanto, livrá-lo da morte, se puder dizer-me o que é que as mulheres mais desejam. Cuidado! Não exponha o pescoço ao ferro do carrasco. Se ainda não souber, concedo-lhe um ano e um dia para que saia pelo mundo à procura de uma resposta satisfatória para a questão. E, antes que se vá, deverá jurar-me que há de voltar aqui, dentro do prazo, para se entregar.”

O cavaleiro, cheio de angústia, suspirava desconsolado. Mas... e daí? Nem tudo podia ser como queria. Assim sendo, achou enfim que era melhor partir e retornar, dali a exatamente um ano, com a resposta que lhe provesse Deus. E despediu-se então, e se pôs a caminho. Inquiria em todas as casas e lugares, onde quer que tivesse esperança de encontrar mercê, a fim de descobrir o que as mulheres mais amam. Mas em parte alguma pôde achar duas criaturas que estivessem de acordo a esse respeito.

Diziam alguns que aquilo que mais amam as mulheres é a riqueza; diziam outros que a honra; e outros, que a futilidade. Alguns afirmavam que o que elas mais querem são as belas roupas; outros, os prazeres do leito, enviuvando-se e casando-se muitas vezes. Alguns pensavam que o que mais nos alegra o coração são os elogios e os agrados... e, de fato, esses não estavam longe da verdade: é com a adulação que os homens nos conquistam; e, grandes e pequenas, somos apanhadas com atenções e cortesias. Outros, porém, acreditavam que o que mais apreciamos é a liberdade, é fazer as coisas do nosso jeito, sem que nenhum homem venha apontar as nossas imperfeições, pois gostamos de ser consideradas inteligentes e espertas. Na verdade, quando nos pisam nos calos, todos nós gritamos, pois a verdade machuca: experimentem fazer isso, e verão que tenho razão. Por mais defeitos que possamos ter lá dentro, queremos sempre passar por perspicazes e puras. E alguns, enfim, achavam que nosso maior prazer é sermos tidas como pessoas discretas e confiáveis, que sempre se mantêm firmes em seus propósitos e que jamais revelam os segredos que nos contam... Mas essa história não vale uma ova. Por Deus, nós mulheres não sabemos guardar nada! Vejam o caso de Midas. Querem saber como foi?

Conta Ovídio, entre outras coisinhas, que Midas, sob os longos cabelos que lhe ornavam a cabeça, tinha duas orelhas de burro, defeito que escondia tão habilmente da vista alheia que ninguém sabia de sua existência, salvo sua mulher. E como ele a amava e tinha toda confiança nela, havia-lhe pedido que não revelasse esta sua deformidade a criatura alguma. Ela jurou que não, que nem pelo mundo inteiro cometeria a vilania e a baixeza de expor seu marido ao ridículo,

– ainda mais que ela própria seria também atingida por essa vergonha. Parecia-lhe, entretanto, que ia morrer, só por ter que guardar um segredo por tanto tempo; parecia-lhe que o coração estava a ponto de estourar, e que ela só se livraria da angústia, se deixasse escapar uma palavrinha. Como não ousava dizer nada para outro ser humano, correu, com o peito em chamas, para um pântano nas vizinhanças e, lá chegando, num baque igual ao da garça quando desce na lagoa, enfiou a boca na água e disse: "Não vá denunciar-me com o seu marulho, oh água. Vou contar só para você e ninguém mais: meu marido tem duas longas orelhas de burro. Que alívio no coração, agora que pus isso para fora! Não dava mesmo para agüentar mais." Como vêem, podemos nos calar por algum tempo, mas depois nós temos que nos abrir. Não somos absolutamente capazes de guardar segredos. Quanto ao resto da história, leiam Ovídio*, se tiverem curiosidade, e ficarão sabendo.

O cavaleiro, de quem fala especialmente este meu conto, vendo que não chegava a qualquer conclusão sobre a coisa que as mulheres mais desejam, sentiu abater-se o ânimo no peito entristecido, ainda mais que, como o prazo se esgotara, tinha que retornar sem mais delongas à corte. No caminho da volta, oprimido pela melancolia, passava ele por uma floresta quando avistou, de repente, um grupo de vinte e quatro damas, ou mais, dançando em círculo. Apressou-se em sua direção, na expectativa de encontrar ali a ajuda de que necessitava. No entanto, assim que alcançou o local, eis que as dançarinas se desvaneceram misteriosamente no ar. Nenhuma outra criatura vivente podia-se ver ali, a não ser uma velha, sentada na grama, feia como ninguém imagina outra igual. Prontamente levantou-se a megera e veio ao seu encontro, dizendo: "Senhor cavaleiro, aqui termina a estrada. Diga-me, por sua fé, o que procura, e talvez sua sorte melhore: os velhos sabem muitas coisas."

"Ai, vovozinha", respondeu o cavaleiro, "tudo o que posso dizer é que logo estarei morto, se não descobrir o que as mulheres mais desejam. Se revelar-me o que é, saberei recompensar o seu favor."

"Então selemos o trato com um aperto de mãos", retorquiu a velha. "Se jurar atender ao primeiro pedido que, em seguida, eu lhe fizer, desde que dentro do possível, hei de contar-lhe o que é, antes do anoitecer."

"Tem a minha palavra", assegurou-lhe o jovem. "Aceito."

"Nesse caso", prosseguiu ela, "posso garantir-lhe sem falsa modéstia que sua vida está salva, porque estarei a seu lado. Tenho certeza de que a rainha dirá a mesma coisa que eu. E entre as damas orgulhosas, usem elas capeirotes ou coifas, nenhuma ousará contradizer a resposta que lhe vou ensinar. Assim sendo, vamos adiante, sem mais palavras." Então sussurrou ela uma frase ao ouvido do rapaz, e pediu-lhe que se alegrasse e não temesse mais nada.

De volta à corte, anunciou o cavaleiro que cumprira o prazo prometido e que estava preparado para dar a sua resposta. Muitas damas e muitas donzelas e muitas viúvas, – que, de todas, são as mais entendidas, – reuniram-se, sob a presidência da rainha, para o julgamento do cavaleiro, que foi a seguir convocado ao recinto. Depois que se impôs o silêncio, a rainha novamente indagou do cavaleiro, em pública audiência, o que é que as mulheres mais apreciam. Em vez de ficar parado, atônito como um idiota, ele de pronto respondeu à questão, com voz máscula, que toda a corte pôde ouvir:

"Majestade, de modo geral", disse ele, "o que as mulheres mais ambicionam é mandar no marido, ou dominar o amante, impondo ao homem a sua sujeição. Ainda que me mate, digo que é esse o seu maior desejo. Vossa Majestade agora pode fazer comigo o que quiser: estou a seu dispor."

Em toda a corte, nenhuma mulher casada, ou solteira, ou viúva discordou de sua afirmação; pelo contrário, todas declararam que o jovem merecia viver.

Ao ouvir tal sentença, ergueu-se de um salto a velha megera que o cavaleiro encontrara sentada na grama, e gritou: "Mercê, soberana rainha! Antes que se dissolva o tribunal, faça-me justiça! Fui eu quem ensinou a resposta ao cavaleiro e ele, em troca, deu-me a sua palavra de que atenderia ao primeiro pedido que, dentro do possível, eu lhe fizesse. Pois bem, senhor cavaleiro",

prosseguiu a velha, "peço-lhe agora, perante a corte, que se case comigo, já que lhe salvei a vida. À fé, recuse-me, se eu estiver mentindo!"

"Ai de mim, que desgraça!" suspirou o cavaleiro. "Lembro-me muito bem daquilo que prometi. Mas, pelo amor de Deus, peça-me qualquer outra coisa, peça-me tudo que possuo, mas não me tire a liberdade!"

"De modo algum", insistiu ela; "antes caia a maldição sobre nós dois! Posso ser feia e velha e pobre, mas, nem por todos os metais e minerais preciosos que se escondem no ventre da terra ou se espalham por sua superfície, eu perderia a oportunidade de ser sua esposa e seu amor."

"Meu amor?!" exclamou o rapaz. "Não, minha ruína! Ai, por que alguém de minha nobre estirpe tinha um dia que sofrer tamanha desventura?"

Tudo, porém, foi inútil. Não havia como fugir ao compromisso, e, no fim, foi ele obrigado a se casar, e a tomar a velha esposa, e a ir com ela para a cama.

Neste ponto, com certeza, algumas pessoas devem estar estranhando o meu descuido, pois deixei de descrever o regozijo e a pompa na festa de casamento. Mas a explicação é muito simples: é que, em lugar de regozijo e de festa, só houve aflição e tristeza. Ele a desposou pela manhã, em cerimônia íntima, e depois se escondeu, como uma coruja, pelo resto do dia. Estava, de fato, inconsolável, de tanto que a noiva era feia.

Sim, grande era o desconsolo do cavaleiro! Levado ao leito com a esposa, nada mais fazia que debater-se e revirar-se de um lado para outro. Sua consorte, sempre sorridente, disse-lhe então: "Oh, meu querido esposo, Deus que me abençoe! É assim que os cavaleiros se comportam com as noivas? É essa a praxe na corte do Rei Artur? Todos os cavaleiros são tão indiferentes? Sou seu amor e sua esposa, salvei a sua vida e nunca lhe fiz nada de mal. Por que então você se comporta assim em nossa primeira noite? Você age de um modo tão estranho! Que fiz de errado? Diga-me, pelo amor de Deus, que, se possível, tudo farei para corrigir."

"Corrigir!" replicou o cavaleiro. "Ai, não! Não, é coisa que nunca se poderá corrigir! Você é tão repulsiva, e tão velha, e de procedência tão baixa, que não é à toa que não paro de contorcer-me e revirar-me. Quisera a Deus que meu coração estourasse!"

"É essa a causa de sua inquietação?" perguntou ela.

"Sim, claro! E lhe parece pouco?"

"Ora, meu senhor", disse ela, "dentro de três dias, se eu quisesse, poderia corrigir tudo isso... E talvez até o faça, se me prometer mudar sua conduta."

A seguir, continuou: "Mas já que você mencionou há pouco a nobreza que deriva das antigas posses, que é aquela em que se baseia toda a sua fidalguia, permita me dizer-lhe que essa arrogância nada vale. Maior fidalgo deve ser considerado aquele que, em público e em particular, age sempre de maneira virtuosa, entregando-se constantemente à prática da bondade. Afinal, Cristo quer que busquemos nele a nossa nobreza, e não em nossos antepassados, com sua 'riqueza antiga'; deles só podemos herdar a fortuna e o direito de reivindicar a nossa alta linhagem, mas não a sua conduta virtuosa, que lhes garantiu o renome da fidalguia e nos estimula a seguir o seu exemplo.

"Quem tratou magistralmente esse tema foi o sábio poeta de Florença, que se chamava Dante.* Eis os versos em que expôs sua opinião:

'A ação dos homens raramente sobe
Aos galhos altos, porque é Deus que envia
A ação que gera em nós a fidalguia.'

Tudo o que recebemos de nossos antepassados são coisas temporais, que o homem pode ferir ou estropiar. E todos sabem, tão bem quanto eu, que, se a fidalguia fosse algo que se plantasse de modo natural numa estirpe, essa família, de ponta a ponta, jamais deixaria, em público e em particular, de exercer as suas nobres funções... Não mais haveria baixeza ou vício.

"Tome, por exemplo, o fogo, e coloque-o no mais escuro antro que existe entre este lugar e o Cáucaso, feche todas as entradas e vá-se embora; assim mesmo o fogo arderá e brilhará como

se estivesse sendo observado por vinte mil homens. Por minha alma, asseguro-lhe que desempenhará as suas funções naturais até extinguir-se. Você pode ver por aí como a nobreza não está vinculada à posse de heranças, pois, se estivesse, os herdeiros agiriam sempre de acordo com os princípios naturais da fidalguia, assim como o fogo segue os seus princípios naturais. Em vez disso, o que vemos é que, muitas vezes, os filhos dos nobres se conduzem de maneira torpe e vergonhosa. Quem deseja que sua fidalguia seja reconhecida apenas porque nasceu em berço ilustre e teve ancestrais dignos e virtuosos, e não faz esforço algum para se comportar ele próprio com nobreza, imitando os avoengos que se foram, seja ele duque ou conde, não demonstra a verdadeira fidalguia... Os atos pecaminosos de um vilão fazem só mais um vilão! Por isso, a sua nobreza não é mais que a reputação da magnanimidade de seus antepassados, uma virtude alheia ao seu temperamento. A nobreza legítima de fato vem de Deus apenas. É a sua graça que nos concede a fidalguia, não a herança que acaso nos é legada. Como foi nobre Túlio Hostílio, que da pobreza subiu à mais alta dignidade, – se é que podemos confiar no testemunho de Valério! Leia Sêneca, e leia Boécio também: neles há de ver, claramente, que só é nobre quem pratica nobres feitos. Em vista de tudo isso, amado esposo, eis minha conclusão: ainda que meus ancestrais tenham sido humildes, Deus altíssimo há de garantir-me a graça, que almejo, de viver virtuosamente. Assim vivendo, e evitando o pecado, será minha a verdadeira fidalguia.

"Quanto à pobreza que você reprova em mim, o próprio Deus altíssimo, no que nós acreditamos, escolheu viver na Terra em pobreza voluntária; e, por certo, todos os homens, donzelas e mulheres compreendem que Jesus, o rei dos céus, jamais escolheria para si uma forma de vida condenável. Honrada coisa é, sem dúvida, a despreocupada pobreza, – como já o disseram Sêneca e muitos outros sábios. Quem se contenta com a sua pobreza, mesmo que não tenha uma camisa para vestir, eu considero rico. Pobre é o ambicioso insatisfeito, que cobiça o que está fora de seu alcance; rico é quem não tem nada e nada deseja, ainda que a nossos olhos não passe de um servo. A verdadeira pobreza sabe cantar. Eis o que, a esse respeito, afirma Juvenal:*

'O pobre vai alegre pela estrada,
E diante do assaltante dá risada.'

A pobreza é um bem indesejável, mas, pelo que sei, pode livrar-nos de grandes aborrecimentos; é também um poderoso estímulo da sabedoria, para quem a suporta com paciência. Embora pareça mísera, a pobreza é propriedade que ninguém contesta; graças à pobreza o homem, quando humilde, conhece melhor a Deus e a si próprio; a pobreza, para mim, é um par de óculos que nos permite ver os verdadeiros amigos. Por isso, meu marido, já que nenhum agravo lhe faço, não recrimine nunca mais minha pobreza.

"Você também critica-me a idade. Ainda que nenhuma autoridade tivesse abordado o assunto em nenhum livro, basta a fidalguia de espírito para ensinar que se deve respeitar o idoso, chamando-o educadamente de 'pai'... Mas, pelo que sei, há muitos que escreveram sobre isso.

"Assim mesmo, você me acusa de feia e de velha. Você então deveria alegrar-se, visto que não precisa ter nenhum receio de um dia ser corneado, pois, por minha alma, a velhice e a sujeira são formidáveis guardiãs da castidade. Não obstante, como não ignoro os seus desejos, prometo fazer de tudo para satisfazer-lhe os apetites.

"Escolha agora", concluiu ela, "uma destas duas coisas: ou ter em mim uma mulher feia e velha até o fim de seus dias, mas humilde, fiel e sempre disposta a agradá-lo a vida inteira; ou ter em mim uma esposa jovem e atraente, correndo o risco de ver-me receber constantes visitas em sua casa... ou, conforme o caso, em algum outro lugar. Vamos lá, escolha o que prefere."

Dando suspiros profundos, fez o cavaleiro as suas ponderações consigo mesmo; por fim, disse o seguinte: "Minha senhora e meu amor, minha esposa querida, prefiro confiar em seus sábios critérios. Escolha você mesma a alternativa mais agradável e mais honrosa para nós dois. Seja ela qual for, aquilo que lhe aprouver irá aprazer a mim."

"Como você permite que eu escolha e decida como quiser", perguntou ela, "não estaria reconhecendo que quem deve mandar sou eu?"

"Sim, claro, meu bem", respondeu ele. "Acho melhor assim."

"Beije-me, exclamou ela. "Nunca mais brigaremos. Dou-lhe minha palavra de honra: de agora em diante serei para você as duas coisas, isto é, serei bonita e boa. Que eu morra doida varrida, se eu não for a esposa mais fiel e mais encantadora que já existiu no mundo desde que ele começou. E, se até amanhã cedo eu não me tornar formosa mais que qualquer dama, rainha ou imperatriz que possa haver entre o ocidente e o oriente, disponha de minha vida e minha morte como bem lhe parecer. Agora levante a cortina e veja o que aconteceu!"

E quando o cavaleiro olhou, e viu que de fato ela se transformara numa jovem deslumbrante, envolveu-a em seus braços, transbordante de alegria; sentiu banhar-se seu coração num banho de felicidade; beijou mil vezes a esposa, enquanto ela, de bom grado, se submetia a tudo que lhe pudesse dar gozo ou prazer. E assim viveram eles até o fim de suas vidas, sempre em perfeita harmonia.

Que Jesus Cristo mande a nós também maridos dóceis, jovens e fogosos na cama... e a graça de podermos sobreviver a eles! E, por outro lado, encurte a vida dos homens que não se deixam dominar por suas mulheres, e que são velhos, ranzinzas e avarentos... Para esses pestes Deus envie a Peste!

Aqui termina o Conto da Mulher de Bath.

O CONTO DO FRADE

Prólogo do Conto do Frade

Enquanto a Mulher de Bath falava, o ilustre mendicante, o nobre Frade, olhava carrancudo para o Oficial de Justiça Eclesiástica, mas, para ser franco, sem chegar a ofendê-lo com palavras. Por fim, disse ele à Mulher: "Minha senhora, que Deus lhe dê tudo de bom! Pode crer, a senhora tocou em questões filosóficas de grande complexidade. Além disso, fez, em minha opinião, algumas colocações excelentes. Mas a verdade, senhora, é que, ao cavalgarmos aqui pelo caminho, não precisamos falar de coisas sérias. Por Deus, vamos deixar as sentenças de sabedoria para os pregadores e os seminaristas! Por isso, se for do agrado desta comitiva, eu gostaria agora de narrar um caso engraçado que se deu com um oficial de justiça eclesiástica. Deus do Céu, pelo próprio nome vocês já sabem que não se pode dizer nada de bom de um beleguim. Peço, portanto, que ninguém me leve a mal. O fato é que o beleguim não passa de um sujeito que vive correndo para baixo e pura cima, a levar intimações para os fornicadores e a apanhar nas saídas das cidades."

O Albergueiro interveio prontamente: "Ah, senhor! Por favor, seja cortês e gentil; não se esqueça de sua condição. Nesta companhia não queremos brigas. Conte a sua história, e deixe o Beleguim em paz."

"Não se preocupe", disse o Oficial de Justiça Eclesiástica. "Deixe que diga o que quiser. Quando chegar a minha vez, por Deus, vou dar-lhe o troco tintim por tintim. Aí ele vai ver que grande honra que é ser um mendicante puxa-sacos. Hei de mostrar-lhe direitinho todos os crimes dos frades (que agora não vem ao caso enumerar) e quais são as suas funções."

Respondeu o Albergueiro: "Chega! Vamos parar com isso!" E, voltando-se para o Frade: "Pode contar a sua história, meu caro e estimado senhor."

Aqui termina o Prólogo do Frade.

O Conto do Frade aqui tem início.

Havia outrora, em minha terra, um arcediago de elevada posição que punia com rigor os crimes de fornicação, feitiçaria, libertinagem, calúnia e adultério, bem como o desrespeito aos guardiões da Igreja, tos testamentos, aos sacramentos e aos contratos, e a prática da simonia e da usura. Mas eram os devassos os que ele mais perseguia, trazendo-os num cortado toda vez que os apanhava. Os que deixavam de saldar suas dívidas para com a Madre Igreja, se denunciados por algum pároco, também eram castigados sem contemplação, mesmo depois de pagarem suas multas em dinheiro. Impunha tormentos atrozes a todos os que sonegavam seus dízimos e donativos; e, antes que o bispo os fisgasse com o seu bastão recurvo, lá estavam eles no livro do arcediago, que tinha, em sua jurisdição, poder ilimitado na aplicação das penas. Contava, nessa tarefa, com a ajuda de um beleguim, o mais astuto de toda a Inglaterra, pois formara uma verdadeira rede de espiões, que sempre lhe apontavam onde achar o que queria. Às vezes, chegava ele a poupar um ou dois libertinos para pôr as mãos em mais uns vinte e quatro. E mesmo que este Beleguim aqui ao nosso lado fique louco furioso, não vou omitir nada a respeito de sua devassidão, pois essa gente não tem poder sobre nós. Nós, os frades, estamos, e sempre estaremos, fora de sua jurisdição.

"Por São Pedro!" gritou o Oficial de Justiça Eclesiástica. "Também as mulheres da vida estão fora de nossa jurisdição!"

"Silêncio! Oh, desgraça e miséria!" exclamou o Albergueiro. "Não interrompa a história. Prossiga, meu caro senhor; não faça caso de seus berros. E não poupe ninguém."

Aquele ladrão traiçoeiro, o beleguim, – continuou o Frade, – dispunha da ajuda de muitas prostitutas, seus chamarizes para os falcões desta Inglaterra; e elas descobriam todos os segredos para ele. Era uma colaboração antiga, visto que havia muito elas funcionavam como suas agentes particulares. Assim procedendo, auferia lucros consideráveis, e o próprio patrão não tinha idéia de quanto o seu servo amealhava. Mesmo sem ordem superior, costumava intimar ao tribunal da Inquisição, com ameaças de excomunhão, os pobres ignorantes, que, para se safarem, alegremente recheavam sua bolsa e, ainda por cima, lhe pagavam rodadas de cerveja na taverna. Como Judas, levava a sua bolsinha inseparável; e, assim como Judas, também era ladrão. Não entregava ao arcediago nem a metade do que recolhia. Tratava-se, portanto, – para um quadro completo de suas qualidades, – de um ladrão, de um beleguim e de um devasso. As mulheres a seu serviço, em combinação com ele, denunciavam a seus ouvidos o homem com quem dormiam, fosse ele Sir Robert ou Sir Hugh, ou simplesmente Ralph ou Jack. Imediatamente, enviava-lhe o beleguim uma intimação forjada, convocando-o ao Capítulo juntamente com a pecadora; ele então esfolava o homem, deixando livre a mulher. E ainda dizia: "Amigo, em consideração por você, vou riscá-la do nosso livro negro. Não precisa preocupar-se com ela. Sou seu amigo, e estou aqui para ajudá-lo no que for possível." Sem dúvida alguma, o que ele fazia em matéria de extorsão não dá para ser contado nem em dois anos. Não há neste mundo cão de caça que possa distinguir pelo faro o gamo ferido dos outros gamos, como ele era capaz de distinguir um libertino esperto de um adúltero ou de um amante. Afinal, disso dependia a sua renda, e, portanto, era nisso que aplicava o seu talento.

Um dia, porém, aconteceu que esse beleguim, sempre à espreita de novas vítimas, foi procurar, montado em seu cavalo, uma pobre viúva, uma velhota, que pretendia intimar com alguma falsa acusação. Viu então na estrada, cavalgando à sua frente às margens de uma floresta, um homem com roupas de cores alegres. Parecia um couteiro, com seu arco e suas flechas reluzentes e pontiagudas; tinha sobre os ombros uma capinha verde, e na cabeça um chapéu com abas negras.

"Salve, senhor", disse o beleguim ao alcançá-lo. "Desejo-lhe um bom dia!"

"Seja benvindo", respondeu o outro, "como todo homem de bem! Para onde está cavalgando, à sombra deste verde bosque? Vai para longe?"

"Oh, não", explicou-lhe o oficial da Inquisição. "Vou aqui pertinho mesmo, cobrar uma dívida para o meu senhor."

"Ah, então o senhor é bailio?"

"Sim", retrucou ele, com vergonha de confessar a sua suja condição de beleguim.

"De par Dieu!" exclamou o estranho. "Meu caro irmão, pois eu lambem sou bailio! Só que não sou conhecido por estas bandas. Por isso, se não se importar, eu gostaria de tê-lo como amigo e como irmão. Tenho muito ouro e muita prata em meu baú. Se um dia você vier ao nosso condado, garanto-lhe que toda essa riqueza estará a seu dispor."

"Ora, muito obrigado", disse o beleguim, "sinceramente!" E, com um aperto de mãos, ambos juraram que seriam irmãos até a morte. Depois seguiram viagem, rindo e conversando o tempo todo.

O beleguim, cheio de léria como são cheias de maldade as aves predadoras, queria saber de tudo. Por isso, indagou curioso: "Irmão, Onde é que você mora? Pode ser que um dia eu queira visitá-lo."

Em voz baixa, confidenciou-lhe o couteiro: "Irmão, bem longe, lá no norte. Eu gostaria mesmo que você aparecesse por lá. Antes de nos separarmos, vou lhe explicar como chegar à minha casa sem errar o caminho."

"Agora, irmão", continuou o beleguim, "enquanto cavalgamos, eu gostaria, já que nós dois somos bailios, que me aconselhasse, com toda a sinceridade, um jeito de obter mais vantagens em nossa profissão. Por favor, ponha de lado os escrúpulos de consciência, e conte-me, como um verdadeiro irmão, como é que você faz."

"Bem, para dizer a verdade, caro irmão", retrucou o outro, "já que você exige que eu seja sincero, meu salário é baixo, é irrisório. O patrão é um homem duro e exigente, o trabalho é bastante espinhoso, e é praticando a extorsão que sobrevivo. Passo a mão em tudo o que aparece. E assim, por meio da astúcia ou da violência, ano após ano vou ganhando a vida. E isso é tudo, palavra."

"Pois é o que eu também faço", ajuntou o beleguim. "Juro por Deus que levo tudo o que posso. Só não carrego o que é pesado ou quente demais. E também não vejo por que ter escrúpulos em procurar esses ganhos por fora. Se não fosse pela extorsão, como é que eu iria viver? Nunca hei de arrepender-me dos golpes que aplico por aí; não tenho dor de consciência nem estômago delicado; e para os padres confessores, mando uma grande figa! Por Deus e por São Tiago, ainda bem que nos encontramos! Mas, caro irmão, qual é seu nome?" Ao ouvir a pergunta, o couteiro sorriu.

"Irmão", disse ele, "você quer mesmo saber? Pois bem, sou um diabo; o inferno é minha morada. Estou aqui para buscar aquilo que os homens quiserem me dar. Tudo o que eu conseguir será lucro meu. Assim como você cavalga à cata de fortuna, sem se importar com os meios, assim também eu vou até o fim do mundo atrás de minhas presas."

"Ah!" exclamou o beleguim, *"benedicite!* Que está me dizendo? E eu cá comigo a pensar o tempo todo que você não passava de um couteiro! É que você tem forma humana como eu. Lá no inferno, em seu meio natural, vocês não têm uma aparência própria determinada?"

"Não, de modo algum", retorquiu o outro, "nenhuma forma determinada. Assumimos a aparência que desejamos, podendo nos transformar em homens, em macacos ou mesmo em anjos. E não há nada de extraordinário nisso, pois, se até um mísero ilusionista pode enganar olhos mortais, por que não eu, que tenho mais poder?"

"Mas por que", indagou ainda o curioso, "vocês têm que assumir várias formas em vez de se contentarem só com uma?"

"Porque as formas que tomamos", explicou o demônio, "são as que melhor nos ajudam a enlear as nossas vítimas."

"E que razões os levam a ter tanto trabalho?"

"Muitas razões, caro senhor beleguim... Mas tudo tem o seu tempo. O dia é curto, já passou a hora prima, e hoje ainda não pude apanhar coisa alguma. Meu propósito é caçar o que puder, e não ficar aqui a falar de meu propósito. Além disso, meu irmão, ainda que eu lhe explicasse, você não iria entender. Mas, já que você faz tanta questão de saber por que nos damos a tanto trabalho, direi apenas que somos os instrumentos de Deus e o meio que Ele usa, quando

assim o deseja, para levar, de formas diversas e diversas maneiras, suas decisões às suas criaturas. Sem Ele não temos força alguma; ficamos impotentes quando Ele se opõe às nossas intenções. Às vezes, a nosso pedido, obtemos licença para fazermos mal ao corpo, mas não à alma. Foi o que se deu no caso de Jó, a quem tanto maltratamos. Outras vezes podemos ferir ambos, ou seja, a alma e o corpo. Outras vezes, enfim, só nos é permitido perseguir um homem com os tormentos do espírito, deixando incólume o corpo. E tudo é para o bem da humanidade. Quando alguém é tentado e nos resiste, recebe como prêmio a salvação, embora não seja esse propriamente o nosso desígnio, e sim levá-lo conosco. Há até ocasiões em que servimos a um mortal, a exemplo do que sucedeu com o santo arcebispo Dunstan.* Posso afirmar que eu mesmo fui servo dos apóstolos."

"Mas diga-me", insistiu o beleguim, "sinceramente: vocês se utilizam dos quatro elementos quando criam os corpos que assumem?" Respondeu o diabo: "Não. Algumas vezes produzimos ilusões, outras vezes entramos nos corpos dos mortos. Em todas as formas, porém, por mais variadas que sejam, sempre falamos com fluência, precisão e graça, como Samuel ao dirigir-se à Feiticeira de Endor*... Se bem que alguns achem que não foi ele (o que pouco importa, pois não me interesso por teologia). Mas faço-lhe uma advertência muito séria: logo você saberá tudo sobre nós, porque dentro em pouco, meu caro irmão, deverá estar onde as minhas lições se tornam desnecessárias. Lá, por experiência própria, poderá ditar todo este saber de cátedra, melhor que Virgílio em vida, ou até melhor que Dante. Mas deixe-me apressar o trote; tenho que cavalgar lado a lado com você, pois agora desconfio que queira fugir de mim."

"Imagine!" exclamou o oficial do Santo Ofício. "Isso nunca! Sou um servidor honrado e muito conhecido. Jamais o trairia, nem que fosse o próprio Satanás. Sempre serei fiel a meu irmão. Afinal, fizemos ambos um juramento de que seríamos irmãos; e é como irmãos que vamos prosseguir em nossas buscas. Você tomará a sua parte daquilo que os homens lhe derem, e eu tomarei a minha; ambos assim viveremos. Se algum de nós no fim ficar com mais, deverá fraternalmente repartir com o outro a diferença."

"De acordo", confirmou o diabo, "tem a minha palavra." E, dito isso, voltaram a cavalgar pelo caminho.

Logo depois, ao saírem de uma vila rumo ao local que o beleguim pretendia visitar, avistaram uma carroça carregada de feno, conduzida por um velho carroceiro. Como havia muita lama na estrada, a carroça de repente encalhou. O carroceiro pôs-se a chicotear os animais, gritando fora de si: "Eia, Brock! Eia, Scott! Vamos! Estão com medo das pedras? Que o diabo carregue vocês todos, os couros e as carcaças, pela égua que os pariu! O que vocês me fazem sofrer! Que vá tudo para o diabo, os cavalos, a carroça e o feno!"

Pensou o beleguim: "Isto vai ser divertido!" E, como se nada fosse, aproximou-se do diabo e sussurrou-lhe ao pé do ouvido: "Escute só, meu irmão; escute, por minha fé! Não está ouvindo o que diz o carroceiro? Passe a mão em tudo agora mesmo: ele acabou de dar tudo a você, – a carroça, o feno e os três cavalos."

"Não", respondeu o diabo, "sabe Deus que isso não é verdade! Pode acreditar-me, ele não teve essa intenção. Pergunte-lhe você mesmo, se não confia em mim. Ou espere um pouco e verá."

O carroceiro então acariciou os animais com tapinhas nas garupas, e eles começaram a fazer força e a puxar. "Isso! Agora!", gritava ele; "Jesus abençoe vocês e toda a criação, grandes e pequeninos! Que belo arranque, meu lindo baio! Deus o guarde, e Santo Elói também! Graças a Deus, a carroça está livre do atoleiro!"

"Viu só, irmão?" perguntou o diabo. "Que foi que eu lhe disse? É isso aí, meu caro irmão: o sujeito falou uma coisa, mas pensou outra. Vamos em frente; aqui não há nada que se possa levar."

Mais tarde, quando já haviam se afastado um pouco do vilarejo, o beleguim cochichou para o outro: "Irmão, neste lugar mora uma velha megera que prefere perder o pescoço a dar uma só que seja de todas as suas moedas. Mas, ainda que fique louca de raiva, vou lhe arrancar

doze dinheiros. Caso contrário, por Deus, hei de levá-la ao tribunal da Inquisição, mesmo sabendo que não tem culpa alguma. Olhe bem como se faz nesta terra para se ficar rico, e aprenda com meu exemplo."

O beleguim bateu então à porta da viúva: "Venha cá, apareça, bruxa velha! Aposto como você está aí dentro nos braços de algum frade ou de algum padre!"

"Quem está batendo?" disse a viúva ao sair. "*Benedicite!* Deus o abençoe, senhor. Em que posso servi-lo?"

"Eu trouxe uma intimação para você", disse ele. "Amanhã cedo, sem falta, você terá que comparecer perante o arcediago, sob pena de excomunhão, para explicar umas coisinhas ao tribunal."

"Oh, senhor", choramingou a velha, "se Jesus Cristo, o Rei dos Reis, não me amparar, estou perdida! Tenho estado doente todos estes dias. Não posso ir muito longe, nem mesmo a cavalo. Se eu for até lá, vou morrer pelo caminho com esta dor aqui do lado. Senhor Oficial, será que não poderiam enviar-me a acusação por escrito? Assim eu mandaria um advogado para responder às denúncias que fazem contra mim."

"De modo algum!" berrou o oficial. "Há, porém, uma saída: se você me pagar doze dinheiros, poderei dar-lhe agora mesmo a absolvição. E não pense que vou ganhar muito com isso; é meu patrão quem fica com o lucro, não eu. Vamos lá, estou com pressa; passe-me logo os doze dinheiros. Não tenho tempo a perder!"

"Doze dinheiros!" exclamou ela. "Santa Maria, Nossa Senhora, livre-me da dor e do pecado! Mesmo que fosse em troca do mundo inteiro, eu nunca poderia arranjar essa quantia! Você sabe que sou pobre e velha. Tenha dó de uma mísera coitada!"

"Essa não!" bradou ele. "Que o maldito do diabo me leve, se eu tiver dó de gente da sua laia. Por mim você pode arrebentar-se!"

"Ai", gemeu ela, "juro por Deus que sou inocente."

"Ou você me dá o dinheiro", disse o beleguim, "ou, pela bondosa Santa Ana, vou levar comigo a sua panela nova. Será o pagamento daquilo que você me deve desde o dia em que corneou seu marido e eu tive que subornar o tribunal para livrá-la do castigo."

"Isso é mentira", gritou ela. "Por minha alma! Nunca na minha vida de casada ou de viúva fui chamada ao tribunal da Igreja! Nunca sujei meu corpo, nunca fui infiel! Vá para o diabo mais negro e medonho, – você e a panela!"

Ao vê-la rogar a praga de joelhos, perguntou-lhe o diabo: "Mabel, minha avozinha querida, você está falando sério?"

"Sim!" repetiu ela. "A menos que se arrependa, o diabo pode levá-lo agora mesmo, com panela e tudo!"

"Arrepender-me, vaca velha?!" interveio o beleguim. "Nunca! Jamais hei de arrepender-me de esfolar você. Eu bem que gostaria de levar também o seu manto e todas as suas roupas!"

"Irmão", falou o diabo, "não fique zangado comigo, mas acho que tenho direito a seu corpo e a esta panela. Esta noite você vai comigo para o inferno, onde irá conhecer nossos segredos mais que um professor de teologia."

E, assim dizendo, o demônio o agarrou e o arrastou de corpo e alma para o lugar que é o destino de todos os beleguins. Queira Deus, que criou o homem à sua imagem e semelhança, guiar e salvar a todos nós, fazendo com que este Beleguim aqui ao lado se torne um homem bom.

Senhores, – concluiu o Frade, – se eu dispusesse de tempo para tentar salvar a alma deste Beleguim, eu poderia, seguindo os textos de Cristo, São Paulo, São João e muitos outros Doutores de nossa Igreja, relatar tais tormentos, que seus corações ficariam apavorados, ainda que não haja neste mundo língua capaz de retratar perfeitamente, nem que falasse por mil invernos, todas as penas da maldita mansão dos condenados. Por isso, fiquem sempre atentos para não caírem naquele lugar perverso, rogando a Jesus que, com sua graça, os proteja das tentações de Satanás. Ouçam minha advertência! Permaneçam vigilantes: "O leão está sempre de emboscada para apanhar o inocente". Preparem seus corações para a luta contra o demônio, que

a todos quer dominar e escravizar. Lembrem-se, porém, de que ele não pode tentar-nos além das nossas forças, pois Cristo é nosso defensor e paladino. E orem para que os beleguins se arrependam de suas maldades antes que o diabo os leve!

Aqui termina o Conto do Frade.

O CONTO DO BELEGUIM

Prólogo do Conto do Beleguim

O Oficial de Justiça Eclesiástica, tremendo como vara verde de tanta raiva do Frade, ficou de pé nos estribos:

Senhores, só quero uma coisa! Só lhes peço que, assim como ouviram as lorotas deste Frade mentiroso, tenham agora a gentileza de escutar a minha história! O Frade aqui está se gabando de conhecer o inferno. Deus do Céu, o que há de surpreendente nisso? Não existe muita diferença entre frades e diabos. Por minha alma, acho que todos aqui já conhecem o caso daquele mendicante que, durante uma visão, foi arrebatado em espírito ao inferno. Ao ser conduzido para cá e para lá pelo anjo encarregado de mostrar-lhe todos os castigos, encontrou pessoas das mais diversas condições, mas não viu nenhum frade em parte alguma. Perguntou então a seu guia:

"Diga-me, senhor: são tão bem-aventurados os frades, que nenhum de nós vem a este lugar?"

"Pelo contrário", respondeu o outro, "há milhões de vocês aqui." E desceu com ele à presença de Satanás.

"Veja", observou o anjo, "como a cauda de Satanás é mais larga que a vela de um navio. Levante o rabo, Satanás! Mostre seu cu ao frade, para que ele saiba onde é que fica o ninho dos irmãos dele aqui no inferno!" Nem bem a cauda se erguera cem jardas no espaço, quando, como um enxame de abelhas deixando a colmeia, vinte mil frades voaram para fora. A enorme multidão logo se espalhou para todos os cantos do abismo, e depois, com a mesma rapidez, voltou a enfileirar-se e se enfiou de novo no cu do demônio. Ele em seguida tapou o buraco com o rabo, e não se mexeu mais. Após permitir que o frade observasse todos os tormentos daquele antro de horror, a graça divina devolveu seu espírito ao corpo, e ele então despertou. Mas, assim mesmo, não parou de tremer, pois não conseguia afastar de sua lembrança o cu do diabo, o destino natural dos mendicantes. Que Deus agora abençoe a todos, menos este Frade maldito! E assim dou por encerrado o meu prólogo.

Aqui termina o Prólogo do Conto do Beleguim.

Aqui o Beleguim dá início a seu Conto.

Senhores, existe uma região pantanosa chamada Holderness, – em Yorkshire, se não me engano, – que um frade percorria para fazer suas pregações e, é claro, angariar fundos. E todos os dias esse mendicante repetia nas igrejas uma prédica à sua maneira, procurando, acima de tudo, incentivar o povo a encomendar trintários e a doar o seu dinheiro, por amor a Deus, apenas para as ordens que queriam levantar templos para a celebração dos santos ritos, em vez de desperdiçá-lo e consumi-lo com os que não tinham qualquer necessidade, como, por exemplo, os padres prebendados, que, – Deus seja bendito! – vivem na riqueza e na abundância. "Trintários", explicava, "são missas que livram do purgatório as almas dos entes queridos, tanto jovens quanto velhos. E as livram mais depressa quando rezadas de uma vez (todas as trinta num só dia, como nós, os frades, fazemos), e não quando são usadas para encherem a barriga desses padres alegres

e bonachões, que passam o mês inteiro rezando uma só por dia. Libertem logo as almas penadas: vocês não imaginam como é duro ser agarrado e rasgado por ganchos, e depois assado e tostado! Por Cristo, vamos, não percam tempo!" E depois que o frade conseguia o seu intento, proferia o *qui cum patre**, e ia-se embora.

E assim se comportava toda vez que o povo na igreja lhe dava o que queria: sem esperar nem mais um minuto, punha-se logo a caminho. Com suas anotações e seu cajado alto e pontudo, ia espionando e bisbilhotando de casa em casa, a pedir farinha ou queijo ou cereais. Seu companheiro mendicante, sempre postado a seu lado com um bastão com ponta de chifre, duas tabuinhas de marfim e um estilete artisticamente polido, ia registrando os nomes de todos os que faziam alguma doação, como se o frade depois fosse rezar por eles. "Dêem-nos um alqueire de trigo, de malte ou de centeio, um pãozinho de Deus, ou um pedaço de queijo, ou o que quiserem... para nós tudo é benvindo; ou então um dinheiro para a missa, ou uma moedinha de meio-dinheiro, ou um pouco de carne, se possível. Dê-nos um retalho de seu cobertor, prezada senhora, nossa irmã querida... Veja! Vou escrever seu nome aqui... Toucinho, ou carne de vaca, ou o que tiver."

Um velhaco musculoso, criado dos dois esmoleiros, estava sempre atrás deles com um saco às costas, e lá enfiava tudo o que recolhiam. E a primeira coisa que o frade fazia, assim que se afastava de um lugar, era apagar todos os nomes que havia escrito nas tabuinhas, sem pena de enganar o povo com engodos e promessas.

"Isso é mentira, Beleguim!" gritou o Frade.

"Silêncio," ordenou o Albergueiro, "pela santa mãe de Cristo! Continue a história, e não tenha dó de ninguém."

"Por minha alma", assegurou o Beleguim; "é exatamente isso o que pretendo fazer!" E prosseguiu.

Depois de passar por muitas e muitas casas, o frade chegou enfim a um lar onde a acolhida costumava ser mais calorosa que numa centena de outros. Contudo, o bom homem, chefe daquela família, achava-se muito doente, afundado em seu leito de enfermo. *"Deus hic!"* saudou-o o frade com voz cortês e macia. "Bom dia, Thomas, meu amigo! Oh, Deus o proteja, Thomas! Quantas vezes, sentado aqui neste banco, não fui bem tratado nesta casa! Quantos repastos deliciosos pude saborear aqui!" E, enxotando o gato do banco, descansou sobre ele o cajado, o chapéu e as suas anotações, e depois sentou-se confortavelmente. Estava só desta vez, porque seu companheiro e o criado tinham ido à cidade, à procura da hospedaria onde pretendiam pernoitar.

"Oh, meu caro senhor", disse-lhe o doente, "como tem passado este mês de março? Faz quinze dias, ou mais, que não o vejo."

"Por Deus", respondeu o visitante, "tenho estado trabalhando duro, e, principalmente, tenho orado muito pela sua salvação e pela salvação de todos os outros amigos nossos, que Deus os abençoe! Hoje estive rezando missa em sua igreja, – onde preguei um sermão bem simples, do meu jeito, não muito preso à letra das Sagradas Escrituras, o que seria muito difícil para a gente do lugar. Por isso, acho sempre melhor dar minha própria interpretação. Que coisa gloriosa é a interpretação! Bem dizem os doutos que ela dá vida à letra morta. Aproveitei então para ensinar a caridade e mostrar ao povo como gastar com sensatez o seu dinheiro. E também vi por lá sua mulher... A propósito, onde está ela?"

"Acho que está lá fora no quintal", respondeu o enfermo. "Logo estará aqui."

"Olá, meu senhor. Por São João, seja benvindo!" exclamou a mulher, aparecendo exatamente naquele instante. "Espero, de coração, que esteja passando bem."

O frade levantou-se cavalheirescamente, deu-lhe um abraço bem apertado, um longo beijo, e chilreou como um pardal: "Estou bem, minha senhora, e continuo aqui para servi-la... Bendito seja Deus, que a pôs no mundo e lhe deu vida! Por minha alma, hoje na igreja não vi mulher alguma mais encantadora que a senhora."

"Olhe que Deus castiga os mentirosos", riu ela. "De qualquer forma, o senhor é muito

benvindo aqui.”

“Muitíssimo obrigado, minha senhora. Eu sempre soube disso. Mas”, prosseguiu o esmoleiro, “espero que não se ofenda se eu lhe pedir o obséquio de dar-me permissão para ficar a sós com Thomas uns instantes. Esses curas têm por hábito retardar e menosprezar o exame de consciência e o ato da confissão. Comigo é diferente, pois sempre dediquei a minha vida à pregação e ao estudo dos ensinamentos de São Pedro e de São Paulo. Quero correr o mundo como um pescador de almas, para dar a Jesus Cristo aquilo que lhe é devido. Minha missão é semear as suas palavras.”

“Então, com a devida licença, meu senhor”, disse ela, “aproveite a oportunidade para passar-lhe um bom pito, pela Trindade Santíssima! Esse homem anda nervoso como uma formiga. Não lhe falta nada, passa as noites bem coberto e agasalhado... Às vezes até estendo uma perna ou um braço sobre ele para aquecê-lo. Mas nada disso adianta: está sempre a grunhir como um porco no chiqueiro. Esse é o único agradecimento que recebo; não sei mais o que fazer para agradá-lo.”

“Oh Thomas, *je vous dis!* Thomas, Thomas! Isso é coisa do diabo; você precisa emendar-se. Você sabe que o Altíssimo proíbe a cólera. Deixe-me dizer-lhe umas palavrinhas a respeito dela.”

“Desculpe-me, senhor,” interrompeu a mulher; “antes que eu me retire... o que gostaria de jantar? Tenho mesmo que ir cuidar das panelas.”

“Oh bem, *je vous dis sans doute*, minha senhora”, disse o frade. “Vejamos. Creio que para mim basta um figadozinho de frango, acompanhado de uma boa fatia de pão quente, e depois uma cabeça de porco assada... Mas não quero que mate nenhum animal só por minha causa. Sabe? É com coisinhas simples assim que me alimento. Sou um homem muito frugal, que prefere nutrir o espírito com a Bíblia. De tanto dobrar e punir o corpo com jejuns, já nem me lembro de que tenho estômago. Por favor, senhora, não se vexe por eu lhe falar com tanta franqueza a meu respeito. Por Deus, não é com todo mundo que eu me abro dessa forma.”

“Eu sei, senhor”, disse ela. “Ah! Só mais uma palavrinha antes que eu os deixe a sós: sabia que perdemos nosso filho há umas duas semanas? Foi logo depois de sua última visita à nossa cidade.”

“Vi sua morte através de uma revelação”, confidenciou-lhe o frade, “dentro do dormitório do convento. Posso garantir-lhe que, nem meia hora depois do desenlace, pela graça de Deus, tive a visão de sua entrada no Paraíso! Passaram pela mesma experiência o nosso sacristão e o nosso enfermeiro, que foram irmãos devotos por cinqüenta anos e agora, Deus seja louvado, alcançaram o jubileu e podem esmolar sozinhos.* Então, com lágrimas a escorrer pelas faces, eu e todo o convento nos levantamos e, sem acompanhamento ou dobre de sinos, entoamos um *Te Deum*, depois do qual orei agradecendo a Cristo sua revelação. E isso aconteceu, – minha senhora e meu senhor, – porque nossas preces são mais eficazes. Partilhamos dos mistérios de Jesus muito mais que os leigos, mesmo que sejam reis, porque vivemos na pobreza e na abstinência, enquanto eles buscam as riquezas, os excessos na comida e na bebida, e o gozo que contamina. Nós não! Nós desprezamos os prazeres do mundo. Lázaro e Dives* viviam de modos diferentes, e diferentes foram os frutos que colheram. Quem quiser entregar-se à oração, deve jejuar e purificar-se, engordar na alma e emagrecer no corpo. Por isso é que nós seguimos os apóstolos, contentando-nos com ter roupa e comida, ainda que nem sempre das melhores. Mas são a pureza e a penitência dos frades que levam Jesus a aceitar as suas preces.

“Vejam Moisés! Quarenta dias e quarenta noites jejuou, antes que o Senhor Deus Onipotente lhe falasse na Montanha do Sinai. Foi com o ventre vazio, após muitos e muitos dias de privação, que ele recebeu a Lei escrita pelo dedo do Senhor. Também Elias, vocês sabem, no Monte Oreb, antes de conversar com o Altíssimo, que é o nosso salvador, teve que passar longo tempo no jejum e na contemplação. Aarão, que tinha o governo do templo, e todos os outros sacerdotes, quando iam rezar pelo povo e cumprir os ritos divinos, jamais ingeriam bebida que pudesse embebedar, mas sempre oravam e vigiavam na abstinência, para que a morte não os

colhesse. Prestem bem atenção! Os que cuidam das almas dos outros têm que estar sóbrios. Guardem isso! Mas basta por ora... é o suficiente. Nosso Senhor Jesus Cristo, como o comprovam as Sagradas Escrituras, deu-nos o exemplo da oração e do jejum. Por conseguinte, nós, os mendicantes, nós, os santos frades, casamo-nos com a pobreza, a continência, a caridade, a humildade, a temperança, o sacrifício em prol da justiça, o pranto, a misericórdia e a pureza. Não é à toa, portanto, que as preces nossas, – quero dizer, dos frades mendicantes, – são mais agradáveis ao Altíssimo que as de vocês, com os seus fartos banquetes. É a pura verdade: foi por causa da gula que o homem foi expulso do Paraíso. Além disso, o homem no Paraíso também era casto.

"Mas ouça, Thomas, o que vou dizer. Embora, suponho, não exista um texto declarado sobre o assunto, acho, no meu modo de interpretar, que nosso meigo Senhor Jesus Cristo estava pensando nos frades quando disse: 'Bem-aventurados os pobres de espírito'. E assim, no Evangelho inteiro, você pode facilmente verificar quem é que está mais perto da virtude: nós, do clero regular, ou esses padres seculares que nadam em dinheiro. Que vergonha sua pompa e sua gula! E como detesto a sua devassidão!

"Penso que a eles se aplica muito bem a comparação de Joviniano: são gordos como a baleia e gingam como o cisne, fedendo de vinho como as garrafas na adega. E como se mostram reverentes quando rezam o salmo de Davi pela salvação das almas! 'Crôc!' dizem eles, '*cor meum eructavit!* Meu coração arrotou!'* Quem, senão nós, que somos humildes e castos e pobres, que somos servidores da palavra de Deus e não meros ouvintes, segue de verdade o Evangelho e as pegadas de Cristo? Por isso é que, assim como o falcão se eleva de um salto no ar, assim também as preces dos incansáveis frades, caridosos e puros, se erguem rapidamente aos dois ouvidos do Senhor. Thomas! Thomas! Por minha vida e por Santo Ivo, se você não fosse nosso irmão, como não haveria de estar mal agora! Dia e noite, em nosso convento, rogamos a Jesus para que lhe dê saúde e força, para que você possa ficar bom depressa."

"Se isso for verdade", interveio ou outro, "até hoje não senti nenhum efeito. Juro por Deus como, num período de poucos anos, gastei montanhas de libras com todo tipo de frade, e não melhorei nem um pouco. Quase fiquei na miséria. Agora, adeus, meu ouro! Já se foi mesmo quase todo!"

Contestou o frade: "Oh Thomas, então é assim que você faz? Por que você tem que procurar todo tipo de frade? Por que alguém que já tem o médico perfeito precisa buscar outros médicos na cidade? É essa inconstância a causa principal de sua desgraça. Você acha que eu e todo o nosso convento não bastamos para rezar por você? Thomas, que brincadeira sem graça! É por isso que continua doente: são muito poucos os donativos que tem feito a nós. 'Ah, dê meio quarto de aveia para este convento! Ah, dê vinte e quatro moedas para aquele convento! Ah, dê um dinheirinho para aquele frade, e deixe que vá com Deus!' Não, não, Thomas, não é assim que se faz! Que vale um ceitil dividido por doze? Todos sabem que o que está unido é mais forte que o que se acha disperso. Não, Thomas, sinceramente, não vejo como elogiar a sua conduta. Na verdade o que você quer é ter os frutos do nosso trabalho sem nada nos dar em troca. Saiba, porém, que o Altíssimo, o criador de nosso mundo, disse claramente: 'digno é o trabalhador do seu salário'. Thomas, não é para mim que quero o seu dinheiro, mas para o nosso convento, para que possa em peso orar carinhosamente por você e levantar a casa de Cristo. E se você ainda ignora, Thomas, como é importante essa missão de construir igrejas, pode aprender muito sobre isso lendo a vida de Santo Tomás da Índia. Mas vejo que tudo o que você faz é ficar deitado aqui, cheio de raiva e rancor, – sentimentos que o demônio lhe acendeu no peito, – a xingar continuamente essa pobre coitada de sua mulher, tão paciente e bondosa. Pode acreditar-me, Thomas: é melhor não brigar mais com ela. Veja, não se esqueça nunca, nesse ponto, do conselho do sábio: 'Não seja você um leão dentro de sua casa; jamais oprima os seus subordinados, nem espante os conhecidos seus'. Por isso, Thomas, é que digo e repito sempre: cuidado com o réptil que dorme em seu seio; cuidado com a serpente que rasteja escondida sob a grama e pica traiçoeiramente; cuidado, meu filho, – escute-me com atenção, – pois uns vinte mil

homens já perderam a vida por causa de desavenças com suas companheiras e esposas. E, depois, por que você, Thomas, que se casou com uma santa mulher, com uma mulher tão boazinha, tem que viver brigando? Olhe bem o que faz, porque nem a cobra pisada no rabo é tão perigosa e cruel quanto as mulheres enfurecidas. Tudo o que elas querem é vingança. A ira, um dos piores pecados capitais, é abominável aos olhos de Deus, e fatal para o pecador. Qualquer pároco de aldeia ou vigário ignorante sabe disso... que a ira é a mãe do homicídio. A ira, na verdade, é a executora da soberba. Se eu fosse enumerar todos os seus malefícios, teria que ficar aqui falando até amanhã. Por isso é que rogo ao Senhor, noite e dia sem parar, para que não deixe o irado galgar ao poder! Um homem desses num alto posto é um grande perigo e uma grande desgraça.

"Conta-nos Sêneca que, antigamente, num país dominado por um déspota colérico, dois cavaleiros saíram juntos um dia; e quis a Fortuna que um deles regressasse e o outro não. Imediatamente o cavaleiro que voltara foi conduzido à presença do tirano, que, como juiz, decretou: 'Você matou seu companheiro; por isso, eu o condeno à morte'. Voltou-se então para outro cavaleiro ali presente e ordenou-lhe: 'Leve-o para a execução'. Aconteceu, porém, que, a caminho do local onde a sentença deveria ser cumprida, encontraram-se com o cavaleiro que fora dado por morto. Diante disso, o chefe da escolta achou aconselhável levar ambos de volta ao juiz, a quem disse: 'Senhor, o cavaleiro não matou seu amigo; ei-lo aqui, cheio de vida'. 'Por minha alma', gritou o déspota, 'todos vocês vão morrer, o primeiro, o segundo e o terceiro!' E, virando-se para o primeiro: 'Eu o condenei. Você não pode, portanto, escapar do carrasco'. Depois, disse ao segundo: 'Sua cabeça também tem que rolar, porque é por sua causa que seu companheiro vai perder a vida'. E para o terceiro assim falou: 'Você morre porque deixou de cumprir a minha ordem'. E, dessa forma, os três foram supliciados.

"O rei Cambises, além de colérico, era um bêbado inveterado, que se divertia com as suas maldades. Deu-se então que um nobre de sua corte, um homem que amava a moralidade virtuosa, chegou-se a ele e o aconselhou em particular: 'O governante dado ao vício acaba por destruir-se. E, se a embriaguez é uma mancha negra no caráter de qualquer homem, ela o é muito mais num fidalgo. Embora despercebidos, há muitos olhos e muitos ouvidos voltados para o monarca. Por Deus, senhor, beba com mais moderação! O vinho desgraçadamente rouba ao homem o discernimento e o próprio controle dos membros'. Respondeu-lhe o soberano: 'Vou demonstrar-lhe o contrário, fazendo-o sentir, por experiência própria, como o vinho não provoca nada disso. A mim, pelo menos, a bebida não debilita nem as mãos nem os pés, e nunca me tolda a visão'. E, por despeito, embriagou-se como nunca, bebendo cem vezes mais que de costume. Depois, o maldito e colérico desgraçado ordenou que fossem buscar o filho daquele nobre cavaleiro e o colocassem de pé à sua frente. A seguir, num gesto repentino, apanhou o seu arco e, esticando a corda até a orelha, matou o menino com uma flechada. 'Então?' perguntou ele. 'Tenho ou não tenho a mão firme? Você ainda acha que perdi a força ou o discernimento? Ainda diz que o vinho pode afetar-me a pontaria?' Que poderia responder o cavaleiro? Seu filho estava morto; não havia o que dizer. Por isso, quem lida com os grandes precisa de ter cuidado. O melhor é dizer *placebo*, ou 'estou de pleno acordo'. Com os pobres a coisa é diferente, e nós podemos criticar os vícios deles. Mas com um senhor não convém arriscar, mesmo que ele esteja a caminho do inferno.

"Veja também o caso de Ciro, o Persa, que durante o cerco de Babilônia, tomado de ira, destruiu o rio Gison só porque um seu cavalo se afogara em suas águas. Tanto o esvaziou, que as mulheres podiam atravessá-lo a vau. Lembre-se do que disse aquele que tão bem ensina, o sábio Salomão: 'Não se associe com o iracundo, nem ande com o homem colérico, para que depois você não se arrependa'. Não é preciso dizer mais.

"Por tudo isso, Thomas, meu querido irmão, ponha de lado a sua ira. Você verá que o que digo é justo como um esquadro. Afaste de seu peito o punhal do demônio, a cólera que fere, e faça agora mesmo a confissão de seus pecados."

"Não", protestou o doente, "por São Simão! Hoje eu já me confessei com o meu cura, e disse a ele todas as minhas faltas. Não vejo agora por que contar tudo novamente... a não ser que

eu queira, por humildade.”

O frade não desistiu: “Então me faça a doação de um pouco de sou ouro para a construção de nosso claustro. Enquanto os outros passam bem, só mariscos e ostras temos comido ultimamente a fim de levantarmos nosso claustro! Apesar de tanto sacrifício, juro como ainda nem terminamos os alicerces, e no nosso depósito até agora não entrou sequer uma laje para o pavimento. Palavra! Estamos devendo quarenta libras pelas pedras. Ajude-nos, Thomas, em nome de Cristo! Caso contrário, teremos que vender os nossos livros. E se vocês ficarem sem a nossa pregação, vai ser o fim do mundo. Por minha alma, Thomas, – se me permite, – privar o mundo de nossa luz é o mesmo que privá-lo do sol. Pois quem ensina e trabalha como nós? E não é de hoje que fazemos isso, mas desde os tempos de Elias e de Eliseu, – porque (posso provar pelos textos), pela maneira como eram virtuosos, também eles deviam ser frades, – louvado seja nosso Senhor! Ajude-nos, Thomas, pela santa caridade!” E, assim dizendo, pôs-se de joelhos.

O pobre enfermo estava quase louco de raiva. Seu maior desejo era ver o frade arder numa fogueira com toda a sua falsidade e hipocrisia. A custo conseguiu dizer: “Tudo o que me pertence eu gostaria de dar ao senhor, ao senhor e a ninguém mais. Mas diga-me: se eu fizer isso, ficarei sendo irmão leigo de sua ordem?”

“Mas é claro”, assegurou-lhe o frade, “pode confiar em mim. Até já entreguei à sua senhora a carta com nosso timbre.”

“Nesse caso”, continuou o outro, “vou dar alguma coisa a seu santo convento antes de morrer. Mas só vou depositar o donativo em sua mão sob uma condição e nenhuma outra: que o senhor, meu caro irmão, o reparta com os demais frades de modo que todos venham a ter exatamente a mesma quantia. Tem que me jurar isso pela salvação de sua alma, sem fraudes ou cavilações.”

“Por minha fé”, disse o frade, “eu juro!” E, apertando a mão do doente: “Eis aqui o meu penhor! Não vou faltar ao prometido.”

“Então agora”, prosseguiu o enfermo, “enfie a mão sob minhas costas e vá apalpando. Debaixo de minha bunda o senhor vai achar uma coisa que escondi lá.”

“Ah!” pensou o frade. “Estou gostando disso”. E, sem perda de tempo, foi logo com a mão à procura do racho, na expectativa de encontrar o valioso presente. Quando o homem sentiu que o frade, a apalpar aqui e ali, chegara com a mão bem debaixo de seu cu, soltou um peido tão sonoro que nem um cavalo puxando a carroça seria capaz de dar outro igual.

O frade ergueu-se de um pulo, furioso como um leão: “Ah! Canalha! Pelos ossos de Cristo! Você fez isso de propósito, para me ofender! Mas deixe estar: esse peido ainda vai lhe custar muito caro!”

A criadagem do doente, ao ouvir a gritaria, acorreu no mesmo instante, e expulsou o frade. E lá se foi ele, vermelho de indignação, ao encontro do companheiro que ficara com os donativos. Parecia um javali selvagem; rangia os dentes de raiva.

Mais tarde, com passadas decididas, encaminhou-se ele ao palácio onde morava um homem de alta linhagem, de quem era o confessor. Esse nobre era o senhor daquela aldeia. Achava-se à mesa do jantar quando, trêmulo de cólera, entrou o frade. Mal conseguia falar, e a muito custo balbuciou: “Deus o abençoe!” O fidalgo ergueu os olhos e exclamou: “*Benedicite!* Ora, Frei John, que há com o nosso mundo? Posso ver desde já que alguma coisa está errada! Até parece que o senhor está saindo de um bosque fervilhante de ladrões. Sente-se, e conte-me o que aconteceu. Se eu puder, darei um jeito.”

“Deus lhe pague”, agradeceu o frade. “Hoje eu fui de tal forma insultado em sua cidade, que nem o mais miserável dos pajens iria suportar tamanha ofensa. Mas o que mais me irrita é que aquele velhaco de cabelos brancos também teve o desplante de blasfemar contra o nosso convento.”

“Um momento, mestre, por favor...”

“Mestre não, senhor meu”, interrompeu o mendicante, “mas seu criado. Embora eu

tenha merecido o título de mestre na universidade, Deus não gosta que nos chamem dessa forma, nem nas praças nem nas cortes."

"Não faz mal", continuou o outro, "mas diga-me o que o aborrece."

"Senhor, um odioso agravo foi hoje feito a mim e à minha ordem, e, *par conséquence*, a toda a hierarquia de nossa santa Igreja. Um agravo que clama aos Céus!"

"Senhor", contrapôs o fidalgo, "tenho certeza de que sabe o que fazer. Não se exalte. Afinal, é o meu confessor, é o sal e o tempero da terra. Pelo amor de Deus, acalme-se! Conte-me o que aconteceu." E ele então relatou o que houve e foi narrado aqui, – aquilo que vocês já sabem.

A dona da casa, que também se achava sentada à mesa, ouviu em silêncio as palavras do frade. Quando ele terminou, ela disse: "Nossa mãe do Céu, virgem santíssima! Houve mais alguma coisa? Não me esconda nada."

"Senhora", quis saber o frade, "o que acha disso?"

"O que acho?! Por Deus, acho apenas que um vilão cometeu uma vilania. O que mais eu poderia achar? Só espero que Deus o castigue! Sua cabeça doente deve estar cheia de bobagens; talvez tenha sido uma espécie de loucura."

O frade, porém, não ficou satisfeito. "Por Deus, senhora, sinceramente, eu creio que há outras maneiras de puni-lo. Em todas as minhas prédicas de agora em diante vou denunciar esse falso blasfemador, que teve a perversidade de pedir-me que dividisse em partes iguais aquilo que nem sequer é divisível!"

Enquanto isso, perdido em devaneios, o fidalgo não dizia nada, a meditar sobre a questão. Por fim, falou: "Como é que o velhaco teve imaginação para propor um problema desses ao frade? Nunca ouvi coisa igual em minha vida. Só pode ter sido por sugestão do diabo. Nem com a ajuda de toda a aritmética do mundo se chega à solução. Quem poderia demonstrar como é que se faz a divisão em partes iguais do som e do cheiro de um peido? Ah malandrinho atrevido, – maldito seja! – que malícia! Vamos, senhores, ânimo! Quem aqui já ouviu falar de uma coisa dessas? 'Em partes iguais'... que me dizem? É possível ou não? Mas que sem-vergonha, Deus o castigue! O barulho de um peido, como qualquer outro som, não passa de uma reverberação do ar que diminui pouco a pouco. Por minha fé, não há como dividi-lo em partes iguais! Quem iria pensar que um vilão, um vassalo meu, seria capaz de propor tal enigma a meu confessor? Acho que devia estar possuído pelo demônio! Agora, meu senhor, coma a sua comida, e esqueça o velhaco. Deixe que o próprio diabo o enforque!"

A trinchar as carnes postado junto à mesa, o escudeiro do fidalgo pôde ouvir toda a conversa, palavra por palavra. "Senhor", disse ele, "com sua devida licença, se me der um pedaço de pano para fazer um saio, posso mostrar ao senhor frade, desde que ele não se zangue, como repartir esse peido em partes iguais com todo o seu convento."

"Por Deus e por São João", exclamou o dono da casa, "vá em Frente que o pano para o saio já é seu!"

"Meu Senhor", retomou o escudeiro, "num dia de bom tempo e de ar parado, mande trazer a esta sala uma roda de carroça... mas uma que tenha todos os raios, que normalmente são doze. Depois traga doze frades. Sabe por quê? Porque, se não me engano, são treze os frades num convento. Seu confessor aqui completará o número com sua digna presença. Em seguida, todos ao mesmo tempo deverão se ajoelhar, cada qual pondo o nariz na ponta de um raio. Seu nobre confessor, – Deus o abençoe, – ficará de nariz virado para cima bem debaixo do centro da roda. Finalmente, traga aqui o tal velhaco, com a barriga entufada e esticada como um tambor, coloque-o deitado com o traseiro encima do centro, e faça-o dar um peido. Aposto meu pescoço como o senhor há de ver, numa prova demonstrativa e cabal, que tanto o som quanto o fedor atingirão as pontas dos raios na mesma proporção. A única exceção será o seu ilustre confessor, que, sendo um homem de grande importância, colherá, como é natural, as primícias da oferta. Afinal, os frades ainda observam a nobre praxe de que os mais dignos devem ser servidos primeiro. E ele bem que o merece. Hoje, por exemplo, ensinou-nos tantas coisas boas em sua

pregação no púlpito que, na minha opinião, deveria receber os primeiros cheiros não de um, mas de três peidos. E o resto do convento também. Levam uma vida de tanta pureza e santidade!"

O fidalgo, a senhora e todos os presentes, – menos o frade, – acharam que a solução de Janekin era digna de Euclides ou de Ptolomeu. Quanto ao vilão, concluíram que fez o que fez não por loucura ou influência do demônio, mas por astúcia e espírito de mofa. E, com isso, Janekin ganhou um saio novo. Assim termina a minha história. Olhem, estamos quase chegando a uma cidade.

Aqui termina o Conto do Beleguim.

O CONTO DO ESTUDANTE

Segue-se aqui o Prólogo do Conto do Estudante de Oxford.

"Senhor Estudante de Oxford", chamou o Albergueiro, "o senhor cavalga aí tão tímido e retraído que parece uma noivinha à mesa do banquete! Hoje ainda não o vi abrir a boca. Com certeza está meditando sobre algum sofisma. Mas, como diz Salomão, 'cada coisa tem seu tempo'.

"Pelo amor de Deus, sorria! Agora não é hora de pensar em estudo. Vamos, conte-nos uma história alegre! Afinal, quem entra num jogo tem que aceitar suas regras, não é mesmo? Mas não nos venha com pregações, como os frades na quaresma, para que nos arrependamos dos nossos velhos pecados. Nem nos venha com um conto de fazer dormir.

"Conte uma história emocionante de aventuras! Guarde os termos complicados, os floreios e as figuras de retórica para os documentos de estilo, como as cartas que se escrevem para os reis. Agora, por favor, fale numa linguagem bem simples, para que todos o entendam."

Compreensivo, o digno Estudante respondeu-lhe: "Senhor Albergueiro, é seu o bastão de comando! Como estou sob suas ordens, vou esforçar-me, em tudo o que estiver a meu alcance, para obedecer-lhe. Pretendo contar-lhes uma história que aprendi em Pádua com um letrado de grande valor, como o atestam suas palavras e suas obras. Rogo a Deus que dê paz à sua alma, pois ele agora está morto e enterrado.

"Refiro-me a Francisco Petrarca, o poeta laureado, cuja doce retórica iluminou com sua poesia toda a Itália, – assim como Lignaco* a enriqueceu com seus trabalhos de filosofia, direito e outras artes. Mas, infelizmente, a morte, que não permite a ninguém que se demore nesta terra, levou a ambos num piscar de olhos. É esse o destino de todos nós.

"Voltando, porém, ao ilustre autor com quem aprendi este conto, quero dizer que, antes de escrever o corpo da narrativa, fez ele um proêmio, composto no mais alto estilo, em que descreve o Piemonte e a região de Saluzzo, bem como os Apeninos, as altas montanhas que delimitam a Lombardia Ocidental e, particularmente, o Monte Viso, onde numa pequena fonte o Pó tem sua nascente e sua origem, rumando depois para o leste, numa caudal sempre crescente, na direção da Emília, de Ferrara e de Veneza. Tudo isso, entretanto, é muito longo e, a meu ver, impertinente, – mas ele, por algum motivo, quis dar essas informações. Eis, portanto, a sua história, que agora irão ouvir."

Aqui começa o Conto do Estudante de Oxford.

Na parte ocidental da Itália, aos pés do frio Monte Viso, há uma verde e fértil planície, com lindas paisagens e muitas torres e cidades, que vêm dos tempos dos antepassados. Trata-se da nobre região de Saluzzo.

Antigamente, era senhor de toda aquela terra um marquês, que a herdara de seus ilustres ascendentes. Todos os seus súditos, grandes e pequenos, eram-lhe submissos e leais, de modo que, pelo favor da Fortuna, ele sempre viveu tranqüilo, amado e temido pela nobreza e pela

plebe. Além disso, a sua linhagem era a mais elevada de toda a Lombardia. Era um homem bem apessoado, forte, jovem, com alto senso de fidalguia e de honra, e que sabia governar com sensatez. Apesar de tudo, porém, Valter, – era esse o nome do jovem senhor, – tinha alguns defeitos.

Seu defeito maior era que ele não se preocupava com o que podia acontecer-lhe no futuro, pensando apenas nos prazeres do presente, caçando pelos montes ou praticando a cetraria. Com isso, descuidava-se freqüentemente de seus deveres; e, o que era pior, não tinha nenhuma intenção de casar-se.

Esse era o ponto que mais angustiava os seus vassalos. Um dia, eles se reuniram e foram em massa bater às portas do soberano. Um deles, que era mais culto, – ou tinha melhor acolhida como intérprete da vontade comum, ou sabia se expressar com maior clareza, – dirigiu ao marquês estas palavras:

"Oh nobre marquês, o vosso sentimento humanitário nos dá certeza e confiança de que, sempre que houver necessidade, podemos confessar-vos abertamente a nossa insatisfação. Permiti também agora, senhor, com a usual cortesia, que apresentemos entristecidos nossas queixas. Peço-vos que vossos ouvidos não desprezem minha voz. Embora eu próprio não seja afetado pelo problema mais que todos os outros aqui presentes, ouso, meu estimado senhor, pelo favor e pela graça que sempre me demonstrastes, solicitar esta pequena audiência a fim de submeter-vos o nosso apelo. Fareis então, senhor, o que vos aprouver. Tanto apreciamos, senhor, hoje como antes, vossa pessoa e vossas atitudes, que não podemos desejar maior ventura... salvo num ponto, senhor, se o permitis: se resolvêsseis casar, então seria completa a nossa felicidade. Dobrai vossa cerviz a esse ditoso jugo de soberania, e não de servidão, que os homens chamam casamento ou matrimônio! Não ignorais, senhor, com todo o saber vosso, como passam diversamente os nossos dias. Mas, enquanto dormimos ou vigilamos, caminhamos ou cavalgamos, o tempo está sempre a fugir, e nada permanece. Se hoje floresce a vossa verde juventude, a velhice sorrateira está a caminho, calada como uma pedra, pois ela ameaça a todos, em todas as posições, e não perdoa a ninguém. E se todos temos certeza de que um dia morreremos, não temos certeza alguma de quando a morte virá. Aceitai, portanto, as sugestões sinceras dos que nunca se recusaram a atender vossos desejos. Senhor, se o consentis, escolheremos sem tardança uma esposa para vós, buscando-a entre as jovens das mais ilustres e nobres famílias desta região, conforme convém à honra de Deus e à vossa. Livrai-nos dos nossos receios: em nome do Altíssimo, desposai-vos! Pois, se um dia (que o Céu não o permita) com a vossa morte se extinguir vossa linhagem e um sucessor estranho herdar as vossas terras, oh, como este povo não irá sofrer! Por isso vos suplicamos que, sem demora, vos caseis."

O humilde pedido e os rostos súplices encheram de piedade o coração do marquês. E ele então respondeu: "Quereis, meu povo amado, impor-me grilhões que nunca desejei. Sempre dei muito valor à liberdade, que raramente sobrevive ao matrimônio. E, se agora sou livre, então serei escravo. Comove-me, entretanto, vossa sinceridade, e, Como sempre, confio em vosso bom-senso; por isso, declaro-me pronto a atender vosso pedido, casando-me assim que puder.

"Quanto à vossa oferta de escolher-me a esposa, rogo-vos que deixeis esse encargo para mim. Todos sabem que os filhos nem sempre se assemelham a seus ilustres pais, pois a virtude vem de Deus, não do sangue que os concebeu e gerou. Assim sendo, prefiro confiar na bondade do Senhor, entregando a seus cuidados o meu casamento, a minha posição e a minha tranqüilidade, para que faça como bem quiser. Deixai-me, portanto, que eu próprio escolha a noiva... É uma responsabilidade que assumo integralmente. Tudo o que espero, e exijo mesmo de vós, é que, seja a esposa quem for, vós jureis reverenciá-la enquanto viver, – por palavras e atos, aqui e em toda parte, – como se fosse a filha de um imperador. Também quero vossa promessa de que nunca ireis opor-vos à minha escolha ou criticá-la, pois, se renuncio à minha liberdade para o vosso bem, concedei-me pelo menos que eu me case como quer meu coração. Se não concordais com isso, melhor será não mais tocarmos neste assunto."

Todos, de boa vontade, deram seu assentimento, prometendo, sem qualquer voz em

contrário, respeitar essa exigência. Apenas, antes de partir, solicitaram-lhe a graça de fixar a data das bodas, e que fosse o mais cedo possível, aquietando assim aqueles dentre o povo que ainda duvidavam de sua sinceridade ao decidir se casar. Ele então, para satisfazê-los, marcou o dia, assegurando-lhes, ao mesmo tempo, que cumpriria a sua palavra, e que o fazia em atenção a seu pedido. E eles todos, humilde e obedientemente, ajoelharam-se com reverência e agradeceram a seu soberano. Assim terminou o encontro, e todos voltaram para as suas casas.

Sem perda de tempo, o marquês ordenou então aos ministros que preparassem a festa; também a seus paladinos e escudeiros deu ele muitas ordens, que foram prontamente obedecidas. E todos trabalharam com fervor para a solenidade da grande cerimônia.

Parte II

Não muito distante do nobre palácio em que o marquês preparava as suas bodas, havia uma aldeia, situada em lugar muito aprazível, onde os pobres da região cuidavam de seus animais e de suas plantações, extraindo o sustento daquele solo que generosamente retribuía o seu suor.

Morava ali um homem que era considerado o mais humilde de todos, – se bem que, muitas vezes, Deus altíssimo pode esparzir as suas graças sobre uma simples estrebaria. A gente do lugar o chamava Janícula. Tinha uma filha muito bonita, uma jovem de nome Griselda.

Quanto à perfeição moral, era sem dúvida a mais bela sob o sol, pois, criada na pobreza, não permitia que a cobiça ou a lascívia dominassem seu coração. Bebia mais da fonte que do tonel e, para agradar à virtude, conhecia de perto o trabalho, mas não a ociosidade. Ainda no verdor dos anos, encerrava no seio de sua virgindade apenas sentimentos sérios e maduros, tratando com reverência e com amor seu pai humilde e encanecido. Até mesmo quando pastoreava as suas poucas ovelhas, aproveitava o tempo para fiar, descansando somente na hora de dormir. Além disso, ao voltar para casa, quase nunca deixava de trazer raízes ou verduras, que ela picava e cozinhava para a ceia, antes de recolher-se ao duro catre que preparava para si. E, como eu disse, sempre se preocupava com o bem-estar de seu pai, prestando-lhe a obediência e os cuidados com que os filhos devem honrar os genitores.

Muitas vezes, ao cavalgar quiçá para a montaria, o marquês passava por Griselda, aquela singela criatura; e então a olhava, não com o olhar frívolo do desejo, mas observando-lhe o rosto com curiosidade, enquanto intimamente admirava sua feminilidade delicada e também sua virtude, que, na aparência e nos atos, superava a de todas as demais donzelas da mesma idade. Pois, se as pessoas comuns raramente são capazes de intuir as qualidades interiores, ele percebeu logo a pureza da jovem, decidindo em seu coração que, se um dia tivesse que se casar, era com ela que se casaria.

Chegado o dia das núpcias, ninguém sabia ainda quem seria a noiva. Por isso, muitos, estranhando o mistério, deram de imaginar coisas e de sussurrar entre si: "Será que o nosso soberano vai mesmo abandonar sua vida de futilidade? Vai mesmo se casar? Ai, que desgraça! Por que quer ludibriar a si mesmo e a nós?"

No entanto, o marquês já mandara fazer para Griselda vários broches e anéis, com pedras preciosas engastadas em ouro e anil; e, com base nas medidas de uma jovem da mesma altura, encomendara a confecção de suas vestes, bem como a de todos os outros adornos necessários à cerimônia nupcial.

Aproximava-se a hora terceira do dia do casamento; o palácio estava todo ornamentado, – a grande sala, as câmaras... cada qual como devia; as despensas se achavam abarrotadas das mais deliciosas iguarias, fornecidas por todos os recantos da Itália. Então, ao som da música dos menestréis, aquele nobre marquês, envergando os seus trajes mais ricos, acompanhado dos fidalgos e das damas que haviam sido convidados para a festa, além de todos os mancebos aspirantes à cavalaria, tomou a estrada que levava direto à aldeia de que falei.

Griselda, enquanto isso, ignorando por completo toda aquela pompa que se preparara para ela, tinha ido à fonte buscar água, e voltava apressada para casa. Ouvira falar do casamento

do marquês, e tinha esperança de presenciar pelo menos uma parte das festividades. Pensava: "Vou postar-me à nossa porta, com minhas companheiras, para ver a marquesa. É melhor ir logo para casa e terminar o serviço que me espera. Aí então poderei vê-la, se o cortejo passar por aqui rumo ao castelo."

Mas, quando ela estava para entrar por sua porta, chegou o marquês e a chamou. Ela se deteve, pousou o vaso no chão junto ao batente, que ficava encostado a um estábulo, e ajoelhou-se aos pés do soberano, aguardando as suas ordens com o semblante muito sério. O marquês, pensativo, dirigiu-se à donzela em tom grave: "Onde está vosso pai, oh Griselda?" E ela, submissa e respeitosa, respondeu: "Aí dentro, senhor." E. sem mais palavras, foi chamar o pai à presença do marquês.

Este tomou o velho pela mão e o levou a um lugar à parte, onde lhe disse: "Janícula, não posso mais esconder o que me vai no coração. Não importa o que aconteça, se concordares, pretendo tomar tua filha por esposa, pelo resto da vida. Sei que me amas e que sempre me foste um súdito leal; e ouso acreditar que tudo o que me apraz também apraz a ti. Mas eu gostaria de saber, nesse ponto especial que acabei de mencionar, se não te opões a meu propósito, aceitando-me como genro."

O ancião corou, surpreso ante a inesperada novidade; e, trêmulo e atônito, tudo o que conseguiu dizer foi: "Senhor, minha vontade é a vossa; nem poderia eu contrariar vossos desejos, pois sois o meu amado soberano. Podeis fazer o que bem entenderdes."

"Mesmo assim", prosseguiu o marquês em voz baixa, "quero reunir-me contigo e com ela lá dentro de tua choupana. E sabes por quê? Porque preciso perguntar pessoalmente a ela se aceita ser minha mulher, jurando-me a obediência devida. Deveras testemunhar a tudo; e eu te prometo que não direi sequer uma palavra sem a tua presença."

Enquanto acertavam o contrato dentro da choupana, o povo se aglomerava lá fora, admirando, em cada pormenor, como a jovem era atenta e prestimosa nos cuidados com seu pai querido. Griselda, por sua vez, se achava tomada de espanto, pois nunca vira coisa igual na vida. E tinha toda razão. Não era sempre que aparecia por ali um visitante tão ilustre; e, não estando habituada a isso, era natural que empalidecesse.

Mas, para não nos alongarmos nesse ponto, ouçamos as palavras que o marquês dirigiu à bondosa, honesta e fiel donzela: "Griselda, sabei que é do agrado de vosso pai, e meu, que eu vos tome por esposa; e assim farei, espero, se derdes vossa anuência. Por isso, eu vos pergunto (já que tudo tem que ser feito à pressa): estais de acordo, ou gostaríeis de pensar? Antes que me deis vossa resposta, alerto-vos de que devereis estar sempre disposta a atender os meus desejos, de modo que eu possa livremente, como bem me aprouver, fazer-vos rir ou sofrer, sem que nunca haja de vossa parte queixa alguma. E quando eu disser *sim*, jamais me direis *não*, ou com palavras ou com cenho carregado. Jurai-me isso, e selarei nossa aliança."

Embora receosa, e sem compreender plenamente o alcance de tal imposição, disse ela: "Senhor, não sou digna da honra que me concedeis, mas, se essa é a vossa vontade, também há de ser a minha. Juro-vos, portanto, que nunca, voluntariamente, nas ações ou nos pensamentos, irei desobedecer-vos. Juro-vos isso por minha vida, apesar do pavor que a morte me inspira."

"Isso basta, minha Griselda", concluiu ele. E saiu do casebre, com ar muito sério, seguido pela jovem. Lá fora, anunciou ao povo: "Eis minha esposa, aqui a meu lado! Os que me amam devem honrá-la e amá-la. E tudo o que peço."

Em seguida, para que ela não levasse ao palácio nada das velhas coisas que possuía, ordenou ele às suas damas que a despissem ali mesmo. Não obstante a repulsa que sentiam em tocar os seus andrajos, elas vestiram com roupas novas, da cabeça aos pés, a brilhante formosura da donzela. Depois pentearam-lhe os cabelos, que caíam desalinhados sobre os ombros, colocando-lhe uma grinalda na cabeça. Enfim, cobriram-na com jóias de todos os tamanhos. Mas para que descrever seu vestuário? Basta dizer que as pessoas mal a reconheciam em seu esplendor, após a rica transfiguração.

O marquês então a desposou com uma aliança trazida para esse fim, fê-la montar num

cavalo branco como a neve, de passo cadenciado, e, em meio ao júbilo das pessoas que seguiam a comitiva ou vinham ao seu encontro, conduziu-a ao palácio, onde, até que caísse a noite, passaram o resto do dia entre festejos.

E, para abreviar a história, direi que Deus cumulou de tantas graças a nova marquesa que, pelo seu aspecto, ninguém imaginaria que nascera na pobreza e se criara numa choupana ou num estábulo, pois parecia que fora educada na corte de um imperador. Era tão estimada e respeitada por todos que mesmo as pessoas de sua aldeia natal, que acompanharam seu crescimento ano após ano, dificilmente acreditavam, ou podiam jurar, que ela era a filha do Janícula de quem falei, pensando consigo mesmas se não seria alguma outra criatura.

Ainda que sempre tivesse cultivado a virtude, ela, depois que se tornou marquesa, aperfeiçoou ainda mais a sua conduta moral, assentada na generosidade. E tanto se mostrava sensata e justa no falar, séria e digna de reverência, e compreensiva para com os outros, que quem a visse não podia deixar de amá-la. E o renome de sua bondade não se confinou à cidade de Saluzzo, mas se espalhou por mais de uma região. Quando alguém a elogiava, todos concordavam. Tão grande ficou sendo a sua fama que muita gente de outras terras, – homens e mulheres, jovens e velhos, – vinha a Saluzzo apenas para conhecê-la.

Dessa maneira, Valter, devido a essa humilde (oh não, real!) união com a modéstia venturosa, pôde viver em seu lar na santa paz de Deus, em meio às dádivas visíveis da graça. E como descobrira que a virtude frequentemente se esconde por trás da pobreza, era tido como sábio por seu povo, o que raramente acontece. Com efeito, Griselda não apenas se desincumbia com eficiência de todas as obrigações domésticas, mas também, quando o caso requeria, sabia zelar pelo bem da comunidade. Não havia discórdia, rancor ou insatisfação naquela terra que não apaziguasse, a todos devolvendo a tranqüilidade e o bem-estar. Sempre que, na ausência do marido, fidalgos ou outros patrícios se levantavam uns contra os outros, ela restituía a concórdia. Tão sábias e equilibradas eram as suas palavras e tão equânimes os seus julgamentos, que começaram todos a achar que ela havia sido enviada pelo Céu, para salvar o povo e remediar os seus males.

Não muito tempo depois do casamento, Griselda deu à luz uma menina. Embora ela própria tivesse preferido um filho, o marquês e os súditos ficaram felizes, pois a vinda da criança demonstrava que ela não era estéril, e que podiam esperar confiantes o herdeiro.

Parte III

Quando a criança ainda estava em idade de mamar, aconteceu, como muitas vezes acontece com os maridos, que o marquês começou a duvidar da constância de sua esposa, e não conseguia afastar do coração uma estranha vontade de testar sua virtude, impondo-lhe aflições que, por Deus, eram inteiramente desnecessárias. Ela já lhe dera provas mais que suficientes de sua dedicação. Por que então importuná-la sempre mais, – apesar de alguns verem nisso um indício de sagacidade? Em minha opinião, não passa de maldade pôr uma mulher à prova sem motivo, torturando-a com angústias e temores. Mas eis o que ele fez.

Uma noite, quando ela se achava deitada, entrou ele no quarto, com rosto sério e ar perturbado, e disse-lhe: "Griselda, não esqueceste por certo o dia em que te tirei da miséria e te elevei à alta condição da nobreza, não é mesmo? Pois bem, Griselda, espero que a dignidade de hoje não tenha apagado de tua memória o grande favor que me deves por tê-la redimido de tão baixo estado, sem olhar para a humildade de tua origem. Não há ninguém aqui além de nós: ouve bem cada palavra que eu disser. Sabes muito bem como chegaste, não faz muito, a este palácio; e sabes que te amo e te idolatro. Meu povo, porém, não pensa assim. Todos dizem sentir desgosto e vergonha por serem súditos e vassalos de alguém que veio à luz num vilarejo. E, agora que nasceu tua filha, essas queixas têm-se tornado mais freqüentes. Tudo o que quero é viver minha vida tranqüilo e em paz com eles, como vivia antes; por isso, não posso ignorar a situação. Sou obrigado a dispor de tua filha não como eu gostaria, mas como o meu povo exige. Deus sabe

quanto odeio isso. De qualquer forma, não pretendo fazer nada sem o teu conhecimento e, principalmente, sem a tua anuência. Mostra-me agora, Griselda, a paciência que me prometeste e juraste lá na aldeia, no dia em que nos casamos!"

Ao ouvir isso, sem denunciar o que sentia por palavras, por gestos ou esgares, Griselda, como se nada estivesse sofrendo, respondeu assim: "Senhor, tudo está em vosso querer. Minha filha e eu, com sincera obediência, somos vossas; e vós podeis preservar ou destruir aquilo que vos pertence. Fazei segundo a vossa vontade. Por minha alma, nada que vos agrade será do meu desagrado; não desejo possuir nada, nem receio perder nada, a não ser vossa pessoa. É esse o sentimento que tenho, e que sempre terei, no coração. Nem o tempo nem a morte hão de apagá-lo, e jamais hei de mudar."

O marquês gostou da resposta, mas fez de conta que não, deixando o quarto com o olhar franzido e a expressão carregada. Pouco depois, um ou dois dias mais tarde, segredou ele o seu plano a um homem de confiança, e o enviou a sua mulher. Esse homem era uma espécie de oficial, que demonstrara a sua fidelidade em trabalhos importantes e estava pronto a servir seu amo até nos crimes. O marquês tinha absoluta certeza de que ele o amava e temia. Inteirado da vontade do senhor, foi ele de soslaio ao quarto de Griselda.

"Senhora", murmurou ele, "deveis perdoar-me, pois estou apenas cumprindo o meu dever. Sois compreensiva o bastante para saber que não podemos contrariar os desejos de um soberano. Suas decisões podem ser lamentadas ou sentidas, mas temos que obedecer a elas. É o que pretendo fazer, e basta. Recebi ordem de levar esta criança..."

E, nada mais dizendo, agarrou a menina sem piedade, olhando-a como se fosse ali mesmo trucidá-la. Griselda tudo teve que suportar e permitir, submissa e quieta como uma ovelhinha, enquanto o cruel oficial fazia o que queria. Má era a fama daquele homem; mau o seu rosto, más as suas palavras; em má hora aparecera ali. Ai, sua filha bem-amada, – pensava ela, – estava para morrer! No entanto, firme, ela não gemia nem chorava, conformando-se com a vontade do marido.

Por fim, conseguiu ela falar alguma coisa, suplicando humildemente ao oficial que, por sua dignidade de cavalheiro, lhe permitisse beijar a criança antes que fosse morta. Tomou então a filhinha nos braços, beijou-a na mais profunda tristeza, embalou-a para confortá-la, e novamente a beijou. E assim se despediu dela:

"Adeus, minha filha! Nunca mais vou te ver. Mas, como eu te benzi com o sinal daquele Pai sempre louvado, que no lenho da cruz morreu por nós, confio a Ele tua alma, minha criança, pois esta noite morreras por minha causa."

Creio que mesmo uma simples ama não suportaria uma emoção tão grande; quanto mais uma mãe. Ela, contudo, em vez de gritar "ai, que desgraça!" aos quatro ventos, manteve-se inabalável na adversidade, e disse ao oficial:

"Tomai de volta a vossa pequena donzela. Ide cumprir as ordens de meu senhor. Somente uma graça vos peço (caso meu amo não a tenha proibido): que, pelo menos, enterreis o seu corpinho nalgum lugar ao abrigo das feras e das aves."

Ele, porém, nada respondeu; apenas apanhou a criança, e saiu.

O oficial foi então à procura do marquês, a quem reproduziu pormenorizadamente todos os gestos e palavras de Griselda, e a quem entregou a filha amada. Ele ficou, a seu modo, condoído, mas, assim mesmo, não desistiu de seu intento e manteve as suas decisões (como costumam fazer os nobres). Assim, ordenou àquele homem de confiança que envolvesse e agasalhasse bem a criancinha e a colocasse, com todo o cuidado possível, dentro de uma caixa ou de um cesto, para em seguida, sob pena de morte, – sem que ninguém soubesse o seu intuito, e de onde vinha ou para onde ia, – levá-la para Bolonha, para sua irmã querida, a condessa de Pânago, rogando-lhe o favor de criar a menina com todas as atenções que merecia, sem revelar a quem quer que fosse, em nenhuma circunstância, o nome de seu pai. E o oficial se pôs a caminho, e cumpriu a sua missão.

Voltando ao marquês, devo dizer que ele ficou muito curioso a respeito da reação de sua

mulher, imaginando poder notar em alguma atitude, ou perceber em alguma palavra, indícios de mudança em seu comportamento. Nada, entretanto, conseguiu descobrir, pois ela continuava, como sempre, séria e generosa. Em tudo demonstrava, para com ele, a mesma humildade e desvelo, e também o mesmo amor. Jamais deixava entrever qualquer sinal de sua adversidade, e nunca, a sério ou por brincadeira, tocava no nome de sua filha.

Parte IV

Dessa maneira, passaram-se mais quatro anos, quando, pela vontade do Altíssimo, novamente Griselda ficou grávida e deu a Valter um lindo e gracioso menino. Ao saberem da notícia, o marquês e todos os seus súditos se rejubilaram, louvando e dando graças a Deus. Entretanto, dois anos mais tarde, tendo já a criança desmamado, outra vez sentiu o soberano aquele prurido de submeter sua esposa ao teste. Oh desnecessária provação! Parece, todavia, que os homens casados não conhecem medida quando deparam com alguém muito paciente.

"Mulher", disse o marquês, "como já sabes, meu povo mal tolera este nosso casamento; e, agora que me nasceu um filho, as coisas ficaram piores que nunca. Os murmúrios magoam-me demais; os comentários que chegam a meus ouvidos são tão cruéis, que não sei como o coração ainda resiste. Andam dizendo: 'Quando Valter se for, é o sangue de Janícula que vai reinar sobre nós, pois não há outro para sucedê-lo'. É isso o que, temeroso, o meu povo anda dizendo. Não posso desprezar esses murmúrios, porque sei bem as ameaças que tais opiniões encerram, ainda que veiculadas às ocultas. Se puder, quero viver em paz. Por isso, tomei a decisão inabalável de, secretamente, dar ao garoto o mesmo destino que dei à menina aquela noite. Estou te avisando isso para que não sejas apanhada de surpresa e não faças algo desastroso. Peço-te, mais uma vez, que tenhas paciência."

Ela, porém, retrucou: "Já vos disse, e torno a dizer, que não quero nada e não detesto nada, a não ser o que quereis ou detestais. Não fico triste por perder minha filha e meu filho, dado que vós não desejastes que vivessem. Aceito o fato de que o nascimento deles nada me trouxe além de doença, dor e sofrimento. Sois o nosso senhor; disponde do que possuis como melhor vos aprouver; não peçais o meu consentimento. Assim como, ao vir para vós, deixei em casa as minhas roupas velhas, assim também deixei meus anseios e minha liberdade, tomando os trajes que me destes. Podeis agora impor vossos desejos, e a eles me curvarei. Tivesse eu sabido previamente aquilo que iríeis pedir-me, eu já vos teria atendido com a maior diligência; agora que conheço as vossas pretensões, firme e constante me coloco às vossas ordens. Seu eu soubesse que minha morte vos daria prazer, só para agradar-vos eu por certo morreria. A morte nada representa, perto de vosso amor."

Ao ver a constância de sua mulher, o marquês abaixou os olhos, admirando-se de tanta paciência em tal situação. E em seguida, retirou-se com o semblante fechado, mas com o coração feliz.

Aquele cruel oficial, da mesma forma como levara a menina, ou até com maior brutalidade (se é que mais brutal ainda pode ser um homem), veio arrebatar-lhe o menino tão gracioso. E ela, da mesma forma, controlou seus sentimentos e não deixou transparecer a sua dor. Apenas beijou o filhinho, benzeu-o com o sinal da cruz, e suplicou ao carrasco que, se possível, sepultasse na terra os tenros membros delicados, para que o corpo ficasse fora do alcance das aves e das feras. E ele, como da outra vez, não deu resposta alguma; sem se importar com nada, saiu com a criança, e, com todo cuidado, levou-a para Bolonha.

O marquês estava cada vez mais espantado com a paciência da mulher. E, se ele não conhecesse o seu profundo afeto pelos filhos, pensaria que ela lhes era indiferente, sendo, no fundo, fria, cruel e falsa. Mas bem sabia que, depois dele, eram os filhos quem ela mais amava.

Eu gostaria agora de perguntar às mulheres se esses sacrifícios não bastavam. Que mais provas podia querer um marido severo para se convencer dos méritos e da lealdade da esposa? Por que continuar a afligi-la? Infelizmente, porém, há pessoas que, quando resolvem uma coisa,

não sabem como parar, não desistindo de seus propósitos nem mesmo atadas a um pelourinho. Assim era aquele marquês! Insatisfeito ainda, queria levar ao extremo as suas provações.

Por conseguinte, ficou ele à espera de uma palavra ou expressão que denotasse alguma mudança de atitude; mas, inutilmente. Ela permanecia a mesma, por dentro e por fora. E, quanto mais passava o tempo, mais se tornava dedicada e fiel em seu amor, – se é que eram concebíveis maior dedicação e maior fidelidade. De fato, parecia que, entre ambos, havia um só desejo, pois o que Valter queria ela queria também. E bendito seja Deus que a amparava! Sua história era uma viva demonstração de como a mulher deve, apesar de todos os infortúnios deste mundo, desejar apenas o que deseja o marido.

Enquanto isso, a má fama de Valter começou a se espalhar por seus domínios, e todos comentavam que ele, só porque se casara com uma pobre, assassinara, cruel e impiedosamente, os dois filhos às ocultas. Era esse o boato que circulava. E não era para se estranhar, pois tudo o que se sabia era que as crianças haviam desaparecido. Essa reputação fez com que, em vez de amado, ele passasse a ser odiado pelo povo. Mas, por mais detestável que seja a pecha de assassino, nem assim abandonou o marquês os seus malévolos propósitos, torturado pela idéia fixa de pôr à prova sua mulher.

Quando sua filha completou doze anos, enviou ele uma mensagem à corte papal em Roma, sigilosamente informada de seus planos, pedindo que preparassem uma bula favorável às suas cruéis intenções, na qual se declararia, para tranqüilizar os seus súditos, que o Papa o autorizava a casar-se novamente, se assim o desejasse. Naturalmente, seria uma bula forjada, para fazer o povo acreditar que o primeiro casamento estava anulado por dispensa papal, abafando dessa maneira os possíveis rancores e dissenções entre os vassalos. E era o que afirmava a bula, levada ao conhecimento público em toda parte. Como era de se esperar, o povo inculto acatou o documento com naturalidade. Assim que a notícia chegou aos ouvidos de Griselda, ela deve ter ficado profundamente magoada, mas seu semblante nada demonstrou. A humilde criatura estava pronta a suportar os golpes da Fortuna, sempre a serviço da vontade e dos caprichos daquele a quem dera o coração, como se essa fosse a sua única missão na terra.

Em seguida, – para não alongar demais a história, – o marquês redigiu uma carta particular, expondo os seus planos, e a encaminhou secretamente a Bolonha, para o Conde de Pânago, seu cunhado, solicitando-lhe o obséquio de trazer de volta os dois filhos, com todo o cerimonial de praxe. Pediu-lhe ao mesmo tempo que, ainda que lhe perguntassem, não revelasse a ninguém de quem eram aquelas crianças; que apenas anunciasse a todo mundo que a mocinha ia se casar com o Marquês de Saluzzo. E assim foi feito. Ao romper da aurora, com grande séquito de fidalgos vestidos ricamente, o conde se pôs a caminho de Saluzzo, levando consigo a pequena donzela e seu irmãozinho, que cavalgava a seu lado. A jovem trazia as vestes matrimoniais cintilantes de pedras preciosas; o irmão, com apenas sete anos, também envergava trajes esplendorosos. E assim, com grande pompa e muita alegria, viajava a comitiva para Saluzzo, dia após dia mais perto de seu destino.

Parte V

Enquanto isso, o marquês, à sua maldosa maneira, a fim de submeter à prova extrema a firmeza de sua mulher e obter a demonstração cabal e definitiva de que ela ainda era constante, disse-lhe um dia, de público e em voz alta:

"Devo confessar-te, Griselda, que tive muito prazer em ter-te como esposa; e isso, graças à tua virtude, à tua fidelidade e à tua obediência, e não pela tua linhagem ou riqueza. Agora, entretanto, se posso dizê-lo, estou convencido de que o poder, por vários motivos, é uma forma de escravidão. Qualquer camponês tem mais liberdade que eu. Meu povo me obriga a tomar outra mulher, e a grita aumenta a cada dia que passa; até o Papa, para acalmar a insatisfação, consentiu que eu me casasse de novo; e, em vista disso, venho comunicar-te que minha nova esposa já está a caminho. Mostra-te forte, e cede o teu lugar a ela. O dote que me trouxeste,

podes levá-lo de volta: concedo-te essa graça. Retorna à casa de teu pai. Ninguém vive eternamente na ventura. Aconselho-te, pois, que aceites com serenidade os golpes da Fortuna, ou do azar."

E ela, paciente como antes, respondeu: "Meu senhor, sei, e sempre soube, que não há termo de comparação entre a vossa magnificência e a minha pobreza; e isso não há como negar. Jamais me julguei digna de ser sequer a vossa camareira; muito menos vossa esposa. Tomo Deus altíssimo como testemunha (pedindo-lhe que me guie com sua sabedoria) de que nesta casa, da qual me fizeste senhora, nunca me considerei senhora nem patroa, mas humilde serva de Vossa Excelência, a quem pretendo servir a vida inteira acima de qualquer pessoa neste mundo. Se, graças à vossa generosidade, fui mantida por tanto tempo na honraria e na nobreza que nunca mereci, só devo agradecer a Deus e a vós, a quem agora devolvo essas dádivas. E é tudo o que tenho a dizer. Volto contente para meu pai, e com ele hei de viver o resto de meus dias. Lá onde me criei desde pequenina, lá passarei a minha vida até a morte; pois, tendo dado a vós a minha virgindade e tendo sido esposa de tão alto senhor, por Deus, como poderia receber outro homem por marido?!

"Quanto à vossa nova consorte, que Deus lhe conceda riqueza e prosperidade! É com prazer que lhe entrego o lugar onde conheci tanta ventura. Oh meu senhor, antigo refrigério de meu coração, como é de vosso agrado que eu me vá, ir-me-ei quando quiserdes.

"Com referência à permissão que me dais de levar de volta o meu dote, pelo que lembro, tudo o que eu possuía de meu eram míseros andrajos, trapos horríveis que agora nem saberia achar. Oh meu Deus! Como vos mostrastes gentil e generoso, na fala e no semblante, naquele dia em que nos casamos! Mas a verdade, – como sempre soube, e meu caso o comprovou mais uma vez, – é que o amor velho nunca é igual ao amor novo. Ainda assim, senhor, por nenhuma adversidade, mesmo que seja a morte, vou de modo algum arrepender-me de haver entregado a vós meu coração.

"Meu senhor, por certo vos recordais de que, na casa paterna, tive que despir minhas pobres vestimentas para envergar os ricos trajes que vossa bondade me ofertou. Assim sendo, nada mais trouxe comigo além da fé, da nudez e da castidade. Por isso, restituo-vos agora, para sempre, as roupas que me destes, bem como o anel de casamento. Todas as outras jóias, asseguro-vos, se encontram a vosso dispor em vosso quarto. Saí nua da casa de meu pai, e nua ora regresso. Sei que é assim que o desejais. Somente espero que não seja vosso intuito permitir-me que deixe este palácio sem ao menos um roto saio às costas. Não cometeríeis o ato vergonhoso de lançar-me despida por essas estradas, expondo aos olhos de todos o ventre que gerou vossos filhos. Portanto, peço-vos apenas que não me trateis como a um verme. Oh meu senhor tão querido, lembrai-vos de que, embora indigna, já fui vossa mulher. Como paga pela virgindade que vos trouxe e que não levo mais comigo, legai-me ao menos, para meu conforto, este surrado saio, para abrigar o ventre de quem foi vossa marquesa. E agora me despeço de vós, meu senhor, pois não quero aborrecer-vos."

"O saio que tens às costas", respondeu ele, "não faz mal, podes levá-lo." Foi com voz trêmula, de pena e de piedade, que pronunciou essas palavras. E logo se afastou.

Griselda, sem os ricos trajes, envergando apenas um roto saio, com a cabeça descoberta e os pés descalços, foi caminhando para a casa de seu pai, enquanto o povo a tudo assistia. As pessoas a acompanhavam ao longo da estrada, chorando e maldizendo a Fortuna; ela própria, contudo, mantinha os olhos secos e não se queixava de nada.

Seu pai, ao receber a notícia, amaldiçoou o tempo em que a Natureza formara seu corpo e o instante em que o trouxera para a vida. O pobre velho sempre desconfiara desse matrimônio, achando, desde o início, que no dia em que o marquês se fartasse dela, perceberia o despropósito dessa união com alguém de tão baixo estado, rejeitando-a assim que pudesse. Ao dar-se conta, pelo burburinho da multidão, de que a filha se aproximava, saiu ao seu encontro, e, com o seu antigo burel, a cobriu como pôde, enquanto derramava lágrimas copiosas. Mas a roupa mal lhe servia, pois o tecido era grosseiro e encolhera com o passar do tempo.

Assim, voltou a morar com o pai aquela flor da paciência feminina, que, nem por palavras nem por gestos, na presença de outros ou sozinha, jamais mostrou sentir-se injustiçada. Aparentemente, havia até se esquecido de sua alta condição anterior.

Isso, aliás, não surpreendia, visto que, enquanto marquesa, seu espírito era de completa humildade: nunca os requintes da mesa, os caprichos do coração, a pompa, as exterioridades da realeza, mas sempre a paciente bondade, – digna, discreta e sem orgulho, – a afeição e a lealdade ao marido.

Fala-se muito de Jó por causa de sua paciência; e os letrados, quando querem, compõem loas aos exemplos de constância, que geralmente são homens. Na verdade, dão pouca atenção às mulheres. Nenhum homem, entretanto, supera as mulheres na humildade. E seria de estranhar-se se algum deles as vencesse também na constância!

Parte VI

A notícia de que o Conde de Pânago estava para chegar de Bolonha espalhou-se por todo o marquesado, entre grandes e pequenos; e todos também ficaram sabendo que ele trazia consigo a nova soberana, em meio a galas e esplendores jamais vistos por olhos humanos em toda a Lombardia Ocidental.

O marquês, que tudo tramara e, por isso, estava a par de tudo, mandou chamar a pobre e inocente Griselda um pouco antes da chegada do conde. E ela, com o semblante alegre e o coração humilde, veio sem qualquer ressentimento na alma, ajoelhou-se à sua frente e o saudou com modéstia e respeito.

"Griselda", começou ele, "meu desejo é que essa jovem, a quem irei desposar, seja amanhã recebida em minha casa com todas as pompas reais, e que os seus acompanhantes, na cerimônia e no banquete, tenham todas as atenções que merecem, de acordo com seus lugares na escala de precedências. Não tenho nenhuma criada capaz de decorar os aposentos do modo como desejo; por isso, peço-te que assumas a direção desses trabalhos, pois de há muito conheces o meu gosto. Apesar de mal trajada e pouco apresentável, espero que saibas pelo menos cumprir o teu dever."

"Não apenas, senhor," respondeu ela, "fico feliz de atender vossa vontade, mas estou pronta a servir-vos para sempre, em tudo o que puder, sem esmorecimentos. Nunca, por bem algum e nenhum mal, minha alma deixará de amar-vos com todas as suas forças."

Assim dizendo, começou ela a arrumar a casa, a pôr as mesas e a estender as camas. Desdobrava-se no trabalho, ao mesmo tempo em que suplicava às camareiras que, pelo amor de Deus, se apressassem a varrer o chão e a sacudir o pó. E dessa maneira, com exemplar dedicação, enfeitou todos os quartos e o grande salão do banquete.

Por volta da terceira hora, chegou o conde com as duas nobres crianças, enquanto o povo acorria para admirar a opulência das vestes e o brilho das galas. E, ao verem a noiva, as pessoas comentavam entre si que Valter, afinal, não era nenhum idiota, pois trocara a esposa por outra muito melhor. De fato, todos a achavam mais bonita que Griselda; e mais jovem, com promessas de mais belos frutos; e mais indicada, por causa de sua alta linhagem. Também gostaram muito de seu irmãozinho, impressionados pela sua beleza. Agora todos elogiavam a conduta do marquês.

"Oh povo inconstante! Sempre desleal e fútil! Sempre insensato, e mutável como um catavento! Buscando sempre as novidades ruidosas, crescendo e decrescendo como a lua! Sempre atrás do espalhafato que não vale um genoês!* Teu pensamento é falso, tua firmeza é frágil, e grande tolo é o que confia em ti!"

Assim clamavam os homens sérios da cidade, observando a multidão curiosa. A maioria, porém, ria feliz, na excitação de terem no palácio outra marquesa. Mas deixemos este assunto e voltemos a atenção para Griselda, falando de sua constância e seus trabalhos.

Griselda, com efeito, achava-se muito atarefada, cuidando de tudo o que se referia à festa. Embora as suas roupas fossem grosseiras e, além do mais, estivessem rasgadas em vários pontos,

não se sentia envergonhada; pelo contrário, ficou radiante quando pôde interromper os serviços por alguns momentos e ir com as outras criadas até à porta saudar a marquesa. Depois, de semblante alegre, recebeu os convidados com as deferências apropriadas à condição de cada um, sem cometer nenhuma gafe. Todos se perguntavam quem seria aquela mulher que, vestida tão pobremente, entendia tanto de etiqueta e de cerimonial. E louvavam sua prudência.

Enquanto isso, com sinceridade e de todo o coração, não parava ela de fazer os mais justos elogios à donzela e a seu irmãozinho. Finalmente, quando todos os fidalgos tomaram seus lugares, o marquês chamou Griselda, absorta em suas tarefas no salão, e perguntou-lhe em tom jocoso: "Griselda, que achas de minha esposa e de sua beleza?"

"É linda, meu senhor," respondeu ela; "confesso-vos que nunca vi mulher mais encantadora. Rogo a Deus que a proteja, assim como espero que vos torne muito feliz pelo resto da vida. Só uma coisa vos suplico e recomendo: que não façais com ela o que fizestes comigo. Não aflijais com tantos tormentos a delicada donzela. Ela foi criada entre mimos, e provavelmente não será capaz de resistir tão bem à adversidade quanto uma criatura como eu, acostumada à miséria."

Valter, ao ver tamanha paciência estampada naquela face risonha e bondosa, ao vê-la firme e inabalável como uma muralha após tantas injustiças, e ao ver inalterada a sua doce ingenuidade, enterneceu-se com sua constância feminina, e seu teimoso coração cedeu:

"Basta, minha Griselda!" exclamou ele. "Não mereces tantos sustos e maus-tratos. Foste provada em tua fidelidade e teu afeto mais que qualquer outra mulher, de alto estado ou de baixa condição. Agora, minha querida, conheço a tua perseverança..." E, tomando-a nos braços, cobriu-a de beijos.

Ela, confusa, não entendia nem ouvia direito o que o marquês estava a lhe dizer, como alguém que desperta de um sono profundo com a consciência ainda entorpecida.

"Griselda," continuou ele, "juro por Cristo, que morreu por nós, que és minha única mulher! Que minha alma se dane se alguma vez eu tive ou desejei ter outra. Esta, que imaginaste ser a minha noiva, é tua filha; aquele, gerado em teu ventre, é meu herdeiro, com seus plenos direitos garantidos. Fiz que ambos fossem criados secretamente em Bolonha. Toma de volta os dois filhos, e não mais digas que os perdeste. E saibam aqueles que me criticaram que nada do que eu fiz foi por maldade ou por ódio; eu apenas quis testar a tua fidelidade, e não matar meus filhos. Deus sabe que eu jamais faria uma coisa dessas! Foi só por isso que os mantive afastados, até que conhecesse a tua firmeza e os teus propósitos."

Ao ouvir tais palavras, ela desmaiou de emoção e de alegria. Depois, recobrando os sentidos, chamou para junto de si os dois filhos, abraçou-os comovida e beijou-os ternamente, chorando sem cessar e banhando as faces e os cabelos das crianças com suas lágrimas de mãe.

A visão de seu desfalecimento e o tom humilde de sua voz tocaram os corações de todos. E ela dizia: "Obrigada, senhor. Deus vos pague por terdes salvado a vida de meus filhos queridos! Agora que recuperei o vosso amor e a vossa graça, nem da morte tenho medo, ainda que minha hora esteja iminente! Oh meigos e adorados filhinhos meus! Vossa pobre mãe estava certa de que havíeis sido devorados por animais ferozes ou vermes horríveis; no entanto, estais vivos, protegidos pela mercê de Deus e pelo carinho de vosso pai bondoso..." E novamente se deixou cair ao chão desfalecida. Assim mesmo, foi com muito esforço e grande dificuldade que conseguiram libertar os filhos daquele seu amplexo que ainda os enlaçava. Oh, quantas lágrimas umedeceram os rostos dos circunstantes, que mal suportavam toda a emoção da cena!

Valter a acariciava e consolava, enquanto ela se erguia atordoada assim que voltou a si. Ao vê-la recuperar-se, todos regozijaram-se e procuraram confortá-la. Tanto afeto lhe demonstrava o marido que dava gosto ver a felicidade de ambos, agora que estavam novamente reunidos. As damas, sentindo que o momento era oportuno, levaram Griselda para o quarto, trocaram seus trajes grosseiros por cintilantes vestes douradas, e a coroaram com um diadema de pedras preciosas. Depois, conduziram-na de volta à grande sala, onde recebeu as homenagens que todos lhe deviam. E assim chegou a bom termo aquele triste dia, pois todos os convidados, homens e

mulheres, se entregaram de corpo e alma ao júbilo do banquete, rindo e divertindo-se até que as estrelas pontilhassem de luzes o céu. Na opinião de todos, foi uma festa mais deslumbrante e mais rica que a do próprio casamento.

Depois disso, o casal viveu feliz por muitos anos, na harmonia e na tranqüilidade; sua filha se casou muito bem, com um dos nobres ilustres e poderosos da Itália; e o pai de Griselda foi trazido ao palácio, onde passou na paz e no sossego o resto de seus dias. Quanto ao filho, quando o pai entregou a alma a Deus, herdou o marquesado em sucessão normal e fez um bom governo; além disso, teve sorte no matrimônio, se bem que jamais tenha submetido à prova sua esposa. Sem dúvida, as novas gerações não são tão fortes quanto as de antigamente.

Para finalizar, eis aqui as palavras do autor sobre essa história. Segundo Petrarca, ela não foi composta para demonstrar que as mulheres devem seguir a humildade de Griselda, pois, ainda que o quisessem, isso seria intolerável. O que ela busca ensinar é que todos nós, cada qual em sua categoria, deve ser constante na adversidade assim como Griselda. Foi por isso que ele a escreveu, ornando-a com seu elevado estilo. Em seu entender, se uma mulher pôde ser tão paciente perante um simples mortal, por que nós não podemos aceitar com serenidade aquilo que Deus nos manda? Ele tem todo o direito de experimentar o que criou. Além disso, como podemos ler na Epístola de São Tiago*, Ele jamais tenta aqueles que remiu. Não há dúvida, porém, de que nos põe à prova diariamente, permitindo que as lambadas cortantes da desgraça nos atinjam de vários modos. Mas Ele o faz para o nosso próprio aperfeiçoamento, não para conhecer a nossa força de vontade. Ele sabe da nossa fraqueza antes mesmo de nascermos. E, como tudo é para o nosso bem, devemos então cultivar a virtuosa paciência.

Uma palavrinha mais, senhores, só para terminar: hoje em dia não se encontram mais Griseldas facilmente; talvez ainda haja duas ou três numa cidade. Mas, se forem tratadas com dureza, verão que seu ouro não passa de uma liga com latão: a moeda pode ser reluzente, mas, em vez de dobrar-se, ela se quebra.

Em vista disso, e em homenagem à Mulher de Bath, – que Deus proteja a ela e a seu sexo, para que estejam sempre por cima (caso contrário, seria uma desgraça!), – vou cantar, com muito prazer, alguns versos para alegrar a todos depois dessa história tão triste. Ei-los:

O "Envoi" de Chaucer

Morreu Griselda e toda a sua paciência,
E têm ambas na Itália sepultura;
Portanto, a todos faço esta advertência:
Ninguém ponha a mulher à prova dura
Pensando assim outra Griselda achar,
Pois não encontrará o que procura.

Oh nobre esposa, cheia de prudência,
Solta tua língua sem qualquer censura;
Rouba ao letrado a causa e a diligência
Para narrar a tua desventura
Como nova Griselda modelar,
Ou Chichevache* vem e te tritura!

Segue Eco, que não cala sua consciência,
A tudo respondendo sempre à altura.
Não te deixes levar pela inocência,
Mas as rédeas na mão firme segura.
Deves na mente esta lição gravar,
Pois garante à mulher a paz futura.

Defende, arquimulher, tua existência!
A força do camelo em ti conjura,
Faz o homem te tratar com deferência!
E tu, que és meiga e frágil criatura,
Num moinho transmuda-te a girar!
Qual tigre indiano o ataca sem brandura!

Não lhe tenhas temor nem reverência,
Pois, inda que metido em armadura,
A flecha de tua ríspida eloqüência
Peitoral e viseira lhe perfura.
Presa do ciúme, ele há de tiritar
Como a codorna tímida e insegura.

Se és bela, então sê vista com freqüência,
Mostra a todos teus trajes e figura;
Se és feia, gasta e dá com indulgência,
Buscando amigos com desenvoltura;
Sê qual folha de tília a se agitar,
Enquanto ele se torce e se tortura!

Aqui termina o seu Conto o Estudante de Oxford.

O CONTO DO MERCADOR

Prólogo do Conto do Mercador

"Lamentos e lamúrias, preocupações e sofrimentos de noite e de manhã são coisas que não me faltam", disse o Mercador, "a exemplo, quero crer, de muitos outros que também são casados. Pelo menos no que me diz respeito, é assim que levo a vida. Eu não poderia ter arranjado mulher pior; e posso jurar que até o diabo, se fosse marido dela, iria se dar mal. O que poderia eu lembrar particularmente como amostra de sua enorme maldade? Ela é uma megera em tudo. Que gigantesca diferença entre a infinita paciência de Griselda e a crueldade sem medida dessa minha mulher! Ah, se eu fosse livre, – quem me dera! nunca mais cairia no laço. Só dores e cuidados formam a vida do homem casado. Quem não me acreditar que experimente; e, por Santo Tomás da Índia, verá que o que digo é a pura verdade na maior parte dos casos, ainda que não em todos. Deus nos livre, que aí também já seria demais!

"E o pior, meu bom Albergueiro, é que faz só dois meses que me casei, não mais do que isso, por Deus! Mesmo assim, tenho certeza de que aquele que viveu solteiro a vida toda, ainda que lhe atravessassem o coração com uma espada, teria menos misérias para contar do que eu nesses dois meses, tudo por causa da perversidade de minha patroa!"

"Mercador", interveio o Albergueiro, "Deus que o ajude! Mas já que o senhor conhece tão bem o matrimônio, por favor, conte-nos alguma coisa a respeito dele."

"Com prazer", concordou o outro. "Só que, para não aumentar a dor em meu coração, de meus próprios males não vou dizer mais nada."

Aqui tem início o Conto do Mercador.

Na Lombardia morava outrora, em grande prosperidade, um distinto cavalheiro natural de Pavia. Vivera solteiro sessenta anos, e, quando sentia vontade, satisfazia os desejos do corpo com mulheres da vida (como fazem os tolos seculares). Entretanto, quando completou seus sessenta anos, não sei se por sentimento religioso ou caduquice, sentiu o tal cavalheiro tamanha necessidade de casar-se, que passava os dias e as noites ponderando sobre quem poderia ser a eleita de seu coração e rogando a Deus a graça de poder provar a grande ventura das pessoas casadas e de viver dentro do elo sagrado com que o Senhor uniu o homem e a mulher pela primeira vez. "Os outros modos de vida," dizia ele, "não valem uma fava, porque o matrimônio é algo tão agradável e puro que equivale ao paraíso na terra." Assim pensava o velho cavalheiro, que era tão sábio.

De fato, – acreditava ele, – assim como é verdade que Cristo é o nosso rei, é verdade também que o casamento é uma coisa gloriosa, principalmente para um homem velho e de cabelos brancos. Aí então a mulher se torna para ele o fruto de seu tesouro. Só que ele precisa saber escolher uma esposa jovem e bonita, para que possa gerar um herdeiro para si e levar a vida no prazer e na alegria, enquanto os solteirões vão cantando *oh, sorte ingrata!* diante das adversidades do amor, essa tolice infantil. E, com efeito, os solteirões bem que merecem essas penas e sofrimentos constantes, visto que construíram sobre a areia e, por isso, só podem esperar fragilidade em lugar de solidez. Vivem em plena liberdade, como as aves e os animais, sem restrição de espécie alguma, enquanto o homem casado, por sua própria condição, tem uma existência feliz e ordenada, preso ao jugo matrimonial. Assim sendo, ele só poderia mesmo ser recompensado com a alegria e a ventura, pois quem é mais obediente que uma esposa? Quem, mais que a sua companheira, é fiel e atenciosa para com ele, na saúde e na doença? Na felicidade ou na desgraça, ela jamais o abandona; jamais se cansa de amá-lo e de servi-lo, mesmo quando imobilizado em seu leito de moribundo. É incrível que ainda haja autores que digam o contrário! Um deles é Teofrasto. O que o teria levado a mentir? Eis o que ele disse: "Também não se case por economia, pensando em reduzir os seus gastos. Um servo de confiança poupa os seus bens com mais diligência que sua esposa, que passa a vida a reclamar sua metade. E se você adoecer, – proteja-me Deus! – seus amigos sinceros, ou um criado leal, cuidarão de você melhor do que ela, que passa os dias a aguardar a sua herança. Além disso, ao contrair núpcias, saiba que nada o impede de se tornar um cornudo." O que esse homem escreve são coisas desse tipo, e centenas de outras piores... Que Deus lhe amaldiçoe os ossos! Espero que ninguém dê ouvidos a tais bobagens, preferindo pensar como eu, em desafio a Teofrasto.

Uma esposa é, por certo, uma dádiva divina! Tudo o mais que recebemos, como terras, rendas, pastagens, propriedades comuns ou bens móveis, são dádivas da Fortuna, que passam como sombras sobre o muro. Mas não temam! Se posso falar francamente, direi que, ao contrário dessas coisas, uma esposa permanece, durando, muitas vezes, mais do que se esperava.

Que sacramento maravilhoso é o matrimônio! O celibatário, em minha opinião, é um pobre infeliz; vive desamparado e sem consolo (estou falando, é evidente, da condição secular, não do clero). Não é à toa que digo isso: a mulher foi feita para ser a companheira do homem. Depois que o Altíssimo fez Adão, Ele o viu tão sozinho e pelado, com a barriga de fora, que, em sua infinita bondade, exclamou: "Vamos fazer para esse homem uma companheira à sua semelhança." E foi então que criou Eva. Pode-se ver e comprovar por aí que a mulher è o esteio e o conforto do homem, é seu paraíso terrestre e seu entretenimento. E, sendo ela tão submissa e virtuosa, os dois só poderiam mesmo viver em união. São ambos uma só carne, e, a meu ver, uma só carne possui um só coração, na ventura e no infortúnio.

Uma esposa! Santa Maria, que bênção! Quem tem ao lado uma esposa, como pode conhecer a adversidade? Nem sei como explicar isso! Nenhuma língua consegue descrever, nenhum coração pode sentir toda a felicidade que um casal experimenta. Quando ele é pobre, ela o auxilia no trabalho, cuida de seu dinheiro, não desperdiça nada; tudo o que o marido quer, também é de seu agrado; nunca diz *não* quando ele diz *sim*. "Faça isto," manda ele; e ela responde: "agora mesmo, senhor". Oh ditosa instituição do precioso matrimônio, ao mesmo tempo

virtuosa e doce, tão exaltada e aceita por todos que o homem que se preze deveria agradecer a Deus a vida inteira por lhe haver concedido uma esposa, ou então rogar a Ele que lhe mande uma para lhe fazer companhia até a morte. Somente assim o homem se sente seguro; somente assim não será vítima de enganos, – desde que siga os conselhos da esposa. Então poderá erguer corajosamente a cabeça, pois elas são sempre tão leais e tão sensatas. Portanto, quem quiser imitar os sábios, não deve desprezar jamais as sugestões da mulher.

Vejam o caso de Jacó*, que, de acordo com os entendidos, graças ao bom conselho de sua mãe Rebeca, prendeu uma pele de cabrito ao pescoço, ganhando assim a bênção de seu pai.

Vejam Judite, que, segundo conta a história, preservou o povo de Deus graças à sua sabedoria, matando Holofernes no sono.

Vejam Abigail, como ela, graças ao seu discernimento, salvou seu marido Nabal quando ele estava para ser morto; e vejam Ester também, que, com seu bom conselho, livrou da desgraça o povo do Senhor, e levou Assuero a promover Mardoqueu.

Como diz Sêneca*, "perto de uma esposa humilde, nada merece o grau superlativo".

Catão, por sua vez, recomendava: "Suporte com paciência a língua de sua mulher; você tem que tolerar as suas ordens, porque, em contrapartida, ela também lhe obedecerá, – e por meiguice." A mulher é a guardiã do patrimônio do esposo. Tem razão de gemer e de chorar o homem doente que não tem uma mulher para tomar conta de sua casa. Por isso é que eu acho que, quem quiser agir com sabedoria, deve amar sua esposa como Cristo à Igreja. Aquele que ama a si mesmo também ama sua mulher, pois ninguém odeia a própria carne. Pelo contrário, todos passam a vida a cuidar dela. Dessa forma, o concilio que dou a quem deseja o próprio bem é que não maltrate sua mulher. O casamento, apesar das brincadeiras e das caçoadas que fazem, é o único caminho certo para quem vive no mundo: é tão firme a união do esposo e da esposa, que nada é capaz de prejudicá-los, – principalmente à mulher.

Assim pensando, Janeiro, a personagem desta minha história, optou, em sua velhice, pela vida feliz e pela tranqüilidade virtuosa da doçura de mel do casamento. E, certo dia, convocou os seus amigos a fim de lhes transmitir sua decisão.

Com rosto sério, relatou-lhes o seu caso, dizendo: "Amigos, estou velho e grisalho; e, sabe Deus, quase à beira da cova. Preciso pensar um pouco na alma. Tolamente andei cometendo excessos. Mas, bendito seja Deus, isso agora será corrigido, porquanto pretendo casar-me, sem mais perda de tempo, com alguma donzela bonita e na flor da idade. Peço-lhes que me ajudem a arranjar a noiva... E depressa! porque não me agüento de impaciência. É claro que, de minha parte, também vou procurar. Mas, como vocês são mais do que eu, creio que irão achá-la primeiro, apontando-me com quem deverei unir-me."

"Quero, porém, avisá-los de uma coisa, meus caros amigos: uma mulher velha não vou aceitar de modo algum. Ela não pode ter mais do que vinte anos. Peixe velho e carne nova são as minhas preferências. O lúcio é melhor quando adulto que quando peixinho; e melhor que o marruco é a vitela macia. Não quero saber de trintonas: elas não passam de palha de feijão e de forragem. Nem dessas viúvas enrugadas, por Deus! Elas conhecem tantos truques da barca de Wade*, sabem tantos pedaços de malvadeza quando querem, que com elas eu não teria um minuto de paz. Se é verdade que o sábio fica mais sutil quando freqüenta muitas escolas, a mulher escolada tem meio caminho andado para se tornar uma sábia! Não, prefiro uma coisinha nova, que pode ser guiada como se molda a cera quente com as mãos. E tem mais: se por acaso, depois de unido a uma mulher madura, eu tivesse a desgraça de não achar prazer algum, eu teria que viver no adultério e, quando morresse, iria direto para o inferno. Além disso, como poderia fazê-la conceber um filho? E digo-lhes que antes desejo ser devorado pelos cães ferozes a permitir que minha herança caia em mãos estranhas. Ah não! Sei bem as razões por que um homem se casa. E, ademais, sei muito bem que há muita gente por aí, a falar do matrimônio e dos motivos pelos quais contraímos núpcias, que entende do assunto menos que meu pajem. O que dizem é que, quando o homem não consegue manter-se casto, deve desposar uma mulher com toda a devoção, não por causa do amor ou do sexo, mas com vistas à lícita procriação dos filhos, para a

maior glória de Deus; dessa maneira, poderá fugir da luxúria, pagando o seu débito apenas quando for necessário. Dizem também que o casamento existe para que o marido e a mulher possam se ajudar mutuamente no infortúnio, como irmão e irmã, vivendo em santa castidade. Senhores, com sua devida licença, não sou desses! Graças a Deus, posso gabar-me de ainda ter membros aptos e robustos para fazer tudo o que se espera de um homem. Sei melhor que ninguém aquilo de que sou capaz. Posso ser velho, mas sou como a árvore, que dá flores antes de dar frutos; e ninguém pode dizer que a árvore está seca ou morta porque floriu. Na verdade, só os cabelos traem a minha idade, pois meu coração e todo o resto de meu corpo estão viçosos como o loureiro que fica verde o ano todo. Agora que já sabem qual o meu desejo, espero que acolham favoravelmente a minha pretensão." Em resposta, pessoas diversas contaram-lhe casos diversos sobre o matrimônio. Como era natural, alguns o criticaram, outros o elogiaram. Por fim, para abreviar a história, – já que, quanto foi longo o dia, houve altercações nesse debate entre os amigos, – teve início uma contenda entre os dois irmãos de Janeiro. Um deles se chamava Placebo, e o outro Justino.

Disse Placebo: "Oh Janeiro, meu irmão, pouca necessidade tem você, amado senhor meu, de pedir a opinião dos presentes. Se o faz, é porque é um homem de sabedoria, a quem não agrada, em sua elevada prudência, desprezar a palavra de Salomão, que assim recomendou: 'Peça conselho em tudo o que fizer, e nunca se arrependerá'. Entretanto, em que pese ao ponto de vista de Salomão, acredito, pela salvação de minha alma, que não há opinião melhor que a sua própria. Vou lhe explicar, caro irmão e senhor, por que motivo assim penso. Tenho sido cortesão a vida inteira, e, embora sem merecê-lo, sabe Deus que já ocupei cargos de grande relevância junto a senhores da mais elevada condição. No entanto, nunca discuti com nenhum deles, e juro como jamais os contrariei. Ora, eu sei que meu senhor sabe mais do que eu. Por isso, sempre apoio com firmeza e lealdade tudo o que ele afirma, ou dizendo a mesma coisa, ou algo parecido. Não é mais que um grande tolo o conselheiro que, a serviço de algum potentado ilustre, ousa presumir, ou sequer imaginar, que sua opinião supera o discernimento de seu amo. Não, por minha fé: se são senhores, é porque não são bobos! Você mesmo fez hoje afirmações tão profundas, santas e justas, que endosso e confirmo inteiramente a sua idéia e todas as suas palavras. Por Deus, não há nesta cidade, nem na Itália inteira, alguém que possa dizer algo mais sensato. Cristo, por certo, há de recompensar quem pensa assim. Não há dúvida: um homem precisa ser muito fogoso para escolher uma esposa jovem quando entrado em anos. Pela estirpe de meu pai, você pendurou mesmo o coração no cabide da alegria! Nesse ponto, faça como melhor lhe parecer, pois tenho certeza de que tudo dará certo."

Justino ouviu tudo, sentado em silêncio; depois, respondeu assim a Placebo: "Meu irmão, peço-lhe um pouco de paciência: você já falou; agora ouça o que tenho a dizer. Sêneca, entre outras palavras de sabedoria, asseverou que um homem deve escolher muito bem o indivíduo a quem confia sua terra ou seu rebanho. E se devo examinar com cuidado a pessoa a quem entrego as minhas propriedades, com muito mais razão devo examinar aquela a quem entrego meu corpo; pois, ouça bem, o matrimônio não é uma brincadeira de crianças para que se entre nele impensadamente. Minha opinião é que, antes de mais nada, devemos buscar saber se a mulher é prudente, sóbria, bêbada, ou orgulhosa; se é uma megera, uma rabugenta, uma esbanjadora; se é rica, pobre ou louca por homens. De fato, já que não existe ninguém no mundo, homem ou animal, que seja perfeito em tudo, como era de se desejar, precisamos nos contentar com uma mulher que, pelo menos, tenha mais virtudes que defeitos. Essa pesquisa, porém, é coisa que leva tempo. Por Deus, eu mesmo tenho derramado muitas lágrimas em segredo desde o dia em que me casei. Quem desejar que elogie a vida de casado! Quanto a mim, só encontrei nela gastos, preocupações e deveres desprovidos de qualquer satisfação. Não obstante isso, meus vizinhos, – principalmente as mulheres, uma multidão de mulheres, – vivem dizendo que a minha é a esposa mais fiel e mais dócil que existe na face da terra. Só que eu é que sei onde o sapato me aperta. Por mim, você pode fazer o que quiser. Mas, cuidado! Você já é um homem velho. Veja bem como vai se meter nessa história de casamento... Ainda mais com uma mulher jovem e bonita. Em

nome d'Aquele que fez a água, a terra e o ar! Até mesmo o mais novo de todos aqui presentes teria dificuldade em segurar uma mulher dessas em casa. Imagine você! Um homem da sua idade não seria capaz de satisfazê-la nem por três anos, – quero dizer, satisfazê-la plenamente. As esposas são exigentes demais. Por favor, não me leve a mal."

"Bem," respondeu Janeiro, "então isso é tudo o que você tinha para me dizer? Pois que vão às favas o seu Sêneca e os seus provérbios! Sua fala é um cesto cheio das ervas do pedantismo. Como você já pôde ouvir, homens muito mais sábios aprovam os meus propósitos. Placebo, o que você acha?"

"Eu acho que todo aquele que tenta atrapalhar um matrimônio," disse ele, "não passa de um amaldiçoado." E, a essa palavra, todos se levantaram, e concordaram que o cavalheiro deveria casar-se quando e onde bem entendesse.

A partir de então, por causa do casamento, o espírito de Janeiro foi assaltado, dia após dia, por profundos devaneios e febris agitações. E, noite após noite, seu coração o fazia vislumbrar muitas formas belas e muitos belos rostos, como se fosse um espelho polido e brilhante que, colocado na praça do mercado, refletisse uma seqüência contínua de passantes. Era assim mesmo que a memória de Janeiro refletia todas as jovens da vizinhança. E ele não lograva fixar-se em nenhuma. Se uma tinha as feições bonitas, outra conquistava a simpatia das pessoas por sua seriedade e gentileza, sendo assim favorecida pela opinião do povo. Algumas eram ricas, mas de má reputação. Malgrado essas dificuldades, ele, meio a sério e meio na brincadeira, finalmente escolheu uma, expulsando as demais do coração. Escolheu-a de livre e espontânea vontade, dado que o amor é cego e nunca vê nada. E, quando foi para a cama, ficou a repassar, na mente e no coração, o frescor da beleza da eleita e sua juventude, sua cintura fina, seus braços longos e graciosos, sua prudência e sua cortesia, seu porte feminino e sua dignidade. Feita a opção, estava certo de que nada mais poderia alterá-la, pois considerava a inteligência dos outros tão inferior à sua que não podia imaginar alguém capaz de convencê-lo do erro de uma decisão que tomara. Tal era a sua fantasia.

A essa altura, mandou chamar os amigos, rogando-lhes com insistência que fizessem o favor de comparecer. Queria aliviá-los de seus encargos: não mais precisavam andar e cavalgar por aí à procura da noiva. Ele próprio chegara sozinho aonde queria, e não pretendia arredar pé. Primeiro chegou Placebo, e logo depois os demais. Começou ele pedindo a todos o obséquio de não argumentarem contra a conclusão a que chegara, visto que ela não só agradava a Deus, como constituía uma base segura para a sua felicidade. Declarou, depois, que havia na cidade uma jovem muito conhecida por sua formosura, embora fosse de família humilde. Mas para ele bastavam sua beleza e sua juventude, de modo que resolvera desposá-la para viver com ela em sossego e santidade. E agradecia a Deus poder possuí-la todinha para si, sem ter que repartir suas graças com ninguém. Para concluir, pediu ele aos amigos que o ajudassem naquela conjuntura, contribuindo para o apressamento das formalidades, pois somente com a consumação do matrimônio o seu espírito teria descanso. E acrescentou: "Então nada irá perturbar-me, – a não ser uma coisa, que ainda me dói na consciência. Vou lhes contar o que é. Não é de hoje que ouço dizer que ninguém pode conhecer duas felicidades perfeitas, ou seja, aqui na terra e lá no Céu. Embora o casamento proteja o homem dos sete pecados mortais e o afaste dos ramos da árvore do mal, ele oferece tal bem-aventurança, tamanha tranqüilidade e tantos prazeres, que tenho medo, agora na velhice, de levar uma vida tão agradável e deliciosa tão livre de angústias e de conflitos, que acabarei gozando o paraíso aqui na terra mesmo. E como sei que o verdadeiro paraíso só se conquista com atribulações e sacrifícios, como poderei eu, vivendo em meio às doçuras que a esposa proporciona ao marido, merecer a graça da vida eterna com Cristo? É esse o meu grande temor. Por favor, meus dois irmãos, esclareçam essa questão para mim."

Justino, que odiava a sua insensatez, foi quem lhe respondeu, em tom de galhofa. E, como queria ser breve, desta vez não citou nenhum autor. Apenas disse: "Senhor, se esse é o único obstáculo, esteja certo de que Deus, em sua onipotência e misericórdia, dará um jeito, antes que você vá repousar no campo santo, de fazê-lo arrepender-se da vida de casado, que para você

parece isenta de angústias e de conflitos. Afinal, nosso Pai do Céu não faria a injustiça de negar aos casados aquela graça do arrependimento que Ele tantas vezes concede aos solteiros! Portanto, senhor, o melhor conselho que posso dar-lhe é que não se desespere, lembrando-se sempre de que sua esposa talvez venha a ser seu purgatório! Ela poderá muito bem ser o instrumento e flagelo de Deus. Nesse caso, sua alma há de voar para o Céu mais veloz que a flecha quando sai do arco. Oxalá você aprenda um dia que não há, nem nunca poderá haver no matrimônio, tanta felicidade que chegue a ameaçar sua salvação. Basta que você, seguindo os ditames da razão e do bom-senso, saiba apreciar com moderação os encantos de sua esposa, evitando os exageros da sensualidade e abstendo-se dos demais pecados. Como não sou nenhuma sumidade, vou parar por aqui. Não se agaste comigo, caro irmão; e vamos mudar de assunto."

Se entenderam bem, o que Justino disse sobre o casamento, o tema de que ora tratamos, foi na essência o mesmo que já expusera a Mulher de Bath, em sua fala breve e precisa.

"Passe bem, e que Deus o proteja," foram suas palavras finais. Depois disso, os dois irmãos e todos os presentes se despediram. Vendo que as coisas tinham que ser como Janeiro queria, trataram logo de acertar, através e um contrato cauteloso e equilibrado, seu casamento com a jovem pretendida, cujo nome era Maio. Não quero aborrecê-los aqui com os pormenores dos artigos e dos parágrafos que permitiram a ela entrar na posse dos bens de seu marido; nem pretendo descrever suas ricas vestimentas. O que importa é que, tendo finalmente chegado o grande dia, foram ambos à igreja receber o santo sacramento. O padre então se aproximou, com a estola em volta do pescoço, aconselhou-a a imitar a sabedoria e a fidelidade conjugal de Sara e de Rebeca, rezou as orações de praxe, fez sobre eles o sinal da cruz e rogou a Deus que os abençoasse, sancionando assim a união com o selo da santidade.

Concluída a cerimônia solene, ei-los na festa, sentados sobre um estrado na companhia dos convidados mais ilustres. O palácio inteiro transbordava de alegria e felicidade, cheio de música e de iguarias, as mais requintadas da Itália. Tal era a maviosidade dos instrumentos que nem as melodias de Orfeu ou de Anfião de Tebas* poderiam superá-la. Cada prato era precedido por nova eclosão dos menestréis, mais alta que a trombeta de Joabe e mais clara que a de Teodomante em Tebas, quando a cidade estava sob a ameaça do assédio. O próprio Baco servia o vinho aos convivas; e Vênus, toda sorrisos porque Janeiro estava para provar no matrimônio o ardor que demonstrara quando livre, dançava diante da noiva e dos comensais com uma tocha acesa na mão. Cale-se agora o poeta Marciano*, que nos relata as alegres núpcias de Mercúrio com a sua Filologia e os cantos que as Musas cantaram! Sua pena e sua língua são ambas pequenas demais para retratarem este casamento. Quando a tenra juventude se une à velhice recurva, o júbilo é tão grande que se torna indescritível. Se não me acreditam, façam vocês mesmos a experiência, e saberão se estou ou não dizendo a verdade.

Maio, sentada entre os convidados com aquela expressão de bondade, lembrava uma fada; nem a Rainha Ester olhava para Assuero com tanta meiguice. Não posso reproduzir aqui sua beleza: só posso dizer de seus encantos que pareciam os de uma brilhante manhã de maio, cheia de vida e frescor.

Janeiro, naturalmente, cada vez que olhava para ela, deslumbrava-se e ficava em êxtase. E, com certa maldade no coração, prometia a si mesmo que, naquela noite, iria apertá-la nos braços com mais força que Páris à sua Helena. Ao mesmo tempo, contudo, sentia muita pena dela por ter que violentá-la, pensando: "Ah, pobre criaturinha! Que Deus lhe dê forças para suportar todo o vigor de meu desejo, tão agudo e penetrante! Tenho muito medo de que você não o agüente. Tomara que eu saiba me controlar e não dê tudo o que posso. E tomara a Deus que já fosse noite, e que a noite fosse eterna, e que toda essa fosse embora." Finalmente, com muita habilidade, começou ele a insinuar a seus convidados que o banquete estava para terminar.

Assim, chegou a hora de deixarem a mesa. Todos então foram dançar e beber; em seguida, espalharam especiarias perfumadas pela casa, cheios de alegria e felicidade. Todos, menos um, – um escudeiro chamado Damião, que, de longa data, destrinçava as carnes para o cavalheiro. Apaixonara-se tanto pela beleza de Maio, sua senhora, que estava a ponto de

enlouquecer de desejo. Por pouco não desmaiava ou morria ali mesmo, tal a gravidade dos ferimentos que Vênus lhe causara com a tocha ardente que segurava na dança. Por isso, tratou ele de refugiar-se depressa em sua cama. E lá vamos deixá-lo, gemendo e chorando, até que a formosa Maio se compadeça de seu penar.

Oh fogo perigoso, que arde nas palhas do leito! Oh inimigo familiar, que finge servir a nós! Oh servo indigno, que falsamente ostenta as nossas cores domésticas, igual à víbora traiçoeira em nosso peito... Que Deus nos proteja de sua maldade! Oh Janeiro, embriagado pelas delícias do matrimônio, veja como o seu Damião, o seu próprio escudeiro, que você mesmo criou, planeja fazer-lhe o mal. Queira Deus abrir-lhe os olhos para o inimigo doméstico, pois a pior praga do mundo é o desafeto que está sempre em nossa presença, dentro do próprio lar.

■Enquanto isso, o sol havia percorrido o seu arco diurno, e, naquela latitude, seu corpo não mais podia pairar sobre o horizonte. A noite, com seu manto negro e rude, passava a recobrir todo o hemisfério. Por isso, a alegre companhia começou a dispersar-se, com muitos agradecimentos ao noivo; e, entre risos, os convidados cavalgaram para as suas casas, onde cada um se distraiu como quis até que chegasse o sono. Janeiro, entretanto, não desejava perder tempo; queria ir logo para a cama. Bebeu um cordial de Hipócrates, o Clarete e o Vernaccia, vinhos que temperou com especiarias para revigorar o seu desejo; tomou também remédios potentes, como os que Dom Constantino, aquele monge maldito, descreve em seu livro *De Coitu*, ingerindo a todos sem titubeios. Depois, disse aos amigos mais chegados, que ainda estavam por lá: "Pelo amor de Deus, façam-me a gentileza de esvaziarem a casa o mais depressa possível."

E assim fizeram: beberam os últimos goles, puxaram o cortinado, conduziram a noiva ao leito, – muda como uma pedra, – e, depois que o padre abençoou o tálamo, foram-se todos embora. Janeiro, enfim, pôde apertar nos braços sua Maio primaveril, o seu paraíso, a sua companheira. Ele a acalentava, ele a beijava sem parar... Esfregava em seu rostinho macio aquela barba de pêlos duros e espetados, que havia aparado a seu modo, eriçada como um espinheiro e áspera como o couro de um cação. E dizia a ela: "Oh, que pena, minha esposa, que vou ter que machucar você e judiar de você enquanto não chegar a hora de descer. Mas pense nisto: nenhum operário, seja ele quem for, é capaz de trabalhar depressa e bem. Precisamos ir com calma, para que tudo saia perfeito. Não importa o quanto vai durar a nossa distração... Afinal, estamos unidos pelos sagrados laços do matrimônio! E bendito seja o jugo que nos prende, pois, graças a ele, nossos atos não são pecaminosos. Nenhum homem pode pecar com a própria esposa, nem ferir-se com a própria faca. É a lei que nos permite esse entretenimento." E lá se pôs a trabalhar, até que raiasse o dia. De manhã cedo, após comer um pedaço de pão embebido em vinho, sentou-se ereto na cama e começou a cantar com todas as forças de seus pulmões, voltando-se, de vez em quando, para beijar a noiva e lançar-lhe olhares lascivos. Estava muito fogoso, cheio de paixão; e tagarelava como pega pintalgada. A pele murcha em volta de seu pescoço tremia, de tanto que gritava e se esgoelava ao cantar. Mas só Deus sabe o que Maio estava pensando, ao vê-lo sentado dentro daquele camisolão, com o barrete de dormir na cabeça e com aquele pescocinho fino. Com certeza não estava achando grande coisa o seu "entretenimento". Finalmente, bocejou ele: "Vou descansar um pouco; o sol já nasceu, e eu não me agüento mais de sono." E, recostando a cabeça no travesseiro, dormiu até a hora prima. Mais tarde, quando viu que já era tempo, levantou-se e saiu. A linda Maio, porém, deixou-se ficar na alcova até o quarto dia, como convém às mulheres. De fato, todo labor, vez por outra, pede uma pausa para poder prosseguir; e é o que acontece com todos os seres vivos, – peixes, aves, animais ou homens.

Quero agora voltar a falar do desditoso Damião, que definhava de amor, como hão de ouvir. Se eu pudesse, assim o interpelaria: "Oh, tolo Damião, ai! Responda-me a estas minhas perguntas a respeito de seu caso: como fará para informar sua senhora, a encantadora Maio, de suas penas? E, se conseguir fazer isso, não irá ela fatalmente dizer *não*? E vai deixar de denunciá-lo? Ah, Deus o ajude! Não sei o que mais posso dizer."

Damião, enfermo, quase morria de desejo, de tanto que o queimava o fogo de Vênus. Resolveu então, já que não mais suportava sofrer tanto, arriscar a própria vida. Pediu uma pena

emprestada e, numa carta em versos, – um poético lamento, – descreveu toda a sua dor à bela e primaveril senhora Maio. Depois, colocou-a numa bolsinha de seda, que prendeu à camisa, junto do coração.

A lua, que no meio do dia em que Janeiro desposara a jovem Maio se achava no segundo grau de Touro, deslizara agora para Câncer; e, durante todo esse tempo, Maio ficara em seu quarto, como era o costume da nobreza. A noiva não deveria comer na sala até que quatro dias, ou pelo menos três, tivessem se passado; depois disso, podia se fartar. Assim, tendo-se completado o quarto dia, logo que terminou a missa cantada, lá estavam na sala o velho Janeiro e sua Maio, linda como um dia ensolarado de verão. E deu-se então que, de repente, o bom homem lembrou-se do escudeiro: "Santa Maria! Como pode ser isto, que Damião não esteja aqui para servir-me? Ele ainda está doente? Ou o que mais poderia ser?" Seus pajens, postados junto dele, deram como desculpa a doença, que o impedia de cumprir as suas obrigações. E asseguraram-lhe que não havia outro motivo.

"Isso realmente me entristece," disse Janeiro. "Ele é, de fato, um gentil escudeiro! Seria uma pena e uma desgraça, se morresse. É mais sensato, prudente e discreto que qualquer outro de sua condição, além de corajoso, obediente, atencioso e capaz. Depois de comer, assim que puder, irei visitá-lo. E o mesmo há de fazer Maio, para que possamos levar a ele algum conforto." Ao ouvirem isso, todos o bendisseram por sua bondade e gentileza, – pois é inegavelmente um ato gentil consolar um serviçal na doença. "Senhora," continuou Janeiro, "depois da refeição, assim que deixar a sala para voltar ao quarto, reúna as suas atendentes e vá com elas visitar Damião. Procure distraí-lo... É um gentil-homem. E diga-lhe que eu também pretendo visitá-lo, assim que tiver repousado um pouco. Faça isso logo, pois eu estarei à sua espera, para que venha deitar-se comigo." Dito isso, chamou ele um jajem, que era o mestre-de-cerimônias de sua casa, e começou a dar-lhe algumas ordens.

A primaveril Maio dirigiu-se imediatamente para o quarto de Damião, com todas as suas atendentes; lá chegando, sentou-se junto ao leito do doente e procurou consolá-lo como podia. O jovem, na primeira oportunidade que viu, colocou-lhe na mão, secretamente, a bolsinha com o bilhete que escrevera sobre os seus desejos, sem dizer palavra; depois, entre suspiros profundos e dolorosos, sussurrou para ela: "Piedade! Não me delate; se os outros souberem disso, estarei morto". Ela então escondeu a bolsinha no seio, e retirou-se. E sobre esse encontro não vou dizer mais nada.

Em seguida, voltou ela para Janeiro, que a aguardava sentado na cama. Ele a tomou nos braços, beijou-a repetidas vezes, e logo se deitou para dormir. Ela, porém, fingiu que tinha que ir para aquele lugar onde, como sabem, todos nós temos que ir de vez em quando. Após ler o bilhete, rasgou-o em pedacinhos e cuidadosamente o jogou na privada.

Quem agora está perdida em cismas, senão a bela e exuberante Maio? Pensativa, tornou a deitar-se ao lado de Janeiro, que prosseguiu dormindo até ser despertado pela tosse. Ele então pediu a ela que se despisse completamente, porque queria gozar os seus encantos e achava as roupas uma amolação. E ela, de boa ou má vontade, obedeceu... Mas, para que as pessoas melindrosas não fiquem zangadas comigo, não vou contar aqui o que ele fez com ela; nem vou revelar se ela achou aquilo um paraíso ou um inferno. Só quero que saibam que eles ficaram trabalhando até que soasse o toque das vésperas, quando então se levantaram.

Eu não seria capaz de dizer se foi do destino ou pelo acaso, se foi por influência ou por natureza, ou por alguma configuração astral no céu, que aquele tinha que ser um momento propício para se conquistar mulheres para os labores de Vênus com apenas um bilhete (pois, como afirmam os sábios, tudo deve ter o seu tempo); sobre isso prefiro calar-me, pois só o grande Deus nas alturas, que sabe que não existe ação sem causa, é que pode julgar os motivos de tudo o que acontece. A verdade, porém, é que, a partir daquele dia, a linda Maio ficou tão penalizada pelo sofrimento de Damião, que não mais pôde afastar do coração a vontade de lhe dar o alívio desejado. "A mim pouco importa," pensava ela, "que muitos venham a condenar-me por isso; prometo àquele jovem que hei de amá-lo mais do que a ninguém, mesmo que ele não

tenha outra riqueza além da camisa do corpo." Oh, como flui fácil a piedade nos corações gentis!

Por aí vocês podem ver que extraordinária generosidade demonstram as mulheres, quando examinam as coisas mais de perto. Existem também as tiranas, – e não são poucas, – com seus corações de pedra, que prefeririam deixar o coitado morrer à míngua ali mesmo a conceder-lhe sua graça, comprazendo-se com seu orgulho cruel e conscientemente tornando-se homicidas. Mas a gentil Maio não era assim! Cheia de piedade, escreveu uma carta de próprio punho, garantindo ao jovem todos os seus favores. Só faltavam a hora e o local onde pudesse satisfazer os desejos dele, pois seu pleno consentimento ela já lhe concedera. E, certo dia, quando a ocasião lhe pareceu oportuna, lá foi Maio novamente visitar Damião; e, com muita agilidade, enfiou sua cartinha debaixo do travesseiro do rapaz, para que ele a lesse mais tarde. Igualmente sem que ninguém percebesse, tomou-lhe a mão e apertou-a com força, implorando-lhe que sarasse. Depois, voltou para junto de Janeiro, que a mandara chamar.

Na manhã seguinte, eis que Damião se levantou da cama; haviam passado os seus males e as suas dores. Penteou-se, arrumou-se e enfeitou-se todo para agradar e contentar à sua dama. Até de Janeiro ele se aproximava submisso como o cachorrinho que espera umas lambadas. Estava tão atencioso para com todos (a esperteza é tudo, para quem sabe ser esperto), que não havia quem não o elogiasse. Caíra plenamente nas graças de sua dama. Vamos, portanto, deixar Damião ocupado com os seus assuntos, e vamos prosseguir com nossa história.

Alguns sábios sustentam que é nos prazeres que se encontra a felicidade; assim sendo, o nobre Janeiro (sempre honestamente, como convém a um fidalgo) fazia todo o possível para moldar sua vida de acordo com as exigências dos sentidos. Sua casa, o mobiliário, francamente, não ficavam a dever nada aos de um rei. Entre tantas coisas boas, mandara construir um jardim todo cercado por um muro de pedra, um jardim como não havia outro igual. Sem sombra de dúvida, imagino que nem mesmo o autor do *Roman de la Rose* seria capaz de descrever seus encantos; nem Priapo, apesar de ser o deus dos jardins, conseguiria retratar toda a beleza daquele lugar e, principalmente, daquele poço debaixo de um loureiro sempre verde. Muitas vezes, Plutão* e sua rainha Prosérpina, acompanhados de todas as fadas de sua corte, reuniam-se à sua volta (segundo dizem), para se entregarem a seus folguedos, suas melodias e suas danças.

O nobre senhor, o velho Janeiro, gostava tanto de passear e distrair-se ali, que só ele possuía a chave de prata do portãozinho de entrada, não a confiando a ninguém; sempre a levava consigo, e, quando tinha vontade, abria o trinco e lá se refugiava. No verão, quando queria pagar à esposa o débito conjugal, era para esse paraíso que se dirigia, – ele com sua Maio, e ninguém mais. E as coisas que não fazia na cama, fazia lá no jardim. Dessa maneira, ele e a linda Maio viveram muitos dias agradáveis. Mas as alegrias do mundo não duram para sempre, nem para Janeiro, nem para ninguém.

Oh evento inesperado! Oh Fortuna inconstante, enganosa como o escorpião, que, quando pretende ferir, acaricia com a cabeça mas traz a morte na cauda, a morte pelo veneno. Oh júbilo frágil! Oh estranha e doce peçonha! Oh monstro, que habilmente disfarça as suas dádivas com as cores da permanência, ludibriando assim os grandes e os humildes! Por que você enganou o pobre Janeiro, depois que o fez acreditar em sua amizades? Agora você o privou dos dois olhos, e tamanha é sua dor que ele só deseja morrer.

Ai! O nobre e liberal Janeiro, em meio a seus prazeres e venturas, ficou cego, – cego de uma hora para outra. Ele chorava e gemia de dar pena; e, concomitantemente, o fogo do ciúme, o temor de que sua mulher se aproveitasse da situação para fazer alguma tolice, de tal forma se acendeu em seu peito, que ele até sentiria alívio se fosse trucidado por algum assassino juntamente com ela. Não, não podia admitir que sua mulher, nem antes nem depois de enviuvar-se, se tornasse amante ou companheira de outro homem; ela teria que viver sempre de luto, sozinha como a rola que perdeu o macho.

Após um ou dois meses, entretanto, sua dor finalmente se abrandou, pois, vendo que não havia outro remédio, aceitou com resignação sua desgraça. Só que, a bem da verdade, não conseguia libertar-se daquele ciúme constante, um ciúme tão violento que a esposa não dava um

passo dentro de casa, e não ia para lugar algum, sem sentir sua mão grudada nela. Por causa disso, vivia chorando a linda Maio; amava o seu Damião tão generosamente que, se não satisfizesse o seu desejo por ele, não haveria de escapar da morte. Estava vendo a hora em que seu coração iria arrebentar-se.

Damião, por outro lado, andava triste como ninguém; não podia dizer uma palavra sequer à linda Maio, nem de dia nem de noite, a respeito de qualquer assunto (e muito menos a respeito de seus propósitos), sem que Janeiro estivesse ali para ouvir, sempre a segurá-la com uma das mãos. Em pouco tempo, contudo, descobriu que, através de bilhetes que iam e vinham e de sinais secretos, ela podia transmitir-lhe o que lhe passava na alma e ele podia informá-la de suas intenções.

Oh Janeiro, mesmo que sua vista alcançasse o ponto extremo aonde chegam os navios, de que lhe adiantaria? Quando um homem tem que ser enganado, pouca diferença faz que ele enxergue ou não. Veja o caso de Argo, com os seus cem olhos: apesar de sempre alerta, à espreita, também ele foi logrado, – a exemplo de muitos outros, que se recusam a acreditar no logro. É melhor não pensar nisso, e basta.

A linda Maio, de quem eu falava, tirou, num pedaço de cera quente, um molde da chave que Janeiro levava consigo para abrir o portãozinho do jardim; e Damião, dando seqüência ao plano, fez uma cópia às escondidas. Sobre isso não há mais o que dizer; mas logo, graças a essa chave, iria suceder um fato miraculoso, – como vocês hão de ouvir, se tiverem paciência.

Oh, por Deus, como é verdade o que disse o nobre Ovídio, quando afirmou que, por mais demorada ou difícil que seja, o amor, de um jeito ou de outro, sempre encontra uma saída! É o que mostra a história de Píramo e Tisbe, que, mantidos separados sob estreita vigilância, conseguiram comunicar-se aos cochichos por uma fresta no muro. Quem mais, a não ser um par de amantes, teria pensado numa artimanha dessas?

Mas vamos ao que interessa. Antes que se passassem oito dias do mês de junho, aconteceu que Janeiro, instigado pela mulher, foi tomado de uma vontade incontrolável de ir brincar com ela no jardim, somente os dois, como sempre, e mais ninguém. E convidou sua Maio: "Levante-se, minha esposa*, meu amor, minha dama generosa! Escute a voz da rola, oh plácida pombinha; o inverno já passou, com suas chuvas frias. Venha comigo, com seu doce olhar de pomba! Seus seios são melhores do que o vinho! O jardim é abrigado e protegido. Oh branca esposa, venha; foi você quem feriu meu coração. Jamais vi em você alguma nódoa. Venha, e vamos gozar nossos folguedos, oh minha esposa, minha eleita e meu conforto!"

Foram essas as palavras de lascívia que usou, tiradas de um livro antigo. Ela imediatamente fez sinal a Damião para que fosse na frente, usando a sua chave. Ele então abriu o portãozinho, penetrou no jardim sem ser visto ou ouvido por ninguém, e foi se deitar em silêncio debaixo de um arbusto. Janeiro, cego como uma pedra, segurando Maio pela mão, entrou em seguida, batendo o portão atrás de si.

"Agora, mulher," disse ele, "não há ninguém aqui a não ser nós dois. Você é a criatura que mais amo no mundo; minha querida, prefiro morrer apunhalado a dar-lhe algum desgosto! Pelo amor de Deus, lembre-se sempre de como a escolhi: não pelo desejo carnal, mas, – pode estar certa, – pelo grande afeto que sinto por você. E, embora eu seja velho e não mais possa enxergar, nunca deixe de ser fiel a mim. E vou lhe explicar por quê. Assim agindo, três coisas há de ganhar: primeiro, o amor de Cristo; depois, sua própria honra; e, finalmente, toda a minha fortuna, cidade e torre. Deixo tudo para você, e você pode ditar o testamento como lhe aprouver. Amanhã mesmo, antes que o sol se ponha, nós vamos fazer isso. E que Deus me conceda a bem aventurança! Antes, porém, dê-me um beijo para selar o acordo; e não leve a mal meu grande ciúme. Você causou tamanha impressão em minha mente que, quando penso em sua beleza e, depois, na minha odiosa velhice, não posso, – mesmo que eu morra, – suportar a idéia de separar-me de você, tão profundo é meu amor. Agora, minha esposa, Dê-me um beijo; e vamos passear um pouco."

Ao ouvir essas palavras, a primaveril Maio, antes de mais nada, pôs-se a chorar; a seguir,

graciosamente respondeu a Janeiro: "Tanto quanto você, eu também tenho uma alma para cuidar; e tenho também a minha honra, a tenra flor de minha feminilidade, que entreguei em suas mãos no instante em que o sacerdote uniu meu corpo à sua pessoa. Por isso, com sua devida licença, meu amado senhor, só esta pode ser minha resposta: esperando que eu não venha a morrer de modo vil, – como pode morrer uma mulher, – rogo a Deus que nunca amanheça o dia em que hei de trazer vergonha à minha família ou sujar meu nome com o adultério. Se alguma vez eu cometer essa falta, pode despir-me, enfiar-me num saco e afogar-me no rio mais próximo. Sou uma mulher de família, não uma rameira. Por que você fala assim comigo? Os homens é que são infiéis, e nós, as mulheres, levamos a culpa. Parece-me que vocês não fazem outra coisa a não ser acusar-nos de traição e em seguida repreender-nos."

Naquele exato momento, ela viu o lugar onde se achava Damião, debaixo do arbusto, e começou a tossir e a fazer sinais com os dedos para que ele subisse numa árvore, uma bela pereira carregada de frutos. E lá foi ele. Na verdade, o rapaz conhecia os seus pensamentos e entendia os seus gestos melhor que Janeiro, seu marido, pois numa carta ela lhe contara tudo e lhe explicara como devia agir. E ali o deixo agora, sentado num dos galhos da pereira, enquanto Janeiro e Maio passeiam felizes.

Claro estava o dia, e azul o firmamento. Febo, o Sol, derramara nuas torrentes de ouro para alegrar as flores todas com o seu calor. Achava-se ele em Gêmeos, quero crer, pouco distante de sua declinação em Câncer, que é a exaltação de Júpiter. Aconteceu então que, naquela manhã luminosa, no jardim, um pouco mais à parte, surgiu Plutão, o rei dos duendes e das fadas. Acompanhavam-no muitas damas, que, uma atrás da outra, em perfeita linha reta, formavam o séquito de sua mulher, a rainha Prosérpina (que, conforme lemos em Claudiano, fora raptada por ele, montado em sua biga aterradora, enquanto colhia flores no prado). O rei das fadas sentou-se num banco de relva, fresca e verdejante, e assim falou à sua rainha:

"Esposa, não há como negar! Todo dia a prática comprova as traições que as mulheres fazem aos homens. Eu poderia lembrar centenas de casos que atestam sua infidelidade e inconstância. Oh Salomão, oh sábio monarca, o mais rico de riquezas, o repositório da prudência e das glórias do mundo, bem que suas palavras merecem ficar na memória de quem tem um pouco de sensatez e de juízo! Eis como ele louva a virtude do homem: "Entre mil homens encontrei um digno; entre todas as mulheres não achei nenhuma." Assim falou o rei que conhecia a maldade feminina. E Jesus Siraque, pelo que me lembro, não demonstra também muito respeito por vocês mulheres. Que um fogo selvagem e a peste pútrida devorem seus corpos esta noite! Você não vê ali aquele honrado cavalheiro que, só porque é cego e velho, está para ser corneado por seu próprio servidor? Olhe lá o devasso sem-vergonha, sentado em cima da árvore! Pois eu lhe juro, por minha majestade, que, assim que a mulher for cometer contra ele a felonia, vou devolver a visão ao ilustre fidalgo, ao pobre velho cego. Assim ele saberá de uma vez por todas que ela não presta, para seu vexame e também de muitas outras."

"Você vai fazer isso?" indagou Prosérpina. "Vai mesmo? Pois, pela alma de Saturno, o pai de minha mãe, juro que darei a ela, – e, por extensão, a todas as mulheres, – o dom da resposta salvadora. Assim, sempre que forem apanhadas em flagrante, elas saberão como livrar-se do aperto com galhardia, impondo-se a seus acusadores. Nenhuma mulher há de morrer por não ter presença de espírito! Mesmo que os maridos vejam o ato com ambos os dois olhos, nós mulheres os enfrentaremos destemidas, e, espertas como sempre, choraremos, juraremos, ralharemos, deixando-os tontos como gansos. Que me importam as autoridades que você citou? Sei que esse judeu, o tal de Salomão, achava que nós somos todas umas bobas. Se ele não teve a sorte de descobrir uma boa mulher, azar dele! Muitos outros homens encontraram mulheres fiéis, gentis e virtuosas. Elas existem! Veja, por exemplo, essas que se recolheram aos conventos, que às vezes demonstram sua constância até pelo martírio. Veja também quantas mulheres valorosas e dignas a história romana registra. Meu senhor, não fique zangado comigo, mas a afirmação de que não há mulheres boas só tem valor se aplicada aos seres humanos em geral. O que ele provavelmente quis dizer foi que, na perfeição da virtude, não há homem nem mulher, mas apenas Deus.

Ademais, por esse mesmo Deus que é uno e verdadeiro, por que dar tanta importância a Salomão? Só porque ele ergueu um templo, uma casa para o Senhor? Só porque era rico e glorioso? Ora, ele também construiu um templo para os falsos deuses. Como pôde fazer uma coisa dessas, uma coisa tão execranda?! Oh não, por mais que você procure pintar seu nome com as mais lindas cores, a verdade é que ele foi um fornicador e um idolatra; e, na velhice, abandonou o Deus verdadeiro, que, segundo a Bíblia, somente o poupou por causa de seu pai Davi. Não fosse isso, ele teria perdido o reino mais cedo do que perdeu. Portanto, mando às favas todas essas calúnias que os homens escrevem contra as mulheres! Eu também sou mulher, e, se não dissesse essas verdades, meu coração estouraria. Vocês podem nos tachar de tagarelas, mas, por estas trancas que não quero perder, asseguro-lhe que não terei consideração por ninguém ao revidar as infâmias que assacam contra nós."

"Senhora," retorquiu Plutão, "acalme-se. Eu desisto! Mas, como fiz o juramento de devolver a visão ao cavalheiro, tenho que mantê-lo Sou um rei, e a um rei não fica bem mentir."

"E eu," concluiu Prosérpina, "sou a rainha das fadas! Por isso, eu lhe prometo: não vai faltar a ela presença de espírito. Mas vamos deixar este assunto, pois não quero mais discutir com você."

Voltemos agora nossa atenção para Janeiro, que, no jardim com lua bela esposa, cantava, mais alegre que um papagaio, *É você e mais ninguém que eu amo e quero amar*. Depois de um longo passeio pelas alamedas, aproximaram-se eles da pereira onde Damião aguardava excitado, num galho todo coberto de folhas verdes e viçosas. A primaveril Maio, mais formosa e encantadora que nunca, pôs-se a suspirar, dizendo: "Ai, que dor aqui do lado! Oh senhor, não importa o que custe, mas eu tenho que comer uma daquelas peras; é tanta a minha vontade, que eu acho que vou morrer se não conseguir agora mesmo uma dessas verdes frutinhas. Ajude-me, pelo amor da Rainha do Céu! Eu lhe digo, uma mulher em meu estado costuma sentir desejo. Se ele não for satisfeito, pode ser fatal."

"Ai!" exclamou ele. "E eu que não tenho aqui nenhum criado para trepar na árvore! Oh, que desgraça! Sou cego!"

"Não se preocupe, senhor meu," disse ela. "Mas faça-me um favor, pelo amor de Deus. Eu sei que não confia em mim, mas, se você puser os braços em volta do tronco e se abaixar, então eu mesma poderei subir, firmando os pés em suas costas."

"Claro, meu bem," respondeu ele. "Não seja por isso. Eu daria o próprio sangue para ajudá-la."

Ele então se abaixou. E ela, ficando de pé em suas costas, agarrou-se a um galhinho, deu um salto e subiu... Senhoras, suplico-lhes que não se agastem comigo, mas sou um homem rude, que não sabe enfeitar a realidade... Sem perda de tempo Damião levantou a saia dela e a penetrou.

Quando viu esse crime, Plutão, restituiu a visão a Janeiro, fazendo-o enxergar tão bem quanto antes. A primeira atitude deste, ao receber o milagre, foi voltar-se ansiosamente para a mulher, para ver de novo o objeto constante de seus pensamentos. E para o alto da árvore lançou os dois olhos. O que viu, porém, foi Damião se comportando com ela de uma maneira que não se pode descrever sem se faltar à decência... Qual mãe quando perde o filhinho, deu ele um urro e um berro. "Fora! Socorro! Ai! Ajudem-me!" gritava. "Oh grandíssima vaca! O que você está fazendo?"

Respondeu ela: "Senhor meu, o que se passa? Tenha calma e juízo nessa cabeça! Estou aqui para curá-lo da cegueira. Não vou mentir-lhe, juro por minha alma: estou aqui porque me ensinaram que a melhor coisa para tratar de seus olhos e devolver-lhe a visão seria lutar com um homem em cima de uma árvore. Por Deus, é isso o que estou fazendo, – com a mais pura das intenções."

"Lutar!" gritou ele. "Vocês foram mesmo fundo nessa luta! Oxalá morram os dois de morte vergonhosa! Ele estava metendo em você: eu vi com meus próprios olhos. Quero morrer enforcado se for mentira!"

"Acho que meu remédio não fez efeito," insistiu ela, "pois, se você tivesse de fato

recuperado a visão, não teria motivo para me dizer essas coisas horríveis. Como não tem a visão perfeita, você está tendo visões."

"Nunca esses meus dois olhos enxergaram tão bem, – louvado seja Deus! E, por minha fé, penso que vi claramente o que ele estava a fazer com você!"

"Foi um delírio, meu bom senhor, um delírio!" retrucou ela. "Eis aí a gratidão que recebo por ter curado seus olhos! Ai, é isso o que acontece quando se faz o bem."

"Está bem, senhora," concordou Janeiro. "Vamos esquecer tudo isso. Desça, meu amor! E, se acaso fui injusto com você, por Deus, a ilusão que tive já foi mais do que um castigo. Pela alma de meu pai, tive mesmo a impressão de que Damião estava trepando em você, com a barra de sua saia na altura do peito dele."

"Sim," disse ela, "você pode imaginar qualquer coisa. Assim como um homem, ao despertar do sono, pode não discernir os objetos, de imediato, e vê-los com clareza até que fique bem acordado, assim também quem ficou cego muito tempo não pode, ao se curar, enxergar com a necessária nitidez antes de um dia ou dois. Enquanto sua vista não se firmar, você está sujeito a essas ilusões enganosas. Por isso, cuidado! Por Cristo nosso Rei, quantos não vêem as coisas completamente diferentes do que são na realidade! Quem mal enxerga, julga mal." E, com tais palavras, deu ela um salto e desceu da árvore.

Quem poderia estar mais contente que Janeiro? Ele a beijou e abraçou repetidas vezes, deu-lhe tapinhas carinhosos no ventre, e, finalmente, a conduziu de volta a seu palácio. Boa gente, alegrem-se todos também. Aqui termino a história de Janeiro, pedindo a Deus e a sua mãe Santa Maria que abençoem a todos nós!

Aqui se encerra o Conto do Mercador sobre Janeiro.

Epílogo do Conto do Mercador

"Nossa! Que o Senhor tenha piedade de nós!" disse então o Albergueiro. "Deus me livre de uma mulher assim! Vejam só quantas artimanhas e truques tem a mulher! Parece uma abelhinha, trabalhando o tempo todo só para enganar o bobo do homem; e sempre distorce a verdade. Esse conto do Mercador é a melhor prova disso. Sem dúvida posso gabar-me de ter uma mulher que, embora pobre, tem a tempera fiel do aço; quanto à língua, porém, é uma megera ferina, para não se falar de um monte de outros defeitos. Mas não faz mal! Vamos deixar isso de lado. Sabem de uma coisa? Cá entre nós, sinto uma profunda tristeza por estar casado. Mas eu seria um grande tolo se me pusesse a enumerar aqui todos os vícios da patroa. E vou lhes dizer por quê. Primeiro, porque tenho certeza de que alguém aqui, mais cedo ou mais tarde, iria dar com a língua nos dentes e contar a ela (nem é preciso dizer quem, pois são sempre as mulheres que fazem essas coisas); e, segundo, porque teria que forçar muito a minha memória para me lembrar de tudo. Assim sendo, encerro por aqui minha conversa."

O CONTO DO ESCUDEIRO

Prólogo do Escudeiro

"Aproxime-se, Escudeiro. Se não fizer objeção, fale-nos algo sobre o amor. O senhor certamente deve entender disso mais do que ninguém."

"Não é verdade, senhor", respondeu o outro, "mas, seja como for, procurarei atendê-lo da melhor forma que puder. Eu é que não vou rebelar-me contra as suas ordens. Aí vai o meu conto. Se alguma coisa sair errada, não será por má vontade. Eis, portanto, a minha história."

Aqui tem início o Conto do Escudeiro.

Em Tzárev, na terra da Tartária, vivia um rei que movia guerra aos russos, ocasionando assim a morte de muitos bravos. Esse nobre soberano se chamava Cambuscán*, e seu renome era tão grande no seu tempo que não havia, em parte alguma, outro senhor que se distinguisse como ele em todas as coisas. Nenhuma qualidade real lhe faltava: observava as leis da seita em que nascera e à qual jurara ser fiel; era valente, sábio e rico, – e sempre caridoso e justo; mantinha os seus empenhos, e era honrando e generoso; na coragem era estável tal como o fulcro de um círculo; jovem, jovial e forte, ansiava pelo combate como se fosse um aspirante a cavaleiro; também era atraente e afortunado, honrando a dignidade real como ninguém jamais o fez.

Esse ilustre monarca, o tártaro Cambuscán, concebera dois filhos em sua esposa Elfeta, um dos quais era Algarsife, e o outro se chamava Câmbalo. Também tinha uma filha, a sua caçula, cujo nome era Cânace. Mas nem a língua minha, nem minha habilidade, conseguem descrever-lhe a formosura. Nessa alta empresa não me arrisco, pois meu vocabulário é insuficiente. Somente um consumado orador, conhecedor profundo das figuras de retórica, seria capaz de traçar o seu retrato. E como não sou tal, falo as coisas como saem.

E aconteceu que, quando Cambuscán completou vinte invernos no trono, ordenou, – como fazia ano após ano, quero crer, – que se anunciasse por toda a cidade de Tzárev a festa do seu aniversário, a ter lugar no dia dos idos de março daquele ano. Febo, o sol, estava radiante e claro, pois se achava próximo de sua exaltação, no primeiro decanato de Marte em sua casa em Áries, o signo ardente e colérico; fazia um tempo agradável e bonito, que, devido à amenidade da estação e à novidade do verde, levava a passarada a cantar a plenos pulmões à luz do sol, agradecendo a proteção que aparentemente recebia contra a espada do inverno, gélida e cortante.

Cambuscán, o rei de quem falo, solenemente tomou então lugar no estrado em seu régio palácio, com a coroa e suas ricas vestes, e presidiu ao banquete, farto e pomposo como nunca se viu igual no mundo. Se eu fosse mencionar tudo o que havia, eu levaria um dia de verão inteiro. Também não vejo necessidade de descrever a ordem de serviço dos diferentes pratos, nem quero dizer nada das sopas exóticas, dos cisnes e das garças novas. Naquela terra, conforme o testemunho de velhos cavaleiros, tinham por requintadas algumas iguarias que entre nós não alcançam muita estima. De qualquer forma, é impossível contar tudo... Portanto, não vou deter os que me ouvem, porque já estamos na hora prima. Seria apenas perda de tempo, sem qualquer proveito; assim sendo, retomemos o fio da meada.

Após servirem o terceiro prato, quando o rei, em seu esplendor, estava atento à deliciosa música dos menestréis diante de sua mesa, eis que, de repente, adentrou o salão um cavaleiro montado num cavalo de bronze, trazendo na mão um grande espelho de cristal. Via-se um anel de ouro em seu polegar, e do lado lhe pendia uma espada nua. E assim avançou ele em direção ao rei. Nenhuma palavra mais se ouviu no recinto, tamanho o assombro geral; todos, jovens e velhos, fitavam calados a sua figura.

O estranho cavaleiro, que surgira repentino, ricamente armado e só com a cabeça descoberta, saudou, pela ordem em que estavam assentados, o rei, a rainha e todos os cortesãos, mostrando tal respeito e deferência, nas palavras e nos gestos, que nem o próprio Sir Galvão, retornando de seu Reino Encantado com a antiga cortesia, poderia aprimorar a sua fala. Depois, diante da mesa real, transmitiu sua mensagem com voz máscula, dentro da forma usada em sua língua, sem tropeçar em nenhuma letra ou sílaba. E, para reforçar sua expressão, seu semblante se adequava ao que dizia, conforme ensina a oratória. Embora eu não possa imitar o seu estilo, pois não consigo subir à mesma altura, vou, em linhas gerais, reproduzir a essência daquilo que falou, – se é que ainda eu a tenho na lembrança. Disse ele:

"Majestade, neste dia solene, o rei da Arábia e das índias vos saúda com os seus melhores votos; e, por intermédio deste criado sempre a vosso dispor, vos envia, em honra desta grande data, este corcel de bronze, que pode com facilidade e conforto, no espaço de um dia natural (ou seja, em vinte e quatro horas), levar vossa pessoa, faça sol ou chova, para onde inclinar-se vosso

coração, – sem que corra qualquer risco, em tempo bom ou ruim. Ou, se for vosso desejo voar pelas alturas, como uma águia a flutuar no espaço, este cavalo poderá transportar-vos para lá (com plena segurança, mesmo que adormeçais em seu dorso), e trazer-vos de volta ao girardes um simples pino. Seu construtor tinha muitos recursos. E, antes de fazer sua obra, observou as configurações astrais, e empregou feitiçaria e selos mágicos.

"Também o espelho que trago em minha mão tem seus poderes, sendo capaz de revelar a vossos olhos quando irá suceder uma calamidade a vós e a vosso reino, e de mostrar-vos claramente quem é amigo ou inimigo. Da mesma forma, se alguma bela dama apaixonar-se por alguém que a trai, ela não só verá sua falsidade, mas também seu novo amor e todos os seus ardis, sem pormenor que fique oculto. Por isso mesmo, nesta suave estação do ano, meu senhor mandou o espelho, mais o anel que vedes, para a senhora Cânace, vossa adorável filha aqui presente.

"Quanto ao poder do anel, se desejais sabê-lo, consiste em permitir a ela, quando usá-lo no polegar ou em sua bolsa, entender perfeitamente o canto de todas as aves que voam sob o céu, captando o seu sentido com clareza e podendo responder-lhes em sua língua. Com ele, também conhecerá as plantas todas que crescem sobre raízes; e saberá que remédio ministrar a cada enfermo, mesmo com chagas enormes e profundas.

"Finalmente, esta espada nua, que me pende da cintura, tem a virtude de fender e atravessar as armaduras de todos os que atacardes, nem que sejam grossas como carvalhos anosos. E aquele que por ela for ferido jamais há de sarar, – a menos que, compadecido, vós toqueis o ferimento com a lâmina virada. Sem mentira alguma! Se assim fizerdes, o corte se fechará e o homem estará salvo. Em vossas mãos, jamais tal arma há de falhar!"

Depois que o cavaleiro transmitiu sua mensagem, cavalgou para fora do salão e apeou do cavalo, deixando-o no pátio, imóvel como uma pedra. O cavaleiro foi então conduzido a seu quarto, aliviado de sua armadura e suas armas, e convidado ao repasto.

Dos presentes que trouxera, dois deles, – a saber, o espelho e a espada, – foram logo transportados para o torreão por oficiais especialmente designados; o anel foi solenemente entregue a Cânace, sentada à mesa do banquete; e o cavalo de bronze, não podendo ser removido, ficou lá fora (é a pura verdade), como que colado ao chão. Ninguém conseguia tirá-lo dali, nem com sarilhos e roldanas. E por quê? Porque não conheciam seu mecanismo. Por isso, tiveram que deixá-lo lá até que o cavaleiro lhes mostrasse como movimentá-lo, – o que daqui a pouco vou contar.

Enorme era a multidão que enxameava em volta desse cavalo, inspecionando tudo. Era tão alto, largo e comprido, tão bem proporcionado à sua robustez, que parecia um corcel da Lombardia; tinha os olhos vivos e todas as características eqüinas, como um gentil ginete da Apúlia. Todos achavam que, da ponta da cauda às pontas das orelhas, nem a ciência nem a natureza em nada poderiam melhorá-lo. Mas o que mais espantava a todos era o fato de ele se mover, sendo feito de metal! Achavam que devia ser coisa do Reino Encantado. Passaram então a dar as mais disparatadas opiniões, pois em cada cabeça uma sentença. Faziam um zunzum como de abelhas, dando vazão às nas fantasias e repetindo versos muito antigos. Diziam que era igual a Pégaso, o corcel alado que voava; ou seria um cavalo idêntico ao do grego Sínon, que ocasionou a queda de Tróia, como se lê nas velhas epopéias. "Meu coração", disse um, "está bastante receoso; acho que aí dentro se escondem homens armados, que pretendem conquistar nossa cidade. Isto é algo que conviria examinarmos bem." E muitas outras dúvidas levantavam e discutiam, como costumam fazer os ignorantes quando deparam com coisas de complexidade maior da que lhes permite compreender a sua ignorância; parecem sentir prazer em imaginar sempre o pior.

Alguns estavam intrigados com o espelho que fora guardado no torreão, querendo saber como ele podia mostrar aquelas coisas. Em resposta, outros explicavam que, naturalmente, devia ser por sutis combinações de ângulos e de reflexos, acrescentando que existira um igual em Roma Antiga. Também mencionavam Al-Hazen, Vitello e Aristóteles*, que, como sabem os que conhecem suas obras, escreveram sobre espelhos estranhos e sobre perspectivas.

Havia também os que se maravilhavam com a espada que atravessava tudo, lembrando o episódio do rei Télefo e de Aquiles, que também tinha uma espada que podia curar do mesmo modo que aquela de que falamos há pouco. E avaliavam os vários processos de têmpera, discorrendo sobre os ingredientes usados e sobre como e quando se deve trabalhar o metal, – coisa que, seja lá como for, eu desconheço.

Comentaram igualmente o anel de Cânace, confessando não terem ainda ouvido falar de uma arte tão prodigiosa quanto a da confecção de tais anéis, apesar de saberem do renome de Moisés e de Salomão por seus conhecimentos nesse campo.

E assim trocando idéias sobre esses e outros mistérios, foram se dividindo em pequenos grupos. Alguns, por exemplo, julgavam espantoso que com cinza de samambaia se pudesse fabricar o vidro, embora o vidro não se pareça em nada com cinza de samambaia... Sendo esse, porém, um tema familiar, não tiveram como prolongar por muito tempo a conversa e a surpresa a seu respeito. Outros inquiriam sobre as causas do trovão, – e das marés, das enchentes, das teias de aranha, da neblina, e de tudo o mais cuja origem nos é desconhecida. E lá ficaram palrando e debatendo e confabulando, até que o rei saiu da mesa.

Febo havia deixado o ângulo meridional, e o gentil Leão, aquele rei dos animais, se achava no ascendente com sua estrela Aldirán*, quando Cambuscán, o soberano tártaro, abandonou o banquete onde estivera sentado em meio a real pompa. Precedido pelos músicos, dirigiu-se em seguida à sala de audiências, ao som de instrumentos maviosos que eram um verdadeiro Céu para os ouvidos. Os enamorados puseram-se então a bailar, aqueles filhos de Vênus, pois sua senhora se achava exaltada em Peixes, contemplando-os com olhar amigo.

Ali, o nobre monarca foi conduzido ao trono. E o cavaleiro misterioso, convidado ao salão, foi dançar com a princesa Cânace. Havia ali movimentação e alegria, coisas que um homem insípido não é capaz de retratar; para isso, é preciso que também o narrador conheça o amor e os seus ritos, e tenha a jovialidade do viçoso mês de maio. De fato, quem poderia descrever formas de dança tão estranhas, rostos tão cheios de vida, olhares de paixão dissimulados com tamanha astúcia para não serem surpreendidos pelo ciúme? Ninguém, a não ser Sir Lancelote... E ele está morto! Portanto, vou passar por cima de tudo isso, vou calar-me sobre os folguedos, deixando a corte nesses divertimentos até que chegasse a hora da ceia.

O mordomo, em meio àquela balbúrdia, pedia com urgência especiarias e vinho, sendo atendido, com a máxima presteza, por pajens e escudeiros. Os convidados comiam e bebiam. Mais tarde, interrompendo o repasto, foram todos ao templo, – como era certo; e, findo o serviço religioso, retornaram. Ainda era dia quando acabaram de cear. Mas será que preciso descrever o que comeram? Todos sabem que numa festa real há abundância para grandes e humildes, e mais iguarias do que se pode imaginar! Depois da ceia, o nobre rei, seguido por um cortejo de cortesãos e damas, foi conhecer aquele cavalo de bronze.

Ele despertou um assombro como nunca se viu igual desde o longo cerco de Tróia, ocasião em que um outro cavalo também suscitou grande espanto. Por fim, o monarca perguntou ao cavaleiro quais eram exatamente as virtudes e os poderes do animal, e como se fazia para movimentá-lo.

O cavalo começou a saltitar e a dançar assim que o cavaleiro lhe tomou as rédeas. Então explicou o visitante: "Senhor, tudo o que tendes a fazer, quando quiserdes ir a algum lugar, é girar um pino que ele tem na orelha (que hei de mostrar-vos em particular), dizendo-lhe o nome da cidade ou do país que desejais. Chegando ao destino pretendido, pedi-lhe que desça, girando outro pino (e nisto se resumem seus comandos). Uma vez tocado o local desejado, ali ficará imóvel; e, mesmo que o mundo inteiro jure o contrário, ninguém poderá carregá-lo ou arrastá-lo dali. Se preferirdes, porém, que o cavalo permaneça oculto, podeis também girar este pino, e ele sumirá da vista de todos; mas tornar-se-á novamente visível no instante em que o chamardes de volta (do modo como logo vos direi, quando estivermos a sós). Isso é tudo. Podeis agora cavalgá-lo à vontade."

Uma vez informado do funcionamento do animal, e tendo corretamente assimilado as

suas técnicas, o nobre e valente rei voltou alegre e feliz para a sua festa. O cabresto foi levado para a torre e guardado com as jóias mais raras e preciosas. Assim que ele foi retirado, o cavalo, – não sei como, – desapareceu! Mas agora basta. Vou deixar Cambuscán, entre risos e prazeres, a divertir-se com sua corte até o despontar de novo dia.

II

O acalentador da digestão, o Sono, deu-lhes uma piscada, lembrando-os de que tanto o excesso de trabalho quanto o de bebida precisam de repouso. E, entre bocejos, beijou a todos, recomendando-lhes que fossem se deitar, pois naquelas horas imperava o humor sanguíneo*: "Cuidai bem de vosso sangue, o amigo da natureza!" Também com bocejos eles lhe agradeceram; e, ora dois, ora três, aos poucos, todos se retiraram, indo para as suas camas.

Não vou falar aqui de seus sonhos: suas cabeças estavam cheias da fumosidade do vinho, que causa sonhos inconseqüentes. A maioria dormiu até o final da hora prima. A única exceção foi Cânace. Moderada, como em geral são as mulheres, despediu-se do pai, e recolheu-se antes do anoitecer. Não queria mostrar-se pálida e abatida na manhã seguinte. Após dormir o seu primeiro sono, despertou. Foi tomada então de tamanha alegria, por causa do anel e do espelho, que mudou de cor vinte vezes. E, mesmo quando estava adormecida, chegara a ter visões com os estranhos presentes, de tão excitada que ficara. Por isso, antes que o sol raiasse, chamou a camareira e disse que queria levantar-se.

A camareira, curiosa como todas as velhas, indagou-lhe: "Senhora, todos estão dormindo; aonde vais tão cedo?"

"Quero levantar-me porque perdi o sono", respondeu ela. "Vou dar um passeio."

A serviçal foi acordar outras mulheres, umas dez ou doze, que prontamente se puseram de pé; logo depois, também a bela Cânace deixava o leito, rosada e radiante como o sol na juventude, que subira quatro graus em Áries. Não se achava mais alto que isso quando a jovem ficou pronta... E lá foi ela a caminhar tranqüilamente, com roupas leves, apropriadas à doce estação, perambulando e brincando com cinco ou seis donzelas de seu séquito. E começou a percorrer uma alameda do jardim.

Os vapores que a terra exalava faziam o sol parecer corado e imenso. Mesmo assim, tão grande era a sua beleza que os corações das moças se alegravam, estimulados também pela manhã de primavera e pelo gorjear da passarada. Cânace sentia-se mais feliz que todas, porque agora entendia a linguagem e compreendia o canto das aves.

Quando se retarda o ponto principal de uma história até que esfrie o interesse dos ouvintes, ela acaba perdendo a graça por seu excesso de prolixidade. Por isso mesmo, sou de parecer que seria bom chegar logo àquele ponto, e pôr fim ao plácido passeio.

Entre os galhos de uma árvore, branca como greda de tão seca, por sobre a cabeça de Cânace a passar em seus folguedos, estava pousada uma fêmea de falcão, que, com voz comovente, dava gritos que ecoavam por todo aquele bosque. Flagelara-se com as próprias asas de forma tão lastimável que um rio de sangue tingira de vermelho o tronco da árvore. Guinchando sem parar, feria-se com o bico com tamanho desespero, que nenhum tigre ou animal feroz, que vive nas florestas ou nas matas, deixaria de chorar, se acaso chorar pudesse, com pena da coitada e dos lancinantes clamores. E lamento que não saiba descrevê-la, pois era uma ave de tanta beleza, pela plumagem e pela harmonia das formas, bem como de tudo mais, que outra igual ninguém conhecera nesta vida. Devia ser uma fêmea de falcão peregrino, vinda de longes terras. E lá, pousada sozinha, desmaiava a todo instante devido ao sangue que perdia, estando para cair.

Cânace, a filha do rei, que trazia o estranho anel no dedo e podia por isso compreender o que a ave ali dizia, e também responder-lhe em seu latim, tendo ouvido os seus lamentos, quase morreu de piedade. Logo se postou debaixo da árvore, olhou para a infeliz compadecida, e sob ela estendeu uma aba de suas vestes, temendo por sua queda, caso, exangue, outra vez

desfalecesse. Longamente se quedou a contemplá-la, até que, finalmente, dirigiu-lhe as palavras que se seguem:

"Qual a causa, se podes me dizer, por que sofres as cruéis penas do inferno? É tristeza por morte, ou pela perda do amor? Pois, quero crer, são esses os dois motivos por que, em geral, padecem os corações gentis. Diante deles, os outros males se apagam. Como não te vejo enfrentar outrem, mas atacas a ti mesma, é evidente que ou o temor ou a cólera devem ser a razão de vossa impiedosa atitude. Pelo amor de Deus, tem compaixão de ti mesma! O que poderá valer-te? No oriente ou no ocidente, jamais soube de ave ou de animal que se voltasse contra si próprio com tamanha fúria. Tu me matas de aflição, – de tal forma me comove o teu estado. Por Deus, desce desta árvore. E, assim como sou uma princesa, asseguro-te que, se eu puder conhecer a origem de teu mal, hei de remediá-lo antes que caia a noite, com a ajuda do grande Deus da natureza! Também hei de encontrar as ervas certas para curar depressa os ferimentos teus."

Ouvindo isso, a ave deu um grito ainda mais comovedor; depois, tombou ao solo e lá ficou sem sentidos, petrificada como morta. Cânace então a tomou no colo, aguardando que voltasse a si. Assim que o falcão-fêmeo se recuperou, disse em seu latim: "Como se pode ver, diariamente fica comprovado que a piedade flui fácil em corações gentis, que sabem se identificar com o sofrimento alheio. É o que demonstram os textos e a experiência, dado que tais corações só podem mesmo conter a gentileza. Oh minha bela Cânace, bem percebo a tua compaixão por minha angústia, graças à sincera caridade feminina que a Natureza incutiu em teus princípios. Não porque espero alívio, mas por obediência a teu coração generoso, e como exemplo para todos os demais (pois é uma advertência ao leão punir o cão diante dele), só por esse motivo e com tal finalidade, eu passo agora, enquanto disponho de tempo e de lazer, a confessar meu mal antes que eu morra."

E, enquanto uma contava as suas mágoas, a outra chorava de esvair-se em pranto, até que a ave pediu que se acalmasse e, suspirando, externou o que tinha dentro da alma:

"Onde nasci (que mísero aquele dia!) e fui criada, num rochedo de mármore cinzento, me vi cercada de tanto carinho que jamais conheci a adversidade, enquanto não voasse sob o céu. Ali perto vivia um falcão-macho que parecia a fonte de toda a cortesia. Ainda que fosse falso e traiçoeiro, ocultava-se atrás da máscara da humildade, de tal forma fingindo-se sincero, mostrando-se agradável e atencioso, e tornando vivaz a sua retórica, que ninguém lá desconfiava dele. Tal como a cobra oculta sob as flores, à espera da ocasião de dar o bote, assim aquele deus do amor, hipócrita, cortejava e fazia galanteios, em tudo conservando as aparências com que se reconhece o amor-cortês. Como a tumba que exteriormente é bela, mas guarda no interior a podridão, assim era o traidor, ardente e frio, visando tão-somente aos seus propósitos (que apenas o diabo conhecia). Tanto chorou e tanto protestou, fingiu-me devoção por tantos anos, que o peito meu, compadecido e ingênuo, sem suspeitar da maldade consumada, temeu por sua vida, e, acreditando em suas juras e seus votos, por fim lhe concedeu o seu amor, – impondo apenas, como condição, que respeitasse, em público e em particular, a minha honra e o meu bom nome. Assim, segundo o seu merecimento, confiei-lhe o pensamento e o coração, por Deus, pensando receber em troca o coração... de quem nada me deu. Bem que o antigo ditado já dizia que 'ladrões e homens honestos não pensam do mesmo jeito'. Assim que a coisa chegou a esse ponto, quando ele viu que eu lhe entregara o meu afeto, da forma como narrei, e que fizera seu meu coração, crendo em sua promessa de me dar o seu, aquele tigre, cheio de fingimento, ajoelhou-se tão devotamente, com tão alto respeito na expressão, tal aparência de gentil amante, tão deslumbrado de felicidade, que nem Paris de Tróia, nem Jasão... Jasão? Oh, não só ele, mas ninguém, – desde que Lameque inventou a bigamia (como se lê nos velhos textos), ou desde que o primeiro homem foi criado, – ninguém seria capaz, pela vigésima milésima parte, de tão perfeitas mistificações, porque, em matéria de logro e dualidade nenhum homem é digno de desatar-lhe as correias das sandálias, e nenhum sabe fazer os galanteios que me fez! Para as mulheres (sobretudo inexperientes) suas maneiras eram como o Céu, pela graça e doçura com

que revestia tanto os seus gestos quanto as suas palavras. De tal modo eu o amei por suas atenções, e por julgar sincero o seu afeto, que, quando alguma coisa o incomodava (mesmo pequena), e eu vinha a saber disso, em meu peito sentia a contorção da morte. Tanto isto se agravou que, em pouco tempo, minha vontade se tornou mero instrumento da vontade dele; e, em tudo, o meu querer se dobrava ao seu querer, – ainda que dentro dos limites da decência, segundo o que a razão determinava. Oh Deus, jamais amei alguém tanto quanto a ele. Nem vou amar jamais!

"E assim, por um ou dois anos, nada mais que o bem enxerguei nele. Um dia, porém, quis finalmente a Fortuna que ele tivesse que partir de onde eu me achava. Não me perguntes se sofri, pois eu nem saberia descrever o que passei! Só posso dizer, sem vacilações, que conheci então o horror da morte, tal minha angústia ante a separação! Quando, por fim, ele veio despedir-se, demonstrou tanta tristeza que, verdadeiramente, supus que padecesse assim como eu, ao ouvi-lo falar e ao ver sua palidez. E eu me consolava acreditando-o fiel, e imaginando que logo voltaria. Além do mais, como acontece muitas vezes, era uma questão de honra que impunha aquela viagem. Por tudo isso, fiz virtude da necessidade, e acabei aceitando o inevitável. Procurei esconder minha aflição da melhor forma que podia; tomei-lhe a mão (que São Jorge me ampare!), e disse-lhe: 'Vê, sou toda tua. Sê também para mim o que sou, – e sempre serei, – para ti!' Nem preciso repetir aqui o que me respondeu... Quem falava melhor que ele? Quem agia pior? Depois de pronunciar palavras maravilhosas, deu-se por satisfeito. Como dizem, 'convém usar uma colher bem longa quando se come com o diabo'. E assim se pôs ele a caminho, voando para o lugar de seu destino. Quando chegou o momento de descansar, creio que lhe acudiu à mente aquele texto que reza: 'tudo o que reverte à sua natureza torna-se feliz'. É o que afirmam, creio. Os homens, por sua natureza, gostam de novidades tanto quanto os pássaros cativos: embora cuides deles noite e dia, e forres sua gaiola com palha bonita e sedosa, e os alimentes com leite, açúcar, pão e mel, eles, tão logo vêem a portinhola aberta, reviram com as patas a tigela, e fogem para o bosque à cata de bichinhos; tanto apreciam os alimentos diferentes e as novidades próprias de sua espécie, que não há nobreza de linhagem capaz de segurá-los.

"Assim fez, ai, o falcão naquele dia! Malgrado o seu sangue fidalgo, sua juventude e jovialidade, seu nobre aspecto, gentil e generoso, no instante em que viu passar por ele uma fêmea de milhafre, apaixonou-se tanto por ela que se esqueceu de mim completamente. E foi assim que me traiu! E foi assim que devotou a uma outra o seu amor, e, sem amparo, fiquei só e abandonada!" E, dizendo tais palavras, voltou a dar seus gritos lancinantes, desmaiando no colo da princesa.

Grande foi a tristeza de Cânace e de suas companheiras pela desgraça da ave; não sabiam o que fazer para consolá-la. A donzela, então, levou-a em seus braços e, carinhosamente, recobriu com emplastros os ferimentos que fizera em si mesma com o bico; depois, procurou plantinhas pelo campo, e, com ervas raras, de matizes delicados, preparou novas poções para curar a pobrezinha. Tratou dela de manhã até a noite, desdobrando-se em seus cuidados e desvelos. Junto da cabeceira de sua cama fez para ela uma gaiola de falcão, revestida, por dentro, de veludo azul, a cor que simboliza a lealdade feminina, e, por fora, pintada de verde* e recoberta de desenhos de aves falsas, – como certos pássaros miúdos, corujas e falcões, – rodeadas de propósito por muitas pegas, que as importunavam com seus agudos gritos.

Assim deixo Cânace a tratar de sua ave. Também não vou mais falar de seu anel, a não ser mais tarde, quando chegar o momento de narrar como aquela fêmea de falcão reconquistou o seu amor, que, segundo a história, voltou arrependido, – graças à mediação de Câmbalo, o príncipe que já mencionei. A partir de agora, meus temas serão aventuras e batalhas, e grandes e inauditas maravilhas.

Primeiro vou falar de Cambuscán, que no seu tempo tomou muitas cidades; depois, discorrerei sobre Algarsife, contando como obteve a mão de Teodora, por quem passou muitos perigos, sempre ajudado pelo cavalo de bronze; finalmente, tratarei de Câmbalo, que nas justas enfrentou os dois irmãos ao tentar conquistar a bela Cânace. No ponto em que parei, irei

recomeçar.

III

Apolo conduziu seu carro para o alto, até a casa do esperto deus Mercúrio...

(Inacabado.)

Seguem-se aqui as palavras do Proprietário de Terras ao Escudeiro, e as palavras do Albergueiro ao Proprietário de Terras.

"Por minha fé, Escudeiro, você se saiu muito bem, e com muito garbo. Parabéns!" disse o Proprietário de Terras. "Levando-se em conta a sua pouca idade, você fala de modo bastante ajuizado. Aceite as minhas congratulações. Acho que ninguém aqui será capaz de iguala-lo na eloqüência, se viver mais alguns anos. Que Deus lhe dê prosperidade e o mantenha na virtude! Foi enorme o meu prazer em ouvi-lo. Eu tenho um filho que... pela Santíssima Trindade, eu bem que abriria mão de uma quinta que rende vinte libras anuais (ainda que tivesse acabado de entrar em sua posse), se isso fizesse dele um homem ponderado assim como você! Que adianta ser rico quando falta juízo? Tenho repreendido muito esse meu filho, – e vou continuar a fazê-lo; – mas ele não tem jeito de se endireitar. Só quer saber de jogar dados, gastar dinheiro e esbanjar tudo o que tem. Prefere bater papo com um pajem a conversar com gente de classe, com quem poderia aprender um pouco de fidalguia."

"As favas com a sua fidalguia!" exclamou o Albergueiro. "O que há com o senhor? Por Deus, o senhor sabe muito bem que tem que contar pelo menos uma história ou duas, se não quiser quebrar sua promessa."

"É claro que sei disso, senhor", respondeu o Proprietário de Terras. "Por favor, não se zangue comigo só porque estou trocando uma ou duas palavras com este jovem."

"Pois chega de palavras e conte a sua história."

"Com prazer, senhor Albergueiro," disse o outro. "Eu me curvo às suas ordens. Ouça agora o que vou narrar. Não desejo contrariá-lo de modo algum... Só se o talento não me socorrer! Praza aos céus que meu conto seja de seu agrado; assim ficarei sabendo se ele é bom."

O CONTO DO PROPRIETÁRIO DE TERRAS

Prólogo do Conto do Proprietário de Terras

"Em seu tempo, os gentis bretões de outrora faziam poemas sobre fatos diversos, rimados na antiga língua da Bretanha. E cantavam ao som de seus instrumentos esses poemas, ou então os liam para seu entretenimento. A um deles ainda tenho na lembrança, e vou repeti-lo aqui da melhor forma que puder.

"Mas, como sou um homem sem estudo, antes de começar, senhores, peço-lhes encarecidamente que perdoem meu modo inculto de falar. O fato é que nunca aprendi retórica e, por isso, tudo o que digo é simples e despojado; nunca dormi no Monte Parnaso, nem convivi com Marco Túlio Cícero. Na verdade, nada sei sobre 'figuras', – salvo aquelas que se vêem pelos campos ou que são pintadas e esboçadas pelos homens. Mas de figuras retóricas não entendo, e não tenho o menor interesse por elas. Se assim mesmo quiserem me ouvir, eis aqui o meu conto!"

Aqui começa o Conto do Proprietário de Terras.

Na Armórica, que hoje se chama Bretanha, havia um cavaleiro que tudo fazia para servir da melhor maneira à dama de seu amor, realizando muitos feitos e grandes façanhas a fim de conquistá-la, pois ela não apenas era uma das mulheres mais formosas sob o sol, mas também provinha de tão alta linhagem que, por receio, mal se animava o cavaleiro a revelar-lhe suas penas, sua tristeza e seu tormento. Finalmente, porém, reconhecendo o seu valor e, sobretudo, a sua dedicação, ela apiedou-se de seu padecer e concordou em tomá-lo como marido e senhor, aceitando a ascendência que o homem tem sobre a mulher. Mas, para que a felicidade de suas vidas fosse ainda maior, o cavaleiro jurou-lhe de livre e espontânea vontade que nunca, noite e dia, haveria de impor-lhe qualquer coisa que não fosse de seu agrado, nem demonstraria ciúme algum; mas, pelo contrário, que iria obedecê-la e satisfazê-la em todos os seus desejos, como sói fazer o verdadeiro amante à sua amada. Conservaria apenas uma soberania nominal, por respeito à sua posição.

Agradecida, a dama lhe disse então, com grande humildade: "Senhor, desde que sua gentileza me concede rédeas soltas, jamais permita Deus que, por minha culpa, haja entre nós atritos ou desavenças. Palavra, senhor, que hei de ser uma esposa dócil e fiel enquanto palpitar meu coração." E assim viveram ambos tranqüilos e sossegados.

Pois uma coisa, cavalheiros, posso dizer com certeza: os que se amam devem respeitar-se mutuamente, se quiserem viver juntos muito tempo. O amor não tolera imposições. Quando surge a imposição, o deus do Amor bate as asas, e então, adeus! vai-se embora. O amor, como tudo o que é do espírito, tem que ser livre. As mulheres, por natureza, desejam a liberdade, e não gostam de ser coagidas como escravas; assim também são os homens, para dizer a verdade. No amor leva vantagem aquele que for mais paciente; sim, virtude sublime é a paciência, dizem os doutos, pois vence onde fracassa a intolerância. Não se deve esbravejar, ou responder, a cada palavra: quem não aprende por si mesmo a controlar-se, ou por bem ou por mal será ensinado. Além disso, não há ninguém neste mundo que, uma vez ou outra, não faça ou não diga alguma coisa errada; a ira, a doença, a influência astral, o vinho, o desequilíbrio dos humores, – tudo pode levar a atitudes ou palavras insensatas. Eis porque não convém ficar zangado a cada deslize; e quem entende a essência da verdadeira autoridade deve com o tempo cultivar o equilíbrio. Por isso é que aquele prudente e honrado cavaleiro prometeu à mulher ser tolerante, e ela em troca jurou-lhe sabiamente agir também de modo irrepreensível.

Foi essa uma combinação modesta e inteligente, porque assim ela fez dele o seu senhor e o seu servo, – servo no amor e senhor no matrimônio. Desse modo, conheceu ele, ao mesmo tempo, a soberania e a servidão. A servidão? Oh, jamais, porque se achava acima da soberania, dado que possuía sua dama e seu amor... sua dama, certamente, e sua mulher também, – nos termos que concede a lei do amor. E foi gozando toda essa ventura que voltou com a esposa à terra dele; perto de Penmarch tinha a sua morada, e lá viveu feliz e na alegria.

Quem, a não ser o que já foi casado, seria capaz de descrever os júbilos, a paz e o bem-estar entre um marido e sua mulher? Um ano ou mais durou essa ventura, até que o cavaleiro de quem falo, e cujo nome era Arverágus de Caerrud, houve por bem passar um ano ou dois na Inglaterra, que então era a Britânia, para buscar nas armas honra e fama, já que a vida para ele era o combate. E lá ficou dois anos, diz o livro.

Sobre Arverágus vou calar-me agora para falar de Dórigen, a esposa, que amava seu marido mais que a vida. Ela chora e suspira em sua ausência, como fazem as damas quando tristes. Jejua, vela, geme, queixa-se, deplora; e tanto sofre a pobre de saudade, que em nada deste mundo acha mais graça. Seus amigos, ao verem seu penar, procuram confortá-la como podem; fazem apelos, dizem, noite e dia, que ela está se matando sem motivo; e, sem parar, se esforçam neste caso, tentando descobrir algum alívio e libertá-la da melancolia.

Com o passar do tempo, – todos sabem, – depois de muitos riscos numa pedra, os homens gravam nela uma figura; assim, tanto insistiram os amigos, que na dama, por fé ou por razão, imprimiram por fim algum consolo, graças ao qual a dor se mitigou. Nem mais suportaria sofrer tanto!

Além disso, em meio a toda essa aflição, recebera algumas cartas de Arverágus, anunciando estar bem e prometendo retornar assim que pudesse... Não fosse isso, seu coração não teria resistido. Assim que os amigos perceberam que a tristeza se abatera, suplicaram-lhe de joelhos, e pelo amor de Deus, que os acompanhasse nos passeios, porque assim espantaria os seus negros pensamentos. E, depois de algum tempo, ela atendeu-lhes o pedido, vendo que era para o seu próprio bem.

Seu castelo ficava à beira-mar, e, para distrair-se, passou a percorrer freqüentemente com os amigos a orla das escarpas, de onde observava os muitos barcos e navios que seguiam suas rotas e velejavam rumo a seus destinos... E era nessa visão que estava uma parcela de sua mágoa, fazendo-a muitas vezes perguntar-se: "Ai de mim! Será que, de todos os navios que avisto, nenhum há de trazer de volta o meu senhor? Somente isso poderia guarir meu coração da dor e da amargura!"

Numa dessas ocasiões, sentou-se ela a meditar e a perscrutar o oceano da borda do penhasco, quando notou que as águas se achavam coalhadas de rochedos negros e assustadores, tantos, que o peito estremeceu-lhe de pavor, e suas pernas mal podiam sustentá-la; deixou-se então cair sobre o relvado e, olhando o mar desconsoladamente, assim clamou, com a voz entrecortada por soluços:

"Eterno Deus, que, pela previdência, sempre reges o mundo com acerto e nada fazes, – dizem, – sem propósito! Por que então tu fizeste, meu Senhor, esses rochedos negros e diabólicos, que mais parecem fruto de um tremendo acaso que a bela criação de um Deus perfeito, um Deus que acreditamos sábio e estável? Qual a razão dessa obra irracional? Ela, no sul e ao norte, a leste e a oeste, não nutre homem, nem ave, nem quadrúpede; e não traz bem algum, só traz o mal. Não vês, Senhor, como destrói a humanidade? Mesmo sem intenção, esses rochedos mataram já cem mil da humanidade, essa parte tão bela de tua obra, que foi criada à tua própria imagem. Se então mostraste amor à humanidade, por que inventaste agora esse instrumento que pode destruí-la, – esse instrumento que fere a todos e a ninguém ajuda? Bem sei que os doutos, como sempre, vão dizer e argumentar que tudo é para o bem, que os desígnios supremos não conheço. Mas que proteja a meu senhor amado aquele Deus que fez soprar os ventos! Eis minha conclusão. Os doutos que discutam; quanto a mim, – oh, como eu gostaria, por meu bem, que Deus mandasse esses rochedos negros para o mais fundo abismo dos infernos! Eles me deixam morta de pavor." E então chorou, com lágrimas sentidas.

Vendo os amigos que esses passeios à beira-mar a acabrunhavam em vez de distraí-la, decidiram procurar outros lugares, levando-a a entreter-se junto a fontes e regatos e em outros recantos agradáveis. Também organizavam bailes, ou jogavam xadrez e gamão.

Assim, um dia, de manhã bem cedo, foi-se o grupo a um jardim das vizinhanças, com alimentos e outras provisões, para passar o dia entre folguedos. Era a sexta manhã do mês de maio, que, com os seus chuviscos, já pintara a folhagem e as flores do jardim, – um jardim que, tratado com esmero e com perícia pela mão dos homens, sobrepujava a todos os demais, com exceção talvez do Paraíso. O olor das flores e seu colorido traziam novo alento aos corações (desde que livres de doença grave ou do peso de alguma grande mágoa), tantos encantos tinha a sua beleza! Findo o repasto, todos se entregaram à dança e ao canto, – menos Dórigen, que se pôs a queixar-se tristemente, porque não via, em meio aos dançarinos, seu suspirado esposo e seu amor. Porém, devia ainda ter paciência, e temperar a dor com a esperança.

Desse baile, perante Dórigen, participava, entre outros, um escudeiro que, a meu ver, era mais alegre e radiante na aparência que o próprio mês de maio. Cantava e dançava com mais graça que ninguém; era, ademais, se se deve descrevê-lo, um dos rapazes mais atraentes que já viveram neste mundo, pois era jovem, forte, virtuoso, rico e sábio, além de tido em boa conta e estimado por todos. E, em resumo, para dizer a verdade, quis o destino que esse jovial escudeiro, servidor de Vênus, que se chamava Aurelius, alimentasse, já fazia mais de dois anos, uma paixão secreta por Dórigen, a quem amava mais que a qualquer outra criatura. Nunca, porém, revelara à dama o que se passava em sua alma, sorvendo de um só trago, e não aos goles, o seu íntimo

tormento. Sim, sofria em silêncio, apesar do desespero; e, quando deixava escapar alguma coisa, fazia-o em suas canções, em termos muito gerais: apenas dizia amar sem ser correspondido, e em torno desse tema compunha cantares, cantigas, trovas, rondós, vilancetes, onde declarava que, não ousando contar os seus males, languia tal qual uma Fúria no Inferno, devendo morrer como Eco, incapaz de confessar seu amor por Narciso. Fora esse modo indireto, que acabei de mencionar, ele não tinha como abrir seu coração, – a não ser, às vezes, nos bailes, onde o galanteio faz parte do ritual. Nessas ocasiões, fixava-lhe os olhos no rosto como que a implorar mercê. Mas ela nem percebia os seus mudos apelos. Naquele jardim, todavia, puderam também trocar algumas palavras antes que se fossem, pois, como eram vizinhos, ela o sabia um homem digno e honrado, a quem já conhecia havia algum tempo; Aurelius então foi aos poucos levando a conversa para onde queria, e, quando surgiu a oportunidade, assim falou:

"Senhora, por Deus que criou o mundo, se eu soubesse que isto a faria alegrar-se, eu, Aurelius, no dia em que Arverágus se foi pelo mar, teria buscado algum refúgio de onde jamais tornaria. Pois vejo bem que minha devoção é inútil, e um coração partido é todo o meu galardão. Senhora, que com uma palavra apenas pode dar-me vida ou morte, condoa-se de meu sofrer. Oxalá eu estivesse sepultado a seus pés! E isso é tudo o que tenho a dizer-lhe: dama gentil, tenha piedade, ou não demora o meu fim."

Fixando os olhos em Aurelius, indagou ela: "É esta a sua vontade? Era isso o que queria falar-me? Até este momento eu não havia percebido a sua intenção; mas agora, Aurélius, que sei o que deseja, asseguro-lhe, pelo Deus que me deu alma e vida, que nunca, enquanto estiver na posse de minhas faculdades, serei infiel por atos ou palavras àquele com quem me uni. E essa é minha resposta final!"

Depois disso, porém, acrescentou ela, em tom de brincadeira: "No entanto, Aurélius, como o seu penar me comove, prometo-lhe, por Deus do Céu, que hei de amá-lo no dia em que, ao longo de toda a Bretanha, você remover, pedra por pedra, todos os rochedos que estorvam a navegação dos barcos e dos navios. Garanto-lhe que, tão logo você tenha limpado o litoral de suas rochas, de modo que não se aviste uma sequer, terá todo o meu amor. Dou-lhe a minha palavra... Mesmo porque tenho certeza de que você nunca será capaz de fazer isso. Ora, tire essas tolices da cabeça! Que graça pode achar um homem em amar a mulher de outro, que possui seu corpo sempre que quiser?"

Aurélius suspirou profundamente: "Nenhuma outra mercê devo esperar?"

"Nenhuma, pelo Deus que me criou!" foi a resposta. Ao ouvir isso, grande foi a dor de Aurélius, e, com o coração despedaçado, comentou: "Senhora, o que me pede é a impossibilidade! Agora sei que vou morrer de morte horrível." E assim dizendo, rapidamente se afastou.

Sem nada saber desse encontro, chegaram então os outros amigos de Dórigen, e a convidaram a passear com eles pelas alamedas do jardim. E lá se foram, sempre inventando novos folguedos, até que o sol brilhante perdeu suas cores porque o horizonte lhe roubara a luz, – o que equivale a dizer que anoitecera. E então, alegres e contentes, voltaram todos para os seus lares, – menos, ai!, o infeliz Aurélius. Ele se recolheu acabrunhado; não via como escapar à morte; parecia ter um pedaço de gelo no lugar do coração. Logo se ajoelhou e, com as mãos levantadas para o céu, pôs-se a orar em seu delírio. Como a dor lhe perturbara a mente, sequer tinha consciência daquilo que dizia; por isso, com o peito angustiado, ergueu aos deuses estas preces, dirigindo-se primeiro ao Sol:

"Apolo," disse, "deus e governante das plantas, ervas, árvores e flores, que dás, segundo a tua declinação, vigor a cada qual na época certa, conforme é baixa ou alta a tua morada! Volve os olhos piedosos, Senhor Febo, ao pobre Aurélius, triste e abandonado. Sem culpa, Oh meu Senhor, a minha dama jurou matar-me; e só me salvarei se te apiedares desta minha sina. Bem sei que, se o quiseres, Senhor Febo, és quem pode ajudar-me, depois dela. Permite, pois, que eu te descreva agora o que imploro que faças, e a maneira.

"Tua ditosa irmã, Lucina, a Lua, que dos mares é deusa e soberana, – pois, se Netuno

reina sobre as águas, é qual vassalo dessa imperatriz, – somente anela, meu Senhor, bem sabes, a vida e a luz que sorve de tuas chamas, e, por isso, te segue eternamente. Da mesma forma, o mar por ela anseia e vive a persegui-la, pois é deusa dos oceanos e rios de todo tipo. Assim sendo, Senhor, eis meu pedido: em tua oposição seguinte à Lua, que se dará no signo de Leão, faze o milagre (ou deixo esta existência) de induzi-la a causar tão grande cheia, que fique pelo menos cinco braças acima do mais alto dos rochedos da costa da Bretanha Armoricana; e que essa enchente dure por dois anos. Então eu poderei dizer à amada: "Cumpre a promessa; as rochas já se foram."

"Oh, faz-me esse milagre, Senhor Febo! Pede a ela, sim, pede a tua irmã que não ande em seu curso, esses dois anos, mais rápido que tu, e assim teremos lua cheia o tempo todo, e o tempo todo há de durar a maré alta. Mas se ela, dessa forma, não quiser atender à adorada minha dama, roga-lhe então que faça, com seu poder no mundo subterrâneo, descer as rochas à região escura abaixo dos domínios de Plutão, – senão jamais terei a minha amada. Descalço buscarei teu templo em Delfos. Senhor, olha estas lágrimas no rosto, e compadece-te de minha dor." E, ao dizer tais palavras, desmaiou, ficando longo tempo sem sentidos.

Seu irmão, que conhecia a causa de seu mal, levantou-o e trouxe-o para a cama. Ali, no desespero de tal tormento e tal idéia fixa, deixo agora a desditosa criatura, pendendo entre a vida e a morte.

Enquanto isso se passava, Arverágus, juntamente com outros bravos, voltava são e salvo para casa, coberto de honra e glória, flor genuína da cavalaria. Oh Dórigen, como você agora é feliz, com o esposo querido entre os braços, o jovem cavaleiro, o valente homem-de-armas, que ama a você mais do que a própria vida! E ele voltou sem suspeitas, sem perguntar se alguém não lhe teria feito a corte durante a sua ausência, pois tinha em seu amor plena confiança. Em vez disso, queria só dançar, justar e diverti-la. E assim os deixo, na ventura e na alegria, para outra vez falar do enfermo Aurélius.

Enfraquecido e abalado pela angústia, o desgraçado jovem teve que permanecer no leito mais de dois anos antes que pudesse novamente pôr os pés no chão. Nenhum conforto recebeu todo esse tempo, a não ser de seu irmão, um homem douto, que compreendia a origem desse mal e os seus sintomas. De fato, a nenhuma outra pessoa ousava ele falar sobre o assunto, guardando os segredos de sua alma com mais zelo do que Pânfilo o seu amor por Galatéia.* Por fora, o corpo parecia são, mas dentro ainda feria a flecha aguda; e ele não ignorava que, na cirurgia, é um perigo fechar uma ferida sem extrair a seta que a causou. Seu irmão lastimava-se e chorava intimamente, até que, por fim, lhe veio à lembrança o tempo em que era estudante em Orléans, quando, como os jovens de sua idade, se interessava pelas ciências ocultas e revistava cada buraco e cada fresta em busca de conhecimentos sobre coisas incomuns. Recordou-se então de que um dia, em seu quarto na universidade de Orléans, folheara um livro sobre magia natural, que um seu colega, bacharel em Direito (se bem que ali estivesse para fazer outro curso), deixara guardado em sua escrivaninha; e esse livro falava muito sobre as operações referentes às vinte e oito mansões da Lua... e sobre uma porção de outras tolices que, hoje em dia, já não valem, visto que a nossa crença na fé da Santa Igreja nos libertou do peso de tais superstições. E, ao lembrar-se daquele volume, seu coração deu saltos de alegria, e ele pensou consigo mesmo: "Meu irmão, não demora, há de estar bom, pois estou certo de que há ciências que permitem que se criem ilusões, como as que os mágicos conseguem com a sua habilidade. De fato, nas festas muitas vezes me falaram sobre os ilusionistas: um deles fez aparecer, no interior de enorme sala, um verdadeiro lago, com barcos que remavam para cá e para lá; outro fez surgir um leão feroz; outro fez brotar flores num prado; outro produziu todo um vinhedo, com uvas brancas e rosadas; outro, um castelo de reboco e pedra... E todos, quando queriam, faziam tudo sumir num piscar de olhos, – ou assim parecia aos circunstantes.

"Em vista disso, a minha conclusão é que, se eu puder encontrar em Orléans um antigo companheiro, conhecedor profundo das mansões da Lua e das outras partes da magia natural, há de fazer, por certo, que meu irmão conquiste a bem-amada. Sim, porque, com seu ilusionismo,

um entendido pode muito bem sugerir a nosso olhar que todos os rochedos da Bretanha desapareceram, um a um, e que os navios vêm e vão livremente sobre as águas; e essa impressão pode durar um dia ou dois; e, se assim for, meu irmão há de curar-se, pois terá ela que cumprir sua promessa, se não quiser cobrir-se de vergonha." Por que alongar esta história? Direi logo que, assim que ele se aproximou do irmão e o confortou com seu projeto de uma visita a Orléans, o outro saltou imediatamente da cama e pôs-se com ele a caminho, na esperança do alívio para a sua aflição.

Quando faltavam umas quinhentas jardas para chegarem àquela cidade, encontraram um homem douto, ainda jovem, caminhando solitário, que os saudou em latim corretamente, e disse estas palavras espumosas: "Sei bem por que vieram para cá." E, antes que dessem mais um passo, contou-lhes tudo sobre as suas intenções.

A seguir, o douto bretão perguntou-lhes a respeito dos companheiros que conhecera nos velhos tempos, e, ao saber que estavam mortos, derramou muitas lágrimas sentidas.

Aurélius então apeou-se do cavalo e, juntamente com o irmão, seguiu o mágico até sua casa, onde foram bem recebidos: havia ali todas as guloseimas que pudessem desejar, e Aurélius nunca vira aposentos mobiliados com igual requinte.

Antes da ceia, o anfitrião mostrou-lhes florestas e reservas cheias de gamos selvagens; ali avistaram veados com galharias enormes, as maiores que por olhos foram vistas; e uma centena deles foi sacrificada, alguns trucidados pelos cães, outros varados pelas flechas, com sangrentos ferimentos.

Esvaneceram-se então os gamos, e, em seu lugar, surgiram falcoeiros praticando a cetraria junto a um rio muito formoso, caçando a garça com os seus falcões; e, a seguir, puderam contemplar cavaleiros a justar numa planície. Mas o maior prazer de Aurélius foi vislumbrar a amada numa dança, sendo ele próprio (pareceu-lhe) o par. Porém, o mestre que operou a mágica, achando que bastava, bateu palmas... e, adeus! o sonho se desfez em nada. Em nenhum instante, contudo, saíram de casa, enquanto viam essas maravilhas, mas ficaram no estúdio o tempo todo, rodeados pelos livros, os três somente e mais ninguém.

Então o mestre chamou seu escudeiro e perguntou-lhe: "A ceia ficou pronta? Creio que faz quase uma hora que a pedi; foi quando estes ilustres cavalheiros se fecharam comigo em meu estúdio."

"Senhor", retrucou o escudeiro, "tudo está pronto. Se o desejar, será servida agora mesmo."

"Então", disse ele, "vamos cear, que é melhor. Os apaixonados precisam de uma pausa vez por outra."

Após a ceia, puseram-se a discutir que soma receberia o mestre como paga para a remoção dos rochedos da Bretanha, desde a Gironda até a foz do Sena; argumentou ele que a empresa era dificílima, jurando por Deus que não poderia fazer por menos de mil libras, e que mesmo essa quantia era insatisfatória.

Aurélius, com o coração louco de alegria, de pronto respondeu: "Ora, que são mil libras?! Se eu pudesse, daria em troca o mundo inteiro, que dizem ser redondo! Portanto, estamos de acordo, e o negócio está fechado. Palavra de honra, o senhor será pago pontualmente. Mas olhe: faça o serviço sem negligência e sem preguiça; não deixe passar de amanhã." "Sem dúvida", confirmou o outro, "pode contar comigo."

Assim que o sono chegou, Aurélius recolheu-se ao leito, dormindo profundamente quase que a noite toda. Após tanto esforço e expectativa, seu coração tristonho conheceu algum alívio.

Na manhã seguinte, tão logo clareou o dia, os dois irmãos, acompanhados pelo mágico, tomaram a estrada para a Bretanha, apeando somente ao chegarem ao destino. Era, como lembraram minhas fontes, o tempo frio e gelado de dezembro.

Febo, que, na declinação mais quente, fulgia com luzes brilhantes, qual ouro polido, agora está velho e da cor do latão, pois, afinal, entrou em Capricórnio, onde o antigo fulgor empalidece. As geadas cortantes, com granizo e chuva, destruíram o verde dos jardins. Jano*, com barba

dupla, sentado ao pé do fogo, de seu chifre recurvo bebe o vinho; um javali é assado à sua frente; todos cantam felizes: "É Natal!"

Aurélius tratava o mestre da melhor maneira que podia, com entusiasmo e consideração, pedindo-lhe que começasse logo o trabalho para livrá-lo de seu sofrimento insuportável, caso contrário, atravessaria com a espada o peito.

Compadecido do coitado, o hábil ilusionista ficou noite e dia atento, na expectativa de um momento favorável para as suas experiências... ou seja, para criar a ilusão, por meio de aparências ou prestidigitação (desconheço a terminologia astrológica), que fizesse a dama e as demais pessoas acreditarem e afirmarem que os rochedos da Bretanha haviam se afastado, ou tinham sido engolidos pelo solo. Chegada enfim a ocasião propícia a seus embustes e artimanhas abomináveis de maldita superstição, tomou ele de suas Tábuas Toledanas* (devidamente corrigidas), e sem esquecer nada, – nem suas Efemérides dos movimentos planetários em anos isolados e em seqüência, nem sua Tábua das Casas, nem as outras parafernálias (como os "centros" e os "argumentos" do astrolábio e as escalas proporcionais para o equacionamento das posições dos astros), – fez em suas operações a avaliação, a partir da oitava esfera, de quanto a estrela Alnath se afastara da constelação fixa de Áries, situada mais acima, porque se pensa estar na nona esfera. Fez todas as deduções com muita habilidade.

A seguir, tendo achado a primeira mansão da Lua, encontrou as restantes por meio de cálculos proporcionais, determinando com segurança a ascensão daquele corpo, e a "face" ou "termo" do signo em que se deu. Finalmente, conhecendo a mansão da Lua favorável à sua tarefa, bem como as outras condições indispensáveis aos ilusionismos e artes que naquele tempo praticavam os pagãos, conseguiu ele, por uma ou duas semanas, dar a impressão, a quem olhasse, de que os rochedos todos haviam sumido.

Aurélius, que ainda estava desesperado, sem saber se iria ou não conquistar o seu amor, noite e dia aguardava ansioso esse milagre; e, quando foi informado de que não havia mais obstáculos e as rochas todas tinham sido eliminadas, caiu aos pés do mestre, exclamando: "Eu, o triste e desditoso Aurélius, agradeço ao senhor, – e a Vênus, minha senhora, – por terem me libertado de minha aflição cruel." E, em seguida, dirigiu-se ao templo, sabendo que lá encontraria a sua amada. E, no momento justo, com temeroso coração e com semblante humilde, saudou a sua dama soberana.

"Senhora de minha vida", disse-lhe o infeliz, "por quem tenho o maior respeito e afeto, por nada neste mundo eu iria aborrecê-la, se não fosse essa loucura que sinto pela senhora e que a seus pés irá matar-me. Não fora isso, guardaria para mim a minha angústia. Tendo, porém, que optar entre a morte e o queixume, e vendo que a senhora aflige a um inocente sem ter nenhuma pena de seu fim, eu recomendo que não traia a sua promessa. Pelo Deus que nos vê, medite um pouco, antes de me imolar porque eu a quero. A senhora bem sabe o que jurou... Não que eu reclame aqui qualquer direito, pois o que peço, oh dama, é apenas graça. Mas além, num recanto do jardim, lembra decerto o que me assegurou, firmemente empenhando a sua palavra quando me prometeu o seu amor. Foi o que fez, embora eu não mereça tal oferta. Senhora, mais do que por meu prazer, estou falando agora por sua honra: fiz a obra que a senhora me ordenou (se quiser, verifique por si mesma). Cumpra, se lhe aprouver, o prometido, matando-me ou deixando-me viver, pois bem sabe que é sua a minha vida, – como eu sei que sumiram os rochedos."

Ele então se despediu, enquanto ela, atordoada, sentia que o sangue lhe fugia das faces. Jamais sonhara que um dia iria cair nessa armadilha. "Ai!" gemeu ela, "como isso pôde acontecer-me? Como iria imaginar possível um prodígio, ou portento, contrário às próprias leis da natureza?" E foi-se a coitada para casa. Eram tais os seus temores, que mal conseguia caminhar. Chorou e soluçou um dia ou dois, desmaiou, sofreu que dava pena. Mas nada revelou para ninguém, porque Arverágus tinha viajado. Consigo mesma ela falava, e em seus lamentos, com semblante tristonho e rosto pálido, disse isto, como agora vão ouvir:

"Ai, Fortuna, de ti é que eu me queixo,* que, inatenta, em teus elos me enleaste, de forma

que não há quem me socorra... À minha frente se abrem dois caminhos: devo escolher a morte ou a desonra. Muito melhor, porém, perder a vida do que viver num corpo conspurcado, marcado pela infâmia e a falsidade. Em minha morte vejo a liberdade. Quantas nobres esposas no passado, e donzelas também, não se mataram para assim se livrarem da luxúria!

"De fato, muitos casos o comprovam. Quando os trinta tiranos impiedosos, tendo matado Fídon em Atenas no meio de uma festa, fizeram que suas filhas prisioneiras fossem trazidas nuas à sua frente, como pasto de seus torpes desejos, forçando-as a dançar no pavimento coberto pelo sangue de seu pai, – malditos sejam! – preferiram as míseras donzelas, tomadas de pavor (segundo os livros), atirar-se num poço e se afogar, a terem que perder a virgindade.

"Também indaga sobre os de Messênia, que trouxeram cinqüenta lindas jovens da Lacônia, pensando em seviciá-las; nenhuma delas escapou com vida, pois que todas optaram pela morte para manterem sua castidade. Então por que devo temer a morte?

"O tirano Aristóclides também desejava Estinfale com ardor; mas uma noite, quando o pai foi morto, ela buscou o templo de Diana, onde agarrou com ambas suas mãos a imagem dessa casta divindade; ninguém pôde apartá-la de seu ídolo, e, por isso, ali mesmo a trucidaram. Ora, se as virgens têm tal aversão aos homens que pretendem maculá-las, uma esposa também pode morrer, – não duvides, – para manter-se pura!

"E da mulher de Asdrúbal que direi, que em Cartago tirou a própria vida? Sim, quando viu a escalada dos romanos, tomou os filhos e saltou com eles em meio às chamas, preferindo a morte a ser violada por algum soldado.

"E, ai! Lucrécia também não se matou em Roma quando foi violentada por Tarquínio, porque julgou vergonha ter a vida quando a honra já não tinha?

"Também as sete virgens de Mileto sacrificaram-se de medo e dor para evitarem a opressão dos gálatas. E mil histórias mais, não tenho dúvida, poderia lembrar sobre este assunto.

"Quando Abradates foi assassinado, suicidou-se então sua mulher, lavando com seu sangue os ferimentos extensos e profundos do marido; e gritou 'Desse modo, pelo menos, ninguém irá desrespeitar meu corpo!'

"Preciso ainda dar outros exemplos? Como tantas mulheres se mataram só para que não fossem conspurcadas, a minha conclusão é que é melhor deixar o mundo e conservar-me pura. Se eu tiver que trair meu Arverágus, então não me convém pensar na vida... A amada filha de Democião fez o mesmo ao lutar contra o pecado.

"Oh Cedaso, que história comovente a de tuas filhas, ai! que se mataram, – e a razão, como sempre, foi a mesma!

"Tão comovente, ou mais, foi o destino da donzela tebana que, infeliz, morte a si mesma deu por Nicanor. Da mesma forma agiu outra tebana: violentada por um macedônio, com a morte remiu sua desgraça.

"E não teve a mulher de Nicerates fim igual, e por igual motivo?

"E que fiel a amante de Alcebíades! Arrostou sem temor a própria morte para dar ao amado sepultura.

"E que esposa notável foi Alceste!

"E o que nos diz Homero de Penélope, famosa em toda a Grécia pela castidade?

"De Laodamia, oh Deus, está escrito que, ao matarem Protesilau em Tróia, não quis viver sem ele um dia a mais.

"Diz-se o mesmo também da nobre Pórcia: sem Bruto não podia ela viver, porque lhe dera todo o coração.

"A perfeita conduta de Artemísia é admirada até pelos bárbaros.

"E tu, rainha Teuta, tua pureza é espelho para todas as mulheres!

"Digo o mesmo a respeito de Bilia, de Valéria e também de Rodogune."

Assim queixou-se, um ou dois dias, Dórigen, convencida de que devia morrer.

Na terceira noite, todavia, Arverágus, o nobre cavaleiro, voltou para casa, e quis saber por que ela chorava tanto. Em resposta, pôs-se ela a chorar ainda mais.

“Ai de mim,” disse ela, “por que foi que eu nasci? Foi isto o que eu disse, foi isto o que eu jurei...” E contou-lhe tudo o que vocês já ouviram, – de modo que não é preciso repetir.

O marido, carinhoso e compreensivo, perguntou-lhe então:

“Então não há nada mais, Dórigen, além disso?”

“Não, não, pelos Céus!” respondeu ela. “Mas, mesmo que seja a vontade de Deus, isso já é demais!”

“Quem sai à chuva é para se molhar”, continuou o cavaleiro. “Mas talvez tudo se resolva ainda hoje. De uma coisa, porém, eu sei: você tem que manter sua palavra! Deus tenha piedade de mim, mas pelo grande amor que tenho por você, prefiro morrer em combate a vê-la trair uma promessa. A verdade é o maior tesouro que temos.” E, ao dizer isso, irrompeu em pranto, exclamando: “Proíbo-a, pelo ar que respira, de revelar esse caso a quem quer que seja, enquanto tiver sopro de vida. Quanto a mim, suportarei a minha dor da melhor maneira que puder, evitando demonstrar tristeza para que os outros não fiquem imaginando o que não devem.”

Em seguida, chamou ele um escudeiro e uma aia: “Acompanhem Dórigen”, ordenou, “e levem-na até o lugar que disser!’ Eles se despediram e, com a patroa, puseram-se a caminho, ignorando qual o seu destino.

Neste ponto, tenho certeza de que uma porção de vocês estará achando que esse cavaleiro foi um idiota, ao expor sua mulher a tantos riscos. Escutem, porém, o resto da história, antes que comecem a condoer-se de sua sorte, pois as coisas podem acabar melhor do que se pensa. Deixem que eu termine; depois podem julgar.

O tal escudeiro de nome Aurélius, que andava apaixonado por Dórigen, encontrou-se casualmente com ela na cidade, na rua mais movimentada, no instante em que ela se dirigia para o jardim onde fizera o juramento, a fim de cumprir o prometido; e ele também rumava para lá, pois já havia adivinhado sua intenção ao vê-la sair de casa, acostumado que estava a vigiar seus movimentos. E assim que se encontraram, por acaso ou sorte, ele a cumprimentou alegremente, perguntando-lhe para onde ia.

Ela, como que desvairada, respondeu: “Para o jardim, por ordem de meu marido, para manter minha palavra... oh, que desgraça!”

Aurélius, pensando melhor sobre o caso, começou a condoer-se dela e de sua aflição, bem como de Arverágus, o nobre cavaleiro, que, por não tolerar perjúrios, impusera à esposa que cumprisse a sua palavra. E uma grande piedade invadiu-lhe o coração. E ele concluiu que, sob todos os pontos de vista, melhor era abster-se do prazer que praticar tamanha vilania contra a generosidade e a nobreza de espírito. Por isso, em poucas palavras, disse ele o que se segue:

“Senhora, diga a Arverágus, seu esposo, que, ao ver o desespero da senhora e a grande fidalguia dele próprio, – a ponto de colocar a fidelidade à palavra empenhada acima da vergonha (o que seria lastimável), prefiro padecer insatisfeito a interferir no grande amor dos dois. Portanto, eu a liberto, oh minha dama, absolvendo-a de todo juramento e promessa que tenha feito a mim, em qualquer tempo, desde que nasceu. Por minha honra, jamais vou reclamar mais nada da senhora. E aqui despeço-me da mulher mais fiel e virtuosa que conheci em minha vida. Oh esposas, guardem bem os seus empenhos, seguindo Dórigen e seu exemplo! Demonstro assim que pode um escudeiro ser tão fidalgo quanto um cavaleiro.”

Ela agradeceu-lhe de joelhos e correu para casa a seu marido, a quem contou tudo o que acabaram de ouvir. Naturalmente, seu contentamento foi muito grande, – tanto assim que nem sei como descrevê-lo. Que mais poderia acrescentar a essa história?

Arverágus e sua esposa Dórigen viveram daí por diante em soberana felicidade. Nunca mais houve problemas entre ambos: ele a reverenciava como a uma rainha, e ela lhe foi fiel para sempre. Deles não preciso dizer mais nada.

Aurélius, ao lembrar-se da grande dívida que contraíra, sentiu-se arruinado, passando a maldizer o dia em que nasceu. “Ai!” chorou ele, “Ai! Por que fui prometer mil libras de ouro puro àquele filósofo? o que farei agora? Tudo o que sei é que estou perdido! Vou ter que vender a minha herança e viver como mendigo. Se ele não se apiedar de mim, não poderei continuar aqui,

pois seria a vergonha da família. Não obstante, vou propor-lhe que parcele a dívida, ano após ano uma parte, em dia certo; e vou agradecer-lhe a cortesia. De qualquer forma, vou manter o empenho!"

Com o coração em frangalhos, foi até o cofre e de lá tirou ouro, no valor de quinhentas libras, para levar ao filósofo, a quem suplicou a gentileza de um prazo maior para o restante: "Mestre, posso assegurar-lhe que nunca, até hoje, faltei à minha palavra. Saldarei meu débito com o senhor não importa o que me custe, ainda que eu tenha que mendigar por aí só com a camisa do corpo. No entanto, se o senhor me concedesse, com as devidas garantias, uma prorrogação da dívida por dois ou três anos, isso me ajudaria muito; caso contrário, terei que vender a minha herança. É o que tenho a dizer-lhe."

Ao ouvir isso, respondeu-lhe secamente o filósofo: "Não cumpri minha parte de acordo?"

"Sim, claro, integralmente", confirmou o outro.

"E o senhor não obteve a dama que queria?"

"Oh, não!" suspirou ele amargamente.

"O que houve? Diga-me o que aconteceu."

Aurélius passou então a descrever seu infortúnio, contando os fatos de que vocês estão lembrados. E disse: "Arverágus, com sua fidalguia achou melhor morrer de dor e desespero que ver a esposa cometer perjúrio." Também narrou todo o sofrer de Dórigen, que preferia a morte a se tornar uma dessas mulheres falsas; reconheceu que fizera o juramento por ingenuidade, dado que até então jamais ouvira falar de magia: "E por isso senti tanta piedade, que a devolvi tão generosamente quão generosamente seu marido a mandara para mim. E isso é tudo o que eu tinha a lhe dizer."

Disse o filósofo: "Meu caro irmão, vocês dois demonstraram grande nobreza, tanto o escudeiro quanto o cavaleiro. Não queira Deus, por toda a sua glória, que um letrado, em sua fidalguia, seja inferior a qualquer um dos dois.

"Não precisa pagar-me essas mil libras. É como se o senhor do chão brotasse, sem que antes me tivesse conhecido. Não, senhor, eu não quero o seu dinheiro, – nem por minha arte, nem por meu trabalho. O senhor já pagou minha hospedagem: isso me basta. Adeus. Tenha um bom dia." E montou, e seguiu o seu caminho.

Senhores, eu lhes deixo esta pergunta: qual deles, a seu ver, foi mais fidalgo? Digam-me isso, antes de prosseguirmos. Quanto a mim, chega: a história se acabou.

Aqui termina o Conto do Proprietário de Terras.

O CONTO DO MÉDICO

Segue-se aqui o Conto do Médico.

Havia outrora em Roma, segundo narra Tito Lívio, um cavaleiro honrado e digno, de nome Virgínio, que possuía muitos amigos poderosos e considerável fortuna.

Esse nobre patrício tivera de sua esposa uma menina, e nenhum filho mais em toda a vida. E ela se tornou uma jovem de extraordinária beleza, uma beleza sem igual em todo o mundo, pois a natureza criara seus grandes encantos com supremo cuidado, como se dissesse: "Vejam! Quando me apraz, eu, a Natureza, posso formar e colorir assim uma criatura. Existe alguém capaz de me imitar? Certamente não há de ser Pigmalião, por mais que ele forje ou bata ou grave ou pinte; e muito menos, eu diria, Apeles ou Zêuxis, que também trabalhariam em vão, a gravar, a pintar, a forjar, e a bater, caso tivessem a presunção de me emular. Pois Aquele que é o primeiro no universo me fez seu vigário geral, para dar forma e cor às criaturas como bem me agrada. Assim, tudo o que se encontra sob a lua, que cresce e decresce sem parar, está sob os

meus cuidados; e trabalho sem nada pedir em troca. Meu senhor e eu estamos de pleno acordo em tudo; e foi para o seu louvor que eu fiz essa donzela. Aliás, é para tal fim que formo todos os seres, independentemente de seus matizes e aparências...” Era isso mesmo o que ela parecia dizer.

Já completara quatorze anos de idade aquela linda jovem, com quem se comprazia a Natureza. De fato, assim como esta pode pintar o lírio de branco e a rosa de vermelho, assim imprimira essas tintas em seus formosos membros, antes que ela nascesse, para que pudesse ostentar o colorido certo. E Febo, o Sol, tingira suas lindas trancas com o fogo ardente que dele se derrama.

Se, entretanto, sua beleza deslumbrava, mil vezes mais encantava sua virtude, visto que, na sua modéstia, não lhe faltava qualidade alguma. Casta era ela, de corpo e de alma, pois florescia na virgindade, com humildade e abstinência, com paciência e temperança, com decoro nas vestes e nos gestos. Em suas respostas transparecia a sua sensatez. E, ainda que sábia como Minerva, seu falar era feminino e simples, sem termos afetados para mostrar erudição, mas com palavras próprias de sua idade e sexo, tendendo sempre para a virtude e a cortesia. O seu pudor era o pudor das donzelas, constante no coração; e tudo fazia para afastar-se do ócio preguiçoso. Sobre seus lábios Baco não tinha poder algum, dado que, juntamente com a juventude, o vinho estimula a ação de Vênus, assim como o óleo ou a gordura estimulam o fogo. Por isso, muitas vezes, de livre e espontânea vontade, ela chegava a alegar doença para fugir às companhias que pudessem levá-la ao pecado, principalmente nas festas, nos folguedos e nos bailes, que são ocasiões para excessos. Como se vê, são essas coisas que tornam as crianças maduras e atrevidas antes do tempo, o que constitui um perigo. Afinal, as meninas podem esperar um pouco, deixando para perder o acanhamento quando se casam.

E vocês, amas, que na velhice trabalham como governantas das filhas dos nobres, não se aborreçam com minhas palavras. Lembrem-se de que vocês receberam esse encargo por apenas dois motivos: ou porque souberam preservar sua honra, ou porque, após terem caído por fraqueza e conhecido muito bem a velha dança, renunciaram para sempre à má conduta. Portanto, pelo amor de Cristo, ensinem às jovens, sem esmorecimentos, a virtude que aprenderam. Um ladrão de caça, depois que se corrige e abandona a velha prática, é quem melhor pode guardar uma floresta. Vocês também, amas, podem realizar com perfeição essa tarefa: basta que o queiram. Cuidado para não compactuarem com o vício, porque senão serão punidas para sempre. As pessoas que fazem isso são traidoras. E prestem bem atenção ao que vou dizer: comete a traição mais pestilenta aquele que trai a inocência.

Vocês também, pais e mães, não importa quantos filhos tenham, é seu dever vigiar a todos enquanto estiverem sob a sua custódia. Cuidem para que não se percam, nem por seu mau exemplo, nem por sua negligencia em castigá-los. Se assim não agirem, asseguro-lhes que irão pagar por isso. Quando o pastor é mole e descuidado, o lobo encontra muitos cordeiros e ovelhinhas para dilacerar. Mas creio que esse exemplo é suficiente, pois preciso voltar à minha história.

A jovem, a respeito de quem estou falando, comportava-se de forma a dispensar governantes; era tão prudente e bondosa, que as moças de sua idade podiam ler em sua vida, como num livro, todas as boas ações e palavras que se esperam de uma donzela virtuosa. A fama de sua beleza e de sua bondade espalhara-se tanto por aquela terra, que os que amavam a virtude não podiam deixar de louvá-la; só não o fazia a Inveja, que, na descrição do grande Doutor Santo Agostinho, se entristece com o bem-estar dos outros e se regozija com sua desgraça e sua miséria.

Certo dia, aquela jovem, acompanhada da mãe, – como é o costume das donzelas, – foi visitar um templo na cidade, que, naquela época, era governada por um magistrado. E sucedeu que esse juiz, ao lançar os olhos sobre ela enquanto passava, examinou-a atentamente. Logo seu coração e seu estado de espírito se alteraram; ficara tão impressionado pelos seus encantos, que prometeu a si mesmo: “Juro que hei de possuir essa moça!”

Imediatamente o demônio se alojou em seu peito, mostrando-lhe como, através de ardis, ele poderia pôr em prática os seus desígnios. Com efeito, ele sabia de antemão que não lograria

conquistá-la nem pela força, visto que era protegida por amigos poderosos, nem pelo dinheiro, pois se escudava em tão excelsas virtudes que jamais seria induzida a conspurcar seu corpo. Assim, após longo meditar, mandou chamar à sua presença um canalha que havia na cidade, conhecido por sua esperteza e audácia. O juiz, após impor-lhe o compromisso do sigilo sob pena de perder a cabeça, deu-lhe então a conhecer o caso. Quando, finalmente, combinaram seu maldito plano, o magistrado não cabia em si de contente, recompensando o assecla com presentes belos e valiosos.

Urdida a conspiração em todos os pormenores e arquitetada a trama para satisfazer a depravação de tirano (como pretendo revelar-lhes daqui a pouco), voltou para casa o vilão, cujo nome era Cláudio*. Por sua vez, o corrupto juiz, que se chamava Ápio (esse era realmente o seu nome, pois esta não é uma história inventada, mas um fato verdadeiro, documentado nos textos)... o corrupto juiz, dizia eu, tomou as providências necessárias para obter o seu prazer o mais depressa possível. E um dia, pouco tempo depois (diz a história), achava-se ele no tribunal, como de hábito, julgando vários casos, quando entrou afobado o canalha que contratara, e disse: "Senhor, com sua devida vênia, venho apresentar-lhe, em defesa de meus direitos, esta comovente petição contra Virgínio; se ele negar o que aqui está escrito, hei de provar, com testemunhas de peso, que tudo o que afirma este documento é a pura verdade."

Respondeu o juiz: "Não posso dar sentença definitiva sobre isso na ausência do acusado. Seja ele intimado a comparecer ao tribunal, e hei de ouvi-lo com a maior boa vontade. Saiba o impetrante, porém, que os seus direitos aqui não hão de ser lesados."

Assim que Virgínio chegou para inteirar-se da vontade do juiz, foi lida em sua presença a maldita petição, que dizia o seguinte: "Eu, o pobre Cláudio, seu criado, venho por meio desta denunciar, ao ilustre juiz e prezado senhor Ápio, que um cavaleiro de nome Virgínio, contrariamente ao que determinam a lei e a justiça, mantém em seu poder, contra a minha vontade, uma escrava que por direito me pertence, e que uma noite raptou de minha casa quando ainda era criança, conforme posso provar, com sua permissão, através de testemunhas. Ela não é sua filha, embora alegue que o seja. Por isso, senhor juiz, compareço à sua presença para suplicar a devolução de minha escrava, se lhe parecer de justiça." Ai, era esse o teor da petição!

Virgínio, fixando bem os olhos no patife, preparou-se para apresentar sua versão, também pretendendo comprovar, por meio de muitas testemunhas (como convinha a um nobre), a falsidade das acusações de seu adversário. O amaldiçoado juiz, entretanto, não esperou que falasse, cortando-lhe a palavra abruptamente e dando a seguinte sentença: "Determino que o queixoso, imediatamente, receba a sua criada de volta. Você, Virgínio, não mais poderá mantê-la em sua casa; vá buscá-la agora mesmo e entregue-a à nossa tutela. Mais tarde será devolvida ao legítimo dono. É o que ordeno."

Vendo o nobre cavaleiro que, em vista da sentença de Ápio, devia entregar a filha querida ao magistrado, para que este pudesse satisfazer os seus instintos rasteiros, voltou para casa, sentou-se sozinho na grande sala e mandou chamar a jovem. Contemplou longamente seu rostinho humilde, com um semblante pálido qual cinza fria, e, tendo no peito a farpa da compaixão paterna, disse-lhe, assim mesmo, com firmeza inabalável:

"Filha, minha Virgínia! Um destes dois caminhos você terá que trilhar: ou a morte, ou a vergonha. Ai de mim! Por que nasci? Jamais você mereceria morrer pelo fio da espada ou do punhal! Oh filha adorada, término fatal de minha vida! Oh filha, que acalentei com tanto carinho e sempre trago na lembrança, filha que há de ser a minha dor derradeira... e minha última alegria! Gema de castidade, aceite a morte com resignação, pois esta é minha sentença. Não é o ódio que a condena, mas o amor; é minha mão piedosa que vai ferir sua cabeça. Ah!" gritou ele, "por que Ápio tinha que avistá-la? Foi assim, injustamente, que ele julgou você no dia de hoje..." E então contou-lhe o episódio que vocês já conhecem, e que, portanto, não preciso repetir.

"Oh, piedade, querido pai!" exclamou a donzela ao mesmo tempo em que lhe enlaçava o colo com os dois braços, como costumava fazer. Com lágrimas a brotar-lhe dos olhos, perguntou então: "Oh meu pai! Tenho mesmo que morrer? Não há perdão, não há nenhum remédio?"

"Não, filha querida, não, infelizmente..."

"Nesse caso," continuou ela, "dê-me ao menos algum tempo para que eu possa chorar a minha morte. Assim fez Jefté*, por Deus; deu à filha a graça do pranto, antes que a executasse... Ai! E o Senhor sabe que sua única ofensa foi correr ao encontro do pai, quando o viu chegar, a fim de dar-lhe as boas-vindas." E, proferindo tais palavras, desmaiou. Quando voltou a si, ela se ergueu e disse a Virgínio: "Bendito seja Deus, que morro virgem! Pode matar-me. Mil vezes isso à vergonha. Em nome do Senhor! Cumpra-se em sua filha a sua vontade!" Em seguida, pediu ela repetidas vezes ao genitor choroso que não a deixasse sofrer muito no instante de feri-la com a espada. E, novamente, perdeu os sentidos.

O pai, então, com a mais profunda dor na alma, decepou-lhe a cabeça, que ergueu pelos cabelos e levou ao juiz. Este ainda se achava no tribunal. E, ao ver a cena, – diz a história, – ordenou furioso que Virgínio fosse preso e enforcado.

Nesse momento, entretanto, a multidão, tomada de pena e piedade, rebelou-se em favor do cavaleiro, pois não ignorava a iniqüidade de que fora vítima. Pela própria maneira como Cláudio, o vilão, desafiara o nobre patrício, o povo já suspeitava de que tudo fora feito de comum acordo com Ápio, cuja lascívia era pública e notória. Por isso, foi o juiz que a turba enfurecida atacou em primeiro lugar, fazendo que fosse lançado em uma masmorra, onde ele se matou. Cláudio, o seu comparsa, foi condenado à forca; e somente escapou da morte pela interferência de Virgínio, que, movido pela piedade, comutou sua pena em exílio. Mas todos os demais, que, direta ou indiretamente, se viram envolvidos na trama maldita, foram enforcados.

Eis aí a retribuição do pecado! Portanto, estejam todos sempre atentos, pois ninguém prevê o grau do castigo divino, nem conhece o modo como o verme da consciência pune o transgressor, mesmo quando age tão secretamente que apenas Deus e ele próprio sabem de seus atos. Não, ninguém, ignorante ou culto, pode antever o instante do ajuste de contas. Por isso, aceitem o meu conselho: destruam o pecado, antes que o pecado os destrua.

Aqui termina o Conto do Médico.

Palavras que o Albergueiro dirigiu ao Médico e ao Vendedor de Indulgências.

Nosso Albergueiro pôs-se a praguejar como se tivesse endoidecido: "Maldição!" gritou ele. "Pelo sangue e pelos cravos da cruz! Que falso velhaco e que magistrado falso! Que esses juizes, com seus advogados, tenham todos a morte mais vergonhosa que a mente humana pode imaginar! Se bem que agora, – coitada! – a jovem inocente está morta. Pobrezinha! Como pagou caro por sua formosura. É por isso que sempre digo: as dádivas da Fortuna e da Natureza são o fim de muita gente. É um fato; sua beleza foi sua morte. Ah! Que modo triste de deixar a vida! Das duas espécies de dádiva, de que falei há pouco, os homens recebem mais males do que benefícios. A verdade, meu caro senhor, é que sua história foi mesmo comovedora. Mas não faz mal, vamos seguir em frente. Peço a Deus que proteja sua gentil pessoa, bem como todos os seus urinóis e penicos, suas poções hipocráticas e galiônicas*, e suas caixinhas abarrotadas de remédios. Tenham as bênçãos de Deus e de Nossa Senhora Santa Maria! Pela salvação de minha alma, o senhor é realmente um homem de boa presença; até parece um prelado, por São Roniano! Será que está certo o que eu disse? Não sei usar os termos corretamente; só sei que o senhor fez meu coração sofrer tanto, que cheguei a sentir um aperto cardeálico no peito. *Corpus Christus!* Se eu não tomar um remédio agora mesmo, ou não beber um gole de cerveja nova e forte, ou não ouvir uma história engraçada, acho que vou morrer de pena daquela jovem!

"Você, meu belo amigo! Você, Vendedor de Indulgências, conte-nos já algum caso alegre ou algum chiste."

"Pois não," respondeu o outro, "por São Roniano! Mas antes, vamos parar um pouco nesta taverna, para que eu possa beber e comer um pedaço de pão."

Nesse instante, os membros da comitiva que eram mais refinados protestaram: "Isso não, que ele não nos venha com histórias sujas! Conte-nos alguma coisa moral, que nos ensine algo de útil. Aí sim, ouviremos com prazer."

"Está bem, não temam; farei isso," garantiu o Vendedor de Indulgências. "Mas antes, enquanto penso em alguma coisa decente, preciso beber."

O CONTO DO VENDEDOR DE INDULGÊNCIAS

Segue-se aqui o Prólogo do Conto do Vendedor de Indulgências.

*Radix malorum est Cupiditas: Ad Thimotheum, sexto.**

"Senhores," – começou ele, – "quando prego nas igrejas, minha única preocupação é empregar linguagem elevada e falar com voz clara e sonora como um sino, pois sei de cor tudo o que digo. Meu tema é, e sempre foi, apenas um: *Radix malorum est Cupiditas.*

"Em primeiro lugar, declaro de onde venho; depois, apresento, uma por uma, todas as minhas bulas. Antes de qualquer coisa, porém, mostro o selo papal em minha licença, para garantir-me a integridade física e para que nenhum petulante, padre ou noviço, venha perturbar-me no santo trabalho de Cristo. Somente aí começo a desfiar minhas histórias, reforçadas com mais bulas de papas e cardeais, de bispos e patriarcas, e entremeadas de algumas poucas palavras em latim para temperar a minha prédica e estimular ainda mais a devoção.

"Finalmente, exponho as minhas longas caixas de cristal abarrotadas de trapos e de ossos... São relíquias, percebem logo os fiéis. Entre elas mostro, revestida de latão, uma omoplata de carneiro que pertencera a um santo patriarca hebreu. Boa gente, digo, atentem para as minhas palavras: se alguma vaca, ou bezerro, ou ovelha, ou touro inchar, por ter comido uma cobra ou dela ter levado uma picada, mergulhem este osso na água de uma cisterna e com essa água lavem a língua do animal, e ele ficará curado. E não é só, pois a ovelha que beber dessa mesma água estará livre de erupções, de morrinha e de qualquer outro mal. Prestem atenção também ao que agora vou dizer: se o bom homem, dono dos animais doentes, toda manhã, antes que o galo cante, tomar em jejum um gole dessa água, irá então, segundo o testemunho que legou a nossos pais aquele mesmo santo hebreu, multiplicar os seus bens e o seu rebanho.

"E também é um remédio, senhoras e senhores, contra o ciúme. Se um marido desconfiado tiver um acesso de fúria, preparem-lhe uma sopa com a água daquela cisterna e verão que ele nunca mais suspeitará de sua mulher, ainda que conheça a verdade de sua falsidade e até os seus casos com dois ou três padres.

"Olhem agora estes abrigos para as mãos, estas mitenes! Quem usá-las receberá de volta em abundância o cereal que plantou, seja aveia ou trigo, – desde, naturalmente, que faça o donativo de alguns dinheiros ou soldos.

"Meus bons amigos e amigas, tenho, porém, que fazer-lhes uma advertência: se alguém nesta igreja cometeu algum pecado tão horrível que se envergonha de confessá-lo, ou se alguma mulher, jovem ou velha, pôs chifres no marido, é bom que saiba que não tem permissão e não está em estado de graça para oferecer donativos às relíquias aqui expostas. Mas quem não estiver contaminado por essas mazelas que se aproxime, e, em nome de Deus, faça a sua oferta, que eu o absolverei com a autoridade que esta bula me concede.

"Ano após ano, graças a essa artimanha, já devo ter ganhado por volta de cem marcos, desde que passei a vender indulgências. Postado no púlpito como um padre, tão logo os simplórios se assentam, faço uma pregação parecida com a que acabaram de ouvir, com uma centena de outras patacoadas. Esforçando-me então para esticar bem o pescoço, inclino-me a oeste e a leste sobre os ouvintes, parecendo uma pomba pousada no celeiro. A língua e as mãos não param de agitar-se. Vocês gostariam de ver-me em ação. A minha prédica toda é contra a

avareza e outras maldições do mesmo tipo, para ensinar os fiéis a serem generosos com o seu dinheiro, – generosos principalmente para comigo. Afinal, meu interesse não é castigar os seus pecados, mas obter lucros. Pouco me importa se, depois de enterrados, eles vaguem pelo mundo como almas penadas!

"E não tenham dúvida de que são muitas as prédicas nascidas de más intenções: algumas provêm do desejo de agradar ao povo e bajulá-lo, para a percepção de vantagens pela hipocrisia; outras derivam da vanglória; e outras, do ódio. Eu, por exemplo, faço sermões desta última espécie quando receio polemizar abertamente. Então, enquanto prego, espicaço com minha língua ferina quem ofendeu a meus irmãos ou a mim, de modo que lhe é impossível escapar à difamação. Porque, embora eu não revele o seu nome, as pessoas sabem a quem me refiro pelas insinuações e por outras circunstâncias. É assim que retribuo os desaforos; é assim que vou cuspindo o meu veneno com ar de santidade, a fim de parecer puro e inocente.

"Quero confiar-lhes, porém, todas as minhas intenções secretas. Como eu já disse, não prego outra coisa senão a repulsa à cobiça, de maneira que meu tema ainda é, como sempre foi, *Radix malorum est Cupiditas*. Assim sendo, prego contra os mesmos pecados que pratico, a saber, a ambição e a avareza. No entanto, se sou culpado desses vícios, consigo fazer que muitos os repudiem e se arrependam sinceramente. Se bem que não seja esse o meu propósito. Na verdade, os próprios sermões que profiro devem-se à cobiça. Mas creio que disso já falei o suficiente.

"A seguir, ilustro a pregação com muitos *exemplos* de histórias antigas, de épocas bem remotas, porque a gente simples gosta de histórias antigas, que podem ser repetidas e guardadas na memória. Afinal, o que mais querem? Acham que, enquanto posso pregar e ganhar ouro e prata no meu ministério, vou viver voluntariamente na pobreza? Isso não, meus amigos; está aí uma coisa que nunca me passou pela cabeça! Enquanto eu for capaz de ensinar e de esmolar por este mundo, não tenho pretensão alguma de fazer serviços manuais, tecendo cestas de vime para ganhar a vida. Não tem sentido mendigar para nada. Não, não vou imitar os apóstolos! Quero dinheiro, trigo, queijo e lãs, mesmo que os obtenha às custas do mais pobre pajem ou da viúva mais pobre de uma aldeia, com seus filhinhos a morrer de fome. Não, o que eu quero é o néctar do vinho e uma bela garota em cada cidade.

"Mas, senhores, vamos ao ponto: é desejo de todos que eu conte uma história. Agora que já bebi uns bons goles desta cerveja concentrada, por Deus, espero poder narrar-lhes algo que seja deveras de seu agrado. Pois, não obstante eu seja um pecador, tenciono oferecer-lhes um conto moral que costumo pregar quando à cata de donativos. Agora façam silêncio; vou começar a história."

Aqui principia o Conto do Vendedor de Indulgências.

Antigamente, na Flandres, havia um grupo de rapazes que só vivia à cata de folias, como algazarras, jogatinas, bordéis e tavernas. Nesses antros, ao som de harpas, alaúdes e guitarras, eles dançavam e arriscavam a sorte nos dados dia e noite, além de beberem mais do que podiam, amaldiçoadamente oferecendo sacrifícios ao demônio no próprio templo do demônio, com seus excessos abomináveis. Blasfemavam e juravam a torto e a direito; e era horrível ouvi-los gritar a todo instante "pelos ossos de Jesus" ou "pelo sangue de Cristo", estraçalhando o santo corpo de Nosso Senhor (como se os judeus já não o tivessem dilacerado o suficiente). E um ria dos pecados do outro. Depois apareciam dançarinas, bonitas e graciosas, jovens fruteiras, cantoras com harpas, meretrizes, vendedoras de bolos... todas verdadeiras servas do diabo, peritas em acender o fogo da luxúria, esse vício tão próximo da gula. Tomo a Sagrada Escritura como testemunha de que a lascívia reside no vinho e na embriaguez. Lembrem-se do caso de Lot, que, depois de beber, dormiu com as próprias filhas, sem ter consciência do seu ato antinatural: de tão bêbado, nem sabia o que estava fazendo. Herodes, por sua vez (e quem quiser pode verificar isso no Evangelho), quando, à mesa do banquete, se achava empanturrado de vinho, deu a ordem para que matassem o inocente João Batista.

Sêneca nos oferece, a esse respeito, um sábio pensamento: diz ele que não vê qualquer diferença entre o homem que perdeu o juízo e o que está bêbado, exceto que a loucura, ao castigar sua vítima, dura mais tempo que a embriaguez. Oh gula, tão cheia de maldade! Oh causa primeira de nossa Queda! Oh origem de nossa perdição, até que Cristo nos redimiu com seu sangue! Vejam, para sermos breves, que alto preço tivemos que pagar por esse vício maldito: o mundo inteiro foi corrompido por causa da gula. Não duvidem: foi devido a esse pecado que nosso pai Adão e sua mulher foram expulsos do Paraíso para uma vida de trabalho e sofrimento. Enquanto Adão jejuava (segundo o que tenho lido), permaneceu ele no reino do Éden; mas, assim que comeu do fruto proibido, foi condenado a viver de suores e prantos. Oh gula, é mais que justo o nosso lamento!

Oh, soubéssemos quantas doenças decorrem dos excessos e das comilanças, por certo seríamos mais comedidos à mesa, em nossa dieta! Ai, a garganta breve, a doce boca... são elas que fazem que os homens trabalhem, leste e oeste e norte e sul, na terra, no ar, na água, unicamente para a obtenção de comidas refinadas e bebidas para um glutão. São Paulo abordou muito bem o tema, declarando: “Os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele.” Ai, por minha fé, é nojenta a descrição do ato, mas ainda mais nojento é o próprio ato, pois, devido aos malditos excessos, quando alguém se enche de vinho branco e tinto, simplesmente transforma sua garganta numa privada.

Diz o Apóstolo a chorar, dominado pela compaixão: “Pois muitos andam entre nós, dos quais repetidas vezes eu vos dizia e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo: o destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre.” Oh ventre, oh barriga, oh saco fedorento, cheio de estéreo e podridão, e com ruídos indecentes em cada extremidade! Quantos trabalhos e gastos para satisfazer a você! Como os cozinheiros amassam e coam e moem, mudando a substância em acidente, apenas para que sua fome voraz seja saciada! Dos ossos duros extraem o tutano, pois não se pode jogar fora nada que passe macia e agradavelmente por sua goela. Com especiarias de folhas e cascas e raízes preparam molhos deliciosos para aguçarem ainda mais os apetites. Mas estejam certos de que aquele que procura tais prazeres já morreu, vivendo apenas nesses vícios.

O vinho é devassidão, e a embriaguez anda cheia de atritos e misérias. Oh ébrio, que desfigurado é seu rosto! Que azedo o seu hálito; e que asqueroso é seu abraço! Por seu nariz bêbado você parece estar sempre dizendo “San-são, San-são”. Mas sabe Deus que Sansão nunca tomava vinho. Você tropeça como um porco na lama, perdendo não só a fala mas também o auto-respeito, porque a embriaguez é a própria sepultura da inteligência e da dignidade. Além disso, não tenham dúvidas, quem se deixa dominar pela bebida não é capaz sequer de guardar segredos. Por isso, fiquem longe do branco e do tinto... principalmente daquele vinho branco espanhol da cidade de Lepe*, vendido em Fish Street e em Cheapside: esse vinho forte costuma, não sei como, contaminar sorrateiramente os suaves vinhos da França, guardados ali ao lado, os quais passam a provocar tais vapores na cabeça que, depois de apenas três goles, alguém que se julga em casa em Cheapside, ou se imagina em La Rochelle ou em Bordéus, acaba se achando na Espanha, naquela cidade de Lepe. E, não demora muito, também está dizendo “San-são, San-são”.

Muita atenção, porém, a esta palavra que prego, meus senhores: todos os atos sublimes e vitoriosos no Velho Testamento, sob a égide do verdadeiro Deus, que é onipotente, foram praticados na abstinência e na oração. Leiam a Bíblia, e irão constatar isso.

Pensem no caso de Átila, o grande conquistador huno: morreu bêbado, enquanto dormia, vergonhosamente e sem honra, a deitar sangue pelo nariz. Um comandante tem a obrigação de viver na sobriedade.

E, acima de tudo, atentem muito bem para o que foi ordenado a Lemuel (não Samuel, eu disse Lemuel): a Bíblia expressamente proibiu o vinho a quem, como ele, administrava a justiça. Mas basta; sobre isso já falei o suficiente.

Depois de discorrer sobre a gula, eu gostaria agora de condenar da mesma forma a prática

do jogo, essa verdadeira mãe das mentiras, dos engodos e dos malditos perjúrios, de blasfêmias contra Cristo e também de assassinatos, esse desperdício de dinheiro e tempo. E, o que é pior, esse vicio acarreta a destruição e a negação da honra, arruinando os jogadores inveterados, que se tornam tanto mais dissolutos quanto mais elevada for a sua condição. Os príncipes dados ao jogo, por exemplo, sempre ficam com suas reputações de governantes e de políticos diminuídas perante os olhos do povo.

Stilbon, que era um sábio embaixador, foi mandado pelos lacedemônios a Corinto, em meio a grandes honras, para firmar um tratado de aliança. Chegando àquela cidade, entretanto, quis o acaso que encontrasse todos os maiores homens do lugar completamente absortos no jogo, razão pela qual desistiu de sua missão, retornando logo que pôde à sua terra. Lá declarou: "Não quero destruir minha reputação e receber a vergonhosa pecha de haver pactuado com jogadores. Se meus patrícios o desejarem, que enviem outros legados; quanto a mim, prefiro morrer a aliar-me com tal gente. Mas sei que minha cidade, tão gloriosa e digna, nem com minha anuência nem com minhas tratativas aceitaria um pacto com esses viciados." Assim se manifestou aquele sábio filósofo.

E não esqueçam o Rei Demétrio, a quem o Rei dos Partas mandou de presente, – pelo que afirma o livro, – um par de dados de ouro, mostrando assim o desprezo que votava àquele seu hábito de jogar, um vício que tanto manchou o valor e a fama de sua glória e de seu nome. Muitas outras distrações honestas têm os nobres à sua disposição para passarem o tempo.

Agora eu gostaria de dizer uma ou duas palavrinhas a respeito dos juramentos, verdadeiros ou falsos, à luz do que ensinam velhos livros.

Se jurar é coisa abominável, jurar falso é mais repreensível ainda. O Altíssimo proibiu-nos de jurar... vejam em São Mateus. Especialmente sobre os juramentos, contudo, eis o que disse o profeta Jeremias: "Farás juramentos verdadeiros, sem mentir; e jurarás com retidão e eqüidade, pois o juramento leviano é danação."

Olhem e vejam o que determina o segundo mandamento da primeira Tábua do honorável Decálogo do Senhor: "Não usarás meu santo nome em vão." Eis aí como, antes mesmo do homicídio e de muitos outros crimes amaldiçoados, proibiu Ele os juramentos. E, pela ordem, digo que assim deve ser... Quem entende a razão de cada mandamento de Deus, sabe muito bem o motivo porque este é o selo. Por isso eu aviso, com toda a franqueza, que o castigo não passará ao largo da casa de quem abusa dos juramentos. "Pelo precioso coração do Senhor!" e "Por seus cravos!" e "Pelo sangue de Cristo que está na abadia de Hailes*, meu número de sorte é sete, os de vocês são cinco e três!" "Pelos braços de Deus, se você fizer trapaça no jogo, este punhal lhe atravessa o coração!" São estes os frutos dos dados, daqueles dois ossinhos polidos de cadela: o perjúrio, a cólera, a mentira, o assassinato. Por isso, pelo amor de Cristo que morreu por nós, não façam mais juramentos, não importa se falsos ou verdadeiros. Mas agora, senhores, vou continuar a minha história.

Aqueles três rufiões de que eu falava, antes mesmo que a hora prima soasse em qualquer campanário, já se achavam sentados numa taverna a beber. Foi então que ouviram o dobre fúnebre de um sino por um corpo qualquer que estava sendo levado à sepultura. Um deles chamou imediatamente o seu criado e ordenou-lhe: "Depressa, vá correndo perguntar de quem é o corpo que está passando aí em frente, e venha dizer-me o nome direitinho."

"Senhor", respondeu-lhe o garoto, "não é preciso. Duas horas antes que chegassem, já me inteirara de tudo. Trata-se de um velho companheiro seu, que foi morto inesperadamente ontem à noite, quando bebia vinho sentado num banco. Entrou lá uma tal de Morte, uma ladra sorrateira que anda matando todas as pessoas do lugar, e ela, com sua lança, partiu-lhe o coração em dois e foi-se embora sem dizer palavra. Só na última epidemia de peste levou por volta de mil. Meu amo, se o senhor tem intenção de enfrentá-la, é melhor tomar muito cuidado com essa adversária, porque ela sempre ataca de surpresa. Foi o que minha mãe me disse. E isso é tudo o que sei."

"Por Santa Maria", exclamou o taverneiro, "o rapazinho tem razão, pois num grande

povoado, a pouco mais de uma milha daqui, ela matou este ano muitos homens e mulheres, crianças, servos da gleba e pajens. Acho que deve estar morando por lá. Mas quem não desejar ser vergonhosamente batido por ela, que fique de sobreaviso."

"Braços de Deus", gritou o primeiro rufião, "será que é tão perigoso assim um encontro com a Morte? Pois juro, pelos valiosos ossos do Senhor, que vou procurá-la por todas as estradas e trilhas. Escutem, amigos: nós três pensamos do mesmo modo. Vamos então erguer os braços e jurar que sempre seremos irmãos; depois, iremos juntos liquidar aquela falsa traidora. Pela dignidade do Senhor, antes mesmo que anoiteça, teremos matado aquela que a tantos matou."

A seguir, os três juraram solenemente que viveriam e morreriam juntos, um pelo outro, como verdadeiros irmãos de sangue. E, completamente ébrios em sua ira, levantaram-se e dirigiram-se para o povoado de que falara o taverneiro. E, no trajeto, lançavam pragas e juras horríveis, espedaçando o abençoado corpo de Cristo e prometendo, caso a encontrassem, que a Morte morreria.

Nem bem haviam percorrido meia milha quando, no momento em que iam pular uma cerca, avistaram um homem muito velho e maltrapilho. Humildemente o ancião cumprimentou-os com estas palavras: "Senhores, que Deus os proteja."

A isso, entretanto, retrucou o mais orgulhoso dos três rufiões: "Ora, camponês imbecil, por que você anda desse jeito, todo embrulhado e só com o rosto de fora? E por que continua vivo nessa idade, depois que há muito a sua hora já passou?"

Fixando os olhos no semblante do outro, disse o velhinho: "Porque, apesar de ter viajado a pé até a Índia, em nenhum lugar pude encontrar até agora, na cidades e nas vilas, quem quisesse trocar sua juventude pela minha velhice. Por isso, enquanto Deus o desejar, sigo a viver com minha idade.

"Ai, nem a Morte aceita a minha vida. Diante disso, nada me resta fazer, senão andar por aí como um escravo atormentado, batendo a todo instante com meu cajado no chão (que é a entrada da casa de minha mãe) e gritando: "Oh mãe querida, deixe-me entrar! Olhe como estou definhando, nas carnes, nos ossos, na pele. Ai de mim, quando meus ossos terão descanso? Mãe, quero dar-lhe todo o baú de roupas que guardo há muito tempo no meu quarto, e receber em troca apenas uma mortalha para me abrigar." Ela, porém, nem assim me concede essa graça, e meu rosto vai ficando cada vez mais pálido e encovado.

"Quanto aos senhores, devo lembrar-lhes que não é educado dirigirem-se a um velho de modo tão grosseiro, a menos que ele os tivesse ofendido com palavras ou atos. Está dito nas Santas Escrituras: 'Diante das cãs te levantarás, e honrarás a presença do ancião'. Por isso, aconselho-os a não maltratarem os idosos, se não desejam ser maltratados em sua própria velhice, caso cheguem até lá. E, a pé ou a cavalo, que Deus sempre os acompanhe. Agora preciso ir para onde tenho que ir."

"Não, velhaco, por Deus, isso é que não", berrou o jogador que antes lhe falara. "Não pense que vai livrar-se de nós tão facilmente, por São João! Você mencionou aquela traidora, a Morte, que anda matando todos os nossos amigos por aqui. Sei que você é seu espião. Por isso, diga-nos logo onde ela está, ou terá muito de que se arrepender, juro por Deus e pelo Santo Sacramento! É evidente que você está mancomunado com ela para matar todos os jovens como nós, ladrão infame."

"Bem, senhores", retrucou o velho, "se fazem tanta questão de conhecer a Morte, tomem aquela senda tortuosa, pois, por minha fé, não faz, muito que a deixei naquele bosque, debaixo de uma árvore. E lá deve estar ainda, porque não se assusta com as suas ameaças. Estão vendo aquele carvalho? É lá mesmo que irão encontrá-la. Espero que Cristo, o redentor da humanidade, venha corrigi-los e salvá-los." Assim falou o velho.

Os três correram sem demora em direção à árvore e, lá chegando, depararam com uma pilha de luzentes e redondinhos florins de ouro, cerca de oito alqueires de moedas recém-cunhadas... Esqueceram-se por completo da Morte, deslumbrados por aquela visão. E, fascinados pela beleza e pelo brilho dos florins, sentaram-se os três ao redor do valioso tesouro. O pior deles

foi quem falou primeiro:

"Irmãos, prestem muita atenção ao que vou dizer, porque, se é fato que gosto de estripulias e de jogos, também tenho a cabeça no lugar. A Fortuna nos deu este tesouro para passarmos o resto da vida na diversão e na alegria, visto que vai fácil aquilo que vem fácil. Pela preciosa dignidade do Senhor, quem diria que hoje iríamos receber tamanha graça? No entanto, a nossa felicidade só será completa quando pudermos levar este ouro para a minha casa... ou para a de vocês, não importa, porque este ouro todo é nosso. A verdade, porém, é que não podemos fazer isso durante o dia: surpreendidos, seríamos acusados de ladrões e enforcados por estarmos com o que é nosso. Este tesouro tem que ser removido à noite, às escondidas e com o máximo cuidado. Por isso, acho melhor tirarmos a sorte para vermos em qual de nós três recai; e o sorteado, de bom grado, irá correndo à cidade, o mais depressa que puder, e, sem dizer nada a ninguém, comprará pão é vinho para nós. Enquanto isso, os outros dois ficarão discretamente por aqui, tomando conta do tesouro. E, se não houver atrasos, ao cair da noite levaremos o achado para o lugar que, de comum acordo, nos parecer melhor." Assim dizendo, estendeu ele o punho fechado sobre três palitos e pediu aos outros que tirassem a sorte e mostrassem o resultado. O escolhido foi o mais jovem, que imediatamente se dirigiu para a cidade. Assim que ele virou as costas, um dos que ficaram disse ao companheiro: "Você sabe que jurei ser seu irmão, e que, por isso mesmo, farei o que puder para ajudá-lo a progredir na vida. Nosso companheiro se foi; e aqui está todo este ouro, esta pilha enorme, que tem que ser repartida entre nós três. Que tal? Você não acha que eu já lhe estaria prestando um favor se lhe mostrasse um jeito de dividirmos tudo isso apenas entre nós dois?"

Respondeu o outro: "Não consigo imaginar como: ele sabe que o ouro ficou conosco. O que poderíamos fazer? E o que diríamos a ele?"

"Você jura guardar segredo?" perguntou o primeiro vilão. "Se jurar, vou dizer-lhe em poucas palavras como fazer as coisas e resolver o problema."

"Claro que sim", garantiu o outro; "eu não iria trair a sua confiança."

"Pois muito bem", prosseguiu o primeiro. "Você está vendo que somos dois, e sabe que dois podem mais do que um. Assim que ele voltar, trate de levantar-se e de aproximar-se dele como que a brincar; aproveitando-me de sua distração com essa luta de faz-de-conta, venho por trás e dou-lhe umas punhaladas nas costas, nos dois lados, enquanto você faz o mesmo pela frente com a sua adaga. Aí, meu caro amigo, todo este ouro será repartido somente entre nós dois, e poderemos realizar todas as nossas ambições e jogar dados à vontade." E assim os dois velhacos concordaram em matar o terceiro, tal como relatei.

Enquanto isso, o mais jovem, a caminho da cidade, levava na lembrança a beleza daqueles florins novinhos e brilhantes, que passavam e repassavam em sua mente. "Oh Senhor," pensou, "se eu pudesse ter todo aquele tesouro só para mim, não haveria ninguém mais feliz do que eu sob o trono de Deus." Por fim o demônio, o nosso inimigo, inculcou-lhe a idéia de comprar veneno para assassinar os seus dois companheiros... visto que, devido a seu modo de vida, o diabo obteve permissão para arruiná-lo. Conseqüentemente, acabou ele tomando a decisão de liquidar a ambos, e sem arrependimentos.

Com isso em mente, estugou o passo em direção à cidade, à loja de um boticário, onde pediu um veneno para matar os ratos que, contou ele, infestavam sua casa, além de uma doninha que havia pilhado os frangos de seu quintal. Se possível, desejava agora vingar-se daqueles bichos que, durante a noite, lhe davam tantos prejuízos.

O boticário assegurou-lhe: "O senhor vai levar uma coisa que, Deus guarde minha alma... Não há no mundo criatura que coma ou beba deste composto, – nem que seja uma quantia do tamanho de um grão de trigo, – e que não perca num instante a vida. Morre mesmo; não chega a caminhar nem uma milha, tão forte e violento é este veneno." O amaldiçoado tomou nas mãos a caixinha com a droga e prontamente correu para uma rua próxima, onde pediu a um homem que lhe emprestasse três garrafas. Em duas delas despejou veneno, conservando limpa para si a terceira, pois esperava bebericar um pouco enquanto trabalhava a noite inteira para retirar

sozinho o ouro do local. Em seguida, esse rufião amaldiçoado encheu de vinho as três garrafas e voltou para junto de seus camaradas.

Para que alongar o sermão? Pois assim como os outros dois haviam planejado a sua morte, assim o mataram, sem tardança. Feito isso, disse um deles: "Agora vamos sentar-nos um pouco e beber e festejar; depois enterraremos o corpo." E, assim fazendo, aconteceu que, por acaso, ele apanhou uma das garrafas envenenadas, sorveu uns goles e passou o resto para o companheiro. Dentro de pouco tempo, ambos estavam mortos.

Tenho certeza de que Avicena* jamais descreveu, em qualquer capítulo ou em qualquer *Cânone*, tantos sintomas espantosos de envenenamento quantos se manifestaram naqueles dois infelizes até que entregassem as almas. E assim acabaram-se as vidas daqueles dois homicidas, e também a de seu envenenador traiçoeiro.

Oh pecado maldito de completa danação! Oh traidores assassinos, oh maldade! Indecente e perjuro blasfemador de Cristo, nascido do vício e da soberba! Ai, humanidade, como pode você ser tão falsa e tão cruel para com o Criador que a fez, e para com o sangue do precioso coração que a redimiu?

E agora, boa gente, que Deus perdoe as faltas de vocês. Mas acautelem-se todos contra o pecado da avareza: minhas santas indulgências poderão salvá-los... Basta que ofereçam alguns "nobres" ou libras, ou broches de prata, colheres, anéis. Venham inclinar-se diante desta bula sagrada! Aproximem-se, minhas senhoras, ofereçam um pouco de sua lã! Seus nomes serão incluídos aqui, na minha relação, e suas almas entrarão na glória do Paraíso. Com meus elevados poderes, concedo a minha absolvição a todos, – todos os que fizerem donativos, deixando-os puros e imaculados como na hora em que nasceram, senhores, como prego. E que Jesus Cristo, o sanguessuga espiritual que cura as nossas almas, lhes garanta o seu perdão. E asseguro-lhes que isto é a melhor coisa que podem receber.

Epílogo

"Mas, senhores", continuou o Vendedor de Indulgências, "mais uma palavrinha, que esqueci em minha história: tenho, no meu malote, relíquias e indulgências como poucas na Inglaterra, e que o Papa me entregou com suas próprias mãos. Se alguém aqui desejar, por devoção, fazer um donativo e receber a minha absolvição, aproxime-se, por favor, e ajoelhe-se humildemente para obter a remissão dos pecados. Ou, se preferir, poderá fazer isso ao longo da viagem, diversas vezes até, na saída de cada cidade, desde que sempre ofereça alguns dinheiros e 'nobres', dos verdadeiros e bons. É uma honra para vocês terem em sua companhia um Vendedor de Indulgências qualificado, autorizado a absolvê-los em todos os casos que se passarem por aí. Além disso, um ou dois de vocês podem ter o infortúnio de cair do cavalo e quebrar o pescoço. Vejam que segurança a minha presença nesta comitiva, pois posso conceder o perdão a todos, humildes e poderosos, quando a alma tiver que deixar o corpo.

"Creio que o primeiro a ser atendido deve ser o nosso Albergueiro, por estar mais coinvolto no pecado. Dê um passo à frente, Senhor Albergueiro, e faça o seu donativo. Com isso, permitirei que beije todas as minhas relíquias. Sim, por apenas uma moeda! Vamos, abra a fivela da bolsa!"

"Fora, ichacorvo! Isso é que não", respondeu ele, "não quero a maldição de Cristo sobre mim! Deixe para lá, que nessa eu não caio, – pela salvação de minha alma! O que você quer é que eu beije as suas velhas bragas, jurando ser a relíquia de algum santo, ainda que emporcalhadas pelo buraco do seu traseiro! Pela cruz de Cristo encontrada por Santa Helena, em vez de relicários ou relíquias, o que eu gostaria de ter nas mãos são seus culhões. Vamos cortá-los? Se quiser, ajudo a trinchar. E depois nós vamos entronizá-los num monte de bosta de porco."

O Vendedor de Indulgências não respondeu sequer uma palavra; era tanta a sua cólera, que perdeu a fala.

"Ora", disse o Albergueiro, "está bem, prometo que não vou nunca mais fazer

brincadeiras com você. Nem com ninguém mais que fique zangado por qualquer coisinha." Foi então que o nobre Cavaleiro, vendo que quase todos estavam rindo, houve por bem interferir: "Agora deixem disso; vocês já foram longe demais. Senhor Vendedor de Indulgências, acalme-se, volte a sorrir; e o senhor, Senhor Albergueiro, a quem tanto prezo, vamos, dê um beijo no Vendedor. Homem dos Perdões, aproxime-se, por favor; e vamos todos tornar a rir e a divertir-nos." Eles então se beijaram, e nós voltamos a cavalgar.

Aqui termina o Conto do Vendedor de Indulgências.

O CONTO DA OUTRA FREIRA

Prólogo do Conto da Outra Freira.

Fugir do escravo e nutridor dos vícios, porteiro do jardim dos prazeres, que em nossa língua se chama Ócio, e contrapor a ele o seu oposto, ou seja, a atividade consentida, deve ser nossa maior preocupação, se pretendemos evitar que o demônio nos agarre.

Ele, de fato, ao observar alguém no ócio, fica o tempo todo de tocaia com sua rede de mil cordas, e apanha a vítima na armadilha com tanta facilidade, que ela só percebe que caiu nas mãos do diabo quando este a puxa pela lapela. Por isso, temos que fazer de tudo para resistirmos ao ócio.

E mesmo que o ser humano não temesse a morte, ainda assim nossa razão, por certo, nos faria ver que a preguiça nada mais é que a podre acídia, da qual não provém nada de bom, visto que o ócio, ao pôr a sua coleira no homem, faz que ele apenas durma, coma e beba, devorando tudo o que os outros produzem.

Para livrar-nos desse mal, causa de tanta perdição, pretendo aqui, com fiel diligência, traduzir e relatar a história de tua gloriosa vida e tua paixão, oh tu, com a grinalda trançada de rosas e de lírios, tu, virgem e mártir, tu, Santa Cecília!

Invocatio ad Mariam

Maria, que das virgens és a flor,
A quem Bernardo no seu canto alude,
Invoco-te ao lançar-me a este labor;
Que teu amparo a descrever me ajude
A morte da donzela, que a virtude
Levou à vida eterna e à santa glória,
Como se pode ler em sua história.

Oh virgem mãe, e filha de teu Filho*,
Fonte de graça, cura da fraqueza,
Tu que abrigaste Deus pelo teu brilho,
O ser mais simples e de mais grandeza,
Tanto elevaste a nossa natureza
Que não sentiu desdém o Pai do Céu
Em revestir de carne o Filho seu.

No ventre teu, claustro beato, um dia
Humana forma à Eterna Paz foi dada,
Que o mundo tríplice governa e guia,
E a quem céu, mar e terra, sem parada,

Erguem louvor constante. Oh imaculada,
Geraste, – ainda que sempre virgem pura, –
O Criador de toda criatura.

Em ti se reuniu magnificência,
Em ti mercê, em ti tanta piedade,
Que ajudas, oh sol claro da excelência,
Não só a quem pelo socorro brade,
Mas muita vez a tua benignidade
Livremente antecipa-se à oração,
E, antes que peçam, dás a salvação.

Virgem meiga e bendita, me auxilia
Neste exílio no vale da amargura;
Bem que a mulher de Canaã dizia
Que, debaixo das mesas da fartura,
Vive o cão das migalhas que procura;
Embora eu seja filha indigna de Eva*,
Aceita a minha fé e o mal releva.

E, como a fé sem obras não tem vida,
Oh, dá-me o tempo e a luz para que as faça
E destas trevas seja redimida!
Oh tu, formosa, tu, cheia de graça,
Lá no alto Céu a minha causa abraça,
Onde se canta eternamente "Hosana", –
Oh mãe de Cristo, amada filha de Ana!

Ilumina-me o espírito que, preso,
Se turba pela contaminação
De meu corpo, assim como pelo peso
Do desejo mendaz e da ilusão;
Oh tu, porto seguro, oh redenção
Dos que se acham na dor e no tormento,
Socorre-me na empresa que ora tento.

Espero ser, contudo, perdoada
Pelos leitores meus por não compor
A história de maneira rebuscada;
Só o texto e o sentido do escritor,
Que relatou com tão profundo amor
A vida desta santa, eu quis seguir;
Quem desejar, me pode corrigir.

*Interpretatio nominis Caeciliae quam ponit Frater Jacobus Januensis in Legenda**

Primeiramente, eu gostaria de explicar o nome de Santa Cecília, segundo o que se pode ler em sua biografia.

Em nossa língua, ele quer dizer "lírios do céu" ["coeli lilia"], pela casta pureza da virgindade da donzela; o nome de "lírios" também se justifica pela candura de sua honestidade, pelo verdor de sua consciência e pelo doce aroma de sua boa fama.

Cecília também significa "o caminho para os cegos" ["caecis via"], pelo exemplo de seu bom ensinamento.

Ou então, conforme achei escrito, Cecília constitui uma espécie de fusão de "céu" e "Lia" ["caelo et lya"], em que, simbolicamente, o céu representa o seu pensamento santo, e Lia, a sua permanente atividade.

Pode-se dizer que Cecília também significa "carente de cegueira" ["caecitate carens"], pela intensa luz de sua sabedoria e por suas virtudes preclaras.

Ou, então, o brilhante nome desta virgem deriva de "céu" e "leós" ["coelo et leos"], o que é igualmente apropriado, pois, como em grego "leós" é "povo", o seu sentido seria "o céu do povo", lembrando assim todas as suas obras de sabedoria e bondade. Afinal, assim como os homens podem ver no céu o sol, a lua e todas as estrelas, assim também podem ver, espiritualmente, nesta generosa donzela, a magnanimidade da fé, a luz perfeita da sabedoria e obras sem conta, que refulgem na excelência. E, assim como os filósofos escrevem que o céu se move rápido, e é redondo e ardente, assim também a bela e cândida Cecília é rápida e ativa nas boas obras, de redonda perfeição em sua perseverança, e ardente na brilhante caridade.

E está explicado porque ela assim se chamava.

Explicit.

Aqui tem início o Conto da Outra Freira sobre a vida de Santa Cecília.

Esta luminosa donzela Cecília, segundo a sua biografia, descendia de nobre família romana; e, tendo sido desde o berço educada na fé de Cristo, trazia sempre seu evangelho na lembrança. Nunca cessava – como pude ler – de orar, amando e temendo a Deus, e suplicando-lhe que preservasse a sua virgindade.

E quando chegou o dia de seu casamento, quando foi dada por esposa a um homem de nome Valeriano, que ainda era muito jovem, ela, com o coração devoto e humilde, vestiu sob as roupas de ouro, que tão bem lhe assentavam, um mísero hábito de crina. E, enquanto os órgãos ressoavam, cantava ela sozinha em seu coração: "Oh Senhor, mantém minha alma e meu corpo imaculados, para que eu não me perca." De fato, por amor Àquele que morreu na árvore da cruz, a cada dois ou três dias costumava ela jejuar, rezando constantemente.

E, quando caiu a noite, ao ir para a cama com o marido, como é o costume, ela lhe disse em particular: "Oh meu doce e bem-amado esposo caro, há um segredo que precisas conhecer e que eu muito gostaria de contar-te, se me prometeres que não vais trair-me."

Valeriano jurou-lhe firmemente que, em nenhuma circunstância, fosse pelo que fosse, iria trai-la. Então, pela primeira vez, ela lhe confiou um segredo: "Há um anjo que me ama, e que com grande amor, no sono e na vigília, está sempre pronto a defender meu corpo. Com toda certeza, se ele perceber que tu me tocas, ou me amas de modo pecaminoso, ele te matará no mesmo instante, e, ainda que na flor da juventude, hás de morrer. Se, contudo, demonstrares um amor casto por mim, ele há de amar-te como a mim por tua pureza, revelando-te a sua alegria e a sua luz."

Informado da vontade de Deus, Valeriano respondeu: "Se desejas que confie em ti, mostra-me esse anjo e deixa-me vê-lo. Se for um anjo verdadeiro, farei o que me pediste; se, porém, amas outro homem, podes estar certa de que matarei a ambos com esta espada."

Cecília prontamente retrucou: "Se é o que queres, hás de ver o anjo, pois assim terás fé em Cristo e te farás batizar. Vai até a Via Ápia", disse ela, "que fica a apenas três milhas desta cidade, e dize à gente pobre, que ali mora, exatamente o que vou dizer-te. Dize a eles que fui eu, Cecília, quem te mandou para lá, a fim de que, por razões secretas mas bem intencionadas, te mostrem como chegar ao velho e bondoso Urbano. E quando te encontrares com Santo Urbano, repete-lhe as palavras que eu te disse; ele, então, pelo batismo, te purgará dos pecados, e, antes de

regressares, verás o anjo."

Valeriano dirigiu-se para o local, e, tal como lhe fora anunciado em suas instruções, logo se viu na presença do velho Papa Urbano, que vivia escondido nas catacumbas dos santos. Sem demora, transmitiu sua mensagem a ele, que ergueu os dois braços de alegria. As lágrimas rolaram de seus olhos: "Senhor todo-poderoso, oh Jesus Cristo", exclamou, "semeador do bom conselho, pastor de todos nós, recebe de volta o fruto da semente da castidade que plantaste em Cecília! Eis como, sem falsidade, igual à abelhinha operária, a fiel Cecília está sempre a teu serviço. Mandou a ti, manso como um cordeirinho, o próprio esposo que tomou há pouco, e que parecia um leão feroz!"

A essas palavras, surgiu no local um ancião vestido de roupas brancas e brilhantes, que se postou diante de Valeriano, mostrando-lhe um livro com letras de ouro. Ao vê-lo, o jovem quase desmaiou de susto; mas logo se recuperou e pôde ler o que estava escrito no livro: "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos." Essas palavras estavam todas escritas em ouro.

Depois de deixá-lo ler, o ancião perguntou-lhe: "Acreditas nisso? Responde sim ou não."

"Acredito plenamente", assegurou-lhe Valeriano, "pois estou certo de que maior verdade que essa ninguém pode conhecer sob o céu."

Então o ancião desapareceu, não se sabe para onde, e o Papa Urbano batizou o jovem ali mesmo.

De volta para casa, Valeriano encontrou Cecília em seu quarto, na companhia de um anjo. O anjo tinha nas mãos duas coroas, de rosas e de lírios; e, pelo que pude entender, primeiro deu uma a Cecília, e depois deu a outra a Valeriano, seu companheiro. "Com corpos limpos e mentes imaculadas preservareis essas coroas", disse ele; "eu as trouxe para vós do paraíso, e, acreditai-me, jamais irão murchar ou perder o doce perfume. Também não serão visíveis, a não ser para os castos e os que odeiam o pecado. Tu, Valeriano, já que aceitaste tão depressa a boa palavra, pede o que quiseres e te será concedido."

"Tenho um irmão", disse Valeriano, "que é o homem que mais estimo neste mundo. Peço-te que lhe estendas a graça, que ora tive, de conhecer a verdade."

O anjo respondeu-lhe: "Teu pedido agrada a Deus; e ambos, com a palma do martírio, hão de ser recebidos no banquete celestial."

Mal essas palavras haviam sido pronunciadas, chegou seu irmão Tibúrcio. Sentindo no ar o perfume das rosas e dos lírios, admirou-se muito, e disse: "Gostaria de saber de onde, nesta época do ano, vem esse perfume de rosas e de lírios, que estou sentindo. Nem que estivesse segurando as flores em minhas próprias mãos, poderia sentir o aroma com tanta intensidade. Esse doce odor, que me fala ao coração, mudou-me em outra pessoa."

Explicou-lhe Valeriano: "Duras coroas temos nós, da brancura da neve e do rubor das rosas, fulgurantes de luz, que tu não podes ver. Entretanto, assim como, graças à minha prece, foste capaz de sentir-lhes o cheiro, assim também, caro irmão, poderás vê-las, se quiseres sem delongas conhecer a verdadeira crença e a suprema verdade."

Tibúrcio indagou-lhe: "É realidade o que dizes, ou será que estou sonhando?"

"Na realidade", comentou Valeriano, "sonhando estivemos nós até agora, meu irmão; neste instante, porém, a verdade passa a ser nossa morada."

"Como podes sabê-lo?" insistiu o outro. "De que modo?"

"Vou dizer-te", prosseguiu Valeriano. "Foi o anjo de Deus quem me mostrou a verdade, que também conhecerás. Basta que renegues os ídolos e sigas a virtude."

Aliás, em seu Prefácio, aprouve a Santo Ambrósio escrever sobre o milagre dessas duas coroas, que aquele ilustre Doutor da Igreja exaltou solenemente, dizendo: "Para receber a palma do martírio, Santa Cecília, plena da graça de Deus, renunciou ao mundo e à carne. Testemunham-no as conversões de Tibúrcio e Valeriano, aos quais o Senhor, em sua bondade, conferiu duas coroas de flores perfumadas, que lhes foram trazidas por um anjo. Assim a virgem os conduziu à eterna felicidade, e revelou ao mundo o valor da devoção ao amor casto."

De fato, Cecília demonstrou a Tibúrcio, clara e francamente, que todos os ídolos não passam de coisas vãs, pois são mudos e cegos; e insistiu com ele para que os rejeitasse.

"Salvo erro de minha parte," disse então Tibúrcio, "creio ser essa uma verdade que somente um ser irracional não admitiria."

Ao ouvir isso, Cecília beijou-lhe o peito, e muito se alegrou com o seu despertar para a verdade. "Hoje eu te recebo como aliado", exclamou a linda jovem, ditosa e querida; depois, acrescentou: "Vê, assim como no amor de Cristo me fiz esposa de teu irmão, assim também te aceito aqui como meu aliado, desde que desprezes os teus ídolos. Vai agora com teu irmão purificar-te no batismo, para que possas ver a face do anjo de que ele te falou."

Tibúrcio, contudo, perguntou curioso: "Dize-me primeiro, caro irmão: aonde vamos, e à procura de quem?"

"De quem?" respondeu-lhe Valeriano. "Alegra-te e me acompanha, pois vou levar-te ao Papa Urbano."

"Urbano, meu irmão?" continuou Tibúrcio. "Vais levar-me a ele? Acho isso muito estranho. Estás mesmo te referindo àquele Urbano, tantas vezes condenado à morte, que é obrigado a viver escondido sem ousar mostrar-se em público? Sabes muito bem que se o descobrirem, se ele por acaso for encontrado, será queimado vivo em meio a rubras chamas. E nós também, por estarmos com ele! E de que nos serve procurar a divindade que se esconde lá no céu, só para sermos queimados neste mundo?"

Então corajosamente interveio Cecília: "Os homens teriam toda razão de temer a morte, caríssimo irmão, se não houvesse outra vida além desta. Mas há uma vida muito melhor em outro lugar, uma vida que nunca se perderá, uma vida sem temores, que, por sua graça, nos foi revelada pelo Filho de Deus, – o mesmo Filho de Deus, sem dúvida, que dotou de razão todas as suas criaturas, animadas a seguir pelo divino Espírito Santo, que procede do Pai. Foi esse Filho de Deus, através das palavras que proferiu e dos grandes milagres que realizou quando esteve aqui na terra, quem nos prometeu que uma outra vida nos aguarda."

E Tibúrcio: "Querida irmã, não disseste, ainda há pouco, que existe um só Deus, e que ele é o verdadeiro Senhor? Como agora dás testemunho de três?"

"Isso posso explicar-te agora mesmo", disse ela. "Tal como a mente do homem é tríplice, por ser dotada das três sapiências que são a memória, a imaginação e o intelecto, assim também o Ser Divino pode muito bem ter três pessoas."

Em seguida, passou ela, dedicadamente, a pregar-lhe sobre a vida de Cristo, os seus sofrimentos e muitos aspectos de sua paixão; mostrou-lhe também como o Filho de Deus se deteve neste mundo para a plena redenção da humanidade, dominada pelo pecado e pelas preocupações estéreis. Foram essas, em resumo, as coisas que ensinou a Tibúrcio, graças às quais, de boa vontade, ele decidiu ir com o irmão em busca do Papa Urbano. Ao vê-lo, este agradeceu a Deus e, com o coração alegre e feliz, o batizou, tornando perfeito o seu conhecimento e fazendo dele um cavaleiro de Deus. Depois disso, Tibúrcio foi tão generosamente abençoado pelos céus que todos os dias, em determinada hora e lugar, via o anjo do Senhor; e todas as graças que pedia a Deus eram-lhe prontamente concedidas.

Seria difícil relatar, na ordem certa, todos os milagres que Jesus fez pelos dois irmãos. Mas, para abreviar a narrativa, direi que, por fim, o magistrado da cidade de Roma os procurou e os levou à presença de Almáquio, o prefeito, que, após interrogá-los e inteirar-se de suas crenças, mandou que fossem conduzidos até à estátua de Júpiter, dizendo: "Se não quiserem sacrificar, cortai-lhes as cabeças; é essa a minha ordem!"

Logo em seguida, certo Máximo, que era oficial e corniculário do prefeito, levou dali os mártires de que estou falando; e, ao conduzi-los pela ruas da cidade, ficou com tanta pena deles que se pôs a chorar. Os dois santos então explicaram-lhe sua fé, e ele, com a devida permissão dos torturadores, os convidou para que fossem à sua casa. Lá, antes mesmo que caísse a noite, os dois conseguiram com sua pregação afastar Máximo, os seus familiares, e até os torturadores, da falsa religião, induzindo-os a confiar somente em Deus.

Depois que anoiteceu chegou Cecília, acompanhada de muitos padres, que batizaram a todos. E, quando o dia raiou, a jovem, com o semblante muito sério, declarou: "Agora, amados e caros cavaleiros de Cristo, rejeitai todas as obras das trevas e armai-vos com a armadura da luz. Em verdade, combatestes o bom combate, completastes a vossa carreira, guardastes a vossa fé. Buscai a coroa da vida que não pode falhar; o reto Juiz, a quem servistes, vô-la dará, porque vós a merecestes."

E, quando essas coisas, que acabei de repetir, foram ditas, os dois santos foram levados ao templo, onde, para sermos breves, eles se recusaram a sacrificar aos deuses; em vez disso, ajoelharam-se e oraram ao Senhor, com humildade e devoção. Por esse motivo, foram ambos decapitados ali mesmo, e suas almas subiram ao Rei da Graça.

Tendo testemunhado o fato, Máximo, com lágrimas comoventes, logo contou aos outros que vira suas almas ascenderem ao Céu, rodeadas por anjos luminosos e brilhantes. E, com suas palavras, converteu a muitos. Informado disso, Almáquio ordenou então que ele fosse flagelado com um chicote com pontas de chumbo; e, em conseqüência disso, ele também morreu.

Cecília, carinhosamente, tomou seu corpo e o enterrou no túmulo dos seus, sob uma lápide, ao lado de Valeriano e Tibúrcio. Almáquio, ao saber de tal fato, mandou que seus ministros fossem buscá-la, para que, em sua presença, ela sacrificasse e oferecesse incenso a Júpiter. Eles, porém, convertidos à sua sábia crença, depois de derramarem amargo pranto, deram pleno crédito à palavra dela, gritando cada vez mais alto: "Para nós, Cristo, o Filho de Deus, é, sem dúvida, Deus verdadeiro, Ele que tem a seu serviço uma serva tão fiel. Acreditamos nisso a uma só voz, ainda que tenhamos que morrer!"

Quando Almáquio, finalmente, conseguiu prender Cecília, principiou a interrogá-la com esta pergunta: "Que espécie de mulher és tu?"

Sua resposta foi: "Uma mulher de nobre nascimento."

"O que te pergunto", corrigiu ele, "embora isso te desagrade, é a respeito de tua religião e de tua fé."

"Então", disse ela, "começaste o interrogatório de forma muito tola, formulando uma questão que comporta duas respostas. És um inquiridor inábil."

A essa crítica retorquiu o prefeito: "De onde vem essa resposta tão rude?"

"De onde vem?" reagiu ela à indagação. "Vem da consciência limpa e da boa fé sem hipocrisia."

Almáquio, porém, prosseguiu: "Não temes o meu poder?"

Ao que ela replicou: "Há pouco de se temer em teu poder, pois todo o poder dos homens mortais não passa de uma bexiga cheia de ar. Basta a ponta de uma agulha para que ela estoure, e todo o seu orgulho se perde."

"Começaste de modo errado", advertiu ele, "e perseveras no erro. Ignoras, por acaso, que nossos potentes e generosos Príncipes ordenaram e decretaram que o cristão que se recusar a renegar sua fé deverá ser punido, e aquele que rejeitá-la será perdoado?"

"Vossos Príncipes erram, assim como erram os vossos nobres", exclamou Cecília, "com seu decreto insensato, que nos torna culpados quando isso não é verdade! Pois vós, que conheceis muito bem nossa inocência, – porquanto apenas reverenciamos Cristo e adotamos o nome de cristãos, – nos imputais um crime inexistente e nos julgais culpados. Nós, porém, que bem sabemos quanta virtude há nesse nome, não podemos renegá-lo!"

Almáquio insistiu: "Não tens escolha: ou fazes sacrifício aos deuses e rejeitas o cristianismo, ou não escaparás à morte."

Ao ouvir isso, a bela virgem, bendita e santa, sorrindo, disse ao juiz: "Oh juiz, perdido em tua ingenuidade, queres que eu renuncie à inocência e me torne pecadora? Ei-lo, como dissimula aqui no tribunal! De olhar parado, encoleriza-se ao fazer sua advertência!"

Almáquio não se conteve: "Pobre desgraçada! Ainda não sabes até onde pode chegar o meu poder? Não sabes que nossos potentes Príncipes me deram autoridade e poder de vida ou morte sobre as pessoas? Por que me falas com tanto orgulho?"

"Falo apenas com a confiança da fé", disse ela, "jamais com orgulho, – mesmo porque, asseguro-te, nós, cristãos, temos ódio mortal ao vício do orgulho. E, se não te importas de ouvir uma verdade, dir-te-ei francamente que hoje disseste aqui uma grande mentira. Afirmaste que teus Príncipes te concederam o poder de dar a vida ou a morte. Não, tu podes apenas tirar a vida! É essa a única permissão e o único poder que tens. Como vês, teus superiores te fizeram ministro da morte; e, se disseres que és mais do que isso, mentes, pois teu fraco poder está desnudo."

"Põe de lado o teu atrevimento", aconselhou o prefeito, "e sacrifica agora mesmo aos nossos deuses! Não me incomodam as ofensas que dirigiste a mim, pois posso suportá-las filosoficamente; mas o que não posso tolerar são as ofensas que aqui fizeste aos nossos deuses."

"Oh criatura ingênua!" retorquiu Cecília. "Nenhuma palavra disseste que não me deixasse entrever a tua ingenuidade; em tudo e por tudo, te revelaste um oficial inábil e um árbitro vão. Nada falta a teus olhos para seres tão cego, pois chamas de deus aquilo que sabemos ser apenas uma pedra, como todos podem ver. Já que teus olhos não enxergam, aconselho-te a tocá-la com as mãos, e, tateando-a bem, perceberás que é apenas pedra. É uma lástima que, desse modo, atraias sobre ti o desprezo dos outros, que riem de tua loucura. Em toda parte, os homens geralmente sabem que o Deus todo-poderoso está nas alturas do Céu, e que estas imagens, como por certo já notaste, não podem te ajudar em nada, visto que elas mesmas nada valem."

Ao ouvir essas palavras, e outras mais que ela proferiu, Almáquio enfureceu-se, e ordenou que ela fosse imediatamente levada para casa. "E lá na casa dela", disse ele, "acendei rubras chamas na sala de banhos, e deixai que ela morra queimada."

E assim foi feito. Trancaram-na na sala de banhos, que, por uma noite e um dia, ardeu com uma grande fogueira. E, por toda essa longa noite e esse dia, apesar do fogo e do calor reinante, ela ficou sentada com o corpo frio, sem sofrer nenhum mal e sem derramar sequer uma gota de suor.

Mas era mesmo naquele banheiro que ela devia perder a vida, porque Almáquio, com ânimo malvado, mandou para lá seu emissário com ordens de matá-la. O carrasco desferiu-lhe três golpes no pescoço. Entretanto, apesar da força que empregou, não conseguia separar a cabeça do corpo. E, como naquela época havia uma lei que proibia ferir uma pessoa condenada com um quarto golpe, o carrasco não ousou continuar, mas deixando-a estendida, entre a vida e a morte, com o pescoço cortado, foi-se embora.

Os cristãos, que se reuniram em torno dela, trataram então de enxugar-lhe o sangue com lençóis. Três dias viveu ela nessa agonia, e, durante todo esse tempo, não cessou de ensinar os princípios da fé àqueles que convertera. Pregou para eles, doou a eles seus móveis e suas coisas, e recomendou-os ao Papa Urbano, a quem disse: "Pedi ao Rei Celestial que me concedesse um prazo de três dias, não mais, para que eu pudesse, antes de partir, recomendar-te estas almas, e oh! para que eu pudesse pedir que minha casa seja perpetuamente transformada em igreja."

Santo Urbano, com seus diáconos, levou em segredo o seu corpo e, reverentemente, o sepultou à noite, ao lado de outros santos. A casa dela é agora a igreja de Santa Cecília, que Santo Urbano consagrou, de acordo com suas prerrogativas; e lá, até hoje, com nobre devoção, os homens reverenciam Cristo e sua santa.

Aqui termina o Conto da Outra Freira.

O CONTO DO CRIADO DO CÔNEGO

Prólogo do Conto do Criado do Cônego.

Terminada a história da vida de Santa Cecília, nem bem havíamos cavalgado cinco milhas quando, em Boughton-under-Blean, fomos alcançados por um homem metido numa veste negra por sobre uma sobrepeliz branca. Seu cavalo, que era cinzento malhado, suava que causava

espanto; dava a impressão de haver galopado três milhas sem parar, também o animal montado por seu criado estava molhado de cansaço; mal podia andar, e espumejava muito, principalmente sob os arreios em torno do pescoço. Aliás, a espuma o deixara pintadinho como uma pêga.

Aquele ilustre senhor trazia, apoiado à garupa, um malote de dois compartimentos, e quase nada mais. Com certeza viajava com pouca bagagem por ser verão. Pus-me a imaginar quem seria ele. Foi então que notei que seu capuz estava costurado à roupa, o que, após longas cogitações, me levou à conclusão de que se tratava de um cônego. Como ele viera mais a galope que no trote ou no passo, o chapéu, preso por um cordão, lhe caíra sobre as costas. De fato, ele havia galopado como louco. Trazia sob o capuz uma folha de bardana para se abanar, aliviando assim o efeito do calor. Era um gozo ver como suava! Parecia até que havia ingerido plantas como a tanchagem e a parietária, pois sua testa gotejava como uma destilaria.

Assim que ele se aproximou de nós, pôs-se a bradar: "Que Deus abençoe esta alegre comitiva! Vim a toda brida por causa de vocês, pois eu queria muito alcançá-los para poder viajar em companhia tão agradável!' Igualmente gentil se mostrou o seu criado, que disse: "Senhores, assim que os vi deixando a hospedaria esta manhã, corri a prevenir meu amo e senhor, visto que ele estava ansioso por viajar com os senhores e distrair-se pelo caminho. Ele adora conversar!'

"Amigo", respondeu-lhe o Albergueiro, "Deus lhe pague por tê-lo avisado, pois, se não me engano, o seu patrão sem dúvida tem todo o jeito de um homem sábio e – diria também – bastante jovial. Será que ele não poderia contar uma ou duas histórias divertidas para entreter esta nossa comitiva?"

"Quem, senhor? Meu patrão?! Ora, ora! Sem mentira nenhuma, ele sabe mais casos engraçados e alegres do que pode imaginar. Além disso, meu senhor, se o conhecesse tão bem quanto eu, palavra de honra como iria ficar admirado com a perfeição e a habilidade com que realiza os seus trabalhos, que são os mais variados. Ele já se incumbiu de tarefas extraordinárias, que ninguém aqui seria capaz de levar a cabo sem a sua orientação. Não se iludam com a modéstia dele, ao vê-lo cavalgando aqui em sua companhia: se soubessem como lhes pode ser útil, não deixariam sua amizade por nada neste mundo, – aposto tudo o que tenho! É um homem de sabedoria acima do comum. Podem estar certos, é verdadeiramente um homem superior."

"Bem," indagou o nosso Albergueiro, "mas o que é ele afinal? Diga-me. Seria um clérigo, ou coisa parecida? Diga-me o que é ele."

"Um clérigo? Imagine!" respondeu o Criado. "É muito mais do que isso, posso lhe garantir. Albergueiro, vou lhe contar em poucas palavras o que ele faz. Afirmo-lhe que meu patrão conhece tantos truques, – nem eu, que o ajudo em seu trabalho, conseguiria explicar toda a sua arte, – que ele poderia facilmente virar pelo avesso a estrada que estamos percorrendo e pavimentá-la de ouro e prata daqui até Cantuária!"

Ao ouvir isso, nosso Albergueiro exclamou: "Bendito seja! O que me deixa pasmado é que, tendo o seu patrão tamanha sabedoria, e sendo, por isso mesmo, merecedor do respeito de todos, ele não parece importar-se nem um pouco com a sua aparência. Para um homem de tão alta condição, usa um manto que, – Deus me livre! – está uma vergonha, todo sujo e rasgado! Diga-me: por que o seu patrão anda nesse relaxo, se tem recursos para se vestir melhor? Será que ele é mesmo tudo aquilo que você falou? Explique-me isso, por favor."

"Por quê?" indagou o Criado. "Por que me pergunta uma coisa dessas? Deus tenha misericórdia de mim, mas a verdade é que, apesar de tudo, ele não consegue progredir na vida. (Por favor, não conte para ninguém o que agora vou dizer-lhe, pois eu não confirmaria sequer uma palavra.) Mas acho que, de fato, o problema de meu patrão é que ele é sabido demais, e, como dizem os doutos, tudo o que é excessivo é errado, e deixa de ser virtude para se transformar em vício. Por isso é que eu o considero sábio e, ao mesmo tempo, ignorante e ingênuo. Quando alguém tem inteligência demais, muitas vezes acontece que não sabe aplicá-la. É o que se dá com meu patrão, para minha grande mágoa. Só Deus pode ajudá-lo. É tudo o que posso dizer."

"Não faz mal, meu bom Criado," retorquiu o Albergueiro. "Mas já que você conhece tão

bem as artes de seu amo, que é tão hábil e talentoso, peço-lhe encarecidamente que nos conte alguma coisa a respeito delas. Ainda que mal lhe pergunte, onde é que vocês moram?"

"Nos subúrbios de uma grande cidade", respondeu o Criado, "em meio a cantos escuros e becos sem saída, um lugar ideal para temível refúgio secreto de assaltantes e ladrões, ou de todos aqueles que não ousam se mostrar. Para dizer a verdade, é assim que nós vivemos."

"Agora," prosseguiu o Albergueiro, "eu gostaria de saber uma coisa a seu próprio respeito: por que seu rosto é tão descorado?"

"Por São Pedro!" exclamou o outro. "Acho que, de tanto soprar o fogo, ele acabou mudando a minha cor, – Deus o castigue! Não costumo ficar me olhando no espelho, mas trabalho duro para aprender alquimia. O diabo é que sempre cometemos algum erro e derramamos tudo no fogo, de modo que, apesar dos nossos esforços, nunca alcançamos o que queremos e jamais chegamos a uma conclusão. Assim mesmo, iludimos muita gente, de quem tomamos dinheiro emprestado (seja uma libra ou duas, ou dez ou doze ou muitas somas mais) e a quem fazemos acreditar que, na pior das hipóteses, podemos transformar uma libra em duas. É claro que é mentira. Mas nós mesmos não perdemos as esperanças, e continuamos a tatear em busca desse resultado. Só que essa tal ciência se acha tão à nossa frente que, malgrado os nossos juramentos, não logramos alcançá-la, pois ela depressa se esquiva. Ela ainda vai nos reduzir a mendigos."

Enquanto o Criado falava, o Cônego foi se aproximando e, como era muito desconfiado das palavras dos outros, ficou atento a tudo o que ele dizia. Bem que Catão afirma que aquele que tem culpa na consciência acha que os outros só conversam a seu respeito. Foi por isso, para poder escutá-lo, que ele se pôs tão perto do Criado. Impaciente, então lhe disse: "Cale essa boca e não diga mais nada, senão ainda há de me pagar! Pare de caluniar-me na frente dos outros e de expor o que deve ficar oculto."

"Nada disso", interveio o Albergueiro, "continue a falar, aconteça o que acontecer. Não se importe com as ameaças!"

"Na verdade", prosseguiu o Criado, "agora já pouco me importo."

Vendo o Cônego que tudo era inútil, e que o Criado estava mesmo disposto a revelar todos os seus segredos, tratou então de fugir, cheio de dor e vergonha.

"Ah!" exclamou o Criado. "Isto será divertido; vou logo lhes contar tudo o que sei. Ainda mais agora que ele se foi... O diabo que o carregue! Nunca mais quero vê-lo, isso eu lhes garanto, nem por soldos nem por libras. Espero que ele, antes que morra, passe ainda por muito sofrimento e vergonha, pois foi ele quem me iniciou nessas besteiras! Só que para mim sempre foram coisa séria. Pelo menos é o que eu sentia, – digam lá o que quiserem, – porque, apesar de toda a minha pena e minha dor, todas as minhas aflições e labutas e perdas, de forma alguma eu conseguia deixar essa loucura. Agora só peço a Deus que me ilumine o suficiente para contar-lhes tudo o que está por trás dessa ciência! Se isso não for possível, ao menos uma parte vou revelar aqui. Agora que meu patrão se foi, não preciso esconder nada; tudo o que sei pretendo declarar."

Aqui termina o Prólogo do Conto do Criado do Cônego.

Aqui tem início o Conto do Criado do Cônego.

I

Morei sete anos com esse Cônego e, depois de todo esse tempo, continuei tão distante de sua ciência quanto estava antes. A única diferença é que perdi tudo o que tinha. E, podem crer, a mesma coisa aconteceu com muitos outros. Antigamente eu era saudável, gostava de vestir roupas alegres e de enfeitar-me; hoje, pouco me importa se tiver que sair por aí com as calças na cabeça. E minha pele, que era rosada e viçosa, tornou-se pálida e cor de chumbo... Quem quer que se aproxime da alquimia acaba se dando mal! Essa atividade, além de tudo, me estragou a

vista. Eis aí o que se ganha quando se quer "multiplicar"!* Essa ciência enganosa me deixou tão limpo que não sobrou nada para o meu sustento; na verdade, ando tão cheio de dívidas que vou morrer sem poder pagar o ouro que tive que tomar emprestado. Por isso é que todo cuidado é pouco! Ai daquele que se arrisca nesse campo: se persistir, garanto que há de arruinar-se, pois, palavra de honra, não só não vai lucrar coisa alguma como ficará de bolsa vazia e de miolo mole. E o pior é que o sujeito que joga fora toda a sua fortuna em tal loucura e desvario costuma estimular os outros a que façam o mesmo, levando-os também à miséria; porque, como aprendi de um sábio, os ignorantes sentem conforto e alegria ao verem o próximo na dor e na desgraça. Mas deixemos isso para lá, que agora quero falar do nosso trabalho.

Quando praticamos as nossas estranhas artes, sempre damos a impressão de uma sabedoria extraordinária, com todos aqueles nossos termos tão curiosos e eruditos. Na realidade, de tanto assoprar o fogo quase arrebento o coração. Não sei se devo mencionar as proporções das coisas que usamos em nosso ofício, – como cinco ou seis onças, digamos, de prata, ou qualquer outra quantidade; ou preocupar-me em dar os nomes de materiais como *auri pigmentum**, ossos queimados ou limalhas de ferro, que são reduzidos a pó bem fino e colocados num vasilhame de barro juntamente com sal e papel (que deve ficar por baixo), e, em seguida, cobertos por lâminas de vidro. Também não sei se convém falar de tantas outras coisas, como a vedação do vasilhame e dos vidros, de modo a impedir a passagem do ar; ou das chamas, baixas e altas, que acendemos; ou dos cuidados e problemas que temos com a sublimação de nossos materiais; ou do amálgama e da calcinação do *argentum vivum*, que é o nome do mercúrio cru. O fato é que, apesar de todos os nossos recursos, jamais chegamos a bom termo. Nosso *auri pigmentum*, nosso mercúrio sublimado, nosso litargírio moído em utensílio de pórfiro, nossas medidas certinhas... nada disso adianta coisa alguma; é sempre uma trabalheira inútil. Nem a ascensão de nossos vapores, nem a precipitação de substâncias sólidas no fundo podem salvar nosso trabalho, e todo aquele esforço acaba por se perder. Não só o esforço, mas – com mil diabos! – também todo o dinheiro que gastamos na experiência.

E isso não é tudo. Há muitas outras coisas relacionadas com nosso ofício, mas, como sou um homem sem cultura, não sei enumerá-las na ordem certa. Não podendo, portanto, classificá-las segundo a sua natureza, vou citá-las conforme me vêm à cabeça. Assim, por exemplo, nós temos a "terra da Armênia", o verdete, o bórax, e todos aqueles utensílios feitos de barro ou de vidro, como urinóis, descensórios e sublimatórios, frascos, cadinhos, retortas, alambiques, e uma porção de outros mais, que não valem uma ova. Creio que não é preciso falar de tudo: da rubefacção das águas, do fel bovino, do arsênico, do sal amoníaco, do enxofre. Também as ervas eu poderia lembrar, como a agrirnônia, a valeriana, a lunária e várias outras, mas não desejo alongar-me. Ou poderia descrever as nossas lamparinas, ardendo dia e noite para a realização das experiências; nossas fornalhas para a calcinação e para a albificação dos líquidos; a cal virgem, a greda, a clara do ovo, os pós diversos, as cinzas, as fezes, a urina, o barro, as bolsas enceradas, o salitre, o vitríolo, e os diferentes fogos, alimentados por lenha ou por carvão; o tártaro, o álcali, o sal preparado, e os materiais que sofreram combustão ou que se coagularam; a argila misturada com pelo de cavalo ou de gente, o óleo de tártaro, o alume em cristais, o lêvedo, o cereal não fermentado, o tártaro cru, o rosalgar, as substâncias absorventes, as substâncias incorporantes, a citrinação da prata, a nossa cementação, a nossa fermentação, os nossos moldes, os nossos recipientes para o teste dos metais, e assim por diante.

Eu também gostaria de enumerar os quatro "espíritos" ou vapores, bem como os sete "corpos", pois isso foi outra coisa que aprendi. E, desta vez, vou pela ordem, tal como o meu amo os enunciava. O primeiro espírito se chama mercúrio; o segundo, *auri pigmentum* ou orpimento; o terceiro, sal amoníaco; e o quarto, enxofre. Quanto aos sete corpos, são os seguintes: o Sol é ouro, a Lua acreditamos ser prata, Marte é ferro, Mercúrio é mercúrio mesmo, Saturno é chumbo, Júpiter é estanho, e, – pela raça de meu pai! – Vênus é cobre.

O homem que exerce esse maldito ofício nunca recebe qualquer satisfação em troca, e fatalmente perde todos os bens que nele investe. Nem há dúvida. Portanto, quem quiser dar

vazão à sua loucura, que se apresente e aprenda transmutação; e quem ainda tiver alguma coisinha no cofre, que apareça e se torne alquimista. Como se isso fosse fácil! Não, não, palavra! Mesmo que a pessoa seja monge ou frade, padre ou cônego ou alguém de igual categoria, e mesmo que fique dia e noite sentado com seu livro a estudar esta ciência estranha e tola, é tudo em vão. Por Deus, mais do que isso até! Quanto a ensinar suas sutilezas a um analfabeto... nem se fale: é impossível. Mas seja lá como for, quer a pessoa conheça leitura, quer não conheça, o resultado no fim é sempre o mesmo. Por minha alma, tanto num caso quanto no outro, o trabalho de "multiplicação" é sempre igual quando termina, – isto é, todos fracassam.

A propósito, esqueci-me de mencionar há pouco os líquidos corrosivos, as limalhas, a molificação dos corpos, assim como o seu endurecimento, os óleos, as abluções, os metais fusíveis... Mas, para contar tudo isso, é preciso mais que uma bíblia. Por conseguinte, é melhor não mais me preocupar com todos esses nomes. Acho que os que já falei são suficientes até para se conjurar um demônio, e dos mais enfezados.

Ah, não! Deixemos essas coisas para lá! O ponto que interessa é que todos nós buscamos sem tréguas a tal pedra filosofal*, conhecida como Elixir, porque sua posse nos daria a sensação de segurança. Mas garanto-lhes, em nome de Deus, que, não obstante toda a nossa habilidade e todas as nossas artimanhas, não temos como pôr as mãos nela. Essa pedra já nos fez gastar muito dinheiro, e só não enlouquecemos de tristeza porque constantemente nos invade o coração aquela boa esperança que nos leva a supor que, por maior que seja o nosso sacrifício, ela virá no fim das contas nos salvar. Mas são suposições e expectativas muito duras e ingratas, visto que (estou lhes avisando) se trata de uma busca que não termina nunca. É a confiança no futuro que faz os homens se separarem de tudo o que possuem. Dessa arte, contudo, jamais obtêm o conforto almejado, pois ela não passa de um engodo doce e amargo, tão poderoso, – ao que parece, – que mesmo que a pessoa tenha apenas um lençol com que se embrulhar à noite, ou apenas um manto para sair durante o dia, ela os venderia de bom grado para gastar tudo na transmutação. Ninguém pára enquanto não perde tudo. E, o que é pior, onde quer que vão esses coitados, são logo reconhecidos pelo seu cheiro de enxofre. Por tudo o que há de mais sagrado, fedem como bodes; seu cheiro é tão forte e tão repugnante que, podem crer, pode contaminar os outros a uma milha de distância. É dessa maneira que são descobertos: pelo fedor... E também pelos andrajos que os cobrem. Quando alguém lhes pergunta em particular por que se vestem tão miseravelmente, eles logo lhe sussurram ao ouvido que é porque, se não se disfarçassem, seriam localizados e mortos por causa de sua ciência. Eis aí como traem a ingenuidade!

Mas vamos adiante, que preciso começar a minha história. Antes de levar ao fogo o recipiente com uma certa quantidade de metais, meu senhor (e apenas ele) os temperava, pois era, na opinião de todos os colegas, o alquimista de maior perícia. Mas, agora que ele se foi, posso falar a verdade: apesar de toda a sua reputação, vivia cometendo enganos. E sabem como? Muitas vezes acontecia de explodir o vasilhame, e então *adeus*, lá se ia tudo pelos ares! Tamanha era a força dos metais que nem as paredes resistiam, – a não ser que fossem de cal e pedra. Os metais rompiam tudo, e atravessavam os próprios muros. Alguns chegavam a afundar no solo (foi assim que perdemos muitas libras), outros se espalhavam pelo chão, e outros subiam até o teto. Embora não se pudesse ver o demônio, tenho certeza de que estava ali conosco, – o canalha! Nem no inferno, onde ele é senhor e soberano, poderia haver tanta desilusão, rancor e cólera. Depois da explosão, todo mundo criticava todo mundo, dizendo-se lesado.

Um achava que a panela ficara muito tempo ao fogo. Outro afirmava que o defeito tinha estado no modo de soprar as chamas (era quando eu estremecia, pois esse era o meu encargo). "Bobagem!" gritava um terceiro, "vocês são burros e ignorantes; a mistura é que não foi preparada como se devia." "Nada disso," bradava um quarto, "parem com isso e me escutem. Por minha alma, o problema todo é que o nosso fogo não foi feito com madeira de faia!" Não posso repetir aqui tudo o que se discutia; só posso garantir que era uma briga e tanto.

Finalmente meu patrão dizia: "Bem, agora não há o que se possa fazer. Da próxima vez tomarei mais cuidado. Não tenho dúvidas de que o vasilhame estava trincado. Seja lá como for,

não fiquem desesperados. Como de costume, vamos tratar de varrer toda esta sujeira, criar coragem e retornar ao trabalho com ânimo e disposição."

Então juntávamos todo o entulho num canto, estendíamos uma lona no chão, lançávamos tudo numa peneira e ficávamos horas e horas joeirando e catando o material. "Por Deus", logo dizia alguém, "uma parte de nosso metal ainda está aqui, embora não todo. Não faz mal que a coisa tenha desandado; na próxima vez dará certo. Nós temos que arriscar a sorte. Afinal, – podem acreditar, – nem sempre um mercador é favorecido pelo destino; às vezes, sua mercadoria chega intacta ao porto, outras vezes vai parar no fundo do mar." "Silêncio!" infalivelmente ordenava o meu patrão. "Da próxima vez, darei um jeito de trazer o nosso barco a salvo; se fracassar, podem pôr toda a culpa em mim. O que houve foi alguma falha, disso tenho certeza."

E aí novamente alguém achava que o fogo ficara quente demais. Mas tudo o que sei dizer é que, frio ou quente, nossas experiências sempre acabavam mal. Falta-nos o essencial para chegarmos ao que queremos e, por isso, deliramos em nossa loucura. Todavia, quando estamos juntos, cada um faz tudo o que pode para mostrar-se um Salomão. Entretanto, como dizem, nem tudo que reluz é ouro, e nem toda maçã bonita é realmente gostosa, – não importa o que se diga ou se apregoe. É assim mesmo que as coisas se passam conosco: o que parece o mais sábio, por Jesus, é na verdade o mais tolo; e o que aparenta ser mais honesto não passa de um ladrão. É o que irão ver antes que me vá, tão logo eu termine a minha história.

II

Existe em nosso meio um cônego da Igreja que é capaz de empestear uma cidade inteira, ainda que seja grande como Nínive, Roma, Alexandria, Tróia e mais três outras. Creio que, mesmo que pudesse viver mil anos, ninguém seria capaz de relatar todas as suas artimanhas e sua infinita falsidade. No mundo da desonestidade não tem mesmo rival; tanto é assim que, quando conversa com alguém, enrola tanto o seu jargão e usa palavras com tamanha astúcia, que simplesmente atordoa o seu interlocutor (a menos que se trate de um demônio igual a ele). Quantas pessoas não enganou até agora! E, enquanto tiver vida, vai tapear a muitas outras mais. Apesar disso, por ignorar a sua má conduta, há quem cavalgue milhas e milhas apenas para vê-lo e conhecê-lo. É o que vou lhes contar agora, em sua presença, se quiserem dar-me ouvidos.

Antes, porém, ilustres cônegos da Igreja, não vão pensar que minha intenção é caluniar a sua casa, só porque a minha história gira em torno de um cônego. Por Deus, não há ordem onde não se intrometa algum canalha, e o Senhor não há de permitir que a companhia inteira pague pelos desmandos de apenas um homem. Por isso, não pretendo aqui de modo algum condená-los, mas somente corrigir o que está errado. Este conto não foi feito só para os senhores, e sim para muitos outros. Como sabem, entre os doze apóstolos de Cristo não houve nenhum traidor, a não ser o próprio Judas; assim sendo, por que a culpa deveria recair sobre os demais, que eram inocentes? O mesmo digo a respeito dos senhores, – acrescentando apenas isto (se quiserem aceitar o meu conselho): caso haja algum Judas em seu convento, livrem-se dele o mais depressa possível, antes que a indecisão lhes traga vergonha ou prejuízo. Rogo-lhes, portanto, que não se amofinem, mas ouçam com atenção o caso que vou narrar.

Era uma vez um padre, rezador de missas anuais pelos defuntos, que vivia em Londres havia muitos anos. Era tão amável e prestativo para com a dona da pensão onde morava, que ela terminantemente se recusava a aceitar pagamento pelas suas despesas de cama e mesa, embora ele estivesse bem de vida e não lhe faltasse o dinheiro necessário para os gastos. Mas isso não importa... Vou continuar contando a história do cônego que levou esse padre à ruína.

Um dia esse cônego desonesto veio ao quarto do tal padre, na hora do repouso, e pediu-lhe emprestada certa soma, dizendo que logo a devolveria: "Empreste-me um marco por apenas três dias. Asseguro-lhe que, vencido o prazo, voltarei aqui para acertar as contas. Pode me enforcar, se eu deixar de cumprir minha palavra!"

O padre sem demora deu-lhe o dinheiro, e o cônego, agradecendo efusivamente, despediu-se e seguiu o seu caminho. No terceiro dia, lá estava ele de volta como o seu marco, e o restituiu ao padre, que ficou todo feliz e alegre: "Sem dúvida, é um prazer emprestar um 'nobre', – ou dois ou três ou qualquer outra quantia, – a uma pessoa direita, que faz questão de observar os prazos. Para gente assim jamais digo *não*."

"O que?!" exclamou o cônego. "E por que haveria eu de ser desonesto? Oh não! Isso, de fato, seria novidade! Deus me livre! A verdade é uma coisa que pretendo preservar até o dia em que for para a cova. Pode acreditar nisso como no Credo. Dou graças a Deus, – em boa hora seja dito, – por nunca haver lesado alguém que me tenha feito um empréstimo de ouro ou prata, e por nunca haver nutrido a falsidade em meu coração. E, a propósito," continuou ele, "já que o senhor se revelou tão generoso para comigo e me brindou com tamanha gentileza, desejo, numa espécie de retribuição pela sua bondade, mostrar-lhe e ensinar-lhe, sem maiores rodeios, o meu método de trabalho na alquimia, – se é que tem vontade de conhecê-lo. Fique atento, pois o senhor há de ver num instante, e com os próprios olhos, uma bela demonstração."

"Como?!" entusiasmou-se o padre. "O senhor vai mesmo fazer isso? Virgem Maria! Pois suplico-lhe de todo o coração: faça, faça!"

"Agora mesmo, senhor," respondeu o cônego, "por Deus, com toda a sinceridade."

Eis aí como aquele ladrão oferecia os seus préstimos! Como já diziam os sábios antigos, é bem verdade que todo serviço, quando é de graça, fede. E vou provar isso com a história desse cônego, essa fonte de toda traição, esse monstro que experimentava prazer e alegria em levar à desgraça os filhos de Cristo, – tais os sentimentos diabólicos que abrigava no peito. Deus nos proteja e guarde de suas mistificações!

O tal padre não sabia com quem estava lidando, e nem de longe pressentia o iminente perigo. Oh, sacerdote ingênuo! Oh, ingênuo inocente! Você logo será arruinado pela ambição! Oh desditoso, oh mente tão cega que sequer suspeita da armadilha que aquela raposa lhe preparou! Não, você não poderá fugir de suas fraudes. Por isso, para terminar logo a história de sua desgraça, oh infeliz, apresso-me agora a descrever, da melhor forma que permitir o meu talento, a sua insensatez e a sua loucura, juntamente com a falsidade daquele outro miserável.

Os senhores por acaso estão achando que aquele cônego era o meu patrão? À fé, pela Rainha do Céu, senhor Albergueiro! Garanto-lhe que era outro cônego, não ele, cem vezes mais esperto. Ele já ludibriou muita gente; tanta, que fico aborrecido só de recitar suas maldades. Sempre que falo de sua desonestidade, minhas faces coram de vergonha... Ou melhor, ameaçam corar, pois bem sei que já não tenho rubor em meu rosto, consumido e desgastado que foi pelas fumaças dos metais, como lhes contei. Mas agora vejam só a canalhice daquele cônego!

"Senhor," disse ele ao padre, "estamos com falta de mercúrio; mande seu criado buscar um pouco. Diga-lhe que traga duas ou três onças. Quando ele voltar, o senhor vai ver uma coisa sensacional, uma coisa que nunca viu antes na vida."

"Agora mesmo, senhor," respondeu o padre. E, dito e feito, ordenou que imediatamente se buscasse o solicitado. O criado foi num pé e voltou no outro, trazendo três onças de mercúrio, que, para encurtar a história, entregou ao cônego. Este as apanhou com cuidado e as guardou à parte, pedindo então ao criado que arranjasse carvão para que pudesse dar início aos trabalhos.

De posse do carvão, o cônego tirou do peito um cadinho e o mostrou ao padre, dizendo: "Segure este instrumento e ponha dentro dele uma onça de mercúrio. Em nome de Cristo, agora mesmo vamos começar a transformar o senhor num alquimista. Para bem pouca gente eu me disporia a revelar os segredos de minha ciência! Neste experimento o senhor irá observar como faço para "mortificar" o mercúrio*, convertendo-o, sem tapeações e diante de seus próprios olhos, em prata tão pura e fina quanto a que está na sua bolsa, ou na minha, ou em qualquer parte... E igualmente maleável. Se eu não fizer isso, pode me chamar de mentiroso e dizer que sou indigno de me mostrar em público. É este pozinho, que me custou os olhos da cara, que vai fazer todo o milagre; como o senhor verá, é ele a base de meu poder. Antes, porém, livre-se de seu criado. Diga-lhe que saia e feche a porta. Precisamos ficar a sós. Não convém que sejamos

espionados enquanto praticamos a alquimia."

E assim se fez: o criado retirou-se prontamente, seu patrão fechou a porta, e ambos se entregaram às suas tarefas.

O padre, por ordem do maldito cônego, colocou então o cadinho sobre o fogo, mantendo-se ocupado em soprar as chamas. Em seguida, o cônego lançou dentro do cadinho um pó, – feito não sei do quê, se de greda, ou de vidro, ou de outra coisa, – que não tinha valor algum, servindo só para enganar o sacerdote. Depois, instou sua vítima a cobrir o cadinho com carvão. E ainda disse: "Como prova de minha estima, vou deixar que o senhor realize com as próprias mãos toda a experiência."

"Muitíssimo obrigado!" agradeceu emocionado o padre, e, obediente, arrumou os pedaços de carvão sobre o crisol. Enquanto assim se distraía, aquele canalha diabólico, aquele falso cônego (o diabo que o carregue!), tirou das vestes um carvão de lenha de faia, no qual habilmente fizera um buraco que enchera com limalha de prata, tapando a seguir o orifício com cera para vedar a saída. É claro que havia preparado esse truque com bastante antecedência, juntamente com outros de que vou falar daqui a pouco, pois desde o primeiro instante em que ele aparecera ali já tinha a intenção de ludibriar o coitado. De fato, estava ansioso para depená-lo; e foi o que acabou fazendo. Oh, como me entristece falar a seu respeito! Bem que eu gostaria de vingar-me de sua falsidade, se soubesse como. O diabo, porém, é que ele ora está aqui, ora ali, sempre a se esquivar. Não tem parada.

Mas atenção, senhores, por Deus! Continuando, ele pegou o carvão de que falei e o segurou bem escondido na mão. A certa altura, interrompeu o padre, que, como já contei, estava todo entretido com os carvões, e disse: "Amigo, isso aí está errado. O senhor não fez a arrumação como devia; deixe-me ajudá-lo. Vou me intrometer no seu trabalho só por um instante, pois, por Santo Egídio, estou com pena do senhor. Além disso, deve estar sofrendo muito com esse calorão; vejo que está todo suado. Tome este pano e enxugue o rosto." E, enquanto o padre assim fazia, o desgraçado do cônego aproveitou a oportunidade para pôr o carvão, que trouxera escondido, bem em cima do cadinho, soprando em seguida as chamas até que todos os carvões se inflamassem.

Então disse o cônego: "Agora vamos beber alguma coisa, que eu lhe garanto que logo tudo estará bem. Vamos nos sentar e espairecer um pouco." E quando o carvão de faia do cônego se queimou, toda a limalha que estava no orifício escorreu para o cadinho, como logicamente tinha que ser, visto que o carvão fora colocado bem em cima dele. O padre, contudo, não se dava conta de nada, supondo, – ai! – que todos os carvões eram iguais, pois não podia imaginar semelhante embuste. Quando o alquimista pressentiu que chegara o momento azado, disse ao outro: "Levante-se, senhor padre, e agora não saia de perto de mim. Como sei que o senhor não tem aqui um molde para metais fundidos, arranje-me uma pedra de greda, que talvez eu possa fazer com ela uma fôrma de lingotes. Traga também uma jarra, ou uma panela, cheia de água, e então há de ver o belo resultado de nosso trabalho. Entretanto, como não quero que o senhor duvide ou desconfie de mim na sua ausência, não vou deixá-lo um só instante: vou acompanhá-lo na ida e na volta." A seguir, para encurtar o caso, os dois abriram a porta do quarto, fecharam-na bem atrás de si, e lá se foram, levando consigo a chave. Num piscar de olhos já estavam de volta. Mas por que tenho que ficar o dia inteiro contando essa história que não acaba mais? Basta dizer que o cônego tomou logo da greda e cavou nela uma fôrma para lingotes. Do jeito como vou descrever.

Primeiro, – maldito seja! – tirou da manga uma barra de prata que pesava exatamente uma onça (vejam só que tapeação miserável!). Depois, com muita firmeza, fez na greda um molde do mesmo comprimento e da mesma largura que a tal barra, trabalhando com tamanha rapidez que o padre não percebeu coisa alguma. Aí, tendo outra vez escondido na manga a barra de prata, retirou o material do fogo, deitou-o todo satisfeito no molde que acabara de preparar, e o lançou dentro da jarra com água. Passado algum tempo, ordenou ao padre: "Veja o que temos aí; pode enfiar a mão e procurar. O senhor vai achar prata, espero." E lá consigo pensava: "Ora, diabos, o

que mais poderia ser? Por Deus, limalha de prata também é prata, não é mesmo?" O outro, depois de tatear uns instantes, retirou da água um lingote da mais fina prata. Ao vê-lo, não cabia em si de contentamento: "Senhor cônego, peço para o senhor as bênçãos de Deus, de sua santa mãe e de todos os santos do Céu! E que eu, pelo contrário, seja amaldiçoado por todos, se depois que o senhor me ensinar esta nobre arte e esta ciência profunda, eu não me tornar o seu humilde servo em tudo o que puder!"

"Muito bem," respondeu o cônego, "mas agora eu gostaria de fazer outra experiência, para que o senhor possa observar melhor e tomar prática. Assim, se precisar, outro dia, quando eu estiver ausente, poderá exercitar sozinho esta sutil ciência e disciplina. Sem mais palavras," continuou, "tome mais uma onça de mercúrio, e faça com ela o mesmo que fez antes com aquela outra que agora virou prata."

Novamente o padre se desdobrou a fim de atender a todas as ordens do cônego, aquele maldito, soprando o fogo sem parar para atingir o ponto desejado. Enquanto isso, o alquimista, que já estava pronto para enganá-lo outra vez, segurava numa das mãos, – novo truque (atenção e muito cuidado!), – uma vareta oca, onde colocara, tal como antes no pedaço de carvão, exatamente uma onça de limalha de prata, vedando muito bem a extremidade com cera. Estando o padre ocupado em sua tarefa, o cônego, sem jamais largar a vareta, pôs-se a ajudá-lo, e, como fizera anteriormente, jogou sobre o mercúrio o seu pozinho (rogo a Deus que o demônio lhe esfole a pele para tirar sua falsidade, pois falso ele sempre foi, nos pensamentos e nas ações!); depois, com a tal vareta sempre em cima do crisol, ficou a arrumar e a atiçar os carvões, até que o calor derreteu a cera, – como tinha fatalmente que acontecer (só não sabe disso quem é bobo), – e todo o seu conteúdo escorreu para o fundo do cadinho. Agora, minha boa gente, o que pode ser melhor que o ótimo? Ao ser novamente ludibriado, sem na verdade desconfiar de nada, o padre ficou tão contente que nem sei como expressar sua alegria e felicidade; chegou mesmo a pôr à disposição do cônego todos os seus bens e sua própria pessoa. "Sim," comentou o cônego, "eu posso ser pobre, mas tenho talento. Asseguro-lhe: o senhor ainda não viu nada. A propósito, não teria por aí um pouco de cobre?" "Sim, senhor", respondeu o outro, "quero crer que sim." "Se não tiver," prosseguiu o alquimista, "trate de comprar logo um pouco para nós. Depressa, meu bom senhor; a caminho, não perca tempo."

O outro saiu todo afobado e logo retornou com o cobre; e o cônego, ao recebê-lo, separou uma onça bem pesada.

Não é difícil para a língua, a intérprete de minha consciência, denunciar a duplicidade daquele homem, fonte de perversidade! Aos que não o conheciam mostrava-se sempre muito amigo; mas era um verdadeiro diabo, por dentro e por fora. Ah, como estou cansado de relatar sua falsidade! Mas não posso deixar de fazê-lo, pois preciso advertir as pessoas enquanto há tempo. Aliás, esse é meu único propósito.

Pois bem. Ele colocou então aquela onça de cobre no crisol, levou este ao fogo o mais rápido possível, jogou lá dentro o seu pozinho, e fez o padre se abaixar para soprar as chamas, tal como anteriormente... E tudo não passava de uma farsa! Fez o padre de bobo como bem entendeu! Em seguida, derramou o cobre fundido no molde, lançou-o na vasilha com água e, finalmente, pôs-se a procurá-lo com a mão. Aí, sem que o padre suspeitasse do engodo, o maldito miserável tirou sorrateiramente o lingote de prata que trazia oculto na manga (como eu já disse antes), e o deixou cair no fundo da vasilha. Depois, agitando a água com a mão, apanhou com surpreendente agilidade o lingote de cobre, e o escondeu. Para concluir seu jogo, puxou pelo peito o padre, que nada percebera, e assim falou e disse: "Abaixe-se aqui, por Deus; o senhor merece uma reprimenda! Por que não me ajuda agora, como antes lhe ajudei? Vamos, enfie a mão na água e veja o que está no fundo." O padre, naturalmente, tirou o lingote de prata.

Foi então que o cônego sugeriu: "Vamos levar os três lingotes de prata, que fizemos, a um ouvires, para vermos se têm algum valor. Por minha fé e minha vida, eu ficaria muito aborrecido se não fossem prata da melhor. E isso pode ser verificado facilmente."

Foram então com os três lingotes à cata de um ouvires, que os testou com fogo e com

martelo. O resultado não podia ser outro: eram mesmo o que deviam ser.

Aquele padre imbecil, havia alguém mais feliz do que ele? Nenhum pássaro poderia estar mais alegre com a chegada da aurora, nenhum rouxinol com mais vontade de cantar no mês de maio, nenhuma donzela mais excitada no baile ou nos mexericos sobre o amor e a mulher, nenhum cavaleiro armado mais ditoso na esperança de granjear com um ato de bravura a graça de sua amada, do que estava aquele padre ao aprender esta ciência malfadada! E assim falou e disse ao cônego: "Pelo amor de Cristo, que morreu por todos nós, se o senhor tem algum apreço por mim, diga-me: quanto custa a receita desse pó?"

"Por Nossa Senhora," respondeu o cônego, "é muito cara, pode crer, pois, com exceção de mim e de um frade, ninguém na Inglaterra é capaz de prepará-la."

"Não faz mal," insistiu o outro. "Pelo amor de Deus, nobre senhor, quanto terei que pagar? Diga-me, por favor."

"Bem," tornou o espertalhão, "como eu lhe disse, é muito cara mesmo. Mas, afinal, se o senhor faz tanta questão de possuir essa receita, não poderá tê-la por menos de quarenta libras, juro por Deus! E garanto-lhe que, se não fosse por nossa amizade, o preço seria outro, bem mais alto."

O padre foi correndo buscar as quarenta libras em "nobres" cintilantes, e entregou toda a quantia, moeda por moeda, ao cônego, em troca da tal receita. Este, que só vivia de fraudes e de enganos, recomendou-lhe então: "Senhor padre, não procuro a fama com estes conhecimentos; pelo contrário, quero permanecer na obscuridade. Por isso, se o senhor me estima, mantenha-os sempre em segredo. Caso os outros viessem a saber de minha habilidade na alquimia, por Deus, pode estar certo de que acabariam comigo, só de inveja. Isso é fatal!"

"Deus me livre," exclamou o padre. "O que está me dizendo?! Que a luz da razão me abandone se não for verdade que prefiro mil vezes perder tudo o que tenho a vê-lo cair em tal desgraça!"

"O senhor já provou que merece a minha confiança," retorquiu o cônego. "Portanto, adeus. E muitíssimo obrigado!" E se afastou.

Desde esse dia, o padre nunca mais o viu. E toda vez que tentava experimentar a sua fórmula, não tinha jeito... A coisa não dava certo. Aí está: fora mesmo tapeado e roubado! Era assim que aquele tal se insinuava entre as pessoas, levando-as à ruína.

Reflitam bem, senhores, como sempre há conflito entre os homens e o ouro, não importa a condição social. É um conflito tão violento que dificilmente pode ser evitado. Essa mania de "multiplicar" cegou a tantos que, sinceramente, eu acho que acabou se tornando a principal causa da miséria que existe por aí. E o pior é que os alquimistas falam dessa arte numa linguagem tão enrolada que ninguém consegue compreendê-los, – pelo menos com o tipo de inteligência disponível hoje em dia. As pessoas tagarelam no tal jargão como papagaios, encontram nele a sua volúpia e o seu tormento, mas não chegam jamais à meta que ambicionam. Todo aquele que possui algum dinheiro pode aprender transmutação rapidamente... e reduzir seus bens a nada!

Sim, o grande lucro que promete esse jogo de cupidez é transformar em amargura toda a alegria do homem, é esvaziar bolsas mesmo grandes e pesadas, é fazer que seus praticantes colecionem maldições de todos aqueles de quem tomaram dinheiro emprestado. Oh, mas que vergonha! Será que nem os que já se queimaram não aprenderam ainda, ai! que devem fugir do fogo? Por isso é que vivo aconselhando aos que praticam a alquimia: deixem-na agora mesmo, senão perderão tudo. Antes tarde do que nunca. E nunca é um prazo muito longo para quem quer ficar rico. Por mais que vocês labutem, nunca chegarão lá. Vocês são afoitos como Bayard, o célebre cavalo cego, que ia aos trancos pelo caminho sem pressentir os perigos: às vezes galopava de encontro a uma pedra, às vezes por acaso acompanhava a estrada. Eu lhes garanto, é assim que vocês são. Oh alquimistas, se já não podem enxergar a luz do dia, conservem pelo menos a luz da razão, pois, por mais que arregalem os olhos e fiquem atentos, tudo o que vão alcançar nesse negócio é a perda do que colheram e amealharam em suas vidas. Afastem-se do fogo que

queima vorazmente; não se envolvam com tal arte, repito, ou lá se vão todas as suas economias. Para confirmar essa opinião, vou lembrar-lhes o que os próprios filósofos alquimistas afirmam a tal respeito.

Eis o que diz Arnoldo de Villanova*, conforme o atesta seu *Rosarium Philosophorum* (diz isto mesmo, sem mentira alguma): "Ninguém pode mortificar o mercúrio sem o conhecimento de seu irmão." Na verdade, quem disse essa coisa pela primeira vez foi o próprio pai dos alquimistas, Hermes Trismegistus... Declara ele, com toda certeza, que o dragão não morre, a não ser que seja morto juntamente com o irmão. Naturalmente, o dragão representa o mercúrio (foi isso mesmo que ele quis dizer), enquanto seu irmão é o enxofre, dado que ambos provêm de *Sol* e *Luna*. "Portanto," continua ele (prestem bem atenção a esta sentença), "não procure desvendar esta ciência quem não puder compreender o pensamento e a linguagem dos filósofos; e, por Deus, quem julga compreendê-los não passa de um ignorante, pois esta ciência constitui o segredo dos segredos."

Houve também um discípulo de Platão*, – como se pode ler no *Senioris Zadith Tabula Chimica*, – que uma vez fez ao mestre esta pergunta, textualmente: "Qual o nome da pedra filosofal?" Respondeu-lhe Platão: "Procure a pedra a que chamam de titano." "E qual é ela?" insistiu o discípulo. "E a mesma coisa que a magnésia," explicou o filósofo. "E isso é tudo, senhor? Então isso é o mesmo que tentar chegar ao desconhecido pelo mais desconhecido, *ignotum per ignotius*! O que, afinal, vem a ser a magnésia, bom mestre, por favor?" "É um líquido formado pelos quatro elementos," prosseguiu Platão. "Ora, a natureza toda é formada pelos quatro elementos!" retrucou o outro. "Diga-me pelo menos, caso não se oponha, qual o princípio básico desse liquido." "Mas eu me oponho", finalizou o mestre. "Todos os filósofos juraram que jamais revelariam isso a quem quer que fosse, nem o registrariam em livro de maneira alguma. É um princípio tão caro e tão precioso para Jesus Cristo que ele não deseja a sua divulgação, a menos que sua divindade a autorize a fim de inspirar os homens ou proteger os que o amam. Isso é tudo, e basta!"

Essa é também a minha conclusão: se o próprio Deus do Céu proíbe que os filósofos revelem como se chega àquela pedra, acho melhor esquecer o assunto e pronto. Mesmo porque quem faz do Senhor seu inimigo, trabalhando com algo contrário à sua vontade, não vai de forma alguma prosperar, ainda que faça "transmutações" a vida inteira. Esse é o ponto; e, assim sendo, minha história chega ao fim. Deus remedie os males de todo aquele que é honesto!

Aqui termina o Conto do Criado do Cônego.

O CONTO DO PROVEDOR

Segue-se aqui o Prólogo do Conto do Provedor.

Sabem vocês onde fica a cidadezinha de Bob-up-and-down, junto à floresta de Blean, na estrada de Cantuária? Pois foi lá que o nosso Albergueiro deu de rir e brincar, dizendo: "Olhem senhores! O Baio foi para o brejo!* Não há ninguém aqui que, de graça ou por dinheiro, seja capaz de acordar aquele nosso amigo lá atrás? Qualquer ladrão poderia roubá-lo e amarrá-lo sem problemas. Vejam como cochila! Pelos ossos do galo, aposto como ele ainda vai cair da sela! Que leve a breca! Não é ele o tal cozinheiro de Londres? Façam-no adiantar-se; ele sabe qual é a penalidade: por minha fé, terá que contar uma história agora mesmo, nem que não valha um punhado de feno. Acorde, cozinheiro", gritou ele. "Maldição! Que tem você para estar com tanto sono em plena manhã? Foram as pulgas que não o deixaram dormir? Foi a bebida? Ou será que você passou a noite se divertindo com alguma putinha, e agora não consegue manter a cabeça em pé?"

O Cozinheiro, que estava muito pálido, sem cor alguma no rosto, respondeu ao

Albergueiro: "Que Deus me ajude! Não sei por que, mas estou sentindo um peso tão grande na cabeça que prefiro dormir a beber o melhor galão de vinho de Cheapside."

"Bem", interveio o Provedor, "sendo assim, senhor cozinheiro, se o desejar, se nenhum companheiro se opuser, e se o nosso bom Albergueiro o permitir, posso liberá-lo da obrigação de contar uma história. Palavra, sua cara está tão pálida, sua vista tão atrapalhada, e seu hálito tão fedido, que logo se percebe que você não está lá muito disposto. Não, não é mentira; quero ser franco com você. Olhem como ele boceja, esse bêbado! Até parece que vai nos engolir. Feche a boca, homem, pela alma de seu pai, senão o diabo do inferno vai acabar entrando por aí adentro. Esse bafo ainda vai nos empestear a todos. Fora, porco fedorento! Fora, – e que se dane! Epa, cuidado aí, senhores, com este nosso animado companheiro! Que tal, meu querido? Não gostaria de participar agora da justa da quintana?* Penso que está em plena forma para essa prova de destreza! Mas, pensando melhor, acho que não, pois você bebeu tanto vinho que já chegou ao estágio do macaco*, aquele em que os ébrios gostam de brincar com palhas."

Essa conversa realmente enfureceu o Cozinheiro, que, tendo perdido a fala de tanta raiva, avançou para o Provedor com um cabeceio. A violência do gesto, contudo, o derrubou do cavalo, e lá ficou ele estirado no chão até que o levantassem. Que belo feito de armas para um cozinheiro! Ora, por que teve de largar a sua concha?! Antes que ele se visse de novo na sela, houve um tremendo empurra-empurra para reerguê-lo, com muito trabalho e muita luta, pois não era nada fácil lidar com aquela pobre alma largada.

Voltando-se para o Provedor, disse então o Albergueiro: "Por minha salvação, dominado como está pelo signo da bebida, acho que esse homem só poderia mesmo contar uma história bem ruinzinha. Não sei se ele se embebedou com vinho ou com cerveja envelhecida, mas o fato é que está falando pelo nariz e não pára de fungar. Até parece resfriado. Ele já tem muito com que se ocupar só em tentar manter a si mesmo e o seu rocim fora das valas; se ele cair de novo, todos nós vamos ter que dar duro outra vez para levantar seu corpo bêbado, com todo aquele peso. Conte o senhor uma história, e vamos deixá-lo de lado.*

"Antes, porém, Provedor, só mais uma coisa: parece-me que o senhor não foi muito prudente ao criticar o vício dele com tanta franqueza. Um dia desses ele pode muito bem pegá-lo, atraindo-o para si como o falcoeiro chama de volta o falcão. Por exemplo, ele pode espalhar certas coisas; pode fuçar em sua contabilidade, e descobrir falcatruas que serão provadas."

"É", concordou o Provedor, "isso seria muito desagradável! Ele pode facilmente preparar-me uma armadilha. Logo a mim, que seria capaz de comprar-lhe a égua que está montando, só para não criar caso com ele. Não quero deixá-lo com raiva, Deus me livre! Tudo o que falei foi por brincadeira. Mas sabe de uma coisa? Tenho aqui comigo uma cabaça com um vinho muito bom, de uva madura... Você há de ver uma coisa engraçada. Vou oferecê-la agora mesmo ao cozinheiro, e aposto meu pescoço como ele não irá recusá-la."

E, dito e feito, o Cozinheiro, ai! – sem mentira alguma, – esvaziou seu conteúdo num piscar de olhos. Precisava fazer isso? Já não havia bebido o bastante? Depois de tocar sua corneta, devolveu a cabaça ao Provedor, garantindo-lhe que apreciara muito a bebida e expressando-lhe a sua gratidão da melhor forma que podia.

Nosso Albergueiro soltou então uma sonora gargalhada: "Por aí se vê como a gente sempre tem que levar consigo uma boa bebida para onde quer que vá. Ela transforma a dissensão e o rancor em amor e concórdia, apagando as ofensas. Oh, bendito seja o nome de Baco, que faz das coisas sérias uma brincadeira! Devemos adorar e agradecer à sua divindade! Mas agora vamos mudar de assunto. Peço-lhe, senhor Provedor, que nos conte a sua história."

"Bem, Senhor", disse ele, "então preste atenção ao que vou narrar."

Aqui termina o Prólogo.

Aqui tem início o Conto do Provedor sobre o Corvo.

Quando Febo vivia aqui embaixo na terra, ele era, segundo relatam livros muito antigos, o mais alegre jovem do mundo, e também o melhor arqueiro. Foi ele quem matou Píton, a serpente, surpreendendo-a um dia enquanto dormia ao sol. E muitos outros nobres feitos realizou com o seu arco, conforme se pode ler.

Febo não só tocava todos os instrumentos, mas também sabia cantar com uma voz tão maviosa que dava gosto ouvir. Anfião, aquele célebre rei de Tebas, que ergueu com o seu canto as muralhas da cidade, não cantava por certo sequer a metade do que ele era capaz. Além disso, era o homem mais bonito que existia, ou que existiu, desde que o mundo é mundo. Será preciso descrever-lhe os traços? Mas eu já disse que ninguém foi mais formoso que ele! E, para completar, era todo nobreza e honra e dignidade.

Esse Febo, essa flor da juventude por sua generosidade e sua bravura, segundo a história, gostava de ser representado com um arco na mão, para recordar sua vitória sobre Píton.

Febo tinha em casa um corvo, que criara numa gaiola desde pequenino, e a quem ensinara a falar como se ensina a um papagaio. Era um corvo branquinho como o níveo cisne; e sabia contar histórias e imitar a voz de qualquer um. Não havia no mundo rouxinol que, nem pela centésima-milésima parte, soubesse cantar com a mesma graça e beleza.

Febo também tinha em casa uma esposa, a quem amava mais que a própria vida; fazia de tudo, dia e noite, para agradá-la e mostrar-lhe sua consideração. Só que, para falar a verdade, ele era muito ciumento, e queria mantê-la sempre trancada, pois, como todos os homens nessa situação, morria de medo de ser enganado. Se bem que essa seja uma inútil cautela, que não resolve nada. Quando a mulher é boa, limpa no pensamento e nas ações, sem dúvida o marido não tem necessidade alguma de vigiá-la; e quando ela não presta, a vigilância é na verdade pura perda de tempo, porque de nada adianta. Nesse ponto, concordo com o que os antigos sábios escreveram em suas biografias, pois também considero uma verdadeira tolice essa preocupação com a guarda das esposas.

Mas vamos ao ponto. Como eu dizia, Febo fazia de tudo para satisfazê-la, pensando que, com seus agrados, sua virilidade e sua conduta, nenhum outro a roubaria dele. Sabe Deus, entretanto, que não há abraço que consiga segurar uma inclinação que a natureza colocou naturalmente numa criatura!

Tome, por exemplo, uma ave qualquer, ponha-a numa gaiola, e depois trate dela com todo zelo e dedicação, dando-lhe de comer e de beber as mais refinadas delícias que puder imaginar, e conservando-a na maior limpeza possível. Por mais que seja agradável a sua gaiola de ouro, assim mesmo essa ave irá preferir vinte mil vezes viver numa floresta fria e agreste, comendo vermes e outras porcarias. Por isso, ela há de estar constantemente à espera de uma oportunidade para fugir. Tudo o que deseja é a liberdade.

Ou tome um gato, alimente-o com leite e carne tenra, e ponha-o a dormir numa almofada de seda. Assim que avistar um rato a correr junto à parede, ele há de largar o leite, a carne e tudo, esquecendo-se dos luxos que há na casa, para sucumbir à vontade natural de devorar o tal rato. Aí está como o instinto acaba por se impor, e como o desejo foge ao controle.

Também a loba tem essa natureza malvada, e, quando chega o cio, muitas vezes escolhe como companheiro o lobo mais vagabundo que encontra, e de pior reputação.

Evidentemente, todos esses exemplos que estou dando se aplicam aos homens que são infiéis, não às mulheres. Isso porque os homens, em geral, sentem prazer maior em satisfazer sua luxúria pervertida com companhias inferiores do que com as próprias esposas, por mais que estas sejam bonitas, fiéis e afáveis. Nossa carne, – maldita seja! – está sempre pedindo novidade, de modo que não achamos graça nas coisas que, de alguma forma, condizem com a virtude.

E foi assim que Febo, que não tinha qualquer malícia, foi enganado, não obstante todas as suas boas qualidades; sua mulher o tapeou com um parceiro muito inferior, um homem de pouca reputação, que, em comparação com ele, não valia nada. Isso, como eu disse, é uma coisa que acontece com freqüência, sendo motivo de muita desgraça e muito sofrimento.

O que se deu foi que, estando Febo fora de casa, sua mulher mandou chamar o amante. O amante? Oh, que termo chulo! Queiram perdoar-me, por favor. Dizia o sábio Platão, conforme se pode ler, que os termos precisam se adequar aos objetos; quando se quer falar com propriedade, as palavras devem ser gêmeas do ato. Sendo um homem sem cultura, é desse jeito que eu sempre me expresso. Mesmo porque, para mim, não há nenhuma distinção entre a mulher de alta classe, que se comporta de forma imoral, e a mocinha pobre que se entrega com facilidade, porque ambas agem mal; a única diferença é que a nobre, em seu alto estado, é chamada de "dama do coração", enquanto a outra, que vive na miséria, não passa de uma "concubina" ou de uma "vaca". Ah, meus caros irmãos, Deus sabe, porém, que uma se rebaixa tanto quanto a outra.

A mesma coisa acontece quando se compara um tirano usurpador com um bandido ou salteador de estradas; não há qualquer diferença entre eles. Segundo um texto antigo, disseram certa vez a Alexandre Magno que, como o tirano, devido ao número de seus seguidores, tem mais amplo poder para trucidar as pessoas, queimar as casas e os lares, e arrasar todas as coisas, ele é, por isso, chamado de "capitão"; já o salteador, que tem um bando pequeno, e não pode fazer tanto mal nem destruir um país, é chamado de "bandido" ou de "ladrão".

Mas, não sendo eu um homem estudado, não quero continuar aqui citando textos. Deixem-me voltar ao conto que iniciara.

Depois que a mulher de Febo mandou chamar o amante, os dois logo trataram de satisfazer sua volúvel luxúria. Enquanto trabalhavam, o corvo branco, lá do alto, ficou a observar tudo de sua gaiola, sem dizer uma palavra. Quando, porém, Febo, o seu dono, voltou para casa, e o chamou cantarolando:

"Corvo! Corvo! Corvo!"

O corvo, como um eco, respondeu:

"Corno! Corno! Corno!"

"O que é isso, ave?!" exclamou Febo. "Que música é essa? Antes você sempre cantava coisas agradáveis, alegrando com sua voz meu coração! Ai, que música é essa?"

"Por Deus!" disse-lhe o corvo. "A música está certa! Saiba, Febo, que, malgrado o seu valor, malgrado os seus encantos e nobreza, malgrado a sua voz e sua arte nos instrumentos, e malgrado os seus cuidados, sua mulher o enganou, com um indivíduo de pobre reputação. Por minha alma, comparado a você, ele vale menos que um mosquito. E eu o vi trepando nela em sua cama!"

Que mais querem? O corvo contou-lhe tudo direitinho, descrevendo, com indícios seguros e sem meias-palavras, como a esposa satisfizera a sua lascívia e lhe trouxera a vergonha e o dissabor. E a todo instante o lembrava de que vira tudo com os próprios olhos.

Febo, com o coração a ponto de estourar no peito, virou-lhe as costas, tomou de uma flecha, retesou o seu arco e, presa da cólera, matou a mulher. Foi o que fez, e basta! Depois, no desespero, arrebentou todos os seus instrumentos, – a harpa, o alaúde, a guitarra, o saltério; em seguida, espedaçou também seu arco e as flechas. Finalmente, aproximando-se outra vez do corvo, falou:

"Traidor, foi você, com sua língua de escorpião, quem arruinou a minha vida! Ah, o que é que eu fiz?! Por que não estou morto também? Oh, minha esposa adorada! Gema valiosa da alegria! Você, que era tão boa e tão fiel a mim, agora está morta, com o rosto coberto de palor! E tenho certeza, oh sim, de que morreu na inocência... Oh mão impetuosa, cometer um crime destes! Oh mente perturbada, oh ira incontida, ferindo imprudentemente a quem não teve culpa! Oh desconfiança, cheia de falsas suspeitas! Onde estavam a sua perspicácia e o seu bom-senso? Ah, acautelem-se todos contra a precipitação! Ninguém creia em nada sem provas convincentes; ninguém agrida sem saber por quê; ninguém mate ninguém cegado pela suspeita, pois que toda ação requer ponderação e cuidado. Ai, o estouvamento já aniquilou milhares, que se atolaram em seu lamaçal. Ai, acho que vou matar-me, tão grande é minha dor!" E então, fixando bem os olhos no corvo, gritou: "E você?! Oh ladrão mentiroso, vai me pagar por sua mentira! Agora, ave falsa,

você vai ficar sem seu canto, que era igual ao do rouxinol; também vai perder suas penas brancas, e nunca mais irá dizer palavra alguma. É essa a vingança que um traidor merece! A partir de agora, você e seus descendentes serão negros, e, sem a voz maviosa, irão apenas dar gritos que prenunciam chuva e tempestade, lembrando, dessa forma, que foi por sua causa que morreu minha mulher."

E aí, agarrando o corvo, ele o privou de toda a plumagem branca, e deu-lhe em troca penas negras; depois, tirou dele o canto e a fala; depois, atirou-o porta afora, conclamando o diabo a que o levasse. E, por isso, desde então, todos os corvos são pretos.

Senhores, – peço-lhes, – não se esqueçam dessa história, e cuidado com o que falam. Nunca contem a alguém que outro homem dormiu com sua mulher, pois ele os odiará por toda a vida. Não é à toa que Dom Salomão, segundo os sábios, nos aconselha a dominar a nossa língua. Mas, como eu disse, não entendo de leituras. Só vou repetir aqui o que minha velha mãe dizia.

"Meu filho," dizia ela, "lembre-se do corvo, pelo nome do Senhor! Quem conserva a língua muda, conserva as amizades. Uma língua ferina, meu filho, é pior do que um demônio; e contra ela também devemos persignar-nos. Meu filho, o Criador, na sua infinita bondade, cercou a língua com dentes e com lábios, para que o homem pudesse controlar melhor a emissão de suas palavras. Dizem os sábios, meu filho, que muitas vezes o homem se perde por falar demais; mas nunca alguém se danou por falar com sensatez. Meu filho, reprima sempre sua língua, exceto quando se dispuser a falar de Deus, no louvor ou na oração. Se quer saber, filho meu, digo-lhe que a maior virtude consiste em guardar e dominar a língua; e é isso o que as crianças todas devem aprender, desde a mais tenra infância. Ensinaram-me, meu filho, que muitas desgraças provêm do excesso de palavras, quando poucas bastariam. Não falta pecado na tagarelice. Sabe para que serve a língua solta? Assim como a espada corta e divide um braço em dois, assim também a língua solta divide uma amizade. Deus abomina o tagarela. Leia o sábio e venerável Salomão; leia os salmos de Davi; leia Sêneca. Meu filho, não fale quando basta um aceno da cabeça. Finja-se de mudo quando o mexeriqueiro toca em temas perigosos. Convém recordar-se do que dizem os flamengos: pouca conversa, muito sossego! Meu filho, quem não diz malevolências, não teme trair-se; mas, – posso assegurar-lhe, – quem diz o que não deve, não tem como chamar de volta o que falou. O que está dito está dito, e ninguém segura mais; não adianta arrepender-se ou ficar triste. Quem não gosta do que disse, torna-se escravo de suas próprias palavras. Meu filho, evite espalhar mexericos, sejam eles boatos ou verdades. E, esteja onde estiver, com grandes ou humildes, cuidado com a língua... e lembre-se do corvo!"

Aqui termina o Conto do Provedor sobre o Corvo.

O CONTO DO PÁROCO

(Excertos)

Segue-se aqui o Prólogo do Conto do Pároco

Nesse ponto, o Provedor terminara a sua história, e o sol se achava tão abaixo da linha meridional que, a meu ver, sua altitude devia ser de vinte e nove graus. Calculo que seriam quatro horas da tarde*, pois minha sombra se estendia então por onze pés, pouco mais ou menos, o que daria, em relação à minha altura, a proporção correspondente a seis pés. E quando o signo de exaltação da lua, – ou seja, Libra*, – começou sua ascensão, alcançamos a entrada de uma aldeia. Em vista disso, o Albergueiro, com aquele seu jeito próprio de conduzir a nossa alegre comitiva, assim falou: "Atenção, senhores! Agora só falta um conto para ser narrado. Minha intenção e meu decreto foram seguidos à risca, pois, se não me engano, já ouvimos pessoas de todas as categorias, de modo que o que determinei está praticamente cumprido. Que Deus abençoe ao que souber contar com graça a nossa última história. Senhor Padre," chamou ele, "o senhor é

Vigário ou Pároco? Vamos, diga a verdade! Mas, seja lá o que for, não vá estragar a nossa brincadeira, porque até agora ninguém se recusou a apresentar o seu relato. Abra a fivela, e mostre o que tem na mala! O senhor tem cara de quem sabe entretecer histórias muito interessantes. Pelos ossos do galo, brinde-nos logo com um belo conto!"

O Pároco imediatamente retrucou: "De mim é que não terão conto algum, pois São Paulo, na epístola a Timóteo, condena quem se afasta da verdade, contando fábulas ou outras bobagens sem sentido. Por que iria eu semear o joio com meu punho, se posso semear o trigo que me agrada? Eis porque, caso ainda me queiram ouvir, pretendo tratar da virtude e da moral, oferecendo-lhes prazerosamente, com a sua anuência e com espírito reverente a Cristo, um tipo de distração que a lei de Deus sanciona. Mas, vejam bem, sou um inglês do sul: não saberia, como os do norte, aliterar meus versos com aquele *rum-ram-ruf*; por outro lado, – e Deus é testemunha disso, – também não sou muito bom nas rimas. Por isso, se estiverem de acordo, não procurarei agradar aos sentidos com a música da poesia, preferindo oferecer-lhes um alegre relato em prosa, para desfecho e conclusão deste nosso entretenimento. E que Jesus, com sua graça, me dê inspiração para mostrar-lhes, nesta romaria, o caminho daquela outra peregrinação, perfeita e gloriosa, para a Jerusalém celestial. Com sua licença, darei início agora mesmo à minha fala, tão logo saiba o que pensam. Nada mais poderia dizer. De qualquer modo, esclareço que submeto à correção dos estudiosos a meditação que ora desejo apresentar, visto que não sigo os textos literalmente, contentando-me com o sentido geral. Esse o motivo porque me declaro aberto a correções."

Diante disso, todos nós prontamente consentimos que falasse, porque assim não apenas lhe concedíamos o tempo e a atenção que esperava, mas também, pelo que tudo sugeria, concluiríamos a nossa diversão com algumas considerações morais. Rogamos, pois, ao nosso Albergueiro que lhe dissesse que era desejo de todos ouvi-lo.

O Albergueiro foi o nosso intermediário: "Senhor Padre," disse ele, "boa sorte! Apresente-nos a sua meditação; mas apresse-se, pois o sol está se pondo. Seja fecundo, mas sucinto. E que Deus o ilumine com sua graça. Pode dizer o que quiser, que ouviremos com prazer." Depois dessas palavras, disse ele o seguinte:

Explicit prohemium.

Aqui começa o Conto do Pároco.

Jer. 6º State super vias et videte et interrogate de viis antiquis, quae sit via bona; et ambuiate in ea, et invenietis refrigerium animabus vestris &c.

§ 1. Nosso bondoso Deus do Céu, que não deseja que nenhum homem pereça, mas quer que todos nós possamos conhecê-lo e alcançar a vida bem-aventurada, que é eterna, admoesta-nos, através de Jeremias, com as seguintes palavras: Ponde-vos à margem dos caminhos e vede e interrogai pelas antigas veredas (isto é, pelas antigas doutrinas) qual é o bom caminho; e andai por esse caminho, e encontrareis o refrigério para vossas almas etc. Muitos são os caminhos espirituais que levam as almas a Nosso Senhor Jesus Cristo e ao reino da glória. Desses caminhos há um caminho mui nobre e recomendável, que não falha nunca ao homem ou à mulher que se extraviou do caminho certo para a Jerusalém celestial; e esse caminho se chama Penitência, a cujo respeito o homem deve alegremente ouvir e indagar de todo o seu coração, a fim de saber o que é a Penitência, e os modos das ações e dos trabalhos da Penitência, e quantas espécies há de Penitência, e o que convém ou toca à Penitência, e o que prejudica a Penitência.

§ 2. Santo Ambrósio diz que a Penitência é o pesar do homem pelo erro que cometeu, e não mais praticar nada que deva deplorar. E um Doutor da Igreja diz: "A Penitência é o lamento do homem que sofre per seu pecado e se tortura pelo que fez de mal." A Penitência, em certas

circunstâncias, é o verdadeiro arrependimento daquele que impõe a si mesmo a tristeza e outras penas por causa de suas culpas. E, para que seja um verdadeiro penitente, ele primeiro lamenta os pecados que cometeu, e depois firmemente se decide em seu coração a confessar-se pela própria boca, e a oferecer reparo, e a nunca mais fazer algo que possa lamentar ou deplorar, e a prosseguir nas boas obras, caso contrário de nada serve o seu arrependimento. Pois, como diz Santo Isidoro, "é um galhofeiro e um mentiroso, e não um verdadeiro penitente, quem logo em seguida faz algo de que deve arrepender-se". De nada serve chorar, se não se abandona o pecado. Todavia, muitos acreditam que sempre que o homem cai, não importa quantas vezes, pode ele erguer-se através da Penitência, se obtiver graça; mas isso certamente é muito duvidoso. Pois, como diz São Gregório, "dificilmente se ergue de seu pecado quem é culpado da culpa do mau hábito". A Santa Igreja, portanto, considera mais segura a salvação do arrependido que renuncia ao pecado, abandonando o pecado antes que o pecado o abandone. Contudo, a Santa Igreja tem esperança também na salvação do que peca continuadamente e no fim se arrepende com sinceridade, graças à grande mercê de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é capaz de dar o arrependimento. Escolhei, porém, o caminho seguro.

E, nesse estilo, prossegue o Pároco por quase uma centena de páginas, falando da Penitência e dos Sete Pecados mortais. Como se vê, esqueceu-se por completo da recomendação do Albergueiro para que fosse "fecundo, mas sucinto". Por isso, tentaremos nós abreviá-lo, seguindo o excelente resumo que Nevill Coghill fez de seu misto de sermão e tratado moral.

Uma vez definida a Penitência, afirma o pregador que a raiz da árvore da Penitência é a *contrição*, os galhos e as folhas são a *confissão*, o fruto a *satisfação*, a semente a *graça*, e o calor vital dentro da semente o *Amor de Deus*.

A *contrição* é a tristeza do coração pelo pecado. O pecado pode ser venial ou mortal. O pecado venial consiste em amar a Cristo menos do que se deve; o pecado mortal consiste em amar a criatura mais que o Criador. O pecado venial pode levar ao pecado mortal. Há sete pecados mortais, ou capitais, o primeiro dos quais é o Orgulho.

O *Orgulho* se manifesta de várias formas: arrogância, impudência, hipocrisia jactanciosa, alegria pelo mal que se fez etc. Pode ser interior e exterior. O orgulho exterior é como o anúncio à porta da taverna, que mostra que há vinho na adega. Revela-se através da riqueza ou da pobreza dos trajes, ou pela própria postura do corpo, – por exemplo, quando "as nádegas se sobressaem como as partes traseiras de uma macaca ao luar". Podemos mostrar o orgulho pecaminoso no séquito que escolhemos para nós, na hospitalidade ostensiva, na nossa força física, na própria cortesia. O remédio contra o Orgulho é a Humildade, ou o verdadeiro autoconhecimento.

A *Inveja* é a tristeza pela prosperidade dos outros e a alegria pela sua desgraça. É o pior dos pecados, pois se coloca contra todas as outras virtudes e todo bem, opondo-se frontalmente ao Espírito Santo, a fonte da Bondade. Os mexericos e os resmungos constituem o Padre-Nosso do Diabo. O remédio contra a Inveja é amar a Deus, o próximo e os inimigos.

A *Ira* é o desejo perverso de vingança. A ira contra o mal, entretanto, não é pecado, pois é cólera sem amargura. A ira perversa pode ser repentina ou premeditada; a pior é a última. A maldade estudada expulsa o Espírito Santo de nossa alma. É a fornalha do Demônio e, como tal, aquece o ódio, o homicídio, a traição, a mentira, a bajulação, o desprezo, a discórdia, as ameaças e as maldições. O remédio contra a Ira é a Paciência.

A *Acídia* trabalha de má vontade, apaticamente e sem alegria, sentindo-se sobrecarregada quando tem que fazer o bem. Afasta-nos da oração. É o pecado apodrecido da Preguiça, que nos leva ao desespero. O remédio é a Persistência.

A *Avareza* é o traiçoeiro desejo pelas coisas materiais, uma espécie de idolatria. Cada moeda no cofre é uma divindade, um ídolo. Estimula a extorsão da plebe por parte dos senhores, a fraude, a simonia, o jogo, o roubo, o falso-testemunho, o sacrilégio. O remédio é a Misericórdia, a "piedade no mais lato sentido".

Seguem-se, finalmente, a Gula e a Luxúria, pela ordem. A *Luxaria* é um parente próximo da Gula. Apresenta muitas formas, e é o maior roubo que se pode praticar, visto que rouba o corpo e a alma. Os remédios são a Castidade e a Continência, além da moderação no comer e no beber. Quando o caldeirão ferve demais a melhor solução é tirá-lo do fogo.

Quanto à *Gula*, vejamos, na íntegra, o que diz o Pároco a seu respeito, já que se trata de um

pecado que dele recebe um tratamento excepcionalmente breve:

Sequitur de Gula.

§ 70. Depois da Avareza vem a Gula, que também contraria o mandamento de Deus. A Gula é o desejo desmedido de comer e de beber, ou o ato de satisfazer o apetite desmedido e a desordenada vontade de comer e de beber. Esse pecado foi a ruína do mundo, como bem o demonstra o pecado de Adão e Eva. Também prestai atenção ao que diz São Paulo sobre a Gula: "Muitos", diz São Paulo, "andam entre vós, dos quais eu repetidas vezes vos dizia e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo; o destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas." O viciado no pecado da Gula não resiste a nenhum pecado; escraviza-se a todos os vícios, pois se abriga e repousa na despensa do diabo. Há muitas espécies desse pecado. A primeira é a embriaguez, que é a horrível sepultura da razão humana; portanto, quando um homem fica bêbado, perde a razão, e isso é pecado mortal. Na verdade, porém, quando se trata de um homem não viciado na bebida, ainda que de repente venha a ser surpreendido embriagado, seja porque desconhece a força da bebida, seja porque tem a cabeça fraca, seja porque bebeu um pouco mais por estar muito cansado do trabalho, não comete ele pecado mortal, mas venial. A segunda espécie de Gula é quando a mente do homem fica perturbada pela embriaguez, que o priva da lucidez da inteligência. A terceira espécie de Gula é quando o homem devora o seu alimento, e não sabe comer de maneira correta. A quarta é quando, devido ao excesso de alimento, destemperam-se os humores do corpo. A quinta é o estupor provocado pela bebida, que leva o homem a esquecer, antes da manhã, o que fez na tarde ou na noite anterior.

§ 71. As espécies de Gula podem ser classificadas de outro modo, segundo São Gregório. A primeira é comer antes da hora de comer. A segunda é procurar comidas ou bebidas requintadas. A terceira é não respeitar a moderação. A quarta é o refinamento, com excessivos cuidados na feitura e no preparo dos alimentos. A quinta é comer com avidez. São esses os cinco dedos da mão do Demônio, com a qual arrasta os homens para o pecado.

Remedium contra peccatum Gulae.

§ 72. O remédio contra A Gula é a Abstinência, como diz Galeno. Mas isso não tem mérito algum quando o que se visa é apenas à saúde do corpo. Santo Agostinho quer que a abstinência seja praticada com paciência e com vistas à virtude. "A abstinência", diz ele, "pouco vale se não for praticada com boa vontade, e não for comandada pela paciência e pela caridade, e não for inspirada pelo amor de Deus e pela esperança de se alcançar a bem-aventurança do Céu."

§ 73. Os companheiros da Abstinência são a Temperança, que assegura o equilíbrio de todas as coisas; a Vergonha, que evita a desonestidade; o Contentamento, que não procura alimentos ricos e bebidas, nem se preocupa com o esmero excessivo na preparação da comida; o Comedimento, que refreia pelo uso da razão o apetite deslavado; a Sobriedade, que refreia os exageros no beber; e a Frugalidade, que refreia o ócio requintado dos que ficam longo tempo à mesa, sentados no macio, enquanto estimula alguns a voluntariamente tomarem suas refeições de pé e com menor conforto.

Terminada a apresentação dos Sete Pecados Capitais, o Pároco fala ainda da Confissão e da Satisfação.

A *Confissão* deve ser feita livremente e na mais sincera fé. A pessoa deve confessar os seus próprios pecados, dizendo sempre a verdade, com a própria boca, sem disfarçá-la com palavras ambíguas. Não deve ser um ato apressado nem freqüente, mas conscientemente meditado.

A *Satisfação*, de modo geral, provém da caridade, da penitência, do jejum e dos sofrimentos corporais. Seu fruto é a eterna ventura no Céu.

E é com alusões à bem-aventurança, como veremos, que se encerra o sermão, ao qual se segue

imediatamente a RETRATAÇÃO DE CHAUCER.

§ 103. Então os homens compreenderão qual é o fruto da penitência; e saberão, de acordo com a promessa de Jesus Cristo, que é a eterna felicidade no Céu, onde a alegria jamais é empanada pela dor e pelo sofrimento; onde se acabam todos os males desta vida terrena; onde se fica ao abrigo dos castigos do Inferno; onde está a ditosa companhia dos que se regozijam para sempre com as alegrias uns dos outros; onde o corpo do homem, que antes era imperfeito e escuro, se torna mais claro que o sol; onde o corpo, que antes era enfermiço, débil e fraco e mortal se torna imortal, e tão forte e tão sadio que nada mais pode feri-lo; onde não há nem fome, nem sede, nem frio, mas onde todas as almas resplendem à luz do perfeito conhecimento de Deus. Os homens podem comprar esse reino bem-aventurado com a pobreza espiritual, e a glória com a humildade, e a plenitude do júbilo com a fome e a sede, e o descanso com o trabalho, e a vida com a morte e a mortificação dos pecados.

Aqui o autor deste livro apresenta as suas despedidas.

§ 104. Agora peço a todos que ouvirem ou lerem este pequeno tratado que, se alguma coisa de seu agrado houver aqui, agradeçam por isso a Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual procede todo talento e toda virtude. E, por outro lado, se houver algo que os desagrade, peço que o debitem às limitações de minha competência, e não à minha vontade, pois eu certamente teria me expressado melhor se tivesse sabido como fazê-lo. Pois diz o nosso Livro: "Tudo o que está escrito está escrito para a nossa edificação"; e foi isso o que pretendi. Solicito-vos, portanto, humildemente, pela graça de Deus, que oreis por mim, para que Cristo tenha piedade de mim e perdoe os meus erros, – e, de modo especial, as minhas traduções e composições referentes às vaidades do mundo, que ora rejeito em minha retratação, como o livro de *Tróilo**, o livro da *Fama*, o livro das *Dezenove Damas*, o *Livro da Duquesa*, o livro do *Dia de São Valentim do Parlamento das Aves*, os *Contos de Cantuária*, nas partes que soam pecaminosas, o *Livro do Leão* e muitas outras obras, que nem me vêm à lembrança, além de muitas canções e poemas sensuais. Que Cristo, em sua infinita mercê, me perdoe esses pecados. Mas pela tradução do *De Consolatione* de Boécio e por outros livros sobre as vidas dos santos, e homilias, e trabalhos de moral e devoção, agradeço a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Mãe bendita e a todos os santos do Céu, rogando-lhes que de agora em diante, até o fim de minha vida, me enviem a graça de arrepender-me de minhas culpas e de preparar a salvação de minha alma, assegurando-me a dádiva da verdadeira Penitência, da Confissão e da Satisfação, para que eu viva neste mundo, – pela bondade generosa daquele que é rei dos reis e sacerdote sobre todos os sacerdotes, e que nos redimiu com o precioso sangue de seu coração, – de modo a poder figurar entre aqueles que, no dia do Juízo, deverão salvar-se. *Qui cum Patre et Spiritu Sancto vivit et regnat Deus per omnia saecula. Amen.*

Aqui termina o livro dos Contos de Cantuária, compilado por Geoffrey Chaucer, de cuja alma tenha piedade Jesus Cristo. Amém.

NOTAS

Apesar de diversas fontes terem sido utilizadas, a maior parte destas informações foi baseada em F.N. Robinson, quer diretamente, quer através de Nevill Coghill, cujo sistema de notas se adotou aqui.

Pág.

14 ***Mártir.*** Alusão a Sto. Tomás Beckett. Seu túmulo não mais se acha na Catedral de Cantuária, pois foi desmantelado por ordem de Henrique VIII no início da Reforma Protestante.

15 ***Alexandria.*** Cidade tomada pelos cristãos no século XIV. Os lugares em que o Cavaleiro combateu mostram que ele esteve nas três grandes frentes de luta contra o "paganismo": 1. no Oriente Próximo, onde se situavam Alexandria (Egito), Aias (Cilícia Armênia), Atalia e Palatia (Turquia); 2. no nordeste europeu, onde os Cavaleiros Teutônicos moviam guerra aos lituanos, polacos e russos; e 3. na Espanha árabe, com Granada e Algeciras, e no vizinho Maghreb, em que se localizava o reino mouro de Ben-Marin com a cidade de Tramissena (atual Tlemcen). O Grande Mar era como alguns chamavam o Mediterrâneo Oriental, para distingui-lo dos pequenos mares da Palestina (o Mar Morto e o lago de Tiberíades).

16 ***Amor vincit omnia.*** "O amor tudo vence." O lema é irônico, porque a palavra *amor* em latim não exclui a atração carnal (ao contrário de *charitas*, que designa o amor cristão).

Montaria. Era esse o nome que se dava à caça nos montes, com o auxílio de cães. A *cetraria*, por sua vez, era a caça com falcões amestrados, que em geral se praticava nos vales, ao longo dos rios.

17 ***As quatro ordens.*** Menção às quatro ordens de frades: os dominicanos ("black friars"), os franciscanos ("grey friars"), os carmelitas ("white friars") e os agostinianos.

Nos "dias do amor". Eram dias destinados ao acerto amigável das contendas, evitando-se assim a ida aos tribunais.

O pórtico da igreja de São Paulo. O pórtico da igreja de São Paulo, a catedral gótica de Londres (que foi destruída pelo fogo em 1666 e substituída pela atual estrutura de Christopher Wren), era o tradicional ponto de encontro dos advogados com os seus clientes.

18 ***Um Proprietário de Terras Alodiais.*** Esses proprietários rurais *(Franklins)* não estavam subordinados a nenhum senhor feudal. Entretanto, embora livres, não pertenciam à nobreza, na qual aspiravam ingressar.

19 ***Ascendentes.*** O ascendente, no horóscopo de uma pessoa, corresponde ao signo que, no dia do nascimento, se achava em ascensão no horizonte.

Quente ou fria ou seca ou úmida. Para a medicina medieval, as moléstias eram causadas por desequilíbrios nos quatro "humores" do corpo. Esses humores, intimamente relacionados com os quatro "elementos", eram: o humor melancólico, localizado na bílis negra, que era frio e seco (como a "terra"); o *sangüíneo*, localizado no sangue, que era quente e úmido (como o "ar"); o *colérico*, na bílis amarela, que era quente e seco (como o "fogo"); e o *fleumático*, na fleuma, que era frio e úmido (como a "água"). Bom exemplo de pessoa sangüínea é o Proprietário de Terras, de compleição vermelha e barba branca (lembrando um Papai Noel), risonho e bonachão, sujeito a acessos de raiva passageiros; já o Feitor, outro peregrino, irá ilustrar o temperamento colérico.

Esculápio. A "bibliografia" do doutor inclui todas as grandes autoridades da ciência médica de então, desde o mitológico deus da medicina, Esculápio, e os gregos Dioscórides, Rufus, Hipócrates, Galeno e Serapião, até os médicos e astrônomos árabes (como João de Damasco ou Damasceno, Ali, Avicena, Razis e Averróis) e cristãos. Entre estes figuram: Constantinus Afer, um dos fundadores da Escola de Medicina de Salerno (e que vem mencionado também em *O Conto do Mercador* como autor do livro *De Coitu*); Bernardo Gordônio, professor em Montpellier; John Gatesden, médico de Oxford; e

Gilbertino, que deve ser o então famoso Gilbertus Anglicus.

20 ***"Polegar de ouro."*** Para ajustar as máquinas do moinho e poder obter produto refinado, o moleiro examinava constantemente a espessura da farinha, esfregando-a com o polegar. Dizia-se, por isso, que o bom moleiro tem um "polegar de ouro". No texto a intenção é irônica, porque o moleiro de Chaucer usava o polegar para desviar e roubar a farinha dos fregueses.

21 ***Querubim.*** Na arte medieval os querubins eram representados com rostos vermelhos.

Questio quid júris. "A questão é: que parte da lei (se aplica)?"

Significavit. "Significavit nobis venerabilis pater..." ("O venerável pai nos comunicou...") eram as palavras iniciais nas ordens de prisão contra os excomungados.

Hospital de Ronscevalles. Hospital ligado ao convento de Nuestra Senora de Ronscevalles, em Navarra, que, instalado em Londres, perto de Charing Cross, ficou célebre pelos abusos de seus membros nas vendas de indulgências.

28 ***Célula da fantasia.*** Imaginava-se o cérebro humano dividido em três secções ou "células": a frontal era a da fantasia (ou imaginação); a intermediária, a da razão; e a posterior, a da memória.

34 ***Rúbeus e Puella.*** No método de adivinhação da geomancia, a pessoa fazia rapidamente quatro fileiras de pontos, que depois eram contados. As fileiras com totais ímpares eram reduzidas a um ponto, e as com totais pares, a dois pontos. As dezesseis combinações possíveis dessas quatro linhas de um e dois pontos constituíam as "figuras". Cada uma, além de ter um nome próprio, relacionava-se com um planeta, com o qual deveria ter características comuns. Assim, *Rúbeus* (Ruivo, Vermelho) e *Puella* (Menina) são figuras geomânticas aqui apresentadas como ligadas a Marte (embora haja dúvidas no caso da segunda).

Lucina. Como protetora do parto, Diana, assim como às vezes Juno, era chamada de Lucina (da raiz de *luz* e *lua*).

36 ***Na hora exata da deusa.*** A primeira hora de cada dia, quando raiava o sol, era dedicada ao planeta que dava nome àquele dia (por ex., *Sunday*, o dia do Sol, *Monday*, o dia da Lua, *Tuesday*, o dia de Marte etc). As horas subseqüentes eram depois atribuídas aos demais planetas, sempre de acordo com esta ordem: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Esta seqüência era repetida ao infinito. Desse modo, se Palamon foi ao templo de Vênus na madrugada de domingo, na exata hora da deusa, isso significa que ele esteve lá duas horas antes do amanhecer de segunda-feira, ou seja, duas horas antes da hora da Lua, quando foi a vez de Emília buscar o templo de Diana. Já a hora de Marte, escolhida por Arcita, viria três horas depois da aurora, isto é, após as horas da Lua, de Saturno e de Júpiter.

Hora desigual. Como, a não ser nos equinócios, os dias e as noites têm duração diferente, as suas doze horas planetárias são sempre "desiguais".

As três formas. No céu a deusa era *Luna*; na terra, *Diana*; e no inferno, *Prosérpina*.

40 ***Virtude expulsiva.*** A fisiologia da época acreditava que a vida de nosso corpo dependia da atuação conjunta de três forças ou "virtudes": a virtude *animal*, situada no cérebro; a virtude *natural*, no fígado; e a virtude *vital*, no coração. A "animal" era a que possuía poder "expulsivo" sobre os venenos, pois controlava os músculos.

45 ***Dionísio Catão.*** Escreveu uma coleção de máximas latinas, intitulada *Disticha de Moribus ad Filium*. Todas as menções a Catão, no livro de Chaucer, referem-se a esse escritor.

47 ***Chega a ofertar-lhe dinheiro.*** Era uma dádiva mais atraente para as moças que moravam na cidade, pois tinham como gastá-lo.

48 ***Esconjuro noturno.*** Esse esconjuro, também conhecido como o "Padre-Nosso Branco", era uma espécie de reza contra o feitiço. Quanto à obscura referência à *irmã de São Pedro*, talvez não passe de uma deturpação da invocação a Santa Petronilla, filha de São Pedro.

49 ***Teve tanto trabalho em levar sua mulher.*** Nas peças teatrais de então, os populares

"milagres", a mulher de Noé, numa espécie de interlúdio cômico, era geralmente representada como uma esposa rabugenta, que só a muito custo se decidia a entrar na arca.

52 ***Do sapateiro um médico ou um marujo.*** Alusão a uma fábula de Fedro (I, 14).

54 ***Como disse a égua para o lobo.*** Numa história daquele tempo, uma égua disse a um lobo, que queria comprar suas crias, que o preço estava escrito na pata de trás. Quando o lobo foi olhar, levou um coice.

57 ***Santa cruz de Bromeholm.*** Trazida do Oriente para Norfolk, em 1223, era tida como uma relíquia da verdadeira cruz de Cristo.

59 ***Dia artificial.*** É o período de tempo em que o sol fica acima da linha do horizonte, em contraposição ao "dia natural" de 24 horas.

Ceix e Alcíone. A história de Ceix e Alcíone se encontra em *O Livro da Duquesa*. Quanto às "mártires de Cupido" mencionadas a seguir, nem sempre há uma correspondência perfeita entre as que são aqui enumeradas e as que efetivamente figuram na *Legenda das Mulheres Exemplares*.

Com base em Apolônio de Tiro. Com esta repulsa, verdadeira ou fingida, às histórias de incesto, Chaucer parece ter visado ao poeta e amigo John Gower, que abordou tais temas em sua obra *Confessio Amantis*.

61 ***A senhora Constância.*** Na versão de John Gower, a heroína era filha de Tibério Constantino, que, em 578, se tornou Imperador Romano do Oriente (com sede em Constantinopla, e não em Roma). Sua filha, chamada Constantina, foi dada em casamento a Maurício de Capadócia, que, em 582, o sucedeu no trono de Bizâncio.

62 ***Oh Motor Primeiro.*** No sistema ptolomaico, o *Primum Mobile*, ou Motor Primeiro, a esfera que fica acima do céu das estrelas fixas, imprime aos astros um movimento do oriente para o ocidente, quando a inclinação natural de todos eles é a de mover-se do ocidente para o oriente. É a força desse Motor Primeiro (a que, na 4ª. Parte de *O Conto do Cavaleiro*, Teseu também alude) que, movendo os corpos celestes, determina as configurações astrais e, por conseguinte, a nossa sorte. É o que acontece em *O Conto do Magistrado*, quando o planeta Marte, regente do signo de Áries, ligado à 1ª. Casa, e de Escorpião, ligado à 8ª. Casa, é levado a esta última, que é a Casa da Morte. E é esse o *atazir*, – palavra de origem árabe que significa "influência", – que pesa sobre o matrimônio de Constância.

71 ***As mulheres, porém, não se importam com isso.*** Estas palavras, bem como as aspas que a seguir delimitam o parágrafo, foram acrescentadas ao texto, nesta tradução, para se adequar a fala ao sexo do narrador. Sua ausência no original, sugere que, a princípio, o conto se destinava à Mulher de Bath. Após a mudança, Chaucer não deve ter tido tempo de adaptá-lo ao Homem-do-Mar.

73 ***Ganelon de França.*** Foi o traidor do exército de Carlos Magno em Ronscevalles.

Cilindro. Era uma espécie de relógio de sol portátil.

75 ***Aquela vara.*** Alusão ao sistema da *talha*, segundo o qual o montante de uma dívida era indicado por certo número de cortes numa vara, dividida depois em dois pedaços, um para o credor e outro para o devedor. No ato do pagamento, os pedaços eram juntados para verificação. – Nesta tradução, procurou-se recriar o trocadilho do original, baseado no duplo sentido de *taillynge* (que tanto pode ser "tallying", usando a talha, quanto "tailing", enrabando).

76 ***Corpus dominus.*** Esse é o modo como o Albergueiro diz *Corpus Domini*, "Corpo do Senhor".

77 ***Gramática.*** O currículo escolar na Idade Média compunha-se do "trivium" (Gramática, Dialética e Retórica) e do "quadrivium" (Música, Aritmética, Geometria e Astronomia). Para que se entenda a declaração da personagem, é preciso ter em mente que o estudo da *gramática* era, de fato, o estudo do *latim*.

80 ***Milhafre adestrado.*** Quase tudo neste conto tem intenção irônica. Um cavaleiro de verdade caçaria com falcões. Em geral, eram os couteiros e os valetes que empregavam milhafres, – assim como arcos e flechas.
84 ***A Sir Horn, Sir Ipotis.*** A lista inclui referências a cavaleiros que foram temas de "romances de cavalaria" (como Sir Horn e Sir Guy of Warwick), de mistura com personagens de lendas populares (como Sir Ipotis) ou completamente desconhecidas (como Sir Pleindamour, "Sir Cheio de Amor").
87 ***Túlio.*** Marco Túlio Cícero.
90 ***Troféu.*** Segundo alguns, seria o nome de um vate caldeu, segundo outros o título da obra de que Chaucer teria extraído a história de Tróilo. Como "tropaea" (ou "trophea") significa "colunas", as conjecturas mais recentes apontam o nome como fruto de um engano do escritor, proveniente de alguma confusão com as Colunas de Hércules, mencionadas no texto.
93 ***Pedro, Rei de Castela e Leão.*** Foi, na verdade, um tirano, deposto e assassinado pelo próprio irmão, Dom Enrique. Chaucer toma seu partido porque ele estava mancomunado com o rei de Navarra, que, por sua vez, era aliado da Inglaterra na luta contra os franceses.
Águia negra em campo argênteo. Esse era o brasão de Bertrand Duguesclin, que teria urdido o assassinato de Pedro juntamente com Olivério Mauny, com cujo nome o poeta faz um trocadilho: *mau nid*, em francês arcaico, significa "mau ninho".
Bernabò Visconti. A morte de Visconti, ocorrida em 1385, é o mais recente fato histórico mencionado em *Os Contos de Cantuária.*
94 ***Ugolino, Conde de Pisa.*** Cf. *Inferno*, Cantos XXXII-XXXIII.
97 ***Bruto Cássio.*** Chaucer fundiu os assassinos de César, Bruto e Cássio, numa só pessoa.
99 ***As ascensões do equinocial.*** O equinocial é a grande circunferência resultante da projeção do equador terrestre na esfera celeste. Como a revolução diária percorre os seus 360 graus em 24 horas, cada hora equivale a 15 graus. Assim sendo, dizer que Chantecler cantava a cada 15 graus é o mesmo que dizer que ele cantava de hora em hora.
101 ***In principio, mulier est hominis confusio.*** "A mulher, em princípio, é a ruína do homem."
102 ***O mês de março.*** Segundo uma velha crença, o homem foi criado no equinócio da primavera. Quanto à data mencionada a seguir, tratava-se provavelmente do dia 3 de maio, pois já se haviam passado 32 dias depois de março, e o sol estava a 21 graus de Touro. Curiosamente, a desgraça de Chantecler se deu no mesmo dia do combate entre Palamon e Arcita, em *O Conto do Cavaleiro.*
Bradwardine. Teólogo inglês do século XIV, professor em Oxford, que, seguindo as pegadas de Sto. Agostinho e Boécio, muito escreveu sobre o problema da providência divina e do livre-arbítrio, ao qual alude o Padre da Freira em suas referências à "necessidade simples" e à "necessidade condicional".
Fisiólogo. Bestiário latino, intitulado *Physiologus de Natura XII Animalium* e atribuído a certo Theobaldus. Contém uma passagem sobre as sereias ("Sirenae sunt monstra maris resonatia magnis vocibus...").
103 ***Boécio.*** O famoso filósofo, autor do *De Consolatione Philosophiae*, que Chaucer traduziu para o médio inglês, também escreveu um livro sobre a arte musical, intitulado *De Musica.*
Dom Brunelo, o Burro. Poema de Nigellus Wireker, chamado *Burnellus seu Speculum Stultorum* ("Brunelo ou o Espelho dos Tolos"). O burrinho tinha esse nome devido à sua cor, pois Brunelo é o diminutivo de *bruno* (marrom); pelo mesmo motivo, o nome Russela (vermelhinha) é, mais adiante, aplicado à raposa.
Gofredo. Alusão a Gofredo de Vinsauf, autor de *Poetria Nova*, importante obra sobre a arte retórica. Para ilustrar o uso da apóstrofe, fez exageradas recriminações à sexta-feira, numa elegia sobre a morte de Ricardo Coração-de-Leão.

Jack Straw. Foi um dos chefes da Revolta dos Camponeses de 1381. Ele e seus seguidores massacraram os flamengos que tinham vindo trabalhar na Inglaterra, concorrendo com a mão-de-obra local.

105 ***O Apóstolo.*** Trata-se de São Paulo. Quanto a Lameque, logo abaixo, ver Gênesis, IV, 19-23.

108 ***Sob três coisas estremece a terra.*** Cf. *Provérbios* de Salomão, XXX, 21-23.

109 ***Metélio.*** Episódio relatado por Valério Máximo (Livro VI, c. 3,9). Esse historiador latino é, a seguir, mencionado explicitamente no texto, embora apenas como Valério.

111 ***Valério e Teofrasto.*** São duas obras independentes: a *Espistola Valerii ad Rufinum de non Ducenda Uxore* ("Epístola de Valério a Rufino sobre por que o homem não deve se casar"), de Walter Map; e o *Liber De Nuptiis* ("Livro sobre o matrimônio"), de Teofrasto (que voltará a ser citado no *Conto do Mercador*). Além destes, outro texto lembrado pela Mulher de Bath é a *Epístola Adversus Jovinianum* ("Epístola contra Joviniano"), de São Jerônimo. Também os autores arrolados a seguir escreveram sobre a mulher e o casamento, inclusive as duas únicas representantes do sexo feminino: Trótula, doutora da Escola de Medicina de Salerno no século XI, e Heloísa, muito conhecida por seu relacionamento com Abelardo.

Quem pintou o leão? Numa fábula de Esopo, um leão, ao lhe mostrarem um quadro onde outro leão está sendo morto por um homem, pergunta: "Quem pintou o leão?" Quer dizer com isso que, se, em vez de um homem, o autor do quadro tivesse sido um leão, o desfecho seria outro.

112 ***Parsífaa.*** Apaixonou-se por um touro branco, com quem teve um filho, o Minotauro (Cf. Ovídio, *Ars Amatoria*, I, v. 295 e segs.). A maioria dos casos mencionados em seguida, como os de Lívia, Lucília e Latúmio, vem da *Espistola Valerii* de Walter Map.

115 ***Leiam Ovídio.*** Nas *Metamorfoses* de Ovídio (XI, v. 174 e segs.), a relva repete o segredo aos ventos, que espalham a notícia. Só que a história se passa com o barbeiro de Midas, não com sua mulher.

116 ***Dante.*** Ver *Purgatório* (VII, v. 121 e segs.) e o 4º Tratado do *Convívio* (Caps. 3, 10, 14 e 15).

117 ***Juvenal.*** Cf. *Sátiras*, X, 21.

121 ***Dunstan.*** São Dunstan foi arcebispo de Cantuária em 959. Não se sabe a que episódio de sua vida Chaucer se refere.

Como Samuel ao dirigir-se à Feiticeira de Endor. Cf. *I Samuel,* Cap. XXVIII, versículo 7 e *Crônicas*, Livro Primeiro, Cap. X, versículo 13. De acordo com a crença popular, o demônio se fez passar pelo espírito de Samuel nessa ocasião.

124 ***Qui cum patre.*** "Aquele que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina por todos os séculos": fórmula convencional de encerramento de uma prece ou de um sermão (veja-se o final da *Retratação* de Chaucer). Quanto à expressão *Deus hic!*, que aparece mais adiante, traduz-se por "Deus está aqui!"

125 ***Podem esmolar sozinhos.*** Os frades sempre esmolavam aos pares. Somente após o jubileu, quando completavam cinqüenta anos de sacerdócio, tinham o direito de esmolar sozinhos, sem companheiro que os vigiasse.

Lázaro e Dives. Cf. o *Evangelho de São Lucas*, XVI, v. 19 e segs.

126 ***Cormeum eructavit.*** Versículo inicial do *Salmo XIV* de Davi: "Eructavit cor meum verbum bonum". Pode tanto significar "meu coração arrotou..." quanto "meu coração lançou a boa palavra". O Frade, naturalmente, escolhe o primeiro sentido.

130 ***Lignaco.*** Trata-se de Giovanni da Lignaco, ou Legnano (1310-1383) eminente professor de direito em Bolonha. Escreveu obras sobre direito, ética, teologia e astronomia. O termo "filosofia", aplicado a ele, equivalia então a "ciências naturais".

139 ***Um genoês.*** Moeda genovesa, correspondente a "meio-dinheiro". Pouco se sabe do real valor do dinheiro na época de Chaucer. visto que, nesse ponto, há muita discordância

entre os historiadores. A *Libra*, por exemplo, segundo alguns, equivaleria a 35 libras atuais; segundo outros, seu valor subiria a 45, 60 e até 100 vezes o da moeda de hoje. De qualquer forma, ela se dividia, assim como até há pouco tempo, em 20 *soldos* (shillings), cada um dos quais se dividia, por sua vez, em 12 *dinheiros* (pennies). Além dessas, várias outras moedas circulavam, algumas bastante valiosas (como o *nobre*, o *marco*, o *escudo* francês e o *florim* de Florença) e outras desprezíveis (como o *luxemburguês*, citado no Prólogo do conto do Monge, e o próprio *genoês*).

141 ***Epístola de São Tiago.*** Cf. Cap. I, versículo 13.

Chichevache. Havia, no folclore francês, duas vacas monstruosas, chamadas Bicorne e Chichevache. Bicorne era gorda, pois tinha muito o que comer, uma vez que se alimentava de maridos bonzinhos; já Chichevache era magra, porque se nutria apenas de esposas submissas. O nome que Chaucer lhe dá pode ser uma corruptela de "Chicheface" ("face magra")

144 ***Vejam o caso de Jacó.*** Neste, e em outros exemplos bíblicos que se seguem, a "sensatez" da mulher é, ironicamente, ilustrada por atitudes traiçoeiras.

Como diz Sêneca. Na verdade, as palavras aqui atribuídas a Sêneca são de Albertano da Brescia *(Liber Consolationis*, Londres, Chaucer Society, 1873, p. 18).

Barca de Wade. Sabe-se apenas que Wade foi um herói anglo-saxão, possuidor de uma barca cheia de recursos ardilosos, cujo nome era *Guingelot.*

147 ***Anfião de Tebas.*** Tal como Orfeu, foi grande músico, tendo, com sua arte, ajudado a levantar as muralhas de Tebas. Sua figura, a que Chaucer já se referiu no *Conto do Cavaleiro*, aparece aqui associada ao bíblico Joabe (*II Samuel*, Cap. II, v. 28) e a Teodomante (Estácio, *Tebaida*, VIII, v. 342 e segs.).

Marciano. Martianus Capella, poeta do século V, autor do *De Nuptiis Philologiae et Mercurii.*

150 ***Plutão.*** Estranhamente, neste conto, Plutão e Prosérpina, as divindades infernais da mitologia clássica, aparecem relacionados com fadas e duendes.

151 ***Levante-se, minha esposa.*** A passagem toda foi inspirada no *Cântico dos Cânticos* de Salomão (Cf. II, 10-12; I, 15; e IV,7-16).

155 ***Cambuscán.*** Para muitos, esse rei (cujo nome viria da forma latina "Camius Khan") seria o grande Gengis Khan, o fundador do império mongol; para outros, seria Kublai Khan, neto do precedente, que reinou em Cambaluc, a moderna Pequim. Na verdade, quem teve sua corte em Tzárev, perto de Volgogrado, e combateu os russos foi Batu Khan.

156 ***Al-Hazen, Vitello e Aristóteles.*** Três autoridades no campo da óptica. Al Hazen, físico e astrônomo árabe, viveu de c. 965 a 1039. Seus estudos de óptica foram traduzidos no século XIII pelo físico polaco Witelo (conhecido por Vitello).

157 ***Aldirán.*** A 15 de março ("os idos de março"), o sol ("Febo") passaria pela décima Casa do horóscopo ("o ângulo meridional") entre dez horas da manhã e meio-dia. Nesse instante, estaria em ascensão no horizonte a constelação de Leão, anunciada por *Aldirán*, uma estrela de Hidra que fica nas proximidades das patas dianteiras do Leão.

158 ***O humor sangüíneo.*** Galeno dividira o dia em quatro períodos, cada um sob o "domínio" de um humor: das 6 às 12 horas reinava o humor colérico; das 12 às 18, o melancólico; das 18 às 24, o fleumático; e das 24 às 6, o sangüíneo, mais propício ao sono.

160 ***Pintada de verde.*** Se o azul representava a lealdade, o verde simbolizava a falsidade no amor (como na famosa canção "Greensleeves is my delight").

165 ***Pânfilo o seu amor por Galatéia.*** Não se faz aqui alusão à história de Pigmalião e Galatéia, mas a um poema medieval chamado *Pamphilus De Amore.*

166 ***Jano.*** O deus Jano prenuncia janeiro e o rigor do inverno.

167 ***Tábuas Toledanas.*** Este parágrafo e o seguinte contêm referências astrológicas de

grande complexidade. Tentaremos esclarecer, pelo menos, quatro de seus pontos principais: 1) As *Tábuas Toledanas* foram tábuas astrológicas compiladas pelo árabe Al-Zargali, no século XI, e refeitas, em 1272, por Alfonso X, o Sábio, rei de Castela e Leão. Ao afirmar que elas foram "devidamente corrigidas", Chaucer pode ter tido em mente ou esta sua reelaboração pelo monarca espanhol, ou sua posterior adaptação à longitude local (de Londres, ou da Bretanha). – 2) Os *centros* são, no astrolábio, as posições das estrelas fixas, enquanto os *argumentos* são os ângulos, os arcos e as outras quantidades matemáticas que se usam nas deduções. – 3) A oitava esfera é a das estrelas fixas, e a nona esfera é a do *Primum Mobile*. É nesta nona esfera que se situa o verdadeiro *ponto equinocial* (a cabeça da constelação "fixa" de Áries), de modo que a medida da precessão dos equinócios é dada pela distância entre esse ponto equinocial verdadeiro e a estrela *Alnath*, ou Alfa de Áries, que fica na oitava esfera. É também essa estrela que indica a "primeira mansão" da Lua (que, por isso mesmo, se chama "Alnath"). – 4) Cada signo do zodíaco era dividido em partes iguais de dez graus, chamadas *faces* (decanatos), e em partes desiguais, chamadas *termos*. As "faces" e os "termos" se relacionavam com os diferentes planetas.

167 ***Ai, Fortuna, de ti é que eu me queixo.*** O lamento de Dórigen segue a prática retórica da época, sendo constituído por uma *apóstrofe* à Fortuna, seguida de uma *digressio* (digressão) formada por *exempla*, ou histórias ilustrativas. Essas histórias, quase todas extraídas da *Epistola Adversus Jovinianum* de São Jerônimo, em geral focalizam mulheres da Grécia Antiga. Algumas, porém, pertencem à história de Roma (Lucrécia, Pórcia, Bilia e Valéria), de Cartago (a mulher de Asdrúbal) e da Pérsia (Rodogune).

172 ***Cujo nome era Cláudio.*** O episódio narrado pelo Médico tem origem na *História de Roma* (Livro III) de Tito Lívio, mas Chaucer se baseou na versão encontrada no *Roman de la Rose*. Por isso, os dois vilões, o juiz Appius Claudius e seu comparsa Marcus Claudius, são chamados simplesmente de Ápio e Cláudio, como no texto de Jean de Meun.

173 ***Jefté.*** Referência anacrônica à personagem bíblica do livro dos *Juizes* (Cf. Cap. XI, vv. 37-38).

Poções hipocráticas e galiônicas. Talvez o Albergueiro quisesse se referir a Hipócrates e Galeno. Em poucas passagens comete ele tantos equívocos como aqui, pois, além das poções *galiônicas*, temos *um aperto cardeálico* (em vez de cardíaco) e *Corpus Christus* (em lugar de Corpus Christi). E isso para não se falar do misterioso *São Roniano*!

174 ***Radix malorum est cupiditas.*** "A cobiça é a raiz dos males". Cf. / *Timóteo*, Cap. VI, versículo 10.

176 ***Lepe.*** Esta alusão à falsificação de vinhos de qualidade pela mistura com produtos inferiores parece ser a primeira notícia documentada sobre a fraude no comércio de bebidas.

177 ***Na abadia de Hailes.*** Nesta abadia, hoje em ruínas, situada não longe de Gloucester, guardava-se uma ampola com o sangue de Cristo. Essa relíquia foi, mais tarde, destruída por ordem de Henrique VIII.

180 ***Avicena.*** A obra principal de Avicena foi *O Livro do Cânone da Medicina* ("Kitâb al-Qânûn fi'l-Tibb"), em que os venenos são discutidos no Livro IV, Secção VI.

181 ***Oh virgem mãe, e filha de teu Filho.*** Muitos destes versos foram traduzidos diretamente da oração de S.Bernardo no Canto XXXIII do *Paraíso* de Dante: "Vergine Madre, figlia dei tuo Figlio".

182 ***Filha indigna de Eva.*** O original fala em "filho indigno de Eva" ("An though that I, unworthy sone of Eve,/ Be synful, yet accept my bileve."), o que demonstra que este conto é anterior ao projeto da obra, e que Chaucer, ao aproveitá-lo, não teve tempo de adaptá-lo à narradora.

Interpretatio. "Interpretação do nome de Cecília segundo Frei Iacopo Genovese em sua biografia da santa". Não é preciso demonstrar que todas as cinco "interpretações"

oferecidas são etimologicamente incorretas.

190 ***"Multiplicar".*** Termo técnico para designar a transformação, ou "transmutação", de qualquer metal em ouro.

Auri pigmentum. O "auri pigmentum", ou orpimento, era o trissulfeto de arsênico. Nos trechos seguintes, há várias expressões típicas da linguagem da alquimia, como "a *rubefacção* das águas", que era o processo de avermelhar os líquidos para a posterior produção do ouro; a *albificação*, que era o seu embranquecimento, ou clareamento, a fim de se chegar à prata; e a *citrinação*, que consistia em imprimir à prata a coloração amarelo-esverdeada do limão, como etapa para a sua transformação em ouro.

191 ***A tal pedra filosofal.*** A obtenção dessa pedra era o sonho do "filósofo", entendendo-se por esse termo (como já deixou claro uma outra nota) o "estudioso das ciências naturais" e, por conseguinte, o alquimista. Geralmente era imaginada como uma pedra pesada, de cheiro adocicado, cor rosada e estrutura constante. Podia também existir em forma de pó, – como neste conto.

193 ***"Mortificar" o mercúrio.*** O mercúrio, pela cor e pelo estado liquido, era tido como "prata viva", donde o seu nome latino de *argentum vivum* (ou, em inglês, *quicksilver*). Assim sendo, acreditavam os alquimistas que, para se obter a prata, bastava "mortificar" o mercúrio, isto é, torná-lo sólido, pela aplicação da pedra filosofal.

196 ***Arnoldo de Villanova.*** Viveu de c.1235 a 1314. Escreveu o tratado de alquimia mencionado no texto. Quanto a Hermes Trismegistus, suposto autor de obras sobre magia e alquimia, era o nome que os gregos davam ao deus egípcio Thoth, cuja sabedoria foi preservada em vários livros "herméticos" do segundo, terceiro e quarto séculos de nossa era.

Platão. Esta história, que Chaucer relaciona com Platão, na citada *Tabula Chimica* é contada a respeito de Salomão.

197 ***O Baio foi para o brejo!*** No folclore inglês de então havia uma brincadeira que consistia em colocar-se uma tora pesada no meio da sala, representando um cavalo atolado na lama. Ao grito de "o Baio foi para o brejo!" dois homens tentavam removê-la. Se não conseguissem, era ajudados por outros (provavelmente do mesmo grupo competidor), aumentando-se assim, um a um, o número de participantes.

198 ***Justa da quintana.*** Nesta justa, ou competição, prendia-se no alto de um poste, ou estaca, uma trave giratória; de uma de suas extremidades pendia um alvo qualquer, da outra uma clava. Cada cavaleiro, em sua investida, devia atingir o alvo com a lança, fazendo girar a trave, e, ao mesmo tempo, evitar com muita agilidade o violento golpe de clava que vinha em seguida. Essa justa ainda hoje é muito popular na Itália, na cidade de Foligno (Úmbria).

Estágio do macaco. Naquele tempo a embriaguez costumava ser dividida em vários estágios, cada um deles relacionado com um animal.

Vamos deixá-lo de lado. Há muita controvérsia sobre esta segunda aparição do Cozinheiro: por que teria ele direito a dois contos? Seria porque os peregrinos já estavam voltando? Seria porque ele iria narrar agora a história inacabada do início? A meu ver, Chaucer, depois de suprimir aquele primeiro fragmento, ia simplesmente deixá-lo sem história alguma. Afinal, como demonstrou o *Conto do Criado do Cônego*, o plano da obra não era rígido.

201 ***Quatro horas da tarde.*** Como o comprimento da sombra de Chaucer era quase o dobro de sua altura, o sol, sendo o dia 20 de abril (perto do equinócio), devia estar a 29 graus de altitude (ou seja, a dois terços do caminho entre os 90 graus do meio-dia, – sol a pino, – e o zero grau das 6 da tarde), o que significava que eram 4 horas da tarde.

O signo de exaltação da lua, – ou seja, Libra. Houve algum engano, pois o signo de exaltação da Lua é Touro.

205 ***O livro de Tróilo.*** Trata-se do poema *Tróilo e Criseida*. Da mesma forma abreviada, a

Retratação de Chaucer menciona o livro da *Fama (A Casa da Fama)* e o livro das *Dezenove Damas (A Legenda das Mulheres Exemplares)*. Já o *Livro do Leão*, arrolado em seguida, é uma obra que se perdeu.

BIBLIOGRAFIA

A) TEXTOS:

BAUGH, Albert C. (Ed.) – *Chaucer's Major Poetry*, London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1963.

ROBINSON, F.N. (Ed.) – *The Works of Geoffrey Chaucer*, London: Oxford University Press, 1957.

SKEAT, W.W. (Ed.) – *Geoffrey Chaucer: The Canterbury Tales* ("The World's Classics"), London: Oxford University Press, 1950.

B) TRADUÇÕES:

CAEIRO, Olívio – *Geoffrey Chaucer: Os Contos de Cantuária* (Selecção: Prólogo e dois Contos), Lisboa: Brasília Editora, 1980.

COGHILL, Nevill – *Chaucer: The Canterbury Tales*, London and Beccles: Penguin Books, 1957.

MORRISON, Theodore – *The Portable Chaucer*, New York: The Viking Press, 1955.

TATLOCK, John S.P., e MACKAYE, Percy – *The Modem Reader's Chaucer: The Complete Poetical Works of Geoffrey Chaucer*, New York: The Macmillan Company, 1943.

C) OBRAS SOBRE CHAUCER:

BOWDEN, Muriel – *A Reader's Guide to Geoffrey Chaucer*, London: Thames and Hudson, 1965.

BREWER, Derek – *Geoffrey Chaucer*, London: G. Bell & Sons, 1974.

BROOKS, Harold – *Chaucer's Pilgrims*, London: Methuen, 1962.

BURROW, J.A. (Ed). – *Geoffrey Chaucer*, Harmondsworth: Penguin Books, 1969.

CHUTTE, Marchette – *Geoffrey Chaucer of England*, London: Robert Hale Ltd., 1951.

CRAWFORD, William R. – *Bibliography of Chaucer: 1954-1963*, Seattle: University of Washington Press, 1967.

GRIFFITH, Dudley D. – *Bibliography of Chaucer: 1908-1953*, Seattle: University of Washington Press, 1955.

LOOMIS, Roger Sherman – *A Mirror of Chaucer's World*, Princeton: Princeton University Press, 1965.

RICKERT, Edith (Ed.) – *Chaucer's World*, New York and London: Columbia University Press, 1962.

SCHOECK, Richard, e TAYLOR, Jerome – *Chaucer Criticism: The Canterbury Tales*, Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1960.

D) OBRAS SOBRE A IDADE MÉDIA (História Literatura etc):

ANDERSON, George K. – *Old and Middle English Literature from the Beginnings to 1485*, London: Collier-MacMillan Ltd., 1962.

FORD, Boris (Ed.) – *The Age of Chaucer* (A Guide to English Literature – Vol. 1), London: Pelican Books, 1954.

LEWIS, C.S. – *The Discarded Image: An Introduction to Medieval and Renaissence Literature*, Cambridge: At the University Press, 1967.

MARQUES, A.H. de Oliveira – *A Sociedade Medieval Portuguesa*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 3º ed., 1974.

MYERS, A. R. – *England in the Late Middle Ages* (The Pelican History of England), Harmondsworth: Penguin Books, 1982.
THOMPSON, J. W. – *An Introduction to Medieval Europe*, New York: Norton, 1937.

E) OUTRAS OBRAS:
FISIAK, Jacek – *Morphemic Structure of Chaucer's English*, University, Alabama: University of Alabama Press, 1965.
ONIONS, C.T. – *The Oxford Dictionary of English Etymology*, Oxford: At the Clarendon Press, 1966.
SCHLAUCH, Margaret – *The English Language*, Varsóvia: Pánstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1962.